3 1761 08117854 3

Digitized by the Internet Archive
in 2009 with funding from
University of Toronto

http://www.archive.org/details/portugaleosestra03bran

PORTUGAL

E OS

ESTRANGEIROS

PORTUGAL

E OS

ESTRANGEIROS

SEGUNDA PARTE

POR

MANUEL BERNARDES BRANCO

VOLUME III

LISBOA
IMPRENSA NACIONAL
1896

LIBRARY
OCT 12 1971
UNIVERSITY OF TORONTO

Z
2726
B522
v. 3

DICCIONARIO

DOS

ESCRIPTORES ESTRANGEIROS

QUE ESCREVERAM ÁCERCA DE ASSUMPTOS PORTUGUEZES

N

«Mais la beauté des détails, la force d'expression, la poésie du style, la variété qu'il a jetté dans ses récits, la noblesse et l'élevation de ses sentiments, feront toujours regarder le Camoëns comme un grand poëte, par ceux-même qui sont persuadés qu'il n'y a qu'un intérêt national, qui ait pu persuader à les portuyais que la *Lusiade* est supérieure au Tasse et à tout ce qui a été fait dans ce genre depuis Homère et Virgile.»

Journal des Savants, 1735, pag. 535.

NADASI (JOANNE ——). — Auctore, ejusdem Societatis Jesu.

Annus dierum memorabilium Societatis Jesu, sive Commentarius quotidianae exhibens, notabiles unius vel plurium in Societate vita functorum, virtute quapiam insignium memoriam et mensis diesque quibus obiere partite distributum complexus ——. Antuerpiae. Apud Jacobum Meursium, anno 1665, 8.º gr., 373 pag. (fóra as não pagindas.

Falta de um grande numero de portuguezes; por exemplo: Adão Francisco, falleciado no Cabo Comorim em 1549; João da Beira; Duarte da Silva, «*primus fuit qui Japonicum Grammaticam Lexicaque composuit magno Sanctorum usu*», pag. 10; o beleeta Affonso de Castro, martyrisado nas Molucas; Pedro Mascarenhas, martyr em Salsete; o coadjuctor Andrassia Fernandes, falleciado (?) em exercio no Japão; o padre Balthazar Gago, que escreveu um livro contra os bonzos; Paulo do Valle, martyrisado na costa da Pescaria, Francisco da Costa, que assistiu em Roma e em Evora, e foi a Marselha visitar a roxa de Santa Maria Magdalena; Francisco Pinto, martyrisado nas serras desertas do Hungaria; Martinho de Mello, notavel pela sua obediencia; Vicente Alvaro, martyrisado pelos mouros; Jeronymo Alvarez, que dava nas visitas por causa da sua pobreza; o padre brasileiro João de Almeida; Melchior de Siqueira, beleeta; o algarvio Manuel Martins; Balthazar Barreiro, o chefe da missão da Guiné; Luiz de Queiroz, missionario na Florida; Henrique Henriquez, missionario por cincoenta annos na costa da Pescaria; o padre Gabriel da Cruz, missionario na Italia; Antonio de Mello, mestre de grammatica; Rodrigo de Menezes, estudante; Affonso Nunes Barreto, reitor do collegio de Lisboa (Santo Antão), contando

apenas vinte e sete annos de idade; Christovão Rodrigues, que viajou pelo Cairo e Alexandria, tornando-se notavel pelas suas penitencias; Francisco Peres, que foi o reitor de quasi todas as casas dos jesuitas na India; o noviço Francisco de Andrade; Manuel Fernandes; Luiz de Gouveia, mestre de noviços em Cochim e Coulão; Pedro Martins, bispo do Japão; João Cardim, natural de Braga; Luiz de Cerqueira, bispo do Japão; Alexandre Coelho, que pelejou contra os turcos; o padre Ignacio Martins; o noviço Gaspar da Fonseca; Pedro Bastos Duarte da Costa, fundador de um collegio; Bartholomeu Gonçalves, estudante; Manuel Barreto, pregador no Japão; Gonçalo da Silveira, prégador no Monomotapá; Luiz Gonçalves da Camara, bem conhecido no reinado de El-Rei D. Sebastião; Fernão Guisses, pregador no Mexico; Antonio de Andrade, missionario na India; Vasco Ferrez, natural do Porto; Paulo de Azevedo, mestre de philosophia em Evora; Gonçalves de Medeiros, um dos primeiros jesuitas que entraram para a companhia de Jesus; George de Tavora, natural de Coimbra; Leão Henriques, grande zelador da companhia de Jesus; Bento Goez, missionario na India Oriental; Manuel de Barros, grande missionario; Luiz Caldeira, grande missionario na Ethiopia; Sebastião Barradas; Balthazar, que acompanhou D. Sebastião á Africa; Teixeira, que sabia grego e hebraico; etc., etc., etc.

Hebdomada SS. Ignatii et Xaverii cultui et imitationi sacra; auctore ——, *cum ejusdem Hebdomada meditandae aeternitatis et hymnis variis.* Coloniae, apud Joannem Busaeum, 1668. 285 pag.

Hebdomas SS. Ignatii et Xaverii cultui et imitationi sacra. Coloniae, 1668.

Sonnium Xaverii. Tyrnaviae. Typis academicis, 1636, in-8.°

NANTES (FR. BERNARDO DE ——).

Katecismo Indico da lingua Kariris, acrescentado de varias praticas doutrinaes e moraes, adaptadas ao genio e capacidade dos Indios do Brazil. Lisboa, 1709. 8.°, 1 vol., 362 pag.

NAPIER (ADMIRAL CHARLES ——).

An account of the war in Portugal, between Don Pedro and Don Michel. By ——. London, 8.°, T. & W. Boone, 1836. 1.° vol., xvi-369 pag.; 2.°, xi-336 pag.

NAPIER (HON. WILLIAM ——).

Further strictures on those parts of Napier's history of the Peninsular war, which related to the military opinions and conduct of General Beresford. Added a report of the operations in the Alemtejo and Spanish Extremadura, during the campaign of 1811, by B. D. Urban. London, 1828.

Reply to Beresford's Observations, by W. Napier. Londres, 1832.

Carta dirigida ao ill.mo e ex.mo sr. Antonio de Serpa Pimentel, ministro das obras publicas, por ——. Lisboa, typographia franco-portugueza, 1860, 8.°, 8 pag.

Napier pretendia, em nome de sir Morton Peto, a entrega do deposito feito conforme um primeiro contrato que havia sido realisado com referencia a construcção de um caminho de ferro em Portugal, e ser embolsado das despezas que tinha feito em estudos e plantas.

NAPIONE (G. GALEANI ——).

Esame critico del primo viaggio di Amerigo Vespucci al Nuovo Mondo. Letto

nell' Accademia Imperiale delle Scienze, Letteratura, e Belle Arti di Torino, li 6 Novembre 1819. Turim, 1819, in-4.º, 106 pag.

O *Catalogo Manzoniano*, de 1867, diz: «Este extracto não é citado por Brunet na nomenclatura das obras d'este historiador; mas Brunet nunca citou as *Memorias da academia*, e nem mesmo as da *Academia imperial*, e apenas mencionaremos este discurso, porque deu origem a uma resposta tão rara como interessante: *Osservazioni sull' esame critico del primo viaggio di Amerigo Vespucci al Nuovo Mondo.* Firenze, 1811 (?)».

Esta resposta foi vendida por 31 francos no leilão Maisonneuve, e o *Exame* apenas tinha subido a 9 francos e 50 centimos.[1]

NARBONA (EUGENIO DE ——).— Parecho de S. Christovão de Toledo. *Bosquejo del Brasil.*

Falla-nos Nicolau Antonio d'esta obra a pag. 362 do vol. I da sua *Bibliotheca Nova*, não nos dando, comtudo, nenhuma outra indicação a tal respeito.

NARRATIO *epistolica Alberti Balczy, philosophiae in Collegio S. J. Leopoliensi auditoris ad A. R. P. Joannem Argentum S. J. superiorem in Polonia Praepositum Provinciae, ex qua referuntur feriae post acceptum de SS. Ignatio et Xaverio inter Divos coelitum numerum restitutae Leopoli.* 1622, Jeroslaviae, in-4.º

NARRATIO *rerum quae Duaci pro celebranda Sanctorum Ignatii et Francisc. Xaverii Canonizatione gesta sunt.* Duaci, apud Viduam Petri Telu, 1622, in 8.º 61 pag. com estampas.

«Volumesinho raro e curioso, contendo a narração e a descripção dos festejos que foram celebrados em Douai a 12 de junho de 1622, por occasião da canonização de Santo Ignacio e de S. Francisco Xavier. E ornado com doze estampas (mal medíocremente gravadas a agua forte, mas que bastam para darem uma idéa dos monumentos occidentaes que ellas representam. Nota-se entre essas composições uma representação do *Monte Parnaso*, executado pelos cuidados de Marc Wiric, impressor, bem como uma Pyramide, erigida por meio de sociedade por dos outros impressores John Bogard e Balthasar Bellère. N'uma das faces d'esta pyramide, lê-se a inscripção seguinte:

JESU CHRISTO, PONTIFICI MAXIMO
ARTERIO EUROPAE SOSPITATORI

porque de poucos annos subjugou a Bohemia e a Pannonia; derrotou o Palatino e outros rebeldes, dobrou os Huguenotes francezes junto de Rochella, arrebatou falsos os intangos para perturbar o ministro da Inglaterra outras tantas vezes derribado d'estas provincias por Santo Ignacio e pelos socios da mesma milicia, com a espada da palavra...

«Pequena collecção de retratos de alguns homens illustres e dos mais afflictos martyres da companhia de Jesus, foram expostos em Douai (quando se co-

---

[1] Tomo 4 de G. Brunet, *Manuel du libraire et de l'amateur de livres*. Supplement. (Paris, 1878), coluna 11, pag. 8.

lebrava a festa da canonisação de Santo Ignacio, fundador d'esta, e de S. Francisco Xavier, seu companheiro. Douai, veuve Laurent Kellam, in-8.°, 1622, 2 partes, pag. 103 et 31.°[1]

NARRATIVE (A) *of the late accident in the new-exchange, on the 21 and 22 of November, 1653 Style Vet. Written by the most Noble and Illustrious Lord, Don Pantaleon Sa, Brother to His Excellency of Portugal, Extraordinary Legate in England, to his much esteemed Nobility of England, and to all of the learned and famous City of London, from Newgate's Prison.* London, printed in the year, 1653, 8.° pr., 14 pag.

Bibliotheca publica de Lisboa.

NARRATIVE *of the plans and proceedings of a comittee acting on behalf of the British civil and military claimants on Portugal.* London, 1839, 4.°

NARRATIVE *of the persecution of H. Joseph da Costa Pereira Furtado de Mendonça, to which are added the Bye-Laws of the inquisition of Lisbon. With portraits.* London, 1811. 2 vol.

NARRATIVE *of the political changes and events which have recently taken place in the Island of Terceira, describing the manner in which the natives have been oppressed by a licentious soldiery under the direction of a few ambitious and designing demagogues. By an eye-witness.* London. printed by Bedford and Robins, 1829, 4.°, 41 pag.

NARRATIVE *personal of adventures in the Peninsula during the war 1812–1813. By an Officier.* London, 1827.

NARRATIVES *of the career of Hernando de Soto in the conquest Florida, as told by a knight of Elvas, and in a Relation by Luiz Hernandez de Biedma, factor of the expedition. Translated by Buckingham Smith.* New-York, 1866.

NATIONAL *Museum. Jaargang VII. fasc. 7. 8. S. Gravenhage*, 1865, 8.°

Tom. vii. 1865, 7. 8. Maandel. (fasc. Julli, Augustus) cont. pp. 263 a 264.

Brieven uit mijn Dagboek 1858–1861. Aan board van Z. M. fregat Evertsen. Brief 17 a 18. Lissabon, 31 mai 28 Junij 1860, pag. 273 a 274. *Camoens. Sein monument au Campo de S. Anna.*

Jaargang VIII. fasc. 1. 2. S. Gravenhage, 1866, 8.°

Cont. pp. 20 a 28 (1 Aflev. Januarij) I. 1. Belinfante. *De Afrikaane, Vasco de Gama, Camoens, De Lusiade* Pp. 41 a 44. (2 Aflev. Februarij), *Camoens, Lusiade* III Zang 118 en vol. Strofen. Overzetting door Dr. Wap.

NATOLI (D. FRANCESCO ——).

Delle gratie e miracoli operati dall' Apostolo dell' Indie S. Francesco Saverio in Potami Terra di Calabria. Relatione di ——. Raccolta per ordine di Mons.

---

[1] Augustin et Alois de Backer, *Bibliothèque des ecrivains de la compagnie de Jésus*, vol. iv, pag. 184.

Bladrus. Venere di Milto all Illustriss. ed Excellent. Sign. Marchese d'Arena. Bologna, 1653. Presso Gio. Battista Ferroni.

NAUTIAT (J.).

Map of Spain and Portugal exhibiting the chains of mountains with their passes. Lond. 1812.

NAVARCHUS (SCHIPMAN ——) JACQUES.— Natural de Hauscotte, povoação da Flandres franceza. Foi um dos primeiros missionarios da provincia Belga. Em 1564 professou em Louvain. Morreu em Anvers em 12 de maio de 1578.

Epistolae Indicae de Stupendis et praecleris rebus, quas Divina Bonitas in Indis, et novis Insulis per Societatem nominis Jesu operari dignata est, in tam sapiens Gentium ad fidem conversione. Lovanii, apud Rutgerum Velpium, Bibliopol. Iurat. Sub Castro Angelico. Cum privileg. Reg. ad 4 annos. 1566, 8.º peq.

Contém:

Franciscus Xaver Petri Ignatio Generali Societatis Praeposito, et Fratribus Romae, Patavii, Parisiis, Coloniae, Valentiae, et in Lusitania literis operam dantibus. Data de Cochim, a 15 de janeiro de 1544, pag. 1 a 26.

Epistola M. Gaspari Belgae ex Soc. Jesu Presbyteri, quas (sic) *ex Ormutio Insula ultima Persiae Conimbricam ad suos fratres ac socios dedit anno 49, Ormutio IV Idus Decemb.*, pag. 27 a 94.

Alia epistola eiusdem M. Gaspari ex Soc. Iesu Presbyteri in Lusitaniam data. Ormutio, 1551, pag. 95 a 130.

Alia epistola P. M. Gasparis Belgae ad fratres suos Soc. Iesu, &c. Goae, 1553, pag. 131 a 136.

Alia epistola R. P. Gasparis rectoris collegii Soc. Jesu Goa in India, ad R. P. M. Ignatium, eiusdem Societatis Praepositum Generalem. An. 1553. Goae, prid. Id. Iunii., pag. 137 a 154.

Ex litteris Rev. P. Henrici Henriquez missis ex Urbe Punicali 8 Idib. Novemb. ann. 1550 ad Rev. M. P. Ignatium, pag. 155 a 159.

Nonnulla excerpta ex epistola Rev. P. Magistri Francisci Xavieri Soc. Iesu in India Praepositi Provincialis, ad Rev. P. nostrum P. Ignatium de Loiola (sic) *Praep. eiusdem Soc. generalem.* Anno 1553, pag. 160 a 163.

Iacobus de Beyra Sacerdos Soc. Iesu ad R. P. Ignatium Praepos. generalem eiusdem Soc. Ex Cochin VI. Id. Febr. 1553, pag. 164 a 174.

Descriptio rerum et morum quae in insula super inventa ad septentrionalem plagam Iapum nuncupata servantur, pag. 175 a 198.

P. Ignatio a Loiola (sic) *Generali Soc. Jesu Melchior Nunezius.* Anno 1554, pag. 199 a 225.

Litteras Patris Antonii Quadri ad P. Moysetum Mirisem. Goae, 8 dec. 1553, pag. 226 a 259.

Ex Epistola P. Antonii Quadri, anno 1550, missa, ex hoc D. Pauli Collegio (Goae). Ex Cal. Decemb. 1550, pag. 260 a 333.

Ex Epistola Ludovici Frois. Goae, 1 Dec. 1560, pag. 334 a 354.

Ex Epistola Ludovi Frois, ad Fratres suos in Europa agentes. Goae, VI Id. Decembr., 1560, pag. 355 a 387.

Ex Epistola P. Emanuelis Tercieras ad fratres Soc. Iesu. Goae, 8 Cal. Ianuar. 1560, pag. 388 a 399.

Ex alia Ludovici Froïs, ad fratres in Europa degentes. Goae, Idib. Decemb. 1560, pag. 400 a 477.

Excerpta ex litteris P. Michaelis Baruli, Goae scriptis ad eos qui sunt de Soc. nominis Iesu in Lusitania (1555). Pag. 478 a 481.

Capita quaedam selecta ex literis Arii Brandano, datis ad Collegiatos Societatis Iesu Conimbricenses. X Cal. Jan. 1554, pag. 482 a 489.

Paraenesis Doctoris Iannis Agricolae Ammonii, quis fructus ex hujus libelli lectione sit colligendus, pag. 490 a 496.

Eis o conteúdo[1] da primeira edição de Louvain; é mister indicar as diferenças das duas edições seguintes, e fazer notar que a data de 1659 citada por Sotwel, está errada.

Epistolae Iaponicae, de multorum gentilium in variis Insulis ad Christi fidem per Societatis nominis Iesu Theologos conversione. In quibus etiam mores, leges, locorumque situs, luculenter describuntur. Lovanii, apud Rutgerium Velpium, Sub Castro Angelico. Cum privilegio Regio ad 4 Annos. 1569, in-8.º, 2 vol.

A epistola dedicada ao conde Palatino do Rheno e duque de Baviera, Guilherme, é assignada por M. Hannardus de Gameren Mosanus, poeta laureatus et in numero Aulicorum Bavariae minimus, é datada: Lovanii, Calend. Januar. An. 1569. Contém esta epistola a historia do estabelecimento da companhia na Belgica.

Excerpta quaedam ex Epistola B. P. Francisci Xavier, Praepositi Provincialis Indiae, ad Praepositum generalem. An. 1549, 19 Cal. Feb. Coccim.

Exemplum litterarum B. P. Magistri Xavieri Provincialis Praepositi Soc. Iesu in India ad eos quae de eadem sunt Societate in Europa dat. Mart. an. 1553, pag. 1 a 42. Ex Coccino, 29 Jan. 1563.

Ex Epistola Patri Dalceuae Soc. Iesu e Japonia ad fratres Conimbricenses missa. Anno 1554, pag. 43 a 73.

P. Balthazar Gagus, *P. Ignatio Societ. Iesu Praepos. gener.* 23 Sept. 1555, pag. 73 a 82.

Segue-se uma carta: *Vigesima tertia Novemb., Melchior Nunesius. an. 1555*, a qual e o complemento da precedente.

Eduardus Sylvius Soc. Jes. fratribus suis in India agentibus, e Bongo, 4 Idus Sept. An. 1555, pag. 85 a 93.

Alia quaedam desumpta ex Epistola P. Cosmae Torres, pag. 94.

Ex literis Ludovici Froisii Malaccae scriptis, ad fratres suos, Goae agentes 7 Januarii Anno 1556, pag. 95 a 110.

Segue-se: *Rex Firandi. B. Patri M. Melchiori*, pag. 110 a 111.

Ex alia Eduardi Sylvii, Bongi 10 Sept. scripta anno 1555, pag. 111 a 131.

Litterae Melchioris Nunesii Provincialis Soc. Iesu in India, ex Chinensi porta Machuan, ad suos in Christo fratres in India agentes, pag. 131 a 159.

Exemplum Literarum M. Melchioris Nunesii Coccini, in India scriptarum. 8 Januarii anno 1558, pag. 160 a 189.

---

[1] Augustin et Aloïs de Backer, *Bibliothèque des écrivains de la compagnie de Jesus*, tom. IV, pag. 162.

Exemplum literarum P. Gasparis Villelae ex Japonia; datum Bungi Kalend. Sept. 1559, pag. 189 a 196.

Exemplum epistolae P. Balthazaris Gagi, ex Japonia. Anno 1559, pag. 197 a 224.

Ex epistola P. Francisci Vieras, 18 Febr. scripta. Anno 1558, pag. 225.

Ex epistola P. Antonii Quadri, Praep. Provinc. Indiae ad fratres Conimbricenses scripta mense novembris Anno 1559, pag. 225 a 226.

Ex literis P. Balthazaris Diarii ad Provinciales Indiae 3 Decembris anno 1559, pag. 227.

Ex epistola Ludovici Fregii. Goae, 6 Idus Decemb. scripta 1560, pag. 227 a 240.

Ex epistola Caspari Villelae, Soc. Jesu Sacerdotis, Meaco missa ad suos fratres 17 Aug. 1561, pag. 240 a 262.

O volume termina por um *Carmen ad lectorem*, pag. 262 a 263.

Epistolae Japonicae de multitudine gentilium ad Christi fidem conversione, per Societatis Jesu Theologos. Pars altera. Lovanii, apud Rutgerum Velpium, Sub Castro Angelico, cum privilegio Reg. 1569.

Epistola R. P. Cosmae Torres, ad R. P. Antonium Quadrum Praep. Soc. Jesu provinciae Indiae (Bungi), 8 octob. anno 1561, pag. 21 a 33.

Ex epistola Joannis Fernandes Bungo in Japonia, ad Fratres Goenses scripta 8 octob. 1561, pag. 33 a 70.

Ex epistola Lancilotti ad Provinciales Indiae, et alios Societatis Fratres. Meaco, 2 Jan. 1561, pag. 71 a 85.

Ex literis Aloysii Almeidae ex Japonia (Bungi), 1 octob. 1561, pag. 85 a 123.

Ex epistola Melchioris Nunnii ad fratres suos in Europa, 21 Decembris 1561 (Goinii), pag. 123 a 124.

Ex litteris R. P. Ludovici Frois, ad fratres suos in Christo, 5 Nonas Octobris scriptis, 1564 (Firando), pag. 124 a 158.

Ex literis Petri Mancrosus, Teraudi, idibus novembris scriptis anno 1564, pag. 158 a 167.

Ex epistola P. Petri Mancrosus e Malacca missa, pag. 167 a 173.

Ex alia epistola P. Mancrosus, pag. 173 a 176.

Ex epistola P. Emanuelis Nobrigas ad suum Praep. Generalem Soc. Jesu, et suos fratres in Europa agentes, ex urbe Salvatoria, anno 1552, pag. 177 a 186.

Epistolae Indicae et Japonicae de multitudine gentium ad Christi fidem, per Societatem Jesu conversione. Item de Tartarorum potentia, moribus, et totius pene Asiae religione. Tertia editio cum Indice multiplicior et auctiori. Lovanii, apud Rutgerum Velpium, Sub Castro Angelico. Cum privilegio Regio ad 4 annos sub dig. 4 de Witte, 1570, 8.º pag.

Epistola dedicatoria ao cardeal Otkon Truchses e prefacio como na edição de 1569.

As seis primeiras partes estão incluidas n'esta epistola, e são as mesmas das edições de 1561 e 1570, mas a paginação é differente; na ultima edição o typo é bem miudo.

Ex litteris P. Antonii Quadri ad P. Magistrum Miranda 1555. Goae, 8 decembris 1555, pag. 105 a 120.

Excerpta ex litteris P. Michaelis Baruli, Goae scriptis ad eos qui sunt de Societate nominis Jesu in Lusitania, Goae, 1555, pag. 127 a 129.

Capita quaedam selecta ex litteris Arii Bondonii, datis ad Collegiales Soc. Iesu Conimbricenses, X Cal. Jan. 1554, pag. 129 a 134.

Ex epistola P. Antonii Quadri, Anno 1559 missa, ex D. Pauli Collegio XIII Cal. Dec. 1559, pag. 135 a 182.

Ex epistola Ludovici Frois. Goae, 1 dec 1560, pag. 182 a 195.

Ex epistola Ludovici Frois, ad Fratres suos in Europa agentes. Goae, VI Id. Dec. 1560, pag. 195 a 215.

Ex epistola P. Emmanuelis Terceirae ad Fratres Societatis Jesu. Goae, 8 Cal. Jan. 1560, pag. 216 a 223.

Ex alia Ludovici Frois, ad Fratres in Europa agentes. Goae, Id. Dec. 1560, pag. 223 a 272.

Ex epistola P. Henrici Henriquez ad Rev. Patrem Praep. Generalem, &c. Ex Manara Insula 6 Idus Ianuarii 1561, pag. 272 a 275.

Ex epistola P. Joannis Meschitae ex vinculis ad P. Henricum in Commoriam scripta, 29 Aug. 1560, pag. 276.

Ex altera ejusdem epistola ex hoc mari Iafanapatano XVII Cal. Octob. 1560, pag. 277.

Jo. Meschita ad FF. Collegii Conimbricensis Soc. Iesu. Coccini, VII Cal. Feb. 1561, pag. 277 a 289.

Admodum R. in X.to D. Florentino Bouchottio Soc. Iesu.

Esta carta, a qual narra o martyrio de alguns inglezes mortos no seio da patria, é datada de Lovanii, Cal. Octob. 1565, e assignada *Jacobus Namarchus Ondischotanus*, pag. 290 a 298.

R. P. Ignatio Praep. Gener. Soc. Jesu. É assignada por João da Beira, Cochim, 6 dos idos de fevereiro 1553. De pag. 299 a 305.

Ex litteris Petri Mascarenes. Ternatae. Idibus Nov. scriptis 1564, pag. 305 a 311.

Ex epistola Petri Mascarenas a Moluccis missa. Sem data. Pag. 311 a 314.

Ex epistola Petri Mascarenae. Sem data, pag. 314 (numerada 74) a 316 (numerada 314).

Epistolae Iaponicae, de multorum in variis Insulis Gentilium ad Christi fidem conversione, Illustrissimo Principi Domino D. Guliel. Bavariae Duci dicatae. Accessit demum rerum ac verborum Index locupletissimus. Lovanii, apud Rutgerum Velpium sub Castro Angelico. Cum privilegio Regio. 1570, in-8.°

Excerpta quaedam ex epistola R. P. Francisci Xavier, Praep. Provincialis Indiae, ad Praepositum Generalem. An. 1549. Coccinii 19 Kal. Feb., pag. 3 a 5.

Descriptio rituum et morum Japonicae, pag. 6 a 20. Uma nota marginal attribue esta descripção a Paulo Sanfidio, japonez baptisado por S. Francisco Xavier.

Epistola, pag. 20 a 36. Esta carta é datada: Congaxima, 5 de novembro de 1549, e assignada por Francisco Xavier.

Exemplum literarum R. P. Francisci Xavieri ad eos qui de eadem sunt Societate in Europa. Anno 1552, ex Coccino, 29 Jan. 1552, pag. 37 a 62.

Ex duabus R. P. Francisci Xavierii ad R. P. Ignatium Praep. Generalem ejusdem argomenti epistolis anni 1552, pag. 62 a 67.

Ex epistola Petri Dulcemae Soc. Iesu e Japonia ad fratres Conimbricenses missa anno 1554, pag. 68 a 86.

Rev. P. Ignatio a Loyola Gener. Soc. Iesu Melchior Nunesius, 1554, 86 a 103.

Eduardus Sylvius Soc. Iesu fratribus in India agentibus, 4 Idus Sept. 1555, pag. 103 a 109. *Alia quaedam desumpta ex epistola P. Cosmae Torres, mensis Aug. 1555*, pag. 108 a 109. *Et alia Eduardi Sylvii, Bungi 10 Sept. scripta anno 1556*, pag. 109 a 121.

P. Balthazarus Gagus P. Ignatio Soc. Jesu Praep. Gen. 23 Sept. an. 1555, pag. 121 a 126.

Litterae Melchioris Nunesii Prov. Soc. Jesu in India, ex Chinensi portu Meichaea ad suos in Christo fratres in India agentes, Novemb. 23 anno 1555, pag. 127 a 144.

Ex litteris Ludovici Frusii Malaccae scriptis ad fratres suos, Goae agentes, 7 Januarii anno 1556, pag. 145 a 153. *Rex Firandii Rev. Patri M. Melchiori*, pag. 154.

Ex epistola Melchioris Nunesii Cochini 8 Jan. anno 1558, pag. 154 a 171.

Ex epistola P. Anthonii Quadri ad fratres Conimbricenses Anno 1559, pag. 172. *Ex litteris P. Balthazaris Diarii ad Provincialem Indiae 3 Dec. 1559*, pag. 173.

Ex epistola Ludovici Froisii, 6 Idus Decemb. scripta anno 1560, pag. 173 a 174.

Exemplum litterarum P. Gasparis Villela ex Japonia, Bungi Cal. Sept. 1559, pag. 175 a 179.

Exemplum epistolae P. Balthazaris Gagi, ex Japonia anno 1559, Bungi Kal. Nov., pag. 179 a 194.

Epistola R. P. Cosmae Torres ad Antonium Quadrum Praep. Soc. Iesu Provinciae Indiae, Bungi 8 Octob. Anno 1561, pag. 195 a 207. À frente d'esta carta vinha: *Epistolae Japonicae Rev. D. Domino Gerardo ab Hamericourt Episc. Audomarensi et Abbati S. Bertini dicatae.* Estas palavras indicam-nos que a segunda parte da edição de 1569 vai ser em grande parte reproduzida, e por isso nos condenaremos com citar as palavras das cartas e a paginação:

Ex epistola Iannis, &c., pag. 207 a 229.

Ex epistola Laurentii, &c., pag. 230 a 238.

Ex litteris Aloysii Almeidae, &c., pag. 238 a 260.

Ex epistola Melchioris, &c., pag. 261.

Ex epistola Gasparis Villelae, Meaco missa, Saquariae, 17 Augusti, pag. 262 a 280.

Ex litteris R. P. Ludovici Frusii, Anni 1564, Firandi, III Nov. Oct., pag. 280 a 290. É a mesma carta que na edição de 1569.

Ex epistola P. Manuelis Nobregae ad suum Praep. Gen. Soc. Jesu ad suos fratres in Europa agentes. Anno 1552 (Ex urbe Salutaris), pag. 290 a 301.

NAVARRETE (D. MARTIN FERNANDEZ DE ——).— Ministro jubilado do supremo conselho de almirantagem.

Dissertacion histórica sobre la parte que tuvieron los españoles en las guerras de ultramar ó de los cruzados, y como influyeron estas expediciones desde el siglo XI hasta el XV, en la extension del comercio marítimo y en los progresos del arte

de navegar. *Leida en la Real Academia de la Historia por su individuo de número* ——.

No vol. v das *Memorias da academia real de historia de Madrid* trata tambem dos cruzados portuguezes e cita os nossos auctores.

NAVARRO (D. JOAQUIM J. ——).

Apuntes sobre el estado de la costa occidental de Africa y principalmente de las posesiones españolas en el golpho de Guinéa, por ——. Madrid, 1859.

Esta obra trata tambem das nossas ilhas de S. Thomé e Principe.

NAVERY (RAOUL DE ——).—— Officier d'académie.

Les voyages de Camoëns, par ——. Paris, A. Hennuyer, 1880. 8.º, VI-164 pag.

«Ao escrever este livro, não teve o auctor em vista mais do que popularisar um dos maiores vultos de que as letras se ufanam, e de collocar n'um verdadeiro quadro as scenas da vida turmentosa de Luiz de Camões. Se os *Lusiadas* não são muito conhecidos na França, a existencia do poeta que os escreveu ainda o é menos.

«Ao darmos n'este volume um grande logar ás viagens de Camões, esboçámos a historia da descoberta das Indias, poema escripto com a espada pelo Gama e pelo Albuquerque antes de Luiz de Camões ter composto os *Lusiadas*. A importancia que tomam hoje todas as questões que se ligam a historia do nosso globo, poderá ajuntar-se ao interesse d'esta parte do livro. Finalmente, na ultima, graças a documentos novos, foi-nos possivel restabelecer com toda a sua verdade certos factos relativos aos ultimos annos do poeta. Teria este estudo tido incompleto, se não houvessemos colhido das obras soltas de Luiz de Camões, suas canções, elegias e sonetos, as passagens nas quaes elle patenteia seus mais reconditos pensamentos. Era mister mostrar ao leitor, quanto possivel, Camões pintado por elle mesmo. Pedimos, por isso, a Mr. Ferdinand Denis, esse viajante infatigavel, esse sabio, cuja erudição só é igualada pela sua benevolencia, a auctorisação para extrahirmos da sua traducção diversas poesias do illustre portuguez. Testemunhámos-lhe aqui nosso vivo reconhecimento por ter tido a bondade de nos ajudar com suas luzes e seus conselhos.

«Possa este livro, tributo de homenagem prestado á memoria do maior poeta de Portugal, ajudar a propagar pela França o nome e as obras de Luiz de Camões.

*
* *

«A universidade de Coimbra occupava então um logar tão distincto no meio das mais doutas escolas, que o erudito Clenardo affirmava nas suas cartas: que n'ella se explicava Homero como o teriam explicado em Athenas. Alem d'isto, contava ella então em o numero de seus professores, a Affonso Prado, que veiu a ser um dos mais celebres reitores d'ella; Francisco Manzon, o habil doutor de Alcalá; mestre Pires João Pedrezza, da ordem dos prégadores, do qual seus contemporaneos fallam com admiração. O licenciado Francisco Coelho n'ella ensinava o direito canonico. Alguns annos depois de ter dado todo o esplendor á universidade de Coimbra, D. João III estabelecia sessenta e quatro bolsas no collegio de Santa Barbara, em Paris, para os mancebos portuguezes que desejas-

sem n'esta cidade continuar ou terminar seus estudos; ao mesmo tempo, Diogo de Gouvea, que tivera a honra de ser reitor da universidade de Paris, voltava para Coimbra com o fim de n'ella continuar seu ensino, o qual tinha de dotar a pomposamente com tantos homens de merecimento; então, todos os talentos se formavam e desenvolviam em Coimbra. Entre os poetas e os sabios aventureiros que mais tarde visitaram as costas de Africa, e desembarcaram na India para n'esta região procurar impressões e inspirações novas, não ha um só que revelasse em outra parte o ensino, a não ser em Coimbra, do humanista Diogo de Gouveia, antigo reitor da universidade de Paris; de Pedro Nunes, o mais habil cosmographo e o maior mathematico de seu tempo; de Vicente Fabricio, professor de grego, de quem se honrava a Allemanha, e de quem Clenardo (Kleinartz) falla em termos cheios de enthusiasmo; finalmente de Brisset, o professor mais velho da universidade de Paris, que tentava encaminhar em Portugal a sciencia da medicina para os principios de Hippocrates, e livral-a do ensino exclusivo da sciencia arabe.»

NAXERA (MANUEL DE ——).— De la compañia de Jesus, predicador de su Magestad, catedratico de escritura de la compañia de Jesus en la universidad de Alcalá.

Sermon en las sumptuosas exequias que celebro el muy religioso convento de las carmelitas descalzas de Madrid, en 14 de febrero de 1660. A sua fundadora la Señora Baroneza D. Beatriz de Sylveira, Señora de las villas de Sylveira, Cuevas de Cañatazor, y de Valde Calmenas, &c., Predicado el Reverendissimo P. M. ——. Ordenado por el Reverendissimo P. M. Fr. Diego Ramirez, de la Orden de Santo Domingo, Calificador del Consejo supremo de la Santa Inquisicion; Prior que ha sido de los Conventos de Nuestra Señora de Atocha, y de S. Thomas de Madrid; Definidor de la Provincia de España, Visitador y Vicario General de los Reynos de Aragon; Confessor y Testamentero de la dicha Señora, con un Epitome de su Testamento. Em Lisboa. Com todas as licenças necessarias. Na officina de Domingos Carneiro, anno de 1661, 4.°

O testamento tem 10 pag. e a oração funebre 22.

«Foi a senhora Baroneza D. Beatriz da Silveira, natural de Lisboa, casada com o sr. Jacob D. Jorge da Paz da Silveira, cavalleiro da ordem de S. Thiago, commendador de S. Quintino de Monte Agraço, senhor das villas de Silveira, Cuevas de Cañatazor, etc., o qual falleceu em 30 de dezembro de 1647.»

Sermon de la Domenica de la Quinquagesima en festividad del Santissimo Sacramento y quarenta horas. Lisboa, por Paulo Craesbeck, 1657, 4.°, 65 folhas.

Ha varios outros sermões d'este mesmo auctor, tambem em hespanhol, e estampados na mesma typographia.

NEALE (ADAM ——).

Letters from Portugal and Spain; containing an account of the operations of the armies under those Excellencies Sir Arthur Wellesley and Sir John Moore, from the landing of the troops in Mondego Bay to the battle at Corunna. Illustrated with memoirs by Heath, Tilloc, Warren, &c. London, 1809, 4.° 1 vol. xvi-348-116 pag. Com um mappa e estampas.

NED CLINTON, *or the Commissary. Comprising adventures and events during the Peninsular War.* London, 1825. 3 vol.

NÉE DE LA ROCHELLE (J. FR.).
Recherches historiques et critiques sur l'établissement de l'art typographique en Espagne et en Portugal, pendant le XV *siècle.* Bourges, 1830, in 8.°

NEGOCIO *de las cuentas de D. Antonio de Ravasco y Carbonel con el gobierno de S. M. F.* Lisboa, typ. de Lallemant, &c., 1858. 55 pag.

NELLA *solenne Professione nel venerabile Monasterio di Santa Margarida in Trastevere di Roma dell' Ordine di S. Francesco della Signora suor Maria Rosa Geltrude de Sousa. Sonetto dedicato all' Illustrissimo & Excellentissimo Signor Don Rodrigo Annes de Saa Almeida* (sic) *e Menezes, Marchese di Fontes, &c.* In Roma. Nella stamperia della Reverenda Camera Apostolica. 1716, fol.

NEMNICH (PHILIPP AN REAS ——). — J. U. L.
Portugiesisches Waaren — Lexicon in drey Abtheilungen.
Portugisisch, Deutsch und Englisch.
Englisch und Portugisisch.
Deutsch und Portugisisch.
Von ——. Hambourg, 1817. Gedruckt in der Börsen-Halle bei Conrad Müller. 4.° gr., muito largo. 342 pag.

Esta obra foi pelo seu auctor submettida á approvação do P. G. de Massarellos, o qual diz em carta datada de Hamburgo em janeiro de 1817:

«Tenho a honra de devolver-lhe o manuscripto do *Diccionario das Mercancias — portuguez-inglez-allemão,* que V. M. me communicou para eu revisar, emendar e amplifical-o. Ainda que pela minha longa ausencia da patria me sentisse já pouco apto para tal empreza, contudo fiz o que pude para desempenhar o seu honroso conceito...

«Sem lisonja lhe declaro agora que o resultado passou muito a minha espectativa, pois a riqueza e perspicuidade que n'este diccionario original e unico no seu genero achei em todos os artigos da minha competencia, bem pouco rumo me deixaram para emendas ou addições.»

NEOMENIA *Tuba maxima clangens sicut olim clanxerunt unisonae primo et secunda Tuba magna Lusitania buccinante ad Principes universos. Italico dialecto translato Romae, hispanica phrasi transcripta Matriti. Gallico stilo exarata Parisiis.* Typis mandata Ulissis-Augustae. 1759. 4.° de XVIII-93 pag.

NERVI (ANTONIO ——).
I Lusiadi di Luigi Camoens. Traduzione di ——. Seconda edizione illustrata con note di D. B. Si aggiungono le notizie biografiche dell' Autore. Varii Cenni e Giudizii intorno al poema e gli argomenti de Canti. Milano. Dalla Società Typographi Dei Classici Italiani. 1821. 8.° gr. 1.°, XXXVII-271 pag.; 2.°, segue de 273 a 517 pag. Optimo papel, e estampas de Gallo Gallina.

O 1.° volume contém:

1.° *Avvertimento degli editori;*

2.° *Compendio della vita di Luigi Camoens, scritto dalla Signora baronessa di Stael;*

3.° *Giunta del Signor Villenave al Compendio della vita del Camoens;*

4.° Cenni del Sig. Simonde de' Sismondi sopra una nuova edizione de' Lusiadi e sopra suo Poema;

5.° Giudizio de Giovanni Andreas sopra I Lusiadi di Camoens;

6.° Prefazione del Traduttore;

7.° Soggetto storico del Poema.

NETO (D.).

Noticias recondidas y posthumas del proceding de las Inquisiciones de España y Portugal. 2 vol. Villa Franca, 1722.

NETSCHER (P. M.).

Les hollandais au Brésil. Un mot de réplique à M. Varnhagen. La Haye, 1873. 8.° gr., 19 pag.

NEUBAUER (M.).

Notes sur des manuscrits hébreux existant dans quelques Bibliothèques de l'Espagne et du Portugal. 1868.

Vem no vol. v da obra: *Archives des Missions scientifiques et littéraires.* Paris, 1868. Começa a pag. 423.

Diz que em Lisboa encontrou sómente dois manuscriptos hebraicos: um é uma *Biblia* escripta em 5000 (1300 de J. C.), contendo no fim o *Sepher han Niddoul*, de R. D. Kamhi. E o outro uma parte das lamentações que se recitam nas synagogas a 9 do *Ab*. Algumas d'estas lamentações têem sido desconhecidas até hoje, principalmente a que trata da expulsão dos judeus da Hespanha.

Este relatorio é deliciosissimo.

NEUGEBAUER (JOSEPH —).—Jesuita, da provincia de Austria.

Suas cartas escriptas ácerca das missões, foram impressas no *Welthott* do P. Stöhlen:

Erster Brief F. Josephi Neugebauer, eines zeitlichen Mithelfers, aus der Gesellschaft Jesu, Oesterreichischen Provinz, an F. Ignatium Heindl, derselben Gesellschaft und Provinz Religiosen geschrieben zu Lissabon, den 26 April 1757, pag. 9 a 12.

Zweyter Brief Fratris Josephi Neugebauer, Soc. Jesu aus der Oesterreichischen Provinz und Gesellschaft Gottlichen, geschrieben in der Heil. insul Salsete, nähst Goa, in Ost-Indien, den 20 Jenner 1758, pag. 12.

Dritter Brieffein F. Josephi Neugebauer, Soc. Jesu, an gemelteten F. Ignatium Heindl, Soc. Jesu, geschrieben zu Goa, dem 30 April 1758, pag. 26.

Vierter Brief F. Josephi Neugebauer, S. J. an F. Ignatium Heindl, derselben Gesellschaft, geschrieben zu Macao in China in 21 November 1759, pag. 27.

Zehenter Brieffein F. P. Josephi Neugebauer, Soc. Jesu Missionarii aus der Oesterreichischen Provinz, an F. Ignatium Heindl, derselben Gesellschaft und Provinz Religiosen, geschrieben zu Macao, den 20 Christmonats 1760, pag. 108.

Eilfter Brief R. P. Josephi Neugebauer, Missionarii Soc. Jesu, an F. Ignatium Heindl, derselben Gesellschaft, geschrieben zu Macao, in China dem 29 Christmonats 1760, pag. 110 a 124.

Zwölfter Brieffein R. P. Josephi Neugebauer, der Gesellschaft Jesu in Cochinchina, an F. Ignatium Heindl, derselben Gesellschaft, geschrieben zu Macao, dem 8 November 1762, pag. 144 a 145.

NEUMANN (JAMES L. ——).
The vine and its fruit, embracing an historical and descriptive account of the grape, its culture and treatment in all countries ancient and modern. London, 1874, 8.°, 1 vol. xii-388 pag.

NEUVAINE *à S. François Xavier, Apôtre des Indes et du Japon, contenant l'abrégé de sa vie, l'origine de la Neuvaine. Des réflexions sur les vertus du Saint et son éloge. Par un Père de la Compagnie de Jésus.* A Lyon. Chez Jacques Lions. 1710[1].

NEUVILLE (MR. JACQUES DE QUIEN ——).
Na *Gazeta de Lisboa*, de 1716, a pag. 48, diz:
«Tambem fez mercê do habito da ordem de Christo, com 300$000 réis de renda effectiva, ao cavalheiro Le Quien de la Neufville, francez, academico real das inscripções e medalhas, em gratificação de haver escripto no seu idioma a *Historia de Portugal*.»

NEUWIED (PRINCE WIED DE ——).
Voyage au Brésil dans les années 1815, 1816 et 1817.

NEVELTES *Bemalde von Lissabon.* Leipzig, bey Karl Wilhelm Küehler 1799. 4.°, 504 pag.

NEW ENGLISH *and portuguese Spelling Book.* London, 1747.

NEW MILITARY *map of Spain and Portugal. Published by J. Stockdale.* London, 1812.
Carte coloirée, en 2 feuilles 1m,63 × 0m,213.

NEW PASKAART *van t' opkomen der Straat Gibraltar tusen de kusten van Algarve, Andalusia, Barbaria en Marrocco, &c. Carte de navigation.* Amsterdam. 0m,57 × 0m,50.

NEW (A) PORTUGUESE GRAMMAR. London, 1768.
—— 5.ª edição. Lisboa, 1812.
—— 10.ª edição. Londres, 1827.

NEW YORK HERALD.
Em o numero de 26 de abril de 1880 publica um artigo sobre a traducção ingleza dos *Lusiadas*, de Duff, com extraordinarios elogios a Camões.

NEWE UMBEKANTHE *landte und in newe weldte in kurtz vergangen zeythe erfunden.* Nüreinberg, George Stüchs, 20 setembris 1508, in-fol.
Livro dos mais raros; alem da viagem dos portuguezes em volta da Africa e nas Indias, e das relações das viagens de Colombo e de Vespucci, contem uma

---

[1] Augustin et Alois de Backer, *Bibliothèque des écrivains de la compagnie de Jésus*, vol. vii, pag. 202

carta do Rei D. Manoel de Portugal ao Papa Julio II, datada de 12 de junho de 1508, na qual relata as novas descobertas dos portuguezes. Foi vendido por 210 francos no leilão Achér, em 1865[1].

NEWELANDES (OF THE) *and of the people | found by the messengers of the kyng of portugale named Emanuel. | Of the dyers mayster crystoual. Of pope Julij and his leades and of the costely keyes and wonders wele | dyes that in that lande is. | Emprented by me Johñ of Doubrewe, s. l. n. d.*, in-4, goth. de 24 ff. innumerados, = 30 linhas na pag. inteira.

É o primeiro livro inglez que contém uma noticia a respeito da America (chamada aqui *Armenia*, assim como Lisboa é baptisada *Lanabone*). É uma obra inilitantemente preciosa, a qual foi paga por vinte e cinco libras e dez schillings no leilão Caldonett. Mr. Harrisse, segundo o que asseverra Herbert e Dibdin, diz que o nome do Rei de Portugal, Manoel, falleido em 13 de dezembro de 1521, e os insultos dirigidos a Luthero, que foi queimado em effigie no anno de 1522, podem servir de base para marcar a data da impressão.

Empunhé as typographo Johñ of Doesborough ou antes Jan van Doesborh, exercia pelo mesmo seu profissão em Anvers ate 1525[2].

NICOLAUS VISSCHER.

Hispania et Portugallice regna, par ——. 1680.

Nieuwe ende perfecte Caerte van het Coninghryck ende Portugal ende Algarve.

NICERON (PÈRE ——).

Mémoires pour servir à l'histoire des hommes illustres, par le ——. Paris, 1727.

Traz uma biographia de Camões traduzida de apontamentos dados pelo conde da Ericeira.

NICOLAS (CHEVALIER ——).

Relation des fêtes que le comte de Tarouca a donné au sujet de naissance de Jean Prince de Portugal. Utrecht, 1714, in-12.

NICOLAS (FRAY PABLO DE S. ——).

Antiquedades eclesiasticas de España, en los cuatro primeros siglos de la Iglesia. Dedicadas al Excelentissimo Señor Don Balthazar de Zuñiga Guzman Sotomayor y Mendoza, Duque de Arcos, &c., por ——. Madrid, 1725, fol.

Trata extensamente das discordias entre Braga e Toledo, por causa da primazia.

NIEREMBERG (JOÃO EUSEBIO ——). — Natural de Madrid.

Vida de Santo Ignacio y de S. Francisco Xavier. Madrid, 1645, fol.

NOBILE (GAETANO ——). — Cavaliere de' Reale ordine del Salvatore di Grecia e di S. Michele di Baviera, decorato delle medaglie di oro del merito

---

[1] Bibliographie de M. Brunet, Supplément au Manuel du libraire de Brunet, vol. 1, pag. 33.

[2] M., id.

civile, di Francesco I di Napoli, de' benemerenti di prima classe di Roma e di altre simili di onore, premiato con le medaglie di merito nella prima esposizione italiana di Firenze del 1861, e nel internazionale del 1862.

Omagio tipographico. Napoli. Stabilimento cromo-tipographico di Gaetano Nobili, 1862, fol. max.

NOBLE (LE ——).—Intendant militaire, chevalier des ordres royaux et militaires de Saint-Louis et de la Légion d'Honneur.

Memoires sur les opérations militaires des français en Galice, en Portugal et dans la vallée du Tage en 1809, sous le commandement du Maréchal Soult, duc de Dalmatie, avec un Atlas militaire, par ——. A Paris, chez Barrois l'aîné. 1821. 4.°, 360 pag.

NOBOZENSTWO *ku czci S. Francitzka Xawera S. J. Lwów, Dr. S. Froyey, 1748.* Leopoli, typ. SS. Trin. Id. sem logar nem data.

NONIUS (L.).

Hispania s. populorum, urbium, insularum ac fluminum in ea descriptio. Antuerpiae, 1607.

NORIE (J. W.).

A new charte of the Cape Verde Islands, drawn from the latest authorities. Lisbon, 1824.

NORIS.

Songes de François Macedo dans son itinéraire de S. Augustin, dissipés avec facilité par Fulgence Fosseus, augustin, professeur en theologie, addressés au R. P. Macedo.

«Francisco Macedo, portuguez, da ordem dos frades menores, auctor mui fecundo, com mais de oitenta annos de idade, publicou um livro a respeito da Encarnação, ao qual dá o epitheto de singular; nome, diz Norris (pois é este quem se occulta sob o pseudonymo de Fosseus), que não merece, por causa de sua doutrina singular, mas por causa de ser unico. Lembrou-se o auctor de pôr no fim d'esta obra uma dissertação contra o monachismo de Santo Agostinho, e um itinerario de Santo Agostinho. Como diz que sente prazer em se lembrar e em fallar de Santo Agostinho, e que tem mesmo gosto de se lembrar d'elle, deu isto motivo ao cardeal Norris para colleccionar e refutar, debaixo do nome de *Sonhos*, as falsidades que notou n'este itinerario. Menciona cerca de cincoenta e uma, que lhe dão motivo para se divertir a custa do pobre padre Macedo.

«Julgarão das outras por esta: Macedo declara que para o futuro o anno indubitavel do nascimento, baptismo e morte de Santo Agostinho, ha de ser, para o nascimento 355, para o baptismo 388, e para a morte 431. Vós sois bem imperioso, diz-lhe Norris, fazendo assim leis sonhando, mas apenas sereis obedecido pelos sonhadores. Vosso anno do nascimento de Santo Agostinho é um sonho, pois nasceu a 13 de novembro de 354; o do baptismo não o é inferior, pois foi baptisado a 24 de abril de 387; e finalmente o da morte não passa de phantasia, pois morreu a 28 de setembro do anno 430[1].

---

[1] *Journal des Sçavans*, 1702, pag. 14

NORISII (HENRICI ——). — S. R.

Cordinalis, Paraenesis ad V. C.

Joannis Hardouinum S. J. P. Opus posthumum. Accessit ejusdem Thrasea, seu ordo Macedonicus. Plautino stilo perfrictus, opera Annibalis Corradini Veronensis, apud Paulum Marret, 1704.

«Ha aqui duas obrinhas, que não deixaram de parecer bem largas ás pessoas que, nenhum interesse tomando pelas questões pessoaes dos sabios, têem tão sómente para attilharem com as leituras.

«A primeira é contra o padre Hardouin, jesuita, e a segunda contra o padre Macedo, franciscano portuguez.

«Encontramos a frente do volume dois pequenos prefacios, um do que cuidou da edição, e o outro do impressor. O primeiro só diz respeito á *Paraenesis*, que foi, segundo dizem, composto por occasião da apparição de uma folha volante, impressa ha vinte annos, sob o pseudonymo de *Eusemicus Pacatus*, e que foi por aquelle tempo attribuida ao padre Hardouin. Era a critica de algumas passagens do livro de Epochis Syro Macedonum, composto pelo padre Norris. Este sabio religioso, que depois morreu cardeal, compoz então este escripto para responder, tanto á critica de sua obra, quanto a uma outra folha volante dirigida pelo mesmo auctor ao fallecido Mr. Vaillant, celebre antiquario.

«No seu segundo prefacio, que diz respeito igualmente ao padre Hardouin e ao padre Macedo, pretende o impressor que o padre Norris, pouco tempo antes da sua elevação ao cardinalado, havendo composto sua *Paraenesis*, não julgou depois que fosse de sua dignidade tornal-a publica, nem entrar em disputa, sendo cardeal, como o houvera feito não sendo mais que religioso agostinho; supprimiu, portanto, a obra que vê hoje a luz da publicidade. Talvez o azedume e os gracejos que, de uma obra de critica fizeram uma peça comica e uma satyra, contribuissem tanto, como nenhuma outra consideração, para a fazerem supprimir. O escripto contra o padre Macedo, publicado pelo padre Norris sob um pseudonymo, é ainda coisa bem differente, tanto pela aspereza das exprobações, como pelo numero e acerbidade dos gracejos.

«O auctor salpica de cor todos os ditos picantes de Plauto, e não se poupava muito no tocante ás applicações que d'antes fazia.

«O impressor acrescenta que, entre as obras do padre Hardouin, que agora nesses scaberam de ser impressas em Amsterdam, não se encontram as duas folhas das quaes se trata aqui.

«O padre Macedo tinha então oitenta annos e havia escripto 44 volumes, 53 panegyricos, 60 discursos latinos, 165 epitaphios, 300 elegias, 110 odes, 212 epistolas dedicatorias, 500 epistolas familiares . . .»

NORMANN (H.).

Poetes des Weltliteratur. Aesthetisch kritische Erläuterungen klassischer Dichterwerke aller Nationen. Stuttgart, 1883.

No vol. I. *Dos Lusiadas ou Camoens. Résumé de l'action avec beaucoup de citations et notices biographiques et littéraires.*

NOTAS (LAS) *del relator con sandas otras añadidas.* E no fim: *Esta obra foi impressa em Salamanca, y sandas á xx de mayo. Año de mil y ccccc y xxxi años.*

Edição não citada. Mendez attribue a paternidade do opusculo ao dr. Fernando Diaz de Toledo, secretario do Rei de Portugal, D. João II, e indica uma edição anterior, de Valladolid, de 1493[1].

NOTE *sur l'entrée de vive force d'une escadre française dans le Tage, le 14 juillet 1831.* Paris, 1844.

NOTES *on the pretended right of the Princess of Grand Para to the portuguese throne.* London, 1830.

NOTICE BIOGRAPHIQUE *sur Son Altesse Impériale Dona Marie Amélie de Braganee, Princesse du Brésil,* Leipsic, 1857. Imprimerie de B. G. Teubner. 4.° 77 pag.

NOTICE *et justification du titre et bonne foy avec la quelle l'on a étably la nouvelle colonie du Sacrement de S. Vincent en la situation appellée de S. Gabriel, sur les bords du Rio da Prata. Suivant la de Lisbonne.* Haye, 1713.

NOTICE *of the life and writings of dr. Felix Avellar Brotero.*

Foi publicada no *Botanical Maguzine.* London. (Septembro e outubro de 1845.)

NOTICE *sur André Alvares d'Andrade et sa description de la Guinée.* Paris, 1842.

NOTICIA *breve de la enfermedad de la Duqueza de Aveiro y Maqueda.* Madrid, 1715, 4.°

NOTICIA *cierta de la famosa batalha y victoria que conseguieron los portugueses e aliados a las armas del Rey D. Felipe V en el campo de Almanza a 25 de abril de 1707.* 4.°

NOTICIA *de la milagrosa imagen de S. Francisco Javier, que se venera en el real Collegio de S. Ildefonso de Mejico.* 1802, in-12.

NOTICIA *de las funcciones y fiestas con que se ha celebrado el desposorio de la Serenissima Señora Infanta Doña Carlota Joachina, nieta del Rey, hija de los Principes Nuestros Señores, con el Serenisimo Señor Infante de Portugal Don Juan, hijo de la Reyna y del Rey Fidelisimos. Para Supplemento de la Gaceta de Madrid, de 1 de abril de 1785.*

Existe um exemplar na bibliotheca publica de Lisboa.

---

[1] Deschamps et G. Brunet, *Supplement au Manuel du libraire,* vol. II, pag. 39.

NOTICIAS *extraordinarias que contienen lo mas trasto que han fet los Imperials al germa del Rei de Portugal que tenian pres.* Barcelona, Stamp. de J. Romeu, 1653.

NOTICIAS *individuales de lo obrado en cinco dias en Castilla, por las armas del Rey, comandadas por el conde de la Puebla, de Portugal.* Zaragoza, 4.°, por F. B. a Mendoza.

NOTICIAS *recondita y posthumas del procedimiento de las Inquisiciones de España y Portugal, con sus presos. Por un anonimo.* Villa Franca, 1722, 4.°, 1 vol., 140 pag.

NOTIZIE *intorno agli scritti di Manuel Maria Barbosa du Bocage. Lettera Del Cav. Giuseppe Vegezzi-Ruscalla. Al Marchese Damaso Pareto.* Asti, 1860. Tipografia de' Fratelli Paglieri, 47 pag.

Dolce è vedere nel primo tempo estivo
Adornarsi il mattin di vaghi fiori,
E l'arena lambendo i chiari umori
Scorrer del molle e lamentoso rivo.

Dolce è l'udire il tenzonar giulivo.
D'innamorati aligeri cantori
Fra l'ombre fresche ed i suavi odori
D'opaca selva o cespuglioso olivo

Dolce è veder ne la stagion di Flora
Stagion d'amore azzurri i cieli e i mari,
E l'erba giovinetta che s'infiora.
Però più dolce è aver, se a ciò t'invita
Il mio dolor, dagli occhi tuoi sì cari
Morte d'amor, che senza amor tal vita

Te ne presento un altro ugualmente di genere erotico nel quale parmi siano osservate tutte quelle condizioni che il Tasso nel terzo discorso sull'Arte poetica vuol si trovino ne' sonetti, cioè quella soavità, questa venustà e quella amenità di concetti que fan belli i lirici componimenti:

Deh! vieni a liberar, diletta Armia,
Il triste schiavo e a consolar l'amante,
Che sconfortato, e in lacrime ogni instante
Un pensiero, un sospir, Donna, t'invia.
Giorno più puro l'occhio tuo mi dia,
Più vago fior mi mostri il tuo sembiante
Del fior di Citerea, fior coruscante,
Che nell'aura d'aprile conquista
Inimica d'amor è la tardanza;
Qui vieni, amica, a compiere il riscatto
D'uom che mal frena l'avida speranza.

Vien nel rivo a specchiarti, e dalla sponda
Ammirar come, illuse dal ritratto,
L' aure amorose ne accarezzan l' onda.
E per ultimo ne reco uno che discovre in pensieri
Ben altri che erotici, e ci riduce alla memoria
Quello del cigno di Valchiusa, che dice:
«Padre del Ciel dopo i perduti giorni».
Ovvero quello dello sventurato cantore di Goffredo:
«Padre del Ciel, ch' altra nube il calle».
Piacciati de farne lettura:

La face de' miei dì si è fatta oscura[1]
Di mille affetti fra la turba ardita,
Eppur credetti, oh mia fatal sventura!
Fosse eterno il cammino della mia vita
Comune tutto quagiù passa e non dura
Or veggo appieno; e ilusion svanita;
Io pur dovrò morire! anzi Natura
L' estrema fossa a me vicina addita.
Oh! piacer', miei compagni e miei tiranni,
Quest' anima che sento illanguidire,
Per voi fu tratta in braccio ai disinganni
Oh Dio!... vicino all' ultimo partire
M' acquisti un punto ciò ch' han perso gli anni;
Chi viver non sapea sappia morire.

Nel quarto verso della prima strofa, l' autore rifieri un verissimo pensiero, che mi ricorda quello dello celeberrimo Young nella prima delle sue notti, dove egli dice dell' uomo:

He thinks himself immortal;
All men think all men mortal but themselves.

Egli è gentile como Anacreonte allor che tocca più leggiere corde; ed eccotene pur un bel saggio nella seguente canzonetta indritta alla rosa:

Tu fior de Venere
Purpurea rosa,
Lieta, fragante,
Pura, odorosa;
Tu ch' a ogni fiore
Invidia fai,
Come Marilia
Grazia non hai.

Quanto al diurno
Sol fiammeggiante
Cede la pallida
Luna inconstante,
Tanto a Marilia
Rosa, tu cedi
Tu che il primiero
De' fior ti credi.

---

[1] Meu ser evaporei na lida insana. Tom. IV, pag. 149.

L' onnipotente
Fervido Amore
Le pose fissano
Più viva in core.
Tu vesti sento
Spine pungenti;
Ell' ha soavi
Laddove ridenti.

Corrispondenzar
Da te non hanno
L' auro che mille
Baci ti danno
Marilia bella
Sente, respira,
Miei dolci carmi
Ode e sospira.

S' inorgoglisce
De' fior la Dea,
Flora, tua madre,
Quando ti crea.
Però Marilia
Nel dolce viso
Bellezza accoglie
Di Paradiso.

Amore dica
Se bella sei
Più di Marilia
. . . . . .
Lo dica Venere,
Ch' noi sen viene
Ma no . . . m' inganno,
Egli è il mio bene!

Volgiamoci ad un genere ancor più semplice di poesia, quello di Pilpai o Bidhai nell' India.

Questo poeta, nativo di Villa Rica (Brasile), fu tacciato da suoi malevoli d' aver preso parte in una cospirazione contra il Governo; fu quindi trasportato ad Angola nell' Africa, dove morì nei ferri. Il suo affetto per Marilia fu realtà, non chimera. Egli veramente l' amava, e negli orrori del carcere il cantare di Lei e sul di Lei, fu l'unica e costante sua occupazione. Nel 1844 io publicai la traduzione dell' intiero canzoniere di questo poeta (Torino, stamperia sociale). Così oltre il Camões abbiamo in italiano anche il Gonzaga.

Il passero in gabbia

Nella gabbia imprigionato
Lamentando il suo destino,
Stava un vago passerino,
Che fra sè dicea così:

No, non, v' è nel mondo il certo
Un augel più sfortunato,
Dal mio nascer fui dannato
A trar vita in servitù
E accresce il mio dolore
Il pensier ch' un dì contento
Svolazzava a mio talento
Su le piante, in mezzo ai fior,
Maledetta mia imprudenza,
Ed il vino traditore!
Ah! il senza, o cacciatore,
Fallemi lodo a mancar!

Peccai forse? A tue sementi
Dimmi, ho dato forse il guasto?
Feci il corvo suole usar?
No; d' agresti inculte piante
In que giorni mi nutriva,
Epperò nulla rapiva
All' umana società.
All'umana . . No, crudeli,
Di ragione il benefizio
Colmi v' ha d' inganno, vizio
E bruttura il fero cor.
Se voi siete sì gelosi
Della vostra libertate,
Così quel dritto v' usurpate
Poi la nostra libertà?
Ciò che in voi tesori vale
Nulla avrà per noi valore!

Ogni dritto l' oppressore
Dell' oppresso scancellò
Debolezza sol ne tarpa
O c' infrena in gabbia i vanni,
Che il diritto dei tiranni
Sulla forza assiso stà.
Ebbe l' uom la primazia
Sovra l'ordine animale
Pur l' iniquo sen prevale
A oltraggiar la Deità
Ma che dico? Ah triste! invanno
Mihi querelo di mia sorte,
Nulla monta in faccia al forte
Di giustizia ragionar.
Qui l' angel cessò il racconto
Di sue pene e di sua rabbia,
Perchè presso della gabbia
Giunger vede il suo signor.
Su le spalle ha l' archibugio,
E nel suo carniere ei porta
Selvaggina metà morta
E metà presso a morir.
Dalle barbare ferite.

A D. Ignez de Castrò

Coprite l' ara.
Sfogliate i fiori,
Morite, amori,
Ch' Ines mori.

Misero sposo
Stemprati in pianto,
Chè il vago incanto
Per te spari.

Quell' alma pura
Il cielo or serra,
Trista la terra
Che la perdè!

Contro la cruda
Rabbia ferina
Forma divina
Nulla pote.

L' eburneo seno,
Tesoro occulto,
Da duro insulto
Non la salvó.

Il sol, che vide
Gl' immani oltraggi,
Nasiosi i raggi,
Si spaventó

Qui canta il gufo,
Qui l' lupo rugge,
La terra muge,
S' oscura il dì.

Coprite l' ara,
Sfogliate i fiori,
Morite, amori
Ch' Ines mori.

NOTLEY (EDWIN A.).

A comparative grammar of the french, italian, spanish, and portuguese languages. A copious vocabulary alphabetically arranged is appended. London, 1868, 8.° oblongo, xv–396 pag.

NOUGARET (P. J. B.).

Aventures les plus remarquables des marins, ou Précis des naufrages et accidents sur mer les plus extraordinaires, depuis le XV *siècle jusqu'à nos jours. Ouvrage utile aux navigateurs, aux naturalistes, et rédigé pour l'instruction et l'amusement de la jeunesse. Orné de quatre estampes en taille douce. Par* ——. A Paris, chez Tourneux, 1821, in-8.°, VIII–444 pag.

Relativamente a Portugal, traz o seguinte:

Naufrage de Manuel de Sousa, pag. 1 a 14;

Le naufrage portugais Le Saint Jacques, *monté par l'amiral Fernando Mendoza, brûlé sur les écueils appelés Baixos de Judia, à quarante lieues des côtes orientales de l'Afrique en 1585*, pag. 32 à 39;

Naufrages dans la mer des Indes et sur les côtes de Siam, au seizième siècle, par Fernando Mendes Pinto, pag. 45 à 55;

Naufrage Dacous Chaveaux, mandarin siamois, au cap des Aiguilles, à l'extrémité méridionale de l'Afrique, en 1686, pag. 168 à 193;

Naufrage d'une patache portugaise sur un banc de sable, vis-à-vis des îles Calmianes, mer des Indes, en 1668, pag. 194 à 200.

NOUVEAU *guide de conversations modernes ou dialogues usuels et familiers, contenant, en outre, des nouvelles conversations sur les voyages, les chemins de fer, les bateaux à vapeur, &c. En six langues: français, anglais, allemand, italien, espagnol, portugais. A l'usage des voyageurs et des personnes qui se livrent à l'étude d'une ou de plusieurs de ces langues, par MM. Bellenger, Witcomb, Stener, Zinrdini, Pardal et Moura.* Paris, librairie européenne de Baudry, 1875, 8.° peq., 217 pag.

NOUVEAUX *Advis des Indes Orientales et du Jappon, concernant la conversion des gentils, envoyez au Général des Jésuites.* Paris, 1581, in-8.°

Volume mui raro. Foi reimpresso no anno seguinte em Lyon, em casa de Benoist Rigaud, 1582, 8.°

NOUVEL *Abrégé de tous les voyages autour du Monde depuis Magellan jusqu'à D'Urville et Laplace (1519-1832), orné de seize gravures en taille douce. Nouvelle édition revue et corrigée par une Société d'Ecclesiastiques.* Tours, 1838. 2 vol. in-8.°

NOUVELLES *de l'an 1587, des royaumes de Japon et de Chine, situés aux Indes Orientales; tirées d'une lettre du Provincial de la Compagnie de Jésus.* Douay, 1588, in-8.° peq.

NOUVELLES *intéressantes au sujet de l'attentat commis le 3 septembre 1758, sur la personne sacré de Sa Majesté Très-Fidèle, le Roi de Portugal.* Rome, ex-typis Reverendae Cameras Apostolicae. 1760.

Segue:

Recueil des pièces qui n'avaient pas encore paru en France, concernant le procès des Jésuites et de leurs complices en Portugal. Sem logar nem data.

NOVA REGNI *Portugalliae et Algarbiae descriptio multis in locis emendata a Joanne de Rom.* Amstelodami, apud Joannem Ravaurey, 1720.

NOVA RELATIO *Historica de rebus in India Orientali a Patribus Societatis Jesu, anno 1598 et 1599 gestis a R. P. Nicolai Pimenta, visitatore Societatis Jesu, ad R. P. Claudium Aquavivam ejusdem Societatis Praepositum Generalem missa.* Moguntiae, ex officina typographica Joannis Albini, 1601, in-8.° 200 pag.

Esta carta é datada de Goa, 8 das Cal. de Janeiro 1599.

NOVA VICTORIA *del S. Re de Portogallo in India et de la presa de la città de Malocha che fu Fochi 25 mila et de molti altri inante et regni ligadi ambiguti alla Fede Cristiana &c., de loro habiti e costumi portature de arme co lo carrichio de tre naui grosse de mercatantia portate da India in Portogallo, la uia e la modo de conquistare terra Sancta con molte altre gentilezze . . . cauata da una lectera del Re de Portogallo, mandata alla Santità del Nostro Santissimo Leone Decimo Pontifice Maximo.*

NOVAS EXTRAORDINARIAS *que contenen lo mal trahte que han fet los Imperiales al germa del Rey de Portugal que tenian pres. Cartas que donan noticia de las cosas de Alemanya; y la preparacio de guerra en Inglaterra.* Ab Llicencia en Barcelona. En la Estampa de Iaume Romeu davant sant Iaume. Any 1612. 4 folhas não paginadas.

Bibliotheca publica de Lisboa.

NOVELLE *interessante in proposito degli affari del Portogallo e dell' attentato commesso a 3 settembro 1758 sulla sagra e Real Persona di S. M. Fedelissima Giuseppe I. Traduzione dall' originale francese.* Berna, 1760-1761, in-4.º, 3 vol.

NOVISSIMA *et accuratissima regnorum Hispaniae et Portugalliae mappa geographicus cura M. Seutteri.* 1740.

NOVISSIMA *regnorum Portugalliae et Algarbiae descriptio emendata a F. de Wit.* Amstaelodami, 1680.

NOVO MUNDO (O). *Periodico illustrado do progresso, da politica, litteratura, arte e industria.* Nova-York. Escriptorio do *Novo Mundo*, 39 e 41. Park Row. 1870.

Tambem n'aquella cidade se publicava ao mesmo tempo *La America Ilustrada.* Nova-York, J. C. Rodrigues.

Hoje (março de 1892), estou habilitado a provar que a lingua portugueza nos Estados Unidos é mui cultivada, e que é muito grande o numero das obras portuguezas estampadas n'aquella celebre republica.

NUEVA RELACION, *y curioso romance, en que se declara el conflicto que causó á la Ciudad de Lisboa, y su jurisdiccion, á la disformidad de un Monstruo Marino, que se encalló en el margen del Mar, arrojado de una gran tormenta; y el pavor que les occasionó los repetidos bramidos, que para dar el ultimo aliento, expedia; con lo demás que verá el discreto Lector. Succedio a 23 de Enero de este presente año de 1737.*

No fim: Con licencia. En Madrid. 4 pag. em verso. 4.º

Bibliotheca publica de Lisboa.

NUEVAS *y curiosas coplas sacadas de el Juego de los Cientos, a la feliz victoria de Nuestro Catholico Monarca Felipe V, que Dios guarde y prospere muchos años para exaltacion de nuestra Santa Fe Catholica y freno de rebeldes. Compuestas por un particular ingenio.*

NUN (THE) *of Arouca. A tale.* London, 1822.

NUOVA *della preso della gran Citti di Diu per lo invictissimo Re de Portugallo et de l'artigliaria, et grandissima tesore che dentro vi si trovo.* 1536, 4.° peq. Com o titulo em letra gothica e armas de Portugal.

Um exemplar vendido na leilão Trosa em 1872, subiu a 90 francos[1].

NUOVO *y curioso renovado del estrago ocasiado el dia de Todos Santos en la villa de Ilorbe: declarase como reverti la Mar, y el Rio, pereciendo mas de dos mil personas, arruinadas las Templos y las casas, y assistiendo los pocos vecinos, que hay quedado, en chozas, donde noticia, como cayendo en el Convento de la Victoria parte de su Templo, y Altar Mayor, entre sus ruinas se encontró el Sagrario todo rompido, ocasos el Sagrado Copon, que lo cubrio milagrosamente en modo inferido; con otras particularidades.* Año 1755. Sevilla, en la Imprenta de Joseph Padrino.

NYEL. — Jésuite, précepteur des Infants d'Espagne.

Lettre où il est parlé de l'arrivée de D. Alexandre Metello Sousa e Menezes, ambassadeur de Portugal vers l'Empereur de la Chine, des honneurs qu'on lui fit, des cérémonies observées en cette occasion. Pékin, 8 octobre 1827.

Vem nas *Lettres Edifiantes*, tomo III, pag. 449 a 456.

NYE DIGTE, *Af Schock Steffelt.* Kiel, 1808, 8.°

A pag. 175 vem um poemeto intitulado *Camões*, em versos de differentes medidas, e a modo dramatico, sendo interlocutores: Camões, um frade, o Jau de Camões, e vozes de Anjos. Contém 24 pag.[2]

---

[1] Catalogue de C. Brunet, Supplément au Manuel du libraire, vol. II, pag. 41.

[2] Garrett, Camões, pag. 278, edição de Lisboa, 1844.

O

«Le Prince Henri, fils d'un souverain, dont les états n'étaient pas plus grands que la moitié d'une de ses médiocres provinces, entreprit de parcourir le reste de la terre, et de s'en rendre le maître, à titre de découverte.»

(*L'Espion Chinois*, vol. I, pag. 218.)

OATH *ano no Oath, or Le serment de D. Miguel.* Translated from *Légitimité portugaise.* London, 1830.

Partie annexée du complot contre le Prince D. Michel. Paris, 1827.

OBERSTEINER (H.).

Nach Spanien und Portugal. Reise-Erinnerungen aus den Jahren 1880 und 1882. Wien, 1883. 203 pag. in 8.º

Cap. III e IV: *Lissabon, Porto, Braga, Coimbra, Camões.*

OBSERVACIONES *exitosas acerca de la conversación entre un forastero y vecino de la isla de Leon sobre los derechos de la Princesa del Brasil á la sucesion eventual del trono de España.* Cadiz, 1811, 4.º

OBSERVAÇÕES *sobre a historia natural de Goa, feitas no anno de 1784, por Manoel Galvão da Silva.* Nova Goa, 1862.

OBSERVATIONS *critiques d'un romain sur les réflexions d'un portugais, ou Nouveau Supplément aux dites réflexions sur le Mémorial des Jésuites présenté à N. Saint Père le Pape Clément XIII en Europe.* 1760. Sem logar de impressão.

OBSERVATIONS *des Jésuites de Rome sur le manifeste de Portugal de 12 Janvier.* 1758.

OBSERVATIONS *sur la conduite du ministre de Portugal dans l'affaire des Jésuites. Traduction de l'italien. 2 parties.* 1761.

OBSERVATIONS *sur les droits au throne de Portugal.* Paris. 1829. 67 pag.

OBSERVATIONS *sur l'attentat du 3 septembre 1758 contre la vie du Roi de Portugal.*

OBSERVATIONS *sur un livre intitulé Philippes le Prudent, fils de Charles le Quint, verifie Roy legitime de Portugal, des Algarves, des Indes et du Brésil, composé en latin par D. Jean Caramuel Lobkowitz, religieux de l'ordre de Cisteaux, docteur de Louvain & abbé de Melrose: à Anvers.* A Paris, chez P. Rocolet, Imprimeur et libraire ordinaire du Roy, au Palais, en la galerie des prisonniers, aux armes du Roy et de la ville, 1641.

ODDI (LONGARO DE GLI ——).
Vita e virtu della Serenissima Mariana d'Austria Regina di Portogallo. Roma. 1766, in-8.°

ODE *per l'anniversario de S. M. il Re D. Fernando di Portogallo.* Lisbona, 1856, in-fol. (II ventinove ottobre).

OFFICIA *Sanctorum Francisci Xaverii, Thomae a Villa Nova, Bernardini Senensis, Petri Nolasco, Francisci Salesii, Andreae Corsini, mandato Alexandri VII Breviariis romanis apponenda.* Vilnae, 1667, in-4.°

OFFICIER (AN ——).—An employed in his army.
Memoir of the campaigns of the Duke of Wellington in Portugal and Spain. London, 1820.

OFFICIER FRANCAIS, attaché au service de D. Miguel.
Campagnes de Portugal en 1833 et 1834; relation des principaux événemens et des operations militaires de cette guerre par un ——. Paris, 1835, 8.° pr., VIII-311 pag.

O auctor, que é o barão de Saint Pardoux, e um verdadeiro amigo de D. Miguel, e logo na primeira folha do livro põe a seguinte epigraphe:

«Un Roi si aimé de son peuple, un peuple si aimé de son Roi, étaient dignes d'un meilleur sort.»

O'KELLEY (JOANNES ——).—Pratenses Collegii Ciconini Convictor.
Sancto Francisco Xaverio Indiarum apostolo se suasque philosophicas theses publice propugnandas. Data post tertium pro arbitrio venia apponendi. Florentiae. 1766. Ex typographia Paperiana, in-fol., 32 pag.

OLDENBURGERI (PHILIPPI ANDREAE ——). J. Ch. Jurisprudentiae tam publicae, quam privatae in inclita Genevensi Republica professoris.
Thesauri rerum publicarum pars prima continens regna Hispaniae, Lusitaniae; regna Asiae: regnum Asiae; regnum Japonicum; Tartaricum: Chinense;

Magni Moguntis, Persiae, Turciae, Tartariae; Regnum Tremanum et Mercoranum denique regnum Abyssinorum. Cura et studio. Genevae. Apud Samuelem de Tournes. 1675.

Bibliotheca publica de Ajuda.

OLDKNOW (REV. JOSEPH ——).—M. A. of Christ's College, Cambridge, perpetual curate of Holy Trinity Chapel, Bordesley, Birmingham.

A month in Portugal. By the ——. London, 1855, 8°, IX-165 pag.

«As margens do Minho são mui bellas, tanto no territorio hespanhol como no portuguez. Enxergavam-se belles montes, algumas vezes com capellas nos seus pincaros, e ferteis valles. Aqui e alli observam-se castellos e agradaveis aldeias, algumas das quaes me traziam á lembrança as praias de Loch Lomond. Entre estas eu fiquei particularmente encantado de Villa Nova da Cerveira. Pudemos tambem avistar as alturas de Caminha. O rio alargava-se á medida que o nosso descerido, e por fim tornou-se tão largo como o Tamisa em Chelsea, ou mesmo ainda mais largo.» Pag. 16.

«Vianna está lindamente situada na foz do Lima.» Pag. 21.

«A vista que se observa da ponte do Lima é magnifica.» Pag. 24.

«Portugal torna-se notavel por suas más estradas.» Pag. 24.

«Os portuguezes conservam as suas estradas em pessimas condições para obstarem á invasão dos hespanhoes.» Pag. 25.

«Em Barcellinhos fiquei espantado por encontrar sete igrejas!» Pag. 26.

«As publicações mais vulgares em Portugal são livros de indignos escriptores francezes.» Pag. 28.

«Fiquei espantadissimo de que os presos das cadeias me pedissem esmola.»

«A igreja de S. Pedro de Rates é uma bella construcção normanda do seculo XI.» Pag. 31.

«Os mouros deixaram evidentes traços de sua primeira occupação n'este paiz, tanto pelo estylo das construcções, como pelas feições dos seus habitantes.» Pag. 34.

«Porto, onde entramos a 5 de maio, é na realidade uma cidade muito linda e imponente.» Pag. 35.

«A vista do rio e do mar é encantadora.» Pag. 36.

«As margens do Douro são mui bellas e romanticas, e offerecem á gente do Porto muitas vistas encantadoras de differentes partes da cidade.» Pag. 36.

«O Douro é muito menos consideravel do que o Tejo, mas as bellezas que do Douro se observam são muito superiores.» Pag. 37.

«A vista que das Fontainhas se goza ainda é mais brilhante e esplendida.»

A pag. 39 declama contra a extincção dos conventos em Portugal.

«O Porto, visto de Villa Nova, apresenta uma vista muito linda e soberba.» Pag. 40.

A pag. 51 faz bastantes censuras á ré do Porto[1].

«Todas as ruas de Portugal são pequenas, mas o effeito geral da de Vianna é mais solemne do que o de qualquer outra que tivemos visto.» Pag. 78.

[1] Este escriptor inglez, [illegible] do [illegible], e não [illegible] portuguezes [illegible] em Portugal. Este padre inglez approva a sentença dos inquisidores. (Pag. 98.)

«O rio Zezere é afamado por sua belleza, mesmo entre os bellos rios de Portugal.» Pag. 99.

«Thomar é uma povoação muito bonita.» Pag. 107.

«A *Tentativa theologica* do padre Antonio Vieira é uma das mais bellas defezas contra as usurpações dos Papas.» Pag. 108.

«Em Ourem, as côres das arvores, dos arbustos e das flores são muito bonitas.» Pag. 110.

«O templo da Batalha é uma construcção de estupenda magnificencia, e a gloria architectural de Portugal.» Pag. 111.

«Tudo alli nos penetra com o senso da sua sublimidade». Pag. 111.

«É impossivel dar uma idéa dos claustros.» Pag. 114.

«A porta occidental da igreja é admiravelmente magnifica.» Pag. 115.

Batalha

We were kneeling in Batalhâ, about the dawn of day,
When the aisles were dim and shadowy, and the roof was wan and grey.
Hand by our own Philippa's tomb, where, neath that royal pile,
Upon the cold and marble lips still dwells a heav'nly smile.
And by her victor-husband's side, through Him That died to save,
She testifies that earthly love is mightier than the grave.
And we thought of our dear land and hers, that lies beyond the sea.
And we prayed for swift and safe return, if God's good pleasure be.
Then, once more gazing on the scene, we turned and went our way,
For o'er the mountains, many a league, our weary journey lay.
But ne'er to see such church as this so thought we as we pass'd
Till we reach the New Jerusalem, which God us grant at last.
* . . . . . .

O caso é que esta estirada poesia, á qual o auctor dá o pomposo nome de Batalha, em vez de cantar as bellezas d'este edificio, só trata de considerações religiosas.

Diz a pag. 118 que no tempo da missa estavam reunidas na igreja da Batalha não menos de duas mil pessoas.

«A situação de Lisboa, erguendo-se sobre varios montes na margem direita do Tejo, é realmente magnifica; e tambem o é a vista d'ella do rio.» Pag. 130.

«A immundicie, porém, é extraordinaria, como o confessam Beckford em 1787, Southey em 1796, Lord Byron em 1809 e Mr. Matthews em 1817. Oldknow, porém, confessa que no seu tempo as cousas estavam já em melhor estado.» Pag. 131.

«Lisboa é agora uma das mais aceiadas cidades da Europa, pelo menos d'aquellas que eu tenho visto.» Pag. 131.

Faz ardentes votos, a pag. 134, para que a igreja do Carmo em Lisboa seja restaurada e entregue ao culto.

«O aqueducto das aguas livres é estupendo.» Pag. 135.

Concorda com Southey, que diz ser Cintra «mais bella que sublime, mais grotesca do que bella». Pag. 146

E remata este volumesinho acerca da immundicie em Portugal.

OLISIPO, *ora ad pervetustae lapidum inscriptionem habent, Ulissippo, vulgo Lisbona florentes. Portugalliae emporium. Grande vue tirée de Braun et Hogenberg.* 1572. 0m,29 × 0m,48.

Na mesma folha uma outra vista: *Castrum oppidulum et Bethelem; prope Olisiponem.* 0m,12 × 0m,48.

OLIVEIRA (SATURNINO DE SOUSA E ——).
Elementos grammaticaes da lingua ebunda. Lisboa, 1861, 4.° xv-71 pag.

OLIVENZA LUFFMANN.
A strong fortress of Portugal. London, 1801.
Merida, from the north. Belle gravure, colorée. By J. C. Stadler. (vers 1800).

OLLA POTRIDA *literarische Quartalschrift von O. Richard.* 1779. Berlin, Wever'sche Buchh. 2 vol., 8.°
Vol. I (Vierteljahrgang) cont.: Abhandlungen und vermischte Aufsatze, pag. 246 à 260. *Portugiesische Dichter: Luiz de Camões (Vida e litteratura.)*

OLLENDORF (D. H. G.).
Nouvelle Méthode pour apprendre à lire, à écrire et à parler une langue en six mois, appliquée au portugais. Ouvrage entièrement neuf à l'usage de tous les établissements d'instruction publique et particuliers de l'un et l'autre sexe par ——. Paris, 8.° gr., 478 pag.

OLLOQUI (D. EMILIO ——).
Frey Luis de Sousa. Drama historico en tres actos del Vizconde de Almeida Garrett, traducido por ——. Lisboa, imprensa nacional, 1859.

OMAGICO ILDO A. A. R.
Per gli sponsali effettuati fra' gli reali figliuoli del sempre Massimo Monarca Giovanni Quinto, Re di Portogallo e d'Algarbe, e del Re Cattolico Filippo Quinto di Castiglia. Sonetto di ——.

OMAGGIO TIPOGRAFICO.
Per le nozze di Sua Altezza Reale Maria Pia di Savoja con Sua Maestà Don Luigi I, Re di Portogallo e delle Algarrie. Omaggio del tipografo napoletano Gaetano Nobile, cavaliere de' reali ordini del Salvatore di Grecia e di S. Michele di Baviera, decorato delle medaglie di oro del merito civile, di Francesco I, di Napoli, de' benemerenti di prima classe di Roma e di altre simili di onore, premiato con le medaglie di merito nelle prime esposizioni italiana di Firenze del 1861, e della internazionale di Londra del 1862. Napoli, stabilimento cromo-tipografico di Gaetano Nobile, 1862. Fol. max.

E un altro fior di tua regal corona
O Italia si scompagna!
E sen freme la terra, a cui fan zona
L'Atlantico e la Spagna;
Antiqua, inclita terra,
Che novi fati nel suo grembo ei serra.

Qual dagli eterei padiglion la luce
Rutila si riversa,
E gioia e vita sfolgorando adduce
Ove natura espersa
Tacea di nebbia folta,
Ne' grami veli della notte avvolta;

Tale, o sabauda vergine, risplendi
D' alte speranze opime,
E del tuo amore i Lusitani accendi;
Popol che un dì la cima
Dell' alma gloria tenne,
Quando spiegava a nevi mar le antenne.
E or le occidue varcando afriche spume,
Or d'America l'onda,
Gli ozi sdegnando delle ignave piume,
S' ebbe l' aura seconda
In mille audaci eventi
Emulator di glorie e di portenti.

D' egregi fatti Lusitania è piena,
Cui nulla musa oblia
Quando ne aspirerai l'aura serena,
Formosissima Pia
Ne udrai la gloria e il vanto,
E del gran cigno portoghese il canto.
Oh! spiega il vello sulle ambrosie trecce,
E nella tua belleza
Vola, come d' amor volan le frecce,
Al tripudio, all' ebbrezza
Della patria novella,
A cui sei raggio d' amorosa stella.

Bello, di rosea giuventù, sul Tago,
Te lo scettrato aspetta
Sposo, delle tue grazie altero e vago,
Che nella sua diletta
Vede con giusto orgoglio
Crescer, gloria e spendore al proprio soglio.
Stabile soglio, cui giustizia e fede
Porgon sostegno e nerbo,
E il viril senno dell' illustre erede,
Che amor degli anni acerbo
L' arte di Tito apprese,
Per cui l' amor dei popoli se rese.

In lui t' inebria, e il carco del diadema,
Sì ponderoso e grave,
Tu generosa sì gli alleggia e scema

Che torni a Lui soave;
E in Te d' ogni dolore
Trovi l' angiolo suo consolatore.
E come per le aduste arabe lande
Geme dal tronco inciso
L' albero dell' aroma, e intorno spande
Aura di paradiso,
Che appresta dolci unguenti
Sollievo di feriti e di languenti;

Così larga d' aita e di sussidi
Ne' dolorati ostelli
La man benigna porgerai, che affidi
Gli affranti poverelli.
Dolce è col regio manto
Terger dal ciglio degli afflitti il pianto.

Salvete o sposi alla più tarda etade!
Nè mai sui vostri calli
S' oda rumoreggiar d' estranie spade,
E fremer di cavalli;
Ma del bel Tago in riva
Fiorisca eterna la palladia oliva.
E tu, del nostro amor parte sì cara,
Non porre in oblianza
Questa di tanti eroi madre preclara
Terra che ogni altra avanza,
Ove per bellica arte
Nomasi il Padre tuo l'italo Marte.

Ma dov' erra il mio carme? Ecco repente
L' onde il naviglio sfiora,
Ed Ella in suo fuggir par che dolente
Dica dall' aurea prora
Oh! salve Italia mia,
Ricordati di me che son la Pia.

Giacea nel sonno del più triste oblio
Italia nostra oppressa in rio servaggio,
Del vecchio orgoglio inesorato il fio
Scontando, in suo miserrimo retaggio.

Ma, nunzio etereo del comune disio,
D' una stell' apparia candido il raggio,
Ed il manipolo alter frangere ardio
Il giogo rio che ne fea turpe oltraggio.

Così vedrai, da' tuoi disgiunto, chino,
O Pia diletta, un popolo d'eroi,
Che ansioso aspetta il raggio tuo divino.

Quel divin raggio onde fu largo a noi
Il Padre, or per Te compia il suo destino.
E sfolgori dal Norte ai lidi Eoi.

OMBRA (L') *della marchesa di Tarora.* Genova, 1760.
Opusculeto in-8.°

ONGOYS (JEAN ——).
Les voyages et conquestes des Rois de Portugal, &c., recueillies de fidèles temoings et memoirs du sieur Joachin de Centellas, gentilhomme portugais. Paris, 1578.
R. Francisque Michel[1] diz ser este livro um dos mais raros, e parecer-lhe que tal volume trata das questões entre D. João III et Angot.

ONUFRI (DIEGO CALMET ——).
Verame Theologico-Moral da escandalosa parte que no Santo Sacramento da Penitencia usavam alguns confessores, de perguntarem aos penitentes os nomes e habitação de seus cumplices. Vindicia dos editaes do Eminentissimo e Reverendissimo Senhor Cardeal da Cunha, Inquisidor geral, em que prohibiu a dita escandalosa praxe. Critica das Pastoraes dos Excellentissimos e Reverendissimos Senhores Arcebispos de Evora e do Algarve, por que mandaram se não denunciasse a mesma praxe ao Santo Officio. Author ——. En Madrid, en la imprenta de la Viuda de Francisco del Hierro, 1746, 4.°, 82 pag.

OPINION *légale et observative sur une correspondance dernière adressée par le consul français, gérant de Lisbonne au gouvernement portugais. Traduction de l'anglais.* London, 1832.

OPISANIE *królestwa Portugalii y historya przednieysze w sobie Panstwa tego dzieje y kilku wiekow rewolucye zamykajaca z roznych Piszarzow mianowicie z slawnego Francuza imieniem l'Abbé de Vertot, zebrane i dla pozytku narodu poskiego widane.* Lublin, Dr. S. J. 1754, 8.° 267 pag.
(Descripção do reino de Portugal e historia que abrange os principaes factos e as revoluções d'este reino em varios seculos, obra extrahida de varios auctores e principalmente do celebre abbade Vertot, compilada e dada á luz para utilidade da nação polaca[2].)

OPUSCULA *aliquot in laudem Joannis tertii Lusitaniae regis et principis filii, et fratris Ludovici atque item Sebastiani primi.* Salmanticae, 1568.

ORATIO *funebris in obitu Serenissimi Theodosii Lusitanorum Principis Joannis IV. Portugalliae Regis Invictissimi Primogeniti. Eminentiss. &c. Reverendiss. Principi Virginio S. R. E. Cordinali Ursino.* xxx pag.

---

[1] R. Francisque Michel, *Les portugais en France et les français en Portugal*, pag. 177.
[2] Augustin et Alois de Backer, *Bibliothèque des écrivains de la compagnie de Jésus*, vol. III pag. 65.

ORFEUVRE (B.).

Les pleurs do Camoëns

Poète, lui dit Dieu, chant et souffre sans crainte :
Le martyre se change en rayon lumineux ;
Et puis j'ai dans mon sein une urne trois fois sainte,
Où je reçois les pleurs de l'homme malheureux.

Le poète obéit ; il chante, et de ses yeux
On voit couler ses pleurs, douce et tendre rosée
Qui descend lentement dans le sein de Dieu
Pour être avec grand soin dans l'urne deposée.

Elle se change bientôt en millions de diamants
Que le bon Dieu attache à la voûte azurée,
Plus les pleurs sont, plus sont les reflects scintillant,
Et si grands ! qu'il seront d'eternelle durée !

Mon Dieu ! je suis surpris que dans l'immensité
Il se puisse encore voir des lieux sans lumière :
Les pleurs du Camoëns, d'une douce clarté
Auraient pu sûrement la remplir toute entière.

Paris.

Appareceu esta poesia na obra impressa no Porto em 1883, intitulada *Scintillações e sombras.*

ORGANTINUS. — Natural de Brescia, e admittido na companhia em 1556, na idade de vinte e cinco annos. Era reitor no Loretto, quando entrou para as missões da India. Embarcou em Lisboa no anno de 1567, e passou o resto da sua vida no Japão, nos trabalhos e nas perseguições. Morreu em Nangasaki, no anno de 1609[1].

Epistola ad Fratres Romani Collegii data Goae, 5 Cal. Januarii 1568.

Encontra-se nas *Epistolae de rebus Indicis.* Parisiis, apud Michaelem Sonnium, 1572, in-8.º

É provavelmente esta carta que se encontra na collecção seguinte :

Recueil des plus fraisches lettres, écrites des Indes Orientales par ceux de la Compagnie de Jésus qui y font résidence (les PP. Organtin de Bresce, Christofle de Acokta (Acosta), Lys de Gorea, Emanuel Tesseira, Nicolo Nugnez, Pierre Mascareyas, Sébastien Fernandez, Martin de Sylva, Hierosme Ruiz...) et envoyées l'an 1568, 1569 it 1570 en Europe, sur la grande conversion des infidèles à J. C., traduit de l'italien en français.

ORIGEM DA LINGUA PORTUGUEZA.

Debaixo do estandarte do christianismo é sabido que os wisigodos se confundiram e fraternisaram com a povoação romana ; mas não é menos exacto que

[1] Augustin et Aloïs de Backer, *Bibliothèque des écrivains de la compagnie de Jésus*, vol. I, pag. 525.

a subversão geral que elles causaram na sociedade hispano-romana, se estendeu até á linguagem. Áquella que então se ficou fallando, deram os linguisticos o nome generico de romance ou romanzo. Este formou-se da mescla latino e teutonico, predominando especialmente aquelle, tanto que o seu typo ainda testemunha evidentemente a origem latina, o que foi devido em grande parte á conversão dos barbaros á religião do Crucificado.

«Durante a dominação dos arabes, posto que ao latim se aggregaram vocabulos, phrases e idiotismos proprios da lingua d'aquelle povo, todavia nem se extinguiu, nem se mudou o genio e a indole, nem finalmente seus caracteres mais essenciaes e salientes soffreram transformações, sendo por certo um dos motivos que para isso mais contribuiu, a tolerancia dos sarracenos, que permittiram aos christãos o uso da sua religião.

«No tempo de Henrique de Borgonha as alterações causadas pelo francez relativamente ás anteriores, são de menor importancia, apesar de os trovadores, que no reinado d'este Principe vieram a Portugal terem dado ao provençal alguma influencia sobre a nossa lingua[1].

. . . . . .

«O predominio que o latim sempre teve na Peninsula, apesar de fusões tão heterogeneas, não é motivo para admiração. Os romanos tinham occupado por tal fórma a Lusitania, tinham produzido n'ella uma tal identificação de costumes, trages e linguagem, que era impossivel apagar jámais os vestigios tão vivos e profundos, de sua longa existencia n'esta provincia.

. . . . . .

ORIGINAL (THE) *Journals of the campaigns of the Peninsula of Field-Marshall the Duke of Wellington, to which is added an appendix containing the state papers.* London, 1815.

ORIGINE (DE L') *des Rois de Portugal.* Paris, 1612, 1614, in-4.º

Falla d'esta obra o nosso grande escriptor, sr. Camillo Castello Branco, nos *Narcoticos,* vol. II, pag. 43.

---

[1] *O Instituto,* jornal de Coimbra, 1853.

E para notar uma especie de contradicção em que parece ter caído o nosso erudíssimo escriptor e philologo distincto, D. Francisco de S. Luiz. E é que, perguntando elle qual foi o privilegio que tiveram os romanos na Lusitania para que fizessem esquecer aos habitantes indigenas a lingua natural, para adoptarem o idioma estrangeiro, fallando mais adiante dos arabes, diz que a sua lingua foi vulgar e commum na Lusitania; e para corroborar isto apresenta, alem da opinião de André Terreros y Pando, um trecho copiado de Alvaro Cordovez, o qual affirma que na Hespanha não havia de 1 000 christãos um que soubesse escrever uma carta familiar senão em arabe. Agora perguntamos nós com toda a respeito que lhe é devido á sua memoria, o mesmo que o autor do opusculo: «A lingua portugueza é filha da latina, e qual foi o privilegio que tiveram os arabes na Lusitania para que fizessem esquecer aos habitantes indigenas a lingua natural, para adoptarem um idioma estrangeiro? Como se ha de conceder aos arabes o privilegio que se negou aos romanos, quando de certo a nossa estava formada antes da que áquelles não acontecesse, por circumstancias muito poderosas e excepcionaes.

É tambem para advertir que as citações que n'este logar faz o sr. S. Luiz, parecem contraproducentes. Porque, querendo elle provar que o latim nunca fora vulgar na Hespanha, extrahe uma passagem de Terreros y Pando, onde este escriptor se queixa de, sob a dominação dos mouros, ser esquecida a lingua latina, propria da nação e da religião, como em suas obras lamenta Santo Eulogio, arcebispo de Toledo.

ORLEANS (LE PERE JOSEPH DE ——).

Vida da Marya de Savoya, Reyna de Portugalla. Tradotta del francese da F. Giulio G. Ferreira. Torino, 1698.

ORLEANS (P. D'). — De la companhia de Jesus.

Histoire de M. Constance, premier ministre du Roi de Siam, et de la dernière revolution de cet Ètat. Nouvelle édition. A Lyon, chez les Frères Duplain, 1754, in-12. XVIII-233 pag.

Vem uma noticia d'esta obra no *Journal des Sçavans* de 1690, de pag. 249 a 252.

Foram muu grandes as relações havidas outr'ora entre Portugal e Siam, e alguma cousa de util se topa n'este livrinho para quem desejar estudar um tal assumpto, bem glorioso para Portugal.

A obra é dedicada ao Papa Alexandre VIII.

«Constantin Phaulkon, e depois Constancio, nasceu em Cephalnia, na Grecia. Seguiu a religião protestante, e converteu-se á catholica por conselhos e admoestações do padre Antonio Thomaz, jesuita flamengo, que se dirigia a Sião para tomar parte nas missões portuguezas da China e do Japão (pag. 14). E com effeito o grego abjurou solemnemente o protestantismo no dia 2 de maio de 1682 na igreja dos jesuitas portuguezes em Sião, achando-se presente o governador de Macau. Casou depois com uma japoneza christã, e veiu a ser o primeiro ministro do Rei de Sião, ou para melhor dizer uma especie de marquez de Pombal d'aquelle Rei. Houve, porém, uma revolta no paiz. O Rei e seu ministro Constancio foram mortos, a religião christã perseguida, e os meninos ensinados a dizerem em portuguez aos algozes: «Corta cabeça», isto é, que antes queriam ser degolados do que mudarem de religião.»

ORMIZ (ROMERO ——).

Litteratura portugueza no seculo XVIII. Madrid, 1870.

ORMSBY (J. WILMOT ——).

Account of the operations of the British army, and of the state and sentiments of the people of Portugal and Spain. 1808-1809. London, 1809.

ORMUZ.

Vue de cette ville portugaise, en 1515 à 1622, tirée de Braun et Hogenb. 1617.

ORTIZ (ALONSO ——).

Los tratados del doctor ——. Tratado consolatorio á la Princesa de Portugal. Item una oracion á los reyes en latin y en romance. Item dos cartas consolatorias á los reyes, una que embió la ciudad, la otra el cabildo de la iglesia de Toledo. Tratado contra la suerte del prolhomotario de Lucena. Fol. peq.

Fue imprimido en la muy noble é muy leal cibdad de Sevilla por Alemanes alquadros. En el año del señor 1493.

ORTIZ (LORENZO ——).

El Principe del Mar, San Francisco Xavier. Bruselas, 1682, 8.°

ORTOLANO (GIOVANNE ——).— Dottore dell' una, e l' altra legge, nella Fisica, e speculativa Filosofia Laureado.

La fama in trionfo. Serenata da cantarsi nel Porto di Messina per la nascita del Quinto Real Genito dell' ubbidientissimo alla Sede Apostolica D. Giovanni V, per la Dio grazia Re di Portogallo, ed Algarbi, di qua e di la Mare, ed Africa. Signore di Ghiné e della Conquista, Navigazione, e Commercio d' Ethiopia, Arabia, Persia, ed India. E di D. Maria Anna d' Austria Regina. Consegrata alle sue Maestà in rimarco della sua Umile Devozione dall' Ubbidiente Genio di Thomaso Theiscera Leal Providitor Generale di tutta l' Armata: in occasione della Festa fatta nel sudetto Porto dalle Navi di Guerra Portughesi per il detto Gloriosissimo Natale. Poesia del ——. Musica del Sig. D. Francisco Grillo, Musico della Real Cappella di Messina. In Messina, nella stamp. di D. Giuseppe Maffei, 1717.

ORSEY (REV. ALEXANDER J. D.).— Chaptain to the english church, beco das Aranhas, Funchal.

Colloquial Portuguese: or, the Words and Phrases of every day life. Compiled from dictation and conversation, for the use of English tourists and visitors in Portugal, the Brazils, Madeira, and the Azores. With a brief Collection of Epistolary Phrases. By the ——. Second edition, considerably enlarged and improved. London, Longman, Green, Longman. 1860. VIII-126 pag., 8.°

ORTIZ (D. ANTONIO ROMERO ——).

Os seus estudos sobre a litteratura portugueza no seculo XIX foram primeiramente publicados na *Revista de España*[1].

ORTMANN (FRANCISCO ——).— Jesuita allemão do seculo XVIII.

Francisci Ortmann, Societatis Jesu Presbyteri Liber de vita et pretiosa morte V. P. Jo. Caspari Cratz ex agri Juliacensis oppido Goltzheim Germani ac Sociorum ejus V. Bartholomaei Alvarez V. Emmanuel de Abreu, V. Vincentii de Cunha, Lusitanorum e Societate Jesu Sacerdotum Fidei christianae odio in regno Tunkini obtruncatorum die XII Januarii anno Domini 1737 conscripta ex litteris ipsius Ven... Martyris ad suos familiares, et aliis gravium Virorum testimoniis, qui omnium erant conscii. Augustae Vindel. et Oeniponti. Sumptibus Josephi Wolf. 1770, in-8.°, 343 pag.[2]

OS GRANDES DIAS DA BRUXARIA[3], por M. Jules Baissac. Paris, Klincksiek, 1890, V-735 pag. in-8.°

Os grandes dias do bruxedo começaram, no dizer de M. J. Baissac, pelo fim do seculo XIV. Não é contestavel que se acreditasse, durante a idade media, na intervenção do diabo nos negocios humanos, e nos dos seus subalternos, alguns loucos e feiticeiros, e não é tambem menos certo que um certo numero de pobres loucos fossem então condemnados e queimados como plenamente convencidos de terem tido commercio com o demonio, por outro nome diabo, e ainda por outro.

---

[1] Luiz Vidart, *Los poetas líricos contemporaneos de Portugal*. Madrid, 1872. Pag. 8.

[2] Augustin et Alois de Backer, *Bibliothèque des écrivains de la Compagnie de Jésus*, vol. V, pag. 561.

[3] *Jornal des Sçavans*, julho de 1890, pag. 454.

o sangue. Todavia é a bulla *Summis desiderantes affectibus*, datada de 9 de dezembro de 1484, a primeira que define canonicamente o crime de feitiaria, e prescreve que se persiga com um constante rigor em todas as regiões da christandade. Tal é a these de M. Baissac, e as provas historicas d'esta these são depois apresentadas; são os numerosos processos intentados contra feiticeiros imaginarios na França, na Allemanha, na Hespanha e até mesmo na Inglaterra e na America, até ao meiado seculo XIX, por meio dos tribunaes ecclesiasticos ou civis, catholicos ou protestantes.

«A leitura dos documentos integralmente reproduzidos ou fielmente analysados pelo auctor d'este grosso livro, não causa menor vergonha do que susto. Quantas victimas, immoladas sobre o altar, de um preconceito nascido de uma illusão metaphysica!»

OSAU (JOSÉ PELLICIER DE TOVAR Y ——).
Mision evangelica al reyno del Congo, &c. Madrid. 1649, in-4.º

O'SHEA (HENRY ——).
Guide to Spain and Portugal, including the Balearic Islands. Sixth edition. 1879, in-8.º, 562 pag.

É um dos melhores guias que conheço no tocante á Hespanha, á qual deu 528 pag. e a Portugal sómente 27!!

Diz, porém, ao leitor, que n'este paiz é que reside como rainha a *Indolencia*, tão querida dos portuguezes!

Diz que no paiz ainda ha sebastianistas (pag. 531).

Os portuguezes só não chamam á Inglaterra perfida Albion, quando precisam do soccorro d'ella (pag. 531).

O exercito anglo portuguez ficou victorioso por toda a parte, e depois de varias campanhas e operações estrategicas, que hão de collocar alta a Inglaterra nos annaes da gloria militar, os francezes foram expulsos.

Diz que as melhores pinturas do Grão Vasco estão em Lisboa.

No Porto costumam dar o nome de *taralhões* ás pessoas que fallam e escrevem como fez este inglez.

OSORII, *R. P., Lusitani, Societatis Jesu Concionum Epitome. Pars hyemalis, ab Adventu usque ad Pascha, opera ac studio Jacobi Theodardi Sartorii, Bolsvardensis Frisii P. D. (Pastoris Durstensis).* Colonia Aggrippinae, Arnoldus Mylius, 1602, in-8.º, 325 pag.

Pars aestivalis, a Dominica Paschatis usque ad Adventum Domini. Ibid., id., 1602, in-8.º, 371 pag. (por erro, 317).

R. P. Ja. Osorii .. Concionum Epitome de Sanctis Ecclesiae Dei, quorum festa per totum annum in Catholica Ecclesia celebrantur; opera ac studio Theodardi Pondi, Bolsvardensis Frisii, P. D. Ibid., id., 1602, in-8.º, 277 pag.

A dedicatoria d'este epitome é de 6 de fevereiro de 1598. Colonia, 1613, in-8.º

A primeira edição é de Colonia, 1598.

Mas será com effeito portuguez *(lusitani)*, este padre Osorio? A bibliotheca dos escriptores da companhia de Jesus (vol. I, pag. 529), pouco antes o apresenta como natural de Burgos.

OSSORIO (D. PEDRO LUIZ DE ——).

Breve epilogo de glorias de el incomparable, docto, y generoso heroe, Rayo de Lusitania, el Ilustrissimo Señor Don Antonio Luis Ribeiro de Barros. Referido por ——. En Madrid, año de 1673. 4.°

É uma poesia em quatro folhas innumeradas em honra d'este portuguez.

Termina o folheto pelo *Elogio estimable de el Excelentissimo Señor Duque de Linares á los siete Geroglificos, ariendo introvenido con el Excelentissimo Señor Duque, Mayordomo Mayor, para que el autor de ellos dilatasse su pluma a tan soberano assumpto.*

OSTERWALD (W.).

Vasko da Gama und die Portugiesen. Nach Luiz de Camões epischem Gedicht Die Lusiaden bearbeitet. Glogau, sem data, mas e de 1865, com o retrato de Camões.

Vem no *Masius der Jugend Lust u.* Lehre. Jahrg. IX-572 pag. 8.° (pag. 185 a 242.

OTTENSHEIM (DR. G. FRANCK PFENDLER D^r ——). — Doutor em medicina, cirurgia y farmacia de las universidades de Viena y Paris, licenciado en medicina y cirurgia de la universidad de Sevilla, miembro de la academia imperial de medicina de Viena, consejero de la comision sanitaria, cathedratico de quimica e de medicina legal, ex-cirurgiano del dispensario oftalmico y auricular, ex-medico de la embajada de Austria, miembro corresponsal de la academia real de medicina y cirurgia de Granada, miembro de la sociedad medica del norte, de la sociedad para el progreso de la cirurgia, del circulo medical de Paris, de la sociedad hidrosupatica del Sud de Allemania, y de otras varias sociedades de medicina y de historia natural.

Madera, Nice, Andalucia, la Sierra Nevada y los Pireneos. Considerados como locales los más interesantes y pintorescos para viajar, y más convenientes para curar ó conservar los tisicos y otros enfermos crónicos, preservando á los descendientes de parientes tisicos del desarrollo de esta enfermedad. Seguido de algunas notas, episodios de viajes y observaciones sicologicas y filosoficas, por el ——. Obra ilustrada con 8 laminas, 24 viñetas y un panorama de la Sierra Nevada. Sevilla, imprenta de D. Carlos Santigosa, 1848, 8.°, XIV-174 pag.

«Do alto oceano, a cento e trinta leguas do continente, nasce uma formosa e fertil ilha com costas brancas escarpadas e nuas, coroada por uma fileira de montanhas entrecortadas por valles ferteis e bem cultivados, formados por um terreno de destroços de basalto, que indica sua origem vulcanica. Por todas as partes se apresentam hervosos e floridos bosques, aureos campos e ricos vinhedos. Vindo do mar apparece n'uma bahia risonha e pintoresca, a capital Funchal, elevando-se em amphitheatro, povoada por 20:000 almas, residencia do governador e do bispo. A cidade está bem construida, mas as ruas do interior são estreitas e pouca aceiadas.

As casas, erigidas segundo o gosto inglez, fornecidas de todas quantas commodidades se podem desejar, estão situadas no centro de uma multidão de jardins, dominados por terraços, cobertos de dahlias, camelias do Japão, *laureles, galaaga* da India, annanazes, *anona squamosa, agace americana*, que se geram em plena atmosphera, e ricos bosques alimentam numerosas abelhas, que abas-

tecem aquelles simples habitantes de um delicioso e perfumado mel. Estes jardins circumdantes estão assombrados pelas palmeiras *(felix dactilifera)* e bananas da Africa, que, com seus cachos dourados, produzem as deliciosas tamaras e a perfumada figueira de banana, que á maneira de pão caido milagrosamente do céu, se offerece aos habitantes como ameno e maravilhoso *merendero*. O guiaba, o papayo, a cana de assucar, formam maravilhosas paredes de verdura. Em todas as partes onde a natureza deixou um logar livre, se acham plantios de vinhas, oriundas da ilha de Chypre, onde a cultura fórma a riqueza de paiz; as uvas brancas produzem essa primeira qualidade de vinho chamado *madeira-secco*; a producção de vinhos em toda a ilha sóbe a 10:000 pipas, pelas quaes remettem de Inglaterra Lisboa e colonias, uns vinte milhões de reales.

*
* *

«No inverno passado houve uma grande concorrencia, e a sociedade mais elevada se achou no Funchal; as habitações eram caras e difficeis de encontrar. A visita da rainha Victoria, duqueza de Kent, com uma numerosa comitiva attrahiu um crescido numero de inglezes. O duque de Saxonia Weimar e seu filho, o Principe Alexandre da Hollanda, que desgraçadamente alli pereceu aos trinta e um annos, o conde Tastin, o duque de Palmella e grande numero de pessoas da alta aristocracia ingleza e portugueza, e tysicos de todos os paizes do mundo, foram alli buscar um asylo que os abrigou contra o rigor cruel do inverno.

*
* *

«Este clima convém a todos os enfermos, e por isso ha estrangeiros que permanecem alli durante todo o anno. Encontrei muitos americanos da Trindade e das Antilhas, que passam o verão para subtrahir-se ao calor das suas ilhas. É impossivel achar situação mais adequada do que a Madeira para os enfermos.»

OTTOLINI (VITTORE ——).

Il Teatro in Italia. Storia dedicata agli artisti teatrali e agli allievi dei conservatori. Milano, 1876, 268 pag. in 8.º

Trata de Camões.

OUDIN (FRANÇOIS ——).— Nascido no anno de 1675 em Vignory, na Champagne. Entrou para o noviciado da companhia de Jesus em 1691. Morreu em Dijon no anno de 1702[1].

S. *Francisci Xaverii hymni sacri et officium.* Divione, J. Ressayre, 1705, in 12.

Ha varias outras edições.

Foi este pequeno officio traduzido para verso por François Boudot, mestre da cidade de Dijon, em livro intitulado: *La dévotion à Saint François Xavier.*

---

[1] Augustin et Alois de Backer, *Bibliothèque des écrivains de la compagnie de Jesus*, vol. 5, pag. 332

Dijon, Reissayre, 1705, in-12. Paris, Mariette, 1717, in-12. Encontra-se ainda em differentes edições das *Pratiques de piété à l'honneur de Saint François Xavier*, pelo padre Duponcet.

Mémoires sur la vie et les ouvrages des PP. Antoine Vieyra, Melchior Inchofer, Denis Petau, Fronton du Duc, Jules Clément Scotti, Jacques de Billy, Jean Garnier: nas *Memoires du P. Niceron*, tomo 24, 25, 27, 28, 29 e 40.

OUTREMAN, ou **OULTREMAN (PIERRE D').**— Nasceu em Valenciennes no anno de 1591. Foi admittido na companhia de Jesus na idade de vinte annos. Morreu em 1656 [1].

La vie miraculeuse du P. Joseph Anchieta de la Compagnie de Jesus: écrite en portugais par le P. Pierre Roderiges, puis en latin, augmentée de beaucoup par le P. Sebastien Baretaire, finalement traduite du latin en français par un religieux de la même Compagnie. A Douay, de l'imprimerie de Marc Wion, 1619, in-12 peq., 462 pag.

Tableau des personnages signalés de la Compagnie de Jesus. Exposés en la solemnité des SS. Ignace et Xavier celebrée par le Collège de la Compagnie de Jesus. A Douay, chez Balthazar Bellère, 1623, in-8.°, 511 pag.

Tableau des personnages signalés de la Compagnie de Jesus. Exposés en la solemnité des SS. Ignace et François Xavier, par un père de la même compagnie. A Lyon, chez Claude Rigaud et Claude Obert, 1627, in-8.°, 511 pag.

OVIEDO (ANDRÉ DE ——).— Patriarcha da Ethiopia, natural de Illescas, e enviado em 1541 por Santo Ignacio a Paris, para frequentar os estudos da universidade. A pedido de El-Rei D. João III de Portugal, foi enviado á Ethiopia, e falleceu em 1580.

Duas cartas datadas dos annos 1566 e 1568 foram insertas pelo padre Fernão Guerreiro n'uma de suas obras: *De Abyssinorum rebus.*

O padre Antonio Arana escreveu a vida d'este patriarcha, e o padre Nierembergh deu uma noticia ácerca do padre Oviedo no seus *Claros Varones*, tomo I, pag. 312-347.

OVINGTON (JEAN ——).

Voyages de ——, faits à Surrate et en d'autres lieux de l'Asie et de l'Afrique, avec la révolution du royaume de Golconde et des observations sur les vers à soie. Traduit de l'anglais. A Paris, chez Guillaume Caveliers fils, 1725.

«O calor é violento apesar de jazer a ilha da Madeira a 30° e 40° de latitude. Aqui as febres são mui perigosas *por causa do calor desmedido da ilha.* N'esta ilha os conjuges casam-se sem que anteriormente se tenham visto um ao outro, em conformidade com o costume de Portugal.

«Emquanto eu estive na Madeira, certo mancebo mui rico não conseguiu ver sua joven esposa senão na vespera da ceremonia. Acompanhado do irmão da mesma permittiram-lhe que olhasse por uma fresta. Viu então duas meninas. Perguntou qual d'ellas lhe estava destinada. Deram-lhe em resposta: «Amanhã o

---

[1] Augustin et Alois de Backer, *Bibliothèque des écrivains de la compagnie de Jésus*, vol. I, pag. 537.

saberem.» E em porque o auctor dá a entender que a ilha está cheia de maridos em desharmonia com as mulheres, e as mulheres em desharmonia com os maridos.

«No Malabar os maridos offerecem suas mulheres aos hospedes que vão fêor em casa d'elles.

«Na lingua do Mogol não se admittem palavras estrangeiras, embora as vezes se vejam obrigados a servirem de grandes circumloquios

«Não ha lingua tão galante e tão engraçada como a lingua dos siamezes. N'ella não ha distincção entre genero masculino e feminino.»

OWENSON (MISS ——).

The Missionary: an Indian Tale. (Portuguese in East-Indies). 4th edition. 3 vol. With portraits. London, 1811.

P

«Ceux qui, avant ce Prince (D. Henri), s'étaient exposés aux fureurs des flots, avaient découvert la fin du monde, qu'ils avaient fixés à certains degrés du tropique des européens; mais Henri fit voir que ce n'en était-là que le commencement. Ses pilots forcèrent cette barrière, et se trouvèrent tout d'un coup dans un autre univers. On vit, pour la première fois, des hommes d'une espèce nouvelle, qui faisaient peur; car ils étaient noirs depuis les pieds jusqu'à la tête. On découvrit un autre firmament, des monstres et des plantes nouvelles.

(*L'Espion Chinois*, vol. I, pag. 219.)

P.

Visit to the portuguese possessions in SW. Africa. Translated by H. E. L. 2 partes. London, 1845.

P. D. M. E.

In aplauso de la primera Dama de la compañia castellana, en la primera comedia que representó en Lisboa, este año de 1789, intitulada: También hay duelo en las damas. Soneto acrostico.

P. D. P.

Description de la Nigritie par ——, ancien Conseiller au Conseil Souverain du Sénégal, et ensuite commandant du Fort Saint-Louis de Gregoy, au royaume de Juda, et à présent Gouverneur pour le Roi de la Ville Saint-Die-sur-Loire. Enrichie de cartes. A Amsterdam, et se trouve à Paris chez Maradan, libraire. 1789, 8°, VIII-284 pag. Com mappas e bellas estampas.

«... De maneira que, desde Cabo Branco até Serallionne, inclusivamente, não ha mais do que pavillião francez que alli póde commerciar; as embarcações de qualquer outra nação podem alli ser captivadas, e tomadas como navios de contrabando, exceptuadas as embarcações portuguezas nos rios de Casamansa, Carlum e Bissau.» Pag. 87.

«... convíria tambem, com o fim de evitar para o futuro qualquer especie de desmando, que fosse inserto no tratado com a Inglaterra, acerca d'esta con-

cessão, alem do termo geral desde Cabo Branco até á ribeira de Seralionne, inclusive, que n'elle se addicionasse o que abrange desde Cabo Branco, Portaudia, rio do Senegal e suas dependencias, Gorée, a ribeira de Gambia e suas dependencias, e todas as ribeiras entre esta ultima e a de Seralionne, inclusivamente, e suas dependencias, sem prejudicar os direitos dos portuguezes nas ribeiras de Casamansa, Cachéu, etc.

«Os portuguezes recusaram algumas vezes admittir navios francezes a commerciarem em Bissau, direito que a França sempre teve e que sempre exerceu com elles, com exclusão de qualquer outra nação.» Pag. 88.

«Antes que os portuguezes houvessem construido o forte que têem no Bissau, faziam alli os francezes o mesmo commercio que os portuguezes, tanto na ilha como na ribeira e suas ilhas vizinhas. Pretendem hoje que o seu forte deve dominar a bahia, e prohibem aos francezes o commercio que sempre fizeram n'esta parte da costa; e achando-se alli mais fortes, desde alguns annos que têem afugentado nossos navios.» Pag. 134.

Traz esta obra bastantes noticias ácerca de Dahomey.

«Como aquelles povos são creados na mais profunda ignorancia, não pódem deixar de ser supersticiosos, pois os portuguezes por estes paizes o são extraordinariamente.» Pag. 202.

«Quando os padres d'esta nação se dispõem a ir dizer missa, têem cuidado, antes de seus actos de galanteria, de cobrirem com um lenço ou com um trapo as imagens que estiverem no quarto, com o fim de que não vejam o delicto. Este acto, dizem elles, não passa de um peccado venial, e vemol-os no mar, quando o navio é surprehendido por um temporal, dirigirem orações a um pequenino Santo Antonio de pau, que trazem sempre nas suas embarcações.

«Depois de orações repetidas, se não volta o bom tempo, lançam uma corda ao pescoço de Santo Antonio e o lançam ao mar, sendo rebocado pelo navio. Vae, pois, o Santo Antonio á sirga. Finalmente quando ao mau tempo succede o bello, puxam então pelo Santo Antonio, lavam-o muito bem, vestem-lhe seus melhores fatos e lhe dirigem novas orações; pedem-lhe que lhes perdõe por assim o haverem tratado, mas que se o foi a culpa teve-a elle, pois não deu bom tempo. E por fim vão com muita devoção pol-o no seu nicho.» Pag. 203

No fim do volume apparece uma lista e dialogos na lingua de Guiné.

P. G.

The history of the empire of Musulmans in Spain and Portugal. 1 vol. in-4.° London, 1815.

P. M. F. R. V.

A la inmortal Infanta de Castilla la Señora D. Maria Francisca de Asis, por su incomparable heroismo y sagacidad en la partida de Cadiz, de donde la Reyna nuestra Señora y las Serenissimas Señoras Infantas D. Maria Francisca y D. Maria Teresa. Sevilla, Imprenta real y mayor, 1823, 4.° de 8 pag.

P. V.

Escreveu amplamente no *Messager de l'exposition*, a respeito da secção portugueza na exposição de Paris em 1868.

«Le grand service que les portugais rendirent à la civilisation, c'est donc d'avoir les premiers élargi le cercle du monde civilisé par leurs voyages de découvertes autour de l'Afrique jusqu'aux Indes.»

PACCA (CARDINAL ——).

Notizie sul Portogallo con una breve relazione della nunziatura di Lisbona. 1795. 1802. Modena, 1836, 8.°, 1 vol. xv-436 pag.

Memoires historiques sur les affaires ecclesiastiques d'Allemagne et de Portugal pendant ses nuntiatures. Traduit par Siounet. Paris, 1844.

PACHECO (FR. DUARTE ——).—Del orden de nuestro padre San Agustin.

Sermon de la Santissima Trinidad: predicado por el P. Maestro —— a Marcos Fernandez Mensanto, Caballero del habito de Cristo, Fidalgo de la Casa de Su Majestad, y administrador general de todos almoxarifazgos de Sevilla e Indias. Año 1636. Con licencia. Impresso em Cordova por Salvador de Ca. 4.°, 9 folhas.

PACHECO (FR. PLACIDO ——).—Monge y Abbad de S. Benito en el monasterio de Sevilla.

Traduziu para castelhano o *Compendio da vida espiritual*, obra do arcebispo de Braga, D. Fr. Bartholomeu dos Martyres. Valladolid, 1604.

PACHECO (P. M. FR. MIGUEL ——).—Religioso da ordem de Christo e administrador do hospital de Santo Antonio dos portuguezes da villa de Madrid, na mesma igreja pregado.

Sermon del glorioso padre Santo Antonio. Lisboa, officina de Manuel Lopes Ferreira, 1694, 4.°, 20 pag.

PADISHANAMAH (HISTORIA DO MOGOL ——).

Obra escripta em lingua persa, onde se trata dos feitos dos nossos no Oriente. Entre muitas outras contas apresenta uma narração minuciosa do cerco e tomada de Hugli e a relação dos feitos dos nossos em Chitagong.

A pag. 433 do vol. I, dá uma conta por miudo do cerco e tomada de Hugli. Mais adiante ainda se refere a elle nas cartas a Nazr Mohammed Khan, dominante de Balkh, e ao Schah da Persia.

A pag. 524 descreve-se a sorte dos captivos. No segundo volume ha uma relação dos portuguezes em Chitagong[1].

PADRE FEIJÓO (O).

É o mais moderno e o melhor de todos os criticos de Hespanha, e o que melhor e mais sabe raciocinar. Este celebre padre benedictino é mui conhecido

---

[1] Tolbert, *Antiguidades para a historia dos portuguezes na India.* No *Instituto* Vol. de Nova Goa, 1854, pag. 190.

pelo seu theatro critico e universal, acerca dos erros communs em todos os generos.

Durante o tempo que este religioso trabalhou n'essa grande obra, não cessou de servir de alvo ás settas da superstição e da intriga. E para assombrar que tenha escripto com tanta liberdade n'um paiz como a Hespanha, sem se comprometter com a inquisição. Não teve, porém, menos inimigos, que, sem o poderem perder, lhe occasionaram muitas desgraças, Foi confessor da verdade, com risco, mais de uma vez a vir a ser martyr.

Atacar a maioria dos milagres, a relaxação do clero, a ignorancia dos monges, a injustiça dos reis, a escravidão dos povos, a falsa philosophia, os preconceitos, os abusos da peregrinações, os exorcismos e a incerteza da medicina, era attrahir contra si o odio de todas as ordens do estado.

Os escriptos satyricos e os libellos diffamatorios corriam contra elle, e com furor. Consideraram, sobretudo, como um crime, o ter elogiado Bacon, Descartes e Newton, uns por serem hereges, e outros por se terem desviado da doutrina de Aristoteles.

Todavia o padre Feijóo tinha do seu lado os verdadeiros sabios e os suffragio de todos que tinham sacudido o jugo dos preconceitos.

Apenas um volume do seu theatro critico apparecia impresso, toda a edição n'um apice era vendida, e era mister recomeçar outra. Escreviam-lhe de todos os logares pedindo-lhe avisos e esclarecimentos, e propunham-lhe duvidas. Apesar de tudo quanto tinha publicado contra os medicos, a faculdade de Sevilha considerou como um dever o pol-o em o numero dos seus sabios, como um dos homens que tinham fallado mais racionalmente ácerca de um tal assumpto.

Suas obras, que consistem em quatorze tomos, abrangem todos os generos de assumptos, e são as mais proprias a esclarecerem os hespanhoes.

Discute, esclarece, julga e pronuncia, ou, se não se atreve a isso, põe os leitores a caminho, e deixa entrever sua opinião, que é sempre o mais justo.

PADRON (D. ANTONIO JOSÉ RUIZ ——).

Diputado proponendo para regente del reyno á la Serenisima Señora D. Carlota Joaquina de Bourbon, Princesa del Brasil y Infanta de las Españas. Entregado á uno de los secretarios de las Cortes generales y extraordinarias para leerse en una de las sesiones de marzo de 1813. Precede una advertencia del editor, que la publica con licencia del mismo. Madrid, imprenta de Davilo, 1814, 4.º de 3 pag.

PAES (PEDRO ——).—Celebre missionario, natural de Olmeda, na diocese de Toledo. Aos dezoito annos entrou para a companhia, em 1582, e embarcou para Goa em 1588. No anno seguinte quiz penetrar na Ethiopia disfarçado em armenio, mas caiu nas mãos dos turcos, e padeceu um duro captiveiro pelo espaço de sete annos. Resgatado em 1596 voltou a Goa, e embarcou segunda vez para a Ethiopia em 1603. Foi tão feliz que penetrou n'este paiz e n'elle viajou durante dezenove annos. Falleceu em 1622. Escreveu varios trabalhos na lingua ethiopica.

Pierre Jarric traz duas cartas d'elle na sua *Historia das Indias Orientaes*, tomo III, livro I, cap. XXXII e XXXVI.

Lettres annueles de l'Ethiopie, pour l'an 1617. Traduzidas para italiano. Milão, 1621. Napoles, 1624.

PAGES (ALPHONSE ——).

«No *National*, de Paris, de 1 do corrente, chegado hontem, publica Alphonse Pagès uma nova correspondencia de Lisboa descrevendo as duas ultimas sessões do congresso litterario, e da ida a Cintra, com apreciações muito correctas e muito justas a respeito do nosso paiz, e dando demonstrações de muito affecto aos membros portuguezes do congresso. Do panorama que se desfructa proximo do hotel Victor, elle diz: «É bello acima de toda a descripção, embora seja a do grande poeta britannico».

— Qual é a cousa de que mais gostou em Portugal? — perguntou o Rei D. Fernando a Ladislau Mickiewicz, o filho do grande escriptor polaco.

«De liberdade! — lhe respondeu este[1].»

PAGHETTI (ALESSANDRO MARIA ——).

Alla nobiltà di Portogallo in engrazimento della generosa assistenza prestata al divertimento musicale nell' anno 1737.

É um soneto.

PAGHETTI (FRANCESCA —— DI BOLOGNA).

Lisetta e Tronello. Intermezzo posto in musica dal Signore Giovanni Battista Pergolesi. Rappresentato in Lisboa nel Teatro alla Trinità. Dalli Signori ——. Carlo Passerini di Bologna. 16 pag.

PAGNONE. — Capellano di S. Maestà il Re d' Italia.

A Sua Maestà Maria Pia, Principessa di Savoia, eposa a Don Luigi di Braganza, Re di Portogallo nel giorno delle augusto nozze 27 settembre 1862. Omagio del Indegno cavaliere ——. Torino, 1862. São doze sextilhas.

PAKAI (JOÃO ——). — Jesuita, hungaro.

Amoris ac doloris duellum pro Magno Indiarum Apostolo S. Francisco Xavero. Cassoviae. 1673[2].

PALACIO (D. MANUEL DEL ——). — Poeta hespanhol.

Separado del rebaño
en una noche de invierno
un otro animal estraño
trajinó un pobre cordero.
Al verle tan grande que él
y de aspecto muy decente,
pues llevar galan de piel
no es para toda la gente,
con la pata entumecida
alzóle la cabeza;
y esta pública sentida
entre los dos se entabló:
— Buenas noches.
— Donde vas?
buen cordero, por aqui?
— Me alejé de los demás
y en el monte me perdí.
— Tendrás hambre?
— Y sueño y frio.
— Conmigo á mi lado ven,
y será lo tuyo mio...

[1] *Diario de noticias* de 7 de outubro de 1866.

[2] Augustin et Aloys de Backer, *Bibliothèque des écrivains de la compagnie de Jesus*, vol. VI, pag. 113.

—Y lo de entrambos?
— También.
En la caridad me empleo
y soy persona formal.
— Eres rico?
—Ya lo creo.
— Como te llamas?
— Chacal.
—Vamos, pues, a mi guarida...
—Admito tu proteccion.
— Allí te daré en seguida
buena ropa de algodon.
Ya verás que bien se come.
Y de que te cubrirás?
— De aquello que yo me tome
y lo que tu me darás.
— En el Africa lejana
soy propietario, eso sí!...
Pues tengo yo poca gana
de esparcirme por allí...
....
Desgraciado Portugal!
Hasta hoy que usurpó tu tierra
no viste, por tu mal,
bajo la pel del chacal
las orejas de Inglaterra?

Recitou em Madrid, no anno de 1871, a seguinte poesia: *A los escritores portugueses*, por occasião da ida áquella cidade de varios escriptores portuguezes:

Juntos ayer, el Indico oceano
acometiendo hazañas de titanes
vió á Pizarro, Cabral y Magallanes,
Meneses y Quirós, Gama y el Cano.

Juntos dieron su sangre al africano
cien de nuestros valientes capitanes,
y juntos lamentaron sus afanes
dos genios, gloria del linage humano.

Si ambiciosa y feroz la tirania
robaros pudo vuestra dulce calma
en triste edad para la patria mia,

Ya agostado el laurel, seca la palma,
por otra union brindemos este dia:
la que enlaza el cuerpo, sino el alma.

PALACIO (P. PAULO DE ——).— Natural de Granada e lente de theologia em Coimbra.

Suma Caietana, sacada en lenguaje castellana: con annotaciones de muchas dubdas y casos de consciencia por el M.r Paulo de Palacio, natural de Granada. Por mandado y con approbacion del Rev.mo e Serenissimo S. D. Henrique, Cardenal, Inf. de Portugal y Arçobispo de Ebora. Fué impreso en Lisboa en casa de Joannes Blario de Colonia. Acabóse a los xx dias de mayo de 1557. Com privilegio real.

PALAU (FRAY FRANCISCO ——).— Maestro en S. Teologia, de la orden de predicadores, natural de Barcelona.

Sermones de tiempo, del Padre Francisco Mendoça de la Compañia de Jesus, doctor en la Sagrada Theologia, y Lector que fué de Escritura en la universidad

de Kuera. Traducidos de lenguas portuguesa en castellana por el muy reverendo padre ——. En Barcelona, por Pedro Lacavalleria, 1642, in-4.°, 2 vol.

PALAZZI (CARLO FRANCESCO —— DE CESENA).

L'Eroide Lusitana per l'Illustrissimo & Eccellentissimo Sig. D. Francesco de Souza Conte di Prado, Marchese delle Mone, &c. Ambasciator Straordinario d'Obedienza alla Santità di N. S. Clemente IX. per l'Altezza Reale del Serenissimo Principe, Governatore e Successore de i Regni di Portogallo. Poesia all' Illustriss. & Eccellentiss. Sig. D. Pietro de Sousa. In Roma, per Francesco Tizzonni. 1669, 4.°

PALLOTTA (DOMENICO ——).

Per la partenza dell' Illustrissimo ed Eccelentissimo Signore Don Rodrigo Anna de Sou, Almeida y Menesis, Marchese di Fontes, &c. Roma ove parla. Sonetto. In Roma, per Antonio de' Rossi alla Piazza di Ceri. 1617.

PALMERSTON (VISCOUNT ——).

Speech, the 1 June 1829, in Portugal. London, 1829.

Speech of upon the relation of England with Portugal. London, 1830.

Speech in the house of Commons. 19 April 37 on the Civil War in Spain. London, 1837.

Speech respecting the relations of England with Portugal. London, 1829.

PALOMARES (D. MARTIN DAVILA Y ——).

Poema natalicio en celebracion del nacimiento del muy augusto señor Infante de Portugal, hijo segundo de la Magestad del señor Rey Don Pedro, segundo de este nombre, a quien se le dedica por mano, y direccion del ilustrisimo señor Don Joseph Faria, cavallero de la Orden y Cavalleria de Christo, embiado que fué en Inglaterra por el señor Rey de Portugal, y oy en esta Corte de Madrid.

É una poesia.

PALUDANO (FR. HENRIQUE ——).—Minorita da provincia da Germania inferior.

Vita Sanctae Elisabethae Reginae Portugalliae.[1]

PANDOLFO (BERNARDO ——).

La vita del Beato Giovanni di Dio. Neapoli, 1631.[2]

PANEGYRICO *apologetico por la desagraviada Lusitania, de la servitud infame, del tyranico yugo, de la insuportable tiranniа de Castilla. Con el derecho, eterna, y cayado de Don Juan IV, Rey justo, legitimo señor y buen padre. Año tercero de su continuidad.*

Al terrible y magnifico y al que quita la vida y espíritu a los Principes, el superior con los Reyes de la tierra. Psalm. 75.

Traducido de latin en castellano. Año 1641. Con licencia y privilegio. Im-

---

[1] Bibl. Ant. Hispana Nov., vol. II, pag. 378.

[2] Ibid., vol. II, pag. 377.

preso en Paris, y ahora en Barcelona, en la imprenta de Jaime Romeu, delante Santiago. Y a su custa. 8.° 16 fl. numeradas.

Bibliotheca publica de Lisboa.

PAOLO, P. DI G. M. G.

Ristretto di grammatica portoghese. Roma, 1846.

PAOLUCCI (SCIPIO ——).—Jesuita, napolitano.

Francisci Xaverii prodigium in P. Marcello Mastrillo momento temporis curato. Neapoli, apud Lazzarum Scorigiam, 1634, in-8.°

PAPEBROCHIO.—Critico celebre.

Escreveu ácerca das Rainhas portuguezas santas Thereza e Sancha, no *Acta Sanctorum,* a 17 de julho.

Impugnou um livro composto pelo nosso celebre padre Macedo ácerca das mesmas santas. Porém na conferencia do dia 14 de agosto de 1721, o socio da academia de historia, Martinho de Mendonça de Pina defendeu Macedo das arguições que lhe fizera Papebrochio.

PAPEL CURIOSO *entre Bobos anda en juego, unos muy tontos y otros muy cuerdos. Rasonamiento entre un cavallero y una dama.*

Guerra da acclamação.

PAPERS *relative to Portugal. Correspondence relative to the British demandes upon the government of Portugal.* London, 1831, 2 vol., fol.

PAQUIS (MR. ——).

Histoire d'Espagne et de Portugal, par ——. 2 vol. Paris, 1836.

PARADA (D. JUAN DE BAENA ——).—Presbytero, natural de la coronada villa de Madrid.

Epitome de la vida y hechos de Don Sebastian, dizimo sexto Rey de Portugal y único de este nombre. Jornadas que hizo á las Conquistas de Africa, y su muerte desgraciada. Con discursos escolasticos, politicos, historiales y morales, deduzidos de la misma historia. Dirigido á la Serenisima Reyna de los Angeles, Maria Santisima, Señora nuestra, con titulo de la Soledad. Por el licenciado ——. *Con privilegio.* En Madrid, por Antonio Gonzales de Reyes. Año de 1692, 8.° gr. 210 pag. afóra muitas innumeradas.

Esta obra é precedida de um grande numero de poesias hespanholas, entre as quaes as seguintes, de D. Pedro Francisco Lañini, sagrado censor de las comedias.

Más á tu pluma que á tu patria deve
El Lusitano Marte Esclarecido;
Pues á luz la verdad has reducido.
De su fama inmortal su vida breve.

La incredula Opinion de su fiel Plebe
De esperarle aun ay vivo, has convencido:
Oh! Lealtad, que á borrarte, ni el olvido,
La muerte, ni aun el tiempo no se atrebe

Triunfar del Rey el número excesivo,
Pudo, de la infiel huste agarena;
Morir pudo á su mismo ardor valiente:

Mas conservale en la memoria vivo,
(Aun más que el bronce puede, ó gran Roma,
Tu ingenio con rhetorica eloquente).

E tambem est'outra de D. Pedro de Zayas:

Triunfa la muerte de la humana Vida:
Mas menguando la fama sus Victorias
En Marmoles, en Bronces y en Historias,
Ecos resuena su Altivez rendida.

El tiempo en su carrera envejecida,
Borra á la Fama sus mayores glorias,
Ya entregando al olvido sus memorias,
Ya dejandola en dudas sumergida.

Tu pluma (ingeniosisimo Baena),
De estos comunes lindes elegante
Trasciende al lusitano defendido.

De la mentira, que su ser condena,
Triunfando eterna la verdad constante,
De la Muerte, la Fama y el olvido.

PARALLÈLE.—F. R. P. B. **

L'Apologie d'un jésuite, ou rélation véritable d'un voyage merveilleux à Lisbonne. A la Flèche, 1761.

PARAVICINO (HORTENSIO FELIX ——).—Predicador de su Magestad, del orden de la Santissima Trinidad, y Redencion de cautivos.

Santa Isabel, gloriosissima Reyna de Portugal; Sermon ú oracion evangelica en la Solemidad de su Canonizacion el Maestro Fray la dixo. En Madrid, en la imprenta real, año 1625.

Aora en Lisboa, en la imprenta de Domingos Lopes Rosa, año 1664. 4.°, 32 pag.

PARDIES (IGNACE GASTON ——).—Jesuita natural de Pau, onde nasceu em 1632. Ensinou mathematicas no collegio de Luiz o Grande e falleceu em 1673[1]

[1] Augustin et Aloys de Backer. *Bibliothèque des écrivains de la Compagnie de Jésus*, vol. 5, pag. 337.

Les miracles de S. François Xavier, Apôtre des Indes, traduit de l'italien du P. Bartoli. Avec un discours sur la crédende des miracles. Paris, chez Michelet le Petit, 1672, in-12, 312 pag. afóra o prefacio.

Nouvelle édition. Paris, le Petit, 1740, in 12.

PARDO (GERONIMO ——).— Antes lector de theologia en Alcalá y Salamanca, y ahora assistente provincial de los clerigos regulares menores; calificador de la suprema y visitador de los libros y librerias de estos reynos, por comision del consejo de la santa y general inquisicion.

Discursos evangelicos, para las solemnidades principales de los Santos. Con tres indices copiosos de escritura, de cosas notables, y para las ferias mayores de la Quaresma, y otro al principio de los discursos. En Lisboa, por Domingos Carneiro, año 1661.

Vem n'esta collecção um sermão do nosso Santo Antonio, prégado em Madrid na igreja de Los Angeles.

PARIS (GASTON ——).

No seu admiravel livro *Histoire poétique de Charles Magne*, caracterisa em uma pagina toda a acção que os portuguezes exerceram sobre a transformação das Gestas Carolinas francezas[1].

PARISOT (VAL ——).

Petite histoire du Portugal, d'Angleterre, d'Allemagne et d'Espagne. Paris, 1841.

Petite histoire du Portugal. Paris, 1841.

PARLIAMENTARY *papers in session 51, George III.* London, 1811. *Treaty of alliance with Portugal.*

PARRA (JUAN ADAM DE LA ——).— Advogado de la Inquisicion.

Apologetico contra el tirano y rebelde Verganza y conjurados Arzobispo de Lisboa y sus parciales en respuesta á los doze fundamentos del padre Mascareñas. Zaragoza, por Diego Dormer, 1642, in-4.°

É um ataque á obra do jesuita portuguez Ignacio Mascarenhas, em defeza dos direitos do duque de Bragança, com o seguinte titulo:

Justicia del inclyto D. Juan el IV de Portugal, arbol de los Reyes portugueses y Casa de Braganza, Leyes de Lamego, &c. Barcelona, por Jacques Romeu, 1642, in-4.°

PARRA (JUAN MARTINEZ DE LA ——).— Jesuita, natural de Puebla de los Angeles.

Panegirico de S. Francisco Javier. En Mejico, por Calderon, 1690, in-4.°

PARRINO (DOMENICO ANTONIO ——).

Tributo Ossequioso alla grandezza e resguardevolissime Prerogative di Sua Eccelenza il Signor D. Rodrigo Annes de Sa, Marchese di Fontes, dec. Ambasciatore

---

[1] Apontamento fornecido pelo sr. dr. Theophilo Braga.

dore Extraordinario per Sua Maestà Portughese alla Corte Romana. Sonetto dedicato all' Illustrissimo & Eccellentissimo Signor, il Signor D. Gioachino Annes de Sa, Conte de Penafiel, dignissimo Figlio di Sua Eccelenza. Roma, nella Stamperia della Rev. Camera Apostolica, 1715.

Il plausso trionfante; espressione d'ossequiosissima Lode al merito impareggiabile di S. E. il Signor D. Rodrigo Annes de Sà Almeida e Menezes, Marchesi di Fontes & Ambasciatore Estraordinario di S. Maestà il Re D. Gio. V di Portogallo alla Corte del Romano Pontifice. Sonetto.

Espressione Rispettossissima al merito sublime dell' Illustrissimo e Reverendissimo Signore, il Signor Abbate D. Giuseppe Cesare di Menezes, Priore della Reale ed Insigne Collegiata di Sedofeita. Sonetto. Per mavella testimonianza dell' Umilissimo Ossequio di ——. In Roma, nella stamperia della Rev. Cam. Apostolica, 1715, fol.

PARTICULARS *and correspondent documents relative to the french aggression on Portugal.* London, 1831.

PASIO (FR.).

Copia d'una breve relatione della Christianità di Giappone, del mese di marzo 1598, insino al ottobre del medesimo anno, e della morte di Taicosoma, signora d'Q. Jetto Regno. Roma, 1601, 8.° peq.

Existem alguns exemplares em que se lê: Venezia, appr. Ciotti, 1601, in-8.° [1]

PASKAART *van een gedeelte van de kust van Portugal, van Zurara tot 7 à 8 mgl. temgde de Berlenyen.* Amsterdam, J. van Keulen (1708).

Carta de navegação. 0m,50 × 0m,57.

PASKAART *van Galisien van C. de Finisterra tot aen Zurara, mel al zyn diepte en droogte.* Amsterdam, J. van Ceulen, 1708.

PASSARGE (L.).

Aus den Westgren Spanien und Portugal. Reise-Erinnerungen und Kulturbilder. Leipzig, 1883, 2 vol.

Vol. II, cap. III, *Batalha*, pag. 263. Camões, estrophe dos *Lusiadas: O vencedor Junnor;* texto portuguez e versão allemã, por Donner. Cap. IV: *Coimbra; Porto; Monumento a Camões.*

PASTORET.

Moyse considéré comme législateur.

O autor cita n'esta obra as escriptas e opiniões de varios judeus portuguezes.

PATERNINA (ESTEVÃO DE ——) ou PERALTA.— Jesuita, natural de Logroño.

Vida del padre Joseph de Anchieta, de la compañia de Jesus y provincial del

---

[1] Bombarda et G. Brunet, *Supplément au Manuel du libraire de Brunet*, vol. II, pag. 171.

Brasil. Traducida de latin en castellano por el padre ——. Salamanca, en la imprenta de Antonio Ramirez. Año 1618. 8.º, 430 pag.

PATIN.

Na sua obra: *Études sur les tragiques grecs*, 3.ª edição, Paris, 1865, trata da Ignez de Castro portugueza.

PATRIGNANI (GIUSEPPE ANTONIO ——). — Da companhia de Jesus.

Lettere di San Francesco Saverio, della compagnia di Giesù, dal padre Orazio Forsellino già in latino e ora in vulgar, pubblicate dal P. ——. In Venezia, per Niccoló Pezzana, 1716, in-8.º, 332 pag.

PATTYN.

Le commerce maritime fondé sur le droit de la nature et des gens... Malines, 1727.

Contient: «Les lois de la navigation des portugais et une recherche très-profonde sur le commerce des espagnols aux Indes Orientales.»

PAUKE.

Reise in der Missionen nach Paraguay. Zur Gesch. der Missionen und der Jesuiten. Wien, 1829, in-8.º

PAULET (JULES ——).

Don Luis de Camoëns, ou le poète voyageur.

No *Buletin de la société de géographie*, 23 de março de 1861. Pag. 1 a 15.

PAUTHIER (G.).

Histoire des relations politiques de la Chine avec les puissances occidentales, depuis les temps les plus anciens jusqu'à nos jours, suivie du cérémonial observé à la cour de Pekin pour la reception des ambassadeurs. Traduit pour la première fois dans une langue européenne, par ——. Paris, 1859, 8.º de xx–238 pag.

PAW (M. DE ——).

Recherches philosophiques sur les grecs, par ——. Berlin, 1788, 2 vol., in-8.º

A pag. 111 do vol. 1, diz o seguinte, fallando acerca da degeneração dos gregos:

«Em Portugal e na Hespanha notou-se até mesmo que as familias nobres são constantemente as mais estupidas; e, se ácerca de outros paizes houvessemos feito observações similhantes, haveriamos talvez obtido os mesmos resultados. Sem fallarmos das consequencias de uma educação viciosa, que não queremos confundir absolutamente com as causas physicas, podemos facilmente explicar o que se observa na Hespanha e em todo o Portugal por causas mui simples. Suppunhanhos que existem n'um pequeno paiz isolado noventa fidalgos imbecis, e que sómente ha casamentos entre os membros d'estas familias, e nunca fóra d'estas; n'esse caso a fraqueza dos paes se transmittirá de tal modo aos filhos, que o estado nada de bom poderá esperar da posteridade de uma tal raça, e ella

ha de acolar por se assimilhar a esses arbustos que nunca foram enxertados, e cuja seiva elemento póde ser melhorada com a infusão de uma seiva estranha.»

PECCHIO (JOSEPH ——).

Trois mois in Portugal. Lettres. Traduction de l'italien, par L. Gallois. Paris, 1822.

Tre mesi in Portogallo nel 1822. Madrid, 1822.

Lettres historiques e politiques sur le Portugal, par le comte ——, publiées par M. Leonard Gallois. Paris, ... 1 vol., in-8.°

PEDRO AND INES. *Ein deutsches Originaltranerspiel in versen von funf Aufzugen.* Wien, 1771.

No prefacio ha referencias a Camões e vem traduzida a estancia dos *Lusiadas* que começa: «Passada esta tão prospera victoria».[1]

PELLICIER (D. JOSEPH DE TOVAR ——).

Sucesion de los Reynos de Portugal y el Algarve. Logroño, 1641.

Casa de los Condes de Torres Vedras en el reyno de Portugal. Madrid, 1646, fol.

PENA (FR. JOSEPH IGNACIO DE LA ——).— Jubilado en sagrada teologia, presentado de cathedra de los de justicia, y numero en sua provincia de Castilla, de dicho real orden.

Sermon de la gloriosisima Virgen Señora Nuestra, Maria Santissima de la Merced, ó Misericordia, en la festividad de su admirable Descension de el Celestial, Real y Militar Orden de la Merced, Redencion de Cautivos. Predicole el M. R. P. M. ——. Dizele en su Hospicio de la Corte de Lisboa Occidental. Ofrecele al Excelentissimo Señor D. Francisco Xavier de Meneses, Conde de Ericeira, Señor perpetuo de esta Villa, Puerto, y su partido, y de la Villa de Ancião, Escampados, S. Blas, y sus dependencias; Señor de la Casa de Louriçal, y de el Patronazgo de Santa Maria de Aguiar y otras; Comendador en la Orden de Christo, de las encomiendas de Santa Christina de Sarcedo, S. Pedro de Helvas, S. Bartholome de Castillas, San Martin de Frazão, S. Cypriano de Angueira, S. Pelayo de Fragoas; de el Consejo de Su Mejestad, Mariscal de Campo de sus Ejercitos, Diputado de la Junta de los tres estados de el Reyno, Director, y Censor de la Academia Real de la Historia Portuguesa, Academico de los Arcades de Roma, &c. Lisboa occidental. En la oficina Ferreiriana, 1733, 4.°, 27 pag.

PENE (M. HENRI DE ——).

Espagnols portugais.

Vem citada esta obra a pag. 22 do *Parallèle entre le Marquis de Pombal et le Baron Hormayr.* Paris, 1869.

PENINSULAR (THE) *historic, romantic and literary magazine. Edited by H. de Lizeu Jun. First quarter.* London, 1820. With four illustrations.

[1] Theophilo Braga, *Bibliographia portugueza*, pag. 219.

PENITENTE *reconocimiento de un pecador á la piedad inmensa de su Dios, que usando de su alta misericordia no confundió en desolacion total á la ciudad de Sevilla, en el formidable terremoto de el primero de Noviembre de 1755, á las diez y cinco minutos de la mañana, cuyo justo castigo solo pudo detenerlo el amor de Nuestra Reyna Soberana Virgen Maria, con el dulce titulo de Su Santísimo Rosario. Romance endecasyllabo.* En Sevilla, por Pedro Padrino.

PENNY (THE) *Pictorial News and family story paper.* Saturday, July 19, 1880. London, fol.

Na 1.ª folha traz os retratos de Vasco da Gama, de Camões, e a vista do desembarque dos restos mortaes d'estes dois personagens em Belem, e a pag. 3 a procissão civica desfilando por defronte do pavilhão real, e um pequeno artigo intitulado: *Os festejos em Lisboa em honra de Camões e Vasco da Gama.*

«O povo de Lisboa tem recentemente celebrado o tricentenario do seu poeta nacional de modo que todos que presencearam o ceremonial declaram ter sido realmente magnifico. Prestando d'esta maneira honra á memoria de um homem que tem lançado grande honra sobre o seu paiz, apresentou aquelle um exemplo que as outras nações poderiam aproveitar com vantagem; pois não ha festejos mais caros ao coração do povo patriota do que os conferidos como tributo de respeito a pessoas cujas obras se têem tornado como bens moveis, de que as gerações têem gosado.» ... all combining to prove in the most enthusiastic manner that the portuguese people of our day possess a lively sense of the honour reflected on them by their fellow-countrymen who fought and sung and sailed the sea more than 300 years ago.»

PEPPER (CHARLES ROCKLAND ——).

Le Portugal. Ses origines, son histoire, ses productions, le traité de Methuen et l'union ibérique. Paris. E. Dentu, 1879, 8.º gr., XIV–327 pag.

Esta obra é dedicada ao duque de Avila.

«Eis a occasião em que o auctor concebeu o projecto de escrever ácerca de Portugal uma monographia, que procurou tornar tão completa quanto possivel. Visitava, como tantos outros, a exposição universal, e tinha admirado a reproducção architectural do monumento portuguez, de que se tinham servido para a construcção da fachada e da secção portugueza.

«Tinha percorrido a exposição interessante d'este pequeno paiz, e tinha até mesmo procurado, para tornar esta visita mais fructuosa, o catalogo especial da secção. Sua leitura lhe havia deixado a vaga lembrança de que Portugal se achava, na escala das nações, nos ultimos logares, e n'um estado de profunda decadencia. Na França, como tambem em outros muitos paizes, conhece-se tão pouco a historia e mórmente a historia moderna, que era bem desculpavel. Por isso não ficou mediocremente espantado ao ver e saber que Portugal tinha, desde vinte e cinco annos, feito progressos consideraveis, sob o activo impulso de um governo sabio e liberal, tendo á sua frente um Principe instruido, e applicando-se ás letras e ás sciencias.

«Esta contradicção entre o que via e o que sabia, lhe deu a idéa de recorrer ás fontes, nas quaes tinha bebido seus conhecimentos, aliás muito imperfeitos, ácerca do paiz. Releu uma historia de Portugal muito bem feita, n'um muito bom

estylo, e devida á sabia penna de mr. Bouchot, professor de historia, distincto e erudito, da faculdade de Paris.

«Esta historia, publicada em 1854, exprimia-se em termos mui severos... o historiador descrevia o sombrio quadro em que o paiz tinha caído. Falava da desorganisação da marinha, da desorganisação horrivel das colonias, tornadas onerosas á metropole, do estado miseravel da agricultura e do commercio, da venalidade dos agentes publicos, do contrabando, da falta de estradas e de vias de communicação, e, o que contribuia para tornar o quadro mais lamentavel, do preconceito invencivel da nação contra a instrucção.

«Eis o que era Portugal em 1854, e em 1878 o auctor d'este livro o achava rejuvenescido, resumptado, para assim dizer, iniciado em todos os progressos, voltando a todo o passo para uma situação prospera, cheia de força e de futuro. Esta resurreição foi a seus olhos como um milagre. Julgavam Portugal morto, e elle attestava uma vitalidade extraordinaria, e um vigor incrivel.

«Este espectaculo era proprio para fazer pensar o auctor, e dar-lhe o desejo de penetrar mais avante no conhecimento d'este povo. E viu então quão pouco sabiam o que era esta nação, o que eram seus annaes, e que uteis documentos d'elles podiam ser encontrados. Que de maior do que a epocha heroica de sua historia? Que de mais maravilhoso do que a epocha da conquista das Indias?

«Camões apenas tinha tido o trabalho de relatar fielmente, n'uma linguagem digna dos altos feitos que elle celebrava, e do heroe cuja gloria cantava, os grandes acontecimentos que tinham assignalado a historia do seu paiz, para escrever um poema esplendido, pois os factos mais se assimilhavam a ficção da epopeia, do que á realidade da historia.

O augmento rapido d'este pequeno paiz conquistado sobre os infieis, sua grandeza tão assombrosa quanto subita, o brilhantismo das proezas de seus herroes, a successão não interrompida de tantos solemnes gloriosos, a phalange splendida de seus grandes homens, depois, repentinamente, uma decadencia profunda e a escravidão, e depois de um lethargo mortal, e que parecia definitivo, um livramento vigoroso e rapido, qual outro quadro, devia commover mais na historia do que este, e qualquer outra nação o poderia apresentar?

«A historia de Portugal é uma escola de heroismo, como disse o grande Imperador; e, alem d'isto, uma historia maravilhosa, por causa das bellas acções de Henrique de Borgonha, Affonso Henriques, Egas Moniz, Bernardo Freire, o *Cid portuguez*, Alvaro Pais, Pero Correia, Martim de Freitas, Giraldo Giraldes, Affonso II, Affonso III, o bom Rei Diniz, *O que de pero*, Affonso, o *Bravo*, D. João de Aviz, o santo condestavel D. Nuno Alvares Pereira, o infante D. Henrique, o Rei D. João II, D. Manuel, o *Afortunado*, e todos esses heroes da India, Vasco da Gama, Cabral, Pacheco, Albuquerque, Castro, Albuyda, até Vieira e Pombal.

PER LE FAUSTISSIME *nozze di S. A. R. la Principessa Maria Pia di Savoia con S. M. Don Luigi I, Re di Portogallo, festeggiate in Genova la sera del xxvm Settembre MDCCCXLIII nel Teatro Carlo Felice*, Genova, per Tommaso Ferrando, typographo del municipio.

PERALTA (D. MATHIAS DE CALDERON ——).—Primeiro de la Congregacion de S. Francisco Xavier

El Apostol de las Indias y nuevo gentes, S. Francisco Xavier, de la Compa-

ñia de Jesus. Epitome de sus apostolicos hechos, virtudes, enseñanza, y prodigios antiguos y nuevos. Mexico, imprenta de A. & Santistevan y Fr. Lupercio, 1661, in-4.°

Obra rarissima, dividida em cinco partes, uma das quaes trata dos milagres operados pelo apostolo nas Indias. Não foi citada nem por Antonio, nem por Pinelo.

Em 1867 vendeu-se um exemplar por 130 francos[1].

PERAMBULATION (LA) *de España y de Portugal, y discurso entre Carlos y Felipe. En espagnol et anglais.* London, 1750.

PERCIVAL (ROBERT ——).

Voyage à Ceylan, fait dans les années 1797 à 1800; contenant l'histoire, la géographie, et la description des mœurs des habitants, ainsi que celle des productions naturelles du pays, par ——, suivi de la relation d'une ambassade envoyée en 1800, au roi de Candy; traduit de l'anglais par P. F. Henry. Paris, an XI (1803); 2 vol.

PERDOUX (VICTOR ——).

Le Camöens, drame historique en un acte et en vers, par ——. Paris, 1872, in-12.°

PÈRE BELOY.

Déclaration du droit de légitime succession sur le royaume de Portugal appartenant à la Reyne mère, Cathérine de Médicis. Anvers, 1582.

PÈRE DE LA COMPAGNIE DE JÉSUS.

Rudiments de la langue latine, composés sur la grammaire du P. Emmanuel Alvarez, de la Compagnie de Jésus. Par un ——. A Paris, chez la veuve de Horace Molin, 1709, in-8.°, 126 pag. No fim: Lugduni, typis Marcelini Sibert, 1709. —— mesmo titulo. *Nouvelle édition, revue, augmentée et corrigée avec soin par l'auteur.* A Lyon, chez Antoine Molin, 1713, in-4.°, 136 pag.

PEREIRA (D. JUAN DE SOLORZANO ——).

Politica Indiana, compuesta por el Doutor ——, Caballero del Orden de Santiago, del Consejo del Rey Nuestro Señor en los Supremos de Castilla y de las Indias. Dividida en seis libros. En Amberes. Henrico y Cornelio Verdussen. 1703, in-fol.

«Todos estes descobrimentos e noticias foram mui confusos para o muito que havia a penetrar e a inquerir em tão varias e estendidas provincias. E todas essas ainda assim se vieram a perder de todo na Europa, como bem adverte Thomaz Bozio, por causa da ignorancia da navegação, e pela difficuldade de irem por terra a taes Indias, havendo de atravessar tanto, que foram occupando inimigos, de leis e nações diversas, até que, no tempo de nossos paes, os valorosos lusitanos, que são os que mais têem conquistado, começaram a tentar sua navegação, e depois foram penetrando no interior e exterior de todo o oriente, dando

[1] Deschamps et G. Brunet, *Supplément au Manuel du libraire de Brunet*, vol. II, pag. 198.

não só vista ás suas immensas e dilatadas provincias, mas até mesmo illustrando-as com a fé de Christo, e tirando muitas d'ellas aos mouros, que injustamente as occupavam. E a taes historias e recordações de gloriosas emprezas encarecem com razão muitos e graves auctores. E tambem as não póde negar o francez Torstule, embora patenteando o odio ou inveja, que os de sua nação têem á Hespanha, dizendo que os portuguezes obraram façanhas taes para fugirem da miseria em que viviam...

PEREIRA (ISAAC DE LA ——).

Publicou em 1655 um livro intitulado: *Prædamitae*, e acompanhou-o de um outro *Systema Theologicum ex Praeadamitarum hypothesi*.

«Pereira, auctor do systema das *Praedamitas*, sustentava: «Que a creação do mundo, da qual se falla no capitulo II do *Genesis*, é differente d'aquella de que se falla no capitulo I. Que Moyses, no capitulo I, fallou da creação dos homens em geral em todas as partes do mundo, que no capitulo II só fallou da creação particular de Adão e Eva. E suppõe que entre estas duas creações medeia, talvez, um grande numero de seculos; que Moysés distinguiu Adão dos mais homens só pela rasão de ter sido o tronco da nação judaica; que o diluvio não foi geral, mas sim particular á Judéa, e que nem todos os homens descendem de Noé, que os gentios creados nas differentes regiões da terra habitavel, muito tempo antes de Adão, morriam, não por haverem peccado, mas por serem compostos de uma materia sujeita á corrupção.»

PEREYRA (FRANCISCO ——). — Missionario no Maduré, no seculo XVIII.

Brief R. P. Francisci Pereyra, Missionarii S. J. in dem Reich Madura, an einen Priester aus gemeldter Gesellschafft; geschrieben zu Cunampattitu, dem 1 Christmonats 1759. Inhalt. P. Pereyra, erzehlet die Armut seiner von denen heydnischen Freunden sehr bedrangten Mission. Die wunderbarliche Würckungen des im Namen des H. Franç. Xav. geweyhten Wassers. Die Andacht deren Indianern zu diesem Heiligen. Verschiedene Bekehrungen dereuselben. Die heilwürckende Krafft der Erde von dem Grab Ven. Patris Joannis de Britto. Den hulfreichen Beystand des H. Apostels Jacobi in Wiederverhaltung verlohrner Sachen. Die Krafft des H. Tauff-Wassers in Abtreibung deren Teufeln und derer Leibs-Krankheiten. Den Schutz Mariae über ihre Pfleg-Kinder. Maria erscheinet einer bedrangten Heid-Dame im Schlaff. Die Bildnuss der Mutter Gottes bekehret eine heydnische Edel Frau. Die Gunst Gewogenheit einiger heydnischen Fursten gegen die Christen und Missionarien. Die schimpfliche Bezüchtigung eines huffartigen Brachmans. Sinda-sachebi, eines Mahometanischen Feld-Fürstens sonderbare Lieb gegen einen Jesuiten. Seine Hochachtung unseres Gesatzes. Standhafftigkeit deren Christen unter dessen Verfolgungen. Zweyer Matronen aus Königlichem Geblüt herzhaffte Gedult im Verlust aller zeitlichen Güter, &c., &c. Freyheit eines Kinds in Verachtung deren Götzen-Bildern. Einer abtrunnigen Missionarien in Madura.[1]

PERES (DOMINGO GARCIA ——).

Catalogo razonado y bibliográfico de los autores portugueses que escribieron en castellano, por ——. Madrid, 1890.

---

[1] Augustin et Aloys de Backer, *Bibliothèque des écrivains de la compagnie de Jésus*, vol. VI, pag. 633.

PERES (NICOLAU ——).—Hespanhol, domiciliado em Lisboa.

Encyclopedia portugueza, mais augmentada de novos artigos (em duas terças partes) que as encyclopedias franceza, ingleza e latina de Lião: por N. P. O. S. D. E. S. Lisboa, impr. regia. 1817, 8.º gr.

Collecção de viagens, ib. na mesma imprensa, 1818. (Só se imprimiu até a folha 72.

Viagem ao interior do Brasil, com uma exacta descripção das ilhas dos Açores. Ib., na mesma imprensa, 1819, 4.º com estampas. (Transcriptas em francez pelo viajante John Mawe, mas a traducção não chegou a ultimar-se.)

PEREZ (ALONSO ——).

Los siete libros de La Diana, agora nuevamente añadida con la segunda parte, por ——. 2 vol. in-16. Anvers, Pedro Bellero, 1580-1581.

La Diane mis en nouveau langage, par madame de Saintonge. Avec un Idle pour le mariage de la Duchesse de Lorraine. Paris, 1699.

Diana. A pastoral novel. From the Spanish. in-12. London, 1737.

Le Roman espagnol ou nouvelle traduction de la Diane écrite en espagnol. Paris, 1735.

La Diana, de Jorge Monte Maior. Parte II. Milão, 1616.

PEREZ (ARIAS ——).

Primavera y flor de los mejores romances y satiras que se han cantado. Añadidas diversas poesias. Y aora nuevamente añadido el romance que se hizo a la entrada de Galicia en Portugal, en esta primera y segunda parte. Madrid, por Pablo de Val. 1659.

PEREZ (J. ALVAREZ ——).

Los compañeros de Vasco da Gama. (Aventuras de un pintor). Cuarta edicion. Madrid. Medina y Navarro, editores. 8.º 241 pag.

É um romance, e faz parte da collecção: *Bibliotheca de instruccion y recreo.*

PEREZ (JERONYMO ——).—Jesuita, natural de Saragoça.

Relacion completa de muchos portuguezes que derramaron su sangre por la Fé de Christo en el Japon. Manila, in-4.º

PEREZ (D. NICOLAS DIAZ Y ——).

De Madrid a Lisboa (Impresiones de un viaje), por ——. Segunda edicion. Madrid, 1877. 8.º gr. VI-474 pag. Precedida de uma carta a Alexandre Herculano.

. . . . . .
Quanto (sic) é bella esta vida assim vivida!
Agora, logo, aqui, alem notando
Uma pedra, uma flor, uma lindeza.
Um seixo da corrente, uma conchinha
Á beira-mar colhida . . .

«Não é verdade ser muito suavemente lyrico o terno Gonçalves Dias?

«Parece um grego. Um marmore pentelico derretendo-se sob o ardente sol americano. Porém em Portugal todos os genios são assim como Gil Vicente, como Camões, como Garrett...»

*
* *

«Os povos christãos (pag. 345), rendiam um culto extraordinario ao corpo de Christo desde o anno 220, em que foi introduzido o uso dos altares sem imagens nos templos, e em 787, quando o concilio de Nicea creou o culto definitivo para todas as imagens. Não havia, porém, uma festa especial para celebrar a de Christo, e no anno de 1264 a instituiu o Papa Urbano IV, e dois annos depois a do sagrado coração do Christo.

«Nos dias em que festividades tais eram celebradas, havia grandes funcções nos povos. As celebradas n'esta cidade[1], relativas a procissão de Corpus Christi, no anno de 1438, eram cousa digna de ser vista.

«Alem da extraordinaria pompa do culto, as danças, musicas, cavalgatas, e jogos de alegria, não eram menor incentivo para attrahir á romaria todas as pessoas das aldêas circumvizinhas.

«E os bons portuguezes d'aquella epocha, esquecendo-se por um momento das rivalidades nacionaes, atravessavam alegremente a fronteira, e nem mesmo queriam lembrar-se se algum dia a tinham atravessado para actos de hostilidade.

«Entre os muitos festejos celebrados em Badajoz por occasião de uma tal festividade, era costume conferir um premio ao cavalleiro que desse maior numero de voltas a cavallo, a uma distancia anteriormente marcada, sustentando com a mão direita um estandarte castelhano, que era o pendão da cidade.

«Na vespera da folgasã romaria, achando-se reunidos varios jovens na sala das armas do governador de Elvas, um d'elles concebeu o arrojado proposito de fazer uma aposta em como era capaz de roubar a celebrada bandeira de Badajoz e trazel-a para dentro das muralhas da praça portugueza.

«E o intrepido portuguez cumpriu sua palavra.

«Chegado que foi o dia seguinte, e havendo conseguido penetrar com outros portuguezes nas corridas, esquivou, quando lhe tocou a vez, o glorioso estandarte, e a galope sobre um fogoso cavallo deu a primeira volta, e depois a segunda. E á terceira, em logar de volver desde o angulo da estacada, emprehendeu uma corrida a galope em direcção a Portugal.

«Ficaram todos os hespanhoes extaticos e absortos nos primeiros momentos; porém, recuperando dentro em pouco a energia momentaneamente perdida, correram a galope atraz do portuguez.

«E o portuguez galopava, galopava sem descanço, levando uma grande bandeira em triumpho.

«Viam-se já os muros da cidade de Elvas... E estando já proximo da praça, caminhou o portuguez em direcção a uma de suas portas, esperando seu cavallo. Porém a ponte levadiça estava erguida, e os de dentro, talvez por temerem represalias, tinham fechado as portas.

---

[1] Fallando de Badajoz.

«Porem o portuguez, coberto de suor, e com o cavallo nadando em espuma, não se resolveu a dirigir-se para outra porta, porque os que estavam nas muralhas lhe diziam que todas estavam fechadas.

«O governador, que tinha visto grande numero de hespanhoes caminhando em direcção á praça, já com receio do perigo, já com inveja da proeza que o joven tinha obrado, mandou fechar todas as portas.

«Em vão o joven gritava que lh'a abrissem. Vendo que suas supplicas eram inuteis, e que as espadas inimigas já o alcançavam, arrojou o estandarte por cima das muralhas, exclamando ao precipitar-se do seu cavallo para o fosso:

«— Morra o homem, fique a fama!

«Arrojaram-se immediàtamente os castelhanos sobre o corpo do cavalleiro portuguez, levando-o para Badajoz, e prenderam-o n'uma prisão mui segura. Poucos dias depois d'este successo, accendia-se alli, em frente, junto á porta da cathedral, uma fogueira immensa, e por cima das chamas pozeram um grande caldeirão cheio de azeite. E quando este estava a ferver, lançaram para dentro do caldeirão ao portuguez, como lhe fossem dar um banho.

«E desde então, por muitos annos depois, esteve em costume que no dia da procissão de Corpus Christi hasteavam o estandarte hespanhol na fortaleza de Elvas, e na procissão levavam uma caldeira de cobre conduzida por quatro homens, a qual recordava o lastimoso fim do portuguez.

*
* *

«Que bonito panorama offerece Lisboa, vista do rio! O céu claro que a cobre, as douradas areias d'aquellas praias sempre alegres, e todos os edificios com suas torres, seus escudos, seus zimborios, reflectindo-se na superficie das aguas, é mais encantador que o de Veneza e o de Moscow!»

De pag. 453 a 467 falla o auctor ácerca de Camões.

O auctor dá a entender que está preparando um livro intitulado a *Côrte de Lisboa*.

PERICO Y ANETA.— Archiducal matraca lusitana.
Poesias allusivas á entrada do exercito portuguez em Madrid.

PERIÉ (EDOUARD ——).

Chronique de Lisbonne. Na *Revue des races latines*, vol. 8.º, pag. 553, anno de 1853.

Este volume é acompanhado dos retratos de D. Pedro V e D. Estephania.

«Lisboa quasi que em nada se parece com a maior parte das cidades européas que tenho visitado. Compõe-se de duas cidades, as quaes nenhuma muralha separa, mas que nem por isso são menos distinctas, embora confundidas no amphitheatro encantador que se prolonga da Torre de Belem até á barra do Tejo.

«As arvores de seus jardins, seus palacios antigos, seus edificios modernos e seus zimborios se confundem n'um céu quasi constantemente puro. Suas collinas revestidas de verdura, e matizadas com lindas habitações, palacios, o passeio de S. Pedro de Alcantara, que a domina, tudo encanta os olhos do viajante recem-chegado, e para elle é Lisboa a perola das cidades.

«Uma das cousas que logo chamam a attenção do recemchegado é a praça do Commercio e a magnifica estatua de El Rei D. José, inaugurada na epocha do famoso marquez de Pombal, que occupa o centro d'esta praça. Quasi todas as grandes ruas da cidade estão aceitadas, e são direitas e largas, bordadas por altos predios, em geral ao gosto moderno.

* * *

«O lindo theatro de D. Maria II enfeita esta praça. Do seu peristylo enxergámos o antigo convento do Carmo, com seus muros arruinados, mas ao mesmo tempo respirando d'esse ar de severidade que nos penetra nos velhos templos catholicos. Ao contemplarmos suas ogivas, e suas abobadas, julgar-nos-hiamos antes na presença dos restos de uma fortaleza, do que em frente de um templo christão. E tenho observado que todos os edificios religiosos, construidos durante a idade media, inspiram a mesma reflexão.

«Mórmente na peninsula iberica era mister que assim fosse. Não vinham os mouros em epochas não mui distantes umas das outras tentarem converter as egrejas em mesquitas, como nós haviamos convertido suas mesquitas em igrejas? Quando os olhos se desviam do velho edificio para o moderno theatro, perguntamos a nós mesmos se na realidade o mundo andou.

«Da praça de D. Pedro IV entrámos n'um passeio publico, tão bello como o podemos imaginar, e tão bem tratado como os parques mais estimados da Inglaterra. É cingido pelas alturas da cidade, e ao abrigo de sua sombra se póde, sentado, julgar isolado no mundo, quando se passear nas horas em que a sociedade portugueza não está no costume de o fazer. Emquanto ao mais, a influencia franca é grande nas ruas e nos passeios de Lisboa, a não ser em epochas solemnes. A chuvasca raras vezes vem interromper as phantasias do poeta.

«Lisboa, todavia, occupa uma area tão grande dez vezes como aquella de que teria necessidade para estar assentada á sua vontade nas margens do rio.

«Os portuguezes conservam um orgulho de raça, uma independencia de movimentos, e uma poetica indolencia que ainda mais contribue para a tranquillidade da sua capital. Logo que as relações estão estabelecidas, conhece-se que o endurecimento do exterior occulta uma doce familiaridade do lar domestico, o que não é mais do que um encanto acrescentado á residencia da rainha do Tejo.

«Fui acolhido com uma amizade cavalheiresca, da qual ainda estou maravilhado, e cujos effeitos se não fazem esperar para a *Revista das raças latinas*.

«El-Rei D. Pedro V recebeu-me a 6 do mez ultimo em audiencia particular. Basta conversar um momento com este Principe para adquirirmos as provas de sua prestos e elevada intelligencia, fecunda por meio de mui serios estudos. Sua conversação, um pouco sabia, é por extremo agradavel. Seu primeiro cuidado foi o de me auctorisar a inscrevel-o, assim como a seu pae e a seus irmãos, na lista dos assignantes da *Revista*.

«O marquez de Loulé, presidente do conselho e seus collegas, acolheram-me como não acolhem senão nas terras latinas: o acolhimento foi o mesmo em todas as grandes personagens-jornalistas, presidentes dos estabelecimentos publicos, e grandes industriaes que vêem com prazer que a *Revista das raças latinas* se propõe a coadjuvar em tudo quanto póde accumular a prosperidade de Portugal.

«Lisboa é a *villa* do mundo, um jardim da Europa. Alli falla-se tanto o francez como o portuguez, e por toda a parte a civilisação se desenvolve milagrosamente.

«Como se da então o caso de que suas artes, sua industria, seu commercio, sejam apenas conhecidos, a não ser da Inglaterra, a qual apenas se inquieta em relação áquillo que elles podem ter de commum com seus proprios interesses?

«Provém isso da culpada preoccupação d'aquelles que deveriam ser os defensores das raças catholicas. Emquanto aos portuguezes elles têem bastante consciencia no seu proprio valor para não esperarem com paciencia que lhes seja feita justiça. Entre elles o espirito de nacionalidade é dominante; seu desejo de bem estar não é tal que lhes faça immolar tudo ao novillo de oiro.

«O culto da apparencia lhes é muito menos caro que o da verdade. Acolhem todos os progressos, mas estão de pé atraz contra todas as louvaras. Foram os primeiros na Europa que souberam fazer entrar em seus logares certos grandes financeiros que se tinham esquecido de mais que o dinheiro deve estar as ordens das nações.»

O resto do artigo versa sobre o casamento de D. Pedro V.

PERPIANUS. — P. J.

Orationes in Beatam Elisabetham Lusitaniae Reginam XVIII. Romae, 1587.

Oratio I ad III. Laudationes in B. Elisabetam.

PERPINAN (JOÃO ——). — Nasceu em 1530 em Elche, no reino de Valencia, e entrou para a companhia em 1551. Brilhou em Coimbra e em Roma por suas lições de eloquencia: em Lyon e em Paris por suas explicações de escriptura sagrada. Morreu em Paris no anno de 1566[1].

I. *De Societatis Jesu gymnasiis ac de ejus doctrinae ratione coram Joanne III Lusitaniae rege habita Conimbricae Kal. Oct. 1555.*

II. *Laudatio funebris Ludovici Principis ejusdem Joannis III Regis fratris Germani, ibidem dicta eodem anno.*

III, IV e V. *Quae trium librorum vicem gerunt Laudationis in B. Elisabetham Lusitaniae Reginam, anniversariis natalis ejus diebus nonarum Julii annorum 1556, 1557 et 1558 dictae.*

Vem estas orações na obra intitulada: *Petri Joannis Perpiniani Societatis Jesu Presbyteri Orationes duaedecimti. Additae sunt orationes quinque, quinque Presbyterorum Societ. Jesu, Romae primum dictae. Hac tertia mea editione a mendis plurimis repurgatae novis additionibus marginalibus et indice duplici tam Orationum quam Rerum et Verborum in commodum juventutis adauctae.* Coloniae Agrippinae, sumptibus Petri Henningii, 1630, in-12, 565 pag. afóra a epistola dedicatoria, o prefacio e os indices. Coloniae, 1661, in-12.

VI. *R. P. Petri Perpiniani Societatis Jesu, de vita et moribus B. Elisabethae Lusitaniae Reginae Historia.* Coloniae Agrippinae, sumptibus Bernardi Gualtheri, 1609, in-8.º, 188 pag.

No fim: Coloniae Agrippinae, excudebat Stephanus Hemmerden, sumptibus Bernardi Gualtheri, Anno MDCIX.

---

[1] Augustin et Alois de Backer, *Bibliothèque des écrivains de la compagnie de Jésus*, vol. I, pag. 518.

vie. *Petri Lazeri Soc. Jesu, de vita et scriptis Petri Joannis Perpiniani Diaconi.* Romæ, 1749, in-8.°, 599 pag. com o retrato do auctor.

Esta edição, feita pelo padre Pedro Lazeri, é dedicada á Rainha de Hespanha reinante, pelo padre Manuel de Azevedo, jesuita portuguez. Contém:

1.° Dezenove discursos, entrando n'elles o *Panegyrico de Santa Izabel de Portugal*, divididos em 3 livros;

2.° *Vie de Saint Elisabeth de Portugal, en trois livres.*

PERREYMOND (CHARLES ——).

Le Portugal devant l'Europe et le monde ou les traités et la politique du travail. Lisbonne, 1854, 8.°, xiv-168 pag.

O auctor quer provar que Portugal precisa tratar da sua *politica de trabalho.*

PERROT (VICT. ——) et ARMAND DU MESNIL.

Camoëns. Drame en cinq actes et en prose. Paris, 1845.

Foi representado pela primeira vez em Paris no real theatro do Odéon, a 29 de abril de 1845.

A noticia sobre a representação do mencionado drama *Camões* vem na obra de Paul Porel e de Georges Monval, intitulada: *Histoire administrative, anecdotique et littéraire du second théâtre français (1818 à 1853).* Paris, 1882, vol. II, pag. XIII, 1844. *Notes sur la représentation du drame Camoëns, par Perrot et Dumesnil.*

PERSIA.

Memorias dos Conegos Regulares, por D. Caetano do Bem. Pag. 112.

«Na primeira conferencia da academia real d'este anno, 1731, se deu parte aos academicos de haver aviado João de Saldanha da Gama, vice-rei do estado da India, que em uma pequena ilha situada no mar persico, pouco distante da ilha de Ormuz (que póde ser a que se conhece com o nome de Lareca), havia uma antiga mesquita, e corria por tradição entre todos os mouros, que n'ella se conservavam certos depositos, que nenhuma pessoa podia tirar, porque logo, em o manifestando-o, morria repentinamente; porém que alguns portuguezes, desprezando este agouro, entraram na mesquita e trouxeram d'ella dois caixões cheios de livros antiquissimos, uns escriptos em lingua arabica, outros na persiana, os quaes foram entregues ao mesmo vice-rei, que, fazendo-os examinar, se achára que alguns tratavam de medicina, outros de historia, sufficientemente encadernados, e que muitos, especialmente os de medicina, tinham mil annos de antiguidade, tão bem escriptos que pareciam impressos; que se ficava fazendo extractos do que cada um continha para os remetter a este reino. (*Gazeta de Lisboa*, de 1731, pag. 48.)

PESCE (JOSÉ E. ——). — Superintendente do palacio do governo.

Guia do emigrante para a Republica Oriental do Paraguay. Com breves notas e observações, por ——. Segunda edição correcta e augmentada. Impressa a vapor da nação, rua Sola, 69. 1885, 8.°, 174 pag.

«A lingua hespanhola é a que se falla em todo o paiz. É muito raro que um filho do paiz, regularmente instruido, não conheça o francez, o inglez, o italiano e o portuguez (pag. 53).

«A população nacional dispõe de sobrados mêios ao seu alcance para inter-rar-se dos successos locaes, da marcha economica e administrativa do paiz, e das outras nações, e por fim para seguir nas differentes phases do seu progresso o movimento intellectual do mundo inteiro, pois existem muitos periodicos escriptos nos idiomas hespanhol, francez, inglez, italiano e portuguez, e varias revistas scientificas, litterarias, commerciaes, industriaes, etc.

PESSINUS (P. PETRUS ——).

De vita et morte P. Ignatii Azevedii et sociorum ejus e Societate Jesu, Romae, 1679, 4.º

PESTANA (D. CYPRIANO DE PINA ——).— Natural de Lisboa occidental.

Poema heroyco al nuevo natalicio del Serenissimo Señor Don Alexandro, Infante de Portugal. Ofrecido a el muy augusto Señor D. Joseph Francisco Antonio Ignacio Roberto Augustino, Principe del Brasil. Escripto por ——. Em Madrid, 1723.

PETAN (em latim Petavius) **DENIS.**— Um dos sabios mais distinctos do seu seculo. Nasceu em Orleans no anno de 1583. Morreu no collegio de Clermont em 1652[1].

Basilica in honorem S. Francisci Xaverii a fundamentis exstructa, munificentia Francisci Sublet de Noyers, a Collegii Claromontani Alumnis S. J. laudata et descripta. Parisiis, Cramoisy, 1641, 1664, in-4.º

S. Franciscus Xaverius Crucis In inculam mari absorptam vectore cancro recuperat, pag. 121.

Visus humano major barbaros Bodagas fugat, pag. 123.

Acenos pugnantes longe dissitus videt ac vincit, pag. 126.

Apparecem estas tres poesias na collecção intitulada: *Parnassus Societatis Jesu.*

PETERBOROUGH (BENOIT ——).

De vita et gestis Henrici. Edição Th. Hearn, tomo II, pag. 403.

Trata da viagem de Mathilde, que para se dirigir de Portugal a Flandres desembarcou na Rochella.

Ácerca d'esta mulher de D. Affonso III, Rei de Portugal, V. tambem Raoul de Dicet, na *Collecção de Twisden*, col. 623; Madox, *The History of the Exchequer*, pag. 252; Léopold Delisle, *Chronique de Robert de Torigni*, Rouen, 1873, pag. 128[2].

PETHEO (ESTEVÃO ——).— Jesuita, hungaro.

Herculis Christiani, seu S. Francisci Xaverii S. J. Indiarum Apostoli ac Thaumaturgi Labores duodecim. Tyrnaviae, typis academicis, 1664, in-8.º

---

[1] Augustin et Alois de Backer, *Bibliothèque des écrivains de la compagnie de Jésus*, vol. I, pag. 5[illegible]8.

[2] R. Francisque Michel, *Les portugais en France, etc.*, pag. 6.

PETICION *lamentable al Rey nuestro Señor D. Felipe V (que Dios guarde), que hizo un afectuosissimo vassallo suyo, en medio de la captividad de la Imperial Toledo: sacada por el Real Propheta David, al Psalmo 136 Super flumina Babylonis, &c.*

PETRO (NICOLAU ——).— Jesuita, hungaro.
Panegyricus D. Francisco Xaverio. Claudiopoli, 1734.

PETRACCIO (BARTHOLOMEU ——).— Jesuita, italiano, natural de Messina.
Vita del B. Francesco Xaverio, raccolta da diversi autori. Messina, Pietro Brea, 1605, in-4.°

PEZERAT (P. J.).— Ingenieur chef de la repartition technique de la chambre municipale.
Mémoire sur les études d'améliorations et embelissements de Lisbonne, par ——. Lisbonne, 1865, 8.°, 24 pag.

PHILARETE (CHARLES ——).
Etudes sur l'antiquité. Paris, 1849.
A pag. 144 falla com extraordinario elogio de Camões[1].

PHILIPAR (FR. H.).
Notice sur la serradelle, plante fourragère de Portugal. in-8.°

PIANO (FR. MARIANO DE ——).— Capuchinho da provincia de Toscana.
Compendiosa narração da vida do veneravel padre fr. Lourenço de Brindise, capuchinho italiano, natural do reyno de Napoles, professo na provincia de Veneza, falleciido em Lisboa aos 22 de julho do anno 1619, e depositado no convento das freiras descalças de Santa Clara de Villa Franca, do reyno de Leão, que a Santa Sé tem de beatificar. Offerecida a Fidelissima Augusta Magestade da Rainha Mãy N. Senhora D. Mariana de Austria, pelo P. ——. Lisboa, na regia officina Sylviana, e da academia real, 1752, 8.°, 24 pag. afóra a dedicatoria e as licenças.

PIGAMITH (CH. DE ——).
L'imprimerie nationale de Lisbonne à l'exposition universelle de 1867. In-8.°

PICHLER (GUI ——).— Jesuita, e canonista celebre. Nasceu em Perckoff, na Baviera, e morreu no anno de 1736 em Munich[2].
Réponse à un ami sur la question proposée, touchant un contrat de prêt à interêt, par le père Antoine Cardoso, de l'Oratoire de Porto. Lisbonne, 1788, 2 vol., in-12.

---

[1] Theophilo Braga, *Bibliographia camoneana*, pag. 219.
[2] Augustin et Aloïs de Backer, *Bibliothèque des écrivains de la compagnie de Jésus*, vol. 1, pag. 570.

O auctor ataca principalmente o padre Pichler, o qual sustentava que as leis civis e o costume são titulos sufficientes para legitimar os juros resultados da quantia mutuada.

PICO (DR. RANUCCIO ——).
La Principessa Santa, overo la vita di Santa Elisabetha Reina di Portogallo. Venetia, appresso Giovanni Gueriglio, 1627, 4.°

PICQUET (CHARLES ——).
Carte chorographique des environs de Lisbonne. Lisbonne, 1821.
Livre des postes d'Espagne et de Portugal en Espagne et en France. Avec carte. Paris, 1810.

PICTURE (A) *of Lisbon, taken on the spot, by an inhabitant. With sketches. Second edition.* Lisboa, 1811.
Ibid. London, 1809, 242 pag.

PIÈCES *nouvelles du procès des Jésuites de Portugal. Anecdotes sur l'affaire du Paraguay. Traduction de l'italien.* Lisbonne, 1760. 23 pag.

PIEDADE (DIOGO DA ——).
Dialogo sobre a Historia de Portugal, em portuguez e francez. Coimbra, 1830. 8.°, 1 vol., 303 pag.

PIELAT (B.).
Octoglotton or phraseology in 8 langues: français, latin, espagnol, portugais, italien, flamang et anglais. Amsterdam, 1700.

PIERRE (LA) *de touche politique 1691. L'Anneaude Gigès. XXV Dialogue. Juxte la copie imprimée.* A Venise. Chez Penetrante Penetranti sur la Place S. Marc, à la Tine Doublere. 1791, 8.°

«É obra que se compõe de varios volumes, ataviados com lindas estampas, criticas e politicas. O auctor queria a todo o custo que Portugal seguisse o partido de Inglaterra, e deixasse de ver a França, promettendo mundos e fundos a Portugal se tal fizesse.

«Neptuno.— Cumpriste bem todas as ordens que te dei? E houve alguma cousa que obstasse a penetrar, sob as differentes figuras que tomaste, todos os segredos ácerca dos quaes eu quero ser informado?

«Protheo.— Os homens são tão faceis de ser enganados, comtanto que finjámos que vamos atraz de suas paixões, sabendo-me eu, alem d'isso, mascarar e disfarçar, que me não foi difficil attrahir todos quantos vi que me abriam seu coração ácerca de tudo quanto eu quiz saber relativamente as cousas que fizem respeito ao vosso imperio maritimo. Eis porque vos direi que podeis tomar medidas seguras ácerca das resoluções que tendes formado.

«Neptuno.— Duas cousas tenho na mente: uma, ver o commercio livremente restabelecido sobre toda a extensão de meus dominios. A segunda, assegurar ao maior monarcha da terra o imperio do mar, e tornal-o em uma de minhas ondas.

tão superior a seus inimigos, que a despeito da união dos inglezes, dos hollandezes e dos hespanhoes, todas as nações sejam obrigadas a abaixar o seu pavilhão em frente dos francezes.

«Pluvioso.— Emquanto vós os favorecerdes com tempos tão propicios, como aquelles que lhes tendes dado, o poder prodigioso que elles têem por mar, não póde deixar de triumphar de todos os esforços de seus inimigos.

«Neptuno.— Se esse Eolo enredador houvesse querido no anno passado, de accordo comigo, a esquadra de Inglaterra, não poderia ter fugido á sorte que teve a de Hollanda. Porem aquelle senhor dos ventos, por um capricho obstinado, não quiz jamais fazer com que elles soprassem sobre a pôpa dos navios francezes, que, todavia, embora não fossem favorecidos por tal deus, que me faz muitas vezes roncar e bramir mais do que eu teria vontade, não deixaram, não obstante o aspecto contrario dos ventos, de atacar e de fazer em estilhaços toda aquella esquadra.

«Pluvioso.—Parece-me, porém, que Eolo n'este anno não coadjuvou mal vossas intenções; a esquadra franceza não soffreu a mais pequena borrasca, e os inglezes, tendo querido vir depois da retirada d'aquelles, arrostar com o capricho reinar do equinoxio, viram perecer uma parte de seus navios, e abortar sua segunda tentativa.

«Neptuno.— Por maior que tenha sido a perda d'esta nação infiel, está ella bem longe d'aquillo que merecem seus crimes. Enguli debaixo de minhas ondas aquelle grande navio a quem seu nome torna de mau agouro para a corôa, que o tyranno de Inglaterra injustamente usurpou; em mim mesmo figurava ver com aquelle navio oscillar aquella desgraçada corôa sobre a cabeça d'aquelle tyranno. Olhava para elle, arrastado pela tempestade, fazendo vãos esforços para chegar ao porto. E por fim minhas ondas fenderam-se para lançar no fundo aquelles soberbos. Sebelton e sua equipagem beberam o calix amargo que a vingança divina lhes tinha destinado. Felizes se sua sorte podesse abrir os olhos a tantos tendeiros que se obstinam na perversidade, na qual minhas ondas os sepultaram.

«Pluvioso.—Duas vezes cheguei a Portugal: uma, quando eu quiz penetrar as intrigas do velhaco Mercurio, o qual, sob o nome e physionomia do conde de Marinate, alli foi enviado no tempo que a liga de Augsbourg estava no seu auge com o fim de acabar de soluir D. Pedro, e de fazer com que elle entrasse em combinações propicias aos da liga. E na outra, depois que tendo eu visto D. Pedro ainda tanto desenganado, tomei a figura de um dos descendentes de Vasconcellos, para ao introduzir junto d'esse Rei, que é pouco mais ou menos tão pantufo por sua mulher, como o Rei da Polonia o é pela sua, e fiz-lhe comprehender quanto lhe seria vantajoso não dar ouvidos a cases da liga, e retirando sua irmã de Inglaterra, romper com o inimigo de sua religião, e aproveitar-se da occupação desgraçada dos hespanhoes para lhes declarar guerra e tornar a ganhar a Estremadura.

.....

«E verdade que parece que cada um deixa alli D. Pedro viver tranquillamente no fim do mundo, na sua leve sem saida, como se fôra um Principe que não pesasse um grão na balança. Todavia, se quizesse penetrar nas razões solidas que lhe devem inspirar, não só sua religião, mas tambem seu interesse, estaria em estado de dar á liga terriveis dôres de barriga. E, pagando os serviços que a França lhe prestou, mantendo a casa de Bragança no throno de Portugal, vinger-

se-hia bem facilmente do exito que tiveram outr'ora as astucias e as crueldades de Filippe II.

«NEPTUNO.— Quando a casa de Bragança subiu ao throno, que o Rei de Hespanha lhe tinha usurpado, fôra difficil que se podesse n'elle conservar sem o apoio da França. Esta monarchia, que em todos os seculos teve um cuidado particular de alliar sempre a justiça em sua politica, e ser protectora dos direitos legitimos dos Principes que uma potencia injusta despojou, julgou não dever recusar seu soccorro aos novos Reis de Portugal, e sabe-se o que fez em prol d'este paiz, o valor do conde de Schomberg, o qual, depois de ter grangeado tanta gloria n'uma guerra tão justa, se lembrou, para a macular, de desertar da França, e de ir perder indignamente a vida nas margens do Boyne, sustentando o mais detestavel de todos os crimes e o mais perfido de todos os usurpadores.

«Não se póde, portanto, pôr em duvida que a casa de Bragança é devedora aos Reis da França da corôa que cinge; e que, por dever, por justiça, por interesse do estado, estão obrigados a serem amigos dos francezes, assim como inimigos eternos dos hespanhoes. E então porque privilegio vemos que, em vez de satisfazerem a um tal dever e a um tal interesse, tomando ás escancaras o partido da Europa, D. Pedro se sepultou nos braços de sua mulher ...»

O leitor vê já perfeitamente de que tratam taes livrinhos — cantilenas para fazer com que os portuguezes deixassem os inglezes e se unissem, fazendo causa commum com os francezes.

Mas lá que as estampas são muito bonitas e aquellas allegorias mui engraçadas, isso é uma verdade purissima.

E como é linda a estampa representando a Rainha a cortar os cabellos ao marido!

PIGAFETTA.

Premier voyage autour du monde, sur l'escadre de Magellan, pendant les années 1519, 1520, 1521 et 1522. Suivi de l'extrait du traité de navigation du même auteur, et d'une notice sur le chevalier Martin Behaim, avec la description de son globe terrestre. Orné de cartes et de figures. Paris, 8.º, 1 vol., LXIV-415 pag.

PIKIELIUS (SEBASTIÃO ——).— Jesuita, natural da Baviera.

Nomen Francisci Xaverii anagrammatibus XVIII, carmine latino ex vindem confecto explicatum. A. D. 1792, d. 3 Dec. promulgatum, Ill.mo Rev. D. D. Francisco Xav. de Ossolinsko Comiti Jablonowski, Cathedralis Ecclesiae Kujaviensis Canonico die nominis oblatum. Tarnoviae, typ. G. Mathiaszwski, in-4.º, 44 pag.

PIMENTA. *Sendschreiben von dem gluckseligen Fortgang der Christenheit in den Orientalischen Indien.* Constanz, 1602, in 8.º

PIMENTAE (N.), *de felici statu et progressu Rei Christianae in India Orientali.* Constantiae, 1603, in-8.º

PINEYRO ou **PINERUS,** ou **PINHEIRO** ou **PINARIUS (LUIZ ——).**— Escriptor de origem portugueza. Nasceu em Talavera, na Castella Nova. Foi reitor

de um collegio de jesuitas na ilha de S. Miguel. Falleceu em Lisboa no anno de 1620.

Relacion del suceso que tuvo nuestra santa fé en los reynos del Japon, desde el año 1612 hasta el de 1615, imperando Cubosano. Madrid, viuda de Alonso Martin, 1617, in-fol.

La nouvelle histoire du Japon, divisée en cinq livres, où il est traité amplement de l'état de sa Christianté, du progrès de la foy Catholique, des grandes persecutions qui y sont arrivées aux chrètiens, et des divers martyres qu'un grand nombre, tant religieux que seculiers ont souffert soubs l'Empire de Cobusama, jusqu'à l'année mil six cents quinze. Composée en espagnol par le R. P. Louis Piguerra, de la compagnie de Jésus. Et traduite en français par J. B. A Paris, chez Jean Foüet, rue S. Jacques, au Rosier, 1618. Avec privilège du Roy, in-8.°, 16 pag. + 879, afóra o indice.

A epistola dedicatoria tem a seguinte assignatura: *J. F. A. F.*

PINHEIRO (MANUEL ——). — Natural da ilha de S. Miguel, onde nasceu em 1556. Entrou para a companhia de Jesus no anno de 1575. Embarcou para as missões em 1595. Prestou grandes serviços em Goa, onde morreu no anno de 1618[1].

Carta escripta em 3 de setembro de 1595 ao P. João Alvares, em que relata tudo quanto passou no Mogor nos annos de 1582, 1592 e 1595.

Foi esta obra traduzida para italiano:

Informatione del regno, e stato del gran re di Mogor, della sua persona, qualità e costumi, e delli buoni segni, e congietture della sua conversione alla nostra santa fede. Cavate dalla relatione, e da molti particolari havuti di là l'anno del 1582 e del 1591 e 1595, raccolta per il R. P. Gio. Battista Peruschi Romano, della Compagnia di Giesù. In Roma, appresso Luigi Zannetti, 1595, pag. 71.

Encontrámos aqui a obra enunciada debaixo do seguinte titulo:

Copiado d' una lettera del P. Emanuel Pinnero al P. Provinciale dell' Indie Orientale a Goa, pag. 41 a 53.

Copia d' una lettera del P. Gieronimo Sciavier scritta al P. Generale della Compagnia di Giesù, pag. 56 a 59.

Copia d' una lettera che scrive il P. Emanuel Pinnero, dal Mogor, al P. Giovanni Alvarez, assistente alli 3 di settembre del 1595, pag. 60 a 70.

Avvisi della missione del Gran Mogor, cavati da una lettera del P. Manuel Pinnero, del anno 1599. Abbreviata per il P. Gasparo Spitelli. Roma, per Ludovico Zannetti, 1599, in-8.°

Em latim: Moguntiae, apud Joannem Albinum, 1601, in-8.°

PINHEIRO DE SOUSA (F.)

Grammatik der portugiesischen Sprache mit zahlreichen Beispielen aus älteren und neueren Schriftstellern. Leipzig, 1851, 325 pag., in-8.°

De pag. 200 a 232: *Vienna (B. L.). Von der portugiesischen Verdauung*, com lenda diversos extractos dos *Lusiadas* de Camões.

---

[1] Augustin et Aloïs de Backer, *Bibliothèque des écrivains de la compagnie de Jésus*, vol. ii, pag. 492.

PINTO (J. DE ——).

Précis des arguments contre les matérialistes. 2ª edition. La Haye, 1775, 8.º, 1 vol., 245 pag.

PIRES (ANTONIO ——).— Jesuita, natural de Castello Branco. Foi missionario no Brazil.

Duas cartas aos padres do collegio de Coimbra, em que trata das missões de Pernambuco.

Sairam vertidas em italiano: Venecia, por Miguel Tramesino, 1599, in-8.º[1]

PIRIMALO. *Tragedia da recitarsi nel Collegio Romano dagli Accademici Partenii nelle feste della Canonizatione di Francesco Saverio spiegata in breve argomento d' Atti e scene da Gino Angelo Cappani.* Roma, appresso Alessandro Zannetti, 1623, in-4.º

PITHOU (PIERRE ——).

De l'origine des Roys de Portugal issus en ligne masculine de la maison de France. Paris, 1610, chez Pierre Chevalier, in-4.º

Primitivamente tinha só 18 pag. Foi porém augmentado por Denis Godefroy. Paris, 1624, in-4.º

PLACE *du marché à Cintra. Vue lithographique vers 1830.* 0m,20 × 0m,20.

PLAN VON LISSABON. Weimar, Geogr. Instit., 1806. *Plan gravé avec légende.* 0m,18 × 0m,29.

PLANA (D. PEDRO JOSEPH DE LA ——).— Notario apostolico, secretario y visitador de el Ilustrisimo Señor Arzobispo, Obispo diocesis de Barbastro, cura de la Iglesia parochial de Sé, beneficiado de la Santa Iglesia metropolitana de Nuestra Señora del Pilar, de la ciudad de Zaragoza, y de las Iglesias de Biola, y Saviñan, en el reyno de Aragon.

Preludio encomiastico y representacion panegyrica, con que la familia de el Ilustrisimo Señor D. Emanuel de Sentmanat, y de la Nuza, Marqués de Castel dos Rios, de el Consejo de Su Majestad Católica, en el supremo de guerra, y su embiado extraordinario en esta córte de Portugal, en que el Serenisimo Señor Principe D. Juan, cumple sus cuatro dichosisimos años. Compuesta por el lizenciado ——. Lisboa, oficina de Manuel Manescal, 1693, 4.º

Lustral celebridad con que las esclarecidas provincias de el nobilisimo reyno de Portugal concurren reverentes y obsequiosas al aplauso de el felicisimo primer lustro, que cumple el Serenisimo Principe D. Juan, en el faustisimo dia 22 de octubre de 1694, conbidando á que le publique el afectuoso respeto de la familia de el Ilustrisimo Señor D. Manuel de Sentmanat, etc. Lisboa, 1694.

Concurso festivo de las gracias con que obsequiosamente unidos empeñan los afectos á celebrar el faustisimo dia 22 de octubre de 1695, en que cumple este año el Serenisimo Señor Principe D. Juan. Continuando esta celebridad en su casa,

---

[1] Augustin et Alois de Backer, *Bibliothèque des écrivains de la compagnie de Jésus*, vol. II, pag. 307.

á la gloria de tanto dia, la respetuosa atencion de el Ilustrissimo Señor D. Manuel de Oriz, y de Santa Pau, olim de Sentmanat . . . y repite en igual festividad su humilde afecto, la pluma de el Lizenciado ——. Lisboa, 1695.

PLATEL (ABBADE ——).—(Mais conhecido pelo nome de P. Norberto) Franciscano.

Mémoires historiques contenant les entreprises de Jésuites contre le Saint-Siège. 1766.

Lettre contenant une rélation de l'exécution du Père Malagrida. Lisbonne, 1764.

PLATI (GUGLIELMO ——).

Riflessioni Istoriche morali e poetiche nella vita e gesti di D. Fernando de Lisbona, Antonio el Santo. Pesaro, per Gio. Paoli Gotti. 1649, 8.º

PLAUSIBLE *y verdadera noticia de las celebres bodas ajustadas y concluidas entre las dos coronas, de España y Portugal, en las personas reales del Serenissimo Principe de Asturias, nuestro Señor, con la Señora Princeza de Portugal, Doña Mariana Victoria de Bourbon, con el Señor Principe de los Brasiles, D. Joseph I. de este nombre; y se celebraron, asi en la corte de San Ildefonso el Real, como en la de Madrid, su Reyno, Lisboa y sus dominios, los tres primeros dias del mes de octubre del año 1725, con luminarias generales y comunes regocijos.* Madrid. Em verso.

PLOECKNER (WOLFGANG ——).—Jesuita, austriaco.

Relatio facta in Consistorio secreto coram S. D. N. Gregorio XV super vita, virtutibus, actis, canonizationis et miraculis Francisci Xaverii e S. J. Indiarum Apostoli ex autographo Romano recusa. Viennae, 1669[1].

PLUNQUETUS (F. FRANCISCUS ——).—Hibernus Ordinis S. Bernardi sepulcrum ejus materiaus.

Hieronymi Speculum de vita DD. Francisci Fregoni cujus corpus septendecim post annis ante D. Rochi integrum inventum est. Edidit ——. Olisipone, cum licentiâ. Ex officina Craesbeckiana. Anno 1655. 56 pag.

E dedicada a El-Rei D. João IV.

POÊTES DRAMATIQUES PORTUGAIS[2].

O theatro portuguez poe em o numero de seus auctores dramaticos um Balthazar Dias, da ilha da Madeira, que fez alguns d'esses dramas antigos chamados *Autos*, dos quaes a materia versa ácerca do assumpto religioso, como na França os antigos mysterios; um Henrique Gomes, auctor de vinte e duas comedias, das quaes mal se conhecem alguns titulos originaes, taes, por exemplo, como estes: *Engano para vencer*; *As desconfianças são offensas o mal é seguro sinal*, e *O mal perdido*. Gil Vicente, que é considerado como o Plauto de Portugal,

---

[1] Augustin et Aloys de Backer, *Bibliothèque des écrivains de la compagnie de Jésus*, vol. VI, pag. 654.
[2] Ferdinand Denis, *Histoire des lettres en Portugal*. Paris, 1877.

serviu de modelo a Lope Vega e a Quevedo. Erasmo aprendeu o portuguez de proposito para ler suas comedias. Fizeram uma collecção em quatro volumes, e representam algumas vezes na capital as peças de Antonio José, que foi queimado pelo crime de judaismo; á terceira recaida preferiu morrer do que retractar-se.

«Em Lisboa representam-se, na maioria, peças hespanholas.

«Os unicos poetas dramaticos que os portuguezes possuem, são: Mello, Gomes, Mathos, Fragoso e Cordeiro, dos quaes fazem grande caso.

«A lingua hespanhola apropriou-se de todos os generos de poesia. Os jornaes, que multiplicam as azas da fama, não sendo ainda, n'aquelles tempos, estabelecidos em Portugal, nada nos poderam ensinar relativamente á litteratura d'este paiz; e os *Lusiadas* de Camões, do qual em outra parte tratámos, é quasi a unica das obras que nos dá uma idéa da poesia lusitana. Honra-se ella ainda mais com a *Ulysséa*, de Pereira de Castro, da *Fundação de Lisboa*, por Antonio de Sousa, do poema *Machabeo*, por Miguel da Silveira; do *Affonso*, por Vasconcellos, do *Portugal reconquistado*, por Menezes; da *Enriada*, por seu filho, o conde da Ericeira. E ainda outros poetas, como Bacellar, Montemór,-Ribeiro, Manuel e Rodrigues Lobo, se distinguiram no genero pastoril.

«Tambem não devo esquecer Sá de Miranda, cujas eclogas para elle grangearam o nome de Virgilio portuguez, como a Rodrigues Lobo o de theocrita.

«Miranda é o primeiro que mostrou a satyra ás pessoas de sua nação, e introduziu-se sob o vestuario de comedia.

«D. Fernando Soto-mayor, que tinha desposado uma neta d'aquelle poeta, fazia tanto caso de seus manuscriptos, que os tomou por uma quantia consideravel do dote de sua mulher. Conhecemos de Joseph Freire uma centuria de epigrammas; de Flavio Jacobo, dois volumes de disticos moraes; de Diogo de Andrade, um poema ácerca das victorias dos indios; de Henriques Gomes um poema heroico de Sansão; de Antonio dos Reis, a *Fabula de Polyphemo*, e uma grande parte das *Metamorphoses*, de Ovidio, em versos burlescos. O sapateiro Bandarra foi ao mesmo tempo o *Nostradamus* e o *Mestre Adam* dos portuguezes. Poeta e propheta, era demais para se tornar assumpto da attenção do santo officio. E por isso foi tambem tambem um dos criminosos que foram julgados por occasião de um auto de fé em 1641, mas consentiram que se retirasse depois de alguns mezes de prisão. Affirmam que elle tinha predito em seus versos a revolução que poz no throno a casa de Bragança. Este paiz glorifica-se ainda com as poesias do padre Caetano de Lima, Eustachio de Almeida, Pereira da Costa, Felix Mendes, Villar Maior, Teixeira e varios outros.»

POIRET.

Um escriptor d'este nome compoz um trabalho ácerca do nosso padre Antonio Vieira, trabalho que é citado a pag. IX da obra do abbade Carel: *Vieira. Sa vie et ses œuvres*. Paris, 1879.

POIRSON.

Carte d'Espagne et de Portugal, divisée en tous ses royaumes.

POLITICAL *testament des Marquis von Pombal*. Dessau, 1783. Rotller Halbmaroq.

POLITIQUE *d'Espagne envers le Portugal.* Paris, 1832.

POLO (GASPAR GIL ——).—Natural de Valencia. Jurisconsulto.

Diana enamorada em cinco libros que prosiguen los siete de Jorge Montemayor. Madrid, 1802.

É uma continuação d'aquella elegantissima composição da *Diana* de Jorge de Montemayor, e á qual, em tempos de Nicolau Antonio, se chamava a *Primeira parte da Diana.*

Um certo Perez, natural de Salamanca, continuou esta novella, e cedeu a palma ao nosso Polo (diz N. Antonio), o qual ou igualou ou excedeu o proprio Jorge. Publicou-se em Valencia no anno de 1564, em casa de João Mey, in 8.°, e tambem sei que se deu á luz em Antuerpia, esta terceira parte, no anno de 1574, in-12, e em Bruxellas, em casa de Roger Velpio, no anno de 1613, in-12.

Gaspar Berthio traduziu-a para latim, e acrescenta:

«Egregia vero compositio est, et quae, si Graeco Latinoque sermone ante aliquot haec saecula concepta fuisset, dubio procul cum principibus scriptorum annalibus censeretur jam olim. Monita insunt insignia, et ex medio rerum usu petita, quae palmam merito omnibus aliis eripere censentur. Scopus ipse libelli minime turpis, aut foeditatis consectator est, quo vitio non pauca etiam antiquorum scriptorum monumenta vere prudentibus sordere debent. Historiae obiter recensitae nulla prorsus obscenitate, multa vero venere artificiose et suaviter, ne jucunam videas intextae. Procul omnis sermonis et allusionum quae vernilitas dicitur, re ipsa autem lascivia est. Carmina faventibus adeo musis et gratiis nata et horum inventiones potissimum omnibus memoriae artificibus hoc quidem in genere opponere velim[1].»

POLYANTHOS (THE) BOSTON, published by J. T. Buckingham, 1806.

No vol. II encontram se:

Pag. 26 a 31: *D. Pedro I of Portugal.* (É uma resumida historia de D. Pedro I e de D. Ignez de Castro).

Pag. 48: Dezoeis linhas contando o homicidio do duque de Vizeu, praticado por D. João II.

POMPILI (G.).—Socio dell'academia omiopatica di Palermo, membro dell'instituto omiopatico de Rio de Janeiro, membro della società medica omiopatica di Francia, socio della riunione centrale dei medici omiopatici tedeschi, direttore della *Revista omiopatica* di Roma, etc.

Il maresciallo duca di Saldanha e l'antiomiopatia. Difesa espositiva della dottrina di Hahnemann in risposta al discorso di anonimo professore del Dott. In Roma, Tipografia di Gaetano Menicanti. 1864.

PONTANO (GERARDO ——).

Epigrammata aeterna do martyrio de uns cincoenta jesuitas, quasi todos portu-

---

[1] Niccol. Ant., *Bibl. Hispa*, vol. I, pag. 939. Tommaso de Santi-Ili. *Della biblioteca dei Medici di Europa*, vol. II, pag. 209.

guezes, martyrisados no mar, quando navegavam para o Brazil, pelos huguenotes.

«*Valientes epigrammas!*» lhes chama Cienfuegos[1].

POPPLAU (NICOLAUS VON ——).

Viagem por Hespanha e Portugal.

Vem esta viagem mencionada na collecção Liske.

POR LA ADMINISTRACION *y prelacia eclesiastica del Rio de Janeiro, en el estado y provincias del Brasil y de lo que en ella tiene gran necesidad de remedio espiritual.* Fol. de 16 pag., sem data nem logar de impressão.

Ha um exemplar na bibliotheca da Ajuda.

PORCEL (D. FRANCISCO MORENO ——).— Natural de Sevilla.

Retrato de Manuel de Faria e Sousa, del orden militar de Christo. Madrid, in-4.°

PORCHESTER (LORD ——).

The last days of the Portuguese Constitution. London, 1830.

PORQUET.

The portuguese tresor; or the art of translating easy english into portuguese at sight. London, 1820.

(L. Ph. R. F. de ——). Key to the portuguese tresor being a literal translation of that work. London, 1820.

PORRES (DR. D. FRANCISCO IGNACIO DE ——).

Escuela de discursos. Formada de sermones varios, escritos por diferentes autores, maestros grandes de la predication. En Lisboa, en la imprenta de Pablo Craesbeeck.

PORTO, *Praia S. Thiago, Cap of Verd Islands. Plan gravé par J. Luffman.* London, 1801. 0m,12 × 0m,15.

PORTOGALLO.

«In questo regno non abbiamo da citare verun atto ufficiale governativo in favore della dottrina di Hahnemann.

«Dobbiamo però, con un tributo di massima lode, additare in esempio ai grandi ai dotti di ogni paese, l'illustre statista e scienziato maresciallo duca di Saldanha, il quale le dette grandissimo favore ed impulso contribuendo colla sua alta influenza alla fondazione di dispensari, giornale e farmacie omiopathice nella capitale del Portogallo. Uno di tale Mecenati per città, e il trionfo completo dell'omiopathia non sarebbe ritardato.»

O duque de Saldanha tornou-se nos paizes estrangeiros muito conhecido, tornando-se um acirrado fautor da homœopathia.

---

[1] Alvaro Cienfuegos, *La heroyca vida del grande S. Francisco de Borja.* Madrid, 1717, pag. 419.

PORTS (LES) *de Lisbonne, Setubal et leurs environs.* 1707.
Existe um exemplar na bibliotheca publica de Lisboa.

PORTUGAL. *A review of the causes, tendency and progress of the revolution, which commenced in Oporto on the 24 august 1820.* London, 1821

PORTUGAL. *avant et après 1846. Notes pour servir à l'histoire contemporaine de ce pays.* Paris, Jules Renouard & C.ª, 8.º, 77 pag.

«A nação inteira tem saudades hoje d'esses tempos de bem-estar nacional a propósito dos quaes o *Diario do governo* em maio de 1847 diz em poucas palavras, mas com verdade:

«Antes do começo das perturbações (ha já um anno), o commercio era prospero, o credito sustentava-se, trabalhavam activamente nos grandes melhoramentos nacionaes; alguns milhares de operarios estavam empregados na construcção de estradas e de canaes; as familias viviam na abastança, cada um entregue a seus negocios e aos cuidados de seus interesses, gosava da paz e vivia na segurança.»

«Não basta, todavia, recordar o bem de que se gosava então, e que ninguem póde contestar; cumpre examinar attentamente o conjuncto dos actos da administração e deduzir d'este exame a solução das tres questões seguintes:

«1.º Teria executado seu programma especial — restauração da carta?

«2.º Satisfez ás condições de um governo constitucional — benefico e reformador?

«3.º Ha, porventura, uma causa sufficiente para motivar a revolução que a supplantou?

«A restauração da carta constitucional da monarchia, dada por D. Pedro IV fora unanimemente reconhecida necessaria desde o Minho até o Guadiana; ella era indispensavel para um povo desgostoso, pela experiencia da revolução de setembro e da constituição de 1838, fructo amargo e apodrecido d'essa arvore venenosa. Mas não bastava restaurar a carta; era mister crear um systema administrativo que estivesse em harmonia com esta lei fundamental.

«Não havia codigo administrativo; aquelle que tinha este titulo, forjado á pressa no meio da febre legislativa dictatorial de 1836, tinha sido já declarado não viavel pela legislação de 10 de outubro de 1840. Em 18 de março de 1842, appareceu o novo codigo administrativo, destinado a preencher esta lacuna.

«Faltava um conselho d'estado organisado de maneira que podesse satisfazer a todos os encargos que lhe impõe o artigo 110.º da carta constitucional, sobretudo como tribunal de revisão e de appellação dos conselhos de districto, como intermedio superior dos poderes executivo e moderador.

«Viu-se organisado em Portugal, pela primeira vez, esse corpo veneravel, a que os publicistas consideram como a chave da abobada do edificio monarchico constitucional.

«Restabeleceu-se igualmente o tribunal do thesouro, como consequencia da restauração da carta, e annexaram-lhe o tribunal de contas, tantas vezes reclamado e tão necessario.

«Completou-se, pois, a obra da restauração, tomando a organisação social mais perfeita do que ella o tinha jámais sido. Prouvera a Deus que se tivessem

operado ao mesmo tempo as reformas reclamadas pela camara dos pares, o thesouro, as secretarias, a posta, os arsenaes e muitas outras administrações do estado. Prouvera a Deus, principalmente, que se houvesse reformado a organização judicial, cuja corrupção anarchica paralysa a acção da justiça. A intervenção da politica nos actos judiciaes introduz no corpo social o desprezo das leis, com o qual a existencia das sociedades se torna impossivel.

«Mas para estas reformas uma dictadura se tornava indispensavel, e a restauração não quiz ser dictadora. Pelo contrario, separando-se da força militar que a cercava, quando a carta foi proclamada em Lisboa, a restauração não pensou em mais do que oppor o voto nacional aos esforços dos ambiciosos ligados contra ella.

«Elevada ao poder pela força da opinião publica, a despeito das intrigas do palacio e das cabalas dos clubs, não quiz ella abusar de sua força para reformar largamente e sem vã piedade, como o deveria fazer. Longe d'alli pensou em proceder immediatamente as eleições para esta legislatura, a primeira que entre nós desempenhou sua missão até ao fim.

«Desde então jámais este ministerio governou sem côrtes; conforme uma marcha politica verdadeiramente constitucional, mostrou sempre sua tendencia para largar o poder no seio da representação nacional, composta em grande maioria dos caracteres os mais distinctos, dos homens os mais illustres que possue a nação portugueza. Os grandes luminares d'esta assembléa legislativa, teriam, porventura, produzido essas pretendidas faltas, que serviram mais tarde de pretexto para as perturbações populares previamente combinadas? A falta principal, é que se tem querido fazer a applicação dos principios os mais luminosos e os mais salutares do systema governamental adoptado hoje com proveito pelas nações mais illustradas, a um povo que ainda não está preparado para os comprehender e d'elles sentir as vantagens.

«Muito longe nos levaria esta discussão apologetica dos actos do corpo legislativo, sobre quem recáe, em grande parte, a responsabilidade d'essas leis sensatas, taxadas de «servis», porque as desfiguraram, e ao qual cabe o merito de varios outros actos universalmente applaudidos. Virá um tempo em que esta polemica ha de merecer elogios.

«Agora voltemos os olhos para os actos emanados d'esta administração, actos que produziram esta epocha de paz e de prosperidade, da qual toda a gente, tanto ricos como pobres, se lembra hoje com prazer. Traz ella á memoria as lembranças do reinado de D. Manuel, o *Venturoso*, ou ainda a administração vigorosa e civilisadora do marquez de Pombal, esse campeão do verdadeiro progresso, odiado pelos inglezes, inimigo dos jesuitas e perseguido com tenacidade por uma caballa oligarchica de alguns nobres degenerados; nobres tão orgulhosos como maus, que se esforçavam para o supplantar, de occultar sua propria capacidade com os privilegios de seus antepassados, gravados nos pergaminhos, velhos, na verdade, mas manchados!...

«E quantos argumentos não nos forneceria a analogia... Quantas relações ou pontos de contacto não achariamos entre dois homens d'estado separados por um lapso de noventa annos!

«Voltemos, porém, a esse risonho quadro da tranquillidade, da qual os portuguezes (e ninguem o ignora), têem gosado durante seis annos; cada um então occupava-se exclusivamente de augmentar sua fortuna Estranhos á profissão das

tomas, quasi que eram indifferentes a essas revoltas parciaes, suscitadas nas classes militares por alguns individuos reconhecidos como revolucionarios de profissão.

«Quando taes symptomas de desordem appareciam, os cidadãos diziam uns para os outros:

«— Não temos um governo bastante previdente, e assas forte para restabelecer a ordem, e para governar bem o reino. Vamos governar nossas casas.»

«E o industrial corria a activar sua forja, o negociante ia para a bolsa concluir uma transacção vantajosa, o mercador occupava-se em servir os freguezes que affluiam a seus armazens. O capitalista associava-se a novas emprezas para augmentar sua fortuna, melhorando a do paiz. Toda a gente ganhava o bastante para viver, e por conseguinte pagavam sem reluctancia os impostos legalmente estabelecidos. Se alguem se mostrava refractario, exerciam contra elle a acção das leis, porque a justiça não tinha cadeias, e não receiava os pulhaes dos malfeitores. Á sombra da paz, da ordem e da justiça, a agricultura annualmente fazia progressos; os cereaes estavam baratos, e o povo comprava o pão e os generos de primeira necessidade pelo preço mais baixo que jamais se viu em nossos dias.

«Empregavam mais de onze mil pessoas só nas estradas, assegurando a todos trabalho permanente e bem remunerado. Os trabalhadores não eram os unicos que recebiam um salario vantajoso; os artistas tambem encontravam alguns beneficios nas fabricas, que por todos os lados se estabeleciam. Emquanto ás manufacturas, principalmente de ferro, de seda e de algodão, bastavam em grande parte para o consumo do paiz. E ainda mais, alimentavam ellas o commercio do ultramar, que tinha tomado um grande desenvolvimento, e cada semana viam partir para as nossas possessões africanas alguns navios carregados com os productos da nossa industria e da nossa cultura, e voltavam com carregamentos de urzella, couros, gommas e varias outras materias primas, das quaes uma parte era reexportada para os portos da Europa conjunctamente com os vinhos, fructas e sal do nosso solo.

«Estas trocas davam vida e movimento ao commercio, bem como o comprovavam os rendimentos das alfandegas. O povo portuguez tinha, portanto, rasão para viver contente na abastança, ao passo que o da Irlanda e de outros cantões da Inglaterra se revoltava por causa da falta de trabalho e da carestia dos viveres. Mais contentes ainda viviam os empregados do estado, que recebiam os seus ordenados de um mez em cada trinta dias, e eis porque elles eram exactos no cumprimento dos seus deveres. O credito, esse thermometro da confiança que inspiram os governos, em que altura estava n'aquella epocha? Perguntae-o ás listas commerciaes d'aquelle tempo, consultae os algarismos da bolsa, e lá vereis que as inscripções de 5 por cento tinham subido a 73, ao passo que em 1812 não passavam ellas alem de 48. Vereis tambem que as acções do banco de Lisboa tinham subido muito alem de 800$000 réis. Recordae-vos da massa de metaes amoedados que affluiu para Lisboa, a ponto de produzirem uma depreciação nas especies metallicas. Recordae-vos d'esses enthusiasmos para com as novas emprezas, esse espirito de especulação associativa que predominava em 1844 e 1845. Talvez fossem excessivos e desregrados; mas era um indicio incontestavel da confiança de que no paiz e fóra do paiz gozavam esses homens que governavam Portugal. Era a marca de uma tendencia rapida para uma civilisação progressiva,

presagiando brilhantes fortunas, que dois annos de estabilidade bastariam para a consolidar. E com effeito a prompta abertura das estradas e dos canaes dava aos capitaes improductivos e accumulados em Lisboa e Porto uma passagem facil para irem levar uma maior fertilidade para as provincias, para animarem cada vez mais a agricultura e as artes, para darem um maior valor á terra, e um maior valor ao trabalho . . . »

PORTUGAL *being some account of Lisbon and of a tour in the Alemtejo. With four coloured plates.* London (about 1860).

PORTUGAL IN 1872. *Constitutional Life of a Nation of the Latin Race. An Essay published in January 1873. In the diplomatic Memorial of Paris, presented by the translator to the portuguese bond-holders.* 8.º gr. Lisbon, National Printing Office, 1873. 40 pag.

No *Memorial diplomatique*, Paris, 1873.

«No começo do seculo XV o Infante D. Henrique adoptou para sua divisa as palavras francezas: *Talent de bien faire.* Fundou a escola nautica e o observatorio de Sagres, no cabo de S. Vicente, no extremo da peninsula e da Europa. Seus discipulos, os navegadores Tristão Vaz, Perestrello, Zarco, Gil Annes e muitos outros, começaram essa não interrompida serie de viagens e explorações maritimas, que terminaram dois seculos depois.»

PORTUGAL *et l'union ibérique. Le Brésil sous la domination portugaise. L'Espagne et Gibraltar.* Paris, 1872 a 1873.

PORTUGAL *her King and her Constitution. By a British Officer.* London, 1829.

PORTUGAL (HISTORY ——) *by S. P.* London, 1667, 8.º

PORTUGAL (LE) *devant l'Europe et le monde, ou les traités de 1815 et la politique du travail.* Lisbonne, 1854, 8.º, 168 pag.

«Todavia, ao lado das potencias de primeira ordem, que possuem por sua numerosa população forças formidaveis, existem estados secundarios, cuja influencia exterior é de fraco peso na balança do mundo.

«Entre esses estados, Portugal, pela sua posição excentrica, e fóra das grandes correntes internacionaes que decidem os destinos dos povos, merece uma attenção muito particular.

«A Belgica, a Suissa, o Piemonte, que marcham a par com Portugal, apresentam um caracter particularmente differente. Ou são alternadamente satelites ou victimas das potencias de primeira ordem. Apertados entre a França, Prussia e Austria, estes estados independentes só nominalmente, não o são de facto. A neutralidade é lhes prohibida, e os campos de batalha se abrem sobre territorio.

«Esta dependencia faz da Belgica, da Suissa e do Piemonte estados politicos, dos quaes prescindiriam muito bem, pois esta servidão os destróe, esmaga e arruina.

«Portugal é independente e não perderia sua liberdade, porque a Inglaterra

podesse em algum dia desembarcar alli algum troço de tropas. Pelo contrario, na sua posição actual na Europa, a Inglaterra representa a liberdade; e no caso de uma guerra contra o imperio de Napoleão, tem necessidade de ter um pé no continente, e por isso a alliança d'esta potencia não seria uma calamidade para Portugal.

«Uma guerra continental entre a França e as potencias do norte apenas teria um tenue echo em Portugal.

«Uma guerra de Napoleão III contra a Hespanha, é impossivel; a aspera lição que d'alli recebeu Napoleão I deve ter passado para as tradições de familia. Ora, é o unico dos casos, em que Portugal, para salvar a independencia da peninsula, deveria levantar-se em massa e pegar em armas. Porém é difficil admittir uma tal supposição.

«Uma guerra franco-hespanhola, e por conseguinte contra Portugal, é impossivel; não sendo a Hespanha uma potencia maritima, teria tudo a perder para uma alliança, cujo resultado certo seria arrancar-lhe suas colonias. Alem d'isto é pouco provavel que o povo hespanhol se deixe lançar em uma guerra desastrosa ao interesse do despotismo de Napoleão III contra as idéas de liberdade apresentadas pela Inglaterra.

«É verdade que poderiamos suppôr que a Hespanha se decidiria a uma alliança franceza contra a Inglaterra, para empolgar Portugal; mas uma tal supposição não tem base alguma. Se uma confederação iberica tem de surgir algum dia, não ha de ser a conquista, mas sim a paz, que a ha de trazer.

«Portanto, Portugal, quer por sua situação excentrica, quer pela alliança ingleza, acha-se n'uma feliz posição para não ter um papel importante a representar na politica externa do drama europeu que se preparar.

«Esta posição é inapreciavel, e nem por isso Portugal deixa de ser um membro da grande familia européa, e sob este ponto pesam sobre elle deveres de solidariedade.

«Taes deveres, embora sejam de uma ordem differente, nem por isso deixam de ser menos gloriosos. Se não provém da politica guerreira, provém da politica pacifica, o que ainda é melhor. E Portugal, como já o dissemos, gosa do privilegio de se encontrar ao abrigo dos abalos tumultuosos que agitam a Belgica, a Suissa e o Piemonte.

«A Portugal, pois, pertence a iniciativa de offerecer á Europa o exemplo de um estado ou as leis da economia administrativa social, as mais perfeitas que hão de reger a nação.

«E a Portugal, tambem, a gloria de instaurar a politica do trabalho, a politica do bem estar ...»

PORTUGAL (LE) *et son emprunt extérieur (1832), devant les tribunaux français. Suite des appréciations de la presse portugaise. Ce qu'il faut penser des articles depuis le jugement de première instance dans quelques journaux français, suivi de documents complémentaires pour servir l'histoire de l'emprunt 1832, extraits de l'Histoire chronologique de Portugal et du Moniteur 1828-1834.* Paris, Librairie Moderne, 1880, 4.°, 216 pag.

PORTUGAL (LE) *vis-à-vis de l'Espagne.* Londres, 1842.

PORTUGAL NA ALLEMANHA.

O sabio escriptor germanico dr. Wilhem Storck devotou-se, pôde dizer-se que inteiramente, á vulgarisação no seu paiz da nossa litteratura. A elle se deve já a traducção dos sonetos de Anthero e de outros trabalhos.

Em tal empenho, embora o dr. Storck conte por ter n'esse trabalho um prazer pessoal compensando todas as canceiras, tem o sabio lusophilo um novo livro no prelo para breve apparecimento. Intitula-se:

Aus Portugal und Brasilien. 1250–1890. Ausgewahl. Gedichte verdeutscht.

É uma preciosa collecção de poesias de todos os seculos da litteratura portugueza, traduzidas nos mesmos metros em que originalmente foram escriptas.

Contém 225 numeros.

PORTUGAL *or the young travellers: being some account of Lisbon and its environs and of a tour in Alemtejo.* London, 1830. in-12.

PORTUGAL (THE) *history, or a relation of the troubles that happened in the court of Portugal, in the years 1667 and 1668. By S. P.* London, 1677.

PORTUGALLIA ET ALGARBIA, *quae olim Lusitania, auctore Fernando Alvaro Secco.* Amsterdam, apud G. et J. Blenw, 1647.

PORTUGUESE (THE) *question from n.° 89 of the Edimburgh Review.* 1 vol. in-4°, 1826.

PORTUGUESE (THE) *Shisme investigated and the danger of adhering to it plainly for the instruction of all good Catholics in a few words.* Colombo, 1846.

Ha um exemplar na bibliotheca publica de Evora.

Em Madrasta tambem muito se escreve a respeito do nosso padroado no Oriente.

PORTUGUEZES (OS) EM MADRASTA (INDIA ——), *por Joaquim Heliodoro da Cunha Rivara.*

«7 de junho de 1861.— Pelo fallecimento do arcebispo de Carthago, e consequente interrupção dos trabalhos da commissão, teria eu logo recolhido a Goa se não coincidisse aquelle lamentavel successo justamente com a epocha em que era acabada a navegação da costa occidental.

«De todos os expedientes o que me pareceu melhor, foi ir passar a Madrasta o tempo que era assim forçado a estar ausente de Goa, não só pela commodidade de me achar em Madrasta entre os nossos padres, mas para poder visitar aquellas missões, e habilitar-me melhor para o futuro cumprimento de meu cargo, se o pensamento da circumscripção das dioceses fosse ávante.

«Sai, pois, de Konur, n'este dia 7 de junho, ás seis horas da manhã. Acompanhou-nos a pé mais de uma milha o capitão Nichol, e ahi nos despedimos. De Konur a Metapoliam fui em machila, conduzida por bargaros, que têem um choto que parece que manteam o pobre passageiro e recorda a celebre scena da manteação de D. Quixote, e a mim me fez lembrar a que usava no meu tempo de Coimbra, certa troça de estudantes que moravam na rua das Cozinhas, em que entrava um cavalleiro de Braga, conhecido pelo nome do seu solar, que hoje lhe serve de titulo de viscondado.

«Mas, continuemos a descida da montanha e descancemos um pouco em Mettapolam, onde chegámos ás onze horas e tres quartos da manhã. Se pela manhã sentiamos frio em Konur, ás dez horas sentiamos calor na planicie. D'aqui fomos em carro a Coimbatore, a cujo hotel chegámos ás nove e meia da noite.

«— Não ha quarto, mas podem ficar no salão.

«— Sim.

«Deram-nos de ceiar quatro costeletas de carneiro, sem carne.

«— Pois não ha mais nada, rapaz? Nem ovos, nem manteiga, nem queijo...

«— Sim, senhor, ha.

«— Pois traze.

«Depois de alguma hesitação trouxe uma codea de queijo nojenta. No dia seguinte, quatro rupias e meia pelas costelletas, e mais ainda, duas rupias e meia pelo carro que nos havia de levar de Coimbatore á estação, e que nós já haviamos pago em Mettapurão, quando ajustámos o carro. É emprezario e arrematante um senhor Smith, que tira couro e cabello aos passageiros.

«Não pararam aqui ás nossas desventuras de Coimbatore. Antes da ceia, quando eramos ainda crentes que haveria ceia, chegou-se a nós um inglez velhote, a fazer-nos muitas cortezias. Maravilhou o caso, por ser fóra do ordinario; mas tudo foi explicado quando o homem pediu de ceiar, e ainda depois da ceia, boa ou ma, alguma cousa de esmola.

«8 de junho — Chegámos á estação ás onze horas da manhã. Partiu o trem para Salem ás doze e cinco minutos; chegada a Salem ás cinco e meia da tarde. Hotel ainda incompleto, mas não houve rasão de queixa.

«9 de junho.— Saida de Salem ás dez horas e meia da manhã. Chegada á estação de Madrasta em Rayapurão ás oito e meia da noite. Esperava-nos o padre Amarante, governador do bispado de S. Thomé de Meliapor e outros padres, e tinham prestes carruagens, em que fomos d'alli para o palacio episcopal de S. Thomé, distancia de 4 milhas.

«O padre Benjamim Francisco de Amarante, natural de Carmoná, em Salsete, residia no bispado de S. Thomé de Meliapor, havia já mais de trinta annos. Homem de porte grave, peritissimo na lingua tamul, depois de ser mestre no seminario d'aquella diocese, a governava então, e governa ainda hoje com muita honra sua, proveito da missão e gloria do nome portuguez.

«Foi seu hospede emquanto estive em Madrasta; e significando lhe aqui meus agradecimentos, não faço mais do que o que devo ao bom e esmerado tratamento que d'elle recebi.

«Tambem conservo gratas lembranças dos mais padres da missão, com que tratei.

«10 de junho.— De Madrasta pouco ou nada direi, que não seja relativo a cousas portuguezas, como leitor das outras terras fica advertido.

«O palacio episcopal é casa soffrivel, feita ao gosto portuguez antigo, mui diverso da elegancia e conforto das edificações modernas inglezas de Madrasta. Junto d'elle ha outra casa tambem antiga, que servia de seminario. Separada do palacio episcopal, por uma rua lateral, está a igreja cathedral, boa para uma

parochia, mas inferior ao que devia ser, na sua qualidade de sé episcopal. Não pude saber ao certo o tempo de sua fabricação, mas só que não é a primitiva igreja; e, ao que parece, é obra do seculo passado. Sobre a porta lateral d'esta igreja está o escudo das armas de Portugal com corôa aberta e outra similhante sobre a porta do palacio episcopal.

«Tanto na igreja como n'um adro adjacente á porta lateral, ha muitas campas com epitaphios, de entre os quaes lançaremos aqui os que dizem respeito aos bispos da diocese.

«No dito adro interior ha um fragmento de campa, que tem restos de armas de bispo, cujo brazão é um coração trespassado de settas, e ao redor levanta-se tambem no resto de uma inscripção, estas palavras:

S. B. I. Episcopus Meliaporensis.

«Parece referir-se ao primeiro bispo de Meliapor, que foi D. Fr. Sebastião de S. Pedro, que morreu arcebispo de Goa.

«Na capella de S. Thomé:

(Armas)

Aqui jaz D. Fr. Paulo
da Estrella, Frade da 3.ª Ordem
Da Penitencia, 3.º Bispo de
Meliapor, Provincial da (?)
sua religião .....
governou 2 annos e 7 mezes
morreu a 9 de janeiro de ...

(O resto está apagado.)

«Como, porém, este bispo chegou sagrado a Goa em 1633, e partiu para o seu bispado em 1634, vem o dia da sua morte a ser o de 9 de janeiro de 1637.

«Na capella mór da sé:

(Armas)

Sepultura do Ill.mo Senhor D. Gaspar
Affonso, da companhia de Jesus
quarto bispo de Meliapor.
Foi sagrado a 2 de agosto
de 1693. Falleceu aos 24
de Novembro de 1708.

«E no atrio interior já referido, ha outra campa que diz:

D. D. Gaspar Alphonsus
Episcopus Meliaporensis
Anno 1695.

(Armas)

«Na capella mór:

(Armas)

JOSEPH
SOC. JESU
EP. MAIL
CONSAC
DIE XXIV MARTII
1726
SUPREMUM DIEM
EXPLEVIT DIE
XV MARTII 1744.

(É o bispo D. Joseph Pinheiro.)

«Na capella mór:

(Armas)

SEPULTURA DO EX.mo E REV. SENHOR
D. FR. ANTONIO DA ENCARNAÇÃO
RELIGIOSO DE SANTO AGOSTINHO
SAGROUCE (sic)
BISPO DE MELIAPOR
EM O CONVENTO DE NOSSA SENHORA DA GRAÇA DE GOA
AOS 22 DE
POSSE DO BISPADO AOS
14 DE MAIO DE 1750, E
FALLECEU AOS 22 DE SETEMBRO
DE 1752

«Na capella mór:

SEPULTURA DO EXCELLENTISSIMO
E RM° SENHOR D. FRE
BERNARDO DE SANTO CAETANO,
RELIGIOSO EREMITA DE
SANTO AGOSTINHO
BISPO DE MELIAPOR.
FALLECEU AOS 4 DE
NOVEMBRO DE 1780

«Na capella de S. Thomé:

(Armas)

HIC JACET
EXIMIUS AC REVERENDISSIMUS DOMINUS
DNUS
EMMANUEL A JESU MARIA JOSEPH
ORDINIS EREMITARUM
S. AUGUSTINI
QUI ELECTUS EPISCOPUS
MELIAPORENSIS
DIE 20 JANUARII ANNI 1787
ET CONSECRATUS DIE 13 APRILIS ANNI 1788
OBIIT DIE 13 JANUARII ANNI 1800
52 ÆTATIS ANNO NONDUM RAPLETO
REQUIESCAT IN PACE

«Pela singularidade do conceito ponho mais estes dois epitaphios, ambos no atrio interior da porta lateral:

NESTA CALHETA SEGURA
LIVRE DE CORRENTES E MARES
ABAIXO DESTA PEDRA DURA
JAZ MARIA DE LINHARES

«O outro é:

AQUI JAZ NADA

«Havia o hospicio de Santa Rita, dos frades de Santo Agostinho em S. Thome. É boa casa; estava arrendada para collegio e escola protestante, mas á hora que isto se escreve acha-se transformada em novo seminario diocesano pelo padre Amarante.»

PORTUGISISKA *Nationens Manifest til Europas Suverana Jurista och Jolk.* Stockholm, 1822.

POSSART (DR.).— Professor.

Grammatik Portugiesischen Sprache, von ——. Leipzig, 1851, 8.º gr. IV–323 pag.

O auctor allemão parece achar-se muito versado na litteratura portugueza.

POSSINI (PETRI ——).— Soc. Jesu.

De Anno Natali S. Francisci Xaverii Dissertatio. Editio tertia prioribus emendatior. Insulis, typis Francisci Fievet, 1680, in-8.º

De vita et morte P. Ignatii Azevedii et Sociorum ejus e Societate Jesu libri quatuor. Autore Petro Possino ejusdem Societatis. Romae. Ex typographia Varesii, 1679, in-4.º, 611 pag.

POUR SA MAJESTÉ *Marie Anne, Reine de Portugalle. Née Archiduchesse d'Autriche à son passage à Prague, lorsqu'elle se rendit auprès du Roy son Époux. Et pour Son Excellence Monsigneur Ferdinand Teles de Sylva, Comte de Villarmayor, Ambassadeur de Sa Majesté Portugaise.*

POURCELLE (EDGAR ——) et **BONAVENTURE (E.).**

Essais historiques sur le Portugal: statistique. 1872.

POUSSINES (PIERRE ——).— Jesuita, francez, nascido em 1609 e fallecido em 1686.

S. Francisci Xaverii Epistolae novae 18 ex Archetypis Lusitanicis et Hispanicis latinitate donatae. Romae, apud Varesium, 1661, in-8.º Parisiis, apud Sebastianum Cramoisy, 1661, in-8.º

S. Francisci Xaverii Novarum Epistolarum libri septem, quibus priores 18 suis locis inseruntur. Romae, typis Varesii, 1667, in-8.º Pragae, 1667, etc

S. P. Francisci Xaverii e Soc. Jesu, Epistolarum libri IV. *Ex hispano in latinum conversi ab Horatio Tursellino, ejusdem Societatis Jesu sacerdote. Editio novissima, recensita, et epistolarum summariis aucta.* Antuerpiae, ex-officina Plantiniana Balthasaris Moreti, 1657, in-24, 474 pag. afóra o indice. *Appendix sive liber* V. *Epistolarum S. P. Francisci Xaverii... a Petro Possino ejusdem Societatis Jesu nunc primum ex autographis partim Hispanicis, partim Lusitanicis latinitate et luce donatarum.*

S. Francisci Xaverii Epistolae veteres quinque, et novae per septem libros distinctae, ex ipsismet autographis manu S. F. Xaverii Hispanico vel Lusitanico idiomate conscriptis, &c., a P. Horatio Tursellino et a P. Petro Possino ejusdem Societatis Sacerdotibus latinitate ac luce donatae, postea nova cum archetypis in India, aliisque terrae partibus facta collatione accuratius emendatae. Pro appendice accedit relatio de statu Japoniae brevis et curiosa a P. Adamo Weidenfeldt Coloniensi, e Societate Jesu conscripta, et nuperrime Turnaciae impressa. Coloniae Agrippinae, apud Haeredes Jo. God. de Berges, 1692, in-12, 864 pag. e 58 para a carta do P. Weidenfeldt[1].

POWER.

The history of the empire of the musulmans in Spain and Portugal, by —. London, 1845, in-4.°

POZZE (LAURENT DELLE —**)** ou **DE PUTEIS.**—Nasceu em Florença em 1568; fez-se religioso na idade de dezoito annos; veiu a ser reitor dos collegios de Montepulciano e de Tivoli, e morreu na sua patria em 1653[2].

Lettere annue del Giapone, China, Goa e Ethiopia. Scritte al M. R. P. Generale della Compagnia di Giesù. Da Padri dell' istessa Compagnia, negli anni 1615, 1616, 1617, 1618, 1619. Volgarizzati dal P. Lorenzo delle Pozze della medesima Compagnia. In Milano, appresso l'heredi di Pacifico Pontio, e Gio. Baptista Piccaglia, 1621, in-8.°, 368 pag. Mesmo titulo: In Napoli, per Lazzaro Scorrigio, 1621, in-8.°, 404 pag.

Esta ultima edição é mais completa do que a anterior. Contém:

Lettera annua del Giapone. Scritta da Padri della Compagnia de Giesù al M. R. P. Generale dell' istessa Compagnia, gli anni 1615 e 1616. Di Macao, 13 di Decembre 1616. Assignado: Gio. Vrsinsn, pag. 3-93.

Lettere annue di Goa, scritte da i Padri della Compagnia di Giesù, al molto R. P. Mutio Vitelleschi, Generale l'anno 1618 e 1619, di Goa 1 di Febraro 1620. Assignado Gaspar Lotz, pag. 93-137.

Lettera scritta d'Etiopia, al M. R. P. Mutio Vitelleschi, Generale della Compagnia di Giesù, l'anno 1617, dal P. Pedro Paez, della stessa Compagnia, pag. 139-172. *De Goa, 18 Febraio 1620.* Assignado: Michelle della Pace.

Lettera annua, scritta al M. R. P. Mutio Vitelleschi, Generale della Compagnia di Giesù, dalla China, per ordine del P. Francesco Vieira, Visitatore l'anno 1618... Di Macao li 15 di Gennaio 1618. Assignado, Camillo di Costanzo, pag. 173-254.

---

[1] Augustin et Aloys de Backer, Bibliothèque des écrivains de la Compagnie de Jesus, vol. I, pag. 359, T. III, col. 9, pag. 592.

Lettera della Cina. Al medesimo R. P. Generale nel 1618. Di Macao 20 di Noc 1618. Assignado: Affonso Vagnane, pag. 255-277.

Lettera annua del Giapone. Al medesimo P. Generale nel 1618. De Macao (sic) *28 di Dec. 1618.* Assignado: Camillo Costanzo, pag. 277-372.

Lettera annua del Collegio di Macao, Porto della Cina, al M. R. P. Mutio Vitelleschi, Generale della Compagnia di Giesù, 1617. Di Macao, 8 di Gennaio 1618. Assignado: Antonio di Sousa, pag. 373-380.

Lettera annuale del Collegio di Macao, al Molto Reverente (sic) *P. Mutio Vitelleschi, Generale della Compagnia di Giesù l'anno 1618. Di Macao, 21 di Gennaio 1619.* Assignado: Francisco Eugenio, pag. 387-401.

PRADO (D. JACINTO DE AGUILAR Y ——).—Natural de la ciudad de Granada y soldado de Su Majestad, que en esta jornada se halló.

Certisima relacion de la entrada que hizo Su Majestad, y sus Altezas en Lisboa; y de la jornada que hicieron las galeras de España y de Portugal, desde el Puerto de Santa Maria hasta la famosa ciudad de Lisboa. Donde se refiere las prevenciones, fiestas y grandezas que se hicieron en ella, y otras muchas cosas notables, sucedidas en esta facion. Compuesta por ——. Dirigida al generoso Conde de Salaña, Apolo presente de la nacion española, cavellerizo mayor del Principe de Castilla, gentilhombre de camara del Rey nuestro señor, y primer gentilhombre de la de su Alteza, comendador mayor de Calatrava, capitan de una de las compañias de los hombres de armas de Castilla, hijo del Ilustrisimo y excelente cardenal de Lerma, tan conocido en el mundo por sus grandezas, como por sua antigua calidad. Impreso en Lisboa por Pedro Craesbeck, año de MDCXIX. 8.°, 20 pag.

Escrito historico de la insigne y valiente jornada del Brasil, que se hizo en España el año de 1625. Al capitan Martin de Juztiz, noble de la muy antigua y leal Provincia de Guipuzcoa. Por ——. 4.°

Bibliotheca publica de Lisboa.

PRADT (M. DE ——).—Ancien archevêque de Malines.

L'Europe après le Congrès d'Aix-la-Chapelle, faisant suite au congrès de Vienne; par ——. A Paris, chez F. Bechet Ainé, 8.°, XXVIII-377 pag. 1819.

Les trois derniers mots de l'Amérique méridionale et du Brésil 2e édition, revue, corrigée et augmentée.

A 1.ª edição parece ter sido feita em 1817.

Les six derniers mots de l'Amérique et du Brésil, faisant suite aux deux ouvrages ci-dessus sur les colonies.

PRANDOMONTANUM (FR. ANTONIUM MARIAM ——).—Concionatorem Capucinum.

Gentilis Angollae fidei mysteriis Lusitano idiomate per R. P. Antonium de Coucto, Soc. Jes. nunc autem Latino per ——. Admodum Rev. Patris Procuratoris Generalis Commissarii socium instructus, atque locupletatus. Romae, typis S. Congreg. de Propaganda Fide, 1661, in-4.°, 115 pag. afóra a dedicatoria, prefacio, etc.

Este catechismo é impresso em tres volumes, dos quaes o primeiro é em latim, o segundo na lingua de Angola e o terceiro em portuguez. Francisco Pacconio é o auctor d'elle, segundo se vê na epistola dedicatoria. O padre Anto-

nio do Couto o resumiu, e o padre Antonio Maria Prandomentano ou de Monte Prandium ou Prodemontano o verteu para latim[1].

PRAT. — De la Compagnie de Jésus.

Histoire du bienheureux Jean de Britto, de la Compagnie de Jésus, missionaire du Madoré et martyr de la foi, composée sur des documents authentiques par le R. P. de la même Compagnie. Société de Saint Victor pour la propagation des bons livres. Paris, librairie centrale de la société, 1853, in-8.°, xvi-438 pag. Bruxelles, librairie catholique de L. de Wageneer, 1853, in-12, xv-414 pag. Imprimerie de F. Parent à Bruxelles.

Esta *Vida* foi vertida para allemão.

A primeira edição foi dada á luz em França[2].

PRAXL (FRANCISCO ——). — Jesuita, natural de Crem.

Panegyricus Francisco Xaverio dictus. Tyrnaviae, 1758, in-12.

PREDICHE *del P. Antonio Vieira, dette e stampate in lingua portoghese, tradotte nell' italiano dal P. Annibale Adami.* Roma, 1683, in-4.°

PREDICHE *varie del P. Antonio Vieyra, tradotte della lingua spagnuola nella italiana.* Venezia, 1690.

PREFUMO (ANTONIO ——).

Grammatica da lingua italiana para os portuguezes, por ——. Lisboa. Na typographia do Bulhões. 1829, 4.° 260 pag.

É offerecida ao barão de Quintella.

PRELUDIOS *encomiasticos ao que obrarão D. Manuel Pereira Coutinho e seus filhos D. Francisco Joseph Coutinho e D. Pedro da Sylva Coutinho, no choque que no Campo de Monsanto teve com o inimigo, em 11 de junho de 1704, o Real Exercito da Beyra, mandado pelo Excelentissimo Marquez das Minas, governador das armas de aquella provincia, do conselho de estado, &c.* London. Printed by Fr. Leach, 1704. 4.°, 54 pag.

É uma collecção de poesias compostas por varios auctores.

PRESCOTT (WILLIAM ——).

Historia del reinado de los reyes Católicos D. Fernando y D. Isabel. Madrid, 1845.

Historia del reinado de Felippe II. Madrid, 1856.

PRESSERVE (M. DE ——).

Le mariage ou l'avenir de Portugal. Paris, 1862.

---

[1] Augustin et Aloïs de Backer, *Bibliothèque des écrivains de la compagnie de Jésus*, vol. III, pag. 800.

[2] Id., vol. V, pag. 180.

PRIEZAC (M. DE —).
Observations sur un livre intitulé: Philippe le Prudent, fils de Charles le Quint, vérifié roy légitime de Portugal, des Algarves, &c., composé en latin par D. Juan Caramuel Lobkowitz. Paris, 1640, 8.°

PRINCE (LE) *rendu ou Contrat de Vent de la Personne du Prince libre et innocent D. Edouard, infant de Portugal.* Paris, 1643, in-4.°

PROELESS (JOH.).
Luiz de Camoens. Leipzig. 1880. 2 pag. in fol., com o retrato do nosso poeta.
Camoens. Feier in Lissabon.

PROEZAS *del señor general Guido Estarembery, quando passò à Madrid à coronar por Rey al señor archiduque Carlos de Austria.*

PRONOSTICO FELIZ. *Nihil sub sole novum.* Soneto.
É relativo á guerra da successão.

PROPAGANDIST (THE) *imposture unmasked, and the Indian catholics undeceived in regard to the celebrated portuguese schism in India, by a Roman Catholic Portuguese, submissive to the Pope, and to his Queen.* Calcutta, 1847.

PROSPECTUS *pour placer à la tête de l'ouvrage intitulé: Administration du Marquis de Pombal. Contenant les causes de la jouissance et de la faiblesse de Portugal. Ouvrage préliminaire.* Amsterdam, 1786, 8.°, 108 pag.
Ha outra edição: Amsterdam, 8.°, 348 pag.

PROSPER (SAINT AUGUSTE ——).
Histoire de Portugal. Paris, 1844, in-8.°

PROSPERO PERAGALLO.— Prior da igreja do Loreto, em Lisboa.
Cristoforo Colombo in Portugal. Studi critici. Genova, tipog. Sordo-Muti. 1882.
Cristoforo Colombo e la sua famiglia. Revista generale degli errori del Sig. E. Harrisse. Studi storico critici de ——. Lisboa, typographia Portuense, 1888, in-4.°, 336 pag.
O auctor d'esta obra, servindo-se tambem ás vezes de escriptores portuguezes, refuta um grandissimo numero de asserções falsas, attribuidas a Christovão Colombo, entrando n'ellas tambem uma nacionalidade falsa que lhe queriam attribuir, embora seja notorio o ser genovez.
Versadissimo no conhecimento dos escriptores portuguezes, o que é muito para admirar, por ser estrangeiro.

«Nelle prossime feste del centenario di Colombo, il Portogallo ha pertanto un seggio d'onore. Fa pena solo che il suo Re, sviato da superbi consiglieri o forse diffidente dello straniero, non eseguisse l'impresa da costui proposta: ma ad ogni modo la piccola nazione, su cui regnava, ha in opera di scoperte geogra-

fiche una soma tale di meriti, da non invidiare nulla alle più grandi nazione d'Europa. Gloria et Portugallo » (Pag. 187.)

E quer-me parecer que d'aqui por diante ninguem deverá escrever acerca de Christovão Colombo sem consultar a citada obra do sr. Peragallo.

PROSSESO (sic) *verbal, no qual se contém a declaração que o Marquez de la Fuente, embaixador extraordinario de El-Rei Catholico na côrte de França teve feito a Sua Magestade, em nome de El-Rei seu senhor, para dar satisfação a Sua Magestade no tocante ao que succedeu com a cidade de Londres, aos dez dias do mez de setembro proximo passado, de 1661, entre os embaixadores de França e de Hespanha, e juntamente tudo o que se passou n'esta primeira audiencia, de 24 de março de 1662.* Em Paris, 1662, 4.°

Bibliotheca publica de Lisboa.

PROUDHON (PEDRO JOSÉ ——).

Na obra: *Justice dans la révolution et l'église*, elogia Camões.

PRZIKRIL (CARLOS ——).— Jesuita, natural de Praga. Viveu na India portugueza.

Grammatica linguae Canarinae, quam gentiles Goani et circumjacentes Ethnici tuber se loquuntur.

Epistolae, quibus Civitas, Collegium et portus Goani, mores Orientalium describuntur, et errores plurium scriptorum, qui in hac materia versati sunt, delegantur[1].

PUFENDORF.

Escreveu em allemão, e publicou em 1686 a *Introducção á historia dos principaes estados da Europa*. Está vertida em francez.

No tomo I, liv. III, trata da lucta do prior do Crato com Castella, e especialmente da conquista dos Açores pelo marquez de Santa Cruz, cujos triumphos desmerecera por não ter soffrido resistencia o general hespanhol.[2]

PULCHARELLI (CONSTANCIO ——).—Jesuita, italiano.

Panegyris in B. Franciscum Xaverium Societatis Jesu.

Appareceu este panegyrico na obra intitulada: *Parnassus, Societatis Jesu.* Francofurti, 1654.

PYTHON (PIERRE ——).— Jesuita, allemão.

Vita S. Francisci Xaverii Societatis Jesu Indiarum et Japoniae Apostoli, a P. Dominico Bouhours, Societatis Jesu, gallice scripta a P. Python, ejusdem Societatis latine reddita. Monachii, sumptibus Joannis Jacobi Remy, typis Mathiae Rösli, 1712, 816 pag.

PUPPIKHOFFER (AGOSTINHO ——).— Jesuita, hungaro.

Panegyris D. Francisci Xaverii. Tyrnaviae, 1761.

---

[1] Augustin et Aloys de Backer, *Bibliothèque des écrivains de la compagnie de Jesus*, vol. VI, pag. 174.

[2] Fr. Candido Cardoso Branco, *Narrativas*, vol. II, pag. 43.

Q

«No member of the honourable Guild of Literature ever fulfilled his traditional destiny more completely than Luiz Camoens. Like Milton, Otway, Goldsmith, Chatterton, and many others, he composed his immortal work often in sorrow and his misery, and so he died: but the gem of genius, brilliant and enduring as the diamond, was always there, and as is the wont of the works of those upon whom, according to the old classic legend, and gods breathed in their cradle, it has flashed out after three centuries.»

(The Graphic. An illustrated weekly Newspaper. 10 julho 1880.

QUADROS (ANTONIO DE ——). — Jesuita, missionario na India portugueza.

Letra escripta ao P. Diogo Mirão, em 8 de dezembro de 1855. (Saiu vertida para latim com outras cartas indicas.) Lovanii, apud Rutgerum Velpium, 1570, in-8.°, desde pag. 105 a 126. Ibid., ibid., 1566, in-8.°, desde pag. 226 a 259. Em italiano, per Michele Tramezino, 1565, in-8.° Saiu tambem no livro: *Avisi particolari dell' Indie de Portugall*, parte III, a fol. 204.

Outra escripta a 18 de dezembro de 1855, a qual saiu, com a precedente, vertida em latim: *Cum aliis Epistolis Indicis et Japonicis.* Lovanii, apud Rutgerum Velpium, 1570, de pag. 135 a 182. Vertida para italiano por Michele Tramezino, 1565. Tambem saiu no livro: *Diversi avisi, &c.*, a fol. 215.

Outra escripta a 19 de novembro de 1559, vertida em italiano com outras. Venetia, por Tramezino, 1562, in-8.°, e para latim: *In Epistolis Indicis et Japonicis.* Lovanii, apud Rutgerum Velpium, 1566, in 8.°, de pag. 260 a 333, e na mesma obra e typographia, 1569, in-8.°

QUARTERLY REVIEW (THE).

O n.° 54 de outubro de 1822, *London, John Murray*, traz a biographia do nosso Luiz de Camões.

O de 2 de abril de 1822, pag. 1 a 39, traz um artigo de critica sobre as *Memorias da vida e escriptos de Camões*, por Adamson, e sobre o *Oriente*, do padre J. A. de Macedo.

QUARTETO *glosado á la amorosa y Christiana respuesta que su Majestad Católica dió al excelentissimo señor marqués de Valleciñas, al tiempo que le dió la noticia de que sus reales armas avian vencido á las del enemigo, diciendo no son las suyas, sino las del poderoso brazo de Dios.* Glosa.

QUATTINI (MICHEL ANGE DE ——) et DENIS DE PLAISANCE. — Missionnaires.

Observations de quelques animaux, et d'une plante extraordinaire, faites dans un voyage au royaume de Congo, par ——.

Encontra-se esta carta a pag. 185 do vol. II da obra intitulada: *Collection académique, composée des mémoires, arts ou journaux des plus célèbres academies et sociétés littéraires étrangères, &c.*, Dijon.

Diz o auctor d'esta carta, que no Brazil certos animaes, a que ainda o auctor dá o nome de piolhos de Pharaó, introduzem-se no pé, entre a pelle e a carne, e de um dia para o outro crescem até ao tamanho de uma fava, e não os arrancando produzem uma ulcera insupportavel, a qual corrompe todo o pé.

No reino do Congo ha serpentes de vinte e cinco pés de comprido, as quaes engolem uma ovelha.

Ha tambem n'este paiz formigas de um tamanho tal, que o auctor, achando-se doente n'um certo dia, foi obrigado a pedir que o tirassem para fóra do seu quarto, com medo de ser devorado por ellas, como acontecia muitas vezes aos habitantes de Angola, entre os quaes se encontram ás vezes pela manhã esqueletos de vaccas que as formigas comeram em uma noite.

No vol. III falla-se do nosso Zacuto como auctoridade.

QUESTION *importante touchant les Jésuites. La Société mérite-t-elle les égards qu'on a pour elle à Rome et en France, relativement à l'affaire de Portugal?* 46 pag., in-8.º

QUESTIONS *au ministère sur la situation de la France avec l'Angleterre, l'Espagne et le Portugal.*

QUETELET (MR.). — Secretario perpetuo da academia real de Bruxellas.

Publicou o *Episodio de D. Ignez de Castro*, do *Adamastor* e a *Batalha de Ourique*, encontrando-se os dois ultimos fragmentos nas *Lições de litteratura*, publicadas em Gand em 1822, na officina de MM. de Busscher.

Apparecem estas noticias a pag. 241 do vol. I das *Obras de Camões*, do visconde de Juromenha.

QUEVEDO (D. JUAN ——).

Descripcion de la solemnidad con que en esta córte se celebró la noticia de las felices bodas de la Majestad de Don Pedro Segundo, con la muy alta y soberana señora Doña Maria Sofia Isabel, augustisimos Reyes de Portugal. Por el señor Don Joseph de Faria, enbiado extraordinario de Sus Majestades y cavallero de la orden de Christo; á quien la consagra, dedica e ofrece con toda veneracion ——. 4.º, 15 pag.

QUEXAS *de la tibieza de España al ver tan ultrajada la fé; y elogios á su defensor Felipe V, nuestro señor, que Dios guarde.* Romance.

Guerra da successão.

QUICHERAT (J.). — Professeur à l'école impériale de Chartres.

Histoire de Sainte Barbe. Collège. Communauté. Institution. Par ——. Paris. Librairie de L. Hachette & C.ie, 1860. 3 tomos: 1.º, 382 pag.; 2.º, 415 pag.; 3.º, 426 pag.

Esta obra é dedicada á memoria de Pierre Antoine Victor de Larneau, quando Sainte Barbe, graças a elle, entra no quinto seculo da sua existencia, no dia 1 de outubro de 1860.

«A universidade de Paris existiu por muito tempo sem collegios, e quando começaram a fundar alguns estabelecimentos d'este genero, não passaram de pequenas casas de caridade, nas quaes alguns estudantes pobres de uma mesma cidade, de uma mesma diocese e de uma mesma provincia, achavam abrigo e sustento até que elles tivessem obtido seus graus. Davam o nome de porcionistas *(boursiers)* aos que eram admittidos a gosarem d'este beneficio. Quando remidos todos, formavam uma fracção imperceptivel do povo universitario. N'aquelle tempo não havia ensino publico senão para a philosophia. Mas no fim do seculo XIV o exercicio das classes foi instituido em alguns collegios com tão bom exito, que animou outros a imital-os. Professores de latim deram em horas fixas lições, ás quaes poderam assistir estudantes externos. Dentro em pouco reuniram, com residencia dentro dos collegios, debaixo do mesmo tecto, e á mesma mesa dos porcionistas, aquelles estudantes que podiam pagar pensão; mais tarde a falta de logar nos collegios fez estabelecer, debaixo do nome de *pedagogias* algumas casas que se podem comparar aos nossos pensionados, seguindo os cursos da universidade. Citam-se, finalmente, tres pedagogias, que, por causa do grande numero de seus estudantes, tiveram tres classes suas, e que mereceram dar-se-lhes o nome de collegios, embora não tivessem doação nem porcionistas. Sainte Barbe, na sua origem, foi um d'estes estabelecimentos excepcionaes[1].

«Todos os historiadores de Paris repetiram, de accordo com Félibien[2], que Sainte Barbe devo sua fundação a um professor de direito canonico, por nome João Hubert, o qual tomou, com obrigação de pagar censo á abbadia de Sainte Geneviève, uma casa com um terreno situados na rua de Reims, em face do collegio d'este nome. Citam como prova de um tal arrendamento um contrato lavrado perante o prevoste de Paris, com a data de 10 de maio de 1430. Porém este contrato, cujo original nos foi conservado[3], não diz que João Hubert tenha feito sua acquisição para fundar uma pedagogia, e o contrario é demonstrado por outros documentos, de onde se segue, que a casa occupada por elle se converteu em propriedade de um mercador de pannos e de meias, estabelecido na encruzilhada Saint Severin. Além d'isto o nome de Sainte Barbe não se encontra nem durante a vida de Jean Hubert, nem durante os primeiros annos que se

---

[1] Robert Goulet, *Compendium de multiplici puritanorum universitatis magnificentia*. 1647.

[2] *Histoire de la ville de Paris (publiée en 1725)*, tomo II, pag. 1047.

[3] Archivos do reino. S. 1.500. N.º 3.

seguiram á sua morte. Foi em 1463 sómente que o versos apparecer, a proposito de censo pago á abbadia de Sainte Geneviève: «pela casa que se costumava chamar o hotel Châlon, e que presentemente tem o nome de Collegio de Sainte Barbe»; de sorte que a existencia de Sainte Barbe começou, não em a casa de Jean Hubert, mas no hotel de Châlon, e muito tempo depois de 1430.

«Em que data, com certeza?

«O registo de censo de Sainte Geneviève nol-o diria, se estivesse completo; mas vê-se que este documento apresenta entre 1449 e 1463 a mais lastimosa lacuna.

«Felizmente outros testemunhos se acham alli para fallarem em logar d'elle. Interrogando os titulos do hotel Chalon e a vida do personagem inscripto como censuario diante da menção que se acaba de ler, é possivel chegarmos a verdade de maneira tão precisa como se ella estivesse consignada em todas as cartas em um acto authentico.

«Sauval, auctor melhor informado do que Félibien, e no qual nada se encontra para a gloria de João Hubert, designou o hotel de Chalon como o berço de Sainte Barbe[1]. Sómente a parecença dos nomes o enganou. Julgou ser necessario escrever Chalons em vez de Chalon, e sob este fundamento construiu no alto da montanha casa para uso dos bispos de Chalons-sur-Marne, domiciliados em todo o tempo no bairro Saint Martin. Nada têem que fazer aqui, bem como os outros dignitarios ou originarios da cidade champenesa. O velho historiador de Paris suscitou, pelo seu engano, um erro monstruoso, quando alguns escriptores, querendo conciliar as palavras d'elle com as de Felibien, attribuiram a João Hubert a propriedade do pretendido hotel de Chalons, transportado por elles para o meio da rua de Reims.

«O hotel de Chalons estava situado nas ruas des Chiens e des Cholets, e Sainte Barbe foi fundado no 1.º de outubro de 1460, no ultimo anno do reinado de Carlos VII, sendo reitor da universidade Martin Lemaistre.

.....

*
* *

«Geoffroi Lenormant fundou Sainte Barbe, não como pedagogia, mas como collegio, instituindo n'elle algumas classes, e dando-lhe professores, que deviam, debaixo da sua direcção, applicar os methodos e repetir as lições. Não tratou de dotação. Ateve-se á boa rasão, que lhe dizia que o futuro de um collegio tem sua segurança, menos nas riquezas que possue, do que na boa disciplina e na excellencia do ensino. Foi este regimen a primeira feição pela qual se distinguiu uma casa, cujo destino era conservar sempre um caracter á parte entre os outros estabelecimentos da universidade.

«Não era costume em Paris estarem os collegios debaixo da invocação dos santos. Tinham todos o nome do seu fundador, ou o do paiz do qual recebiam porcionistas. Ao asylo que Geoffroi Lenormant abriu aos estudos, devendo abrigar

---

[1] *Histoire et recherches des antiquités de la ville de Paris*, tomo II, pag. 108 e 380.

a mocidade de todos os paizes, não teve que lhe dar o nome de tal ou qual logar; o teve modesto bastante para não querer que tivesse seu proprio nome. Procurou no martyrologio um patrono mais elevado, e sua escolha recaiu sobre a virgem sabia, que, dizem, passou na mais tenra mocidade para a eternidade, depois de ter conseguido só pela força do raciocinio o conhecimento do verdadeiro Deus, depois de haver mesmo, da bôca de Origenes, recebido o complemento da fé, depois de ter vencido na discussão os mais habeis defensores do paganismo grego.

«Taes são os factos que a legenda nos fornece ácerca da bemaventurada Barbara, martyrisada em Nicomedia no tempo do Imperador Maximiniano. Uma santa cercada d'esta gloria, era para os litteratos da idade media o que teria sido Minerva no espirito da antiguidade, Minerva na qual ninguem pensava no anno da graça de 1460, e cuja lembrança, no entanto, estava em vesperas de ser restaurada; de tal modo que a Santa Barbara de Geoffroi Lenormant teria talvez sido o Athenen de Paris, se este doutor houvesse formado seu estabelecimento cincoenta annos mais tarde, na epocha em que, pelo effeito das reminiscencias classicas, os collegios começaram a intitular-se gymnasios, e as universidades academias.

«Mas Barbe, isto é, Barbara, na sua fórma latina e universitaria, não era sómente o nome de uma santa; foi este tambem o termo que, na linguagem das escolas, significava o argumento elementar, o syllogismo articulado por — maior — menor — e consequencia sobre generalidades positivas. A exposição da logica começava pela definição de *barbara*, e a maior parte das grandes verdades moraes se resolviam em *barbara*. Não haveria alli, por causa da dupla significação, um motivo para o nosso fundador ter preferido o vocabulo *Santa Barbara?*

«Estas sortes de considerações, que taxariamos de puerilidades, eram muito do gosto da epocha. Se Geoffroi Lenormant não pensou n'isso, podemos apostar que a allegoria foi notada por outros, e que mais de um adivinhador de horoscopo predisse os altos destinos do ensino das artes, que se inaugurava debaixo da invocação de *Barbara*[1].

«CAPITULO XIV. — Principiado de Diogo de Gouveia — Fundação do Rei de Portugal em Santa Barbara[2].

«Os Reis D. João II, D. Manuel e D. João III, em cujos reinados Portugal se tornou tão florescente pelo commercio com a India, foram homens piedosos, tanto quanto amigos das luzes. As conquistas de seus navegadores fizeram nascer n'elles mesmo prazer do ganho que ambição de converter á fé os reinos e as ilhas do Oriente. Faltando-lhes gente para uma tão grande empreza, mandaram estudar á sua custa nas diversas universidades da Europa, e particularmente na de Paris, um grande numero de rapazes, por meio dos quaes contavam formar missionarios, depois que elles tivessem sido instruidos. Pertenciam estes rapazes quasi todos á pequena nobreza, muito empobrecida depois que toda a actividade do

---

[1] Depois do Mediterrâneo Moral começa a serie dos Gerardos, cuja biografia nova equivale à que se pode dar o nome de tempos heroicos do «Santa Barbara». Vol. 1, pag. 71.

[2] Idem, vol. 1, pag. 122.

paiz se tinha voltado para o negócio. Uma familia de Gouveias, que tinha ramificações em Evora, Beja e Coimbra, só ella forneceu uma duzia de professores, todos os quaes tomaram seus graus em Paris. (Pag. 123.)

«O primeiro que se encontra com este nome é Diogo, o qual foi cognominado *O antigo* em a nossa universidade, para o distinguirem de alguns de seus parentes, que tiveram o mesmo prenome. Mandaram-no para França em tempo de Carlos VIII. Seu epitaphio, que se via entr'ora na cathedral de Lisboa [1], dizia que fôra reitor em Paris, embora seu nome se não encontre na lista dos reitores formada por Duboulay; mas como ha n'esta lista uma lacuna de 1500 a 1507, é mui natural o pensarmos que exerceu n'este intervallo de tempo a magistratura, da qual seus compatriotas lhe fizeram um titulo de honra depois de sua morte. Fez-se depois receber como doutor em theologia. Como tal, Robert Estienne muito o maltratou, por ter feito parte das diversas edições que censuraram suas edições da *Biblia:*

«Eu lhes apresento no seu conclave nos Mathurins, são as palavras de Robert Estienne, o *Novo Testamento* por mim impresso; e presidiam então Gouveia e Le Roux, que me tinham grande odio, pessoas muito ignorantes em tudo, mas muito cautelosas em armarem ciladas aos innocentes. Viam ser grego o que está impresso. Pedem que se lhes apresente o velho exemplar (o manuscripto). Imaginae que era para lerem n'elle! [2]

«Póde haver motivo para esta censura de ignorancia do grego, porque o tempo em que o Gouveia tinha estudado, não era aquelle em que o grego fazia parte da instrucção; mas a accusação de perfidia não nos parece justificada. Longe d'isso, é contradicta pelo proprio auctor, contando em um outro logar, que quando Gouveia e seus consortes appareceram no grande conselho para onde o Rei os tinha convacado a respeito da questão das biblias, provocaram a risota da assembléa «por causa de suas altercações tumultuosas, por discordarem todos juntos, e estarem furiosos um contra o outro.» Seguramente adversarios que, em um momento tão solemne, dão o espectaculo de sua discordia, não são pessoas bem cautelosas. Deixavam-se elles arrastar pela paixão, assim como Robert Estienne fallava com azedume contra um homem ulcerado pelos actos judiciaes, dos quaes se via ser victima.

«N'uma peça burlesca, escripta em fórma de carta, Theodoro de Beze recordou uma certa visita da Sorbonna a Francisco I, com o fim de ter occasião de dizer que os cardeaes da comitiva do Rei se divertiam muito á vista dos sublimes doutores, que se apresentaram «todos cheios de muco e enlameados», e o proprio nome de Gouveia está approximado d'esta scena com uma intenção accentuada de malicia.

«Mas não passa isto ainda de uma insinuação sem alcance. Os ares e a apparencia de prefeito de collegio não deviam ser proprios de Diogo de Gouveia,

---

[1] Diogo Barbosa Machado, *Bibliotheca Lusitana*, tomo I, pag. 656.

[2] Os censores dos theologos de Paris, pelos quaes elles tinham falsamente condemnado as biblias, sendo impressões de Robert Estienne, pamphleto impresso em parte em a *Nouvelle biographie générale de Didot*, art. *Estienne*.

que tinha frequentado a côrte. Durante todo o tempo que passou na França teve sessão junto de nossos Reis, para os negocios do seu paiz: «Approximou-se e serviu a cinco Reis de Portugal e a quatro de França», dizia ainda o seu epitaphio.

«Se a estes aggravos, articulados antes contra a Sorbonna do que contra o proprio Gouveia, ajuntarmos uma alcunha ridicula, a de *Devora mostarda (Sinapiverus)*, que seus inimigos de religião apanharam no vocabulario dos collegios[1], terremos tudo quanto o seculo do nosso doutor nos disse em desabono d'elle, e reconheceremos que não é de mais o ter sido exposto só a taes censuras quem soube envolvido em uma das mais terriveis luctas de que ha memoria.

«Em 1516 escrevia-lhe El-Rei D. Manuel para que viesse ser oppositor a uma cadeira de theologia então vaga em Lisboa[2]. Pediu e obteve a graça de se subtrahir a este convite, tendo na mente um projecto, cuja execução lhe parecia dever ser mais agradavel ao Rei. Tratava-se de comprar Sainte Barbe, e de reunir n'aquelle edificio todos os pensionistas portuguezes. A reputação do collegio estava então no seu apogeo.

«Encorporar seus jovens compatriotas na legião barbista, era, nos calculos de Gouveia, ajuntar um novo estimulante a emulação; e por outro lado tinha a convicção que esses mesmos rapazes, até então disseminados por uma e outra parte, se fossem submettidos á mesma disciplina, e fornecidos com a mesma instrucção, formariam um corpo mais homogeneo para a missão á qual eram destinados.

«Mas, comprar Sainte Barbe, apresentava difficuldades insuperaveis. Robert Dugart, de proprietario dos edificios e do terreno, que elle era ao principio, tinha-se tornado proprietario do estabelecimento, e não queria ceder a posse por dinheiro algum. Diogo de Gouveia não obteve tratar com elle senão na qualidade de arrendatario, e conheceu, pelos processos que surgiram pouco depois, com que homem tinha de tratar. Havendo entrado na posse em 1520, foi citado e condemnado ao Châtelet desde o mez de fevereiro de 1523, por um atrazo no pagamento do seu arrendamento[3].

«Era, comtudo, o nosso collegio aberto aos portuguezes, e posto, por isso, debaixo da protecção do Rei d'elles. Algumas parcellas de oiro que trazem annualmente das Indias, se desviaram para elle, e hão de contribuir a tornar n'elle o ensino ainda mais activo e brilhante. Sabe-se isto na universidade, e falla-se com louvor do principal, a quem é devida esta boa fortuna. Elle, porém, não está contente em que tenha tornado o seu privilegio regular e duradouro. Faz uma viagem a Lisboa com o fim de ir expôr ao Rei D. João III, successor de D. Manuel, que, não tendo nenhuma segurança para o numero dos pensionistas da corôa, não sabe sobre que base assentar sua casa; concedem-lhe que o numero permanente da colónia portugueza seria de cincoenta estudantes[4].

---

[1] *Epistolæ magistri Desiderii Erasmi*. Theodoro de Bèze applica esta mesma alcunha a André de Gouveia, colegial de Dinant, na *Histoire des églises réformées*, liv. 1, pag. 26.

[2] Francisco Leitão Ferreira. *Noticias chronologicas da universidade de Coimbra*, com a descripção annotada: *Collecção dos documentos e memorias da academia real da historia portugueza*, anno 1728, parte 1, pag. 4-2.

[3] Pièces concernant des biens de Sainte Barbe, aux archives du Empire, S. 5.551 bis.

[4] *Epistola de João Faywel a Diogo de Gouveia*, à Ordem dos Mendicantes.

«Esta fundação data de 1526. Foi celebrada em Sainte Barbe com festejos, versos e discursos, nos quaes associavam em commum elogio o Rei D. João e o cardeal Infante D. Affonso, seu irmão, Principe a quem achavam sempre lendo latim ou grego, e que tinha contribuido com todo o seu poder para o estabelecimento das cincoenta bolsas[1].

«A universidade ufanou-se com uma preferencia que a elevava aos olhos da Europa, e se se concebeu algum ciume do estrangeiro, não se deixou de applaudir a homenagem publica que um Rei poderoso rendia ás letras[2].

«Diogo de Gouveia é representado por aquelles que estiveram ás suas ordens como um mestre vigilante e capaz, cheio de gravidade, de uma probidade a toda a prova, e que sabia mais do que tudo conservar nos mancebos o fogo da emulação[3]. É verdade que veiu n'um momento propicio. Quando tomou o governo de Sainte Barbe, a grande geração que encheu o seculo XVI com suas idéas, começava seus estudos. O desejo de chegar á perfeição em todos os generos abrasava os corações, e não era preciso puxar muito por discipulos que não desejavam outra cousa senão excederem seus mestres.

«O merecimento de Gouveia consiste em ter favorecido um ardor que era para muitos collegas um motivo de medo. Por este meio attrahiu a Sainte Barbe o que havia de mais distincto, como discipulos ou como mestres, e seu collegio foi mais do que em nenhum outro tempo, um viveiro de grandes homens.

«A continuação dos seus actos administrativos achar-se-ha mais longe, quando houvermos feito conhecer os outros portuguezes, seus parentes pela maior parte, dos quaes fez seus auxiliares, depois de ter sido seu instituidor.

«CAPITULO XV.— Os Gouveias sobrinhos.— Outros professores e discipulos portuguezes em Sainte Barbe.

«Quatro sobrinhos de Diogo de Gouveia *O antigo*, filhos de uma irmã d'este e de um gentilhomem castelhano da casa de Ayala, tiveram o nome de sua mãe, para maior gloria da familia. É d'estes que se torna indispensavel fallar primeiro.

«Manuel de Gouveia, o primogenito dos quatro, foi um professor de humanidades de primeira ordem. Ensinou rhetorica em Poitiers e em Coimbra[4], tinha, porém, anteriormente, feito uma longa residencia em Sainte Barbe. Foi alli que se estreiou depois da sua *inceptio;* tomou parte, primeiramente, nas classes de grammatica, para uso das quaes mandou imprimir em 1534 uma grammatica latina, pelo systema da de Donat[5].

«Quando começaram os cursos do collegio real (mais tarde collegio de França), fundado por Francisco I, foi um dos ouvintes assiduos de Paulo Paradis, o primeiro que occupou a cadeira de hebraico. Fez-se notar por este sabio a ponto que este, quando compoz um tratado de pronuncia, o formou em fórma de dialogo, entre Marcial de Budé e Matheus Budé, e é Gouveia quem toma a lição

---

[1] *Epistola de João Fernel ao Rei de Portugal*, á frente do *Cosmotheoria*.

[2] *Epistola de Vives ao Rei de Portugal*, á frente do tratado *De Causis corruptarum artium*.

[3] *Epistola de Fernel citada acima*, *de João Gelidius*, á frente do tratado *De quinque memoribus*, do Antonio Pio, á frente do seu *Commentario ao terceiro livro de Quintiliano; Discurso de Belchior de Coimbra*, citado por Diogo Barbosa; *Bibliotheca lusitana*, tomo I, pag. 656.

[4] Diogo Barbosa Machado, *Bibliotheca lusitana*, tomo III, pag. 404.

[5] *Institutiones in octo orationis partes*. In-8.º Paris, 1534.

a Budé[1]. Não se entregavam, n'aquelle tempo, ao mesquinho calculo, em virtude do qual vemos cada um reduzir seus conhecimentos á medida do proveito que d'elles pode tirar. Nosso portuguez aprendeu o hebreu pela unica satisfação de augmentar os recursos do seu espirito. Possuiu o talento de compor versos latinos com uma facilidade e graça que os comparavam com os de Ovidio. Tinha feito uma collecção d'elles, cujo manuscripto viu Elias Vinet em Poitiers[2]. Perdida ou destruida, esta obra para nós está perdida. Sua grammatica, apesar de impressa, tambem se não encontra em nossas bibliothecas.

«Depois de Marcial vinha André, excellente orador no dizer de seus contemporaneos e d'aquelles que escreveram nos tempos modernos, como se escrevia no seculo de Augusto. Empregando-se em ajudar seu tio, fez em nosso collegio o aprendizado de um mister, no qual Montaigne testemunha que excedeu todos os outros. «As palavras do illustre pensador são: «Que foi elle, sem comparação, o maior principal da França[3].»

«Tinha elle deixado um grosso volume manuscripto, dos discursos que recitou em Santa Barbara. Esta obra, a ser que ainda exista, deve encontrar-se em Portugal, onde a viram aquelles que d'ella deram noticia[4].

«Apenas nos restam de André de Gouveia dezeseis versos jambicos, compostos por elle para servirem de epilogo ao curso impresso do seu professor de philosophia[5].

LIBRI COLLOQUIUM

Nefanda iniquae cerno linguae vulnera.
Abire nollem, sed manere tempora
Quieta; nam nunc non licet per invidos.
Dolent (quod acre est) blateronès ethnici
Quod exeam.

ANDREAE GOVEANI

Imo te ut queant attingere,
Deum precantur; nam volentes ruribus
Inserere amomum, seminarunt stercora,
Quae adhuc manu tangi recusant, ni prius
Crocos in hortis colligant, quos omnibus
Dedit legendos praepotens Valentia.
Subinde magni litterarum principes
Tulere moreus. Adde quod solum bonl
Habent Catones et protervos judices.
Oh id quid, oro, est quod timere debeas?
Loquaculos ne hujus, libelle, feceris.

LIBRI COLLOQUIUM

Nihil laboro: laetus imo prodeo.

---

[1] Tanto Paradisi, Vinet, *Adrianorum Litterarum restitutio interpretis*, *De modo legendi hebraica dialogus*, in-4.° Paris, Gormont, 1531.

[2] Carta de Vinet a Bolzet, *Bibliotheca Bibliothecarum*, tomo III, pag. 175.

[3] Montaigne, lib. I, chap. XXV.

[4] Diogo Barbosa, *Bibliotheca Lusitana*, tomo I, pag. 130.

[5] No fim do tratado de Gelidius: *De quinque universalibus*.

«Antonio de Gouveia, o mais novo da familia, offuscou a reputação de seus irmãos mais velhos. É um d'esses espiritos raros que hão de fazer o ornamento da Renascença. Só foi enviado a Paris depois de seus outros irmãos, tendo sido guardado por muito tempo por seu avô, que teria querido ver continuada por elle a gloria militar de seu pae. Elle proprio diz que, apenas seu tio Diogo de Gouveia o fez beber pela taça das musas, sentiu-se nascido para outro genero de cavallaria. Foi, com effeito, o cavalleiro errante da eloquencia e da erudição. Sua vida passou-se em viagens para ir offerecer desafio aos professores afamados. Ficou vencedor de todos quantos ousaram medir-se com elle. Bordeaux, Toulouse, Paris, Cahors e Valence podem attestar seus triumphos. Não ligava importancia senão aos applausos dos francezes, pondo o nosso paiz acima de todos os outros, convencido de que devia ao ar que na França se respira o ter-se elevado acima de seus compatriotas. Nunca se consolou de ter sido constrangido a deixal-o nos ultimos tempos da sua vida [1].

«De Thou o mencionou na sua *Historia* como o unico a quem os doutos concederam a gloria tão rara de ter sido ao mesmo tempo um grande philosopho, um grande jurisconsulto e um grande poeta [2]. Sua reputação como philosopho proveiu-lhe da lucta que sustentou contra Ramus, e da qual se fallará depois. Como jurisconsulto é ainda contado em o numero d'aquelles que abriram aos modernos a intelligencia do direito romano. Na primeira vez que foi ouvido por Cujas explicar o codigo, esteve a ponto de renunciar ao ensino, tanto este conheceu sua inferioridade! Não mudou de pensar senão porque reconheceu que no seu formidavel antagonista a perseverança não era companheira do genio [3].

«Como poeta, Antonio de Gouveia recebeu as homenagens da Europa inteira. O prussiano Knoleldorf o attesta: foi aos olhos de todos o mestre dos mestres [4]. Marco Antonio Moret lhe submetteu, tremendo, sua primeira collecção, pedindo-lhe que introduzisse n'ella todas as correcções que julgasse convenientes [5]. Seus versos latinos são, com effeito, de uma graça perfeita. Eis alguns epigrammas do tempo em que, já professor em Sainte Barbe (ensinou alli desde 1527) aperfeiçoava seus estudos por meio da leitura constante dos auctores.

«Ácerca de lhe ter pedido seu irmão Marcial alguma cousa d'elle para inserir na sua propria collecção:

Frater amice, tibi nostro dare carmina libro
Esset in argutum mettere ligna nemus.

«A seu irmão, que tinha caçado para elle uma lebre, enviada á direcção de Antonio:

Accepi, frater, leporem, tibi ponitur: annon
Id vere est leporem perdere et accipere?

---

[1] Diogo Barbosa, *Bibliotheca Lusitana*, tomo I, pag. 291; Bayle, *Dictionaire Historique*; Dalecolay, *Hist. univers.*, tomo VI, pag. 920.

[2] De Thou, *Histoire universelle*, tomo V, pag. 101.

[3] Papirius Masson, citado por Barbosa.

[4] *Epistola a Antonio de Gouveia*, em seguida ao poema intitulado: *Lutetiae Parisiorum descriptio, authore Eustathio a Knoldorf, Prutheno*. Paris, Wechel, 1543.

[5] Epigramma de Morel, nas *Flores epigrammatum ex optimis quibusque auctoribus diligenter excerpti per Lodovicum a Quercu*.

«A não querer Diogo de Teive acreditar que um espirito rombo fosse capaz de um rombo na cozinha, respondeu:

Sepositas epulas media invenisse culina,
A stupido factum Tevius esse negat.
Sepositas epulas, Tevi, invenisse culina,
Nare valere quidem, mente carere puto.

«A Clemente Marot, de quem havia traduzido em versos latinos algumas poesias ligeiras:

Marotte, magnum os Galliae,
E gallicis tuis bonis
Latina si facio mala,
Ignosce barbaro et hospiti.

«Citaremos ainda dois distichos de uma de suas epistolas, para provar que Elias Vinet[1] e todos os biographos depois d'elle se enganaram não dando a Antonio de Gouveia senão dois irmãos, em logar de tres:

Tres vidi fratres, tres me videre sorores,
Sorsque tui partus ultima, mater, ego.
Gallia tres studiis florens ignobilis oti
Ceperat: accessi quartus et ipse tribus[2].

«Assim, um quarto Gouveia, do ramo de Ayala, se collocava, pelo seu nascimento, antes de Antonio, e veiu a Sainte Barbe ao mesmo tempo que Marcial e André. Qual era o seu pronome?

«Temos motivo para crer que se chamava Diogo, como seu tio; pelo menos um Diogo de Gouveia, chamado de Paris para a universidade de Coimbra, aqui ensinou grammatica, de 1539 a 1556; foi depois professor de theologia e conego na cathedral de Lisboa. Póde, porém, haver duvida em o considerar como pertencente ao ramo de Ayala, cujos membros tinham nascido em Beja, ao passo que elle nasceu em Coimbra[3].

«Um terceiro Diogo de Gouveia, sobrinho tambem do antigo, mas por um irmão d'este, distinguiu-se em nossos fastos universitarios pelo cognome de *Junior*. Foi durante seis annos principal de Sainte Barbe. Tudo quanto lhe diz respeito encontrará seu logar na historia de sua administração.

«Emquanto aos outros Gouveias que fizeram seus estudos em Paris, apenas sabemos seus nomes e a data do juramento que prestaram á faculdade das artes, quando receberam suas cartas de escolaridade. Roque e Simão juraram em 1525; Damião, João e Miguel, em 1527, e Diogo Rodrigues em 1533. É singular que este ultimo esteja indicado no registro como natural da diocese de Paris. Enfim,

---

[1] Carta a Scaliger, já citada.

[2] Estes versos e todos quantos se citam, são tirados da collecção impressa em Lisboa, em casa da Sociedade Typographica: *Antonii Gouveae epigrammata*.

[3] Leite, Francisco, *Subsidios chronologicos da universidade de Coimbra*, pag. 254 e segg.

um Antonio de Gouveia, natural de Evora, começou um curso de philosophia em 1512[1].

«Fóra d'esta fecunda descendencia, eis os portuguezes que se apresentam:

«Diogo de Teive, o *Tevius*, fallado em um dos epigrammas precedentes. Veiu muito novo para a França; ensinou em Paris, Bordeaux e Coimbra, e pensou na sua madureza em dotar seu paiz com uma historia em latim, da qual apenas escreveu um episodio: *O cerco de Diu pelos turcos*. Seus discursos e versos, reputados admiraveis pelos auctores portuguezes[2]; e louvados tambem por Theodoro de Bèze[3], não se encontram nas nossas bibliothecas publicas[4]. Uma strícta amizade, que durou toda a vida, tinha-se formado em Sainte Barbe, entre elle, Antonio Gouveia e Buchanan.

«Inspirou ella a este ultimo um improviso encantador[5]:

Si quidquam, Goveane, fas mihi esset
Invidere tibive Teviove,
Et te nostro ego Tevio inviderem,
Et nostrum tibi Tevium inviderem.
Sed cum me nihil invidere sit fas
Vel tibi, Goveane, Teviove,
Si fas est quod amor dolorque cogit,
Vobis imprecor usque imprecabor.
Uterque ut mihi, sed cito, rependat.
Hoc pravum ob facinus malumque poenas:
Te mi Tevius invidere possit,
Tu possis mihi Tevium invidere.
Ambobus mihi si frui licebit,
Cœlum dis ego non suum invidebo,
Sed sortem mihi di meam invidebunt.

*
* *

«Houve tambem em Sainte Barbe um Manuel de Teive, talvez irmão de Diogo, mas de quem nada se sabe, senão que seguiu em 1528 o curso de mathemathicas de João Fernel[6]. Esta familia era de Braga.

«Antonio Leitão, tambem de Braga, foi reitor no primeiro trimestre de 1533, e ao mesmo tempo ensinava philosophia em nosso collegio[7]. Aqui occupou a cadeira de physica desde 1547. No mez de março d'este anno, seus collegas da

---

[1] Duboulay, *Histoire universelle*, pag. 920.

[2] Barbosa, *Bibliotheca lusitana*, tomo I, pag. 702.

[3] Prefacio á segunda edição de suas poesias ligeiras: *Theod. Bezae Vezelii poematum editio secunda*. Paris, H. Estienne, 1569.

[4] Fez-se uma edição em Salamanca, em 1558.

[5] *Hendecasyllabon*, liber n.º 5.

[6] *Ad omnimoda virtute praeditos juvenes, Joannem Ximenez, Emanuelem de Tieves caeterosque condiscipulos, Joannis Baptistae Lusitani exhortatio*, no fim do *Monalosphaerium* de Fernel.

[7] Duboulay, *Histoire universelle*, tomo VI, pag. 453.

nação de França o investiram nas funcções de procurador. Sua assignatura no registro da nação está acompanhada de uma divisa em grego, da qual o sentido é este: «Eu não procuro ser rico, nem faço votos para o vir a ser. Meu desejo é viver na mediocridade, onde estámos ao abrigo das catastrophes[1]».

«Parece que n'estas palavras está o echo do preceito gravado sobre o pedestal de uma estatua da *Sabedoria*, que foi erigida pelo mesmo tempo em Coimbra, na sala dos actos solemnes da universidade: *Disce vivere in servitute et mori in paupertate*[2].

«Belchior Belliago, filho de um empregado da alfandega, não tinha genio para praticar a moral de Leitão. Desde o tempo de collegio mostrou uma propensão pouco vulgar para mercadejar com todas as cousas, e mais tarde, embora se tivesse dedicado ao ensino da philosophia, fez do seu aposento em Paris, como em Coimbra, um verdadeiro gabinete de negocios:

> Belleago cunctas tractat artes commode,
> Has praeter unas quas docet;
> Nec fenerator alter illo doctior,
> Nec campo quisquam argutior[3].

«Tinham-lhe posto o alcunha de *Judeu*. Era, no entanto, um homem de talento. Subjugou o Rei D. João III pela sua eloquencia, e fez com que o nomeasse bispo de Fez *in partibus*, e serviu na capella real até á sua morte[4]. Temos pena de não havermos podido encontrar um elogio de Sainte Barbe, que proferiu em Coimbra, como discurso de abertura, na entrada de 1548[5].

«Antonio Pinho, ou Pinheiro (Pin), nascido de uma familia obscura e pobre, deu nas vistas a Antonio de Gouveia por causa das suas felizes disposições, que o mandou pôr na lista dos porcionistas da corôa[6]. Recebido mestre em artes, distinguiu-se pelo ensino de humanidades. Do curso que professou em Sainte Barbe em 1537, saiu a primeira interpretação completa que houve do terceiro livro de Quintiliano. Impresso primeiramente á parte[7]; este commentario foi fundido depois nas edições *Variorum*.

«Antonio Pinheiro propunha-se a elucidar do mesmo modo o resto das instituições oratorias. Desviou-o d'isso a theologia. Voltou para Portugal com o fim de fazer a educação do Principe Real D. Sebastião, e morreu bispo[8].

«Simão Rodrigues e Sebastião Rodrigues de Azevedo, seu irmão, foram gentis-homens da diocese de Vizeu, dos quaes havemos de encontrar o primeiro

---

[1] Οὐ ζητῶ μὲν πλουτεῖν (οὐδ' εὔχομαι), ἀλλὰ μὲν οὐδ' ζῆν ἀπὸ τῶν λείχων (sic), μηδὲν ἔχων τῶν τοῦ πλουσίου. *Manuscripto da Bibliotheca Marciana*, n.º II 3082 A, fl. 32.

[2] Ferdinand Denis, *Coimbre et ses environs*.

[3] Barbosa, *Bibliotheca*, libro n.º 9, cf. 7 e 8.

[4] Barbosa, *Bibliotheca Lusitana*, tomo I, pag. 487.

[5] *De disciplinarum omnium scientia ad universam eloquentiam comparandam oratio habita Kal.* Oct. 1548, in-4.º Conimbrica, J. Barreiros et J. Alvares. Citado por Barbosa.

[6] Resenha de Antonio Pin (?) e Diogo de Gouveia, no manuscripto do seu Commentario Quintiliano.

[7] Não tenho podido encontrar a edição original, que é de 1538, mas houve uma reimpressão junta ao Quintiliano, editado por Gaspar Pontet. *M. Fabii Quintiliani oratoris disparatissimus de institutione oratoria*, libri XII. In-fol. Paris, 1549.

[8] Schott, *Hispania illustrata*, tomo III, pag. 476.

entre os fundadores da sociedade de Jesus. Foram formados no tempo de Diogo de Gouveia, *O antigo*[1]. Ignorámos se era a mesma familia a que pertencia um Pelagio Rodrigues, regendo uma cadeira de philosophia em 1542[2].

«João Ribeiro, de Lisboa, por ordem chronologica, deveria ser mencionado antes de todos aquelles que vimos de mencionar. Começou por se entregar ao commercio. Arruinado n'uma viagem que fez á Abyssinia, pensou em se congraçar com as letras, das quaes elle nunca tinha tido mais do que um conhecimento imperfeito[3]. Era do tempo de El-Rei D. Manuel. Seguiu as lições de Coqueret, assistiu ás brilhantes estreias de Celaia, n'este collegio, e desde então se affeiçoou ao professor valenciano, que para elle foi como um idolo. Depois de ter repetido suas lições de dialectica em Beauvais, veiu desterrar-se para Sainte Barbe, quando Celaia alli veiu domiciliar se, com o fim de se impregnar da sua doutrina sobre a metaphysica[4]. A suas mãos foi confiado o facto do celaismo, depois da retirada do mestre para o seu paiz. Ribeiro sustentou-o com mão firme durante os primeiros annos do principalado de Diogo de Gouveia[5], sendo coadjuvado n'este cuidado piedoso por um professor champenez, por nome João Papillon, primeiramente seu domestico, o qual morreu vinte annos depois no posto eminente de grão mestre de Navarra[6].

«Resta-nos de João Ribeiro uma curiosa carta que escreveu em 1517 a seu irmão Gonçalo Dias, camarista do palacio, para o converter á philosophia e attrahil-o para o seu lado n'este collegio, onde elle tinha encontrado a felicidade[7].

*
* *

«A perfeita orthodoxia de Diogo de Gouveia provinha, talvez, da sua amizade aos jesuitas e dos sarcasmos que elle experimentou da parte de Roberto Estevão, se ella não fosse comprovada por testemunhos directos. Fernel louvou a firmeza de que elle deu provas na defeza da religião[8]. Diogo Barbosa falla de um tratado manuscripto que elle compoz para refutar as proposições de Luthero[9]. Finalmente foi sub-deão da faculdade de theologia durante quasi todo o tempo que os principios religiosos se discutiram na França sem ajuda das armas. Deve, portanto, ser contado em o numero dos bons catholicos de sua epocha, e seguramente não foi elle culpado de que todos os seus mestres e discipulos se não parecessem com elle.

---

[1] Diogo Barbosa, *Bibliotheca lusitana*, tomo III, pag. 721.

[2] Duboulay, *Histoire universelle*, tomo VI, pag. 920.

[3] Epistola de Ribeiro a seu irmão, indicada abaixo.

[4] Epistola de Ribeiro a João Goulier, em seguida á *Petri Hispani summulae logicales, cum expositionibus Joannis de Celaia*. Paris, J. Dupré, 1515.

[5] João Gelidius, no prefacio do seu tratado: *De quinque universalibus*.

[6] Duboulay, *Histoire universelle*, tomo VI, pag. 955; Launoy, *Regii Navarrae gymnasii hist.*, pag. 696.

[7] *Joannes Ribeyro Olisiponensis spectata indole adolescenti Gonzalo Jacobi, fel. memor. Emanuelis regis a cubiculo ministro fratrique suo*, em seguida ao *Commentario* de Celaya sobre a *Physica* de Aristoteles.

[8] Epistola dedicatoria de *Monalosphaerium*.

[9] *Bibliotheca lusitana*, tomo I, pag. 656.

«Mas, como deter o espirito de exame quando elle começa a voar? Como, finalmente, impedir que se exercite em um assumpto, quando applaudem suas conjecturas em outro? A imprensa tinha multiplicado as edições dos livros sacros; envergonhavam-se do tempo tão pouco afastado, em que alguns doutores, mesmo eminentes, não tinham jámais aberto um evangelho, e não conheciam o texto fundamental da religião senão pelo missal ou pelas citações dos auctores[1]. Cada um estava habilitado para ler e comparar; e assim como fóra das lições do collegio, pelo estudo das obras primas da antiguidade, muitos adquiriram saber e gosto superiores ao de seus mestres, da mesma fórma, fóra das instrucções religiosas, pela leitura de textos sagrados adquiriram opiniões propriamente d'ellas, as quaes confirmaram uns na fé recebida e afastaram outros para uma distancia maior ou menor.

«D'aqui procede, que todos os matizes da orthodoxia, como da heresia, se encontraram na geração que passou por Sainte Barbe, entre 1520 e 1530. Ao lado do ascetismo communicativo dos primeiros jesuitas, achámos o mysticismo desenfreado de Postel; ao lado do rigorismo inquisitorial de Demochares, a tolerancia de Gelida e de Antonio de Gouveia, que não obstou a que estes homens virtuosos fossem irreprehensiveis na sua fé; ou ainda mais é o septicismo mal aquedado de Buchanan, ou a independencia philosophica de Antonio de Gouveia, que uma voz inimiga taxou de materialismo, e que fez associar o nome d'este homem distincto com os de Boaventura Desperriers e Rabelais[2]. Emquanto ao espirito de seita, é representado por aquella que d'ella foi a encarnação, por João Calvino.

«Não concordam, a maior parte dos biographos, em que estivesse Calvino em Sainte Barbe. Decidem-se a favor do collegio de La Marche, na alternativa posta por Duboulay, de que fosse Calvino discipulo de Sainte Barbe, na opinião de uns, e de La Marche, segundo outros[3]. Contudo, se procurarmos quaes são estes uns e outros, dos quaes quiz fallar o historiador da universidade, acharemos que se reduzem a um unico e mesmo auctor, o qual é Theodoro de Bèze.

«Com effeito, Bèze escreveu duas vezes a vida de Calvino. Na primeira d'estas obras, composta em 1563[4], diz que recebeu Calvino as lições de Mathurin Cordier no collegio de La Marche; e na segunda vida, que é de 1565, diz que Cordier foi o mestre de Calvino em Sainte Barbe. Assim vemo nos em duvida, conduzidos pela unica testemunha que se exprimiu ácerca da circumstancia de que se trata. E não ha meio de nos decidirmos pelos factos conhecidos da vida de Cordier, pois na sua passagem, quer seja por Sainte Barbe, quer por La Marche, não se baseia, igualmente, senão sobre a dupla asserção de Bèze a respeito de Calvino.

«Pelo que nos toca cortámos já a difficuldade, contando Mathurin Cordier entre os predecessores de Sainte Barbe. Dois motivos mui plausiveis nos determi-

---

[1] As memorias dos theologos de Paris, pelas quaes todos igualmente conheciam as biblias impressas na typographia de Roberto Estevão.

[2] Colvino, *De mendaciis*.

[3] *Histoire de la vie et mort de M. Jean de Calvin, de Nigon, ministre de Genève.*

[4] *Sommaire de M. Theodore de Bèze, contenant en bref l'histoire de la vie et de la mort de maistre Jean Calvin*, pag. 32.

naram a este partido. Por um lado é a estima dos barbistas a favor de Cordier, do que nos fornecem a prova, não sómente os versos de Voulté em seu louvor, mas até mesmo uma associação que se formou mais tarde entre André de Gouveia e elle. Por outro lado, estando necessariamente errada uma das asserções de Theodoro de Bèze, tinha a verdade mais probabilidade de se achar n'aquella, que é posterior na data, attendendo a que as mudanças introduzidas na segunda redacção de uma mesma obra, têem sempre passado por serem correcções.

«Alem d'isto, algumas investigações ás quaes nos entregámos a respeito do collegio de La Marche, nos convenceram de que esta casa não teve celebridade até depois de 1530. O exercicio das classes era n'este collegio tão restricto no começo do seculo XVI, que apenas alli se contavam dois regentes de grammatica[1]; e é este um estado de cousas que se não compadece com uma circumstancia conhecida dos primeiros estudos de Calvino. Sainte Barbe, pelo contrario, estava no mais alto ponto de fama, e particularmente recommendado na cathedral de Noyon (de onde se póde dizer que saiu Calvino), por isso que uma dignidade d'esta igreja fôra um dos agentes do nosso principal Antonio Pelin, por isso que um outro, natural de Noyon, Pierre Billory, educado para ser conego da cathedral, foi certamente discipulo do barbista Democharès, assim como o provam estes versos do mesmo Democharès:

Nescius non sum tenerae juventutae,
Qua simul gratae studim Minervae
Ac satis doctos tulimus magistros[2].
Dubis amice.

«Podemos acreditar o proprio Calvino, quando affirma que foi ao principio mui fervente catholico[3]. Jejuava mais do que se exige á mocidade, e só achava prazer em meditar e em fallar da religião, considerando os brinquedos como uma cousa insupportavel. Emquanto ao trabalho, foi em suas classes o que o viram ser em Genebra até ao derradeiro dia da sua vida; teve-lhe paixão, para não dizer febre. Era uma tal disposição, que, junto a uma memoria prodigiosa, e a um raro poder de raciocinio, fez fructificar no seu espirito as lições de Cordier; preparou n'elle um dos grandes escriptores do seculo XVI e de todos os seculos.

«Acabou suas classes ao inverso de Ignacio de Loyola; pois ao passo que este, depois de recordar precipitadamente seu latim em Montaigu, veiu estudar philosophia em Sainte Barbe, Calvino, deplorando a rapidez de seus estudos litterarios em Sainte Barbe, foi estudar a philosophia em Montaigu. Ha motivo para crer que se viu obrigado a isto pelas queixas a que a sua falta de assistencia no capitulo de Noyon dava origem. No momento em que seguia as lições de Montaigu, póde-se dizer que elle estava em uma escola ecclesiastica, e que se preparava, por meio de uma instrucção especial, para possuir dignamente os

---

[1] Thurot. *De l'organisation de l'enseignement dans l'université de Paris, au moyen âge*, pag. 90.

[2] No principio do livro intitulado: *Divi Thomae Aquinatis commentaria in tres Aristotelis libros De anima, cum duplici textus interpretatione, &c, recognita ab Antonio Democharo, Ressoneo, et illustrata.* In-fol. Paris. Kerver, 1539.

[3] *Primo quidem, quum superstitioni papatus magis pertinaciter addictus essem quam ut facile esset a tam profundo luto me extrahi. (Praefatio Commentarii in psalmos.)*

beneficios, cuja posse lhe havia sido conferida antes da idade. Eis a unica explicação racional que se póde dar ás duas culpas assacadas contra elle pela assembléa capitular, e cuja menção, consignada nos registos da cathedral, sem o motivo que tinha provocado, foi glosada do modo mais malevolo por seus detractores[1].

«Do collegio Fortet, onde se domiciliou, travou relações com os adeptos de Luthero e de Zwinglio, já numerosos na cidade. Dirigiu os conciliabulos d'elles, e por elles teve no costume de ser considerado como um apostolo, e não poupou passos com o fim de ir preparar nos collegios visinhos, e ainda inteiramente cheios de seus mestres e de seus condiscipulos, aquillo que elle chamava «a ceára do Senhor». Como ainda não tinha abjurado publicamente o catholicismo, e como o viam assistir aos officios, seus passos não despertavam suspeitas[2].

«Temos motivos para crer que a porta de Sainte Barbe lhe foi aberta todas as vezes que se apresentou. E a este tempo devem remontar as conversas que teve, certamente com Antonio de Gouveia, e nas quaes se baseou mais tarde para dizer que o sobrinho do orthodoxissimo Diogo tinha provado primeiramente a a verdade evangelica[3].

. . . . . .

«Uma outra conversão, que elle operou no rebanho barbista, veiu a terminar n'um grande dissabor para o collegio e para a universidade inteira.

«Uma das cadeiras de philosophia estava occupada em Sainte Barbe por Nicolau Cupus, ou Kopp, allemão de origem, mas francez de nascimento, pois era filho do medico de Francisco I, Guillerme Kopp, um dos antigos e mais gloriosos membros subalternos[4] *(surpôt)* da universidade de Paris. Este Nicolau Kopp entregou-se a João Calvino, a ponto tal, que havendo sido nomeado reitor, para o ultimo trimestre do anno 1533, não viu n'esta honra mais do que uma occasião de prestar serviços ás idéas do seu mestre.

«Em primeiro logar teve a seu favor as circumstancias. Quando tomou na mão o leme academico, um temporal levantado em logar alto veiu desfechar sobre a douta corporação.

«N'uma tomadia de maus livros executada recentemente nas lojas dos livreiros de Paris, tinham tido a insolencia de comprehender um poema devoto: *O espelho da alma peccadora*, composto pela sabia Margarida, irmã de Francisco I. Toda a côrte estava indignada contra os polantes da universidade, que tal tinham autorisado. O Rei pediu, enenderiado, explicações em termos taes, que a resposta tinha de ser uma confissão publica de delicto.

«Mestre Kopp sabia melhor do que ninguem que a tomadia tinha sido praticada pelas indicações da faculdade de theologia. Comtudo, quando deu communicação da carta do Rei, fingiu ignorancia, esgotou todos os termos que exprimiam espanto sobre se ter sido commettido um tão grande attentado, e em ultimo logar conjurou os criminosos a que se nomeassem.

«As faculdades, que nada mais tinham feito do que prescrever em termos geraes a perseguição dos livros perigosos, não tiveram difficuldade em testemu-

---

[1] Jacques Desmay, *Remarques sur la vie de Calvin*.

[2] Théodore de Bèze, *Histoire de la vie et de la mort de Calvin*; *Histoire des Églises du royaume de France*, tomo I, pag. 14; Calvino, *Praefatio Commentarii in psalmos*.

[3] No tratado *De mandatis*.

[4] Duboulay, *Histoire universelle parisiensis*, tomo VI, pag. 84.

nhar a innocencia d'elles. Mas que fizeram os theologos? Descarregaram-se bravamente sobre o censor, investido do mandato d'elles, de sorte que não ficou, para aguentar a carga do mal, outro a não ser um homem muito atarantado, que não ousou gritar contra os seus collegas e que foi reduzido a balbuciar uma tal ou qual justificação, de onde resultava que a tomadia, considerada como boa, a respeito do *Pantagruel* e de outros romances do mesmo juez, não tinha esse caracter relativamente a *O espelho da alma peccadora*[1].

«Que se julgue da alegria que foi levada, não só para Sainte Barbe, ao aposento do reitor, mas tambem para Fortet, para o quarto de Calvino, como consequencia d'este assignalado triumpho: a faculdade de theologia constrangida a declinar de seus juizos; um livro escripto com um espirito suspeito arrancado á censura; uma Princeza que protegia os innovadores, defendida publicamente pelo Rei. Parecia chegada a hora de tentarem um golpe arrojado, e tentaram no.

«Estava em costume pregar o reitor da universidade no dia de Todos os Santos, nos Mathurins, perante todo o corpo docente. Calvino encarregou-se de escrever o sermão de Nicolau Kopp, o qual, consoante a expressão de Theodoro de Bèze, apresentava um sentido bem differente d'aquelle que se estava no costume de ouvir[2].

«Tudo correu tão bem durante e depois da cerimonia, que se póde crer como certo uma nova victoria; mas no fim de algumas semanas recebeu o pregador uma intimação para comparecer no parlamento; os franciscanos tinham ido fazer denuncias ao procurador geral, segundo o boato que então se espalhou. Elle, porém, começou a protestar contra a violação dos privilegios da universidade; pois, se tivesse errado no tocante á doutrina, d'isso devia dar conta ao tribunal academico, e não ao tribunal supremo.

«Reune as faculdades para que estas se decidam. Os das artes e medicos são a favor d'elle; os decretistas votam no sentido contrario, com os theologos; numero de votos igual; nada de conclusão possivel. Arrasta a faculdade das artes para o logar particular de suas sessões; o tempo passa-se em gritarias, em interrupções, em discussões estereis ácerca do objecto que se deve pôr em discussão, e ainda não chegaram a entender-se e já os archeiros do parlamento avançam para prenderem o presidente da assembléa. Sabe-o este, e em vez de se encaminhar para Sainte Barbe, dirige-se para a porta de S. Martinho. Por aqui saiu elle, e caminhou sem parar até ter chegado a Basilea, de onde nunca mais voltou[3].

«Pelo que toca a Calvino, a policia desceu até á morada d'elle. Ja tinha fugido, mas apoderaram-se de papeis, entre os quaes havia quantidade de cartas, que serviram mais tarde para fazer queimar algumas pessoas.

«Foi elle procurar como refugio a casa de Luiz de Tillet, conego de Angoulême.

«CAPITULO XXII.— Reitoria (Principalat) de André de Gouveia.— Bartholomeu Latomus.

«Quando occorreu o caso desagradavel, cuja narração acabámos de ler, consagrava já Diogo de Gouveia pouca attenção ao seu collegio. Absorvido pelos

---

[1] *Calvini Epistolae*, n.º 1, tomo IX das obras completas.
[2] *Histoire des Églises du royaume*, tomo I, pag. 14.
[3] Duboulay, *Histoire universelle*, tomo VI, pag. 239.

trabalhos da faculdade de theologia, tinha confiado, havia algum tempo, a direcção de Sainte Barbe a seu sobrinho André. É, pois, sobre este nobre mancebo, que vem a recair o trabalho, por causa da fuga de Nicolau Kopp. Era elle extraordinariamente considerado na universidade, e eis porque o não tornavam responsavel; todavia foi necessario recorrer a elle para fazer as contestações officiaes, e sem duvida queria elle estar tão longe como o fugitivo, quando veiu o momento d'esta formalidade.

«A 16 de dezembro de 1533, em virtude de uma deliberação da faculdade das artes, um commissario d'esta faculdade, acompanhado pelo escrivão da universidade e por tres bedeis, se apresentou em Sainte Barbe para fazer o processo verbal. Pediu ao chefe da casa noticias do reitor; a resposta foi que o reitor se tinha ausentado havia mais de quinze dias, e que desde então não tinha tornado a apparecer. Inquiriu depois a respeito do que se tinha feito dos objectos pertencentes á universidade, que o reitor guardava na sua casa como deposito. André de Gouveia declarou ter Kopp levado o sêllo, mas que tinham encontrado no seu quarto o registo das inscripções dos mestres em artes e uma enfiada de chaves. Acrescentou que alguem o tivera vindo procurar na ante-vespera e tinha depositado em suas mãos, da parte do mesmo Kopp, tresentas libras e tres dinheiros, representando o estado da caixa academica no momento da sua desapparição.

«Dinheiro, chaves e registo foram entregues ao commissario, que passou o competente recibo, e segundo a relação lançada no registo da universidade[1], tudo se limitou a estas palavras, tanto estudo houve em excluir de uma redacção official os desenvolvimentos que podessem causar desgosto ao honrado Gouveia.

«Este incidente não affectou mais a reputação de Sainte Barbe do que a de seu director. Como a heresia estava já nas familias, havia bem poucos collegios nos quaes ella não houvesse já penetrado, e a faculdade das artes não se assustava muito, não obstante as gritarias incessantes que um tal proceder fazia soltar aos theologos. A Sorbonne teria querido que se esgotassem os meios de rigor; o corpo docente illudia o mais que podia propostas d'este genero. O mais urgente, no pensar d'este, era favorecer o progresso dos bons estudos, no que elle via a salvação do futuro. Ora, por este lado, o nosso collegio attrahia a si todos os suffragios.

«É certo que Sainte Barbe sobresaia então, sem contestação, a todo o grupo de estabelecimentos em cujo meio se achava collocado. A mediocridade em que vegetavam os Cholets, Reims e Fortet nos dispensa contal-as. Le Mans apenas acabava de nascer; Coquerel, apenas entregue ás discussões intestinas, tinha perdido o chefe, por decreto da universidade, ao qual tinha devido sua prosperidade; um desastre ainda maior acabava de ferir Lisieux. Um principal visionario, que queria fazer d'esta casa a escola modelo das linguas, em concorrencia com o collegio real, que tinha já estabelecido algumas cadeiras de grego e de hebraico, que se propunha a estabelecer ainda outras para o ensino do chaldaico e do arabe[2], unicamente occupado por taes pensamentos, tinha deixado ir a administração por agua abaixo e tomado a liberdade de vender algumas proprie-

[1] Archivos da universidade, registo 13, com data de 16 de dezembro de 1533.

[2] Epitaph des Mathurinens grammaire en ordre grammaticum autore *Nic. Cenardo*. Paris, 1534.

dades do seu collegio, com o fim de acudir ás despezas, e por fim tinha-se visto obrigado a fugir[1].

«Montaigu, modelo de bom governo e regorgitando sempre de alumnos, tinha decahido, comtudo, na opinião, por causa do seu apêgo ás cousas velhas. Foi por isto que se tinha deixado ficar a distancia do seu rival. Emquanto á mocidade que detestava os capuchos, foi uma alegria publical-o, mórmente quando o governo de Sainte Barbe foi entregue nas mãos de Antonio de Gouveia, mais approximado d'ella por sua idade, embebido de todas idéas generosas do seu seculo, e no qual não se sabia a que dar a preferencia, se ao caracter, se ao talento.

«Mais de uma vez, sem duvida, a poesia das classes foi empregada a pintar o contraste dos dois imperios separados pela largura de uma rua; aqui, voltada para o meio dia, e inundada de luz, uma Athenas que florescia debaixo das leis de um nobre filho familia, provido de todos os generos de humanidade; acolá, batida incessantemente pelo Aquilão, uma Sparta doentia e retrograda, cujos dois soberanos não excitavam cá por fóra mais do que a repulsa e a mofa; Noel Baide, o doutor corcunda, enfadonho, sempre prompto a zangar-se e a gritar: «anathema!»; Pedro Tempête, o grande castigador dos estudantes[2], que tomava por tarefa justificar seu nome pelo barulho da palmatoria.

«A sympathia do maior numero dos professores para com Sainte Barbe mostra-se pela honra tão rara que lhe coube em 1533, de fornecer dois reitores consecutivos á universidade. Quando Nicolau Kopp foi eleito, recebeu as insignias das mãos de André de Gouveia, o qual acabava de fazer uso d'ellas antes d'elle[3].

«A brisa do favor continuou a soprar em 1534. Quatro mezes depois da fuga de Nicolau Kopp, foi ainda um regente do nosso collegio, a quem os eleitores *(intrants)* proclamaram na igreja de S. Julião, o pobre.

«Era este ultimo Antonio de Mery, estudante de medicina, já chegado ao grau de licenciado. Fez-se conhecer por um compendio de therapeutica de Galeno, que elle entregou aos prelos de Simão de Colines durante a sua magistratura[4].

«Offereceu, na dedicatoria, esta obra, ao embaixador de Portugal, D. Fernandes Buy de Almada, navegante distincto, o qual vinha de pacificar por meio de uma feliz negociação, graves discordias sobrevindas entre as duas corôas. Este grande personagem honrava com suas visitas os Gouveias e o collegio, no qual tinha numerosos protegidos.

«Tendo alguns estudantes portuguezes sido obrigados a sair de Paris por causa da miseria, elle para alli os tornou a mandar á sua custa, e estabeleceu para elles bolsas que se addicionaram ao numero d'aquellas que o thesouro real pagava já. Durante todo o tempo que se conservou em Paris procedeu de modo

---

[1] Voulté, *Epigrammata*, liv. I. pag. 71 e 87, *in Tarterius: Epistola preliminar de Hubert Susanaeus a Georges de Combes*, no principio da obra intitulada: *Alexandri quantitates emendatae a Susanaeo, quibus tam pauca sunt detracta ut auctoris vetus facies agnosci possit*. Paris, 1539.

[2] Rabelais, liv. IV, cap. XXI.

[3] Duboulay, *Histoire universelle*, tomo VI, pag. 238.

[4] *Periochè septem librorum primorum methodi Galeni cum quibusdam tum ab eadem tum aliis authoribus traductis (ut vocant) receptionibus, per Antonium de Mery, medicum*. In-16, Paris, 1834, com uma epistola dedicatoria datada: *Ex aedibus Barbaranis nostri vero rectoratus parisiensis mense tertio*.

que seu comportamento fosse a expressão dos sentimentos do seu soberano para com as letras e os litteratos. Viram-no certo dia acompanhar elle mesmo um licenciado portuguez, que ia buscar o barrete de doutor a Nôtre Dame[1].

«Voltemos, porém, a André de Gouveia.

«Sua regencia academica, tendo sido tão pacifica quanto a do seu antecessor foi agitada; não deixou, para assim dizermos, vestigios nos documentos. Foi a continuação da obra de Diogo de Gouveia por um homem que era capaz de ainda aperfeiçoal-a.

«Nunca a disciplina foi mais religiosamente observada, nem o pessoal docente mais completo. Com Marcial, Antonio e Diogo de Gouveia, o moço, com Teive e Bellagio, a constellação portugueza brilhava com todo o seu esplendor; Strelieo continuava a formar os rhetoricos; pelos cuidados do joven principal, um d'esses cursos extraordinarios, em que todas as novidades se podiam produzir, coube a um mestre que occupava todas as trombetas da fama; queremos fallar de Bartholomeu Latomus.

«Latomus, ou Mauer, ou Memaçon, natural de Luxemburgo, era um amigo de Erasmo, e um representante da philosophia allemã. Formado nas universidades das margens do Rheno, não conheceu jamais a scolastica, senão pelo desprezo que lhe davam seus mestres[2]. A exemplo d'este, as idéas de Platão se entrelaçavam n'elle com as de Aristoteles; porém nas suas meditações tinham-se applicado principalmente á composição litteraria, e era um d'aquelles que limitavam a dialectica ao estudo dos processos empregados pelos grandes mestres na arte de escrever. João Sturn e elle trouxeram á França o tratado de Rodolpho Agricola, *De inventione dialectica*, que era o livro fundamental d'esta doutrina. Foram acolhidos como os apostolos do evangelho, dos quaes Jacques Lefèvre não tinha sido mais do que o precursor.

«Por mais que os theologos denunciavam como um symptoma de pestilencia o abandono de Aristoteles por Agricola[3], acceitaram a nova dialectica com uma predilecção sem igual, e o terreno da philosophia foi invadido pela rhetorica.

«Deu isto origem, em 1534, a uma revolução na faculdade das artes. Os professores de humanidades, e os de grammatica atraz d'estes, exigiram que os fizessem sair da inferioridade avilitante, na qual os estatutos universitarios os tinham conservado até então a respeito de seus collegas, os philosophos.

«Com effeito, ao passo que estes, depois de cinco annos de exercicio (eis a que se dava o nome de *quinquennium*), podiam aspirar aos beneficios que a igreja reservava para os que se entregavam ás letras, de regentes das outras classes, no tempo da velhice nada mais podiam fazer do que entrar como preceptores nas casas ricas ou trabalharem nas typographias.

«A universidade não oppoz resistencia. Inscreveu os grammaticos e os rhetoricos entre os candidatos aos beneficios, declarando que as cousas que elles ensinavam deviam ser reputadas como artes liberaes, debaixo do mesmo titulo que os diversos ramos da philosophia[4].

---

[1] Lucio Ferreira, *Noticia chronologica da universidade de Coimbra*, n.º 1.187.
[2] Galgot, *Mémoires sur le collège royal*, parte II, pag. 118.
[3] Duboulay, *Histoire universelle*, tomo VI, pag. 703.
[4] Duboulay, *Histoire universelle*, tomo VI, pag. 251.

«Latomus assignalou sua entrada em Sainte Barbe, pela impressão de um resumo de Agricola. Foi o presente que offereceu a André de Gouveia, para lhe agradecer a hospitalidade que recebia em sua casa, e ao mesmo tempo um instrumento de trabalho para apressar os progressos de seus discipulos[1]. Foram estes mui numerosos; vieram-nos ouvir de todos os collegios, e talvez contasse Ramus entre os seus ouvintes.

«Pedro Ramus, creado de um gentil homem que estudava no collegio de Navarra, fez seu curso de philosophia de 1531 a 1534. Lê-se na interessante historia da sua vida, escripta recentemente por D. Waddington[2], que, emquanto se estava preparando para seus exames de licenciado, ia mui frequentemente a Sainte Barbe, com o fim de assistir ás lições de João Penna, o mestre com quem Santo Ignacio aprendeu philosophia.

«M. Waddington certamente peccou por excesso de confiança, acceitando sem verificação, emquanto ás visitas de Ramus a Sainte Barbe, o testemunho do abbade Goujet, pois a unica base d'este para affirmar o facto é um contrasenso commettido por elle sobre o texto do auctor a este proposito[3].

«É de receiar que M. Waddington tenha ainda peccado por temeridade de inducção, estabelecendo por sua alta recreação entre Ramus e João Penna um commercio que nunca podia existir, pois João Penna seguia a doutrina de Aristoteles, da qual Ramus estava a ponto de se declarar publicamente adversario, não esperando, para isso, mais do que a occasião do exame. Assim, á primeira vista, nada ficaria da anecdota introduzida em a nova vida de Ramus. Comtudo é permittido conserval-a, se lhe substituirmos o nome de Bartholomeu Latomus pelo de João Penna.

«Emquanto Ramus viveu, gloriou-se de proceder conforme Sturn e Latomus, relativamente ao methodo de analyse que elle applicava aos auctores da antiguidade[4]. Este methodo era-lhe já familiar antes de ter obtido seus graus. Não ha motivo, á vista d'isto, para conjecturar que, emquanto a nova dialectica foi professada em o nosso collegio, Ramus, para vir ouvil-o, se subtrahiu a maior parte das vezes que pôde ás lições exclusivamente aristotelicas de Navarro?

«O curso do professor allemão deu mais brado do que se teria desejado em Sainte Barbe. Attrahiu a attenção de Francisco I, e decidiu este Principe a fazer uma cousa, diante da qual tinha recuado até então. O collegio de França funccionava desde 1530, não consistindo ainda senão em duas cadeiras, uma de hebraico e a outra de grego. Budes instava com o Rei para que ajuntasse a este ensino o de latim; mas o Rei objectava as queixas que os principaes não deixariam de levantar contra uma extensão, na qual haviam de ver uma concorrencia funesta para o exercio dos collegios.

---

[1] *Epitome commentariorum dialecticae inventionis Rodolphi Agricolae, per Bartholomaeum Latomum arlunensem*, com uma epistola dedicatoria a Antonio de Gouveia, datada de 16 de setembro de 1533.

[2] *Ramus, su vida y escriptos*, pag. 21. In-8.º Paris, Meyrueis, 1855.

[3] Goujet cita o discurso pronunciado em Santa Barbara no anno de 1557, por Leger Duchesne, que nomeia sómente entre os estudantes celebres do collegio, a Antonio de Gouveia, adversario de Ramus: *Antonius Goveanus, de cujus incredibili doctrina nemo dubitat, qui illius festiva epigrammata, argutum conclusionum librum, acutam in P. Ramum disputationem graves in jus civile commentarios viderit.*

[4] *Petri Rami vita a Nicolauo Nancellio*. Paris, 1599.

«Finalmente a cadeira de latim foi creada a favor de Latomus. As gritarias excederam tudo quanto se tinha calculado; mas Latomus nem por isso deixou de ficar sendo professor regio, e retribuido pelo thesouro. Reuniu em volta de si ainda mais ouvintes do que tinha reunido quando esteve a serviço de Gouveia[1].

«A retirada de Strebeo para junto do bispo de Lisieux, occorreu pelo mesmo tempo que a de Latomus, de sorte que foi como uma conspiração dos grandes para arrebatarem á universidade os individuos que faziam o orgulho d'ella. Uma recordação amarga se associou com o anno que viu tirar estas duas bellas columnas do templo academico: Strebeo e Latomus; testemunhas, esses dois versos introduzidos vinte e cinco annos mais tarde no elogio funebre de Pierre Galland:

Et dum mutarent academica tecta, remotis
Strebaei et Latomi non bene cardinibus[2].

«Os adeuses de Antonio de Gouveia a Sainte Barbe seguiram de perto os de seus illustres collaboradores. Resignou o governo no qual seu tio o tinha investido, para acceitar propostas que lhe foram trazidas de Bordeaux.

«CAPITULO XXIII.— Os collegios de Guyenna em Bordeaux e das Artes em Coimbra.— Nova ordem de estudos.

«Não é sair do nosso assumpto o seguir os barbistas nas colonias que fundaram ao longe, e onde levaram as instituições da mãe patria.

«Havia um seculo que a cidade de Bordéus possuia nos seus archivos o alvará para uma universidade, que não tinha ainda conseguido estabelecer, quando o reumatismo pelo qual aquella era administrada, em 1534, pediu a André de Gouveia que viesse ajudal-o em uma empreza, que os progressos das luzes não permittiam que se adiasse por mais tempo. Tratava-se de fundar um collegio maior, acima do qual funccionariam uma escola de direito civil e uma escola de medicina. Um mau collegio municipal, ao qual davam o nome de collegio de Guyenna, existia já em Bordéus. Nunca tinham podido resolver as familias consideraveis da terra a mandar a elle seus filhos.

«Mui recentemente, um certo Tartesius ou Tartois, que não é outro senão esse grande propagador dos estudos das linguas, que vimos trabalhar tão desastradamente em Lisieux, tinha-se vindo offerecer como devendo pôr n'um abrir e fechar de olhos o collegio de Guyenna acima de todos os outros, e nada mais tinha conseguido do que soçobrar em um novo naufragio. É este pobre estabelecimento que tinha de fornecer á fundação projectada, seu nome e casas, que se augmentariam com as vizinhas. André de Gouveia teria a direcção: o para alli havia de levar mestres de sua escolha. A cidade encarregava-se de todas as des-

[1] Gaigat, *Mémoires sur le collège royal*, parte I, pag. 28. Dubouloy, *Histoire universelle*, tomo VI, pag. 251.

[2] *Ode ad Guillelmum Galandium, quadrumvirum trilinguem, auctore Claudio Rollido Belmaci, hic annuat quidem de obit. P. Galandi, humanum Literarum regii professoris, secunda editione aucta et emendata elegia.* Paris, 1559.

pezas, e estabelecia para o pessoal docente ordenados capazes de attrahirem os homens de merecimento[1].

«André de Gouveia só tomou conselhos do seu amigo Gelida; decidiu-se promptamente, e entrou a trabalhar para formar o seu contingente de professores[2].

«O primeiro que poz na lista foi Mathurin Cordier, recentemente chegado de Nevers a Paris. Deu-lhe para collegas a João Binet, Claudio Boudin, Diogo de Teive, Nicolau de Grouchy, Guilherme de Guerente e varios outros que se não conhecem.

«Disse-se no seu logar que Teive foi educado em Sainte Barbe; Grouchy e Guerente por alli tinham passado, quer como estudantes, quer como professores; ambos normandos e gentis homens, ambos unidos por uma amizade exemplar, da qual a communidade de talento formava o primeiro élo: Guerente, humanista; Grouchy, philosopho e antiquario. Seus nomes andam como insepara veis em todos os livros nos quaes se trata d'elles[3].

«O collegio de Guyenna participa ainda com Sainte Barbe da honra de ter possuido Gelida e Buchanan; mas tanto um como outro só mais tarde se juntaram á colonia, o primeiro por causa de questões que o obrigaram a deixar o collegio do cardeal Lemoine, do qual tinha chegado a ser principal; o segundo fugindo á colera do primaz da Escossia, a quem elle tinha offendido[4].

«O bom exito do novo estabelecimento não se fez esperar. Desde o primeiro anno o numero dos alumnos foi consideravel, e com o andar dos tempos não fez mais do que augmentar, á medida que se foram deshabituando de enviar a mocidade bordeleza a aprender o latim, quer em Bourges, quer em Poitiers ou Toulouse. Nomes que ficaram sendo immortaes não tardaram em figurar sobre a lista dos discipulos formados pelos nossos professores barbistas: Montaigne, La Boëtie, Joseph Scaligero, e Diogo Mendes de Vasconcellos, que lhes foi levado de Portugal pelo bispo de Vizeu[5].

«Difficuldades foram suscitadas, todavia, por aquelles aos quaes offusca qualquer empreza que tem bom resultado. Censuraram, como uma cousa incompativel com o interesse publico, a independencia excessivamente grande deixada á administração do collegio, e com o concurso dos empregados *(commis)* da cidade, que estavam afflictos por não terem maior ingerencia n'esta parte do serviço, esforçaram-se por provocar uma reforma, espalhando o boato de que a reforma estava decidida.

«Assustaram-se os professores a tal ponto, que alguns se dispunham já a abandonar o logar, quando o parlamento, instruido do que se passava, os mandou vir á sua presença, achando-se André de Gouveia á frente d'elles. O primeiro presidente, fallando em nome da sua companhia e do consulado, lhes deu agradecimentos em termos magnificos pelos serviços que diariamente estavam prestando á cidade; exhortou-os a perseverarem, tranquillisou-os ácerca da sua situa-

---

[1] De Lourbe, *De scholis litterariis omnium gentium*; Voulté, *Epigrammata*, liv. I, pag. 71; Vinet, *Schola aquitanica*.

[2] Businus, *Vita J. Gelidae*; *Roberti Britanni Archiepiscopi epistolarum libri duo*, fl. 29.

[3] De Lurbe, *Chronique bordelaise*; Montaigne, *Essais*, tomo I, cap. XXV; de Thou, *Histoire universelle*, tomo III, pag. 419.

[4] Businus, *Vita J. Gelidae*; Buchanan, *De vita sua*.

[5] Diogo Barbosa, *Bibliotheca lusitana*, tomo I, pag. 675.

ção, mostrou-lhes a futilidade das conversas com as quaes se tinham prematuramente assistado, e por fim mandou-os para seus trabalhos, declarando-lhes que a camara os tomava de ora ávante debaixo da sua protecção especial[1].

«Em outra occasião procurou a malevolencia comprometter o collegio por meio de pasquins, que foram affixados pelas ruas, depois da execução do primeiro protestante, a quem suppliciaram em Bordéus. Todos os estudantes de uma camarata foram lançados na prisão, por este facto, mas, depois de tomadas informações, tudo se reduziu a simples suspeitas contra a pessoa de um creado. O pobre diabo foi entregue ás mãos de Gouveia para receber o castigo da *sala*[2].

«Mas, é menos a historia do collegio de Guyenne que nos convem expor aqui, do que o quadro do seu regimen interior, pois ver-se-ha que a pedagogia tinha feito progressos n'um quarto de seculo, e ter-se-ha a imagem dos regulamentos que estavam em vigor em Sainte Barbe; imagem aperfeiçoada, é verdade, tendo podido ser effectuados alguns melhoramentos, aos quaes se oppunha a força das tradições universitarias sobre esta terra virgem do bordelez[3].

«Applicou-se André de Gouveia a pôr em pratica a doutrina dos humanistas, os quaes queriam que os jovens espiritos fossem familiarisados com as fórmas oratorias do pensamento, antes do que exercitados na investigação de sua natureza. Reduzia a dois annos o curso de philosophia, o qual era de tres em Paris, e banin dos estudos litterarios todo o exercicio preparatorio sobre a logica.

«Empregou depois uma solicitude, que não poderiamos louvar demais, em que todos os estudantes de cada uma das classes tirassem proveito das solicitudes do professor. Eis porque augmentou o numero das classes denominadas de grammatica, elevando-as de dez a doze, e quiz que em todas as classes, particularmente nas baixas, houvesse algumas secções em que os estudantes, repartidos segundo sua força respectiva, fossem submettidos a exercicios graduados. Fez-se isto sem alongar o tempo dos estudos, havendo exames continuos no decurso do anno para comprovarem os progressos feitos, e para fazerem passar os alumnos de uma secção ou de uma classe para a secção ou para a classe superior.

«As classes, como em Paris, eram comparaveis com as legiões romanas, e os que as compunham, designados, assim como antigamente os legionarios, por seu adjectivo ordinal, desde os *primarios*, os quaes correspondiam aos rhetoricos actuaes, até aos *decumanos*, ou principiantes. As duas classes addicionadas por Gouveia, formaram subdivisões da setima e da sexta; os estudantes, segundo o que elles aprendiam em uma ou em outra subdivisão, ajuntaram á sua denominação ordinaria o epitheto *majores* ou *maiores*.

«Reinavam a ordem e o asseio nas salas destinadas para as lições. Os meninos já se não rolavam no pó do ladrilho; estavam sentados em banquinhos cuidadosamente alinhados. A nona e a oitava, incomparavelmente mais frequentadas do que as outras classes, porque davam n'ella a instrucção elementar sufficiente ao maior numero, estavam dispostas em amphitheatro, e os banquinhos separados em dez secções sobre onze estrados successivos.

---

[1] Carta de Roberto Estevam a Grólia, fol. 7.

[2] Theodoro de Bèze, *Histoire des Eglises de reformées de France*, tomo 1, pag. 26.

[3] Quanto ao mapa e extensão do regulamento de André de Gouveia, imprimiu-o Bordeaux, [illegible] Vinet. Actual, de 1583.

«Tres vezes no dia, segundo o antigo uso, o som da campainha trazia os estudantes á presença de seus professores; mas as horas eram mudadas. A classe *curta*, reunia-se ás 12, depois do jantar; as duas classes de duas horas tinham logar: de manhã, ás 8 horas, e de tarde ás 3.

«A classe do meio dia era para a exposição dos principios; as da manhã e da tarde para a explicação dos auctores. Tudo isto se dava em pequena dóse. A partir da oitava, copiavam os alumnos algumas linhas de um auctor, ou uma regra do rudimento, as quaes deviam servir de texto á lição, e o que elles tinham copiado eram obrigados a sabel-o de cór. Um d'elles recitava o primeiro membro da passagem transcripta, um outro fazia a paraphrase d'elle em latim, um terceiro traduzia palavra por palavra para francez, e assim por diante. O mestre introduzia a pouco e pouco as observações que julgava convenientes, e depois entregava-se por fim a um genero de interrogação, o mais util possivel, alterando de todos os modos o pensamento do auctor explicado, e perguntando o que queria dizer n'este ou n'aquelle caso. Os meninos aprendiam por este meio a propriedade dos termos, ao mesmo tempo que se familiarisavam com as regras de grammatica, e com os recursos da syntaxe.

«Emquanto ao gothico processo das disputas, ja se não conservava senão como exercicio da memoria nas classes de grammatica, sendo reservado sómente uma meia hora depois da classe da manhã para que os estudantes, sem deixarem seus logares, se interrogassem mutuamente ácerca d'aquillo que acabavam de ouvir.

«O tempo que lhes sobrava, depois do cumprimento dos deveres de cada dia, empregavam-no em compor themas ou versos latinos, ácerca de materias dictadas pelo mestre, e levavam copias que eram tiradas publicamente.

«As classes do sabbado eram empregadas na recitação geral de tudo quanto se tinha aprendido durante a semana. As disputas d'este dia eram mais longas, e estabelecidas sobre um outro pé. Consistiam n'um verdadeiro exame, pelo qual seis estudantes de cada classe, cada um por sua vez, eram examinados por outros seis estudantes da classe superior; assim os *primani* eram juizes dos *secundani*, os *secundani* dos *tertiani*, etc. A prova consistia em composições, cujo assumpto era deixado á escolha dos auctores. Faziam copias em grossos caracteres, os quaes se fixavam á entrada de cada classe. Os examinadores liam, faziam em voz alta suas observações, discutiam as objecções de quem lh'as queria apresentar, e classificavam, finalmente, por ordem de merecimento, as seis copias, das quaes não declaravam os auctores senão depois da sentença dada.

«Esta parte que a mocidade tomava no ensino não existia senão a partir da *oitava*. Nas duas classes inferiores o professor fazia tudo, exceptuando o dos *decumanos*, o qual delegava aos mais fortes de seus *triarios* o cuidado de ensinarem suas letras aos novos, que as não sabiam. Toda a parte do programma relativa á instrucção elementar foi escripta, sendo dictada pelo bom Cordier, que n'ella fez passar a ternura do seu coração para com a joven idade. Encontram-se n'ella minuciosidades encantadoras, como, por exemplo, a tolerancia recommendada ao mestre.

«Cicero, Terencio e o rudimento de Despauterio, eram a base do ensino do latim. Na quinta começavam a compor versos, e a explicação de Ovidio era addicionada á dos prosadores. Só começavam com Virgilio na segunda e com Horacio na primeira. Os preceitos da rhetorica eram expostos desde a terceira.

A classe do meio dia, na segunda e na primeira, era consagrada ao estudo da historia, em conformidade com Justino e Tito Livio. Havia, alem d'isto, para os primarios, concursos de declamação, que tinham logar aos domingos, na grande sala, perante todas as classes reunidas.

«Foi para estes exercicios que Buchanan escreveu suas tragedias *S. João Baptista* e *Alcestes*, sendo esta ultima traduzida de Euripides.

«Guyente e Muret, que se estrearam em Bordéus no anno de 1543, trabalharam, tambem, para o mesmo reportorio. Aquelles dos discipulos que recitavam melhor eram escolhidos para representarem a peça com o apparato theatral, perante o publico convidado. Montaigne louva muito este divertimento.

«Cinco classes superiores, das quaes o accesso está franco aos ouvintes externos, representavam ao mesmo tempo no collegio de Guyenne, o duplo curso de philosophia e as lições extraordinarias de Sainte Barbe.

«Eram, primeiramente, os dois annos de philosophia, cujos discipulos se distinguiam pelos nomes de *dialectici e physici*. Os exercicios estavam aqui regulados como nas classes de grammatica, exceptuando que os argumentos duravam duas horas. Cada anno teve seu professor, contrario ao uso de Paris, segundo o qual um só regente era encarregado de toda a instrucção philosophica de uma mesma promoção de estudantes.

«Emquanto Gouveia foi principal em Bordéus, a cadeira de dialectica foi occupada por Nicolau Grouchy. Este sabio mandou imprimir um resumo de suas lições, que Elias Vinet considerava como obra prima n'este genero. Eram as *Praeceptiones dialeticae*.

«Duas outras cadeiras, uma para o grego e outra para as mathematicas, estavam estabelecidas em condições inteiramente differentes. Davam todos os dias até uma lição de uma hora, no intervallo que mediava entre a classe do meio dia e a da tarde. Todos os estudantes de grammatica, desde a quinta, eram obrigados a frequentar o curso de grego. A assistencia ao de mathematicas era obrigatoria somente para os *secundani, primarios* e philosophos. Como o curso de mathematicas durava dois annos, d'aqui resultava a obrigação de que, quando chegavam ao fim de seus estudos, o tinham frequentado duas vezes. Emquanto ao de grego, o professor, por causa da composição do seu auditorio, o tornava a começar todos os annos, de modo que repisavam cinco annos a seguir a mesma cousa. Além d'isto, nenhum trabalho effectivo sendo exigido, o resultado d'estas lições era para o maior numero o terem de confessar ao sair do collegio que «emquanto ao grego quasi que não percebiam palavra».

«Eis a confissão que fez Montaigne[1] depois de ter recebido este defeituoso ensino; mas o methodo parisiense era tal, e tão enraizado nos espiritos, que, até ao fim do seculo foi impossivel fazer n'elle alguma alteração, mesmo depois que Ramus, pondo o estudo do grego na mesma altura que o latim, no collegio de Presles, fez a experiencia a mais feliz e a mais decisiva[2].

«O quinto curso publico instituido no collegio de Guyenne consistia em uma lição de theologia, que tinha logar no primeiro domingo de cada mez. Foi uma fundação devida ao tão bom, tão virtuoso, tão douto e tão equitativo presidente,

---

[1] *Essais*, liv. I, cap. XXV.
[2] *Annal. Paris. Gymn. rhet.*

Briand de Vallée, senhor do Douhet[1], quando ainda não era mais do que conselheiro no parlamento de Bordéus.

«A ordem dos estudos estabelecida, como acabámos de ver, repousava sobre uma excellente disciplina, a qual tinha por base a unidade do governo.

«André de Gouveia foi um verdadeiro monarcha no seu reino, e um monarcha segundo o ideal da idade media, isto é, que governava com a assistencia dos seus pares. Tinha como taes todos seus professores, nada tinha de escondido para elles, nem queria que elles tivessem menos franqueza para com elle. Com o fim de que não enfeudassem seus discipulos respectivos, investiu cada um d'elles com o mesmo direito de inspecção e de correcção sobre todas as partes do collegio, e esta igualdade manteve-a elle por sua attenção em os tratar a todos com a mesma delicadeza, e a não reconhecer entre elles nem primeiro nem ultimo, a representar em seus discursos o professorado como um sacerdocio, cujo caracter em nada era mudado, qualquer que fosse o objecto ou o grau do ensino. Por um outro lado anniquilou a importancia dos pedagogos ou perceptores dos discipulos em particular. Prohibiu-lhes que ensinassem por outros livros que não fossem os das classes, que dessem themas particulares e até mesmo que se servissem das vergastas. Eram apenas superintendentes obrigados a obedecerem em tudo, quer ao mestre, quer ao principal[2].

«Tal é a constituição que fez do collegio de Guyenna, um dos mais florescentes e o melhor collegio da França.

«No mais bello momento d'esta prosperidade, André de Gouveia foi desviado da sua obra pelas instancias de um solicitador do qual foi impossivel ver-se livre.

«A universidade de Coimbra, transferida para Lisboa desde 1377, tinha sido, havia pouco, restabelecida no logar da sua fundação. O Rei D. João III quiz que d'esta deslocação datasse para o seu reino uma era nova, e que Portugal se mostrasse emfim capaz de marchar a par, no ensino, com os outros estados da Europa.

«Empregou-se n'isto como n'um dos cuidados mais essenciaes do seu governo. Dizem que obrigava a que lhe dessem conta dos trabalhos dos collegios, e que conhecia pelos seus nomes sendo dotado de uma rara memoria, a todos os estudantes que alli estudavam[3]. Todavia, nem esta solicitude, nem a dedicação com a qual o serviam tantos professores formados pela sua munificencia nas universidades estrangeiras, lhe tinham podido ainda dar uma Sainte Barbe, ou um collegio de Guyenne. Eis porque mandou fazer propostas e escreveu elle mesmo para Bordéus, com o fim de obter de André de Gouveia que viesse para Coimbra, com o fim de n'esta cidade estabelecer uma casa que fosse digna filha da escola bordeleza. O Rei não tencionava arrancar seu vassallo a uma cidade, da qual elle era o ornamento; depois do primeiro impulso dado, Gouveia ficaria livre para regressar á sua patria adoptiva.

«O maire e os jurados de Bordéus, tendo concedido ao seu principal uma licença de dois annos, conferiu este a Gelida o cuidado de o substituir durante

---

[1] Rabelais, liv. IV, cap. XXLVII.

[2] Montaigne, *Essais*, liv. I, cap. XXV.

[3] Diogo Barbosa, *Bibliotheca lusitana*, tomo II, pag. 569.

sua ausencia, e poz-se a caminho para Portugal. Levava comsigo a Grouchy e Guerente, Teive e um outro portuguez chamado Mendes, Arnoul Fabricio de Barras, Elias Vinet e George Buchanan, que tinha regressado, depois de uma ausencia, na companhia de Patrix Buchanan, seu irmão[1].

«Gouveia poz em actividade o celebre collegio das artes, mas não teve tempo de o ver prosperar. Succumbiu a uma doença a 9 de junho de 1548, menos de um anno depois da sua chegada a Coimbra. Antes de expirar exprimiu os desejos, postos em execução logo depois, de que Diogo de Teive lhe succedesse em Coimbra, e Gelida em Bordeus. Gravaram no seu tumulo o seguinte epitaphio, inspirado pelo de Virgilio:

JULIA PAX GENUIT, RAPUIT CONIMBRICA CORPUS,
EXCOLUIT MENTEM GALLIA, OLYMPUS HABET.[2]

«Sua morte foi o preludio de toda a sorte de desgraças, que vieram a cair como a tempestade sobre seus companheiros.

«Primeiramente Georges Buchanan foi lançado na prisão por causa de uma satyra contra os franciscanos, a qual tinha elle escripto na Escossia. Solto pouco depois, apesar dos esforços dos seus inimigos, julgou que não tinha mais socego a esperar, e embarcou para Inglaterra na primeira occasião[3].

«Emquanto a Grouchy, tendo querido dar aos estudantes de Coimbra uma edição latina de Aristoteles, tomou para base da sua traducção a que o benedictino Joachim Périon tinha publicado alguns annos antes. Era uma obra muito bem escripta, mas defeiada por numerosos contrasensos, os quaes Grouchy corrigia. Um exemplar da edição portugueza caiu nas mãos de Vascosan, o qual propoz a Grouchy que reimprimisse áparte a *Logica*. O volume appareceu com o titulo de: *Logica de Aristoteles, traduzida por alguns sabios.*

«Havia á frente um prefacio enviado por Guerente, no qual se fazia toda a justiça ao talento de Périon; mas como os auctores não estavam dispostos em reconhecer que se enganaram, mesmo quando os louvam n'aquillo que fizeram bem, Périon zangou-se, gritou por toda a parte que o tinham «barbarisado», e para se vingar abriu contra Grouchy um fogo com folhetos diffamatorios, que fizeram grande estrondo em Portugal, estrondo que se prolongou mesmo depois do regresso de Grouchy para França[4].

«Em ultimo logar, Diogo de Gouveia e a maior parte de seus professores, atacados em suas doutrinas pelos adversarios occultos, foram alvo de denuncias que estiveram a ponto de os indispor com o santo officio. Não comprehenderam á que tomam tiros taes, senão por uma ordem do Rei, com a qual o provincial dos jesuitas se apresentou uma manhã, para tomar posse do collegio das artes.

«Nunes Simão Rodrigues, tendo tomado um imperio absoluto sobre o espi-

---

[1] Bayle, Vita Gelidi.

[2] Diogo Barbosa, Bibliotheca lusitana, tomo I, pag. 130.

[3] Buchanan, De vita sua.

[4] Jacobus Colletet Senatorius, Commentarii morte quo Nicolai Grouchii calumniis atque injuriis vitaverit et vulnerati, Paris, Thomas Richard, 1556. *A mesmo Lopes de Arcadelmos Lusitanos poemeria*, com um texto ao latim por Guilmado, e uma poesia do mesmo dada por Thomas Richard em 1561.

rito de D. João III, arrancou de sua fraqueza essa medida, que foi o primeiro passo para submetter a universidade de Coimbra á sociedade de Jesus[1]. *Sic non vobis.*

«Os que tinham vindo de tão longe para dotar Portugal com um de seus mais famosos estabelecimentos litterarios, tiveram esta recompensa dos trabalhos que tinham tido, e o mais duro para elles foi que receberam taes favores de um antigo condiscipulo!

«Teive foi enterrar-se em um canonicato, que lhe foi dado para consolação[2].

«Dos francezes, uns voltaram para Bordéus, outros para Paris.

«CAPITULO XXIV. — Principalado de Diogo de Gouveia, o moço.— Turnebo e outros mestres afamados — A cadeira de rhetorica dividida entre dois professores.— Processo relativo a um estudante de philosophia fugido.

«Sainte Barbe, com os Gouveias, era como a arvore com ramo de oiro, plantada nas margens do Averno, onde, á medida que arrancavam um, vinha immediatamente outro para o substituir. Quando André partiu para Bordéus, teve por successor a seu primo Diogo, cognominado *O moço*, cujo governo em o nosso collegio foi mais longo que o d'elle, pois durou sete annos. Foram estes ainda bellos annos, embora a prosperidade não reinasse sem seus desgostos. Mas se houve dias nefastos, não cessaram, comtudo, os estudos de ser bons, e as cadeiras de algumas classes foram occupadas por homens de merecimento de primeira ordem. O ensino de Antonio Pinheiro (Pin) é d'esse tempo.

«Os nomes de Laberio e de Turnebo formaram com o d'este portuguez uma trindade que bastaria para a gloria da administração debaixo da qual elles ensinaram.

«Henrique Laberio, Lorreno, oriundo de Noncourt, foi um discipulo affectuoso de Ravisio Textor, o que parece indicar que estudou em Navarra[3]. Os doutos do tempo reputaram-no como um dos melhores humanistas. Talento cheio de doçura e de graça, foi d'aquelles cuja reputação se estendeu até pelo mundo que não fallava latim: *Lutetiae ornamentum et dulce decus,* chama-lhe Léger Duchesne. Debaixo d'este titulo attrahiu a attenção do duque de Longueville, que o retirou da universidade para o ter na sua casa[4]. Esta mudança de condição occorreu quando elle estava em Sainte Barbe, pelo anno de 1540. Apenas nos restam d'elle algumas poesias com excellentes versos, disseminadas pelas collecções contemporaneas, uma, entre outras, que elle addicionou ás inscripções de Voulté, na edição publicada por Simon Colines[5], É um elogio do proprio

---

[1] *Compendio historico da universidade de Coimbra no tempo da invasão dos denominados jesuitas*, pag. 3, Lisboa. 1771.

[2] Diogo Barbosa, *Bibliotheca lusitana*, tomo I, pag. 712.

[3] *Henrici Laberii Noncuriani quaerimonia de morte sui Ravisii Textoris, ad Ludovicum Miletum, virum scientia et probitate spectabilem, hypodidasculum Navarrensem*, no principio da *Opus epitheterum de Ravisius Textor.*

[4] *Lodegarii a Quercu oratiuncula habita Parisiis, in Athaeneo barbarano*, 1557.

[5] Joan. Vultei, *Rhemi inscriptionum libri duo*, 1538. Ha no fim das *Xenia*, que terminam a mesma collecção, uma outra poesia de Laberio, sobre a morte de Voulté: *ad Joannem Venellum, Metensem archidiaconum.*

Voulté, de onde resulta que este mancebo, caro a todos os grandes escriptores da Renascença, tinha cursado seus estudos em Sainte Barbe:

Nostrae Vulteius decus palæstrae,
Qui in lanugine et utili juventa
Jam sibi cumulavit hoc honoris
Emblema, ut studio senes adaequet,
Scribendi in ratione purus, uber;
Nulla ampulla, labor loboris insons;
Pro nutu varius, facetus, asper,
Doctis mentibus auribusque adhaerens
Ut saxis hedera arborique bacca, etc.

«Laberio dirige estes endecasyllabos a um de seus discipulos, Honoré Veracius, a favor do qual mostra desejos de o ver collocar-se em primeiro logar depois de Voulté:

Tantum hoc te volo, si sequaris ausus,
Ante te ambulet hic poeta rarus,
Sed post te immodicum ordinem relinquas.

«Exprimindo-se assim ácerca do celebre poeta, nada mais fazia Laberio do que pagar-lhe em admiração o tributo que d'elle recebia em affeição e em respeito, do que é testemunho um trecho do proprio Voulté, cuja versão aqui vae:

«Publicou-se um opusculo diffamatorio, do qual suspeitas que uma passagem é dirigida contra ti, Laberio, e tu me fazes passar por auctor d'elle. Seria eu, pois, tão privado de senso, e tão aguilhoado pelo desejo de fazer mal, que viesse a querer perturbar com minhas aggressões, perseguir com mofas, e dizer raios e coriscos contra aquelle que nenhum motivo de queixa me deu, que não faz mal a ninguem, e que é a propria bondade para com todos? Se o crês, Laberio, enganas-te. Eu quasi nenhum caso faço dos ataques dos maus, e para que eu me vingue é mister que tenha sido por longo tempo provocado; tão longe estou de começar guerra contra ti. Quer tu queiras, quer não, sou teu amigo» [1]

«Tanto um como o outro foram arrebatados ás letras por uma morte prematura.

«O nome de Adriano de Turnebo é immorredouro. Seus contemporaneos tudo admiravam n'elle: o saber, a eloquencia, o estylo, o caracter e até mesmo a distincção de maneiras; pois, ao passo que a vida do collega marcava então os homens com um sinete inextinguivel, não teve elle de pedante mais do que a tonsura e o gorro. São as expressões que Ronsard folgava de empregar a respeito de Buchanan, Antonio de Gouveia e Turnebo [2].

---

[1] *Hendecasyllabon*, liv. IV.

[2] De Thou, *Historia universalis*, tomo V, pag. 100, e tomo VIII, pag. 665.

«Seu patriotismo tem seu tanto de assombroso, se olharmos á epocha em que viveu. Ás offertas magnificas, que recebeu de quasi todos os governos estrangeiros, preferiu a residencia na França, onde, todavia, não saíu de um estado proximo da penuria, e onde sua alma terna teve que soffrer tanto, por causa das desordens civis, das quaes foi testemunha, chegando isto ao ponto de lhe abreviar a vida.

«Emquanto a talento, teve elle mais do que ninguem, o de restabelecer ao seu brilho o pensamento mutilado dos auctores. O que n'este genero fez, não cansou ainda a admiração dos criticos.

«Entrou em Sainte Barbe no anno de 1538, com o fim de substituir Antonio Pinheiro (Pin), quando este deu de mão ás letras para se entregar á theologia. Ensinava havia seis annos, e já a restituição dos textos era sua preoccupação constante, a ponto que Pedro Ramus o censurava de sacrificar todos os outros exercicios áquelle. Porém Ramus nunca poupou as pessoas que lhe desagradavam, e Turnebo entrou n'este numero. Dava-lhe o nome de «espirito litterario», o que na bôca d'elle era synonymo de intelligencia acanhada. Turnebo, por outro lado, fugia de Ramus, a quem elle considerava como nada mais do que um ladrador perigoso. Acabaram por se estimarem como deviam fazel-o dois corações tão nobres, mas foi depois de longas altercações, ás quaes algumas diatribes arrojadas tanto de uma parte como da outra, deram maior brado do que seria conveniente, embora os dois adversarios fossem conduzidos, por uma sorte de respeito humano, a não se combaterem senão com armas emprestadas. Ramus escreveu contra Turnebo, debaixo do nome de Omer Talon, e Turnebo contra Ramus sob o de Leger Duchesne. Foi por esta occasião que proferiram contra Turnebo a accusação de se entregar com excesso á correcção dos auctores. Eis em que termos se exprimia o pretendido Omer Talon:

«Lembro-te de qual foi o teu ensino em Sainte Barbe, quando eu comecei a reger a primeira classe em Dormans. Succedias tu a mestres consummados na arte de instruirem a mocidade, a um Diogo Strebeo e a um Antonio Pinheiro. Em que passate um anno inteiro? Em marcar variantes e em propor emendas. Nunca te aconteceu uma só vez sequer o dictares a menor materia de discurso, nem de epistola, nem de verso; não corrigiste um só thema; de maneira que toda a erudição ostentada por ti me fez o effeito de cobrir uma bem pequena bagagem, e me deu suspeitas de que te abstinhas de tantas partes indispensaveis antes por impotencia do que por systema.

«Ha mais. Quiz verificar uma conjectura. Certo dia em que nossos discipulos tinham de argumentar uns com os outros, recommendei a um que te recitasse uma poesia feita por elle, na qual eu quiz, para te experimentar, que elle introduzisse certos erros. Pois é verdade; tu levaste tudo, tu approvaste tudo com esse ar desabrido, que te faz assimilar a uma rapariga modesta e acanhada[1].»

«Dar a entender que Turnebo não sabia conhecer os erros contra a prosodia! A maledicencia não pôde chegar mais longe. Ramus, em uma outra passagem tambem não recuou a ponto de se não fazer o echo da calumnia:

---

[1] *Admonitio Talaei*, pag. 609 da collecção intitulada: *Petri Rami et Audomari Talaei collectaneae praefationes, orationes, epistolae*. Paris, 1577.

«Chega da Italia ou da Allemanha um auctor emendado em dois ou tres logares? Immediatamente tu te lanças por cima d'elle, e compras todos os exemplares. Pouco depois ouve-se dizer, com um grande estrondo de elogios, que Turnebo restituiu isto e aquillo; e comtudo tiveste cuidado de pôr á vista de teus discipulos a edição errada; a edição correcta só está nas tuas mãos[1].»

«Eis as aberrações do impeto. Ramus tinha em si sangue liegense. Irritava-se facilmente, saltava, como o touro, sobre tudo quanto lhe fazia sombra, e passava muitas vezes alem das balizas ás quaes pretendia chegar. Comtudo, tinha uma sagacidade admiravel. Despojando seu juizo d'aquillo que tem de excessivo ficará talvez esta opinião, que Turnebo dava um logar excessivo á critica nas lições, em que a doutrina deveria occupar o tempo primeiro que tudo. Este grande mestre era antes feito para o ensino superior do que para a regencia de uma cadeira em um collegio. Viu-se no seu logar no dia em que a morte de Toussus lhe abriu as portas do collegio real.

«Turnebo teve um amigo intimo, um outro elle mesmo, normando, como elle, aluzado, como elle, no collegio de justiça, e que tinha tomado seus graus ao mesmo tempo que elle, para tambem regentar, como elle, nas classes de humanidades[2]; foi Léger Duchesne, o personagem do qual diziamos ha pouco que o nome serviu para cobrir as invectivas do Turnebo contra Ramus. Julgados dignos, desde o começo, de exercerem o commando sobre os *primarii*, os dois amigos, por uma associação singular, concordaram em repartirem entre si os cuidados da mesma classe[3]; um encarregava-se do ensino de manhã, ao passo que o outro dava o ensino de tarde. Tinham os seus nomes entre o pessoal docente do collegio, onde ensinavam como se não tivessem sido mais do que um; e recebiam de seus discipulos a simples retribuição estabelecida para cada regente pelos estatutos academicos.

«Ignorámos se elles hauriram a idéa d'esta alliança na terna affeição que os unia, ou então se foram induzidos a ella pela emulação, pois uma fraternidade inteiramente igual existiu ao mesmo tempo entre Ramus e Omer Talon. Seja como for, a universidade ficou commovida ao ver dois talentos de primeira ordem entrelaçarem-se em laços tão apertados e confundirem-se até certo ponto para o cumprimento de um mesmo dever. Se o exemplo não teve muitos imitadores, é porque havia poucos homens dispostos a contentarem-se com tal salario, no qual um só podia aspirar; pelo menos a admiração foi geral.

«Muito tempo depois de terem as duas sociedades sido desfeitas pela morte prematura de Talon, e pela promoção de Turnebo, fallaram d'elles como de um riaço que fazia empallidecer a amizade proverbial de Damão e Pythias, de Harmodio e Aristogiton; fallava-se ainda d'elles, quando os jesuitas adquiriram sua reputação como intrudores da mocidade, de sorte que estes padres, que andaram na pesquiza de boas tradições, julgaram haver n'esta alguma cousa que

---

[1] *Adversaria Talani*, pag. 577.

[2] *Lutherii e Sinteni Graecis familiis de Vita et scriptis Adriani Turnebi*, nas obras completas de Turnebo.

[3] Edmond Richer, *Apologie pour l'enseignement admirable solide Lycomes parisiennes* (1602), pag. 19.

aproveitar para utilidade dos estudos, e desde então repartiram nos seus collegios o ensino da rhetorica entre dois professores[1]. A universidade veiu a fazer o mesmo que os jesuitas, e ainda hoje vemos observar-se a mesma pratica nos lyceus.

«Para voltarmos a Léger Duchesne, temos a certeza que elle regentou debaixo da direcção de Diogo de Gouveia, *O moço*, no momento em que se provar que Turnebo se poz ao serviço d'este principal. Só elles dois regeram a classe de rhetorica, e eis o que explica que durante um anno inteiro de ensino Turnebo não dictou a seus discipulos nem assumpto para versos, nem argumento para discursos. Tinha destinado para si a parte das explicações, deixando a seu amigo o cuidado de dirigir os exercicios da composição. N'isto achava Turnebo em que reparar, porque o trabalho era dividido de diverso modo entre Talon e elle; mas comprehende-se que não passava isso de um caso de conveniencia pessoal, que não obstou a que o programma do curso fosse desempenhado em Sainte Barbe tão bem como em Dormans.

«Se as rasões que vem de ser dadas não são julgadas sufficientes para lançarem o nome de Léger Duchesne na lista d'aquelles que regentaram entre nós em 1538-1539, allegaremos o testemunho do proprio Duchesne.

«N'um discurso recitado em Sainte Barbe em 1557, este professor lembrou como cousa já antiga, que elle tinha tido debaixo das suas ordens os *primarii* do collegio; limitou-se tão sómente a louvar a attenção, docilidade e boa ordem, que tinha então encontrado em seus discipulos[2], visto não ter tido necessidade, attendendo ás circumstancias, de fallar de uma associação, cuja lembrança estava ainda presente a todas as memorias.

«Turnebo e Léger Duchesne deixaram Sainte Barbe para se dirigirem a Toulouse á custa do cardeal de Châtillon. Pretendem alguns que no seu regresso para Paris, em 1544 ou 1545, teria Turnebo feito um novo contrato com Gouveia[3]. Baseia-se esta opinião sobre uma proposta de Nicolau Bourbon, o qual morreu quasi centenario, em tempo de Luiz XIII. Dizia este velho professor, muitas vezes, que tinha visto Turnebo, Buchanan e Muret regentarem juntos no mesmo collegio, e não deixava nunca de acrescentar que cada uma das tres partes do mundo ter-se-hia julgado bem ditosa com ter um só d'estes tres homens. Seu encontro deve ter occorrido, effectivamente, depois da vinda de Turnebo para Paris, visto que Buchanan e Muret para alli vieram de Bordéus por aquelle tempo, e que, emquanto a Muret, na idade sómente de vinte annos, e que via pela primeira vez a capital, não é possivel que tenha regentado n'uma epocha anterior a qualquer dos nossos collegios. Mas é mister que Sainte Barbe renuncie a reivindicar para ella a posse simultanea dos tres illustres humanistas. Ménage, que tinha interrogado a este respeito a Nicolau Bourbon, ouvira d'este mesmo que tal honra couhe ao Collegio de La Marche[4].

«Sem sairmos dos nomes abalisados nos fastos universitarios, podemos citar ainda outros collaboradores de Gouveia, *O moço*.

---

[1] Goujet, *Memoires historiques sur le collège royal*, partie II, pag. 179.

[2] *Lodegarii a Quercu orationcula habita Parisiis, in Athaeneo barbariana.*

[3] Annotações de Thomas Ruddiman á vida de Buchanan, no principio das obras completas d'este.

[4] Menage, *Antibaillet*, tomo I, pag. 328.

«Em primeiro logar, Nicolas de Martimbos, homem de uma condição commoda, um dos bons professores de philosophia do seu tempo. Oriundo de Gournais, pertencia na universidade á nação de Normandia, que o escolheu para seu procurador no fim de 1539. Pouco depois foi reitor. Fez apparecer, emquanto ensinou em Sainte Barbe, uma traducção do tratado de Aristoteles. *Peri hermenias*[1]. É a mesma de que se falla na historia das igrejas reformadas, por causa do brado que deram em Senlis certos sermões, em que o accusavam de favorecer com excesso os hereticos. Parece que elle acreditou, effectivamente, na possibilidade de fazer concordar as duas communhões; mas abandonou esta idéa quando viu os desgostos que ella lhe trazia. Comprou por uma retirada honrosa o prazer de morrer em repouso[2].

«João Calmus, natural do valle d'Aillan, perto de Sens[3], foi um bom humanista, mas de um caracter petulante e altivo, que obstou a que elle se fixasse em nenhuma parte, e tornou-se incommodo em todos os collegios que o contrataram. Adiaremos as provas d'isto mais adiante. Quasi que não empregou o seu talento em mais do que em compor peças para as representações do collegio. Tendia para o genero comico; mas, em vez de se arrastar pelo trilho das velhas farças, resuscitou, pela imitação de Terencio, a comedia de caracter.

«Michel de Villenes, regente de grammatica, foi nomeado procurador da nação de França em 1518, quando já tinha ganho em Sainte Barbe as prerogativas do *quinquennium*[4].

«Nicolau Ilirigaray, basco, da villa de Mongellos, ensinou philosophia em Lisieux, depois em Sainte Barbe, onde regeu o anno de physica de 1539 a 1540. Foi, como o precedente, procurador da nação de França[5].

«Resta-nos a relação de um processo, ao qual deu origem por ter recebido na sua casa um physico, transfuga de Calvi[6]. Tinha este discipulo vindo a Sainte Barbe para se subtrahir á rapina do principal, e do professor de Calvi, e ao fazer isto, tinha obedecido a seu tio, a quem pertencia a superintendencia de seus estudos. Foi, todavia, citado a comparecer perante o tribunal academico, porque o discipulo de philosophia que tinha estado um anno e um dia leccionado pelo mesmo regente, já não podia acabar o seu curso com outro que não fosse aquelle. Todo o que faltava a esta obrigação era reputado como desertor, e se se viesse a saber que tinha ido para um outro collegio, a lei pronunciava a privação dos privilegios universitarios contra o principal e contra o professor que lhe tivesse dado asylo.

«Varios collegios de Paris (e parece-nos que Sainte Barbe pertence ao numero) começaram então a ter regentes especiaes para cada um dos annos de philosophia, como se viu que tal se praticava em Bordeus. Gouveia viu o inconveniente que teria para o novo regimen a manutenção do antigo estatuto; julgou

---

[1] *Liber Aristotelis de interpretatione*. Paris, J. L. Tiduldus, 1539.

[2] Launoy, *Regii Navarræ gymnasii historia*, pag. 737. Duboulay, *Histoire universelle*, tomo vi, pag. 802. Archives de l'université, cap. 19, fol. 129. Théodore de Bèze, tomo i, pag.

[3] Duboulay, *Histoire universelle*, tomo vi, pag. 808; Ms. H. 2.082-A, da *Bibliotheca Mazarina*, fl. 18.

[4] Ms. H. 2.082-A da *Bibliotheca Mazarina*, fol. 16.

[5] Ibid., fol. 18.

[6] Archives de l'université, registo 19, fol. 115, 121 e 131, novembro de 1539 a março de 1540.

que era tempo de deitar por terra um costume secular, mas ao mesmo tempo julgou dever disfarçar seu ataque. Tendo a responsabilidade penosa d'aquelles que acolhiam os desertores, tendo do seu lado a maioria dos principaes e regentes de philosophia, tanto Martimbos como elle portaram se como defensores do interesse geral. N'esta qualidade fizeram opposição á sentença que constrangia a voltar para Calvi o estudante de novo recebido em Sainte Barbe.

«Nossos dois mestres manobraram com a experiencia de advogados consumados. Faltaram ás primeiras citações, depois compareceram na hora precisa, certo dia em que o tribunal se não tinha aberto ás horas competentes; mas foi para se retirarem, depois de terem pedido certidão da negligencia de seus juizes. Em breve esgotaram todos os termos juridicos, de modo que podessem cansar a paciencia da parte adversa, e attrahissem injurias, as quaes teriam de ser julgadas pelos tribunaes. Por fim embaraçaram muito o tribunal, porque empregaram um novo meio de defeza, que era o respeito devido ao direito das familias. Não se tinha nas leis universitarias prestado jámais attenção á vontade do paiz, e comtudo a razão, que começava a illuminar os espiritos, dizia haver alli alguma cousa que se devia tomar em consideração. Aproveitaram-se tambem de uma falta que se achou. O professor de Calvi não pôde apresentar a prova material de que o discipulo tivesse estado no seu ensino pelo espaço de um anno e dia, embora fosse isto notoriamente publico. A primeira sentença foi annullada, e assim Gouveia, Martimbos e Hirigary retiraram-se triumphantes, tendo ficado bem no seu processo.

«CAPITULO XXV.— Reitoria de Diogo de Gouveia, o moço.— As comedias do collegio.— O Leonil.— Revista em Santa Barbara.— Batalha no bairro de Saint Marceau.

«Disse-se que antigamente os grandes eleitores, encarregados de designarem o reitor da universidade, recebiam seus poderes das nações por meio do suffragio universal, e que eram nomeados mesmo na igreja de S. Julião, o pobre, aonde tinham ido, em sessão publica, desempenhar-se do seu mandato. Mudou-se isto em 1524, por causa das rixas frequentes ás quaes dava logar esta eleição preliminar. O parlamento lavrou uma sentença, a qual constrangia as nações a votarem por secções nos collegios designados para este effeito[1]; medida efficassissima, para se opporem aos sopapos dados nas igrejas, mas não para obstarem aos proprios sopapos.

«Appareceram as provas nas eleições de 16 de dezembro de 1538. Diogo de Gouveia, *O moço,* tinha-se apresentado para ser reitor. A escolha de um *intrante*[2], que lhe foi favoravel, causou uma lucta entre os Picardos, reunidos no collegio de la Marche. Felizmente para o resultado final, as outras nações rendidas desde o principio ao partido barbista, usaram de termos mais pacificos. A Allemanha não hesitou em investir do seu mandato a um professor nomeado de Sainte Barbe, mestre Simão Snesson. Em S. Julião, o pobre, as cousas caminharam ás mil maravilhas; foi de curta duração o conclave; a formula de proclamação declarou: «nomeado por unanimidade e por inspiração do Espirito Santo, a scienti-

---

[1] Duboulay, *Histoire universelle*, tomo VI, pag. 162.

[2] Pessoa escolhida pela respectiva nação para eleger o reitor da universidade de Coimbra.

fica pessoa o gentil homem perfeito, mestre Diogo de Gouveia, vigilantissimo principal da casa de Sainte Barbe[1].

«Havia razão para gabar a vigilancia do novo eleito. Deu provas d'ella desde as primeiras assembléas a que presidiu, vindo denunciar varios ataques praticados contra a consideração ou contra os interesses da universidade. Levantou-se tambem contra muitos usos incompativeis com a disciplina dos collegios, tal como elle a comprehendia, e fez publicar outros tantos decretos para dar remedio a todo aquillo. Entre outras cousas obteve a abolição das farças que se representavam por occasião das festas dos Reis[2].

«Tres mezes de exercicio eram muitissimo pouco para um reformador como elle. Tinha na mente um plano inteiro de reorganisação, para vantagem dos estudos e da boa ordem. Queria que, por um rompimento completo com as tradições do passado, se supprimissem todos os divertimentos, todos os jogos, todos os exercicios escolares susceptiveis de se tornarem uma occasião de tumulto e de desordem; queria ainda que o curso de philosophia fosse reduzido a dois annos, que as disciplinas pagassem um direito ao collegio, que os actos fossem taxados de tal sorte, que toda a exacção cessasse a respeito dos aspirantes aos graus.

«Prevendo as difficuldades que haviam de ter os principaes em fazerem triumphar tais innovações, e a fraqueza com que haviam de ser sustentados n'esta tarefa pelo tribunal academico, era seu designio provocar a intervenção do parlamento e fazer lavrar uma sentença, a qual não podesse deixar de cumprir-se, sem as penas impostas pelo tribunal.

«Não teve vagar para apresentar tal projecto em nenhuma das assembléas que se reuniram emquanto elle esteve na posse do cargo; mas desenvolveu-o perante seu conselho na ultima vez em que elle o reuniu em Sainte Barbe[3]. Escutaram-no com frieza, por verem um ataque á independencia do corpo, na salvaguarda da qual elle pretendia investir o parlamento. Sem lhe fazer objecção sobre o fundo das cousas, subordinavam o tomal-o em consideração a uma immensidade de exigencias preliminares, que eram tão sómente um meio de recuar tanto quanto possivel a execução.

«Gouveia comprehendeu que pedia excessivamente de uma só vez. Abateu uma condição a ponto de executar no interior de seu collegio uma parte do que tinha no pensamento, renovando comtudo suas instancias em pontos separados, todas as vezes que visse ensejo favoravel.

«Começou por dirigir seus esforços contra as representações scenicas e passatempos com armas, duas cousas que faziam então o supplicio dos principaes, antigos da boa ordem.

«Se reflectirmos que o theatro francez, repudiando por um momento suas origens populares, se conformou com o repertorio escolastico, e que por alli começou seus illustres destinos, poder-se-ha entrever a importancia que teve a reforma nos collegios. N'elles se erguera ella quasi ao estado de uma instituição, todas as circumstancias se reuniram para a protegerem e fazerem florescer. Inde-

---

[1] Annaes da universidade, registo 18, fol. 29.
[2] Duboulay, *Histoire universelle*, tomo vi, pag. 556.
[3] Duboulay, *Histoire universelle*, tomo vi, pag. 556.

pendentemente do prazer extremo que n'ella achava a mocidade, tinha-se tornado uma necessidade para o publico, convidado para todas as grandes representações. Por outra parte, os melhores pedagogistas viam n'ella um exercicio sem igual para aperfeiçoar a memoria, a pronunciação e a gesticulação. Affectou ella converter-se em uma escola para os costumes, quando a superintendencia da policia tornou perigoso o genero satyrico, o qual atacava o caracter dos grandes personagens ou os actos do governo.

«Appareceram então essas tentativas á moda de Terencio, sobre as quaes João Calmus baseou sua reputação. Porém taes composições foram geralmente a obra de auctores mui jovens, aos quaes faltava a observação e o fundo philosophico necessario para alcançar o fim a que se propunham. Procuravam fazer rir não sabendo ao justo quaes eram os personagens que convinha ridicularisar para triumpho da moral.

«A obra prima de Calmus, que nos foi conservada, é d'isto a prova evidente[1]. O assumpto da peça é o infortunio de um rapaz provido n'um beneficio ecclesiastico por seu pae, com o fim de o mandar estudar nas escolas. Em vez de continuar seus estudos enamora-se de uma joven harpista, com quem se quer casar por força. Porém a familia da donzella põe por condição ao seu consentimento a resignação do beneficio, que será cedido ao futuro cunhado do noivo. Dirigem-se a um d'esses medianeiros, que faziam a corretagem dos beneficios por meio de assignados em branco, comprados por elles na côrte de Roma. O da peça é um trampolineiro; quando se vê senhor da resignação vae negocial-a com um freguez, que lhe dá muitos escudos. Está o casamento a ponto de se romper; é mister que o apaixonado pague uma quantia mais forte para fazer entrar o titulo nas mãos d'aquelle para quem elle o destinava, e assim se consummam as bodas do estudante com a harpista. É bastante para Calmus o ter vilipendiado o vendedor de bullas, e feito rir á custa do comprador um pedante enriquecido, que saboreia por alguns momentos o prazer de ser chamado «senhor cura»; as honras da guerra ficam definitivamente para aquelle que, sem seus paes o saberem, contrahe um louco matrimonio á custa de um acto de simonia.

«Concebe-se o asco do severo Gouveia contra divertimentos, no fundo dos quaes se achava a approvação de similhantes exemplos.

«Emquanto aos passeios militares, provocados primeiramente pelo armamento da universidade em tempo de Luiz XI, tomaram elles em tempo de Francisco I uma extensão intoleravel. Já não queriam os estudantes irem aos passeios sem terem á sua frente, não sómente tambores e pifanos, mas até mesmo soldados alugados, que lhes servissem para os respeitarem, ao passo que estudavam os que passavam pelas ruas. Faziam com que aquelles lhes fornecessem tambem arcabuzes e polvora para darem tiros quando saiam da cidade. Era no tempo do Londit, feira que se fazia em Saint Denis, durante os mezes de junho e julho. Primitivamente a universidade para alli se dirigia em corporação, com todos seus subalternos, para darem maior solemnidade á inspecção, que o reitor ia fazer alli, do pergaminho posto á venda; pois a jurisdicção do reitor se estendia até ao

---

[1] *Comœdia recenter edita authore Joanne Calmo, qui nonnulla per eundem adjecta sunt quae non parum ad cognoscendam et scribendam comœdiam conferunt.* Paris, chez les successeurs de Maurice de la Porte. Com uma dedicatoria: *Adolescentibus primi ordinis Sexorei.*

commercio do pergaminho e do papel, e não podiam estas materias ser expostas á venda sem que anteriormente se tivesse examinado a boa qualidade do seu fabrico.

«Alguns inspectores auctorisados *(attrités)*[1] visitavam o papel em nome d'elle, e elle mesmo era obrigado a visitar o pergaminho.

«Na occasião, pois, em que ia a Saint Denis para approvar ou rejeitar aquelle que tinham trazido os vendedores feirantes, da escolta que lhe fazia toda a mocidade escolar, resultava uma interminavel fileira; a circulação ficava suspensa na cidade durante horas inteiras, e se algum acompanhamento muito apressado tentava cortar o cortejo, o motim rebentava infallivelmente. Por causa d'isto foram os collegios eliminados em 1504 da profissão de reitor. Desde então iam ao Lendit em separado, como para passeio recreativo. Os mestres aproveitaram-se da occasião para darem, dentro de uma barraca ou na hospedaria da aldeia, o jantar da «grande segunda feira de verão»[2]. Durante os preparativos visitavam os discipulos o thesouro de Saint Denis, forneciam-se nas exposições das fazendas das miudezas necessarias para o estudo, ou banhavam-se no rio, cousa prohibida em Paris, como opposta á decencia[3].

«Tudo isto se poderia ter levado ao cabo na maior harmonia, se, por uma tradição funesta, o passeio do Lendit não tivesse sido posto em o numero das festas populares, durante as quaes toda a disciplina era suspensa. Começava por algazarras e terminava por actos de intemperança, que davam logar a toda a sorte de excessos. Como o porte de armas de fogo e a companhia dos soldados nada mais faziam do que aggravar as consequencias de uma tal relaxação, o nosso principal, depois da saida da reitoria, fez tantos esforços que induziu os que pensavam como elle a fazer com que o parlamento prohibisse as saidas com acompanhamento de tambores e homens armados. Um decreto foi lavrado n'este sentido e publicado ao som de trombeta nas immediações da universidade e da cidade[4].

«Esta medida foi muito mal recebida em Sainte Barbe. Dispoz ella os espiritos para uma revolta, que outras occorrencias não tardaram em fazer rebentar[5].

«Tinha composto Calmus, de combinação com alguns dos seus collegas, varias comedias latinas e francezas, cujos papeis foram distribuidos sem que o principal o soubesse. Parece que estas peças não eram d'aquellas que devessem ser approvadas. Houve sussurro na repetição, e por isso prohibiu-se que fossem representadas em publico. Calmus e seus collaboradores, asperamente reprehendidos, concentraram o rancor, jurando vingarem-se por meio de desgostos os mais crueis que haviam de causar ao mestre Gouveia. Um hespanhol, matreiro de força maior, sub-regente, chamado Manuel Cervere, poz-se á frente da sua collegação. Inspiraram a seus discipulos a idea de irem a Lendit em apparato de guerra, sem se importarem de modo algum do principal e da sentença do parla-

---

[1] A palavra *attrité* não mostra se encontra no dicionario de Littré.

[2] Bulæus, *Historiae academiae parisiensis*, vol. IV, l. I. Ms. suppl. lat. da bibliotheca imperial.

[3] *De disciplina et institutione puerorum* Odonis *Brunfelsii paraenesis*.

[4] Dubouliay, *Histoire universelle*, tomo VI, pag. 336.

[5] A narração que se segue é tirada dos documentos pertencentes a este processo, dos quaes Dubouliay transcreve (no mesmo sitio parte (*Histoire universelle*, tomo VI, pag. 378 e segg.); o resto vem-se nos archivos da universidade, registo 19, fol. 83 e seg.

mento. Elles proprios recolheram a subscripção para alugarem tambores, assim como os espadachins, fornecedores de mosquetes e de espadalhões. Pela manhã do dia fixado para a execução da conspiração, abriram uma porta trazeira. Toda a comitiva desfilou sem barulho; depois, apenas se viu na rua, achando alli os companheiros que deviam formar sua vanguarda, começou a berraria, executando uma marcha triumphal em volta do collegio. O passeio a Saint Denis executou-se nas bochechas de toda a auctoridade.

«Outras violencias assignalaram o regresso. A grande porta do collegio foi forçada, e pancadas distribuidas pelos creados que a defendiam. Embora tivessem regressado cedo, a effervescencia se prolongou até á noite fechada nas salas e no pateo. A porta da escadaria, que deitava para os quartos dos regentes, tinha sido fechada e aferrolhada por ordem superior; voou em estilhaços debaixo dos esforços repetidos dos pés, dos punhos, e das alavancas, com que foi empurrada. O interior de Sainte Barbe assimilhou-se a uma cidade tomada por assalto.

«Comtudo, Gouveia, muitissimo experimentado para se comprometter no meio d'este motim, estava conferenciando com seu tio, a quem elle tinha chamado para junto de si, para se tratar de uma repressão exemplar. O mais sensato parecia-lhe largar o sceptro até que se tivesse feito justiça. A ordem renasceria por si mesmo á vista do velho Gouveia tornando a tomar o governo da casa. Não seriam punidos os estudantes, mas sómente os mestres que os tinham excitado á rebellião. Era indispensavel que estes fossem expulsos immediatamente; seus substituidores estavam já escolhidos. Mas o castigo não devia limitar-se a isto só.

«O principal, ultrajado, passou a noite a escrever um relatorio do occorrido, depois uma supplica ao parlamento, pela qual, declarando Calmus e seus cumplices expulsos de Sainte Barbe por causa da sua desobediencia á auctoridade suprema, pedia ao tribunal que lhe prohibisse o ensino nos outros collegios da universidade.

«No dia seguinte, depois do levantar, o tio, em pé diante do collegio reunido e silencioso, exprimiu-se em termos severos ácerca das desordens da vespera. Os grandes criminosos tinham ficado nos seus quartos, não ousando affrontar sua presença. Fallou da expulsão d'elles, de serem a causa dos estragos causados, e dos actos judiciaes, a que ficavam expostos; depois tornou a fallar do comportamento d'elles para o vituperar com vivacidade tal, que usando contra elles do termo mais desprezivel que existia no vocabulario das escolas, chamou-lhes *marmittons* (bichos da cozinha).

«A sua indignação communicou-se extraordinariamente aos regentes que tinham ficado do lado do partido da ordem. Um d'elles esteve a ponto de pôr Calmus em graves embaraços; pois tendo encontrado Calmus em um corredor, e vendo que este procurava encetar uma discussão, não contente de lhe fechar a bôca com um violento sopapo, arremetteu contra elle e o perseguiu com a espada desembainhada até ao meio do pateo.

«Muito embaraçados com a sua situação, pois se viam tratados como impios, excluidos do refeitorio, assim como de suas classes, e, o que é peior, ameaçados de perderem seus meios de existencia, nossos conspiradores resolveram sairem-se bem por um conflicto de jurisdicção. Manuel Cervere apresentou a causa á assembléa da universidade. Como habil advogado, attenuou seus maus procedimentos sem os negar; insistiu, pelo contrario, sobre o aggravo de Gouveia o novo, aliás grave, que tinha tentado subtrahir alguns desgraçados accusados a seus juizes

naturaes. Mas este meio não aproveitou, visto que se tratava da violação de uma sentença do parlamento, e que o juiz legitimo em caso tal era o parlamento.

«A universidade decidiu que havia de observar a neutralidade, exprimindo, todavia, o vivo desejo que teria de ver os dois partidos accommodados um com o outro.

«Gouvéia, que tinha a firme resolução de não chegar a nenhum accordo, commettêu o erro de se deixar adormecer depois do seu bom resultado. Ao passo que estava esperando o effeito do seu requerimento, algumas solicitações, das quaes elle não desconfiava, determinaram o tribunal a largar o requerimento, para o enviar ao tribunal do reitor. Alli, por mais que se defendêu como um leão, no terreno da legalidade, o partido da indulgencia o supplantou. Teve de acceitar, embora protestando, uma sentença que condemnava seus adversarios a evacuarem Sainte Barbe, depois de terem pago os memoriaes apresentados a respeito d'elles, e sem levarem comsigo nenhum dos seus discipulos, mas tambem sem serem privados do direito de ensinarem em outros collegios.

«Mal se estava no desfecho d'esta tragedia (tragedia engendrada por comedias, como o tinha dito Cervere no seu arrasoado) que a desordem começou sob uma outra fórma.

«Os barbistas n'um passeio foram espancados pelos guardas campestres do arrabalde Saint Martin, por terem estragado as vinhas que guarneciam as encostas de la Bièvre. Os outros collegios, tomando o partido do de Sainte Barbe, tiveram uma grande batalha contra os operarios do arrabalde, que tinham concorrido para a defeza de suas propriedades. Eis em que termos o caso é narrado n'um dos discursos de Eutrapel:

«No meu tempo, diz Polygamo, corriam as cousas de um modo bem diverso de quando esse doutissimo Turnebo lia no collegio de Sainte Barbe o terceiro de Quintilianus, pois então um bando e companhia de carapuceiros do bairro de Saint Marceau, juntos e reunidos a esses bellos senhores e guardadores de vinhas, tendo-nos soccado e apanhado em flagrante, apanhando e saqueando como estrenuidade as uvas alem do que a escriptura sagrada permitte o que é honesta e decentemente, nos bateram e chegaram muito bem ás nossas costellas, fossem quaes fossem as representações que nós soubessemos allegar, que, por nossas cartas e titulos relativos aos Mathurins, todos os vinhedos e terras adjacentes de Vaucert pertenciam a nós e eram proprios da universidade. Jámais na batalha de Cerisoles, onde estive debaixo das ordens do capitão La Mole, que alli se houve, não se encontraram tantos cossoletes, arcabuzes, chuços, morriões e alabardas dos imperiaes, espalhados por aqui e por acolá, como se viu n'este rebuliço encontro das vindimas, *Terencios*, de *Oito partidas*, de *Pellissons*, de *Pro Milone*, de *Bucolicas* de Virgilio e tinteiros abandonados n'aquelle grande susto. Mas antes de ter passado um mez, a universidade, todas as camaras reunidas, com bastões ferrados e não ferrados, apoiadas por um regimento de impressores, todos altos na mão, se arrojou, sem outro reconhecimento, sobre estes mestres fabricantes de lanuzes e sacos, que, derribados e postos em fuga, tiveram todos suas ferramentas, caldeiras, espetos e outros instrumentos, quebrados e derribados, o que deu occasião aos chapelleiros de se fazerem subrogar no direito dos lanuzes, o um dos quaes é bem prejudicado.

«Foi como uma calamidade o renovarem-se os tumultos no tempo do homem o mais amante da disciplina, e que professava sobre este ponto opiniões fixas.

Parece que isto inspirou a Gouveia o novo o desgosto para com uma carreira, onde se estava exposto a taes dissabores; talvez que tambem elle confessasse que no seu caracter havia alguma cousa de incompativel com a flexibilidade do qual é muitas vezes indispensavel fazer uso, quando ha rapazes para encaminhar.

«No principio do anno de 1540, tendo-se feito receber na sociedade de Navarra, abdicou o governo de Sainte Barbe para se entregar exclusivamente á theologia[1]. Apenas foi doutor partiu para o seu paiz, onde sua capacidade lhe abriu o accesso dos grandes negocios. Foi conselheiro do Rei D. Sebastião depois de ter servido a D. João III como embaixador no concilio de Trento. Morreu grão prior da ordem de S. Thiago, em Palmella, no anno de 1556[2].

«CAPITULO XXVI.— Renovação do principalado por Diogo de Gouveia, o antigo.— Esforços de Martimbos para o encortamento do curso de philosophia.— Duello philosophico de Antonio de Gouveia e de Ramus.

«Depois de dez annos de retiro, Diogo de Gouveia, o antigo, tornou a tomar o cargo de principal, embora tivesse bastantes outras occupações, porquanto, depois que a heresia se propagou no reino, foi investido de uma sorte de delegação permanente, para substituir nos conselhos da universidade ao deão da faculdade de theologia, que quasi de outra cousa não se occupava senão de demandas judiciaes. Mas como um relogio trabalha por si mesmo quando está montado, um collegio não tem necessidade de sentir a todos os momentos a mão que o dirige, uma vez que tenha sido posto a bom caminho e que o tenham provido de mestres experimentados.

«A principio a faculdade das artes quiz patentear sua satisfação do governo que ia começar em Sainte Barbe, erigindo alli uma nova cathedra rectoral. Foi a favor d'este «homem excellente e philosopho illustrissimo[3]», Nicolau Martimbos, que soube dar provas, durante a sua magistratura, de actividade e de decisão, embora houvesse passado a idade em que ordinariamente se escolhiam os reitores. Um acto de auctoridade, pelo qual poz termo a um tumulto que punha difficuldades na eleição de seu successor, acabou de o pôr na opinião como um homem decidido[4]. Por isso a administração lhe convinha menos do que a direcção dos estudos. As ameaças dos theologos contra o novo ensino philosophico chamaram-no para um campo de batalha menos conveniente aos seus meios.

«Tinha-se implantado o methodo allemão nos collegas de facto, sem que se houvesse posto cousa alguma nos programmas para auctorisar a introducção d'elle. O theor dos estatutos academicos era sempre o dos seculos passados. Não tinham cessado de prescrever as disputas sem fim, os exercicios sobre os *sophismata*, e os *quod libeta*, o estudo diurno e nocturno dos *questionarii*, isto é, dos escolasticos, que tinham reduzido o texto de Aristoteles a theoremas[5].

---

[1] Launoy, *Regii Navarrae gymnasii historia*, pag. 271, 408 e 409.

[2] Diogo Barbosa, *Bibliotheca lusitana*, tomo I, pag. 657.

[3] Archivos da universidade, registo 19, fol 174.

[4] O *intrante* de Picardia fazia-se esperar; a assistencia exigiu que se fizesse a eleição sem elle. Então Martimbos se retirou para ir procurar o eleitor ausente, e como no seu regresso já estivesse nomeado um reitor, fez improvisar novos *intrantes*.

[5] Estatuto de 1534, renovado em 1542, em Duboulay, *Histoire universelle*, tomo VI, pag. 247 e 378.

«Havia, pois, um desaccordo completo entre o que se ensinava e o que se devia ensinar. D'ahi as lamentações continuas dos partidarios do velho methodo. Quando iam aos exames da rua do Fouarre, e tentavam introduzir nas argumentações publicas alguma cousa dos seus tempos de rapazes, acolhidos pelas mofas dos concorrentes e dos examinadores, elles alli estavam para sua vergonha, e voltavam com a morte na alma, publicando em todos os tons que o sentido de Aristoteles estava perdido, que d'alli, com certeza, derivava a peste da heresia.

«Era principalmente no seio da faculdade de theologia, que taes cousas, repetidas á saciedade, produziram seu effeito. A Sorbonne não dormiu mais, até que os antigos estatutos houvessem sido tornados a pôr em vigor por um decreto especial, que prohibiria aos humanistas tocarem no quer que fosse da dialectica, que obrigaria os regentes de philosophia a prestarem juramento em como haviam de exercitar seus discipulos nos bons questionarios.

«Martimbos, que se contava entre os innovadores, não tratou de deixar passar isto sem replica. Foi á assembléa da universidade perguntar: «Que se entende por questionarios?» Acrescentou que se submetteria, se lhe podessem indicar um d'esses auctores, que tivesse senso commum; que elle protestava que, se queriam fallar d'aquelles pelos quaes elle tinha começado antigamente sua instrucção, ou para melhor dizer, consumido n'uma pura perda o tempo de seus verdes annos. Ousou dizer isto perante o deão da faculdade de theologia, que viera pessoalmente para sustentar uma these, na qual se sabia que Diogo de Gouveia não teria desenvolvido assas de firmeza; professando a este respeito uma opinião contraria á da corporação, a unica resposta que deram a Martimbos, foi a apologia do antigo ensino, com o qual nem elle nem os collegas se queriam mais conformar[1].

«O professor barbista pensou então em pôr termo ás recriminações, obrigando a universidade a tirar um anno ao curso de philosophia. Era uma idéa de Gouveia. Vimos que André a tinha já posto em execução no seu collegio de Guyenne, e que Diogo, o moço, a tinha lançado por escripto no seu projecto de reforma academica. É certo que, reduzindo a dois annos o curso que durava tres, achando-se todo o tempo absorvido pela exposição das materias, já não havia margem para questões e dichotes.

«Este projecto reuniu um tão grande numero de adhesões, que a faculdade de theologia, certa de o ver approvar de improviso para a discussão publica, poz-lhe antecipadamente opposição por um appello para o parlamento. Apesar do appello, a deliberação teve logar. Martimbos proferiu um discurso cheio de amor e de força, onde reclamava, primeiramente para a faculdade das artes, o direito de retocar seus regulamentos e programmas, sem a intervenção das outras faculdades; era de toda a justiça, pois que as outras faculdades não tinham que consultar a das artes para modificar, como ellas o entendiam, seus estatutos respectivos.

«Demonstrou depois a possibilidade de expor em dois annos a totalidade das materias philosophicas, visto que o curso quasi que não durava mais tempo nos conventos, onde se ensinava; porque se negava então aos regentes de toga

[1] Sessão de 28 de novembro de 1542, no registo 20 dos archivos da universidade.

aquillo que se concedia áos regentes de habito[1]. Terminou accentuando de que importancia é um anno na idade da vida, onde se tem de escolher uma carreira.

«A discussão, continuada na assembléa seguinte, foi encerrada por uma critica mui viva do reitor (era então Paulo Galland), ácerca da connexidade que se tinha estabelecido entre a conservação da religião e o modo de ensino de uma sciencia que não concordava com a religião em varios pontos essenciaes. Os theologos, segundo o orador, achariam armas muito mais para sua vantagem no estudo da rhetorica e das linguas, e não tinham motivo para se inquietarem tanto ácerca de Aristoteles.

«Não obstou isto a que os theologos persistissem na sua opposição. Procuraram arrastar n'ella os decretistas na occasião do voto; mas estes, inspirados de outro modo pelo barbista João Quintin, que era então seu deão, oppozeram-se á reforma. Foi dito que a universidade, reunidas todas as faculdades, por decreto lavrado á maioria de votos, reduzia um anno á duração do curso de philosophia. Não restava mais do que a difficuldade do appello ao parlamento, que se tinha quasi a certeza de ganhar, fazendo intervir a auctoridade do Rei[2].

«Quando as cousas iam n'um tão bom caminho, foram subitamente detidas por um incidente que ninguem poderia esperar. Pedro Ramus fez apparecer ao mesmo tempo dois tratados, nos quaes negava todo o valor á logica ensinada segundo o *Organon* de Aristoteles[3], e esta exageração, cuja audacia revoltou a universidade inteira, veiu a ser um espantalho nas mãos dos collegas retrogrados, que representaram o desprezo escandaloso de Ramus a respeito de Aristoteles, prestes a tornar-se opinião geral, se se persistisse em querer encurtar o ensino da philosophia. Por isto o decreto já promulgado ficou sem forças, e a reforma de Martimbos foi afugentada ainda por um meio seculo, como pertencendo ao numero das utopias perigosas.

«Mas o que fez entrar na obscuridade ao regente dos dialecticos do collegio de Sainte Barbe fez entrar em scena o dos rhetoricos, que era então Antonio de Gouveia. Segundo a expressão de um auctor do tempo, se o sol tivesse sido tirado do firmamento, isto não despertava clamores mais formidaveis do que os que acolheram os livros de Ramus[4]. Todos os partidos se approximaram para ferirem com anathema esses perigosos escriptos. Os fanaticos de nada menos fallavam do que de rodar, de enforcar e de queimar o infame; houve mesmo requerimentos n'este sentido apresentados ao parlamento e ao Rei. Felizmente, pessoas poderosas pensaram com mais prudencia, que o raciocinio era a unica arma conveniente a empregar contra o paradoxo, e que para honra da philosophia convinha mais confundir Ramus do que envial-o para o outro mundo. Esta opinião foi a do bispo Duchastel, que se achava junto de Francisco I na posição de um ministro de instrucção publica. Aconselhou ao Rei que mandasse preparar um campo fechado, onde o calumniador de Aristoteles seria posto ás bulhas com um dos valentes membros subalternos da universidade. Antonio de Gouveia já se tinha

---

[1] «*Non posse minus regentes in toga quam in cucullo.*» Duboulay, *Histoire universelle*, tomo VI, pag. 381.

[2] Ibid., pag. 384.

[3] *Institutiones dialecticae* e *Animadversiones in dialecticam Aristotelis.*

[4] *Audomari Talaei, epistola ad Carolum, cardinalem Lotharingiae*, á frente das *Academica*.

offerecido para este combate, do qual, segundo todas as apparencias, a idéa tinha vindo d'elle. As causas deviam passar segundo o ceremonial usado para estes duellos a todo o transe, que eram ainda auctorisados algumas vezes, quando alguns gentis homens tinham de decidir entre si graves questões de honra.

«Francisco I viu n'aquillo alguma causa que sorria ao seu genio cavalheiresco. Por cartas regias, a batalha foi ordenada entre Ramus e Gouveia, assistidos cada um de dois tenentes da sua escolha. O commissario designado como juiz do combate, foi um doutor chamado João de Salignac[1]. Gouveia tomou para lhe fazerem companhia a Pedro Danès e Francisco de Vimercato; Ramus, um medico chamado João de Bumont e o nosso João Quintin, seu amigo intimo, a quem elle tinha devido mil leguas do celaismo, pois o tinha subjugado ás suas opiniões philosophicas. Em compensação Quintin exercia sobre o caracter de Ramus a mais salutar influencia. Este mentor o corrigiu, por seus salutares conselhos, de muitos defeitos; alguem notou, comtudo, que não chegou a reprimir uma disposição para o riso, que era tão forte em Ramus, que mesmo na cadeira se deixava ir atraz d'ella pela causa mais futil.

«Todos os auctores que narraram o duello sobre Aristoteles, não prestando attenção mais do que a Ramus, omittiram dizer, ou não souberam, que foi do collegio de Sainte Barbe que saiu seu adversario para o ir combater. Nada, comtudo, é mais certo. Elias Vinet conta que na sua viagem de Bordéus a Paris, em 1542, achou Antonio de Gouveia dirigindo uma classe no collegio de seu tio; ora, era no principio do anno escolastico que foi testemunha da tentativa de Ramus[2]. Ha tambem um commentario do discurso de Cicero contra Vatinius, datado de 1542, que dá todos os ares de ter saido dos preparativos aos quaes se entregava Gouveia, e que foi impresso, póde-se dizer, sobre o territorio de Sainte Barbe, na officina de João Luiz Tilletan ou de Thiett[3].

«Este impressor, discipulo de Estienne, e sogro de Guilherme Morel, a quem elle empregou como corrector de provas desde 1540[4], morava defronte do collegio de Reims, em uma casa construida havia pouco tempo, ao lado do velho hôtel dos Coulons. Seu estabelecimento é o mesmo que Thomas Richard illustrou depois, debaixo da insignia da *Bíblia de ouro*. Os impressores, sendo contados entre os subalternos *(suppots)* da universidade, procuravam assim a vizinhança dos collegios. Por aquelles tempos, Conrad Bade, da familia dos Ascensius, estabeleceu uma imprensa em frente da grande porta de Sainte Barbe[5], nos casebres que se encostavam á igreja de Saint-Symphorien, de sorte que o nobre navio do qual Diogo de Gouveia aguentava o leme, teve ao mesmo tempo, tanto pela prôa como pela pôpa, duas pharuas ancôas, para espalharem ao longe a luz, a typographia de Tilletan e a de Conrad Bade.

---

[1] Dubouloy, *Histoire universitaire*, tomo VI, pag. 388.

[2] Carta a Schott, *Bibliotheca Hispanica*, tomo III, pag. 475.

[3] *Antonii Gouveani de M. Tullii Ciceronis orationem in Vatinium varias commentarius ad Aemilium Ferretum non jurisconsultum sed principem*. Parisiis, apud Joan. Ludovicum Tiletanum, ex adversis collegii Remensis, 1542.

[4] Prefacio de um livro intitulado: *Observationes Gulielmi Morelii Tilletani in M. T. Ciceronis libros quinque de finibus bonorum et malorum*, etc. Parisiis, apud Joannem Ludovicum Tiletanum, ex adversis collegii Remensis, 1544. Este facto não se encontra, sem um Chevalier com via La Caille.

[5] *Theodori Bezae Vezelii poemata*; Lutetiae, ex officina Conradi Badii, sub pedo sementiano, et signum gymnasii D. Barbarae, 1548.

«Para voltarmos ao caso de Ramus e de Antonio de Gouveia, elle se passou á porta fechada. Esta medida, que fez soltar grandes gritos ao ramistas, era, comtudo, dictada pela prudencia; pois, se tivessem admittido um auditorio, com a effervescencia que estava nos espiritos, teria sido impossivel obstar ás interrupções, e provavelmente ás vias de facto. O peior inconveniente do segredo é o de ter dado origem a narrações contradictorias, entre as quaes não é facil discernir a verdade[1]. Diremos, pois, senão como as cousas se passaram, ao menos como ellas parecem ter-se passado.

«Em primeiro logar suscitou-se uma invencivel difficuldade relativamente á posição do debate. Ramus entendia começar theoricamente pela definição e pela divisão da dialectica, ao passo que Gouveia queria que pozessem immediatamente em discussão a competencia de Aristoteles como dialectico. Passou-se o dia em argumentações, que nenhuma cousa decidiram; a hora separou os dois adversarios, sem que, nem um nem outro tivesse recuado uma pollegada.

«Segundo toda a apparencia, o portuguez reconheceu, depois d'esta primeira prova, que luctava com um adversario mais vigoroso do que tinha pensado ao principio, e na previsão da inflexibilidade de Ramus, preparou para o dia seguinte uma manobra, que devia ser um tropeço. Com effeito, depois de ter começado a segunda sessão pela repetição dos assaltos da vespera, de repente Gouveia propoz transigir, acceitando o debate sobre a divisão da dialectica. Mas, em boa logica, era possivel encetar a divisão, deixando de parte a definição? Sem duvida Ramus fez ouvir a este respeito as cousas as mais fortes, e se o seu antagonista achou na flexibilidade de seu espirito bastantes recursos para não ficar calado, não se retirou com as honras do dia. É certo que á saida se ouviu desapprovarem a concessão que tinha feito.

«Voltou no terceiro dia com a idea que tinha tido no principio, de disputar sem preliminares sobre o valor de Aristoteles. Ramus, a quem isto não fazia conta, pediu a Salignac que tornasse a pôr a questão nos termos em que a tinha deixado na vespera. Á vista da recusa d'elle ficou despeitado e disse que renunciava á lucta. Offereceu a seus tenentes o tomarem a parte no logar d'elle; recusaram. Perguntaram a Ramus se lhe agradava o designar outrem; respondeu que não. Então o juiz do campo conferiu a victoria a Antonio de Gouveia.

«Embora o resultado não houvesse sido mui brilhante, a universidade acolheu a noticia d'elle com transporte. Foi celebrado por alguns panegyricos, no dizer dos quaes nem Hercules nem Theseo, nem todos os domadores de monstros tinham feito cousa alguma comparavel. O vencedor, embaraçado com tantas homenagens, julgou de seu dever merecel-as mais, recomeçando o combate, de modo que percorresse todo o stadio. Fez um livro contra Ramus[2], livro elegante, mas mui cheio de colera, e no qual conviria que as cousas fossem consideradas de mais alto. N'elle se encontram observações judiciosas, mas não um corpo de doutrinas que se antepozessem áquillo que se tratava de refutar. D'aqui fica

---

[1] Duboulay, *Histoire universelle*, pag. 388. Epistola de Omer Talon, ao cardeal de Lorena, já citado: *Ramus, sua vida e seus escriptos*, par M. Waldington, pag. 47.

[2] *Antonii Goveani pro Aristotele responsio adversus Petri Rami calumnias ad Jacobum Spifamium, gymnasii parisiensis cancellarium*. Paris, Simon de Colines, 1543, datado de 27 de novembro, no fim do prefacio.

sendo a prova palpavel que Ramus, apesar dos seus desvios, possuia n'um grau superior o alcance philosophico.

«Não se reconheceu isto no momento. O livro que servia ás paixões do publico, quando mesmo tivesse sido cem vezes mais fraco, teria ainda passado por uma obra primorosa. A faculdade das artes votou por acclamação que seria impresso á sua custa[1]. Foi por todas as universidades da Europa levar a gloria do seu auctor.

«Tal é o grande triumpho que Sainte Barbe teve para registar nos seus fastos de 1543.

«CAPITULO XXVII. — Decrescimento da prosperidade de Sainte Barbe. — Processo. — Insurreição dos estudantes da universidade em 1548. — Diogo de Gouveia, o antigo, expulso por Hubert Dugast.

«O estado de repartição de uma taxa á qual a universidade foi submettida em 1540, nos mostra Sainte Barbe occupando, por sua importancia material, o quinto logar entre os collegios de Paris. Tinha ella adiante de si, Navarra, Montaigu, Bourgogne e Calvi[2]. Como n'um tempo ella tinha participado do segundo logar com Bourgogne e Montaigu, deixando Calvi atraz, e que d'esta vez, pelo contrario, é ella quem marcha atraz de Calvi[3], a uma tão grande distancia que sua cota é de cinco escudos de oiro, denota isto uma diminuição notavel do pensionado. É preciso, talvez, attribuir a causa ao virem os portuguezes em menor numero, desde que a universidade do seu paiz foi restabelecida em Coimbra, ou a ter a fundação das cincoenta bolsas sido abolida, ou a ter sido consideravelmente reduzida.

«Tambem a epocha, á qual haviamos chegado, é aquella em que os estudos começaram a ser perturbados profundamente pela sinistra preoccupação do dogma. Alguns estudantes figuraram entre as victimas devoradas diariamente pelas fogueiras da grève[4], de sorte que as familias ricas para alli olharam com muita attenção, antes de exporem seus filhos a tão medonha sorte. Quasi que se não viu mais nos collegios a accumulação de porcionistas, que quasi por toda a parte tinham obrigado a suspender camas de rede por cima dos leitos nos dormitorios. Houve menos d'esses discipulos que ajudavam a supportar os encargos de seus estabelecimentos, mas houve outros tantos, se não foram mais, d'aquelles que, para proveito, traziam tão sómente a desordem para aquelles estabelecimentos, para os quaes sua phantasia lhes dizia que se encaminhassem.

«Na entrada de 1544, uma nuvem de hespanhoes caiu em Santa Barbara[5]. Vieram, a exemplo de seu compatriota Ignacio de Loyola, reparar tarde uma instrucção, cujos principios haviam sido inteiramente baldados. Tendo já estu-

[1] Archivos da universidade, registo 20, sessão de 20 de novembro de 1543.

[2] Ibid., registo 19, fol. 156.

[3] É a ordem comparativa, na qual Robert Goulet a colloca, como pedagogia. *Compendium de variegatis, pertinentibus Universitatis negotiis.*

[4] Carta de Kaulmbdorf a George Cassander, principal do collegio de Bruges, na collecção de Heinsius, intitulada *Illustrium et clarorum virorum epistolæ selectiores*, cenner. 1, pag. 27.

[5] Jo. Matth. Magnus, *De primordiis Parisiensis Academiæ*, varsaviæ, 1588.

[6] A narração que se segue é tirada do registo 20, fol. 83, dos archivos da universidade.

dado uma parte da sua philosophia em Salamanca, debaixo da direcção do montacucciano Gaspard Lax, foram obrigados, a maior parte, a seguirem os exercicios do terceiro anno, ao mesmo tempo que voltavam aos primeiros elementos da logica.

«Entraram primeiramente como pensionistas para casa de Diogo de Gouveia; depois, no fim de alguns mezes, foram morar para a cidade, debaixo do pretexto de pobreza, e outros porque diziam ser o collegio insalubre, por causa de algumas doenças que appareceram na primavera. Na realidade preferiram a liberdade do discipulo a um constrangimento que era já excessivo para elles o supportarem durante o tempo das lições. N'uma classe de sessenta estudantes Gouveia viu que não tinha mais de quatro pensionistas.

«O bom do principal não teve necessidade de calcular por muito tempo para perceber que em taes circumstancias se arruinava. A classe foi fechada. Começaram então as lamentações dos hespanhoes, quando, vindo como de costume para as lições, acharam a porta fechada. Dirigiram-se ao reitor com o seu regente, que não perdia menos do que elles em serem despedidos de uma tal fórma. Diogo de Gouveia foi chamado para dar explicações. Declarou que o estado financeiro do seu collegio lhe não permittia pagar a um professor só para cinco alumnos que lhe pagavam mezada, e provou que os estabelecimentos academicos o auctorisavam a proceder como procedeu.

«Comtudo, o professor desapossado era um certo Firmin Dure, homem de talento, porque Nicolau de Grouchy o empregou mais tarde na revisão das suas traducções de Aristoteles[1]; e era igualmente tido em consideração por causa da grande reputação que tinha deixado na universidade seu parente Roberto Dure, cognominado *O afortunado*, outr'ora principal de Plessis[2]. Por attenção para com elle, o reitor exigiu que aquelles de entre os queixosos que tivessem meios tomassem domicilio no collegio, e por este meio o curso foi continuado ate ao fim do anno escolar, mas é duvidoso o ter sido recomeçado no anno seguinte.»

QUIEN PENSARA.

El viaje en valde, del licenciado ——, y venida de los portugueses a Madrid.
Existe um exemplar na bibliotheca publica de Lisboa.

. . . . . .
Ha venido, á que sepamos,
de Portugal la miseria,
á vista de la lacedia,
que en su exercito palpamos,
y no nos envergonzamos
que tenga en Madrid entrada
gente tan despilfarrada,
sin aliento y sin comida,
a que ha sido esta venida?

---

[1] *Aristotelis Organum Joachimo Perionio, Nicolao Gruchio, Firmino Durio interpretibus.* 1563.
[2] Duboulay, *Histoire universelle*, tomo VI, pag. 140 e 970.

QUINET (EDGAR ——).

Nas *Vacances en Espagne* e no *Génie des religions*, encontram-se paginas maravilhosas sobre a epopéa de Camões relacionada com a nacionalidade portugueza e com a civilisação europea[1].

QUINTANA (D. MANUEL JOSÉ ——).—Nasceu em Madrid no anno de 1772.

Obras completas, na *Coleccion de autores españoles desde la formacion del lenguage hasta nuestros dias*. Madrid, 1861.

El duque de Viseo. Tragedia en tres actos, representada la primera vez por los actores del Coliseo del Principe, en 19 de mayo de 1801.

Poesias. Nueva edicion augmentada y corregida. Madrid, en la imprenta nacional, año de 1813.

A seguinte poesia é dedicada a Luiza Todi, quando cantou no theatro de Madrid as duas operas de *Armida* y *Dido*.

Que se negó de la falaz Armida
Al magico poder? Su voz sonaba;
Y el báratro profundo
De sus lóbregos senos alanzaba
El tremendo escuadron que la servia.
Vierase al punto de infernal veneno
Toda inundarse en derredor la esfera;
Arder el rayo y retumbar el trueno;
La rapida carrera
Suspenderse del sol; bramar los vientos;
En sus hondos cimientos
Estremecerse al mar; y mal segura
La tierra contrastada,
De sus exes eternos desquiciada.

Mas quando al fin enamorada y ciega
El corazon indómito rendia,
Y de perder su amante recelosa
En los fines del orbe le escondia;
Ya no era entonces la espantosa maga,
Era ya una deidad. El polo yerto
Ostentoso cubierto
Con el manto de Flora;
Por los fecundos prados
Las fuentes murmuraban,
Y de esencias bañados
Los céfiros jugaban con las flores;
Volaban los amores,
Las gracias y el deleite en pos de Armida.

[1] Theophilo Braga, *Bibliographia camoneana*, pag. 241.

Y ella entretanto, de Rinaldo asida,
El coro de las aves escuchaba,
Que al placer y al amor la convidaba.

Tal fué entonces Armida; y tal ahora
Tu! oh poderosa Todi! la presentas
Ya en ternura y delicias anegada,
Temerosa después, y al fin furiosa,
Viendo su gloria y su beldad hollada.
Invencion celestial! No, no es Armida
La que así nos enciende,
Y el agitado espíritu suspende:
El mentido poder, que por su encanto
Tuvo en los elementos confundidos,
Hoy en nuestros sentidos
Lo alcanza el arte, y lo renueva el canto.

Soberana armonía!
En qué sus dulces y halagüeñas flores
Mas bien que en tus loores
Esparcir deberá la poesía?
Pero? como en su vuelo
La poderosa voz seguir podria,
Que pasma al mundo, y maravilla al cielo?
Ella parte suave:
Y ora orgullosa y grave
Del espacio los ámbitos domina;
Ora en quibros dulcísimos se pierde
Y delicada trina:
Ora sube al Olympo, ora desciende,
Y ora como un caudal rico y sonoro
Vierte subitamente en los oidos
De su riquesa armónica el tesoro.

Sola, la admiracion enmudecida
Seguirla puede en su veloz carrera;
Y do ha vivido el corazon de fiera
Que se negáse esquivo
De su expresion celeste al atractivo?
Oh! No es posible el evitar su imperio:
La fogosa energia
De su gesto y accion se le prometen,
Y su magico accento y melodia
Aqui vence, aqui triunfa, aqui arrebata:
Vedla de gloria y majestad vestida
Quando del solio el esplendor retrata:
Vedla después desesperada y llena
De cólera y soberbia amenazando:

Nube parece, que espantosa truena,
Ó terrible Aquilon quando soplando
Con horrido silbido
Sacude el universo combatido.

Mas qual benigna suavidad se siente?
El es, el blando amor, el hijo ardiente
De la hermosa y divina Citeréa.
Mas dulce y grato que la miel hibléa,
Mas puro que los céfiros su acento
Sale inflamando el viento,
Y por do quiera su ternura inspira.
Ya trás el bien perdido
Vaga anhelante y con dolor sospira:
En el dulce trinar pinta el gemido,
En los blandos gorgeos
Aparecen los tímidos deseos,
La amorosa inquietud, las ansias tiernas,
La risa alegre y apacible juego
Que ceban tanto el delicioso fuego.
Ya con tono más grave
La sublime constancia se ve ornada,
Ó en celeste deliquio modulada
Del caro bien la posesion suave.

Entonces gime el insensible; entonces
Hasta los duros mármoles se agitan;
Amor aprende á amar; á amar incitan
El éter, el viento, y de tu voz herido
Por su divino impulso es arrastrado
Mi corazon vencido.
Salta en pecho, y sin cesar palpita,
Todo anegado en el amante anhelo
Que inspira el canto; su vehemente llama
Veloz discurre por mi sangre y venas,
Y en todas ellas su calor derrama:
Derrama su calor, que vuelto en llanto
Sin ser posible á contenerle el seno,
Salta á la vista en delicioso encanto.

Quien de tu Genio mensurar podria
La extension y el ardor? Dinna, en donde
Tuvo su oriente? En donde
Se adestró á desplegar tal osadía,
Y de tanta riqueza salió lleno?
Fué acaso allá donde el feliz Ismeno
Corrió bañando la senera Tebas?

Ó mas bien sobre el Ismaro sombrío,
Do por la vez primera
Los ecos de la musica sonaron,
Y tras si arrebataron
Los hombres y las fieras,
Las rocas y los árboles? De Orfeo
Su lira de oro celestial pulsaba,
Los vientos á su voz se comolian,
Y á Euridice llamaba
Y Euridice los montes respondian?

Igual empezo, ó superior tu impeles
Al seno del olvido
Los pesares amargos y crueles.
Yo lo vi, lo senti. Del hondo Avierno
Por mi mal abortado
Un esquivo cuidado devoraba
Mi triste corazon; quando presente
Vi la Sidonia Reyna, que clamaba
Contra el Troyano perfido, inclemente.

Barbara atrocidad! huye el ingrato
Sin que bastantes sean
De la misera amante las querellas
Su fuga á suspender; huye, no cura
Los preciosos tesoros
Que fiel le prodigaba la hermosura;
Tesoros! ay! de amor y de ternura.
Y se entrega á la mar! que de lamentos!
Que horrorosos acentos!
Que desesperacion! En vano llora
La triste, y corre enfurecida y gime;
En vano al cielo en su dolor implora,
Y á los hombres tambien; hombres y dioses
Al dolor y al horror la abandonaron...
Morirá la infelice
Sin hallar compasion?... Grande, sublime,
Terrible situacion, que sorprendido
Mi espíritu admiraba,
Y olvidó su afliccion llorando á Dido.

Y que tan dulces
Hayan de fenecer! Mantua te pierde,
Mantua, que tanto te admiró; desierto
Se verá el gran teatro, donde un dia
Al éco de tu canto y los aplausos
El soberbio arteson se estremecia.

Mustio el espectador irá á buscarte,
Y no te encontrará; y en tal vacío,
Do está, dirá, la enamorada Elfrida?
La encantadora Elfrida? Adonde fueron
La dulce Hipermenestra,
La arrogante Cleopatra y Cleofilda?
Sombras sublimes, cuya hermosa idéa
Inventar y animar al Genio pudo,
Será que nunca ya mi mente os vea?

Anda, vive feliz, corre el sendero
Que á tu brillante gloria abrió el destino;
Mas que le falta á su esplendor divino?
El universo entero
Su honor, su encanto, su deidad te aclama
Llevada en raudo vuelo
Por la sonante trompa de la fama,
Pasmarás las edades; y asombrado
Te nombrará el artista, y confundido
Por más osado que su Genio sea,
Tu el término serás de su esperanza,
Dique á su presuncion; el desde lejos
Adorará tus soberanas huellas,
Y lucirá tal vez con tus reflexos.
Así en el alto Olympo las estrellas
Brillan; mas solamente en noche umbría
Cediendo el resplendor y la victoria
Al gran planeta que preside al dia.

QUINTIIS (CAMILLO EUCHERE ——).—Jesuita, napolitano.

Camilli Eucherii de Quintiis. Inarime seu de Balneis Pithecusarum libri VI Serenissimo Lusitaniae Regi Joanni V dicati. Neapoli, excudebat Felix Mosca, 1727, 8.°, 320 pag.

QUIROGA (JOSEPH ——).—Jesuita, hespanhol.

Descripcion del rio Paraguay, desde la Boca del Xaura hasta la confluencia del Paraná, por el P. Buenos-Aires. Imprenta del estado, 1836.

R

Le portugais est bon, charitable, tolerant, sincere, amical, independant, digne, courageux, et plus dévoué à la patrie qu'à sa famille et à ses amis. Il est franchement hospitalier. L'étranger est toujours le bienvenu en Portugal.

(Grand dictionaire universel du XIX siècle. (Pierre Larousse.)

R. H.— Auctore Juris civilis, doctore Anglo.

De Successione Regni Portugalliae Dissertatio Juridica: Jus Philippi Serenissimi Hispaniarum Regis prae Braganto jam intruso astruitur, et impostura Lusitanorum in suo supero Manifesto varié detegitur. Burges Flandrorum. Ex typographia Nicolai Breygelii, 1643, in-4.°, in-12, 120 pag.

RABBE (ALPHONSE ——).

Résumé de l'Histoire du Portugal, depuis les premiers temps de la monarchie jusqu'en 1823, par Alphonse Rabbe. Paris, 1827, 1 vol. in-18.

RACCOLTA *di alcuni Discorsi composti da alcuni insigni Oratori della Compagnia di Gesù. Deca Prima. Seconda edizione.* Napoli, nella stamperia di Felice Mosca, 1718, 5 vol.

Vem o seguinte:

Problema agitato nella Reale Academia della Serenissima Cristina Regina di Suezia, in Roma; qual fosse piu Ragionevole, se il riso di Democrito, che tutto sbbeniva, o' l' pianto di Eraclito, che di tutto piangeava. Discorso primo, a favore di Democrito, del Padre Girolamo Cataneo, della Compagnia di Gesu, pag. 69.

Discorso secondo, a favore d' Eraclito, del Padre Antonio Vieyra, della Compagnia di Gesu, pag. 83.

Panegirico di S. Francesco Saverio, do padre Antonio Balzo, pag. 177.

Panegirico di S. Francesco Saverio, recitato in Benevento, anno 1705. Alla presenza dell' Emin. e Rev. Cardinal Arcivescovo, Fr. Vicenzo Maria Orani, do padre Nicolo Vulcano.

RACCOLTA *di relationi de' regni del Giapone, nel quali si intende non solo il frutto et progressi de' nuovi christiani dell' India, ma si raccontano ancora molti particolari avisi.* Venezia, Quinti e Ciotti, 1608, in-8.º pequeno.

RACKZINSKY (CONDE DE ——).

Esteve em Portugal e analysou varias pinturas, no que se mostrou conhecedor.

Na sua excursão artistica pelo nosso paiz mostrou-se bem atilado e sensato.

Confessa ingenuamente que não póde esclarecer o problema da nacionalidade dos quadros de Vizeu, uma das mais bellas riquezas artisticas que possuimos em Portugal.

Passados bastantes annos, quando se tratava de commemorar os descobrimentos portuguezes e os de Colombo, tratou-se no Porto de analysar os quadros e obras artisticas da misericordia d'aquella cidade, e veiu á lembrança uma ou outra obra artistica.

Um caso de arte entreve alguns dias as attenções do publico. Foi a exposição do celebre retabulo *Fons vitae*, na galeria dos retratos da misericordia.

O conde de Rackzinsky, na sua excursão artistica pelo nosso paiz, teve occasião de ver a afamada preciosidade. No seu livro: *Les arts en Portugal*, o conde cita a opinião corrente de que o retabulo é do grão Vasco, mas não lhe dá grande credito. Parece-lhe pertencer ao primeiro quartel do seculo XVI (1518), concebido segundo a influencia allemã, talvez de Holbein.

Outros criticos, portuguezes e estrangeiros, vindos depois, têem perfilhado esta ultima hypothese.

O conservador da galeria da Rainha Victoria, o sr. Robinson, n'um estudo feito sobre a pintura portugueza, declara-se em sentido diverso, e acha que é «uma obra superior, a unica obra prima da arte nacional portugueza».

O quadro é realmente feito no estylo gothico, e segundo o plano e a escola representada na Allemanha por Holbein, e entre nós pelo supposto auctor do *S. Pedro*, da cathedral de Vizeu.

Deixando aos archeologos e aos criticos da arte a paternidade do *Fons vitae*, historiarei apenas as peripecias que precederam a sua restauração.

Ha dois ou tres annos, como o quadro apresentasse estragos, cujo progresso poderia inutilisar para a historia da arte aquella verdadeira maravilha, resolveu a misericordia mandal-o restaurar, ouvindo previamente um jury competente, que se pronunciasse sobre a conveniencia ou inopportunidade da reparação.

Um grupo de professores da academia de bellas-artes portuense decidiu-se, por maioria, pela restauração, e por unanimidade sobre o restaurador, que seria Antonio de Moura.

Posteriormente o sr. conde de Samodães, provedor da misericordia e tambem inspector da academia, resolveu, por descargo de consciencia e desafogo de responsabilidades, consultar um jury mixto de professores de Lisboa e Porto, que se manifestou a favor da restauração, tambem por maioria. O restaurador seria o

sr. Moura ou o sr. Greno; estando o segundo impossibilitado de executar aquelle trabalho pelas suas occupações artisticas, ficou em campo o sr. Moura.

.....

RADA (D. JUAN DE DIOS Y DELGADO ——).
Mujeres celebres de España y Portugal. Barcelona, fol.

RADONVILLIERS (ABBÉ ——).
Este abbade, na sua obra *Traité de la manière d'apprendre les langues*, Paris, 1768, in-12, faz elogio ao merecimento d'este sabio portuguez, e dos serviços que prestou ao desenvolvimento do ensino na França[1].

RAFFLE.
A *Java*, de Raffle, raras referencias tem aos portuguezes, mas a sua *Vida* e *Jornal* dão uma relação da chegada dos portuguezes a Malaca, segundo a conservam os indigenas[2].

RAGOZI (SAUL RADA ——).
Numeroso universal lamento á la muerte de la Excelentisima Señora Doña Maria de Guadalupe Lancaster y Cardenas, duquesa de Aveyro, Arcos y Maqueda, Fenix de su siglo, en que a vista de su excelente vida se precisa el dolor á lamentar su muerte. Dedicado al Excelentisimo Duque de Arcos, Aveyro y Maqueda. Escrito y consagrado á Su Excelenza, por ——. 8.°, 12 pag.

RAJATUS (FRANCISCO ——).— Jesuita, natural de Palermo.
Symbola et inscriptiones adornatae honori SS. Ignatii et Xaverii. (Encontram-se na obra composta por Antonio Afflitto, intitulada: *Idea dell' apparato per la Canonizatione de' SS. Ignatio Loyola e Francesco Xaverio, nella Casa Professa della Compagnia di Giesu, di Palermo*. Palermo, Giov. Battista Maringhi, 1622, in-4.°

Regnoles degli Apparati, e Feste fatte in Palermo per la Canonizatione de' SS. Ignatio Loyola e Francesco Xaverio l'anno 1622. Ibid., 1622, in-4.°

Foi esta descripção reimpressa, lib. III, pag. 36, da obra de Francisco Baronio: *De Majestate Panormitana, libri quatuor*. Panormi, apud Alphonsum de Isola, 1630, in-fol.

RALSTON.
Um jornal portuguez, em 1880, publicou a seguinte noticia:
«O sr. Ralston, a maior autoridade da Inglaterra com relação ao estudo das tradições populares, consagra no *Academy*, n.° 433, a parte de um artigo ás interessantes publicações do sr. Consiglieri Pedroso: *Contribuições para uma Mythologia popular portugueza*, e aos *Contos populares portuguezes*, publicados pelo sr. Adolpho Coelho. Com relação a ultima obra diz o sr. Ralston: «Uma excel-

---

[1] Vicente de Gonzalez, *Escala por Nicolas de Grandes*, pag. 89.
[2] Tolmont, *Antecedentes para a historia dos portuguezes na India*. No *Instituto Unico da Roma*, Nova Goa, 1874, pag. 122.

lente introducção (pp. v-xxxii), se acha prefixada aos *Contos*, na qual o auctor exprime mui judiciosas opiniões em relação á transmissão dos contos populares. Elle não quer admittir que os contos tenham uma só origem mythica, por exemplo, considerando o mytho como um dos productos radicalmente differentes, ainda que elementos mythicos entram livremente nos contos. Nem crê n'um vehiculo unico para a transmissão das historias, quer na Europa em geral, quer em qualquer paiz em particular.»

O sr Gaston Paris, a primeira auctoridade de França com relação ás tradições populares, julgou tambem mui favoravelmente, na Rumania, a publicação do sr. Adolpho Coelho.

RAMBLES *in Madeira and Portugal.*

É attribuida a composição d'esta obra a um certo Mr. Lyall[1].

RAMIREZ (DIEGO ——).— Jesuita, hespanhol.

Del insigne milagro en Napoles por S. Francis Xavier con el P. Marcello Mastrillo, de la Compañia de Jesus, a 3 de enero de 1634. Madrid. 1634. Vienna, 1635. Traduzido do italiano.

RAMIREZ (D. MANUEL ANTONIO ——).

Verteu para hespanhol a obra do padre Lafitau: *Histoire des découvertes et conquêtes des portugais dans le nouveau monde.*

Esta versão hespanhola foi estampada em Madrid, no anno de 1774, 8.º

RAMOS DEL MANZANO (D. FRANCISCO ——).

A nuestro Santisimo Padre Alexandre VII, sobre la provision de los obispados vacantes en la corona de Portugal. Madrid, por José Fernandez de Buendia, 1659, in-fol.

RAMUSIO'S (GIOVANI BATTISTA ——).

Viaggio di Giovani Leone (Descrizione dell' Africa) e le Navigatione di Alvise da Cadamosto; di Pietro di Cintra; di Annone; di un Piloto Portoghese; e di Vasco di Gama. Vinezia, 1837.

RAN (HERIBERT ——).

Geschichte der Entwickelung des menschlichen Geistes. Allgemeine Kulturgeschichte von ihren Uranfängen bis auf die Gegenwart. Ein Buch fur jedes Haus. Neue Augs. Neustadt a. d. H. 1881. 2 vol. em um só.

No tomo II, cap. IX, a pag. 379 e seguintes, falla da poesia e litteratura na Hespanha e em Portugal e de Camões.

RANQUE.

Lettres sur le Portugal. Sem data.

---

[1] Robert White and James Y. Johnson, *Madeira*, pag. 223.

RANSONIER (JACOBI ——).—Societatis Jesu.

Annuae Paraquariae annorum 1626 et 1627.

Trata das missões do Paraguay e vem citada esta obra a pag. XXI do livro *Relation des missions du Paraguay, traduite de l'italien de Muratori.*

RASIS (GAYANGOS ——)[1].

«Gabriel Rodrigues Escabias, no seu *Discurso apologetico*, já citado, introduz a proposito de Illiberio ou Elvira, que quer que seja a mesma que Ilipula Magna e Granada, varias citações de Rasis trocadas e augmentadas á sua maneira, affirmando que o codice antiquissimo de onde as extrahiu foi dado de presente a seu senhor o almirante de Aragão pelo imperador da Allemanha Rodolpho II, e provinha da livraria do famoso mosteiro de Fulda, vasto arsenal em que o padre Roman de la Higuera e outros improvisadores litterarios pretendiam encontrar as monstruosas novidades e ridiculas patranhas, com que conseguiram obscurecer e embrulhar por algum tempo a historia ecclesiastica d'estes reinos[2].

«Assentes estes preliminares, vamos tratar do ponto principal que nos propozemos investigar, isto é: — se houve na Hespanha um historiador chamado Rasis, que obras deixou escriptas, e por fim se é ou não traducção do arabe a *Chronica castelhana* que apparece debaixo do seu nome.

*
* *

«Rasis é corrupção de Razi, e com o artigo *Ar-Razi*, nome ethnico, que significa «o oriundo ou natural de Ray ou Rayya», cidade e districto da Persia. Costumam os arabes designar seus escriptores ou personagens celebres pelo nome de sua patria ou domicilio, assim como nós tambem dizemos *Nebrissense* a Elio Antonio de Lebrija; *Abulense* a Tostado; *Brocense* a Francisco Sanchez das Brozas, e assim a outros. *Razi*, pois, significa um individuo qualquer, nascido, oriundo ou domiciliado em Rayya; sendo varios os escriptores arabes conhecidos por este appellido, como: Abu Bequer Mohammed ben Zakaryya, *Ar-Razi*, medico famoso, cujas obras, vertidas para latim, formaram, juntamente com as de Avicenna, e Averroes, a base dos conhecimentos medicos na idade media[1], Mohammed ben Omar Al-temimi Al Bekri *Ar-Razi*[1], theologo distincto e doutor da seita

---

[1] V. Gayangos, pag. [illegible], vol. II.

[2] Como desejar ler o texto que Rodrigues Escabias apresentou de sua propria invenção ao texto genuino de Rasis, pode cotejar a obra do dito escriptor (fol. 12-14), com os extractos da *Chronica*, que «Mohammedanos vamos apparecer a esta narrativa. Ali se verá como, ah como o fim de confundir seus adversarios, e sustentar quantas ridiculas lendas de seita e provincia de Granada, fez dizer a Rasis que Granada foi fundada por Hercules, o qual lhe poz o nome de *Illiberis*, de uma seita d'alli, e que os antigos lhe chamaram depois *Ilipula Magna*, e outras novidades por este teor.

[3] Gerardo de Cremona, o alto de Cremona, como alguns escreveram, traduzio para latim algumas obras de Ar-Razi, e entre outras seu *Almansorig Continens*, que imprimido pela primeira vez em Brescia, no anno de 1486.

[4] Tenta d'alto Ibn Jalikan no seu *Dictionnaire de hommes illustres*. Era natural de Ray, e estando de Tabaristan, teve os sobrenomes de Ibn Al-jatibi e Tajrouk-Ala.

xafeita, a cuja consolidação e luzimento contribuiu sobremaneira com seus escriptos, Abdo-r-rahman ben Omar ben Sahl Abu-l-huseyn *Ar-Razi*, fundador de uma escola de sufies ou mysticos; Ahmed ben Faris *Ar-Razi*, philologo erudito, do qual se conserva um diccionario mui copioso e estimado, da lingua arabe; Abu Yusuf Yâcub ben Mohammed *Ar-Razi*, traductor dos *Elementos*, de Euclides, e muitos outros, que poderiamos citar.

Nenhum dos escriptores acima mencionados foi historiador, nem residiu na Hespanha[1]; e portanto será indispensavel ir procurar o auctor da nossa *Chronica* entre os arabes andaluzes. Porém, como são muitos os que, ou por terem nascido no referido districto de Rayya[2] ou por serem oriundos d'alli, usaram do sobrenome ou appellido de *Ar-Razi*, abster-nos-hemos de apontar aqui seus nomes e profissões, e passaremos desde já a tratar dos tres historiadores que houve na Hespanha conhecidos por este nome.

«Mohammed ben Musa ben Boxeyr ben Chenad ben Lakit Al-Quenani, ou da tribu de Quenana y *Ar-Razi*, isto é, natural de Ray, na Persia, veiu á Hespanha pelo anno 250 da hegira, ou 865 de Christo. Mercador de profissão, trouxe comsigo joias, drogas e outras producções do Oriente, e estabeleceu-se em Cordova, côrte então dos Reis da familia de Umeyya. Sua affabilidade e bom trato, assim como sua instrucção e honradez, lhe grangearam o favor de um poderoso guazir, e ultimamente de Mohammed ben Abdo-r-rahman, quinto monarcha d'aquella esclarecida estirpe, que lhe conferiu destinos de importancia, e o empregou em varios negocios arduos de seu serviço. Foi um d'estes, o apaziguar certas dissenções occorridas em Granada entre arabes e mulados[3], por causa da morte vio-

---

[1] Embora se acreditasse geralmente que Abu Bequer Ar-Razi veiu á Hespanha e habitou por algum tempo em Cordova, onde dizem que escreveu para Almansor um livro, ao qual poz o nome d'este celebre ministro, é um erro que propagou Hottinger no seu *Bibliothecario*, pag. 253. Razis morreu na hegira de 311, isto é, 16 annos antes de nascer Almanzor; nunca veiu á Hespanha e dedicou sua obra a Abu Saleh Mansor Ben Nuh, sultão de Sumanida.

[2] Apesar de ter havido tambem na Hespanha uma provincia chamada Rayya, por se haverem fixado n'ella os arabes originarios d'aquella região, e de terem Archidona, primeiro, e depois Malaga, obtido o nome de *Medina Rayya*, por terem sido cabeças ou capitaes d'aquelle districto, os naturaes das ditas cidades usavam do patronimico ou nome ethnico de *Ar-rayyi*, seguindo uma formação grammatical differente.

[3] Na relação da viagem e embaixada feita em tempo de Carlos II, por um ministro do Imperador de Marrocos, enviado a Hespanha para tratar, se encontra ácerca d'este Ar-Razi uma noticia mui importante, que não podemos deixar passar em silencio. Fallando de Tarifa, ponto onde desembarcou, refere o embaixador a entrada de Tarif, que, como é sabido, foi distincta, e precedeu um anno a de Tarik, tomando d'aqui pretexto para introduzir na mera narração de uma viagem ou itinerario desde aquelle porto á côrte, passando por Sevilha e Cordova, um sem fim de noticias, cada qual a mais curiosa, extrahidas de livros que nos são inteiramente desconhecidos, porém que sem duvida eram vulgares no seu tempo.

Tratando, pois, de Algeciras e da sua mesquita, chamada em outro tempo «das bandeiras», explica a origem do dito nome, e em seguida accrescenta: «Diz Mohammad ben Mozeyn: Achei na bibliotheca de Sevilha, no anno de 471, nos dias de Ar-Radhi, filho de Al-motamed, um pequeno volume, composto por Mohammed Ben Musa Ar-Razi, *O livro das bandeiras*, no qual livro trata de como entrou Muza ben Noseyr, e de quantas bandeiras entraram com elle na Hespanha, dos corayxitas e outros arabes. Enumera-as o auctor, e diz que eram mais de vinte, a saber: duas d'ellas eram do mesmo Muza ben Noseyr: uma deu o principe dos crentes, Abdo-l-maleq-ben-Al-walid, quando lhe conferiu o governo de Ifriqiya (Africa oriental) e das regiões situadas mais alem; e a outra a deu o principe dos crentes, Alwalid ben Abdo-l-maleq, quando o confirmou no governo de Africa oriental e mais paizes que conquis-

lenta de um renegado christão por um habitante de Elvira. Morreu Ar-Razi no regresso d'esta embaixada, em a lua de Rabi, ultima do anno 273, que corresponde ao mez de outubro de 886[1].

«Deixou escripto um livro de historia e genealogia, intitulado: *O livro das bandeiras*[2]; alem d'isso um filho seu, de quem fallaremos mais adiante, cita-o a miudo em suas obras como narrador de feitos, que presenciou no Oriente, ou de que foi testemunha ocular na Hespanha.

«Filho do acima mencionado, foi Ahmed ben Mohammed ben Musa Abu Bequer Ar-Razi, celebre escriptor, a quem sua extraordinaria erudição em materias historicas, lhe obteve o sobrenome de *At-tariji* ou *O chronista*. Attribuem-lhe varias obras sobre historia e geographia da Hespanha arabe, entre as quaes merecem particular menção as seguintes: Uma descripção topographica da cidade de Cordova; uma historia genealogica das familias mais notaveis e illustres que vieram morar na Hespanha; Uns annaes da Hespanha arabe, desde sua conquista por Tarik ben Zeyyad e Musa ben Noseyr, até aos tempos de Abdo-r-rahman III, sitavo Rei de Cordova[3]. Ignora-se o anno da sua morte, mas é presumir que vivesse ainda pelos annos de 325 da hegira, ou 936 de Christo. Fallam d'elle Ben Hayyan, Ben Bessan, Al-homaydi, Adh-dhabbi, Ben Bexqual, Ben Al-abbar, Ben Al-jattib, e quantos historiadores hão escripto ácerca de nossas cousas, citando-o a miudo, e copiando amplos fragmentos de suas differentes obras historicas.

«Mas ouçâmos o que ácerca d'este Ar-Razi e de seus escriptos diz Almaccari no liv. II, cap. IV de sua historia, tratando das obras litterarias dos arabes andaluzes: «Ahmed ben Mohammad ben Musa Ar-Razi *Ar-tariji*, escreveu varias obras de historia e de topographia de Hespanha, e com especialidade um bastante volumoso, em que descreve os caminhos, portos, montes, rios e cidades principaes da peninsula; os seis *chund*[4], ou districtos militares, em que então estava dividida, o numero e qualidade de suas provincias, as producções tanto vegetaes como mineraes de seu solo, e até mesmo outras noticias individuaes, que em vão se procurariam em outras obras d'aquelle tempo.»

[illegible] até Al-mugreb. Outra terceira bandeira era a de seu filho Abd-el-aziz, e que entrou com elle na Hespanha; e as outras eram do mirasytas, candidhos arabes, e principaes governadores, que vieram com elle. Tambem trazia Ar-Razi um seu livro de outras familias que entraram com Muza e não traziam bandeira.

E mais adiante: «E disse que a reunião dos candidhos (para deliberar) a aquelle levando [illegible] se realisou no sitio mesmo da tempesta das bandeiras, em Algeciras, o qual se chamou desde aquelle anno, e que por isso mesmo Al-Razi intitulou sua obra *O livro das bandeiras*.

O manuscripto, que é copia de letra de D. Manuel Vanes Lopez, pára hoje nas mãos de seu [illegible] o conservador D. Joaquim Eleuterio Calderon.

[2] «Bandeira», corrupção de «Mawahid», que vale tanto como filho ou descendente de pais que não são arabes. Davam este nome aos filhos de renegados christãos.

[3] Estas noticias são tiradas da *Historia de Almaccari*, livro VI.

[4] D'uma ultima obra, que devia ser mui importante, achamos frequentemente citações e extractos em Ben Hayyan, Ben Al-abbar, Ben Al-jattib e outros.

[4] *Chund*, que faz seu plural *ajnad*, significa propriamente exercito, reunião de homens alistados [illegible]; tambem divisão ou districto militar. Deste modo [illegible] a Síria, chamadas Damasco, Emesa, Kennesrin, Aberdan e Filistin. Quando Habib e os arabes da Syria [illegible] Hespanha, foi preciso dar-lhes terras e governos em que morassem, segundo o *chund*, a que pertenciam; de onde provém chamarem a Cordova, Emesa, a Sevilha, Kennesrin, a Jaen, Kennesrin, a Malaga, Aberdan, e a Xeres, Filistin.

«E em outro logar: «Alem da obra citada acima, Ahmed Ar-Razi escreveu uma historia dos Reis de Cordova, na qual refere seus memoraveis feitos e ditos, desgraças, victorias e derrotas. Tambem compoz uma descripção topographica de Cordova, igual em tudo á que escreveu de Bagdad o celebre historiador Ahmed ben Abi Tahir, e na qual assignala os nomes de todas suas ruas, praças, arrabaldes e descreve seus edificios publicos, mesquitas, palacios, banhos, pontes e jardins[1].»

«Esta noticia foi copiada por Al-maccari da obra de Adh-dhabbi, o qual a tomou de seu mestre Al-homaydi, sabio mallorquim, que compoz varias obras de historia, e entrè outras uma biographia de homens celebres intitulada *Bugyato-l-moltamis fi tarij rechali-l-andalus*. Da obra de Adh-dhab-bi se conserva uma copia antiga, ainda que bastante maltratada, no Escurial; a de Al-homaydi não se encontra (que nós saibámos), senão na bibliotheca Bodleyana de Oxford. Como Al-maccari é auctor comparativamente moderno, pois escreveu pelos annos de 1634, e poderia parecer suspeito, vamos trasladar aqui a noticia de Ar-Razi, segundo se acha no codice de Oxford.

«Ahmed ben Mohammed At-tariji, *O chronista*, versado nas historias, escreveu ácerca das cousas notaveis de Almagreb (Occidente), varios livros e entre elles um mui grosso, no qual descreve os caminhos ou itinerarios de Hespanha, seus portos e principaes cidades; os sete *chund* ou districtos militares, as particularidades de cada uma de suas provincias, e aquillo que n'ellas se acha, que se não encontra em outras. Assim o refere Abu-Mohammed ben Hazm, o qual faz o elogio de Ar-Razi.»

«Depois d'este artigo, acha-se o seguinte: «Ahmed ben Mohammed ben Musa-Ar-Razi Abu Bequer Andalusi (domiciliado em Hespanha), Cortobi (vizinho de Cordova), era oriundo de Ray ou Rayya. Escreveu ácerca da historia dos Reis de Hespanha, de seus ministros, de suas desgraças e guerras, um livro mui volumoso. Compoz tambem uma obra em que descreve Cordova, seus limites e principaes edificios, parecida com a que a respeito de Bagdad compoz Ahmed ben Abi Tahir, na qual este referiu a historia da dita cidade, e tratou dos companheiros e cortezãos de Almansor. Assim o diz Abu Mohammad ben Hazm, o qual acrescenta que Ahmed ben Mohammad ben Musa escreveu tambem a respeito de linhagens de Hespanha[2], uma obra em cinco tomos grossos, do melhor e mais abundante em noticias que jamais se escreveu. Assim o affirma o dito Abu Mohammed ben Hazm, ainda que não está claro se este Ahmed ben Mohammad ben Musa é o mesmo a quem chama Ahmed ben Mohammad Attariji, ou differente, dois logares da sua historia, ainda que são para mim um mesmo[3]; porém, só Deus sabe a verdade das cousas.»

---

[1] Cousa desejada para aquelle que appetece instruir-se na historia dos varões illustres de Hespanha.

[2] Ben Al-Abbar cita uma obra de Ar-Razi, intitulada: *Collecção de linhagens*, a qual, sem duvida, é a mesma aqui citada. *(Cod. Escur.*, fol. 119, na *Vida do guacir Chehuar.)*

[3] Segundo Ben Jallecan, em suas *Mortes dos varões illustres*, Abu Mohammed foi uma especie de Tostado, posto que, por seu fallecimento, occorrido na hegira de 466, se acharam escriptas por seu punho muitas das obras originaes, as quaes formavam cerca de 400 volumes in-folio, ou 80 000 cadernos de papel. Veja-se tambem Al-Maccari, tomo I, fol. 147 da traducção ingleza.

«O Abu Mohammed ben Hazm aqui citado, foi filho de Ahmed ben Hazm, guacir de Hixem II. Pela morte de seu pae, occorrida na hegira de 402, succedeu-lhe no emprego; foi, alem d'isso, escriptor diligentissimo em todas as materias, e deixou[1], entre outras obras, uma historia de Hespanha intitulada: *Os bordados da noiva, ou noticias dos califas de Cordova*, e uma *risela* ou epistola, em que trata da aptidão dos arabes hespanhoes para todo o genero de sciencias, e dos progressos que n'ellas fizeram[2]. D'esta ultima tiraria Al-homaydi, que foi discipulo de ben Hazm, as noticias que dá a respeito de Ar-Razi.

«Filho d'este, e neto do primeiro, foi Iza ben Ahmed ben Mohammad ben Musa Ar-Razi, que tambem devia ser escriptor, posto que Ben-Hayyan, Ben-Al-jatib e outros o citem a miudo nas suas respectivas chronicas. Nada dizem d'elle os biographos andaluzes, do que se infere que, ou não alcançou a celebridade de seu pae, ou as obras que escreveu não foram mais do que um extracto ou compendio das d'este, achaque mui commum nos litteratos arabes, entre os quaes o filho ou discipulo de um auctor trasladava e copiava sem acanhamento algum as obras de seu mestre. Sem embargo o valenciano Ben-Ab-abbar Al-codhai attribue a este Ar-Razi, isto é, a Iza, filho de Ahmed, e neto de Mohammed, umas memorias historicas dos *hachebes*, ou primeiros ministros dos Reis de Cordova, e ha fundamentos para crer que ao dar á luz as obras historicas de seu pae Ahmed, as continuaria até seu tempo. Não existindo nos diccionarios biographicos do Escurial noticia alguma a respeito d'este escriptor, não sabemos dizer de um modo positivo em que epocha floresceu; porém se seu pae Ahmed vivia, segundo temos dito, no reinado de Abdo-r-rahman III, ou seja pelo meiado do seculo x da nossa era, ha rasão sobrada para crer que alcançou os tempos de Hixem II, decimo Rei de Cordova, o qual começou a reinar no anno 366 da hegira (ou 976 de Christo) administrando seu imperio, ou melhor, reinando em seu nome o celebre guacir Mohammed ben Abi Aamer, mais conhecido pelo cognome de Almanzor.

«Fica pois provado que houve na Hespanha tres historiadores com o nome de Ar-Razi: o primeiro, chamado Mohammad ben Musa, que floresceu durante os reinados de Al-haquem I, Abdo-r-rahman II e Mohammed I; o segundo, Ahmed ben Mohammad ben Musa, que provavelmente vivia ainda no anno 323, no reinado de Abdo-r-rahman III; e o terceiro e ultimo, Isa ben Ahmed ben Mohammad ben Musa, que alcançou os tempos de Hixem II. Temos visto pelos extractos de Al-homaydi, que Ahmed deixou escriptas duas obras parecidas no seu texto á *Chronica castelhana*, a saber: uma descripção da Hespanha arabe e uma historia dos seus Reis; a mesma que, segundo todas as probabilidades, addicionou e continuou até seu tempo, seu filho Isa. Se a isto se acrescentar que o exemplar que foi de Ambrosio de Morales se attribue a Ahmed, filho de Mohammad ben Musa Ar-Razi, fica desde logo estabelecida a identidade do auctor.

«Falta-nos agora provar que a *Chronica castelhana* é traducção, embora má, de uma d'estas obras, talvez de ambas, e não, como se acreditou até hoje, uma novella, á qual se poz, para a auctorisarem, o nome de tão celebre escriptor.

---

[1] Al-Maccari (tomo I, fol. 174-199), copia uma grande parte d'esta epistola, na qual se dão interessantes pormenores ácerca das obras litterarias dos arabes hespanhoes.

[2] *Cod. Escur.*, num. 1.649, fol. 9, v.

«Al-maccari, se não teve presentes as obras originaes de Ar-Razi, teve ao menos presentes as de outros historiadores mais modernos, que seguiram as pégadas d'aquelle escriptor, e o copiaram á letra, como são: Ben Hayyan, Ben Baxcual, Ben Said, Al-homaydi, Ben Alabbar de Valencia, e Ben Al-jattib de Granada; introduz no liv. I, cap. I, de sua *Historia*, varios fragmentos da descripção de Hespanha, de Ahmed, os quaes, cotejados com seus correspondentes paragraphos da *Chronica castelhana*, tornam clara sua identidade, e confirmam nossa asserção.

«Para maior segurança, porém, eis aqui o seguinte, traduzido do arabe: «Disse o Xeque Ahmed ben Mohammad ben Musa Ar-Razi: «A terra de Andaluz é o ultima do quarto clima até ao presente, e é tida entre os sabios por terras de bons campos e ferteis veigas, ricas em fructos de todas as especies, regada por caudalosos rios, e cheia de mananciaes de agua doce. Acham-se n'ella mui poucos reptis venenosos; é bafejada por bons ares e temperatura; a primavera, outono, inverno e estio se succedem sem que se note differença na passagem de uma estação para outra. Os fructos nascem sem interrupção, succedendo-se uns aos outros na maior parte dos mezes do anno. Por isso nas costas e districtos adjacentes todos os fructos são mui temporãos, ao passo que no Tseguer[1] e na sua terra, nos paizes montanhosos, são geralmente mais tardios; de sorte que duram todo o anno as bondades da terra e nunca faltam seus fructos em qualquer estação que seja. Tem, alem d'isso, uma propriedade, a qual consiste em se assimilhar á India em varios fructos e producções singulares, produzindo plantas, que são peculiares áquellas regiões, taes como o mahaleb[2], que é o mais excellente dos tonicos ou refrigerantes, e a mais avantajada entre as varias especies de alkali, e tão sómente se cria na India e n'esta terra.

«Hespanha tem cidades fortes e castellos inexpugnaveis, torres bem presidiadas e alcaçares excellentissimos. Tem, outrosim, terra e mar, planicies e montanhas; sua figura é triangular, apoiando-se em tres angulos ou pontas, dos quaes o primeiro é o sitio em que se acha o idolo[3] de Cadiz, bem conhecido em toda a Hespanha, alli onde está a saída do Mar Mediterraneo, chamado tambem o Xemi ou de Syria, o que banha as costas meridionaes da Peninsula. Com o segundo até ás partes orientaes de Hespanha, entre as cidades de Narbonna e de Bordhil (Bordeus), as quaes se acham hoje em dia nas mãos dos Francos, olhando para as duas ilhas de Malhorca e de Menorca, e para a proximidade dos dois mares, a saber: o mar que circumda toda a terra (Oceano), e o mar que lhe corre pelo meio (Mediterraneo). Entre estes dois mares está a terra, que chamam as portas, e serve de entrada para os que vem á Hespanha desde a terra grande ou continente, ou desde o paiz dos Francos. A distancia entre os dois mais é de dois dias de jornada, e a cidade de Narbonna olha para o Mediterraneo.

---

[1] Por *Tseguer*, que hoje em dia se pronuncia *teguer*, entendem os arabes o Aragão e sua fronteira, de onde proveiu darem o nome de *tagarinos* aos mouros d'aquelle reino. Os zegrés de Granada eram tambem oriundos de Aragão.

[2] Mahaleb ou Magalep, especie de cerejeira brava, chamada por outro nome arvore de Santa Luzia, cujo fructo era antigamente usado como perfume.

[3] Idolo, *senam*; assim chamavam os arabes a todo o templo ou construcção, como tambem a toda a figura ou estatua do tempo dos romanos. Al-Maccari diz que no alto da torre ou vigia de Hercules, em Cadiz, havia uma estatua de bronze que tinha na mão direita as chaves do estreito. Veja-se ácerca d'isto o que diz a *Chronica geral de El-Rei D. Affonso*, cap. V.

«Fixa-se o terceiro angulo entre o Septentrião e o Occidente, na terra chamada Cholequiya (Gallíza), alli onde os montes chegam ao mar, e no pincaro de um d'elles se ergue um alto edificio parecido com o idolo de Cadiz, o qual serve de atalaya para a terra da Bretanha [1].

«Diz Al-Razi: «As Hespanhas são duas, segundo a diversidade do sopro de seus ventos, a quéda de suas aguas e o curso de seus rios, a saber: Hespanha occidental e Hespanha oriental. A occidental é aquella cujos rios desembocam no Oceano occidental, e na qual chove com ventos do poente. Seus limites são, começando nas partes do Levante juntamente com a *mefaza* [2], que sáe do norte até o districto de Santa Maria, subindo um pouco até ao partido de Agreda, nas immediações de Toledo, inclinando-se depois para o poente e chegando até aquella parte do Mediterraneo que fica em frente de Carthagena, a nova, na terra de Lorca. Toda aquella parte que se defronta com o occidente d'esta linha, chama-se Hespanha occidental. A oriental, conhecida tambem pelo nome de Hespanha a remota, é aquella cujos rios correm para o oriente, e na qual chove com os ventos de levante. Seus limites são, partindo desde a extremidade dos montes dos vascões, e seguindo o curso do Ebro até ao paiz de Santa Maria [3]. Ao norte d'esta zona e ao occidente, está o mar Oceano, ao sul o mar do Algarve, do qual, segundo já dissemos, sáe o mar que banha as costas de Xam ou Syria, chamado por outro nome Mar Tyren (Tyrrhenum mare), que vale tanto como mar que corta a redondeza da terra; outros lhe chamam Mar Grande.

«Os anteriores extractos, feitos, segundo já dissemos, da obra de Almaccari, correspondem aos paragraphos 3, 4 e 5 da *Chronica castelhana*, e se hão de encontrar no appendice n.º 1. Por elles se virá no conhecimento de que, mesmo barbaramente feita, e mui interpolada, segundo mais adiante diremos, a *Chronica* é real e effectivamente traducção de uma obra de Ar-Razi. É preciso não perder de vista que Gil Perez não sabia a lingua arabica, e tambem não fez mais do que escrever o que Mohammad e outros lhe dictavam, como elle mesmo declara no seu prologo; que n'aquelles tempos as traducções que se faziam antes apresentavam o sentido do que a letra [4]; que o original está escripto em sentido elevado e conciso, e portanto mui difficil de trasladar para uma lingua tão pobre como devia então ser a gallega ou portugueza; e por ultimo, que não existindo a versão primitiva, não sabemos até que ponto as duas castelhanas, que sobre ella se fizeram, foram posteriormente alteradas ou corrompidas. Que o foram muito, e de um modo tão cruel, que apenas ha só um nome proprio que conserve sua fórma original, se collige do mesmo texto da chronica, e principalmente da parte relativa á descripção de Hespanha, que a nosso ver é a mais importante.

---

[1] Assim por terra de Bretanha poderá entender-se a Inglaterra.

[2] Mefaza, espadas, pois, antes o mandar, linha de fronteira, e por conseguinte não é facil determinar sua situação.

[3] Santa Maria de Alcoer Rasis, chamado por outro nome.

[4] As versões latinas de Arnaldo, Avenzoar, Abulcasem e até do mesmo Razis, feitas por Gerardo Cremonense, impropriamente chamado por alguns Cremonense, ou de Cremona, Montino e outros, são bem provas de como se traduzia no tempo antigo. Quem houver tido energia de comparar as traducções com o original, sabe do trabalho enorme, com que os traductores d'aquella remota lingua não se tornassem pela sua fidelidade.

«Não nos será tão facil o provar que a segunda parte da *Chronica* é tambem traducção do arabe. É provavel que o traductor portuguez, não encontrando nos escriptos de Ar-Razi uma noticia bastante extensa dos Reis da Hespanha primitiva, da vinda dos phenicios, carthaginezes e mouros; da irrupção dos alanos, suevos, vandalos e outras nações do norte, dos godos e seus Reis até aos tempos de D. Rodrigo, supprimiria a dita falta com a ajuda dos chronicões e memorias que existissem no seu tempo; talvez, tambem, com as poeticas tradições de uma idade, em que a fabula e as ficções cavalherescas substituiam as mais das vezes a historia[1].

«Do mesmo modo, no seculo a que alludimos, Affonso, o *Sabio*, introduzia na sua *Historia da grande conquista do ultramar*, as aventuras do cavalleiro do Cisne, e um escriptor anonymo fazia da historia de Roma um livro de cavallaria. Ainda assim, comtudo, é evidente que o traductor deu mais apreço ás memorias fabulosas dos arabes, do que ás tradições christãs. Por exemplo, a vinda de Hispan á Hespanha[2] ou Espan, filho de Japet, e os varios feitos do seu reinado, taes como se referem na *Chronica*, podem-se ler em Al-maccari, copiados de um historiador que floresceu em Cordova pelos meiados do seculo IX da nossa era vulgar. A tradição de que um Rei de Hespanha tomou á força de armas a Ilia ou Jerusalem, saqueou seu templo e trouxe para Hespanha, entre outros objectos preciosos, a celebre mesa de Salomão, e uma esmeralda ou carbunculo magnifico, que o conquistador Musa achou depois n'uma igreja de Merida, acha-se referida pelos mesmos termos, por quantos escriptores antigos ou modernos trataram com individualidade os successos da conquista[3].

«É tambem para advertir que em nenhuma parte da *Chronica castelhana* se notam tantos e tão frequentes indicios de gratuita interpolação como n'esta; mui a miudo o traductor, esquecendo que é interprete de outro auctor, falta elle mesmo, como se a relação fôra sua propria, e não de outro; e por ultimo é aqui onde se encontra a celebre divisão dos bispados, attribuida a Constantino[4], e que tanto ha dado que pensar a nossos criticos modernos, e o nome de um Rei godo, chamado Acosta, successor de D. Rodrigo, que alguns pretendem, sem mais fundamento, incluir na serie de nossos Reis.

«Apesar do exposto, não nos atrevemos a dizer que esta parte da *Chronica* seja inteiramente uma addição de Gil Perez, ou de quem quer que for o traductor de Rasis[5]. Os arabes conheciam nossa historia muito melhor do que pensâmos;

---

[1] Muitas d'estas fabulas acharam cabimento na *Chronica geral de El-Rei D. Affonso*, e Marianna, e alguns outros de nossos melhores historiadores, allmitiram-as sem reboco.

[2] *Gesta Romanorum cum applicationibus moralisatis ac misticis*. 1489, fol.

[3] E dizem que um Rei reinou na maior parte da terra e saiu de Sevilha depois que teve Hespanha em seu poder, e foi a Ilia, e tomou-a á força, e matou e destruiu cem vezes mil judeus e captivou outros tantos, e espalhou pelas terras outros tantos, e trouxe muitas pedras maravilhosas para Sevilha, Cordova e Toledo, e este Rei esteve na entrada da casa santa de Jerusalem... e El-Rei... Depois vieram sobre a casa santa de Jerusalem muitas hostes, que de todas as partes dos Reis alli havia, e este Rei, que saira de Sevilha, manteve-se no senhorio de Hespanha vinte annos, o qual nunca emprehendeu cousa que não levasse a cabo, e este tomou a mesa de Salomão, e a pedra que depois tomaram em Merida, e o cantaro de alijofar que para alli trouxera tambem o Rei de Hespanha. V. Al-Maccari, tomo I, Apen., p. XXV.

[4] V. Flores, *Espana Sagrada*, tomo IV.

[5] A versão portugueza da *Chronica* suppõe-se feita por um clerigo portuguez, chamado Gil Perez, com auxilio de um mouro chamado Mestre Mahomat (outros acrescentam *el-Aalarife)*; e dizemos que se

não poucos fallavam e até mesmo escreviam em latim ou em romance, e houve sempre em Cordova, Toledo, Sevilha e outras cidades principaes, infinitos mozarabes versados na historia e antiguidades de sua patria, os quaes traduziram para o arabe varias obras latinas. Durante o reinado de Al-haquem II, e cabalmente até ao tempo em que devia florescer Ar-Razi, se fez uma traducção de Paulo Orosio, citado frequentemente pelo geographo Al-becri e por outros. A que escreveu o bispo francez Edelberto, corria tambem traduzida para o arabe, pois a cita Al-mesudi, escriptor do seculo x, nos seus *Prados de oiro*. Um dos tomos da *Chronica* de Ben Hayyan, de Cordova, trata exclusivamente dos reinos de Asturias e de Leão, e está compilado, segundo o declara seu auctor, sobre memorias originaes de christãos refugiados em Cordova. Outro tanto póde dizer-se de Mohammad Al hichari, ou de Guadalaxara, escriptor do seculo xi, quem deixou escripta, entre outras, uma historia dos Reis de Leão e de França, e outra dos da Sicilia, desde sua reconquista pelos normandos. Por ultimo, Aben Jaldun, escriptor africano, mas oriundo de Sevilha, e que fez uma viagem a Granada, consagra um capitulo de sua vasta e excellente cyclopedia historica á historia e chronologia de varios reinos christãos da Peninsula no seculo xiv[1], sendo para advertir que é tanta a clareza e acerto com que trata de successos tão antigos e estranhos á sua nação, que mais de um ponto historico, obscuro até agora, e embrulhado, póde ser illustrado com o seu auxilio.

«Porem, se cabem duvidas, e mui rasoaveis, emquanto á authenticidade d'esta parte da *Chronica*, não se da o mesmo com a que, começando na batalha de Guadalete, refere as cousas dos arabes, e contém a chronologia dos Reis de Cordova. Ao nosso modo de ver, nada se oppõe a que esta parte seja traducção de Ar-Razi, o qual, segundo já dissemos, escreveu a historia dos Beni Umeyya. Deixando de um lado os infinitos erros de traductores e copistas, demasiado frequentes, desgraçadamente, em obras d'esta especie, a consequente corrupção dos nomes proprios, e a escassa intelligencia dos que ajudaram a Gil Perez na sua difficil tarefa, não ha nenhum dos successos que alli se referem, nem das datas que alli se assignalam, que não estejam auctorisados pelos historiadores de maior reputação; e por mais que Casiri se tenha esforçado em provar o contrario, seus argumentos são de pouco peso, na presença dos testemunhos irrecusaveis da historia.

[illegible], que se não encontra outra prova da dita asserção, que o declara assim a copia, que foi do portuguez Rotundo. Acrescentam-se que a versão foi feita por mandado do El-Rei D. Diniz de Portugal, sobrinho de D. Affonso, o Sabio (1279-1325); mas nem na *Chronica* d'este Rei, composição de Ruy de Pina, nem em outros livros que temos consultado, se acha a menor noticia relativa a este assumpto.

E pena que Gayangos não seguisse bem no vol. v da *Memorias Iusitanas*, as seguintes palavras escriptas por Fr. Francisco Brandão (pag. 40): «Trabalhou muito El-Rei D. Diniz por enriquecer a lingua portugueza, e para este fim mandou traduzir n'ella muitos livros escriptos em varias linguas, que hoje são falsos. E em particular se traduziu por sua ordem, da lingua arabiga, a *Historia do mouro Rasis, chronista do primeiro Almonzor, Rei de Cordova*, na qual se dão uma noticia das cousas de Hespanha antigas mui necessarias.»

O Pina, segundo affirma Barcelos na epistola latina a Bartholomeu Quevedo, foi capellão do Infante Duarte, quinto filho da illustre casa de Aveiro, cuja genealogia a Annunciada se encontra, com effeito, em a *Nobiliario do conde de Barcellos, filho de El-Rei D. Diniz*, edit. Lavradio, pag. 225.

[1] Memorias á fe académica, em sua junta ordinaria de 5 de setembro de 1847, traducção castelhana d'este interessante capitulo, illustrada com annotações e observações chronologicas.

«Citaremos um exemplo: Diz a *Chronica* que Mohammad I, a quem chama Mafoma, morreu no anno 273 da hegira, depois de um reinado de trinta e quatro annos e dez mezes, e que seu filho Abdollah morreu quando andava a era dos mouros em trezentos annos datas que estão concordes ambas com a chronologia dos melhores auctores, havendo decorrido vinte e sete annos inteiros entre a morte do primeiro e a do segundo. Casiri, comtudo, funda n'este anno um dos seus principaes argumentos contra a *Chronica castelhana*, sem reparar que entre Mohammad e Abdollah houve em Cordova outro Rei chamado Almondzer, irmão de Mohammad, o qual, segundo a mesma *Chronica* e as melhores memorias dos arabes, reinou um anno, onze mezes e quinze dias.

«Porém, se é bem certo que temos a convicção mais intima de que esta parte da *Chronica castelhana* é igualmente traducção de uma historia dos Reis de Cordova, composta por Almed Ar-Razi, e continuada por seu filho Iza[1], até aos tempos de Hixem II, tambem o é que não temos achado entre as muitas passagens que da dita obra copiam ou extractam Ben Hayyan[2], Al-hoomayidi[3], Ben Bessan[4], Ben Al-abbar[5] e Ben Aljatib[6], nenhuma que prove tão completamente nossa asserção, como as relativas á descripção de Hespanha, que ja deixámos copiadas em outro logar. Sem embargo, como teremos de ver opportunamente em as notas a esta parte da *Chronica castelhana*, na mesma relação e ordem dos feitos se nota certa unidade e similhança, que, a nosso modo de ver, não deixam duvida alguma emquanto a ser traducção de Ar-Razi ou de algum escriptor que seguiu suas pégadas. É provavel que o traductor portuguez, a quem não deviam interessar muito as cousas dos mouros, supprimisse certos pormenores alheios ao seu proposito; talvez a obra tambem não chegasse a suas mãos senão em compendio, cousa mui vulgar na historia da litteratura arabe.

«Poremos remate a esta historia trasladando para aqui uma passagem de certa chronica arabe, que se conserva na bibliotheca real de Paris, escripta por um anonymo até aos fins do seculo x. É tal a similhança que n'ella se nota com á *Chronica castelhana*, que se poderia conjecturar ser obra de Ar-Razi, ou de algum escriptor que o copiou á letra, tanto mais quanto termina no reinado de Al-haquem II, epocha em que, segundo o que fica dito, florescen e escreveu Isa Ar-Razi, filho de Ahmed Ar-Razi, e neto de Mohammad ben Musa Ar-Razi. e onde conclue tambem a *Chronica castelhana*[7].

---

[1] São communs entre os arabes hespanhoes os exemplos d'esta classe. A historia que escreveu Abdollah-Al-bichari (ou de Guadalajara), foi addicionada em primeiro logar por Abdo-l-maleq ben Said, depois por dois filhos d'estes, chamados Ahmed e Mohammed, em seguida por Musa, o filho de Mohammed, e ultimamente por Abu-l-hasan, filho de Musa, n'um periodo de cento e vinte e cinco annos. Al-Maccari, liv. II, cap. v.

[2] *Bibl. Bodl.*, n. 137.

[3] Ibid., n. 464.

[4] Ibid., n. 749.

[5] *Bibl. Escur.*, n. 1:670.

[6] Ibid., n. 1:667.

[7] Encontra-se no fim da obra de Abu Bequer Mohammed ben Omar ben Abdo-l-azis, escriptor do seculo x, mais conhecido pelo cognome de *Ben Alcutyya*, ou o *Descendente da goda*, por trazer sua origem de Sarah, neta do Rei Witiza. Intitula-se *Collecção de memorias historicas sobre a conquista de Hespanha*, e começa pelo reinado de Al-walid ben Abdo-l-maleq, em cujo tempo invadiram e conquistaram os arabes nossa peninsula.

«Depois de referir com mui e mui interessantes pormenores a primeira entrada de Tarif, a quem nossos chronistas e historiadores confundem com Tariq ben Zeyyad, a que este fez um anno depois, a batalha de Guadalete e a tomada de Ecija, diz assim:

«E enviou (Táriq) a Mugueitz el rumi, liberto de Al-walid ben Abdo-l-maleq, sobre Cordova, a qual era n'aquelle tempo a maior de suas cidades, e hoje em dia é a *casba* de Hespanha e seu *cairoican*[1], e a séde de seu imperio. Ia Mogueitz com 700 ginetes, que não enviou Táriq com peão algum, fazendo-se os muzlimes todos montados (á custa dos infieis)[2].

«Tambem habil nas cousas da guerra e ao mesmo tempo mui astuto, pois como visse que a gente que tinha ás suas ordens, não mostrava animo para defender-se, dispoz que as mulheres de Oriola, vestidas de homem, com o cabello solto e lanças nas mãos se deixassem ver sobre os muros da cidade, misturadas entre os poucos soldados que o deixavam, e postas á vista do exercito sitiador, até que podesse obter uma capitulação honrosa. Isto assim disposto, o mesmo se disfarçou em faraute, e havendo antes solicitado e obtido o competente salvo conducto, se apresentou no campo dos muslimes, e não cessou de negociar com o que os mandava, até que obteve uma capitulação para si e para os seus, debaixo das condições seguintes: que toda a provincia de Tudmir disfructaria a paz outorgada, sem que se lhe fizesse violencia[3], nem pouca nem muita, e que elle, Theodomiro, ficaria por governador da provincia, conservando seus bens e propriedades. Concluida (e firmada) a capitulação, Theodomiro se deu a conhecer, e lhes disse seu nome, e em seguida os introduziu na cidade. E os muzlimes, como não vissem dentro ninguem capaz de resistir, se arrependeram do que tinham feito, de modo tal, que não deixaram, por isso, de cumprir com o pactuado. Escreveram logo a Tariq, dando-lhe noticia do occorrido; e pouco depois, tendo deixado em Tudmir alguma gente, o resto do exercito se poz em marcha para reunir se com Tariq em Toledo.

«Emquanto isto se passava em Oriolas, Mogueitz tinha ao Rei de Cordova sitiado na igreja. Havia já tres mezes que o tinha cercado, e tanto os sitiados como os sitiadores estavam fartos e cansados do sitio, quando certo dia, ao amanhecer, veiu alguem a Mogueitz, e lhe disse: «Oelche saiu sósinho, e fugindo em direcção á serra de Cordova, é seu intento reunir-se com os seus em Toledo; deixou sua gente dentro da igreja.»

«Partiu, pois, Mugueitz, em seu seguimento, sósinho e sem levar a ninguem dos seus; e, quando o christão o viu, turvou-se, e metendo esporas ao cavallo, saiu do caminho, e chegou a um fosso, por cima do qual quiz que seu cavallo saltasse; este tropeçou, partiram-se-lhe os braços e caiu. Chegou logo Mogueitz

---

[1] Quer dizer: «Sua capital e sua metropole». A casba ou *alcazaba*, como nos outros dizemos, é o castelo da cidade, a parte mais alta d'ella, onde reside ordinariamente El Rei ou o governador. *Cairoican* é o nome de uma cidade fundada por Okba ben Nafi, um dos conquistadores da Africa, a qual foi por longo tempo capital dos governadores arabes n'aquella região.

[2] Os berberiscos, que vieram com Tariq, eram pela maior parte gente a pé; e não pôde ser de outro modo, não tendo estes os arabes montaria para transportar á Hespanha 12.000 cavallos. Tudo, ou a maior parte, segundo dá a entender Al-Makari, se achavam montados depois da batalha de Guadalete.

[3] Isto é, que ao menos parte da provincia, nem pouca, nem muita, seria tratada como paiz conquistado.

seu captivo, sendo este o unico Principe godo que veiu a cair nas mãos dos musulmanos, porquanto os restantes, uns fugiram para as Asturias e outros capitularam.

«Depois d'isto voltou Mogueitz contra os christãos que ficaram em Cordova, e os fez a todos prisioneiros, passando-os logo a cutello, rasão pela qual aquella igreja se ficou chamando desde então a «igreja dos captivos[1].

«Emquanto ao Rei seu prisioneiro, guardou-o perto da sua pessoa para o apresentar a seu tempo ao Principe dos fieis. Reuniu logo aos judeus de Cordova e os fez morar juntos (n'um bairro separado); elle mesmo fixou sua residencia na alcaçova, e deu a cidade por habitação a seus soldados.

«Tal é a relação do anonymo parisiense; compare-se com os respectivos paragraphos da *Chronica castelhana*, e ver-se-ha não ser tão arrojada a nossa proposição de attribuir a Ar Razi, ou, pelo menos, a algum escriptor da sua escola, e que seguiu suas pégadas, a obra de que se trata, a qual, seja dito de passagem, é uma das mais importantes para a historia nacional, e mereceria bem ser vertida para o nosso idioma.

«Seja como for, e voltando á *Chronica castelhana*, tanto a parte geographica como a historica merecem ser tiradas do olvido em que têem jazido até hoje, e cremos, portanto, dever publical-as em appendice, com as opportunas declarações e correcções, com o fim de que os affeiçoados a esta ordem de estudos possam julgar do seu merecimento respectivo, e aproveitarem-se das noticias que encerram.

«Ainda que não tivemos á vista nem o codice de Toledano, nem o que foi de Ambrosio Morales, e se julga estar hoje na livraria do Escorial, consultamos duas copias, ao parecer fieis e exactas, que se conservam entre os manuscriptos d'esta academia, e das quaes uma que foi do marquez de Valdeflores, está feita sobre o codice de Toledo, tem nas margens as variantes do de Morales. Tivemos tambem á vista a que foi do doutor Bernardo de Aldrete, e que se conserva no archivo da secretaria de estado.

*
* *

«Et nos maestre Mohammad, et Gil Perez, clerigo de Don Peynos Porcel, por mandado del mui noble rrei Don Dionis, por la gracia de Dios, rrei de Portugal, trasladamos este libro de arabigo en lengua portogalesa, e ternemos por bien de seguir el su curso de Rasi. De mi, Gil Perez, os digo que non menti mas sin menos de quanto me dixeron Mohammed, et los otros que me leieron.

*
* *

«E Merida é afamada por todas as terras como forte. E digo-vos que não ha homem no mundo que por miudo possa contar as maravilhas de Merida. Estando

---

[1] Al-Maccari copiou tudo isto quasi á letra, sem dizer, comtudo, que o auctor, segundo outra versão, diz que Mogueitz intimou os christãos a que se rendessem, e como elles se negassem a isto lançou fogo á igreja, a qual se ficou chamando, desde aquelle dia, «a igreja dos queimados».

alli Ixim, certo dia em que sua côrte regressava das cidades de Hespanha, disse Omar, seu filho: «Ouvi eu dizer ao alcaide Gahlotte, filho de Audalla, quando fallava das cousas que seu pae vira e ouvira ao passarem á Hespanha»; e fallando d'isto como das bondades de Merida, disse: «Tendo eu grande desejo de pedras de marmore para aformosear com ellas minhas obras, que estava fazendo de novo, aconteceu assim que eu entrei em Merida, depois que ella foi destruida, e encontrei tão boas obras de pedras marmores e de outras qualidades, que muito me maravilhei, e fiz tomar e levar todas aquellas de que julguei meu pae gostar, e andei um dia pela cidade e vi no muro uma pedra marmore tão lisa e lusidia, que tão claramente se parecia com o aljofar, e tão clara era, que a mandei arrancar do muro. E depois de a terem arrancado, empregando muita força, pozeram n'a diante de mim, e havia n'ellas letras de christãos, que estavam n'ella gravadas; e fiz ajuntar os christãos que havia em Merida para que vissem o que estava escripto n'ella, e que m'o dissessem, e não achei quem me soubesse dizer em linguagem nenhuma cousa do que ella dizia, tanto estava escripto em escuro latim. E disseram-me que não conheciam ninguem que a soubesse ler, senão um clerigo, que havia em Coimbra. Mandei-o vir á minha presença, e era admiravelmente velho.

*
* *

«Beja é uma das antigas cidades que ha Hespanha, porque foi feita em tempo de Hercules, o valente, vindo a ella Julio Cesar, que foi o primeiro que começou a repartir a terra. E Beja é mui boa terra, de mui boa sementeira, e mui boa para creações e para colmeias, e de muitas flores e proveitosas, e mui boas para as abelhas. E Beja tem villas e castellos que lhe obedecem, dos quaes Mertola é um. E Mertola jaz sobre o rio Guadiana, e é castello mui antigo. E no seu termo jaz uma villa, á qual os antigos chamaram Ebris, e agora chamam Evora. E o termo de Beja confronta com o mar e com o Algarve todo.

«Confronta o termo de Beja com o de Santarem. E Santarem jaz ao poente de Beja e ao poente de Cordova. E jaz sobre o rio Tejo. E no termo de Santarem ha cousas mui boas, e é terra mui saborosa; e na planicie póde haver duas sementeiras no anno, se quizerem, tanto a terra é boa por natureza. E o castello de Santarem jaz n'um monte grande, e mui alto, e mui forte. E não ha logar por onde o passam combater senão com mui grande perigo.

«Confronta o termo de Santarem com o de Coimbra. E a cidade de Coimbra é mui forte, e é castello mui alto e mui nobre e jaz sobre o rio que tem o nome de Mudel, e este rio nasce na serra da Estrella, e jaz sobre muitos castellos e mui bons, e mui fortes, que obedecem a Coimbra. E a cidade de Coimbra é mui boa e mui abundante de todos os bens, e tem uma ribeira de sementeira na ribeira do rio, que não ha tão boa em toda a Hespanha. E a cidade de Coimbra é de muitas hortas e de muitos fructos de todas as qualidades, são na maior parte olivaes e produzem o melhor azeite que ha em todo o mundo.

«Confronta o termo de Coimbra com o de Exitania. E Exitania jaz ao levante de Coimbra[1]. E é cidade mui antiga, e jaz sobre o rio Tejo, e é um logar

[1] Esteva corresponde a Idanha a Velha.

mui forte e comprido, e bom de pão e de vinhas e de pescado. E é terra mui deleitosa. E no seu termo ha muitos castellos e mui fortes, e mui sãos para a vida dos homens, um dos quaes é Montesanto.

«Confronta o termo de Exitania com o de Lisboa e com o de Santarem. E o termo de Lisboa é dotado de muitos bens, e ha n'elle muitas cousas saborosas. E a cidade de Lisboa ajuntou a si toda a terra, e os bens d'ella e do mar, em todos os tempos. E no seu termo criam mui bons açôres.

*
* *

«E o outro rio é o que chamam Douro, e nasce na serra de Moncaio, e é mui grande rio e leva muita agua, e entra no mar ao poente, perto de uma cidade a que chamam Gaia, e agora é chamada o porto de Portugal.

*
* *

Segue-se um appendice (talvez um acrescentamento feito por Gil Peres ou por qualquer que fosse o traductor de Ar-Razi), extrahido de varias obras, constando: 1.º breve resenha da povoação de Hespanha, e sua historia nos tempos fabulosos; 2.º vinda dos phenicios e carthaginezes; 3.º dominação romana; 4.º serie dos Reis godos até D. Rodrigo.

RATTAZZI (MADAME MARIA ——).

Il matrimonio ossia l'avvenire del Portogallo. (Prima versione italiana.) Torino, stamperia de compositori tipographi, 1863, in-8.º de 40 pag., com o retrato da auctora.

RATTAZZI (PRINCESSE ——).

Le Portugal à vol d'oiseau. Portugais et portugaises. Deuxième édition. Paris, in-8.º, XIX-410 pag.

Fallando ácerca do sr. marquez de Vallada, diz: «Que se fôra Rei de Portugal, prohibiria que elle se apresentasse em publico com o seu coche de gala, embora n'uma tal prohibição arriscasse a corôa. (Pag. 36.)

«O duque de Saldanha, que eu gostava de receber algumas vezes com Olozaga, quando ambos eram embaixadores em Paris, era um dos vultos mais curiosos e mais populares de Portugal. Na qualidade de marechal era adorado pelo exercito; seus serviços, agudeza de espirito e talento, o tinham collocado na mais elevada gerarchia, e por muitos annos gosou de admiração universal. Para o fim da sua carreira desappareceu, porém, o seu prestigio, ou pelo menos diminuiu notavelmente. Foi porque o valente tinha obrigado a que lhe pagassem caro seus serviços, e Portugal, embora assás rico para lhe pagar sua gloria, não deixava, por isso, de achar assás pesado o encargo. Na verdade ha bem poucos homens que tenham ficado tão caros ao paiz, por isso que suas despezas estan-

cavam um orçamento inteiro. Quando tinha necessidade de dinheiro, o governo abria os cofres, e as chaves não creavam ferrugem. O duque ameaçava com a revolta do exercito, e por isso mandavam-no immeditamente para uma missão ou embaixada.

«O governo, enraivecido, imaginou dar-lhe para addido um homem dedicado, encarregado de telegraphar para Lisboa todas as vezes que o marechal dessse indicios de querer embarcar.

«A este nada custou adivinhar de que funcções vinha encarregado o novo diplomata, agora addido á sua pessoa como um *vade mecum* indispensavel. Por isso, quando a bolsa do marechal se achava despejada, convidava o *vade mecum* para almoçar, e por essa occasião participava-lhe com uns ares de confidencia, que, achando-se necessitado da quantia tal, dentro de dois dias partiria para as margens do Tejo.

«O diplomata-vigia corria logo ao telegrapho e dava parte ao governo do expediente argentifero do duque. E o governo, para evitar ao velho guerreiro as fadigas e as despezas da viagem, enviava-lhe de prompto a quantia de que necessitava, isenta das despezas da remessa. Devo, porém, declarar, que o dinheiro não se agarrava aos dedos do marechal, pois ambas suas mãos estavam estendidas para os desgraçados. Poucos homens na sua vida, têem, tanto como elle, soccorrido seus similhantes. Bastava ser pobre para ser bem acolhido.»

«O povo portuguez (pag. 66), alem da bondade de coração e mansidão de costumes que lhe é propria, tem a seu favor ainda outras duas qualidades — a docilidade e a paciencia. Os expedientes os mais arbitrarios, os actos os mais violentos em nada perturbam sua mansidão. É o estoicismo e o fanatismo de mãos dadas e elevados ao seu requinte.

«Póde-se até mesmo comprehender por meio de duas locuções. Falla-se de miseria, de vexames, de abusos; responder-vos-hão: «Tenha paciencia!» Dizem que esta ou aquella cousa seria necessaria, e que seria mister tomar uma resolução, mostrar energia e defender seus direitos; respondem-vos: «Tenha paciencia! Ámanhã!» E se eu morrer de fome? «Tenha paciencia!» E se for preciso começar já a trabalhar: «Ámanhã.»

RAUDENSIS (ALEXANDER ——).

Responsum secundum de legitima successione in Portugaliae regnum. Mediolani, apud Paulum Gothardum Pontium, 1580, 4.°

RAULIN (R. P. JOAM FAGUNDES ——).

Historiae Ecclesiae Malabaricae.

Falla d'esta obra a *Gazeta de Lisboa* do dia 30 de maio de 1754, acrescentando que é illustrada com dissertações no nosso arcebispo D. fr. Aleixo de Menezes.

RAUMER (FREDERICH VON ——).

Historisches Taschenbuch. Folge III, Jahrg II. Leipzig, 1830, in-8.°

A pag. 11 e seguintes vem: *Stephan de Camões et histoire critique de l'episode de Ines de Castro.*

RAVARA (GALEANO ——).— Poeta italiano que residiu em Portugal no anno de 1850.

Appareceu uma poesia funebre á memoria da fallecida Princeza D. Maria Amelia, na *Revista universal lisbonense*, de 1852, pag. 389.

RAY (JOANNES ——).

Stirpium europaearum extra Britannias nascentium Sylloge. Londres, por Smith e Walford, 1694, 8.º, 45-400 pag. Ibid., 1696.

Estão reunidos n'este livro varios trabalhos alheios a outros proprios do auctor, interessando aos botanicos hespanhoes os seguintes: *Plantae rariores hispanicae et lusitanicae et C. Clusii Historia et aliis collectae Plantarum Alpinarum, pyrenaicarum rariorum manipulus ex Horti Regii Parisiensis Catalogo D. Tournefort collectus: Viridarium lusitanium Grisley, resectis duntaxat indicis, americanis, hispanicis, nostris, inque Europa passim sponte nascentibus.*

RAYMOND (E.).

L'Espagne et le Portugal.

RAYNAL (L. ABBÉ ——).

Só depois de cinco edições, sempre differentes, foi que a *Historia do Stathouderat* (1 vol. in-12), pelo abbade Raynal, chegou a essa perfeição, onde nós a vemos. Durante muito tempo lançaram-lhe em rosto que não passava de ser agradavel; mas hoje encontram-lhe menos verdade do que attractivos, e quasi que n'ella não se deparam trechos da historia que se façam ler com uma agradavel attenção. Os personagens são encadeados com arte, e o auctor soube encaminhar tão bem seus heroes, que só com o retrato que d'elles faz, adivinhar-se-hiam quasi todas suas acções. Eis o que torna a narração tão interessante, pois toma-se sempre muita parte em occorrencias, cujos auctores nem sempre ficam tão bem conhecidos.

READ (W. HARDING ——).

Charte of the Island of Saint Michael. Ponta Delgada, 1806.

REBOLLEDO (CONDE DE ——).—Natural de Léon.

Voto del —— sobre las treguas de Portugal. Lisboa, en la imprenta de Diego Soares de Bullones. Año 1667. 4.º

Bibliotheca publica de Lisboa.

REBUS (DE) *gestis Joannis II Lusitanorum Regis optimi Principis nuncupati, ad augustissimum Regem Petrum II. Auctore Emmanuele Tellesis Sylvio, Marchione Alegretenti & juxtus Editionem Ulyssiponensem.* Hagae Comitis, apud Adrianum Moetjens, 1712.

No *Journal des Savants*, de 1713, vem uma noticia d'esta obra em quasi tres paginas (de 76 a 78).

RECHERCHES *historiques, critiques et bibliographiques sur Américc Vespuce et ses voyages.* Paris (sem data).

RECHERCHES *sur Améric Vespuce et sur ses prétendues découvertes en 1501 et 1503.* Paris, 1836.

RECHERCHES *sur la priorité de la découverte des pays situés sur la côte occidentale d'Afriqae, au delá du Cap Bojador, et sur les progrès de la science géographique, après les navigations des portugais au* XV *siècle.* Paris, 1842, in 8.º

RECIT *du nouveau monde qui fut découvert par Christophe Colon genevois, en l'an 1492 et cinq ans après. Améric Vespuce florentin fit les plus grandes découvertes.*

RÉCLUS (ELISÉE ——).

Nouvelle géographie universelle. Paris, 1876.

«Portugal é um dos mais pequenos estados soberanos da Europa, ainda que, durante um curto periodo da historia, tenha sido o mais possante.

«Occupa uma superficie inferior á de muitos governos da Russia da Europa, e até mesmo n'essa pequena extensão é muito pouco povoado, exceptuada a parte septentrional, que é uma das regiões do continente em que os habitantes são mais chegados uns aos outros.

«Pareceria á primeira vista, que, por um resultado natural das attracções geographicas, Portugal deveria fazer parte integrante de um estado iberico, abrangendo todas as provincias alem dos Pyrenéus.

«E todavia não é um effeito do acaso, nem a consequencia de occorrencias puramente historicas, o ter tido Portugal quasi sempre uma existencia nacional independente da Hespanha.

«Em primeiro logar cumpre que notemos ser a parte da margem que veiu a ser portugueza, quasi rectilinea, e que se distingue ella pela extrema uniformidade de suas margens, e contrasta absolutamente com as costas hespanholas.

«As mesmas condições de ventos, correntes, clima, fauna e vegetação se encontram sobre todo o desenvolvimento do littoral lusitano, e por consequencia os habitantes dever-se-hiam acostumar ao mesmo genero, nutrir as mesmas idéias e tenderem naturalmente a agruparem-se n'um mesmo grupo politico. Foi por meio do littoral e a pouco e pouco, que Portugal se organisou em estado independente; o reino formou-se successivamente de um valle fluvial ao outro valle fluvial, do Douro ao Minho, do Tejo ao Guadiana, passando por todos os graus intermedios, conforme a expressão do geographo Kohl. E em segunda depois de ter sido momentaneamente destruido, foi reconstituido da mesma fórma.

«Assim como praticaram os Reis de Hespanha, praticaram-no tambem os soberanos de Portugal, aconselhados pelo tribunal da inquisição, expulsando do paiz todos os subditos, dos quaes desconfiavam não serem ferventes catholicos.

«Contra os mouros, os expedientes aproveitados para os expulsarem, foram sem misericordia, mas houve alguns periodos de espera na perseguição dos israelitas.

«Milhares de judeus hespanhoes, arrostando com a escravidão e com a morte, se domiciliaram em Portugal, perto da fronteira da Hespanha, e, graças uma conversão apparente, fundaram na terra do exilio importantes communidades. Muitos vestigios ainda existem da antiga população israelita, nomeadamente, conforme dizem, nos arrabaldes de Bragança e em toda a provincia de Traz-os-Montes.

«E conhecida a acção que os judeus portuguezes exerceram e ainda exercem na Hollanda, na França e na Gran Bretanha.

«Na epocha do exilio eram estes escriptores, medicos e legistas, bem como os grandes especuladores de Portugal.

«Tinham fundado em Lisboa uma academia, de onde saiam os homens mais instruidos do reino.

«O primeiro livro impresso em Portugal, foi-o por um judeu.

«Spinosa, esse pensador tão nobre e tão poderoso, tambem era descendente de judeus portuguezes.

«Os portuguezes não estão sómente eivados do sangue arabe, berber e judeu, mas até mesmo, em grande escala, participam do sangue dos negros, mórmente dos da parte meridional, e dos do litoral maritimo.

«Antes de serem os negros da Guiné exportados em chusmas para as plantações africanas, a escravatura não só era menos activa, mas era nos portos meridionaes de Hespanha e Portugal que se vendiam os escravos africanos.

«O historiador portuguez Damião de Goes, calcula que seriam uns dez ou doze mil por anno os pretos importados para Lisboa no seculo XVII, não entrando n'este numero os mouros.

«Em harmonia com testemunhos contemporaneos, eram tão numerosos os brancos como os negros que se encontravam em Lisboa.

«Em cada casa burgueza os serventes eram pretos ou pretas. E os ricos possuiam grandes chusmas, que compravam nos mercados.

«No fim do ultimo seculo as pessoas de côr formavam ainda a quinta parte da população de Lisboa. E quando taes pessoas vinham de Nossa Senhora da Atalaia, igreja erguida n'uma collina no lado opposto do Tejo, poderiamos crer, na presença de taes chusmas de pretos, que nos achavamos n'um paiz africano.

«A pouco e pouco os cruzamentos fizeram entrar na massa do povo todos os elementos ethnicos provenientes das populações as mais diversas da Africa tropical. E os portuguezes tomaram das feições d'elles e de sua constituição physica um caracter mais meridional do que o comportava sua primitiva origem. E na realidade tornaram-se um povo de côr.

«Attribuem alguns auctores á influencia persistente do sangue negro a notavel immunidade dos immigrantes portuguezes, que se expõem ao clima do Brazil, das Indias e da Africa austral, paizes temiveis, onde morrem quasi todos os outros colonos da Europa.

«É verdade que a maioria dos portuguezes dão-se bem e prosperam no Brazil, mas precisamente a maioria de taes immigrantes lusitanos é originaria das provincias montanhosas do norte, onde os cruzamentos com os africanos foram raros. A sobriedade dos colonos portuguezes parece ser a principal rasão de sua facilidade na acclimação.

«Actualmente os estrangeiros que têem mais influencia sobre a população portugueza [1], são os gallegos, os quaes se encaminham em grande numero para Lisboa e para outras cidades de Portugal, com o fim de n'ellas exercerem os misteres de padeiro, carregador, guarda portão, capataz e creado.

---

[1] Réclus assim o diz, vol. I, pag. 921.

«Em geral pouco se mesclam com os outros habitantes, e tanto menos, quanto os mettem a ridiculo por causa de sua linguagem tosca e de sua rusticidade; porém suas colonias medram incessantemente e sua acção sobre a população que os rodeia, augmenta na proporção.

«Alem d'isto, a abastança que elles quasi sempre acabam por adquirir, graças á sua sobriedade e ao seu espirito de economia, faz esquecer facilmente sua origem.

«A mescla de todos estes elementos diversos não produziu uma raça bella. É raro que os portuguezes se possam comparar com seus vizinhos os hespanhoes no tocante á nobreza do rosto.

«Suas feições, em geral, nenhuma regularidade têem. Seus narizes são arrebitados, seus labios grossos.

«Se entre elles encontrámos mui poucos aleijados e enfermos, em compensação entre elles difficilmente encontrâmos homens de boa figura. Rechonchudos, com bom cachaço, e com uma grande disposição para engordarem. E em certos districtos ainda encontrâmos resquicios de lepra. A maior parte das mulheres são baixas e gordas. Não possuem a belleza varonil das hespanholas, mas distinguem-se pelo brilho dos olhos, cabello abundante, vivacidade de physionomia, e maneiras amaveis.

Gabam muito os viajantes as boas maneiras, desejos de obsequiar e bondade natural dos camponezes de Portugal, não estragados ainda pelos habitos commerciaes.

«Ainda que tendo entre os estrangeiros uma reputação de barbaria, devida, á recordação de seus crimes nas conquistas da India e do Novo Mundo, a maioria dos portuguezes tem uma compadecida ternura para com aquelles que padecem.

«Gostam do jogo, mas não brilham por causa d'elle. São apaixonados das corridas de touros, mas têem o cuidado de lhes pôr cortiças nas pontas dos chavellos, e o animal é reservado para novos simulacros de luctas.

«Bem differentes, emquanto a isto, de seus vizinhos hespanhoes; tratam bem os animaes domesticos, e até mesmo se distinguem por um talento especial para amansarem feras.

«Nas margens do Guadiana criam fuinhas, das quaes se servem como de um gato, contra os ratos e cobras.

«Em suas relações mutuas, são os portuguezes obsequiadores e polidos. Dizer acerca de um lusitano, que elle é malcreado, corresponde a offendel-o do modo o mais sensivel.

«Tambem nos espantámos da elegancia excessivamente ceremoniosa de seus discursos..

«Distinguem-se com vantagem d'elles, portuguezes, contra os gallegos, que fallam uma geringonça difficil de se comprehender, os camponios portuguezes, que têem, em geral, uma grande pureza de linguagem. Exprimem-se até mesmo com uma facilidade e uma escolha de palavras das mais notaveis n'um povo tão pobre de instrucção. Nunca se ouve nenhum juramento[1], nenhuma expressão indecente sair da sua bôca.

---

[1] Mr. Bédan parecia estar no reino da Lua, quando escrevia estas asserções.

«Embora grandes palradores, e até mesmo falladores, acautelam-se cuidadosamente nas suas conversas.

«Portugal forneceu grandes oradores; um de seus poetas — Camões — tem logar entre os mais illustres que o mundo viu nascer.

«Podemos, porém, pôr em duvida se a Lusitania póde dar nascimento a artistas propriamente ditos, pois, exceptuado o mythico Grão Vasco[1], do qual até mesmo não sabemos a nacionalidade, não tem tido nem pintores, nem esculptores[2].

«O proprio Camões o confessava: «Nossa nação, dizia elle, é a primeira em «todas as grandes qualidades; nossos homens são mais heroicos do que os outros «homens; nossas mulheres são mais bellas do que as outras mulheres. Nós, porem, «sobresaimos em todas as artes da paz e da guerra, exceptuando tão sómente a «arte da pintura.»

«A lingua dos portuguezes muito se parece com a dos castelhanos emquanto ás radicaes e á construcção geral, mas é menos ampla e menos sonora.

«Bem pouco numerosos, quando comparados com as centenas de milhões de homens que povoam a Europa, não pesam os portuguezes, actualmente, mais do que com um tenue peso nos destinos do mundo.

«Durante, porém, um momento historico, foram elles os primeiros no commercio; seu genio precedeu o de todos os outros povos.

«É verdade que os hespanhoes repartiram com os portuguezes a gloria das grandes descobertas no seculo XV.

«Foram os portuguezes que, depois dos venezianos e dos genovezes, tornaram essas descobertas possiveis, sendo os primeiros a emanciparem a navegação, cessando de costear o litoral, para se arrojarem ao alto mar, longe de qualquer praia.

«Foi tambem o portuguez Magalhães o primeiro que emprehendeu a circumnavegação, terminada sómente depois da sua morte. Igual proeminencia não se encontrará mais.

«As forças equilibram-se entre os povos; uma tendencia de igualdade, de valor geographico, se produz nas diversas regiões, por causa da crescente facilidade dos meios de troca e de communicação. Não poderia, portanto, Portugal esperar tornar a representar o papel que representou outr'ora entre as nações.

«Porém seus recursos bem utilisados, e a grande vantagem da sua posição na extremidade do continente, bastam para lhe assegurar no futuro um logar dos mais honrosos.

RECONVENÇÃO *apologetica e resposta a uma carta que ao Eminentissimo e Reverendissimo Senhor Cardeal da Cunha, Inquisidor, escreveu o Excellentissimo e Reverendissimo Senhor Bispo de Elvas, na qual se dissolvem as suas duvidas, e se desvanecem os seus escrupulos, escripta por um seu amigo verdadeiro, ainda que encoberto.* Madrid, na officina dos herdeiros de Francisco del Hierro, anno 1746, 4.º, 85 pag. afóra o *Protesto* e a *Declaração do auctor.*

---

[1] Pois não fallaremos do Grão Vasco e fallemos do grande Sequeira.

[2] Não tem tido esculptores? Esta é muito boa!

RECORD (A) *of Church Reformation Work in Spain, Portugal, Mexico and other parts Christendom.*

É uma obra de propaganda protestante.

Por exemplo, a pag. 213 do vol. III, 1882, diz que o sr. Cassels adiantou, com muita generosidade, mil libras para se comprar terreno e construir um templo que podesse conter trezentas pessoas. Faz elogios ao sr. Dias, do qual diz ser mui versado na Biblia.

Assevera que para o livro das orações aproveitaram-se do Missal de Braga, e os baptisados se faziam á moda dos anglicanos.

No dia 18 de julho de 1882 reuniram-se 103 creanças na escola de Villa Nova de Gaia, as quaes andaram a brincar na quinta do visconde de Silva Monteiro.

«Nós não desejâmos (pag. 99) fundar uma nova religião, mas simplesmente limpal-a (isto é, a propria religião) da corrupção dos seculos, e reconquistar as antigas liberdades da igreja lusitana, por tanto tempo sujeitas ao estrangeiro jugo de Roma, e espalhar por todo este paiz uma doutrina, que ha de ser a catholica e apostolica, para uma igreja que ha de ser portugueza e não romana.»

Dá tambem noticia de um casamento em Villa Nova de Gaia.

«Em Rio de Mouro tudo corre muito bem. O sr. Costa e sua mulher trabalham com lealdade na congregação e na escola. A escola lusitana tem chegado a reunir 250 creanças; este numero, porém, ainda póde ser augmentado. Morreu uma creança, e o sr. Costa, com alguns amigos e com os alumnos, foi acompanhar o enterro.» (N.º 6, junho de 1882.)

Em o n.º 9, de 1882, setembro, figura Portugal conjunctamente com a Hespanha e o Mexico. N'estes tres paizes, dentro de vinte e cinco annos, pelo menos 25:000 pessoas renegaram da sua adhesão á igreja de Roma. E d'este numero quasi a metade organisou-se para as igrejas, tendo uma constituição episcopal.

No Porto, n'estes ultimos e poucos mezes, os serviços do reverendo dr. Dias, ministro instruido e habil, outr'ora padre da igreja de Roma, têem sido seguros, e podem ter grande alcance coadjuvados pelo sr. Cassels.

Em dezembro de 1882, tinha ido estabelecer um serviço n'um logar chamado Marzo, ao sul do Douro. (Pag. 213.)

Em Portugal está patente um vasto campo. Praticamente, prevalece em plena liberdade e consente-se que os protestantes abram igrejas e escolas onde quizerem, e as annunciam publicamente nos jornaes.

RECUEIL (BREF) *des particularités curieuses aux lettres envoyées par M. de Perieu à MM. ses parents et amis de France, de le Marignan* (sic), *au Brésil, où il est encore à présent, pour le service de Sa Majesté très chrétienne Louis XIII.* Lyon, par J. Poyet, 1613, in-8.º

RECUEIL *de divers voyages faits en Afrique et en Amérique, qui n'ont point été encore publiés; contenant l'origine, les mœurs, les coutumes et le commerce des habitants des deux parties du monde, avec des traités curieux touchant la haute Ethiopie, le débordement du Nil, la Mer Rouge et le Preste-Jean. Le tout enrichi de figures et de cartes géographiques.* Paris, L. Billaine, 1674, 4.º

Traz de pag. 253 a 262 um extracto da *Ethiopia*, de Balthazar Telles.

RECUEIL *des pièces importantes concernant la rupture declarée entre la Cour de Rome et celle de Portugal.* 8.º, 1 vol., LXIV-14 pag.

RECUEIL *des pièces qui n'avaient pas encore paru en France, concernant le Procès des Jésuites et de leurs complices en Portugal.* 1761, in 12, 47 pag.

Estes documentos não se encontram na *Collecção* impressa em Amsterdam.

Seconde suite de pièces nécessaires et intéressantes relatives au Procès des Jésuites en Portugal. In-12, 84 pag.

Contém o decreto do Rei Catholico Filippe V, ácerca de varias accusações intentadas contra os jesuitas do Paraguay.

Dernière suite de nouvelles pièces intéressantes et nécessaires à l'instruction du Procès des Jésuites Portugais, avec un détail historique de ce qui s'est passé à l'occasion de leur expulsion de tous les États de la Couronne de Portugal. In-12, 22 pag.

RECUEIL *des pièces pour servir d'addition et de preuve à la Relation abrégée concernant la république établie par les Jésuites dans les domaines d'outre-mer, des Rois d'Espagne et de Portugal, et la guerre qu'ils soutiennent contre les armées de ces deux Monarques.* 1758.

RECUEIL *de toutes les pièces et nouvelles qui ont paru sur les affaires des Jésuites, principalement dans l'Amérique et le Portugal.* Sem logar de impressão, 1760, 3 vol.

RECUEIL *de tous les écrits de la Cour du Portugal et autres faits par des particuliers à l'occasion de l'affaire des jésuites, traduites en langue hollandaise.*

Dá-nos esta noticia, a pag. 15, a *Quinzième suite des nouvelles intéressantes au sujet de l'attentat commis le 3 septembre 1758, sur la personne sacrée de Sa Majesté Très-Fidèle le Roi de Portugal.*

REDARES (H.).

Emploi du vin iodo laudanisé. Paris, 1883, in-4.º

REDI.

Observations sur diverses choses naturelles.

Apparece este trabalho na *Collection académique, composée des mémoires, actes ou journaux des plus celèbres academies et sociétés littéraires étrangères,* etc. Dijon, 1757, vol. v, pag. 541.

«Contam que em 1662 vieram das Indias Orientaes tres religiosos da ordem de S. Francisco á côrte da Toscana, e fizeram ver ao grão-duque Fernando II certas pedras, que se achavam na cabeça de varias serpentes, e das quaes pedras falla Garcia da Horta.»

O auctor trata com desenvolvimento este assumpto, e um tal trabalho, no qual muito se falla dos nossos portuguezes, por me parecer mui curioso, traduziria eu com todo o gosto, se tivesse a meu dispor, em casa, a obra de Redi.

REDUCCION *y restituycion del reyno de Portugal a D. João IV, por frei Fulyencio Leitão.* Turim, 1648, 4.º

REFLEXIONS *sur le desastre de Lisbonne et sur les autres phenomenes qui ont accompagné ou suivi ce desastre.* Europe, aux depens de la compagnie, 1756, in-12.

REFORMAÇÃO *das Escamoth.* Amsterdam, 5513, 4.º, 1 tomo, 31 pag.

Vem esta obra citada no catalogo manuscripto do bibliomanico Pedro José da Silva.

REGELSPERGER (CHRISTOVÃO ——).— Jesuita, austriaco.

Hymni duo ad B. Virginem Mariam et S. Franciscum Xaverium.

Cultus S. Francisci Xaverii, ex italico P. Marianna. Viennae, 1761.

Devotio decem dierum Veneris ad S. Franciscum Xaverium, ex italico. Viennae, 1763.

REGIAE *Suae Majestati Mariae Annae Portugalliae et Algarbiae Reginae, Austriae Archi-duci natae. Pragae. Ad despensatum Regem transeunti. Simul et Excellentissimo ac Illustrissimo Domino Ferdinando Teles de Silva, A Villarmajor Comiti Portugalliae Regis Legatio.*

REGGIO (P. MICHEL ANGELO DE GUATTINI DA ——).

«Aquillo que o padre Miguel Angelo notou de mais curioso na sua viagem de Genova a Lisboa, de Lisboa a Pernambuco, no Brazil, e d'alli até Loanda e ao reino do Congo, onde morreu, faz o começo d'esta relação, e o remate abrange o que o padre Diniz observou de mais particular na sua missão do Congo, mas, principalmente, na provincia de Bamba, e no seu regresso á Italia pela Hespanha[1].

«Alem dos portos, cidades e logares, cuja descripção se encontra n'esta obra, vemos n'ella ainda os diversos costumes dos habitantes de todos estes paizes, os animaes, as plantas e os fructos que n'elles se encontram.

«Em Pernambuco, que é uma das provincias do Brazil, encontram-se diversas sortes de povos, que andam totalmente nús. Alguns outros ha que tão sómente se sustentam de carne humana ou de carne de feras. Distinguem-nos dos outros, porque trazem diversos bocadinhos de pau, ou pedras de differentes côres, no resto, ao qual cobrem.

«Quando algum d'elles cáe doente, marcam-lhe um praso para dentro d'elle se curar, e se ao fim d'este tempo não recuperam sua saude, matam-no e comem-no, para caritativamente o livrarem de todos os males que padeceriam, se por mais tempo estivessem doentes. Os filhos procedem de identico modo para com seus paes, quando se acham velhos, e pretendem d'este modo testemunhar-lhes muito maior amor, fazendo cessar de uma só vez todos os incommodos da velhice, do que procurando tão sómente allivial-os, como se pratica nas outras partes.

«Porém, se este costume é horrivel e cruel, ha um outro, assás divertido, n'um logar mais no interior do paiz, ao qual dão o nome de S. Paulo, pois dão a todo estrangeiro que alli chega uma mulher, que toma o cuidado de lhe dar toda

---

[1] *Journal des Sçavans*, 11 de julho de 1678, pag. 148.

a qualidade de satisfações, sem que tenha outro cuidado mais do que o de comer, de beber e de se divertir. A mulher se encarrega de tudo o mais, e cada uma d'ellas faz alardo de apresentar a seu marido, mais do que a todos os outros; deve, porém, ter cuidado em não lhe dar ciumes, pois n'esse caso seria de prompto envenenado.

«O porto de Loanda, capital do reino de Angola, é mui bello. As riquezas dos habitantes consistem, principalmente, em o numero de escravos que servem para transportar as pessoas em vehiculos similhantes ás cadeirinhas. Alguns ha que chegam a ter 12:000.

«Não ha moeda n'este paiz, porém servem-se, para o commercio, de certos bocados de tecido ou de esteira, que têem diversos preços, segundo sua grandeza. O *muys* de vinho alli se vende até 150 escudos, mas tambem vale dois e meio dos nossos. Gostam d'elle extraordinariamente, e contam a tal respeito um caso engraçado do grão duque de Bomba, que é uma provincia do reino do Congo, que uma vez recusou a corôa, como elle mesmo confessou áquelles padres, para poder sempre ser vizinho de portuguezes, e beber de vez em quando, por intervenção d'elles uma pinga de vinho ou de aguardente.

«Ha no Congo um Rei, um grão duque, um duque, um marquez e um conde, cada um dos quaes governa uma das cinco provincias, as quaes compõem o reino. Na de Bamba, onde está o grão duque, só elle póde apresentar em guerra 160:000 homens, mas não ha mais do que miseraveis. Logo que seus filhos se acham alguma cousa crescidos, já não fazem mais caso d'elles, como se não lhes pertencessem. Na sua linguagem vulgar, fallando de alguem, põem o titulo depois do nome; assim, em vez de dizerem *o senhor padre*, como os italianos e hespanhoes, dizem *Ngamgo Fonet, Padre Senhor*. Não têem medicos, nem remedios. Curam as doenças tirando-lhes sangue. Prohibem-lhes principalmente os ovos, e até mesmo julgam serem muitos maus para aquelles que têem boa saude. No emtanto as gallinhas são mui caras em todos aquelles paizes. No Brazil uma gallinha vale uma piastra; no reino de Angola vendem-na por um sequim, e no Congo não se poderia obter por menos de uma pistola.

«Encontram-se no Brazil certos animaes, aos quaes dão o nome de *piolhos de Pharaó*, os quaes se introduzem nos pés, entre a pelle e a carne. E se não os fazem extrahir quanto antes, introduz-se n'ella uma chaga e uma ulcera insupportavel, e todo o pé apodrece.

«No reino do Congo não vemos taes sortes de animaes, mas encontrámos n'elle serpentes de vinte e cinco e pés de comprimento, que engolem de um trago ovelhas inteiras, como aquella de que já fallámos, que engulin uma rapariga de dezoito annos. É mui divertida a maneira como as apanham, pois, como para fazerem a digestão, ellas se estendem ao sol, os mouros as surprehendem n'este estado, matam-nas, e depois de lhes haverem tirado a cabeça, a cauda e as entranhas, comem-nas, e acham-nas ordinariamente gordas como porcos. Alem d'estas serpentes ha no Congo uma quantidade espantosa de ratos e de formigas. São estas ultimas tão grossas e em tão grande numero, que o padre Diniz conta que, achando-se certo dia na cama, doente, foi obrigado a pedir que o levassem para fóra da sua cabana com medo de ser devorado por ellas, como acontece muitas vezes em Angola, onde pela manhã se encontram esqueletos de vaccas que foram devoradas pelas formigas durante a noite.

«As plantas e os fructos não são tão bons no gosto como os da Europa.

Fazem a vindima duas vezes no anno, porém as uvas nunca são bem doces. Entre os fructos raros que se acham no Brazil, existe um chamado Niceffo, que cortado pelo meio faz ver a imagem de um crucifixo; e a arvore que produz este fructo tem isto de particular — o ter só duas folhas, cada uma das quaes póde cobrir inteiramente um homem.

REGLI (CAV. DOTT. FRANCESCO ——).
A Sua Maestà Maria II da Gloria, Regina del Portugallo. Carme in morte di Carlo Alberto. Typ. Fory et Dalmazzo, sem logar de impressão nem anno. In-8.°, de 29 folhas.

REGNUM *Portugalliae divisum in quinque provincias et subdivisum, una cum regno Algarbiae speciali mappa exhibens per J. B. Homannum.* 1736.
É carta colorida. 0m,57 × 0m,45.

REGNORUM *Hispaniae et Portugalliae tabula generalis in provincias divisa, per D. F. Lopes, emend. F. L. Güssefeld. Editio Hommanianis haered.* 1782.

REGNORUM *Hispaniae et Portugalliae tabula generalis Delisliana, aucta a J. B. Homanno Noribergersi.* 1730. 0m,47 × 0m,58.

REGNORUM *Hispaniae et Portugalliae tabula generalis Delisliana jam saepe edita, nunc denuo revisa a J. B. Homanno.* 1730.

REICHARD (M.).
An Itinerary of Spain and Portugal. London, 1820. In-12.

REIG (JOSEPH ——). — Jesuita, natural de Murla.
Josephi Reigii, Presbyteri Valentini, epistolarum et orationum libri tres. Bononiae, 1790.
Um d'estes discursos é a respeito de S. Francisco Xavier.

REINHARDSTOETTNER (CARL VON ——). — Docenten und der K. Polyt. Hochschule zu München, etc.
Luiz de Camoens der Sänger der Lusiaden. Biographische Skizze von ——. Zweite Auflage. Leipzig, verlag des Hausfreundes, 1879, 8.°, 69 pag.
Die Plautinischen Lustspiele in Späteren Bearbeitungen I. Amphitrio von ——. Leipzig, Wilhelm Friedrich, 1880, 8.° gr. 77 pag.
Beiträge zur textkritik der Lusiadas de Camões. Habilitationsschrift von ——. München, 1872, in-8.°
No n.° 4 do *Literaturblatt für germanische und romanische philologie*, refuta opiniões de Liebner sobre Portugal, e de Schmitz sobre o maravilhoso de Luiz de Camões [1].

---

[1] Theophilo Braga, *Bibliographia camoneana*, pag. VII.

REISE *des Oesterreichischen Fregate Novara un die Erde in den Jahren 1857, 1858, 1859.*

Foram destinadas 64 paginas no 1.º volume d'esta obra monumental para descripção da ilha da Madeira, á qual tecem os maiores elogios.

RELAÇAM *da Roda da Fortuna ou Inconstancia mundana jococeria curiosa, noticiosa e proveitosa, dividida em duas partes, com duas meditaçoens. Primeira para consolação dos afflictos ou pouco afortunados; segunda para desengano dos fofos, soberbos e exaltados da fortuna.* Impresso em Sevilha por D. Florencio Joseph de Blas y Quesada, impressor mayor de dicha ciudad.

RELAÇÃO *da grandiosa embaixada que em nome das Magestades dos Senhores Reys de Portugal deu n'esta corte de Madrid as Magestades dos Senhores Reys Catholicos, o Excellentissimo Senhor D. Rodrigo Annes de Sa Almeida e Menezes, Marquez de Abrantes, em dia de Natal de 25 de dezembro de 1727. Escrita na lingua portugueza em obsequio do mesmo Excellentissimo Embaixador e de todos os seus nacionaes. Por Lourenço Cardana, mercador de livros na rua da Tocha.* Impressa em Madrid na officina da Musica, por Miguel de Rezola. Año de 1728. 4.º, 16 pag.

RELACIÓ *de la entrada del ejercito português en la Galicia.* Barcelona por J. Montevat, 1643.

RELACIÓ *de la presa y capitulacion de la gran y rica Villa de Paymogo, per lo general de las armas del Rey de Portugal, D. Juan IV, a 19 de Mars de 1644.* Barcelona, 1644.

RELACIO *dels successos de Portugal desde tot Gener fins al Comensament de Mars del any 1642, ahont se relatan alguns combats entre castellans y portuguesos en terras de Castella y de Portugal. La professo feta en Lisboa en memoria de la coronacio del Señor Rey de Portugal. Lo baptisme de dos Princeps Maometans. La Redamontada del Duch de Medina Sydonia, y la Burla que un Capellà castella feu a un soldat de la matexa nacio ab altres successos. Traducida de francés en Catala. Ab llicencia.* En Barcelona, en casa de Jaume Matthevat devant la Rectoria del Pi, any 1642. 4 folhas innumeras.

Bibliotheca publica de Lisboa.

RELACIO *dels successos venturosos de las armas de Portugal, ha hon tan guanyat moltas banderas dels Castellans, y cremat moltas vilas y llochs, y entre ells a Monterey.* Barcelona, en casa de Jaume Mathevat, estamper de la ciutat y su universitat, any 1642.

RELACIO *molt certa y verdadera dels ditxosos y felices sucessos de las armas del Rey de Portugal, y dels embelecos usan los Castellans. Y tambe de las virtuts particulars del dit Rey. Juntamente lo modo del Rendiment de Badajós, y Estremadura, y de la Resolucio ha presa la Galicia. Tambe se dona relacio de las grans prevencions ha fetas, y fá dit Rey.* Any 1642. Ab licencia dels superiors. En Barcelona, per Gabriel Nogues, en lo Carrer de Sant Domingo, 4.º

RELACIO *molt verdadera de la victoria que han tingut las armas del Rey de Portugal contra las de El Rey de Castella, a 17 nouembre 1642. Ab licencia.* En Barcelona, en casa de Jaume Mathevat. any 1642, 8.º, 4 folhas.

Bibliotheca publica de Lisboa.

RELACION *de algunas perdidas que tuvo Felipe IV, Rey de Castilla, para siempre jamas. Amen.* Lisboa, na officina de Domingos Lopes Rosa. Anno 1642, 8.º, 4 folhas não paginadas.

Bibliotheca publica de Lisboa.

RELACIO *verdadera de la navegacion que han fet los vaxelles del Rey Christianissim (que Deu guart) desdel Port de la Rochella, fins al Moll de Barcelona, y las cosas particulars que en dita navegacio los ha succehit: Ab las saleas qués foren en Lisboa a la desembarcacio del señor Marques de Brezé, General de dita Armada. Ab llicencia.* En Barcelona, en la Estampa de Jaume Romeu, devant S. Jaume. Any 1642, 4.º, 4 folhas não paginadas.

Bibliotheca publica de Lisboa.

RELACIO *verdadera que ha portat un religioso de Valencia donant avis de una gran victoria que han tingut las armas portuguesas contra las castellanas, a 28 de agosto de 1643.* Barcelona.

RELACION *de algunas cosas notables que en estos ultimos años de 82, 83 y 84 han acontecido en los reynos del Japon, sacadas de las ultimas cartas de los padres de la Compañia de Jesus, que llegaron este año de 85, en el galeon de Mofucos.* (Sem logar nem anno.)[1]

RELACION *succinta en un curioso romance que refiere por menor el vistoso apparato con que entró en la plaza de Yelves el Ex.mo Duque de Ossuna a dar el parabien a el Rey D. Juan V de Portugal de los felices casamientos y los varios afetos con que fueron recebidos de la Infanta de España.* Sevilla.

RELACION *verdadera de la feliz expugnacion y rendimiento de la plaza de Alicante, que consiguieron en nombre de Carlos III las armas lusitanas con las de los otros Aliados desde el dia 10 hasta 17 de abril de 1706.* Barcelona, 1706.

RELACION *verdidra, escrita en reales octavas dedicadas al nacimiento, vida y virtudes del Bemaventurado Padre San Juan de Dios.* Fol. Em verso.

Bibliotheca publica de Lisboa.

RELACION *de la forma en que se celebró en la Córte de Vienna el desposorio del Rey de Portugal D. Juan V, con la Archiduquesa D. Mariana de Austria.* Barcelona, 1708.

---

[1] Augustin et Aloys de Backer, *Bibliothèque des écrivains de la compagnie de Jésus*, vol. VI, pag. 238.

RELACION *de las fiestas que los hermanos de la Tercera Orden de la Villa de Madrid hicieron en el Convento de S. Francisco á la Canonizacion de Santa Isabel, reyna de Portugal, en 18 de octobre y duraron nueve dias.* Barcelona, 1625.

RELACION *de las fiestas que se hicieron en Lisboa, con la nueva del casamiento de la Serenissima Infanta de Portugal, Doña Catalina (ya Reyna de la Gran-Bretaña), con el Serenissimo Rey de la Gran-Bretaña, Carlos Segundo de este nombre, y todo lo que succedió hasta embarcarse para Inglaterra.* Con licencia. En la oficina de Henrique Valente de Oliveira, impresor de El Rey Nuestro Señor. Año 1662, 4.°, 12 folhas não paginadas.

RELACION *del martyrio de quatro embaxadores portugueses de la Ciudad de Macau.* Manila, 1641.

RELACION *de la solemnidad y pompa con que en Malta fué recebido el sombrero y espada bendecidos, embiados a el Emin. Sr. Gran Maestro del Orden de S. Juan, Fr. D. Antonio Villena.* Sevilla.

RELACION *de la victoria que los portugueses de Pernambuco alcanzaron de los de la Compañia del Brasil, en los Carerapes, en 1649. Traducida del aleman.* Vienna de Austria, 1649.

RELACION *de lo sucedido en la isla de la Tercera, desde el veynte y tres de Julio hasta veynte y seys del mismo, mil y quinientos y ochenta y tres años...* Impresa en Alcalá de Henares, en casa de Sebastian Martinez, 1583, in-4.°, gothico, 4 folhas.

Um livreiro de Paris pedia, em 1876, 400 francos por um exemplar[1].

RELACION *de tres victorias que han alcanzado las armas portuguesas contra las castellanas, ora nuevamente succedido a dos del mes de febrero hasta quatro de marzo de 1643.* Barcelona, 1643.

RELACION *(nueva y curiosa); romance en que declara, y da cuenta de la feliz victoria que han conseguido las católicas armas del reyno de Portugal contra las del soberbio y barbaro rey de Mequinez, en la ciudad de Mazagan.* Madrid, 4 pag., in-4.°, sem data.

Appareceu um exemplar no leilão da livraria do marquez de Pombal, no anno de 1888.

RELATION *de ce qui s'est passé en Portugal par rapport aux opérations de la campagne de 1708.* In-12.

RELATION *de la conjuration de Portugal.* Leon, 1703.

---

[1] Deschamps et G. Brunet, *Supplément au Manuel du libraire de Brunet*, vol. II, pag. 445.

RELATION *de ce qui s'est passé dans les Indes Orientales en ses trois provinces de Goa, de Malabar, du Japon, de la Chine et autres païs nouvellement découverts. Par les PP. de la Compagnie de Jesus.* Paris, Seb. Cramoysi, 1651, in-8.°, 115 pag., com o retrato de S. Francisco Xavier[1].

RELATION *de l'établissement du Christianisme dans le royaume de Corée, rédigée en latin par Mgr. de Gouveia, évêque de Pékin, et adressée le 15 août 1797 à Mgr. de Saint Martin, évêque de Caradre et vicaire apostolique de la province de Setchuen, en Chine. Traduction faite sur une copie reçue à Londres le 12 juillet 1798.* Londres, 1800, 32 pag., in-12.

RELATION *de la Inquisition de Goa.* Amsterdam, 1719.

RELATION *des Missions du Paraguay, traduite de l'italien de M. Muratori.* A Paris, chez la Veuve Bordelet. 1757, 8.°, XII-403 pag.

Esta obra é mui favoravel ás missões jesuiticas no Paraguay.

O traductor confessa que fez algumas alterações quando traduziu de italiano para francez.

Muratori asseverava que a igreja catholica não tinha missões mais florescentes que as da igreja catholica. «A cruz triumpha n'estes paizes barbaros. Um grande numero de povos adora o verdadeiro Deus, e gosa hoje da sorte a mais digna de inveja.» Pag. XXXIII.

«Vou apresentar ao leitor um quadro fiel d'este paiz tão afortunado; ver-se-lhe n'elle homens os mais barbaros talvez que existissem no mundo, mudados em ferventes christãos, republicas que não conhecem quasi outras leis senão as do Evangelho, e nas quaes as virtudes as mais perfeitas do christianismo se converteram em virtudes communs.

«Cumpre, para a edificação do mundo christão e para a gloria da igreja romana, que um tão bello estabelecimento, e que tantas virtudes dignas da nossa veneração, quer nos missionarios, quer nos neophytos, não fiquem desconhecidas. (Pag. 4.)

«Toda a costa maritima do Brazil pertence aos portuguezes. Pretenderam elles outr'ora estender seu dominio até ás margens do rio La Plata; mas apesar de suas pretenções, attribuiram sempre os hespanhoes a si essa parte da costa que está situada entre o Cabo S. Vicente e a embocadura do Ilio, embora para ali não enviassem colonia alguma. Comtudo os portuguezes conseguiram fundar um forte na ilha de S. Gabriel, defronte de Buenos Ayres, e n'aquelle sitio se mantiveram até agora, apesar de todos os esforços empregados para os deitarem fóra. Este estabelecimento foi sempre muito prejudicial á nação hespanhola.

«Além do Rio de Janeiro e para o Cabo de S. Vicente, onde termina o Brazil, encontraram os portuguezes sobre um rochedo mui escarpado, a cidade de S. Paulo, á qual alguns dão o nome de «Piratinonga».

«Os habitantes d'esta cidade, que não tinham mulheres européas, as foram tomar entre os indios. Da mistura de um sangue tão vil com o nobre sangue dos portuguezes, nasceram filhos que tiveram todos os defeitos de suas mães e não

[1] Brunet et G. Brunet, *Supplément au Manuel du libraire de Brunet*, vol. II, pag. 148.

tiveram nenhuma das virtudes paternas. Caíram n'um tal descredito, por causa do desregramento de suas mães, que as cidades vizinhas teriam crido perder sua reputação, se tivessem continuado a ter alguma communicação com os habitantes de S. Paulo. Embora fossem originariamente portuguezes, julgaram-se indignos de usarem de um nome ao qual deshonravam com suas acções infames. Deram-lhes o nome de *Mamelus*, que ficaram tendo no paiz, embora sejam mais vulgarmente chamados, pelos historiadores, *Paulinos*, *Paulicianos* e *Paulopolitanos*.

«Tinham-se, no emtanto, conservado fieis a Deus e a seus Principes durante alguns annos, e devia-se isto, principalmente, aos cuidados do famoso padre José Anchieta, o apostolo do Brazil, e de outros padres da companhia de Jesus, que tinham em S. Paulo um collegio fundado pela cidade. Mas por fim, quer achassem n'aquelles padres um forte dique, oppondo-se a seu desregramento, quer não tivessem sido muito bem tratados pelos governadores do Brazil, expulsaram os jesuitas e sacudiram quasi inteiramente o jugo do dominio portuguez, pois só obedecem aos governadores quando o querem fazer, isto é, quando o seu interesse é obedecer, de modo que se fórma n'esta cidade uma especie de republica que se governa por suas leis particulares.

«S. Paulo, que não tinha ao principio mais de 400 habitantes, entrando n'esse numero os escravos negros e os indios, conta hoje alguns milhares dentro das suas muralhas. Admittem indistinctamente o refugo de todas as nações. É o asylo de todos os salteadores portuguezes, hespanhoes, inglezes, hollandezes e italianos, que na Europa fugiram aos supplicios merecidos pelos seus crimes, ou que procuram passar impunemente uma vida licenciosa. Um negro que se possa subtrahir ás mãos de seu senhor, tem a certeza de ser alli bem recebido.

«Os mamelus dizem bem alto que não dependem de ninguem. Pagam, comtudo, annualmente, ao Rei de Portugal, um quinto do oiro que extrahem de suas montanhas, pois tambem elles têem minas. Não deixam de protestar, quando pagam, de que o não fazem por medo, nem para cumprirem uma obrigação indispensavel; mas sim unicamente como respeito e attenção a este monarcha.

«A situação vantajosa de S. Paulo, e as fortificações que os habitantes n'aquelle sitio augmentaram, fizeram perder aos portuguezes, se não a vontade, ao menos a esperança de submetterem a cidade.

«Alem das armas que são communs a todos os indios, os mamelus têem ainda um grande numero de armas de fogo, que lhes foram levadas pelos negros fugitivos, ou que elles proprios roubaram aos viajantes nas estradas. Parece que sabem fabricar polvora para artilheria.

«Dizem tambem que ha no meio d'elles alguns padres e frades, mas ha com certeza bem pouca religião em S. Paulo; e se os mamelus tomam ainda o nome de christãos, respeitam bem pouco as leis do christianismo.

«Com effeito, depois que os mamelus se subtrahiram á auctoridade dos vicereis do Brazil, applicaram-se a uma especie de rapina digna das nações mais barbaras. Viram-nos espalharem-se todos os annos pelas terras dos indios, levarem escravos, uma infinidade d'esses desgraçados, para os fazerem trabalhar nas minas e nas plantações de assucar. As terras dos arrabaldes de S. Paulo só foram cultivadas por esses escravos indios. As provincias de Guaira, do Paraguay e do Rio da Prata eram as mais expostas ás incursões dos mamelus; foram tambem a estas que elles maltrataram mais. Destruiram algumas povoações india-

nas muito numerosas, e não conservaram senão aquellas que lhes pagavam tributo. Depois de terem saqueado os paizes vizinhos, levaram a assolação aos paizes mais remotos. Haveria, sem duvida, difficuldade em acreditar, se este facto não fosse attestado por todas as relações, que os mamelus penetraram varias vezes até as margens do lago dos Xaraies, e do rio Maranhão, que elles algumas vezes percorreram em cinco ou seis mezes até mil leguas do paiz, sem que se possa comprehender como achavam meio de viverem tão longe da sua terra, sendo obrigados a atravessarem povoações que se achavam em grande numero nas margens do lago de que já fallei, e poucos houve que escapassem ao seu furor.

«Nem sequer as cidades e colonias hespanholas foram respeitadas por estes barbaros, que saquearam algumas e roubaram seus habitantes. Quatorze povoações christãs foram destruidas por estes salteadores, e no espaço de cento e trinta annos fizeram escravos a mais de dois milhões de indios, dos quaes cincoenta mil tinham abraçado a religião christã.

«De tantos homens que elles levaram, apenas houve um entre cem que lhe fosse de alguma utilidade. A maior parte pereceu de miseria antes de chegar a S. Paulo. Aquelles que para alli levaram são e salvos, dentro em pouco morreram por causa do mau ar que se respira n'aquellas minas e por causa do trabalho excessivo das plantações de assucar. Viu-se um registo authentico, pelo qual se provava que de trezentos mil indios captivados e levados pelos mamelus em cinco annos, apenas restavam vinte mil.

«Reclamou-se com muita instancia á piedade dos Reis de Portugal, e estas queixas reiteradas fizeram publicar diversos editos mui rigorosos contra os mamelos, que d'elles pouco se importaram, e esses editos não obstaram a que se continuasse a assolar o paiz, como anteriormente.

«Os Reis de Portugal adiaram talvez de mais o tomarem as medidas necessarias para destruirem esse asylo aberto a todos os crimes.

«Os padres da companhia de Jesus achavam já nos logares da America meridional, onde tinham collegios, um vasto campo para exercerem seu zêlo, quer fosse necessario manter e augmentar a piedade entre os habitantes das cidades, quer fosse mister dar missões á gente dos campos, indianos pela maior parte, os quaes cultivavam as terras dos hespanhoes. Espalhavam-se de vez em quando pelos paizes infieis. Todos seus cuidados se limitavam então a baptisar as creanças moribundas, e a instruir alguns adultos que pareciam mais doceis a suas instrucções. Mas suas residencias n'estes paizes selvagens era apenas passageiro.

«Pelo meio do seculo passado estes heroes christãos formaram a corajosa empreza de se irem estabelecer no meio dos selvagens os mais distantes das cidades e das habitações hespanholas. A experiencia lhes tinha ensinado ser o unico meio de colher fructos solidos e duraveis entre estes povos.

«Mas como fazer receber o christianismo a homens dispersos por aqui e por alli, como feras embrenhadas nos bosques ou escondidas em cavernas, sempre desmedidos, sempre errantes, continuamente armados uns contra os outros, que só respiravam vingança, e que levavam a barbaria até fazerem suas comidas as mais delicadas da carne dos seus similhantes?

«Julgaram os missionarios que para o conseguirem era preciso ir empregando pouco a pouco os mesmos meios de que se serviram antigamente nos

seculos os mais remotos aquelles que emprehenderam civilisar os povos selvagens com os quaes a Asia e a Europa estavam então cheias. O primeiro cuidado dos antigos sabios foi reduzir a barbaros a sociedade, e mostrar-lhes quanto a vida civil, quer em relação ao alimento, quer em relação á habitação, quer nas guerras mesmo que faziam uns contra os outros, era preferivel á vida brutal que aquelles povos tinham passado até então. Induziram-nos habilmente a fazer um ensaio d'ella. Estes indianos tornaram-se mais trataveis pelo uso da sociedade e acostumaram-se a praticar, como de combinação, as virtudes que convêem a seres racionaes.

«Os primeiros estabelecimentos foram fundados na provincia de Uruguay, para a qual os missionarios tinham anteriormente lançado os olhos, por lhes ter parecido mais propria para a execução de seus designios.

«Aquelles homens que de humanos quasi nada tinham senão a figura, que não estavam occupados em mais do que em contentar seus appetites brutaes, são hoje modelos de todas as virtudes christãs A pureza de seus costumes, e sua devoção, pintam aos olhos a perfeita imagem da primitiva igreja.»

Esta obra trata tambem das guerras que os portuguezes sustentaram por causa da colonia do Sacramento.

RELATION *des troubles arrivés dans la cour de Portugal en l'année 1667, et en l'année 1668, où l'on voit la rénonciation d'Alphonse VI.* 1674, 8.º, 1 vol., 336 pag.

RELATION *du voyage du Sieur de Montauban, Capitaine des Filibustiers en Guinée, dans l'année mil six cent quatre-vingt-quinze; avec une description du royaume de Cap Lopes, des mœurs, des coutumes, & religion du pays.* In-12. A Bordeaux, 1697.

O *Journal des Sçavans*, de 26 de maio de 1698, dá noticia d'esta obra.

RELATION *du voyage et retour des Indes Orientales, pendant les années 1690 & 1691, par un garde de la Marine servant sur le bord de M. Duquesne, Commandant de l'Escadre.* In-12. Paris, chez la veuve de J. B. Coignard & J. B. Coignard le fils. 1692.

«A França, apesar de estar inteiramente occupada ha quatro annos em sustentar a guerra na Europa, tem ainda tido forças assás consideraveis, não sómente para manter seu commercio nas Indias Orientaes, mas para tambem n'ellas incommodar o dos inimigos[1].

«Foi com um tal fim que em 1690 poz de verga de alto uma frota de seis navios, que partiu para Port-Louis a 24 de fevereiro. dobrou o Cabo de Finisterra a 2 de março, deixou á direita as ilhas da Madeira, sem as reconhecer, e achou-se perto do Pico de Teneriffe no dia 11 ao meio dia.

«Passou o tropico de Cancer em a noite de 15 ou 16, e fundeou a meia legua da ilha de S. Thiago no dia 18 ás duas horas da tarde.

«O padre Tachard, jesuita, o guarda marinha, auctor d'esta relação e um official, desembarcaram e viram n'ella os negros inteiramente nús, á excepção de

---

[1] *Journal des Sçavans*, março de 1693.

um panno que tapava as partes pudendas. Foram procurar o governador a uma igreja, onde um padre preto celebrou a missa, acolytado por um diacono pobremente vestido.

«A cidade de S. Thiago tem approximadamente uns cem fogos, e o bispo é um franciscano vindo de Lisboa.»

RELATION *succinte et sincère de la mission du P. Martin de Nantes, capucin, missionnaire apostolique dans le Brésil, parmi les indiens appelés Cariris.* Quimper, chez Jean Perier, 1706, in-12.

«O padre Martin foi missionario de 1671 até 1688[1].

RELATION *véritable de ce qui s'est passé à Lisbonne, au sujet de franchises des quartiers que prétendent les ambassadeurs et envoyés des puissances étrangères.* 1710, 4.°

RELATION *véritable de ce qui s'est passé dans l'armée du Prince Eugène... avec les nouvelles de l'Armée Venitienne et celles d'Espagne et de Portugal.* 1777.

RELATION *von der freudenreiche Bekehrung des Königreichs Yota in Japonien.* Augsburg, 1617, in-4.°

RELATIONE *della festa celebrata in Malta ad honore di Santo Francesco Xaberio, Apostolo dell' Indie, drizzata all' Illustrissimo Conte Xavier.* In Malta, con licenza de' superiori, 1649, in-4.°

RELATIONES *tres: I. Aus Japan was sich darin, anno 1601. Denkwürdiges zugetragen. II. Von den Reisen etlicher Priester der S. J. in das Königreich Mexico. III. Von Ableiben des mächtigen Königs Magor.* Ausgburg, 1611, in-4.°

RELATIONS *véritables et curieuses de l'isle de Madagascar et du Brésil, avec l'histoire de la dernière guerre faite au Brésil entre les portugais et les hollandois, trois relations d'Égypte et une du royaume de Perse.* Paris, Courbé, 1 vol., in-4.°

Encontra-se na obra *Histoire des dernières troubles du Brésil*, par P. Moreau.

RELAZIONE *della condamna ed esecuzione del Gesuita Gabriele Malagrida, dal Abbate Platel scritta ad un Vescovo di Francia, tradotta dal francese in italiano.* Lisbona, 1761, in-8.°, 29 pag.

RELAZIONE *della morte de Padres Bartolomeo Alvares, Vincenzo da Cunha, Gio. Gaspare Crata, &c.* Roma, 1739.

RELAZIONE *della vita e martirio del venerabil padre Ignazio de Azevedo, uomo degli Eretici, con altri trentanove della Compagnia di Gesu, cavata da' processi autentici formati per la loro canonizzazione. Dedicata alla Sacra Real Maestà*

[1] Ferdinand et G. Brunet, *Supplément au Manuel du libraire*, vol. II, pag. 190.

di D. Giovanni V, Re di Portogallo. In Roma, nella stamperia di Antonio de' Rossi, 1743, 4.° gr., 202 pag. Com uma bella estampa representando o martyrio dos padres jesuitas.

A este respeito V. tambem Cienfuegos.

REMARKS (A FEW) *on the present state of the commercial relations of England with Portugal, Spain and Italy, and on the means of improving them. Second edition.* London, 1872, 1 vol., 118 pag.

REMARKS *on the letter and Review of one in Unity and Delta, both which appeared in the Catholic Expositor for May 1843, pages 113-115.* Madrid, 1843. 4.°, 15 pag.

Versa sobre a questão dos direitos do padroado portuguez no Oriente. É a favor dos direitos de Portugal.

REMOND (FRANÇOIS ——).—Jesuita, natural de Dijon.

Panegyricae Orationes XV de S. Ignatio Loyola, et XV de S. Francisco Xaverio. Epitome Vitae eorum. Una de S. Carolo Borromaeo cum aliquot clarorum Virorum Elogiis. Placentiae, apud Jacobum Ardizzonum. 1626, in-4.°

Francisci Remondi Dirionensis e Societate Jesu Panegyricae Orationes XXX, in laudem Sanctorum Ignatii Loyolae Soc. Jesu Fundatoris et Francisci Xaverii ejusdem Societatis, Indiae et Japoniae Apostoli. Antuerpiae, ex-officina Mattini Nutii, 1627, in-8.°, 371 pag. afóra o indice.

Francisci Remondi Dirionensis e Societate Jesu Panegyricae Orationes XXX, in laudem SS. Ignatii Loyolae, Societatis Jesu Fundatoris, et Francisci Xaverii, ejusdem Societatis, Indiae et Japoniae Apostoli. Cum panegyrica Oratione in laudem S. Caroli Cardinalis. His accesserunt elogia quaedam doctissima, ab eodem auctore conscripta. Lugduni, apud Jacobum Cardon, 1627, in-16.

RENAUD (J.).

Essais sur l'huitre portugaise. Bordeaux, 1876.

RENIER CHALONS.

D. Antonio, Roi de Portugal. Son histoire et ses monnaies. Par ——. Bruxelles, 1868, in-8.°, com 4 estampas com as moedas de D. Antonio.

Tem um supplemento.

RENTERIA (MARTIM ——).—Jesuita, hespanhol. Viveu no Mexico.

Panegirico de S. Francisco Javier, Apostol de las Indias Orientales, y Patron de Megico. En Megico, 1682, in-4.°

RÉPONSE *à la Relation (envoyée par le cardinal Torregiani aux ministres étrangers résidens à Rome), de ce qui a précédé et accompagné l'expulsion du Cardinal Acciajuoli, de la Cour et du Royaume de Portugal, où l'on montre quels sont les égards que les ministres du Pape prétendent avoir eus pour Sa Majesté Très Fidèle le Roi de Portugal.* Sem designar o local da impressão. 1760.

RÉPONSE *au jésuite, auteur de la lettre sur la conjuration contre le Roi de Portugal.* 1759, 8.°

REPORT *of the Committee appointed to direct the distribution of the grant voted by the Parliament of the United Kingdom of Great Britain and Ireland, for the relief of the inhabitants of the districts in Portugal, laid waste by the enemy in the year 1810. Ordered by the House of Commons, to be printed 6 July 1814.* In-fol., 31 pag.

REPORT *of the Commissioners appointed by the Government of Portugal for the construction of railways in that country.* London, Bridgewater, Printer. 1852, 8.º gr., 24 pag.

REPORTS *of the portuguese commissions and financial agents. Expeditions in favour of Donna Maria II.* London, 1835.

REPORTS *transmitted to the Portuguese Government of the proceed of the commission for the expedition to Portugal in favour of D. Maria II. 1831-1833.* London, 1835.

RESCRIPTION (LA) *du Roy de Portugal, envoyée à Notre Saint Père le Pape des gestes faictz en la mer Rouge, et de la paix, paction, convenance et alliance commencie par luy avec presbytre Jehan Roy de Ethiopie. Escript à Lisbonne le huytième cour de may de l'incarnacion.* 1521, gothico, in-8.º peq. 4 folhas.

«Folheto mui curioso e de uma extrema raridade; fazia parte da collecção Vallière (n.º 3.071 do catalogo) e foi tornado a vender por 3:900 francos no leilão do barão Pichon.

«Esta collecção de Vallière não figura no catalogo impresso, mas acha-se no catalogo manuscripto redigido por Du Bure, em o n.º 4:013, com estas palavras: *trocado por um outro*[1].

RESEÑA *del negocio de las cuentas del Ex.mo Sr. Juan Alvarez y Mendizabal, con el gobierno de S. M. F.* Lisboa, typographia franco-portugueza, Lallemant & C.ª, 1858, in-8.º, 44 pag. E segue-se um appendice com XXIV pag.

RESPOSTA *a huma carta que da Cidade de Coimbra se escreveu á de Lisboa; na qual se pedia com grande encarecimento lhe dissesse o seu parecer sobre o presente caso, e de tudo o mais que tivesse succedido. Escripta pelo anonymo, que se consulta.* Barcelona, na officina de Domingos Zuzarte, anno 1746. 4.º, 20 pag.

Versa sobre o sigillo da confissão.

RESPOSTA *ás duas cartas, com que o Cirurgiam Portuguez, assistente em Londres, fingiu responder ás outras duas que se tinham escrito ao A. da Gazeta Litteraria, sobre reparos que este fez á Oração Inaugural, recitada na Real Academia de Cirurgia Portugueza em 20 de janeiro de 1751. Mostram-se os erros e impostaras dos AA. da Gazeta, e das Cartas: Expostas em outras que escreve ao dito Cirurgiam Portuguez, hum practicante de cirurgia assistente na Cidade do Porto. Carta primeira.* Con licencia. Barcelona, por Pablo Serrás, año de 1765.

---

[1] Desbarolles et G. Brunet, *Supplément au Manuel du libraire*, vol. II, pag. 407.

RESPUESTA *al Sermon predicado por el Arzobispo de Cranganor en el Auto de Fé celebrado en Lisboa en 6 de setiembre año 1705, por el autor de las* «Noticias reconditas de la inquisicion». Obra posthuma, impressa em Villa Franca. 8.°, 1 vol., x-104 pag.

RESUMEN *breve de la vida del P. Antonio Vieira, sacada de las obras que se imprimieron en Barcelona en 1734.* Barcelona. Id. Pamplona, Imp. de Affonso Burguete, 1735, 8.°

REUNIONE *della Reale Famiglia in Torino nell' anno 1865. Epigrophi del cavaliere ed uffiziale Isidoro Bertente.* Tipografia Giuliani, 1865, in-fol.

A | Sua Maestà | Luigi I di Braganza, Re Portogallo. | Il Cielo | Conservi e Protegga | Tutta | La Reale Famiglia | Delizia. Amore. Decoro | E. Con. Essa | Il. Re. Luigi. I | Felicità del Portugallo | Ed. Il. Prode. Principe | Carlo Napoleone Bonaparte. | Sia Loro Propizio di fausto viaggio | E di vita diuturna | Prospera e Felice.

REUSNERO (ELIAS ——).

Opus Genealogicum Catholicum de praecipuis Familiis Imperatorum, Regum, Principum, aliorumque Procerum Obis Christiani. Francfort, 1592, fol.

«A fol. 98 refere a serie dos Reis de Portugal.[1]»

REVEL (ADÈLE ——).

Naples, Rome et Florence. Impressions de voyage.

Abrégé d'un journal écrit pour ma famille. Turin, imprimerie typographique éditrice. 1863, in-8.°, 71 pag.

REVISTA *de la cultura hispano-portugueza-latino-americana.* Madrid, 1877 in-4.°

REVUE *espagnole, portugaise, brésilienne et hispano-américaine.* Année de 1858 (septième).

«N'este volume, a pag. 120, apparece a *Diana* de George de Montemór.

«Pelos fins do seculo XVI e nos primeiros annos do XVII, a França tinha-se hespanholisado; Antonio Perez foi então o heroe da epocha e o idolo de Paris. Este homem leviano, orgulhoso, amavel, intrigante, apaixonado e desgraçado, tornou-se o prototypo, o ideal d'esse povo, completamente embrulhado no mysterio e na poesia. Suas romanescas aventuras, sua proscripção, que foram sua gloria e quasi sua apotheose, patentearam a peninsula sob sua verdadeira claridade.

«Quando essa velha Hespanha, que se julgava imponente e magestosa como a côrte de Filippe II, serena e santa como seus lugubres mosteiros, appareceu toda fervente em odios, intrigas, crimes e amores, as mulheres não pensaram em mais do que em as noites de Valencia, serenatas e duellos debaixo das janellas das sacadas.

....

---

[1] D. Antonio Caetano de Sousa, *Historia genealogica da casa real portugueza*, vol. I, pag. 209.

«Antes do seculo XVII os grandes nomes que tinham illustrado a França não eram conhecidos senão pelos eruditos; depois de Antonio Perez foi uma verdadeira invasão; multiplicadas ao infinito, as traducções boas ou más eram recebidas com enthusiasmo; toda a gente ha: a côrte, a cidade, nobres, damas e burgezes.

«A *Diana* de Montemór é um dos melhores livros entre aquelles que sobreviveram á ephemera attracção. Muito antes de chegar á França, no fim do seculo XVI, este romance já tinha muita celebridade na Hespanha. A primeira edição appareceu em 1560. Havendo a morte surprehendido o auctor no momento de terminar sua obra, D. Alonso Perez, medico de Salamanca, se encarregou de a continuar. Em 1564 imprimiram sob o seu nome, em Alcalá de Henares, um supplemento da *Diana* em oito livros, dedicados a D. Berenguier de Castro y Corbellon. Embora este ultimo trabalho fosse mais amplo do que o original de Montemór, o romance só appareceu completo quando Gaspar Gil Polo lhe addicionou uma terceira parte, dividida em cinco livros, e os quaes dedicou a D. Jeronyma de Castro y Bolea. De entre estes tres escriptores, só são mais estimaveis o primeiro e o ultimo.

«Cervantes, no exame da bibliotheca de D. Quixote, põe em primeiro logar a *Diana* de Montemór, e condemna ao fogo a segunda; mas emquanto á terceira deve ser conservada, como se o proprio Apollo d'ella fosse o auctor. Com effeito, na *Diana* de Montemór ha mais imaginação do que na de Gil Polo; mas este ultimo tambem escreve bem. Sempre elegante, raras vezes lhe falta a precisão. Suas situações são bem pintadas; suas descripções vivas e coloridas[1], e até mesmo muitas vezes é de uma ingenuidade encantadora, e suas imagens em algumas occasiões são arrebatadoras no tocante á frescura e a poesia.

«Sarrazin marca grandes bellezas n'esta obra, e tambem falla de seus numerosos defeitos. «A historia do mouro Abindarraez, diz elle n'um de seus opusculos, parece-me tão ingenuamente narrada, que, se a separassemos do romance, poderia ella ser comparada com as passagens mais bellas que n'este genero a antiguidade nos legou.»

«Lope de Vega disse:

Quando Montemayor con su *Diana*
Ennobleció la lengua castellana.

«Lemos na *Historia da litteratura hespanhola*, por Bouterweck, que o maior merito de Montemór consiste em fallar sempre de ternura, sem cair na monotonia. A versificação de algumas passagens, diz elle, nem sempre é harmoniosa e correcta; mas, em outros casos, une-se a harmonia com a arte no encadeamento dos pensamentos. Sua prosa serviu de modelo a todos os auctores de romances d'este genero; jamais é trivial nos seus termos; suas phrases são sempre bem cadenciadas.

«A *Diana* é do teor seguinte, julgada por Florian: «Esta obra peca por causa do encadeamento, da inverosimilhança e da multiplicidade dos episodios. Tem alem d'isso o defeito capital de começar pela infidelidade não motivada da

[1] V. Adolpho de Puibusque, *Histoire comparée des littératures espagnole et française*.

heroina, e de empregar a magia para curar o heroe da sua paixão; mas um nunca acabar de pormenores e muitos trechos de poesias infiltram um caracter de sensibilidade, que penetra o leitor e o faz derramar lagrimas. Muitas vezes o bom gosto é offendido, e faz com que as lagrimas sejam derramadas.

«A primeira traducção conhecida é a de Gabriel Chappuis Foi impressa em Lyon, no anno de 1582, chez Louis Cloquemin.

«Passado algum tempo um anonymo publicou em Paris a primeira parte, sómente com o hespanhol ao lado. Em 1621 Jean Bertranet corrigiu esta edição. Em 1631 appareceu uma nova, onde se acham reunidos os tres auctores, embora Montemór seja unicamente assignalado no prefacio. A enfadonha exactidão que o distinguiu não obstou a que se saísse bem. Não é preciso citar, entre as versões, mesmo as peores, o livro que madame Saintonge publicou em 1665, sob o titulo de *Diana de Montemayor*. E não passa de ser, quando muito, mais do que uma imitação não boa do original.

«Cousa para admirar! Na França, no seculo XVII, o exito da *Diana* é prodigioso, e, não obstante, nenhum dos traductores tinha sabido, pelo menos, dar d'ella uma leve idéa. Alguns, indo atraz do que tinham ouvido dizer, tinham d'ella uma idéa disparatada e obscura. Outros, crendo, sem duvida, embellezar o hespanhol, afogavam-no no palavreado emphatico que afflige a litteratura d'aquella epocha. E não foi senão no seculo XVIII, quando estava quasi no esquecimento, que a obra de Montemór foi verdadeiramente bem comprehendida e vertida com gosto. Queremos fallar do romance hespanhol ou nova traducção da *Diana* de Montemór, que appareceu em 1735. O auctor anonymo cortou no seu trabalho quasi todos os versos do original. Aquelles que se encontram no seu livro são menos uma traducção do que uma imitação, imitação superior, quando elle escabicha o pensamento das inchaduras ridiculas do hespanhol, mas muito inferior quando tenta traduzir essas phrases ingenuas, breves, sonoras, brilhantes, onde cada palavra é uma imagem, um pensamento; em francez uma pagina bastaria, um pensamento bastaria para resumir o sentido, e a belleza d'essas passagens está precisamente na concisão e na simplicidade. Eis porque não é para assombrar que seja fraco n'esse caso. Mas como indemnisação verga com arte e sem os desfigurar certos trechos que muitissimo pertenciam aos contadores antigos; sob sua penna intelligente conservam elles sua originalidade e se afastam menos dos nossos costumes. O traductor tem rasão para introduzir levemente a descripção do palacio de Felicia, e sobre os costumes dos heroes. Minucias taes, privadas de côr e caracter nenhuma attenção merecem.

«O romance em Montemór, não estando acabado, o traductor foi buscar o fim em Gil Polo.

*
* *

«Sabemos melhor a historia do livro do que a do auctor.

«George de Montemór veiu ao mundo em 1520, em Montemór, pequena villa de Portugal, não longe de Coimbra. Filho de parentes obscuros, tomou voluntariamente o nome de sua villa natal. Não tendo recebido a minima instrucção, entregou-se ao estudo da musica, que cultivou com bom exito. Sua voz era tão bella, que foi collocado em o numero dos artistas de que se compunha a capella do infante, que mais tarde veiu tambem a ser musico de Filippe II. Este logar

lhe dou ensejo para ver o mundo, e foi então que desenvolveu em si tudo quanto havia de observação em sua feliz natureza. Percebendo quanto a instrucção lhe era indispensavel, cercou-se de livros e entregou-se ao trabalho. No meio d'essas numerosas occupações tornou-se amoroso e portanto poeta. Em versos elegantes, harmoniosos e ingenuos, cantou seus amores. Marfida é o nome que deu em suas poesias á bella andaluza a quem elle adorava.

«Mas este romance, embora bem começado, teve um triste desenlace. George voltando para a Hespanha depois de uma bem longa ausencia, achou o seu idolo casado. Não morreu repentinamente, mas sente-se na *Diana*, que compoz então para se distrahir, que a ferida não podia ser por longo tempo cicatrizada. Seu livro teve uma tão grande acceitação, que a Rainha de Portugal o chamou para a sua côrte e o accumulou de beneficios. Mas no coração de um poeta a fortuna não póde substituir o amor. George, esgotado pelas insomnias, morreu em 1561.

*
* *

«Sismondi conta um a um os defeitos de um tal romance:

«A scena pastoril de Montemór, diz elle, passa-se nos sopés das montanhas de Leon; o tempo não é facil de reconhecer; a geographia, os nomes, o que ha de natural nos costumes e nos usos, é moderno, mas a mythologia é toda pagã. Se os pastores dansarem aos domingos com as pastoras, só invocam a Apollo e a Diana, e tambem ás nymphas e aos faunos.

«A pastora Felismena é educada em casa de sua tia, a abbadessa de um mosteiro; sua creada de quarto, justificando-se junto d'ella, invoca o nome de Jesus, e todavia sua vida inteira é regulada pelos deuses pagãos. Venus, irritada contra sua mãe, a condemnou desde o seu nascimento a não experimentar jamais senão desgraças nos seus amores, ao passo que Pallas lhe tinha promettido alguns triumphos guerreiros. Por fim refere como já eram antigas as aventuras de Abindarraez, contemporaneo de Fernando *o Catholico*; todos os nomes dos heroes da côrte, em que com elles travam relações, são imaginarios.

«Alem d'isto, a *Diana* de Montemór está collocada n'um mundo de tal modo poetico e tão afastado da verdade, que cumpre que não nos detenhamos n'elle com o fim de examinar os anachronismos ou inverosimilhanças.

«Eis, pois, bastantes defeitos de Montemór; mas ainda ha mais que dizer.

«Cervantes, Florian, Bouterwek e o proprio Sismondi dizem sómente que sua prosa é mais elegante, mais simples, mais harmoniosa que a dos escriptores que o tinham precedido, e que seus versos graciosos e numerosos o collocam entre os melhores poetas hespanhoes. Mas nenhum d'esses homens celebres ao lerem a historia de Belisa, a de Felismena, principalmente, não parece ter visto que ha uma outra cousa que um amavel narrador ou contador — um poeta brilhante. O auctor, todavia, n'estas paginas, melhor que em outras, dá a medida de sua intelligencia: a comedia *Rosina*, as hesitações de sua joven amante, a scena das explicações, trazem á lembrança Molière e Calderon. Emquanto aos pormenores, são finos, delicados e verdadeiros. Lendo no original estas palavras nimiamente curtas e extremamente raras, é para sentir que o auctor não tenha podido desenvolver o germen precioso que n'elle se percebe. Se Montemór, em vez de ser arrastado pela imaginação para fóra da sua natureza, tivesse lançado os olhos em

volta de si, na vida real, ter-se-hia convertido em observador judicioso e profundo. E se não seguiu o caminho brilhantemente traçado por Cervantes e Calderon, seria menos pela impotencia de sua organisação do que pela bizarria do seu destino.

«No momento em que seu espirito, engrandecido por estudos serios, lhe permittia sentir a verdade, comprehender o mundo, tornou-se apaixonado — como apaixonados nos tornâmos aos trinta annos, quando somos um homem de intelligencia e de coração.

«Sismondi admira-se de ver Montemór, que foi soldado, não se occupar da vida dos campos n'um tempo em que tudo ardia em enthusiasmo e em ambição.

«Ha em todos os seus versos, diz elle, uma molleza lydiana, que poderiamos esperar dos italianos effeminados pela escravidão, mas que confunde em homens tão homens — nos guerreiros de Carlos V.

«Se Montemór se tivesse desviado do seu seculo, da natureza e da verdade, poderia elle ser uma outra entidade? Seria bastantemente forte para separar a cabeça do coração? Não. Elle era fraco. Sua *Diana* o comprava, e muito mais sua historia — pois elle morreu vencido por sua indomavel paixão.»

REYBAUD (M. CHARLES ——).

Le Brésil. Paris, imprimerie de Henri Plon, 1856, in-8.° 244 pag.

RHAY (THEODORO ——).

Diz a *Bibliothèque des écrivains de la compagnie de Jésus,* por Augustin et Alois de Backer, vol. VII, pag. 20, que a maior parte das noticias com que ampliou a *Historia latina,* que escreveu da descripção d'aquelle reino, que saiu impressa em Paderbornae, apud Henricum Pontanum, foram extrahidas, pela maior parte, da obra composta pelo padre Antonio de Andrade, e intitulada: *Relação do novo descobrimento de Tibet.*

RHO ou **RHAUDENSIS (JACQUES ——).**— Jesuita, natural de Milão. Em 1620 partiu para a China, residiu por algum tempo em Macau e defendeu esta cidade contra os hollandezes. Havendo, finalmente, penetrado no interior da China, prégou a fé na provincia de Chansi, e em 1631 foi mandado á côrte para alli se applicar á redacção do *Calendario imperial.* Entregou-se a este trabalho conjunctamente com o padre Schall, até 1638. Durante sua residencia na China usou do nome de Zo-ya-kou e do sobrenome de Wei-Chao. Estes nomes encontram-se no rosto das numerosas obras por elle compostas em lingua chinesa.

Lettere due della sua navigazione e delle cose dell' India. Milano, per il Bideli, 1620[1].

Todas as outras obras são em chinez.

RHYS (UDAL AP. ——).

An account of the most remarkable places and curiosities in Spain and Portugal. By ——. London, printed for J. Osborn, 1749. 4.° IV-332 pag.

---

[1] Augustin et Alois de Backer, *Bibliothèque des écrivains de la compagnie de Jésus,* vol. V, pag. 619.

RIBADENEYRA (F. MARCELLO ——).—Hespanhol.

Historia de las Islas del Archipelago, China, Tartaria, Cochinchina, Malaca, Siam, Camboja y Japon. Barcelona, 1601, 4.º [1].

RIBAS (GIOV. ——).

Il Guidão Nazionale, elogio in musica nel Regio Teatro del Porto in occasione dell' ritorno di S. A. S. il Reggente D. Miguel di Braganza e Bourbon, nei regii stati di Portogallo, facendo il giuramento alla Constituzione dal Re suo Augusto Fratello. Scritto in Italiano e tradotto letteralmente in Portoghese dal Cavalier Gandra, Segretario del Governatore Militare della Provincia, &. Musica del Professore ——. Porto. Stamperia nella Strada Santo Antonio, n.º 80. 1828. 8.º, 7 pag.

RIBEIRO (JOHN ——).

History of Ceylon, presented by captain John Ribeiro to the King of Portugal in 1685. Translated from the portuguese by the Abbé Le Grand. Re-translated from the french, with an appendix on the past and present condition of the Island, by ——. Ceylon, 1847, in-8.º

RIBERA (EL DOCTOR D. FRANCISCO SUAREZ DE ——).—Medico de camara de Su Majestad, del Gremio y Claustro de la Universidad de Salamanca, socio de la Regia Sociedad, medico chimico de Sevilha, etc.

Instruccion y publicacion de los diez y siete secretos del doctor Juan Curvo Semmedo, confirmados sus virtudes con maravilhosas observaciones. Su autor ——. *Dedicado al Eminentissimo e Reverendissimo Señor Don Carlos de Borja, y Centelhas Ponce de Leon, presbytero Cardenal de la Santa Iglesia de Roma, &.* Con privilegio. En Madrid, en la imprenta de Domingos Fernandez de Arrojo. Año de 1732. 8.º, 230 pag., alem de um grande numero de folhas não paginadas.

Traz o retrato do cardeal D. Carlos de Borja, a quem a obra é offerecida.

O autor hespanhol faz n'este livro muitas censuras ao nosso medico Curvo Semmedo, asseverando que alguns segredos d'este medico eram anteriormente conhecidos, e que outros não dão o resultado favoravel por elle apregoado.

É obra que deve ser consultada por quem desejar escrever minuciosamente acerca da medicina em Portugal.

RICARDO—Allemão.

Escreveu um compendio grammatical, formado dos commentarios com que Velha enriqueceu a grammatica latina do nosso Manuel Alvarez. Falla-se d'este trabalho na grammatica latina do mesmo Alvarez, impressa em Paris no anno de 1829.

RICCI (LOURENÇO ——).—Jesuita, natural de Florença, onde nasceu em 1703.

Epistola ad universam Societatem, data 7 Octob. 1758, pro nuncupatione

[1] Nouv. Aug. Bibliot. Sanz, vol. II, pag. 81.

obsequiis Dei praestandis Deiparae sine labe conceptae ad ejusdem opem implorandam, &c.

Epistola subscripta 8 Decemb. 1759 de Societatis calamitatibus, incipit, Anno praeterito fusis de communi precibus, &c.

Epistola de eodem argumento data 30 Novemb. 1762 et incipit. In tot tantisque calamitatibus, &c.

Epistola data 10 Decemb. 1768, ejusdem argumenti et incipit, Etsi ad ferventem in orationibus perseverantium, &c.[1]

RICCI (MATHEUS ——).—Fundador da missão da China. Nasceu em Macerata, no Marca d'Ancona, em 1552. Tinham-no destinado para o estudo do direito, mas preferiu a vida religiosa, e entrou para a companhia em 1571. Quem o dirigiu em o noviciado foi o padre Alexandre Valignano, missionario celebre, a quem um principe de Portugal chamava o Apostolo do Oriente. Ricci concebeu a idéa de o acompanhar até ás Indias, e tão sómente se deteve na Europa o tempo necessario para estudar o que era necessario para uma tal empreza. Veiu até mesmo acabar seu curso de theologia em Goa, onde chegou em 1578. O padre Valignano tinha-se já dirigido a Macau, onde se preparava para abrir a seus collegas as portas da China. A escolha d'aquelles que tinham de ser os primeiros n'esta nova carreira, era de summa importancia. Caiu sobre os padres Roger, Pasio e Ricci, todos tres italianos. Tiveram, em primeiro logar, de aprender a lingua do paiz, e depois de algum tempo de estudo, aproveitaram-se os missionarios da faculdade que os portuguezes de Macau tinham obtido, de se dirigirem a Macau para commerciarem, e elles os foram acompanhando, cada um por sua vez. O ultimo foi Ricci, e seus primeiros esforços não pareceram ao principio mais efficazes do que tinham sido os do padre Roger. Viram-se ambos obrigados a voltar a Macau. Só foi em 1583, que, tendo o governo da provincia de Cantão sido confiado a um novo vice-rei, tiveram os padres licença para se estabelecerem em Tchao-King-fu. Ricci, que tivera occasião de conhecer o genio do povo ao qual queria converter, percebeu desde logo que o melhor meio de conseguir a estima dos chinezes, era mostrarem-se nas pregações do Evangelho homens esclarecidos, dedicados ao estudo das sciencias, e bem differentes n'isso dos *bonzos*, com os quaes estes povos estão sempre promptos a confundil-os. Foi desde esse tempo que Ricci, que tinha aprendido geographia em Roma, debaixo da direcção do celebre Clavius, fez para os chinezes um mappa-mundo, no qual se conformou com os habitos d'este povo, collocando a China no centro da carta, e dispondo os outros paizes em volta do Reino do Meio. Riccioli acrescenta (*Almagest. nov.*, 1651, fol., pag. XL), que, para se conformar ainda mais com as ideas dos chinezes, Ricci em vez de seguir a projecção stereographica ordinaria, em virtude da qual a parte central é vista mais por miudo que nenhuma outra, n'elle, pelo contrario, representou a China em ponto maior... O continuador de Leon Pinelo julga que este mappa-mundo de Ricci é o mesmo que diz Gemello-Carreri ter visto na bibliotheca de Pekin. (*Giro del mundo*, parte IV, fol. 198.) Ricci compoz tambem um pequeno catechismo em lingua chineza, o qual foi recebido, segundo

---

[1] Augustin et Alois de Backer, *Bibliothèque des écrivains de la compagnie de Jésus*, vol. IV, pag. 620.

dissem, com grandes applausos, pelas pessoas do paiz. Desde 1589[1] era elle o unico encarregado da missão de Tchao-King, sendo seus companheiros levados para outros logares pelos desejos de multiplicarem os meios de converter os chinezes ao christianismo. Teve muitas vezes de luctar com difficuldades que lhe suscitavam os governadores da provincia, e até mesmo se viu obrigado a deixar o estabelecimento que tinha formado com grandes difficuldades na cidade de Tchao-King, e vir fazer a residencia em Tchao-tcheou. N'este ultimo logar, um chinez chamado Tchin-taï-so, pediu ao padre Ricci que lhe ensinasse chimica e mathematicas. O missionario prestou-se de bom grado a este desejo, e seu discipulo veiu a ser mais tarde um dos seus primeiros catechumenos. Havia muito tempo que Ricci tinha formado o projecto de se dirigir á côrte, persuadido de que os menores exitos que elle podesse obter n'ella, serviriam mais efficazmente em prol da causa que elle tinha abraçado, do que todos os esforços que se quizessem empregar nas provincias. Até então os missionarios tinham usado do habito dos religiosos da China, aos quaes as relações chamavam *bonzos*; mas para se mostrarem na capital, era mister renunciar a esse trajo, que não era proprio senão para fazer com que fossem desprezados pelos chinezes. Pela opinião do visitador e do bispo do Japão, que residia em Macau, Ricci e seus companheiros adoptaram o vestuario dos letrados. Fez-se d'isto um assumpto de censura aos jesuitas da China; mas era indispensavel n'um imperio onde a consideração só é concedida á cultura das letras. Ricci resolveu executar seu projecto em 1595, e partiu, effectivamente, no sequito de um magistrado que ia a Pekin. Porém diversas circumstancias o constrangeram a deter-se em Nan-tchang-fu, capital da provincia de Kiang-si. Foi alli que elle compoz um tratado sobre a memoria artificial, e um dialogo a respeito da amisade, á imitação do de Cicero. Asseveram que este livro foi olhado pelos chinezes como um modelo que os mais habeis letrados teriam difficuldade em exceder. Por esta epocha tinha-se espalhado o boato na China, de que Taikosama, Rei do Japão, projectava uma irrupção na Corêa, e até mesmo no imperio. O temor que elle tinha inspirado, augmentava até mesmo a desconfiança que os chinezes nutrem geralmente contra os estrangeiros; Ricci e alguns de seus neophytos, tendo-se dirigido successivamente a Nankin e a Pekin, alli foram tomados por japonezes, e ninguem consentiu em se encarregar de os apresentar na côrte. Viram-se, pois, obrigados a retroceder. A unica vantagem produzida por esta jornada, foi a certeza que Ricci adquiriu, de que Pekin era com certeza a celebre Cambalu, de Marco Paolo, e a China o reino de Catai, do qual tanto se fallava na Europa, sem conhecerem a verdadeira situação d'elle. O missionario fez depois alguma residencia em Pekin, onde sua reputação de sabio medrou consideravelmente. Tendo-lhe os portuguezes feito chegar alguns presentes destinados para o imperador, obteve dos magistrados a licença de vir á côrte, para elle proprio os offerecer, na qualidade de embaixador. Poz-se á caminho no mez de maio de 1600, acompanhado do padre D. Pantoja, hespanhol, de dois jesuitas chinezes e de dois jovens catechumenos. Apesar de alguns obstaculos encontrados na viagem, conseguiu ser admittido no palacio do Imperador, que lhe mandou fazer um bom acolhimento, e viu com curiosidade alguns de seus presentes, um relogio e um relogio de algibeira com

[1] Augustin et Alois de Backer, *Bibliothèque des écrivains de la compagnie de Jésus*, vol. v, pag. 481.

musica, dois objectos ainda novos na China, por aquelles tempos. Voltado uma vez para elle o favor imperial, não teve o padre Ricci mais do que occupar-se dos cuidados exigidos pelos interesses da missão. Algumas conversões raidosas foram, segundo parece, o fructo d'estes desvelos; e os trabalhos litterarios e scientificos, aos quaes o missionario se entregava ao mesmo tempo, contribuiram para lhe assegurar a estima dos homens mais distinctos da capital. Um trabalho de um outro genero foi o que lhe confiou o geral da companhia: recebher as memorias sobre todas as diversas missões por elle fundadas na China. Tantas occupações differentes, os incommodos que ia ter para manter com um tão grande numero de pessoas distinctas, relações que os usos da China tornavam infinitamente enfadonhas, esgotaram de prompto as forças do padre Ricci. Morreu a 11 de maio de 1610, deixando por successor o padre Adam Schall, quasi tão celebre como aquelle, pelos importantes serviços prestados á religião e ás letras. Escreveu quinze obras em lingua chineza.

Annuae litterae e Sinis annorum 1594, 1606 e 1607, quas binas posteriores latine reddiderunt Rhetores. Antuerpienses typis Plantinianis, 1611, in-8.°

Annua della Cina del MDCVI *e* MDCVII, *del Padre Matteo Ricci, della Compagnia di Giesu. Al molto R. P. Claudio Aquaviva, della medesima Religione.* In Roma, nella stamperia di Bartholomeo Zanetti, 1610, in-8.°

Litterae Japonicae anni MDCVI *e* MDCVII, *illae a R. P. Joanne Rodriguez, hae a R. P. Matthaeo Ricci, Societatis Jesu Sacerdotibus, transmissae ad admodum R. P. Claudium Aquavivam, ejusdem Societatis Praepositum Generalem latine redditae a Rhetoribus Collegii Soc. Jesu.* Antuerpiae, ex-officina Plantiniana, apud Viduam et Filios Jo. Moreti, 1611, in-12, 201 pag.

RICHERII (PETRI ——).

Libri duo apologetici ad refutandas naenias, et coarguendos blasphemos errores, detegenduque mendacia Nic. Durandi qui se Villegagnonem cognominat. Excusum Hyerapoli (sic), Genève, per Trasibulum Phœnicum, anno 1561, in-4.°

Contém uma gravura em madeira representando Polyphemo.

Cem francos no leilão do barão Pichon.

Pierre Richer era um dos dois ministros pedidos por Villegagnon e enviados de Genebra ao Brazil; póde-se ver em Théodore de Beze, em Jean de Lery e em outros historiadores, qual foi a amenidade que regulou as relações entre Villegagnon e estes dois ministros.

Este opusculo virulento foi traduzido:

La réfutation des folles réveries, execrables blasphemes, erreurs et mensonges de Nic. Durand, qui se nomme Villegaignon; divisée en deux livres; auteur Pierre Richer. Sem logar de impressão, 1562, in-8.°, com uma estampa representando Polyphemo.

Esta figura satyrica é o emblema de Villegaignon, o qual, pela sua estatura e ferocidade, podia ser comparado com o cyclope.

Trautz, 210 francos, barão Pichon.

La suffisance de maistre Colas Durand, dit chev. de Villegaignon, pour sa retenue en l'État du Roy. Item, espousette des armoiries de Villegaignon. Sem logar de impressão, 1561, 8.° peq., 24 pag.

Barão Pichon, 105 francos.

Mr. Brunet, que cita este folheto, só lhe dá 11 folhas, isto é, 22 pag.

Uma outra edição de 48 pag., 52 francos, Potier.

L'Estrille de Nicolas Durand, dit le chevalier de Villegagnon, sem logar de impressão, 1561, 8.º pq., 4 folhas.

Bardo Pichon, 85 francos. Potier, 40 francos[1].

RICHON (VICTOR ——).

Gomes de Amorim diz a seu respeito o seguinte:

«O sr. Victor Richon era um escriptor distincto, que foi acolhido em Lisboa pela melhor sociedade, e que fundou aqui um jornal intitulado *Le Lusitanien*. Depois de ter estudado a lingua portugueza, traduziu alguns escriptos do sr. Alexandre Herculano, e fez-me a honra de verter o *Odio de raça*[2] para a lingua franceza.»

Ácerca d'esse drama escrevia Richon:

«Como é nossa intenção não dar conta senão das obras *autochtones* que apparecerem na scena portugueza, abstemo-nos de fallar d'ellas hoje, contentando-nos com prevenir os srs. assignantes que o nosso proximo numero ha de conter uma analyse critica e litteraria do drama tão cheio de interesse, de vida e de originalidade, do sr. Gomes de Amorim, *Odio de raça*, o mais bem interpretado, talvez, de todos quantos temos visto representar pelos actores portuguezes.

«Este quadro tão vigorosamente traçado pelo auctor, torna-se de medonha e atroz realidade sob o desempenho de Tasso, Theodorico, e principalmente da formidavel tapuia, a *Sinhá Delphina*, que, descendo á ultima escala da degradação humana, sabe elevar-se até ao sublime do horror, sem jamais parecer nem grotesca nem repellente.

«Il n'est pas de serpent, pas de monstre odieux
Qui, par l'art embelli, ne puisse plaire aux yeux.

«O auctor abriu caminho aos escriptores dramaticos: compoz uma peça, verdadeira *peça*, e digam o que disserem, as quarenta e tantas representações que a peça já conta, devem-lhe provar bem quanto outros jovens auctores que hesitam de apalpadelas, e ainda não sabem em qual caminho hão de entrar, que elle deram o verdadeiro, e se n'elle perseverar, o bom exito que lhe desejámos de todo o coração ha de ser verdadeiramente conseguido.»

RICORDATI (D. PIETRO ——).

Historia monastica di —— , dedicata al Serenissimo e Potentissimo Re di Portogallo (D. Sebastião), Veneza, 1575, in-4.º

«Por varias vezes o conego dedica ao neto de D. João III o seu livro; o dizendo a primeira: «.... havendo io per ispatio di forse venti anni, che ho cominciati in comporre questa mia opera, letto e ridetto molte historie universali e cronichi di diversi paesi, ho trovato in esse molte segnalate, gran vittorie, ottenute per favor divino contra i nemici del regno de Christo, in Africa, nell' Etiopia, nell' Indie, et in molte isole del mondo nuovo, non solo da V. M., ma ancora

---

[1] Bibliographie de G. Brunet, supplément au Manuel du libraire de Graesse, vol. II, pag. 1004.

[2] Francisco Gomes de Amorim (Theofilo). Odio de Raça, pag. 158.

de gl' antenati suoi, e particolarmente difendendo la parte nostra contra l'empia setta di Mahometani, etc.»

.....

«Este frade era melhor escriptor que propheta, e não me parece que Deus lhe desse grande importancia aos rogos. No remate da dedicatoria dizia elle ao Rei, acutilado tres annos depois em Africa: «baciãdo gli riverentemente la Regia mano, faro fine: pregãdo Iddio che si come gl' ha concesso d' agguagliare la grãdeza e felicità de' maggior Re del mõdo: così gli cõservi il Regno quieto e pacifico in molti secoli e accresca gl' anni suoi in lunga età.[1]»

RICORRENDO *il giorno della Coronazione della Santità di N. Signore Papa Pio Sesto felicemente regnante. Componimento poetico da cantarsi nel palazzo del Signor D. Giovanni d'Almeida de Mello e Castro, Ministro Plenipotenziario di Sua Maestà Fedelissima presso la Santa Sede, il dì 7 Aprile 1790.* In Roma, nella stamperia Pagliarini.

RIENSI (LOUIS DE ——).

Patané, lieu charmant et si cher au Poète
Je n'oublierai jamais ton illustre retraite;
Ici Camoens, au bruit du flot retintissant,
Méla l'accord plaintif de son luth gémissant.
Au flambeau d'Apollon allumant son Génie
Il chanta les Héros de la Lusitanie:
Du Tage à l'urne d'or, loin des bords paternels
De Bellone il cueillit les lauriers immortels:
Malheureux exilé, cet émule de Homère
Acheta son Génie au prix de sa misère.
Il posséda, du moins, pour charmer ses douleurs,
Les baisers de l'amour et les chants des neuf sœurs.
Lusus et les chinois honorent sa mémoire:
Le temps qui détruit tout, agrandira sa gloire.
Moi, qui chéris ses vers, qui pleurai ses malheurs
J'aimais à saluer ces bois inspirateurs.
Je visitais cent fois cet humble et noble asile:
Dans ta grotte, ô Louis, mon cœur fut plus tranquille.
Agité plus que toi, je fuyais dans les champs,
Et le monde et mon cœur, l'envie et les tyrans.

Au Grand Louis de Camoens, portugais d'origine castillane,
Soldat religieux, voyageur et poète exilé;
L'humble Louis de Riensi, français d'origine romane,
Voyageur religieux, soldat et poète expatrié.

30 mars, 1827.

RIERAS (NICOLAU MARTINEZ ——). — Jesuita, hespanhol. *Explicações e notas à Prosodia do P. Manuel Alvares.* Valencia. 1699.

---

[1] Camillo Castello Branco, *Novelas*, vol. II pag. 42

RIGAUD (LUCAS ——).——Ignora-se a nacionalidade, mas era estrangeiro.

Cozinheira moderna, ou nova arte de cozinha, onde se ensina pelo methodo mais facil e mais breve o modo de se prepararem varios manjares, tanto de carne como de peixe, mariscos, legumes, ovos, lacticinios, varias qualidades de massas para pão, empadas, tortas, timbales, pasteis, bolos e outros pratos de entre meio; varias receitas de caldas para differentes sopas; caldos para doentes, e um caldo para viagens longas, etc., etc. Terceira edição, correcta e emendada. Lisboa, na officina de Simão Thaddeo Ferreira, 1798. 8.º de VIII-461 pag.

RIO (S. GOMEZ ——).

Las diversiones brésilienes en 1822.

Foram publicadas estas scenas historicas, nas quaes figuram os portuguezes, na *Revue des races latines*, 1858, dezembro.

RIOS (DON ANGEL FERNANDEZ DE LOS ——).

Mi mision en Portugal. Diario de ayer para enseñanza de mañana. Paris, 1877, 726 pag.

Escreveu sob o pseudonymo de *Rosi* na *Ilustracion de Madrid*, em 1870, uma serie de curiosos artigos ácerca do que de mais notavel se encontra na capital da monarchia portugueza[1].

RIOS (GUILHERME DE LOS ——).—Jesuita, hespanhol, natural de Ecija.

Panegirico del Apostol de las Indias S. Francisco Javier. Mexico, por Diogo Garrido. 1621, in-4.º

RIOS (D. JOSÉ AMADOR DE LOS ——).—Individuo numerario de las reales academias de la historia y bellas-artes de San Fernando, catedratico del doctorado en la facultad de filosofia y letras de la universidad central, inspector general de instruccion publica.

Historia social, politica y religiosa de los judios de España y Portugal, por el ilustrissimo señor ——. Madrid, imprenta de T. Fortanet, 1875-1876, in-4.º

Começa a tratar dos judeus portuguezes no cap. VI do vol. I.

Las razas historicas de la Península Iberica. Carta al Señor Doctor Don Julio Vilhena, Miembro effectivo del Instituto de Coimbra. Madrid, 30 de junho de 1873.

Foi publicada esta carta em o n.º 5 do *Instituto*, jornal de Coimbra, setembro de 1873.

Ancelos de los Rios toma o partido do sr. Julio de Vilhena contra o sr. Theophilo Braga. Tinha este ultimo escriptor asseverado que Roma conquistara com a espada, mas que não povoara, deixando ás povoações submettidas seu dominio e costumes, e submettendo-as com a absorvente administração do seu governo soldar.

---

[1] Luis Vilhot, *Les quatre livres contemporains de Portugal*. Madrid, 1874, pag. 7.

Porém o sr. Amador de los Rios assevera que a população iberica da peninsula foi quasi exterminada; que no tempo do Imperador Antonino gosava a peninsula de unidade de direito «debaixo das azas do imperio romano», achando-se feita a fusão dos povos ibericos e constituida a familia hispano-latina.

Assevera, outrosim, que se não chegou (pag. 213) a constituir durante a dominação wisigothica uma verdadeira unidade nacional, como se não constituiu tambem um verdadeiro imperio, mantendo-se até a catastrophe de Guadalete as leis deleterias e privilegios irritantes que se oppunham á realisação de tão grande obra.

Revista de España. Quinto año. Tomo XXIX. *(Noviembre y Deciembre.)* Madrid, 1872.

Começa n'este volume, a pag. 462, o trabalho de Amador de los Rios, intitulado: *Estudios arqueologicos y monumentales Portugal.*

Principia por tratar com algum desenvolvimento dos sarcophagos romanos em Portugal (pag. 468, etc.); falla depois nas estatuas do jardim botanico de Ajuda, estados das artes nas monarchias christãs ao effectuar-se sua conquista (vol. XXX), e da igreja de Cedofeita, cuja fundação attribue á primeira metade do seculo XIII (pag. 453), Sé Velha de Coimbra, e na discrepante versão de uns caracteres arabes que n'ella se encontraram (pag. 466). Trata largamente da Sé de Lisboa, asseverando que as capellas do claustro foram fundadas entrado já o seculo XIV (pag. 459).

Em summa, este trabalho de Amador de los Rios deve ser lido por quantos se applicam ao estudo da historia da arte.

No vol. XXXIII falla por miudo da Batalha, de Cintra, e assevera que o estylo do palacio real é *mudejar;* nota que a estatua de D. Pedro IV no Rocio é obra de francezes, e que francezes estavam fazendo estatuas para o arco triumphal do Terreiro do Paço, e que notava tanto mais este facto, quanto se fallava em Portugal em renascimento das artes! (Pag. 18, vol. XXXIII.)

A igreja de Belem e muitos outros edificios não foram esquecidos no volume seguinte. No vol. XXXVI trata largamente do palacio de Subripas, em Coimbra; falla com enthusiasmo do pulpito de Santa Cruz de Coimbra, e exclama: «el pulpito de Santa Cruz de Coimbra constituye en el suelo portugués la mas estimable presea del renacimiento plateresco.» (Vol. XXXVI, pag. 465.) Pergunta, porém, se a obra é portugueza e em que se baseiam para o affirmarem.»

Affirma no seguinte volume que as construcções de Lisboa e de Coimbra em tempo do marquez de Pombal são obras de estrangeiros, e termina asseverando que nos ultimos seculos os monumentos architectonicos, tanto d'esta cidade como dos tempos medios, justificam a unidade iberica.

RISTRETTO (BREVE) *della vita e miracoli di S. Gonzalo d'Amarante, portoghese, dell' Ordine de' Predicatori.* Roma, 1672.

RITTER (JOSEPH ——).— Sacerdote de la Compañia de Jesus y doctor en sagrada teologia.

Vida y virtudes de la Serenisima Señora Doña Maria Ana, Reyna de Portugal y los Aljarves, Princesa Real de Hungria y Bohemia, y Archiduquesa de Aus-

tria, etc. Escrita en idioma latino por el padre ——, y traducida al castellano por el padre Joseph Guerra, sacerdote de la misma Compañia y predicador de los del numero de S. M. Católica. Impresa de Orden y á expensas de la Reyna Nuestra Señora (que Dios guarde). En Madrid, en la oficina de Antonio Marin, 1757.

Leben und Tugenden Mariae Annae Königin in Portugall und Algarbien, gebührnen Königlichen Prinzessin in Hungarn und Boheim, &c. Lateinisch beschrieben von ——. In das Teutsche übersetzet von einen Priestern genbersetzet von einen andern Priestern gemelter Gesellschaft. Passau, gedruckt bey Friedrich Gabriel Mangold, Hochfürstl. Hof Buchdruckerern, 1759, in-8.°, 308 pag.

RITTERSHUSIO (NICOLAU ——).

Genealogia Imperatorum, Regum, Ducum, Comitum, praecipuorumque aliorum Proceruin Orbis Christiani. Tubinge, 1664, 2 vol., fol.

Na taboa 23 trata dos serenissimos duques de Bragança, e nas taboas 152 e e 153 dos Reis de Portugal. Obra exacta, e que corre com estimação[1].

RIVERA (D. LUIS ——).

Poesias de ——. Lisboa, typographia da *Revista universal*, 1852, 8.°, IX-114 pag.

Alem de poesias n'um album do poeta portuguez Antonio Xavier Rodrigues Cardoso e no de Lopes de Mendonça, escreveu a seguinte ode *A Camões*, dedicada á ex.ma sr.a condessa del Casal:

Perdóname, poeta, si profano
En rimas di mi lengua castellana,
Tu nombre de los angeles hermano,
Tu inspiracion de lo inmortal hermana.
El genio vive cuando el hombre espira;
Y en los cristales del sonante rio,
Y en la espesura de la humbrosa selva,
Cantando el aura gira
Su nombre por el cóncavo vacio:
Y cuando acabe de estinguirse el hombre
Del mundo envuelto en la bullicioda escoria,
La última luz del astro de su gloria
Reflejará la gloria de su nombre.

Ya las alegres playas de Occidente
No escuchan! ay! al espirar el dia
Tu cantico doliente,
Relámpago feliz de la poesia
En majestad sombria
Saluda el mar tu cuna y tu sepulcro...

---

[1] D. Antonio Caetano de Sousa, *Historia genealogica da casa real portugueza*, vol. I, pag. 212.

Y al agitarse las revueltas olas
Del pielago que brama,
No miran en tropel las banderolas
Del noble vencedor Vasco da Gama.

El genio, donde está? — Porque apagado
El resplendor de su divina antorcha,
No alumbra al mundo con sus rayos de oro?
Ayer orlado con su luz el prado
De Helicona, ostentaba su tesoro
De ricas perlas y sublimes dones.
Tudo acabó! — y el manto de la muerte
Apagó — al cubijar su cuerpo inerte —
La más dulce cancion de sus canciones!

La gloria del poeta está en la tumba —
Nacen los ecos de su fama en ella —
El hombre vive y se escarnece al hombre —
Camões, Milton y Homero habeis llorado
Lagrimas de abandono y amargura...
— Solo queda al poeta desdichado
El amor de su propia desventura! —
Augustas sombras de divina raza,
Dormid, dormid en paz! — bien los desprecios
Tolerasteis del mundo y sus agravios —
Dormid en paz, poetas! —
No temais que las fiestas de los necios
Interrumpam los sueños de los sabios!

Camões! Camões! la vida es un infierno
Cuando la vida la comprende el hombre.
— Amar la dicha y al correr tras ella
Verla desparecer como en el cielo
El lánguido reflejo de una estrella.—
Y esto es vivir! llevar siempre en el alma
La historia de los fieros desengaños,
Y unas tras otras escribir en calma
Las horas de dolor que llaman años
Ay! tu tambien para llorar naciste...
Tu — como yo — la vida has maldecido —
Tu — como yo — llevaste un infierno
En las rotas entrañas escondido.—
Pero cantaste... y al cantar tus penas
En medio la agonia,
Fué tu muerte tu última poesia.

Aguas que en vuestro curso habeis bañado
El fertil suelo di mi patria amada,
Tal vez en Portugal hais escuchado
Su primera cancion enamorada.
No murmurasteis su tranquilo acento?
Su voz enternecida
No llegó hasta vosotras por el viento
Y el aura conducida?
Y no os parasteis á escuchar atentas
Su angelica armonia,
Como el hombre en mitad de sus tormentas.

Escuchó la primera profecia?—
Ay, no!—que indiferentes á sus versos,
Sin comprender la voz de sus cantares,
Arrojasteis sus ecos
Entre las ondas de los roncos mares.
Un presagio tal vez fué vuestra huida!...
El mundo le esperaba—
Su corazon ardiente le llevaba
Á los revueltos mares de la vida.

Amor, amor, ardia en esperanzas
Tu corazon—á un angel adoraste—
Pero al soñar amores,
Tu tambien—como todos—le engañaste.
La dicha, quando jovenes, buscamos,
Corremos trás la gloria y los placeres...
Y todos á la vez nos engañamos...
No hay angeles aqui—aqui hay mujeres!
Debil tu corazon se estremecia
Al recordar las gracias de tu amada—
Maldicion del destino!
Tu, que arrojastes inspirado al mundo
El libro de tu pueblo lusitano,
De amor llorastes en amargo duelo
Por su desden tirano...
No era tu patria el mundo, que era el cielo!

Yo, que he de hacer en mi dolor profundo
Sin el fuego inmortal que Dios inspira?
Seguir indiferente por el mundo—
Mas ya que entre los muertos me confundo,
Rompo á tus piés mi desdichada lira!

A la fuente de las lágrimas. A la ex.ma señora D. Maria de la Conceptcam Ferreira da Silva.

Una idéa, pensamiento!
Alma triste, una ilusion!
Y llevadme por el viento
Con rapido movimiento
A la celeste mansion.

El huracan de la vida
Por mi frente dolorida
Zumba con horrido afan!
Para una idéa querida
Nunca falta un huracan...

Ilusiones, ay! ya han muerto
Sobre este pecho vacio...
Solo queda en el desierto
De su concavo sombrio
Un corazon casi yerto.

Corazon que sin cariño
Y enfermo para adorar,
Solo puede conservar
Algun recuerdo de niño
Y un harpa para cantar.

Cantar! y á quien? A las flores?
Qué ha de cantar á flor
Quien no vé en ella colores;
Quien ha perdido el amor
De la flor de sus amores?.

Clara luz del medio dia
Angelica melodia
De una alta lira inspirada,
Lanzad en mi frente helada
Un pielago de poesia!

Dadme á conocer la lira
Que tiernamente se inspira
Cantando el amor de Inés,
Poeta por quien respira
Un amor que ya no es.

— Aqui fué! — dice una fuente
A cuya limpia corriente
Lágrimas le dieron ser.
Mostrando asi tristemente
El amor y el padecer.

Del alba á los resplandores
Un cedro les presta paso,
Y entre las dormidas flores
Una voz que se oye acaso
Canta lágrimas y amores.

Lágrimas y amores! — si —
El amor es un desvelo,
Que nos eleva hasta el cielo,
Y las lágrimas aqui
Presta al amor consuelo.

A la sombra de ese cedro
Lloraste de amor, Inés —
Ay! no temas, que á tus pies
Viene á rendirse D. Pedro
Con su cetro portugués.

Qué importa el dolor interno
De esta vida transitoria,
Si hizo Dios por tu memoria,
Á tu verdugo un infierno,
Para tu amor una gloria?

Todos cantan tus amores:
El guerrero en sus empresas,
Las damas en sus loores,
Y aun los pobres pescadores
De las playas portuguesas.

Camões, que amaba y sufria,
Cantó y se llevó la palma,
Mostrando en su melodia,
Que si tu le distes alma,
El te regaló poesia.

Mas yo, pobre passajero,
Y en esta tierra extranjero,
Que puedo darle á tu amor?...
Un recuerdo de dolor
En mi suspiro prostrero!

Coimbra, 16 de enero de 1850.

Gaspez ainda, entre outras, a seguinte poesia intitulada *Lisboa:*

Quien es esa encantada
Vision que sobre el rio,
Dueña de su alhedrio
Tan adormida esta?
Adonde va esa fada
Que en caprichoso vuelo
Su frente eleva al cielo,
Sus pies hunde en la mar?

Porqué murmuran lentas
Las aguas vagarosas,
Porqué si el sol declina
La baña de fulgor?
Porqué lanzan su aroma
Los lirios y las rosas,
Suspiros de las bellas
Y emblemas del amor?

Porqué si con su planta
Va destrozando flores,
La fé de sus mayores
Hollá tal vez ahi?
Porqué si nació hermosa,
De su hermosura esclava,
En su indolencia acaba
La fé del porvenir?

Qué hermosa! — Como juega
En su labio la sonrisa!
Tórtola de los valles
Y perla de la mar.
Sobre esta cinta de aguas
Que mansa se divisa,
Perdida en lontananza,
Perdida mas allá.

Sultana de occidente
Que en tu dormido espacio
Remedas un palacio
De magico esplendor
Guardada de las furias
Del viento y las tormentas
Te ries y sustentas
A su feliz rumor.

Siempre sereno y limpio,
Su pabellon flotante
Suelta sobre tu frente
La mano del cenit.
Amada de las luces,
Del oceano amante,
Arbusto del Oriente,
Porqué naciste aqui?

Has escuchado esas voces
Que en las alas del viento van;
Eco de futuros goces,
Dichas que llegando estan?
Es un pueblo que levanta
Su cabeza, y que quebranta
Su tremenda esclavitud!
La humanidad que camina!...
La libertad que fulmina
Del cenit en la altitud!...

ROBERT (CLÉMENCE ——).
Le Marquis de Pombal. In-12.

ROBERT (WHITE ——).
Madeira, its climate and scenery, by ——. 1857.

ROBINSON (J. C.).
The early portuguese school of painting. In-4.°

Catalogue of the special loan exhibition of Spanish and Portuguese ornamental art, Kensington Museum, 1881. Edited by ——. London. Clay, Sons and Taylor, 8.°, 208 pag.

ROBINSON (CAPTAIN ——).
Peninsular War. By ——.

ROBLES (D. RODRIGO DE CARAVAJAL Y ——).
Batalha de Toro. Poema. Limae Iudorum[1].

ROCA (D. AUGUSTIN DE LA ——).
Discurso sobre las Dissertationes Academicas, impresas en Lisboa, que tratan de la venida y predicacion del Apostol Santiago en España. Madrid, sem data.

ROCCA (LUIGI ——).
All' Augusta Regina di Portogallo Maria Pia, in morte del Principe Odone. Carme. Torino, 1866, 8.°, 2 folhas.

Donna Regal perdona
Se del tuo lutto amaro
Questo mio carme ancora oggi ragiona!...
Egi era a Noi si caro
Il giovin Prence, e a Te vive costretto
Con si possente affetto,
Che l'udirne ridir le miti impresse
Sempre fia dolce all' alma tua cortese.

ROCHEL (FILIPPE ——).— Jesuita.
Panegyricus D. Francisco Xaverio ductus. Tyrnaviae, 1769.

ROCHETTE (L. S. DE LA ——).
A Chart of the coasts of Spain and Portugal, with the Balearic Islands and part of the coast of Bombay. London, 1779.

ROCOLES (J. B.).
De la fortune marastre de plusieurs princes et grands seigneurs de toutes nations, depuis environ deux siècles.

Falla de Montezuma, Rei do Mexico; de Atalalipa, Rei de Cuzco, pag. 74 a 78; de D. Sebastião, Rei de Portugal, pag. 184 a 186; de Miguel de Vasconcellos (ministro de estado em Portugal), de pag. 229 a 230, e do duque de Caminha, de pag. 231 a 232.

ROEDER (MARTIUS ——).
Publicou Martius Rœeder na *Gazeta Musical*, de Milão, em os numeros 4 e 18 de março de 1877 o retrato e uma honrosissima biographia do fallecido compositor portuguez Joaquim Silvestre Serrão.

---

[1] Nicol. Ant., *Bibliot. Nova*, vol. II, pag. 262.

E dá-se, pois, o caso, de que este é desconhecido em Portugal, ao passo que na Italia é considerado como compositor de musica sacra.

Nasceu em Setubal, em 16 de agosto de 1801, e morreu na ilha de S. Miguel a 20 de fevereiro de 1877.

ROEMER (JOANNES JACOBUS ——).
Scriptores de plantis Hispaniae et Lusitaniae. Nuremberg, 1796.
Encontram-se n'esta obra:
Domingos Vandelli: *Fasciculus plantarum cum novis generibus et speciebus.*
Do mesmo auctor: *Florae lusitanicae et brasiliensis specimen.*
Cartas de Lineu e de Haen a Vandelli.

ROI (LE ——) DE PORTUGAL, *conte, suivi des Deux Achilles, conte dédicatoire, et d'une épitre au Juif Herschel.* 1788, 8.º, 1 vol., 160 pag.

ROJAS (JUAN LUIS DE ——).
Relaciones de algunos successos postreros de Berberia. Salida de los Mouriscos de España e entrega de Alarache. Dirigidos á Don Fernando Mascarenhas, Caballero de la Orden militar de Christo.

«Trata largamente de Ceuta e das façanhas do marquez de Villa Real, de D. Affonso de Noronha e outros sustentaculos da gloria portugueza de Africa, onde até mais tarde luziu o astro do puro, nobre e desinteressado portuguez, convertido na Asia em cobiça sanguinaria de mercadores — Alexandre Herculano, *Advertencia preliminar* aos *Annaes de D. João III*[1].

ROMAN FREI (ANTONIO DE SAN ——).
Jornada y muerte del Rey D. Sebastian de Portugal. Valladolid, 1603, 4.º peq.
Historia general de la India Oriental. Los descubrimentos y conquistas que han hecho las armas de Portugal y nel Brasil, y en otras partes de Africa y de la Asia, y de la dilatacion del Evangelio por aquellas grandes provincias desde sus principios hasta el año de 1557. Valladolid, por Luis Sanchez, 1603, in-fol.

ROMAN (FR. JERONYMO ——). — Da ordem dos eremitas de Santo Agostinho; chronista da casa de Bragança.

Historia da Serenissima Casa de Bragança, na qual comprehende muita geneologia, e a ascendencia do conde D. Nuno Alvares Pereira, manuscripta.

Vi a copia, que tem o duque do Cadaval, tirada da que se conserva na bibliotheca regia; o mesmo auctor, nas obras militares d'este reino, de Alcobaça e Santa Cruz, trata de muitos commendadores, dos quaes tem feito, em muitos volumes, larga e exacta menção, Manuel Coelho Velloso, secretario da Mesa da Consciencia e Ordens[1].

ROMANCE COMICO, *en que un leal vasalo da cuenta á la Reyna Nuestra Señora de lo que ha sucedido desde que sus Majestades se ausentaron de la Corte, hasta la feliz victoria conseguida de las Catolicas armas en Villa Viciosa;*

---

[1] Camillo Castello Branco, *Narrativas*, vol. II, pag. 41

y juntamente glosada la respuesta que el Rey nuestro Señor dió al Excelentissimo Señor Marquès de Valdecañas, diciendo que sus armas no habian vencido, sino el Bravo poderoso de Dios.

Guerra da successão.

Bibliotheca publica de Lisboa.

ROMANCE CURIOSO *en elogio del Rey Nuestro Señor Don Felipe Quinto (que Dios guarde), en titulo de Comedia. Compuesto por una Señora de esta Corte.*

ROMANCE DE LOS CIEGOS *de Madrid á nuestro Rey y Señor Don Felipe Quinto (que Dios guarde muchos años).*

ROMER (I. I.).

Scriptores de plantis Hispanicis, Lusitanicis, Brasiliensibus. Nurembergae, 1796, 8.°, 184 pag.

RONCESVALLES (SANTA MARIA DE ——).— Na Navarra.

Corre como tradição que a Rainha Santa Izabel visitára em romaria este celebre sanctuario, e que n'elle se conserva ainda hoje um manto de seda encarnado, bordado por suas proprias mãos[2].

RONDINA (F. X.).

A Divindade de Nosso Senhor Jesus Christo reivindicada contra Ernesto Renan; discurso do padre ——, recitado na Sé de Macau; com additamentos e notas pelo mesmo. Offerecido ao ex.mo e rev.mo sr. José Luiz Alves Feijó, bispo eleito de Macau. Macau. Na imprensa do seminario diocesano, 1864, 4.°, 61 pag.

Pio IX perante a revolução. Discurso recitado na Sé de Macau pela occasião de se solemnisar o 25.° anno do Pontificado de Pio IX. Por ——. Com additamentos e notas do auctor. Offerecido pelo mesmo ao Ill.mo Leal Senado. Macau, 21 de junho de 1871. Typographia Mercantil, 4.° peq., 40 pag.

ROQUEFORT (E. MOUGINS ——).— Conseiller de la Cour Impériale d'Aix, membre du conseil général du département des Alpes maritimes.

Histoire chevaleresque du Portugal. Paris, 1862, 8.° de xv-156 pag.

ROSENKRANZ (K.).

Handbuch einer allgemeinen Geschichte der Poesie. Halle, 1832, 1883. 3 vol. 335, 282, 444 pag., in-8.°

(Vol. III. *Geschichte und ihre Geschichte. Eine Entwicklung der poetischen Ideale der Völker.* Konigsberg, 1855, XVIII-775 pag., in-8.° Cant. III. *Das Romanische Ideal der Ritterlichkeit,* pag. 616 a 623. *Die Portugiesen und Camoens.)*

ROSSELL.— Actor comico hespanhol.

Recitou no theatro dos Buffos, em Madrid, em uma occasião que n'aquella

---

[1] D. Antonio Caetano de Sousa. *Historia genealogica da casa real portugueza,* vol. I, pag. 210.

[2] Madoz, *Dicionario geográfico de España,* vol. XIII.

cidade obsequiaram os nossos compatriotas que alli tinham ido, as seguintes coplas:

A San Isidro
de Portugal
vienen personas
de calidad,
y en la pradera
les vi comprar
muchas rosquillas
de Fuen Labrá.

Somos hermanos
y es natural
que hoy estrechemos
nuestra amistad,
porque supimos
los dos luchar
por nuestra patria
y la libertad.

Al gran Camoens
se admira aca,
como á Cervantes
el Inmortal.
Vaya un aplauso
para acabar
á los hermanos
de Portugal.

ROSSI.

Frei Luiz de Sousa.

Foi representado no theatro do Gymnasio pela companhia Rossi na noite de 27 de janeiro de 1884.

A distribuição foi a seguinte:

Manuel de Sousa	Rossi.
Magdalena de Vilhena	A. Brignone.
Maria	Belli-Blanes.
Fr. Coutinho	P. Viscardi.
Um Peregrino	G. Brizzi.
Elmo Paes	E. Cassini.
Prior de Benfica	V. Andreani.
Um Leigo	Maillard.
Miranda	Pisani.

Houve applausos.

ROSSI (JACQUES THOMAS DE ——).— Jesuita, napolitano.

Lettera del P. Giacomo Tommaso de' Rossi della Compagnia di Gesù, scritta a 12 Ottobre l' anno 1741, dal Madurè ai Padri N. N., che contiene un insigne miracolo di San Francesco Saverio. In Palermo, nella stamperia de Giuseppe Gramignani, 1743, in-8.°

Vierter Brief R. P. Jacobi da Rossi, S. J., an seinen Brudern P. Salvatorem de Rossi, S. J., geschrieben zu Madura, den 29 Heumonats 1738. Inhalt Verschiedene Gnaden, die Gott denen Christen durch die Fürbitt der seeligsten Jungfrau und des H. Francisci Xaverii ertheilet hat.

Fünfter Brief R. P. Jacobi de Rossi, S. J. geschrieben an einen Priester der nähern Gesellschaft, nach Rom, aus dem Reich Madura, den 20 May 1739. Inhalt

P. Rossi erzehlt, wie viel er verflossenes Jahr getauffet, und Beicht gehöret. Die Andacht deren Indiadern in Madura gegen der Matter Gottes, den Heil. Franciscum Xaverium, und V. P. Joannem de Britto. Den Zustand eines Apostolischen Arbeiters in dieser Mission, pag. 15 a 17.

ROSSI (TOMASO ——).—Patrizio di città di Castello

A Sua Altezza Reale D. Isabella Maria di Braganza e Borbone per il regio sangue e per le più specchiate virtù chiarissima che si compiacque assistere la donzella Brigida Rossi, quando il giorno 5 giugno 1864 vestiva l' abito religioso nel nobile monostero delle Domenicane di S. Caterina da Siena in Roma, prendendo il nome di Maria Domenica, il Padre della donzella —— dedica questa poesia allegrandosi del bel destino della sua figlia amantissima. In-4.°, uma lauda.

. . . . . .

Tre volte benedetta!
Che da questo atro vortice d'affanni,
Siccome un Angioletta,
In alto spieghi intemerata i vanni,
E ascosa in sacro velo
Sparisci al mondo e ti avvicini al Cielo.

. . . . . .

ROTUREAU.—Membre de la société d'hydrologie médique de Paris.

Quando trata na sua obra ácerca de Portugal, das principaes aguas mineraes, sómente descreve os banhos de Lisboa como puramente hygienicos.

ROUFFEYRAUX (LÉONCE DE ——).

Le Portugal. Paris, 1880. In-8.° gr. Librairie Dentu, 289 pag.

ROURE (CONRAT ——).

Na obra impressa no Porto em 1883, *Scintillações e sombras*, appareceu esta poesia intitulada: *A Camões:*

Mana Deu al poeta: «Canta e plora;
La gloria vé després del sofriment;
al pit tinch un' urna hont à tot hora
las llagrimas del triste hi van cayent.»

Lo poeta obeheix. Al temps que canta,
en cristalls lo seu plor surt convertit,
y va cayent com una pluja santa
en l' urna que Deu guarda dintre 'l pit.

Y transformat alli en milions d'estrellas,
per la volta del cel l' escampa Deu.
Quan més plora 'l poeta, més son ellas,
y van brillant las llagrimas arreu.

No sé, Deu meu, com en lo cel s' hi nota
un sol espay sense gentils clarors!
Pera inundar del cella volta tota,
han de bastar de Camoens tants de plors!

Barcelona.

ROUSSEAU (JOSUÉ ——).—Imprimeur.

Ensaio da arte grammatical portugueza e franceza, para aquelles que, sabendo a lingua franceza, querem aprender a portugueza. Lisboa, na officina de Antonio Pedroso Galvão. 1705, in-4.º de 8-176 pag.

Este auctor, no prologo, diz o seguinte com relação a si: «Eu, na imitação de Zenon, tendo perdido o que me restava na frota onde o senhor de Walstain, embaixador do imperio, foi aprisionado dos francezes, me fiz grammatico.»

Esta grammatica tem uma dedicatoria ao marquez de Fontes, D. Rodrigo Pedro de Sá e Menezes.

Histoire (L') de Portugal et des Algarves, qui contient ce qui s'est passé de plus considérable dans ces deux royaumes depuis que Tubal y amena les Colonies, jusqu'à la mort du Cardinal Roy Don Henri; par ——, qui a orné son ouvrage des figures des Rois de Portugal, d'une carte géographique et de quelques remarques, dont la principale est l'établissement de l'inquisition dans Lisbonne. Dans Amsterdam, chez l'auteur, demeurant dans le Goudt-bloem-straat, in de glaze, maakers gang, 1713, in-4.º[1]

O estylo d'esta historia é o que n'ella encontrámos de mais notavel. É tão avelhado, que se o auctor tivesse de idade dois ou tres seculos, poderiamos suspeitar que a teria composto em idade bem tenra. O estylo de que fazemos uso actualmente, parece insupportavel ao sr. Josué Rousseau, o qual tem bastante cuidado de informar a tal respeito o benevolo leitor *(bienveillant lecteur)*, n'um prefacio tão curioso, quanto o é o proprio livro. Dá a este prefacio o nome de *Prologo*, porque diz respeito á *Historia de Portugal* «como um tecido de acções tragicas».

«Emquanto ao meu estylo de escrever em lingua franceza, diz elle, eu te declaro, benevolo leitor, que a tinha começado em estylo ordinario; mas, quando a tornei a ler, achei-a n'uma tal confusão e tão afastada das quatro regras grammaticaes, que minha vontade ficou suspensa. Considerei em primeiro logar, que, se escrevesse esta historia em deformidade do estylo ordinario, uma quantidade de pessoas, que não têem erudição e que estão acostumadas a este mesmo estylo, enfadar-se-iam da leitura, desapprovando-o; mas veiu-me depois ao pensamento que este estylo commum está todos os dias sujeito a mudanças, e que pouco importaria que elle desagradasse ás pessoas não letradas, contanto que os grammaticos o approvassem. Porque se podessemos uma vez sujeitar o estylo de escrever ás leis da grammatica, ficaria fixo, assim como o grego litteral e o latim, emquanto esteve sujeito ás vicissitudes do vulgar.

«Continuando, pois, n'este pensamento, principiei a purifical-a dos erros communs á medida que se imprimia esta historia, continuando-a assim até ao fim; eis o motivo por que não é uniforme por toda a parte.»

Parece que, com effeito, compondo a primeira parte, que termina no nascimento de Jesus Christo, não tinha ao principio procurado ornar seu estylo com as graças que depois procurou ajuntar-lhe, e que só têem toda a sua perfeição na segunda parte e na terceira. O franco gothico mana um tanto em maior abundan-

---

[1] Vem esta apreciação da *Historia de Portugal* de Rousseau, no *Journal des Savans*, a pag. 188, do anno 1715.

cia da fonte, n'estas duas partes. A segunda comprehende o que os romanos, os godos e as outras nações do norte fizeram em Portugal até ao tempo do conde D. Henrique.

Começa por estes termos: «A paz derramava em flocos suas benignas influencias sobre todo o universo no anno em que o Redemptor do genero humano nasceu; Octaviano Augusto mandou fechar o templo de Juno (o que então foi pela terceira e ultima vez), por uma alegre demonstração d'essa tranquillidade universal, da qual participou durante o resto de seus dias, n'uma nobre felicidade. Gosavam então os portuguezes tambem das graças que esta bemaventurada filha do Céu prodigalisava então nas provincias portuguezas, que tinham sido interrompidas, pelo estimavel apreço da honra, que se adquire no campo de Marte, quando se combate a favor da liberdade de sua patria. Mas todos seus esforços foram vãos, pois não se poderam livrar de ser subjugados pelos romanos...

«Embora, porém, fossem subjugados, o senado romano os deixava viver em repouso, com o fim de os conservarem com poucas despezas debaixo do seu jugo. Sendo assim, a escravidão em que elles se encontravam, abrandada pela mansidão de Quadratus e de Titus Flavius Claudianus, legados de Augusto, que estavam então na Hespanha, lhes era respeitavel...

«No anno decimo quinto, a morte, diligente escrava de Atropos, foi a Roma fechar as palpebras ao Imperador Augusto. A republica portugueza com isso ficou dorida, e para manifestar sua dor assignalou-se com pompas funebres, quasi tanto como em Roma.»

A terceira parte abrange a continuação do dominio romano e godo; a invasão dos mouros e sua derrota; a historia dos Reis que os expulsaram e a dos successores d'estes principes até á morte do cardeal Rei D. Henrique.

A respeito d'esta morte o sr. Josué Rousseau exprime-se assim: «A morte, que viu a inquietação em que o Rei cardeal se tinha abysmado por excessiva ambição mundana, veiu sem demora desatolal-o. Significou-lhe, pois, apesar d'elle estar muito inquieto, que sendo curto o tempo do seu reinado, como o era, com effeito, ella lhe concedia um pouco de praso com o fim de poder acabar de discutir seus negocios emmaranhados; ella, porém, zombou d'elle, e o tratou do mesmo modo como trata aos outros humanos, a fim de abrir para o povo um caminho seguro para se desembaraçar de um Rei actualmente irresoluto, pois elle não tinha procedido até então senão por meio de irresoluções inquietantes, em detrimento dos bons conselhos que lhe suggeria...»

As observações chronologicas que acompanham o texto chamam-se na linguagem do sr. Rousseau *Noticias chronicaes*. É um pequeno amontoado de occorrencias acontecidas em outras partes, mas não em Portugal. Eis a primeira d'estas noticias, e servirá para dar idéa das outras:

«Durante o tempo d'esta primeira epocha, Melchisedec mandou construir a cidade de Jerusalem, durante o reinado de Tubal (em Portugal) e um pouco depois Semiramis mandou edificar os muros de Babylonia. Noé morreu na Italia, o qual n'este paiz inventou, antes de morrer, as fechaduras para fecharem com segurança as portas. Vesta, que era a mulher d'elle, instituiu a ordem das Vestaes. Abrahão florescia durante o reinado de Brigo. As Amazonas tornaram-se notaveis. Phaeton foi á Italia, e depois de lá estar occorreu uma sécca tão grande, que forneceu ensejo aos poetas para inventarem uma fabula. O Rei de Salem morreu durante o reinado de Beto. Durante todos estes mencionados annos, Mel-

chinade morreu, no qual estava o summo sacerdocio, que passou a Jacob, porque Esaú se tinha tornado indigno d'elle. Jacob servia a Labão durante o reinado de Gerião.»

Nosso impressor conta a seu modo, no fim de suas *Noticias chronicaes*, o estabelecimento da inquisição no reino de Portugal. «No tempo em que, diz elle, se estabelecia na Hespanha, havia na côrte de D. Fernando um mancebo, bem disposto, por nome Saavedra, natural de Cordova, o qual tinha uma incomparavel facilidade em contrafazer a letra de outrem. Subtrahia algumas vezes cartas a seus amigos, imitava-as, e depois de estarem imitadas ficava com o original e entregava as que tinha imitado. Recebiam-as elles, e liam-as sem desconfiarem de que ellas eram escriptas por uma outra mão. Depois de ter assim varias vezes experimentado sua destreza, fez diligencia para saber como o nuncio de Roma, que estava então na côrte de Hespanha, expedia as bullas e breves apostolicos. Quando o soube perfeitamente, communicou seu projecto a alguns mancebos seus amigos, o qual era contrafazer as bullas selladas em Roma, e ir a Portugal, na qualidade de Nuncio do Papa, para alli estabelecer um tribunal de inquisição. Approvaram elles o projecto, e offereceram-se para o acompanharem. Quando tudo esteve prompto, o falso nuncio partiu, devidamente trajado, e lá chegou. Depois de lá ter chegado com vestes de nuncio, lá foi recebido sem difficuldade. Manifestou suas patentes ao Rei e ao clero de Lisboa, que foram tidas por verdadeiras, e d'elle teve para hospedagem uma casa situada perto da Ribeira, onde presentemente está a alfandega. Depois de residir n'aquella casa, mandou prender uma grande quantidade de judeus, e mandou processal-os em conformidade com o tribunal de Hespanha. Estava prompto para celebrar em publico um auto de fé, quando o Papa Innocencio III, que já estava advertido do que se tinha passado, mandou ordem a D. João III, Rei de Portugal, para que mandasse prender Saavedra como impostor, até que elle desse outras ordens. Foi, pois, preso em Lisboa, e d'alli remettido para Roma, onde foi condemnado ás galés. Porém este castigo foi modificado, continúa o impressor, por isso que o crime commettido era em beneficio da jerarchia romana.

«O Papa Pio enviou Luiz Lipomano, na qualidade de nuncio, ao Rei de Portugal, para occupar o logar de Saavedra. Logo que chegou a Lisboa mandou continuar os processos que Saavedra tinha principiado a instaurar, sem innovar cousa alguma na maneira como tinha começado. O Rei D. João proveu então D. Henrique, arcebispo de Braga, no cargo de inquisidor geral, e mandou fazer prisões e seu auto de fé no anno de 1540, ao qual o Rei e os prelados assistiram.»

Algumas estampas, toscamente gravadas, acompanham esta observação. Os pretendidos retratos dos Reis de Portugal, não são de mão mais delicada, bem como as vinhetas. Tudo isto é do mesmo gosto que o estylo. A respeito do mappa de Portugal, que precede o volume, é assás bem executado. Os caracteres que o sr. Josué Rousseau empregou na impressão são perfeitamente bellos, e nada falta a que, na qualidade de impressor, não passe por um bom artista.

ROY (ALEXANDER ——).

La Maison de Bragance. Paris, Edouard Vert, imprimeur, in-8.º de 29 pag.

ROY (M.).

Illustrations de l'Histoire d'Espagne et du Portugal. Limoges, 1843, 8.º

ROYAUMES (LES) *d'Espagne et de Portugal, divisés par grandes provinces, colorés avec une belle cartouche.* 0m,30 × 0m,44.

ROYAUMES (LES) *d'Espagne et de Portugal, divisés par grandes provinces, dressés sur les observations astronomiques.*

ROYAUMES (LES) *de Portugal. Par le Sr. Bellin.* Venise, chez sc. Paris 1776.

ROYER (ALPHONSE ——).
Histoire universelle du Théâtre. Par ——. Paris, 1869, 6 vol.
A *Historia do theatro portuguez* apparece no vol. II, de pag. 263 a 312.

ROZALES (UZIAU ——).— Portuguez.
Panegyrico ao Excellentissimo Senhor Tristão de Mendonça Furtado, digno Embaixador em os Estados de Flandres, pela Magestade Serenissima de El-Rei D. João IV de Portugal. Por ——. Em Amsterdam, impresso por mandado de Mosseh Belmonte, em casa de Paul Matheus, a 2 de Mayo. Anno 1641.
É em verso.

RUDERS (C. J.).
Nagra anmärkningar öfver Portugall. Stockholm, 1803.
Portugisisk resa beskrifern i bref til Vänner. Stockholm, 1845.

RUE (DR. MR. DE LA ——).
Novo methodo de grammatica para aprender com perfeição e ainda sem uso de mestre, a lingua franceza, e de algum modo a portugueza. Pelo ——. Lisboa, na officina patriarchal de Francisco Luiz Ameno. 8.°, 320 pag.

RUNKEL.
Traduziu para lingua ingleza o poema dramatico *Camões,* de Staffeldt, original em dinamarquez.

RUSCALLA (VEGEZZI ——).
Il Giodeo portoghese, per ——. Torino, 1852.
É a vida do celebre comico portuguez Antonio José da Silva, auctor de muitas comedias notaveis, e a quem a Inquisição mandou queimar em 19 de outubro de 1739.

RUY DE PINA.
«Muito poucas nações, ou antes nenhuma, nos seculos XV e XVI causou maior espanto por seus feitos heroicos; nenhuma fez brilhar tanto a sua nacionalidade; nenhuma mostrou a coragem, energia e independencia, que caracterisou este pequeno canto da Europa. Então, abençoado por Deus, ousou, com a cruz n'uma mão e a espada na outra, levar o pharol da civilisação e o balsamo da fé a nações desconhecidas e barbaras, adquirindo d'est'arte novos florões para as corôas dos seus monarchas.

«E com rasão se chama ao seculo XV a epocha heroica da historia de Portugal, assim como ao XVI a idade de oiro da lingua portugueza. No primeiro d'estes seculos vemos apparecer gloriosa a espada de um Affonso V, gravando em caracteres indeleveis o nome portuguez sobre os muros ensanguentados de Arzila e Tanger, com o que mereceu á historia o appellido de *Africano*.

«Em seguida, a imprensa, que apenas se achava na sua infancia, começando a publicar importantissimas composições em prosa! A poesia tomando um caracter singelo, terno e apaixonado! Um sabio infante soltando dos labios um sublime *fiat lux*, e do immenso dedalo da nossa legislação formar-se o primeiro corpo systematico de leis!

«No reinado de D. Manuel, finalmente, Portugal, rico, feliz e poderoso; é então que Duarte Galvão e Ruy de Pina publicam as suas *Chronicas*, que as letras e as artes florescem, que o celebre Vasco da Gama descobre a India, e Portugal se enriquece com o commercio do Oriente!

. . . . . .

---

[1] Encontram-se, infelizmente, nos escriptores das outras nações, numerosas provas da pouca importancia litteraria que se nos attribue. Um exemplo bem frisante achâmos na *Encyclopedia moderna*, começada a publicar-se em Paris em 1830, debaixo da direcção de Mr. Léon Renier. Ahi vemos que, sendo bem longos os artigos sobre a historia litteraria e a historia politica dos outros paizes, os que nos dizem respeito são relativamente os mais curtos e mais deficientes, acrescendo alem d'isto a circumstancia de serem todos escriptos por Mr. Léon Vaisse, o qual, por uma raridade increditavel, se dedicou a estudar os annaes tão abundantes e variados do nosso Portugal.

Mencionaremos tambem o *Curso de litteratura moderna*, de Eduardo Menechet, publicado depois da sua morte, em 1848, o qual, constando de quatro volumes, apenas consagra trinta e tres paginas á nossa litteratura, e n'ellas falla somente de Miranda, Ferreira e Camões. Um Bouterwek, um Ferdinand Denis e um Schaefer apparecem raras vezes e tambem um Sismondi.

S

C'est dans l'architecture navale que les portugais se sont toujours distinguées, et il faut avouer que si leurs architectes ne sont pas supérieurs, ils ne sont pas non plus inférieurs à ceux d'aucune autre nation; aussi tous les connaisseurs étrangers et nationaux s'accordent-ils à dire que les vaisseaux portugais sont remarquables, surtout par l'élégance de la coupe, la solidité de la construction et la célérité de leur marche.

Balbi, *Essai statistique*, vol. II, pag. 211.

S. * * *

Voyages de France, d'Espagne, de Portugal et d'Italie. Amsterdam, 1770, 8.° 4 vol.

S. P.

The Portugal history: or a relation of the troubles that happened in the Court of Portugal in the years 1667 and 1668. Lisbon, 1677, 8.°, 1 vol. 347 pag.

S. Z. B.

Parecer de un buen español sobre una question interesante. Cadiz, imprenta patriotica, 1813, fol.

«Começa assim: «Se trata de si conviene poner al frente de la regencia de España á la Señora Doña Carlota Joaquina, Princeza del Brasil.»

O auctor favorece esta opinião.

SÁ (DON ANTONIO DE AZEVEDO Y ——). — Portuguez.

Sermones del D. F. Francisco Fernandez Galvan, Arcediano de Cerbera en el Arzobispado de Braga. Los quales contienen desde el ultimo Miercoles de Ceniza, hasta la Dominica de la Octava de Pascua. Traduridos de lengua portuguesa en castellana, por ——. Con licencia. En Barcelona, en casa de Sebastian Matevad. A costa de Juan Simon, mercader de libros. Año 1615, 4.°, 185 folhas.

SAARS (JOHANN JACOB ——).

«Sir Emerson Tennent faz menção de Saars como auctor de uma relação allemã da campanha em que Colombo foi tomada[1]».

SAAVEDRA (D. HERNANDO DE MOLINA Y ——).

Epistola apologetica a D. Felipe el Grande contra el parecer de cierto ministro consultado por S. Magestad sobre la recuperacion de Portugal. Colonia Agrippina, 1650, 4.°

SABRAN (LUIS ——).—Natural de Londres.

Sermon prêché à Londres, 1687 lors de la fête de Saint François Xavier. Imprimé à Londres, 1687, in-4.°, 39 pag.

SACRA RITUUM *Congregatione Ex.mo et Rev.mo D. Card. Origo Meliapuren. Beatificationis seu Declarationis Martyrii Ven. Servi Dei Ioannis de Brito Sacerdotis Professi Societatis Jesu. In odium Fidei a Regulo Marava interfecti. Positio super, dubio an sit signanda Commissio Introductionis Causae in casu, et ad effectum de quo agitur.* Romae, 1714. Typis Reverendae Camerae Apostolicae. Fol., 10 pag.

Summarium super Introductione Causae et Signatura Commissionis. In-fol., pag. 51.

Animadversiones R. P. D. Fidei Promotoris super Dubio; an signanda Commissio introductionis Causae in casu, etc. In-fol., pag. 4.

Responsio ad Animadversiones R. P. D. Fidei Promotoris super Dubio an sit signanda Commissio introductionis Causae in casu, etc. Fol. pag. 20.

Summarium additionale super Dubio an sit signanda Commissio Introductionis Causae in casu, etc. In-fol., pag. 11.

Sacra Rituum Congregationis Ex.mo et Rex.mo Card. S. Clementis Meliapuren. Beatificationis seu Declarationis Martyrii Ven. Servi Dei Joannis de Britto Sacerdotis Professi Societatis Jesu. Secunda positio super dubio an constet de Martyrio, et causa Martyrii; nec non de Signis, seu Miraculis in casu et ad affectum de quo agitur. Romae, 1744, ex typographia Rev. Camarae Apostolicae, Fol., 18 pag.

São as novas *Animadversiones R. P. Fidei Promotoris super dubio an constet de Martyrio et causa Martyrii in casu et ad effectum, etc.*

Responsio ad Novas Animadversiones R. P. Fidei Promotoris, super dubio, etc. Pag. 114.

Aliae Animadversiones R. P. Fidei Promotoris super dubio, et de quibus Signis seu Miraculis constet in casu et ad effectum, etc. Pag. 11.

Responsio ad Alias Animadversiones R. P. Fidei Promotoris super dubio an, et de quibus signis, etc. Pag. 68.

Summarium additionale super dubio an, et de quibus signis, etc. Pag. 10.

Consilia Medico-Phisica (sic) *in sensu veritatis de mandato Eminentissimi Ponentis tradita ab Alexandro Pascoli archiatrorum in Vrbe Collega consiliario, et in archigymnasio Romano praxis medicae professore primario.* Pag. 23.

---

[1] Tolbort, *Auctoridades para a historia dos portuguezes na India.* No *Instituto Vasco da Gama* Nova Goa, 1874, pag. 136.

O processo foi interrompido e continuado em 1851. O padre Joseph Boero, postulador das causas da beatificação e da canonisação, continuou com ardor e levou a bom termo este processo tão importante para os ritos malabares, que encontram sua justificação na beatificação do veneravel João de Brito.

Sacra Rituum Congregatione Ex.mo et Rev.mo Domino della Genga. Meliapuren. Beatificationis, seu declarationis martyrii Ven. Servi Dei Joannis de Britto Sacerdotis Professi Societatis Jesu. Prima Positio super dubio an constet de Martyrio et causa Martyrii; necnon de signis seu miraculis, in casu, et ad effectum, de quo agitur. Romae, 1851. Ex typographia Josephi Brancadoro, in-fol., 36 e 324 pag.

Secunda Positio super dubio an constet de Martyrio et causa Martyrii, nec non de signis seu miraculis, in casu et ed effectum, de quo agitur. Romae, 1851. Ex typographia Josephi Brancadoro, in-fol., 245 pag.

Novissima positio super dubio an constet de Martyrio et causa Martyrii, nec non de signis seu miraculis in casu et ad effectum de quo agitur. Romae, 1851. Ex typographia Brancadori, in-fol., 7 pag.

Novissimae animadversiones R. P. Promotoris Fidei super dubio an constet de Martyrio et de causa Martyrii in casu, etc. Pag. 19.

Responsio ad novissimas animadversiones R. P. Promotoris fidei super dubio an constet de Martyrio et de causa Martyrii, nec non de signis seu miraculis in casu, etc. Pag. 32.

Summarium additionale. Pag. 6.

Votum quod super quatuor miraculis pro veritate ferebat Joseph de Matthaeis publicus medicinae professor in Romana Universitate, ex Archiatrorum Collegio. Pag. 5.

Informatio super dubio an constet de Martyrio et causa Martyrii, nec non de signis seu miraculis. Romae, 1851. Ex typographia Josephi Brancadoro, in-fol., 9 pag.

Positio super dubio, an stante approbatione Martyrii et signorum Tuto procedi possit ad solemnem V. S. D. Beatificationem? Romae, 1851. Ex typographia Josephi Brancadoro, in-fol., 10 pag.

O padre Boero lavrou, emfim, os decretos: do *Martyrio*, datado de 29 de outubro de 1851; do *Tuto*, datado de 17 de fevereiro de 1852; da *Beatificação*, datado de 18 de maio de 1852, e compoz o officio do beato João de Brito.

Lettre du P. Lainez, supérieur de la mission du Maduré, aux Pères de la Compagnie, traduite du portugais, sur la mort du vénérable Père Jean de Brito. Le 10 Février. Nas *Lettres édifiantes et curieuses.* Paris, 1839, in-8.º, tomo II, pag. 249-257.

Traduzida para allemão no *Weil Bott* do P. Stöcklein, tomo II, n.º 57, pag 88 a 96. *Brief R. P. Francisci Lainez S. J. an gesamte Missionarios in Madurá, geschrieben allda den 10 Febr. 1693. Von dem Helden muthigen Tod V. P. Joannis de Britto e S. J. so den 4 Febr. 1693 um des Glaubens willen ist hingerichtet werden.*

Illustre certamen R. P. Joannis de Britto e Societate Jesu Lusitani, in odium Fidei a Regulo Maravae trucidati, quarta die Februarii 1693. Autore R. P. Joanne Baptista de Maldonado, Societatis Jesu. Antuerpiae, apud Petrum Jouret, 1697, in-4.º, 50 pag.

SAGGIO *di Storia Americana do P. Ph. S. Gilii.* Serie I, pag. 337.

Encontra-se:

Descriptio cursus fluminis, cui nomen Orinoco domini Surville ad minores mensuras redacta.

É obra do jesuita portuguez Eusebio da Veiga, fallecido em Roma no anno de 1798.

Descriptio cursus fluminis nomine Madalena.

Foi estampada na *Perla Americana* do padre Antonio Julian, serie VI, pag. 243.

SAGNIER (HENRI ——).

Diz o *Jornal do Commercio,* n.º 7:408, que este escriptor francez tem publicado trabalhos notaveis sobre a estatistica agricola, tanto de Portugal como da Hollanda.

SAIGNE (LUCIEN DE LA ——).

Le Portugal historique, commercial et industriel, par ——. Paris, A. Levy, libraire éditeur, 4.º, V-83 pag.

É dedicada esta obra a Sua Magestade El-Rei D. Luiz.

«... Como se vê, Portugal tem em tudo uma grande prioridade sobre a Hespanha, mórmente considerado pelo lado historico, pois já estava livre dos sarracenos, e possuia seus limites naturaes muito tempo antes que a Hespanha houvesse libertado seu solo do jugo mahometano.

«... Que povo occupa um logar mais glorioso nos fastos da idade media, do que o que, durante mais de dois seculos, conquistou uma multidão de ilhas, dictou leis nas margens do Ganges, fundou na India cidades immensas e feitorias, cobriu com seus numerosos navios todos os mares, e repartiu com a nação hespanhola immensas regiões, das quaes um Papa marcava os limites?»

SAINT-HILAIRE (AUGUSTE ——).

Voyage dans les provinces de Rio de Janeiro et de Minas Geraes. Voyage dans le district des diamants et sur le littoral du Brésil. Paris, 1830 a 1833, 4 vol.

SAINT-LO (ALEXIS DE ——).

Relation du Voyage de Cap-Verd, par le R. P. ——, Capucin. A Paris, chez Fr. Targa, 1637, in-8.º

«Volume raro. Foi publicado por Bernardim de Renouard, o qual collaborou na sua redacção. O auctor morreu em Rouen, no anno de 1658[1]. Vale 25 a 30 francos.»

SAINTE BARBE.

Escreveu um livro ácerca de Camões.

V. *Diario de noticias* de 5 de março de 1880.

---

[1] Deschamps et G. Brunet, *Supplément au Manuel du libraire de Burnet,* vol. II, pag. 563.

SAINTE MARTHE.

A Genealogical History of the Kings of Portugal. Written in french by Scevole and Louis de Sainte Marthe. 1623. Rendered into english and continued by Fr. Sandford. London, 1662, fol.

SAINCTONGE (GILLOT ——).

Histoire sécrète de Don Antoine, Roy de Portugal. Paris, au Palais, chez Jean Guignard, 1696, in-8.°

SALA (ORATIO ——).

Vita del P. Amadeo de Portogallo, Min. Osser. di S. Francesco. Milano.

SALANIO (LUSITANO ——).

Discursos politicos y militares en la vida del Conde D. Nuno Alvares Pereyra. Zaragoza, 1670, 4.°

SALCEDA (PAULO ——).—Jesuita, hespanhol, natural de Valladolid.

Elogio de S. Juan de Dios. En Mejico, por Ribera, 1625.

SALDE (JUAN OCHOA DE LA ——).—Prior perpetuo de San Juan de Latran.

Primera Parte de la Carolea Inchiridion, que trata de la vida y hechos del Invictissimo Emperador Don Carlos Quinto de este Nombre, y de muchas notables cosas en ella succedidas hasta el año de 1555. Dirigida al Excelentissimo Señor Don Alvaro de Baçan, Marquès de Santa Cruz, Comendador mayor de Leon, del Consejo de Su Majestad y su Capitan general del Mar Oceano y Reynos de Portugal. Recopilada en dos Partes, por ——. Impresa con licencia del Consejo general de la Santa Inquisicion. Año de 1585. Con privilegio real. Fol., 444 folhas.

No fim:

«Fuê impressa esta primera parte de la *Carolea Inchiridion* a costa de su mismo auctor, en su propria posada, en Lisboa, por Marcos Borges, Antonio Ribero e Antonio Alvares, impresores, con licencia del supremo consejo de la Santa Inquisicion, como es costumbre en estos reynos. Acabóse a los xx del mes de desiembre de 1585.»

Parece que a segunda parte promettida d'esta obra nunca se publicou. Pelo mesmo assim era até ao tempo de Nicolau Antonio[1].

Embora seja esta obra destinada a tratar das acções do Imperador Carlos V, comtudo ainda ignoro se trata mais d'elle ou dos feitos dos portuguezes. Salde escreve muito por miudo ácerca de tudo quanto os nossos praticaram durante a vida de Carlos V.

O escriptor portuguez que pretender escrever a respeito dos reinados de D. Manuel e D. João III, deve consultar esta obra, que é importante.

SALT (HENRY ——).

A voyage to Abyssinia, and travels into the interior of that country, in 1809 and 1810, in which are included an account of the portuguese settlements on the

---

[1] Nicol. Ant., *Bibliot. Nova*, vol. 1, pag. 750.

east coast of Africa, together with vocabularies of their respective languages, by ——. London, 1814.

SALVA (VINCENT ——).

A Catalogue of Spanish and Portuguese books with occasional litterary and bibliographical remarks. London, 1826, in-8.°

SALVADOR (JUAN ——).

Catalogus plantarum quae in herbariis meis demonstrantur, por ——.

Manuscripto guardado na bibliotheca de sua familia, existente em Barcelona[1].

«Estão notadas n'elle as diversas localidades onde as plantas foram colhidas. Emquanto ás peninsulares, particularmente, guarda-se tambem n'esta familia uma nota manuscripta d'aquellas que foram observadas pelo mesmo Juan Salvador, na companhia de Jussieu (Antonio e Bernardo), na viagem que fizeram desde outubro de 1716 até fevereiro de 1717, percorrendo Catalunha, Valencia, Murcia, Andaluzia, Estremadura e Portugal, atravessando depois Galliza, Leão e as Castellas, quando se retiravam. Do itinerario de Jussieu (Antonio), junto com o de Tournefort, possuiu Pourret uma copia, tendo-lhe acrescentado a nomenclatura lineana, como o fez no herbario da familia de Salvador, que se conserva tambem em Barcelona. Alem d'isto, na bibliotheca de Jussieu existia um *Catalogus plantarum rariorum in insulis Balearibus, anno 1712 observatarum.* Por Juan Salvador. 4 fol., in-12.

SALVATORI (FILIPPE MARIA ——).— Jesuita, natural de Roma.

Compendio della vita di S. Francesco Saverio. Roma, Puccinelli, 1795.

SALVE *que resa un fidelisimo vasalo que por verlo a su legitimo dueño esturo preso en una carcel, dando gracias a Nuestra Señora de Atocha, en aplauso y regocijo de la feliz restauracion de Madrid, al apacible dominio de sus Reyes Católicos, D. Felipe V y Doña Maria Luisa Gabriela, por sus felicisimas y victoriosas armas Dedicala su Autor al Rev. P. D. Fr. Francisco Lozano, Prior del muy religioso y afectisimo Monasterio de Monges de San Basilio, de esta muy leal y coronada vila de Madrid.*

Guerra da successão.

SAMPAYO (PETRO DE VILLAS BOAS ——).— Juris Civilis Doctore, S. Inquisitionis Judice deputato, Portuensis Curiae Senatore, in Conimbricensi Academia publico Institutionum professore, quondam in Pontificio, Regalique simul D. Petri Collegio Collega.

Epitome Juridica in qua principua fundamenta, quibus Doctorum Legum jus ad Canonicatus Doctorales asseritur, compendiario contraluntur. Ad Joannem V Lusitaniae Regem. Authore ——. Conimbricae, Ex typographia Antonii Simoens Ferreyra, Universitatis Typog. Ano Dñi. 1736, 4.°, 76 pag.

---

[1] D. Miguel Colmeiro, *La botanica y los botanicos de la peninsula hispano-lusitana*, pag. 69.

SAMPERE (GERONYMO ——).
Sonete a George de Monte Mayor[1]:

Parnaso, monte sacro y celebrado,
Museo de Poetas deleytoso,
Venido al parangon con el famoso,
Pareceme que estás desconsolado.

Estoylo con razon, pués se han passado
Las Musas y su coro glorioso,
A ese que és Mayor Monte dichoso,
En quien mi fama y gloria se han mudado.

Dichosa fué en estremo su *Diana*,
Pues para ser del orbe más mirada,
Mostró en el Monte excelso su grandeza.

Allí vive en su loa soberana,
Por todo el universo celebrada,
Gosando celsitud, que és mas que alteza.

SAMSEDE DIGTE. *Kjobenhavn.* 1843, 2 vol.
No vol. II, pag. 269 a 287, vem um poemeto intitulado: *Camoens.* Acha-se traduzida nos *Ecos da Lyra teutonica.* A primeira edição é de 1808.

SANCHEZ (EL MAESTRO FRANCISCO ——). — Cathedratico de prima de rhetorica en la universidad de Salamanca.
Na traducção dos *Lusiadas*, de Luiz Gomes de Tapia, edição de 1580, faz um grande elogio a Camões.

SANCTO (FR. JOSEPH DO ESPIRITO ——). — Carmelita descalço.
Sermam decimo do Menino Jesu em seu nascimento, prégado em Madrid no Convento das Descalços Carmelitas. 1671, 4.°, 18 pag.
Sermam undecimo da Exaltaçam da Santa Cruz, entrada dos jejuns da Ordem, e memoria do resgate da Santa Imagem do Crucifixo captivo. Em o Convento dos Carmelitas Descalços de Madrid. Anno 1671.
Sermam duodecimo de acçam de graças ao Anjo da Guarda da Senhora Duqueza de Maqueda, por avella livrado do perigo de hũa queda que deu de hum coche alheyo. Prégado na Igreja de Santo Antonio dos Portuguezes, em Madrid.
Todos estes sermões são em portuguez.

SANCTO (SALVADOR DO ESPIRITO ——). — Prégador de Suas Magestades, capuchio arrabido e prelado das religiosas da sua provincia Capellaens (sic) da mesma Rainha e Senhora Nossa.
Sermam da Cinza prégado na corte de Londres, na Capella da Real Mages

[1] Encontra-se na edição de Lisboa, de 1624.

tade da Serenissima Rainha da Gran-Bretanha, em 8 de fevereiro de 1665. Por Fr. ——. Impresso por mandado de Sua Magestade. 4.°, 23 pag.

SANCTORUM *Ignatii et Xaveri in Divos relatorum Triumphus Bruxellae ab Aula et Urbe celebratus.* Bruxellae, apud Joannem Pepermannum Typographum Civitatis sub Bibliis aureis (sem data), in-8.°, 105 pag.

A dedicatoria ao senado de Bruxellas é assignada por G. van Bemmell.

SANDOVAL (D. JUAN DE ——).

Ensayos poeticos, por ——. Lisboa, en la Imprenta Nacional, 1855, 4.°, 106 pag.

SANÉ (A. M. ——).—Traducteur des *Poésies lyriques portugaises* et de l'*Histoire Chevaleresque des Maures de Grenade.*

Nouvelle Grammaire portugaise, suivie de plusieurs essais de traduction française interlinéaire, et de différents morceaux de prose et de poésie extraits des meilleurs classiques portugais. Paris, 8.° gr., xv-381 pag.

SANNA (D. VICENTE BACALLAR Y ——).—Marqués de San Felipe.

Commentarios de la Guerra de España desde el principio del reinado de Felipe Quinto hasta la paz general, &c. Por ——. A Bruxelles, chez François Foppens, 1712, in-fol., 483 pag.

Traduzidas para francez com o titulo de: *Mémoires pour servir à l'Histoire sous le règne de Felipe V, &c., par* ——. *Traduits de l'Espagnol.* A Amsterdam, chez Zacharie Chatelain, 1756, 4 vol., in-8.°

Póde esta obra ser util a quem tratar de escrever ácerca da guerra da successão.

SANSON (M. P. MOULLART ——).—Géographe ordinaire du Roi.

Carte de l'Amérique Méridionale, représentée selon le rapport que toutes ses parties ont avec les Cieux, entr'elles et avec l'Histoire; où l'on trouve les climats et les principales régions soudivisées en moindres; les États des Français, des Castillans, des Portugais, des Hollandais, et plusieurs peuples naturels libres. Duas folhas. Obra dedicada ao abbade Mignon.

Vem noticia d'esta obra no *Journal des Sçavans,* de 1707, supplemento, pag. 85.

SANSON (SR. ——).

Le Royaume de Portugal et des Algarves, divisé en ses archevechés, evêches et territoires. Par ——. Paris, chez Jaillot, 1695.

L'Espagne divisé en tous ses royaumes et principautés, suivant qu'ils sont compris sous les couronnes de Castille, d'Aragon et de Portugal. Tiré de plusieurs mémoires par le ——. Paris, Juillet, 1692.

SANSON D'ABBENVILLE.

El Regno de Portugallo. Paris, 1654.

SANTA MARTHA.

Wine trade of Portugal (Meeting). Translated. London, 1845.

SANTAREM (VISCOUNT OF ——).

A Statement of facts, proving the right of the Crown of Portugal, etc. *Translated into english from the original portuguese of Viscount of Santarem.* London, 1856, 8.º, fol. de 44 pag.

SANTILHER (ALEIXO COLLOTES DE ——).

A pag. 165 do vol. II da *Academia dos singulares de Lisboa*, apparece uma poesia latina d'este auctor.

SANTIS (GIO. BATTISTA DE ——).

La fama per l'arrivo in Roma dell' Eccellentiss. Signor Francesco Soso, Ambasciador di Portugallo. Oda di ——. Indrizzata al medessimo Eccelentissimo Ambasciador di Portogallo. In Roma, per Nicol' Angelo Tinassi. 1670, 4.º

SANTISTEBAN.

Reuniu em 1871, em Madrid, por occasião de irem visitar aquella cidade varios escriptores portuguezes, a seguinte poesia:

Yo brindo por San Izidro
Santo plebeyo y vulgar,
que hoy, si no estuviera muerto
quizás fuera federal.

Que él del vapor en las alas,
por ser su festividad,
nos trajo a nuestros hermanos
que viven en Portugal.

Si muchos milagros hizo,
milagro mayor hará
estrechando antiguos lazos
que no se rompan ya mas.

Fué un milagro de importancia
dar salida á un manantial
que curase calenturas,
que es el metodo aleman.

Inventó la homeopatia,
más de diez siglos hará,
que siendo el agua un protesto,
la fé es la que ha de salvar.

Pero á fé que daba punto
á su milagrosidad,
se usando de su influencia
en la corte celestial,

alcanzaba del Eterno
que hubiere ventura y paz,
buen gobierno y mucho orden
en España y Portugal;

y cada hermano en su casa
dijere: «Que bien se está;
por lo amable y lo pacifica
me gusta la vecindad.»

Los hermanos viven juntos,
cada cual con su caudal;
se aman; se sirven, se abrazan,
y Dios hace la demas.

SANTOS (J. DE ——).

Chronologia hospitalera y resumen historial de la sagrada religion del glorioso Patriarcha S. Juan de Dios. Madrid, 1715-1716, 2 vol., fol.

SANVITORES (DIEGO LUIZ ——).— Jesuita, natural de Burgos.

El Apostol de las Indias S. Francisco Xavier. En Mejico, por Lupercio. 1662, in-4.º

SARABIA (DON ANTONIO DE —). — Secretario, que fué, del certamen poetico.

Justa literaria, Certamen poetico, o sagrado influxo, en la solemne, quanto deseada Canonizacion del Pasmo de la Caridad, el glorioso Patriarca y padre de pobres, San Juan de Dios, fundador de la Religion de la Hospitalidad. Celebróse en el claustro del Convento Hospital de Nuestra Señora del Amor de Dios, y Venerable Padre Anton Martin, de esta Corte, el domingo diez de Junio del año de mil seiscientos y noventa y uno. Dedicada al Reverendisimo P. Fr. Francisco de S. Antonio, General que ha sido dos veces de dicha Religion, su primer discreto y definidor perpetuo, Comisario, que fué, en las fiestas de la referida Canonizacion, y la describe. En Madrid, en la imprenta de Bernardo de Villa-Diego, año de 1698. 8.°, 375 pag. Em prosa e verso.

SARDOU (VICTORIEN ——) e NAJAC.

«Subiu á scena no theatro da opera em Paris uma peça em tres actos: *Les noces de Fernande,* cuja acção se passa em Lisboa, entre personagens portuguezes de pura phantasia.

«A musica é de Daffés e o libreto de Victorien Sardou e Nanjac. Teve pouco mais de mediocre acolhimento[1]»

SARRABAT (NICOLAU ——). — Jesuita, natural de Lyon.

Daphnis Pastor, seu S. Franciscus Xaverius Philosophiae Patronus, per apostolicos suos vitae labores sacris Eclogis celebratas. Viennae Austriae. Typis Simonis Schmid, 1719, in-8.°

SARRAZIN (DOM JEAN ——). — Abbé de Saint Vaast, du Conseil d'État de Sa Majesté Catholique, Son Premier Conseiller en Arthois, &c.

Ambassade en Espagne et en Portugal (en 1582) du R. P. en Dieu ——. Par Philippe de Caverel, religieux de Saint-Vaast. Arras, typographia de A. Courtin, 1860.

SARUCCO (JAHACOB DE SALOMOH HIRQUIAN ——).

Praxe da arithmetica. Amsterdam, 1766, 4.°, 1 vol., 63 pag.

O sr. Pedro José da Silva, lente no instituto agricola, teve um exemplar.

SASSETTI (RICARDUS RAIMUNDUS DE NOGUEIRA ——). — Ex Cintra Lusitanus, Medicinae Candidatus.

Theses quas annuente Summo Numine, ex-auctoritate Rectoris magnifici Petri Franc. Xav. de Ram, Eccl. Metrop. Mechl. Can. Hon., S. Theolog. et SS. Can. Doctoris, Ord. Leopold. Eq. Acad. Cath. et Reg. Brux. Sodalis, et consensu Facultatis Medicae, Praeside Joan. Maria Baud, Med. Chir. et Art. Obstetr. Doct., Medic. Pathol. Prof. Ord. Leopold et Leon. Belg. Eq. Fac. Med. P. T. Deano. Pro gradu Doctoris Medicinae, in Universitate Catholica in Oppido Lovaniensi rite et legitime consequendo publice propugnabat ——. Die XI mensis Junii, hora XI. an. MDCCCXLII.

---

[1] *Diario illustrado* de 26 de novembro de 1878.

Lovanii, Excudebant Vanlinthout et Vandenzande, Universitatis Typographi. 8.º gr. As respostas são em francez.

SAUTER (DR. FR. ——).

Aesthetische Excursionen. Leipzig, 1875, 255 pag. in-8.º

Cap. x. *Rückblicke, kleine Situationsbilder*. iv. *Dichterelend u. Dichtertod*, pag. 235. *Camoens*.

SAUVAGES (LOUIS ——).

Six mois en Portugal. 1861.

SAVARY (M.).

Lettres sur l'Egypte, où l'on offre le parallèle des mœurs anciennes et modernes de ses habitants; où l'on décrit l'état, le commerce, l'agriculture, le gouvernement et la religion du pays; la descente de Saint-Louis à Damiette, tirée de Joinville et des auteurs arabes; et l'histoire intéressante d'Ali Bey et de ses successeurs. Par ——. Deuxième édition. Ornée de cartes géographiques et augmentée d'une table alphabétique des matières. A Paris, chez Arthus Bertrand. 1801. 4 vol., in-8.º

No vol. II, a pag. 177, acha-se a seguinte passagem, que nos diz respeito:

«Os antigos, exceptuados os egypcios (trata-se do Nilo), ignoraram sua nascente. No ultimo seculo um jesuita portuguez pretendeu tel-a descoberto. Eis o que elle diz:

«Na provincia de Sahal, situada ao occidente do reino de Goïam, e a cujos habitantes dão o nome de *Agus*, encontram-se as nascentes do Nilo. São duas fontes profundas, collocadas n'um logar elevado. A terra em volta é pantanosa, e treme debaixo das passadas. A agua esguicha do pé da montanha com um som parecido com o de um tiro de peça. Depois de ter corrido durante algum tempo pelo valle, recebe um segundo regato, que vem do lado do Oriente. Reunidos, dirigem seu curso para o norte. Outras duas correntes alli desaguam e formam um ribeiro que descarrega no rio *Ieman*, e, depois de longos circuitos para o poente, lança-se n'um grande lago. Ao sair d'este lago forma o rio Nilo, que precipita seu curso para o Mediterraneo.»

«Pense-se o que se pensar ácerca d'estas explicações, estas aguas não bastariam para a inundação geral, que inunda um espaço de quatrocentas leguas, pois ella se faz tambem sentir na Ethiopia.»

* * *

«Veneza commerciante (vol. III, pag. 85), tocava no mais alto ponto da sua prosperidade, ao passo que uma nação corajosa, animada por um Principe geographo e astronomo, trabalhava em abrir um caminho novo para chegar ás Indias. Henrique, irmão do Rei de Portugal, instruido pela historia, sabia que se podia dar a volta da Africa. Armou varios navios, que, com o auxilio da bussola, descobriram os Açores e as Canarias.

«Um de seus capitães avançou até ao cabo que termina a Africa; alli foi assaltado pelos ventos furiosos: deu ao cabo o nome *Cabo das Tormentas*, e tornou

para traz. O Rei, porém, trocou este nome pelo de *Boa Esperança*. Estas tentativas, por muito tempo infructiferas, devem dar uma alta idéa da arte da navegação entre os egypcios, pois tinham elles duas vezes executado tão alta empreza sem outros guias mais do que a vista das estrellas e o seu genio. Emfim, a gloria de dobrar este cabo famoso estava reservada a Vasco da Gama, gentil-homem portuguez, que abordou á costa de Malabar e voltou triumphante a Lisboa. As pedras preciosas que trouxe de sua expedição, a descripção pomposa que fez dos thesouros dos Reis indianos, inflammaram os portuguezes; e, dentro de poucos annos, conquistaram Cochim, Goa e varias outras cidades, d'onde recolheram immensas riquezas.

*
* *

«Os ottomanos tinham tirado o Egypto aos arabes. Animados pelos venezianos, que lhes forneceram alguns materiaes e madeiras de construcção, com os quaes armaram uma frota no Mar Vermelho, tentaram deter as conquistas dos portuguezes e expulsal-os de seus novos estabelecimentos. Albuquerque, que os governava então, combateu gloriosamente a marinha ottomana, penetrou no golpho arabico, apoderou-se de alguns portos, e resolveu aniquilar o Egypto. Havendo concluido um tratado de alliança com o Imperador da Abyssinia, aconselhou-o a derramar as aguas do Nilo no Mar Vermelho! A que horrores a ambição induz os homens! Para consolidar na sua nação o commercio exclusivo da India, não hesitava este almirante em fazer com que perecessem quatro milhões de homens, reduzindo seu paiz a um medonho deserto! Depois do que temos visto n'estas cartas, ácerca da possibilidade de desviar o Nilo, temos o direito de pensar que a empreza era realisavel. Felizmente para os egypcios a morte levou o fogoso Albuquerque e o Imperador da Abyssinia não executou seu iniquo projecto!» (Pag. 87.)

*
* *

«Emquanto os portuguezes disputavam aos venezianos e aos egypcios as riquezas das regiões orientaes, os hespanhoes, conduzidos pelo genio de Colombo, tinham descoberto a America. Dentro em pouco o novo mundo já não bastou a seus desejos ambiciosos. Os marinheiros de Lisboa, marchando nas pégadas de Vasco da Gama, tocavam a costa de Malabar, e penetravam no archipelago indiano. Os navegadores de Cadiz abordaram ás Molucas Estes dois povos rivaes, partindo quasi do mesmo paiz, e percorrendo cada um a metade da circumferencia do globo, encontraram-se na extremidade do mundo, vindo de dois lados oppostos. Gosaram ambos dos thesouros d'estes climas, não sem os regarem com o seu proprio sangue e com o dos desgraçados habitantes das Celebes, aos quaes despojaram á porfia, depois de os haverem reduzido á escravidão...»

SAY (HORACE ——).
Histoire des relations commerciales de la France et du Brésil. Paris, 1839.

SCARLATTI (DOMENICO ——).— Maestro di Capella di Sua Eccelenza.
Applauso Genetliaco alla reale Altezza del Signor Infante di Portogallo, da cantarsi nel palazzo dell' Eccelentissimo Signor Marchese di Fontes, Ambasciadore

Straordinario della Maestà Portogese alla Santità di N. S. Papa Clemente XI. Posto en musica dal Signor ——. In Lucca, per Girolamo Rabetti, 1714, 4.°, 20 pag.

SCARRON II (I. R. M.).
Les Lusiades travesties. Parodie en vers. Porto, 1883.
Que o leitor não se illuda. O mencionado livro é obra de um portuguez.

SCENOGRAPHIA *degli Apparati del Collegio di Palermo che si fecero per la Canonizatione di Santo Ignatio de Loiola e Santo Francesco Xaverio.* Palermo, per Decio Cirillo, 1622, in-4.°, 24 pag.[1]

SCHACHT (DR. HERRMANN ——).
Madeira und Teneriffe. Berlin, 1859, 4.°, 176 pag.

SCHÄFER (DR. HEINRICH ——).
Geschichte der europaischen Staaten Herausgegeben von A. H. L. Heeren und T. U. Ukert. Geschichte von Portugal von ——. *Erster Band.* Hamburgh, 1836. Bei Friedrich Perthes. 5 vol. in-8.° gr.

SCHALL (JOÃO ADÃO ——).— Missionario e astronomo, natural de Colonia, onde nasceu em 1591. Embarcou para a China com o padre Nicolau Trigault, e chegou áquelle imperio em 1622, sendo nomeado presidente do tribunal das mathematicas.

Historica narratio de initio et progressu Missionis Societatis Jesu apud Chinenses, ac praesertim in Regia Pequinensi, ex litteris R. P. Adami Schall ex eadem Societate, Supremi ac Regii Mathematum Tribunalis ibidem Praesides collecta. Viennae Austriae, anno 1665. Typis Matthaei Cosmerovii, Sacrae Caesareae Majestatis Aulae Typographi, in-8.°, 267 pag.

Historica relatio de ortu et progressu fidei orthodoxae in regno Chinensi per Missionarios Societatis Jesu ab anno 1581 usque ad annum 1669, novissime collecta ex litteris eorumdem Patrum Societatis Jesu, praecipue R. P. Joannis Adami Schall coloniensis ex eadem Societate. Editio altera et aucta, geographica regni Chinensis descriptione, Compendiosa narratione de Statu Missionis Chinensis; Prodigiis, quae in ultima Persecutione contigerunt et Indice. Sumptibus Joann. Conradi Emmerich. Ratisbonae, typis Augusti Hanckwitz, 1672.

SCHAW (COL. CHAR. ——).
Memoir and correspondence. A narrative of the War in the Peninsula from 1831–1837. London, 1837, 2 vol.

SCHELLEY (M. W.).
Biographia de Camões na obra: *Lives of eminent litterary and scientific men of Italy, Spain and Portugal.* 1837.

---

[1] Augustin et Aloïs de Backer, *Bibliothèque des écrivains de la compagnie de Jesus*, vol. VI, pag. 414.

SCHEPELER (MR. DE ——).—Colonel et ci-devant chargé d'affaires de Prusse à Madrid.

Histoire de la revolution d'Espagne, ainsi que de la guerre qui en resulta, par ——. Liège, 1829, 3 vol., 4.°

Gesch. d. Revolution Spaniens und Portugals u. d. daraus entstand. Krieges. Berlim, 1826-1827, in-8.°

SCHERR (DR. JOH. ——).

Dichterkönige. 2 verm. Aufl. Leipzig, 1861, 2 vol. in-12.°, pag. 316 e 454.

Tomo I, pag. 277 a 316 pag.: *Camões* (Vida e resumo dos *Lusiadas)* e traducção de quatro episodios dos *Lusiadas* (Donner): *Venus* (II-29 a 44): *Ines de Castro* (III, 118 a 136); *Die Trombe* (V, 18 a 22); *Liebesinsel* (IX, 51 a 84).

Allgemeine Geschichte der Literatur. Ein Handbuch in zwei Bänden. 6 dern. Ed. Stuttgart, 1880, 2 vol., 8.° gr.

Vol. I, pag. 458 a 466. *Camoens. Sa vie et résumé du contenu des Lusiades, en outre pour servir de specimen cinq vers de la Lusiade; texte et traduction allemande, par Donner.*

SCHILLER.—Poeta celebre.

Escreveu na lingua allemã uma linda poesia, em referencia á lenda do pagem e da Rainha Santa Izabel.

SCHIMBECK (ADAMI ——).

Missis Paraguariensis, sive Annales illius Provinciae ab anno 1638 ad 1643.

SCHLEGEL (FRIEDRICH ——).

Sämmtliche Werke. Wien, 1822.

Vol. I: *Geschichte der alten und neuen Litteratur.* Vorlesungen, gehalten zu Wien im Jahre 1812, Augs. 2 vol. in-8.°, 320-341 pag.

Cap. XI. *Poésie des Portugais;* pag. 95 a 97, *Camoens.*

Geschichte der alten und neuen Literatur. Vorlesungen gehalten zu Wien im Jahre, 1812. Wien, 1847.

Vol. II: *Poesie der Spanier. Portugiesen u. Italiener,* pag. 66 e 67. *Camoens et ses Lusiades.*

Histoire de la littérature moderne et ancienne, par ——. Paris, 1829, 2 vol.

«É n'este livro que se encontram os mais extraordinarios louvores sobre o merito de Camões.

«Frederico von Schlegel dedicou um dos seus melhores sonetos á memoria de Camões; chama ao poeta portuguez um modelo, e quer, crendo no futuro como elle, salvar das ondas o documento da gloria allemã.» (Hardung, *Portugal na Allemanha.)*[1]

Schlegel no jornal *Europa* «prodigalisou os mais honrosos elogios á litteratura portugueza», segundo o P. G. de Massarellos na *Pequena Chrestomathia Portugueza,* Hamburgo, 1809, pag. XII.

---

[1] Theophilo Braga, *Bibliographia camoneana,* pag. 225.

SCHLOEZER (MR. LE PROFESSEUR ——).

Extrahiu da obra: *Petri Martyris Anglerii Mediolanensis, Protonotarii Apostolici atque a consiliis rerum Indicarum Opus Epistolarum. Compluti*, 1530, fol., algumas cartas relativas a Colombo, que mandou imprimir no 10.° fasciculo da sua *Correspondence épistolaire*, pag. 207 a 226.

SCHLOSSER'S (F. C.).

Weltgeschichte für das deutsche Volk. Band. XIII. Franckfurt a. M. 1852, 482 pag., in-8.°

Cap. XVI: *Bildung u. Literatur des 16, Jahrhunderts. Spanische (u. portugiesische) Dichtkunst*, pag. 456 e 457 — *Camoens: Lusiade.*

SCHMAUSS.

Portugiesische Geschichte der ältesten Zeiten dieses Volkes bis auf unsere Zeit. Leipzig, 1759, in-4.°

(Historia portugueza desde os tempos mais remotos d'este povo até nossos dias.)

SCHMID (DR. HERMANN TH. ——).

Camoens. Traverspiel in funk Acten, von ——. Drama. München, 1843, 8.°, 155 pag.

SCHMIDEL (HULDERICUS ——).

Vera historia admirandae cujusdam navigationes, quam —— ab anno 1534 ad annum 1554, in Americam juxta Brasiliam et Rio de la Plata confecit. Nurembergae, 1599.

A edição primitiva foi publicada em allemão, Francfort, 1567, in-fol.: *Histor. prim. de las Indias, por Gonzalez de Barcia (Andrès).* Madrid, 1749 e 1779[1].

SCHMIDT (DR. G. L. ——).

Portugal seit der Usurpation Don Miguels. Ilmenau, 1829, 8.°, 1 vol. 238 pag.

SCHMIDT (JOHANN ANTON. ——).

Beiträge zur Flora der Cap Verdischen Inseln. Heidelberg, 1852, 8.°, 1 vol., VIII–356 pag.

SCHMIDT (JUL. ——).

Zur Vorgeschichte unserer classischen. Literatur. Berlin, 1883.

Pag. 471: *Camoens Lusiaden. 1572. Notice littéraire.*

SCHMITZ (E.). — Ingénieur.

Études géologiques sur le terrain des environs de Porto. Gisements et exploitations des combustibles fossiles.

No vol. II da *Revue lusitanienne*, de Lisbonne, pag. 52 a 65.

Id., de pag. 92 a 101.

Id., pag. 208 a 219.

---

[1] D. Miguel Colmeiro, *La botánica y los botánicos de la península hispano-lusitana*, Madrid, 1858, pag. 28.

SCHMITZ (F. J.).

Zur dreihundertjahrigen Gedachtnissfeier des Dichters der Lusiaden, zugleich der Programm zu dem Jahresberichte der h. Realschule zu Aschaffenburg fur das Studienjahrs 1878-1879, verfasst von ——.

(Observações sobre a Allegoria no Lusiadas de Camões. Para o tricentenario á Memoria do poeta dos Lusiadas, ao mesmo tempo como Programma para circular de um anno do Real Collegio em Aschaffenburg para o anno lectivo 1878-79, composto por ——). Wailandt' sche Druckerei Actien-Gesellschaft, 8.°, 15 pag.

É escripto em portuguez, mas não bom.

SCHMITZ (FRANCISCO ——).— Jesuita, natural de Colonia.

Xaverius cogitans, das ist: Reiffliches Erwegen der Grund-Wahrheiten, durch welches eine recht glaubige Seele gleich jenem grossen Indianer Apostel zur Christ Wollkemmenheit und gewisser Heiligkeit gelangen kan. Cöllen, bey Casp. Drimborn, 1727, in-8.°

SCHODER (LEOPOLDO ——).

Duo Philosophiae Columina Boethius et Xaverius, ille fortunae, hic mundi victor. Graecii, typis Widmanstadii, 1713, in-8.°

SCHOMBURG (L. H. V. REISE VON ——).

Kopenhagen nach Lissabon dem Vorgebirge der Guten Hoffnung u. den Azor. Inseln. Mit Einleitg. ub den Seedienst (auf Shiffen...). Odense, 1784.

SCHOTT (ANDREAS ——).— Belga.

Censura Gasparis Barrerii Lusitani de Pseudo-Beroso, Manethone Aegyptio, Marco Porcio Catone & Fabio Pictore[1].

SCHOUTEN (GAUTHIER ——).

Voyage aux Indes Orientales, commencée l'an 1658, et fini le 1665. Traduit de l'hollandois. Amsterdam, 1707, 2 tomos.

Obra muito interessante, principalmente para os portuguezes.

SCHOUTEN (WONTER ——).

Oostindiche Voyagie.

Trata esta obra dos feitos dos portuguezes em Ceilão.

SCHOUVILLE (PHILIPPE ——).— Jesuita, natural de Luxembourg, onde nasceu em 1622.

Réglemens de la Confrérie de Jésus et de Marie, établie pour l'avancement de la doctrine chrétienne, sous la proteccion de S. François Xavier. Luxembourg, chez les héritiers de Jacques Ferry, in-16.°

---

[1] Alegambe, *Bibliotheca scriptorum societatis Jesu*, pag. 58.

Règles et indulgences de la Confrérie de Jésus et de Marie, sous la protection de S. François Xavier, pour l'avancement de la dévotion chrétienne pour garantir l'homme des cinq plus grands maux et lui procurer une sainte vie et une morte heureuse. A Luxembourg, chez la veuve de J. P. Kleber, 1770, in-12.°

Règles et indulgences de la confrérie de Jésus et Marie, sous la protection de S. François Xavier, pour l'avancement de la doctrine chrétienne, pour garantir l'homme des cinq plus grands maux, et lui procurer une sainte vie et une mort heureuse. Par le R. P. ——, de la Compagnie de Jesus. In-18.°, 68 pag.

Petit abrégé de l'ouvrage précédent. Luxembourg, héritiers de Jacques Ferry, in-16.°

Abrégé de la vie apostolique de S. François Xavier, avec la relation de cent miracles qui ont été opérés par son intercession. En allemand. Trèves, Christophe Rulandt, 1670, in 12.° Cologne, Pierre Alstorf, in-12.°

—— Em francez. Luxembourg, Paul Barbier, 1696, in-12.°

Catechismus R. P. Canisii Societatis Jesu theologi, weitläufig, verständlich, und Gesprächweiss von newen auss-Exemplen gesieret. Mit einigen auss jeder Undermeisung folgelden Sitten-Schluss bereichet. Und der hochlöblichen Bruderschaft Jesu und Marie. Under dem Schutz und Schirm des H. Francisci Xaverii... Cölln, bey Petro Alsforff, anno 1676.

SCHUCHARDT (HUGO ——).— Corresp. Mitgliede der Kais. Akademie der Wissenschaften.

Ueber die Benguela Sprache. Wien, 1883. In commission bei Carl Gerold's sohn., in-8.° gr., 14 pag.

Estás bom?	Uaripó?
Estou, sim. De onde vens?	Si. Uatunda pi?
Venho do sertão.	Co nano.
O ramisio está bom?	Co onghira occassi tchiuá?
Sim, senhor, está bom.	Si, ungana, occassi tchiuá.
As chuvas já passaram?	Endemdi buapitare?
Não, senhor, não passaram; os rios ainda vão cheios.	Date ungana, capitare; molui baiucare, andi.

Ueber das Indoportugiesischen von Cochim. Wien, 1883, 20 pag.

Encontro entre amigos avizinhados:

«Bom dia, Senhor, quilai tem saude?

«Tem bom, muito merece; que noves?

«Nuca ouvi nada de particular de fallar. Hojo sedo eu ja foi por Aracudy por compre caringuejo. Eu ja olha ali bastanti cambron grandi e pequinino. Grande he fresco bonito por faze alathi (ou azetipimenta), e cambron pequinino nuca vale: tudo ja fica podri. Mas caringuejo bem pouco; eu ja acha dez caringuejo. Todo tem ouvo bem dilicado por fazer temprado.

«Mas quanto ja da por dez caringuejo?

«O! eu ja da dos fano. Pouco car he; mas que pode faze! si quere cume,

meste paga, seja caro. Mas na mez de Novembro, Dezembro bastanti caringuejo lo acha.

«Aquelora lo acha bastanti e tem bom carni tambem.»

*
* *

«Vambos nos vai pesca hoje?

«Vambos vai.

«Porqui te vai? agora não tem mare por pegue malom.

«Quem ja fala? agora tem bom mare por pegue malom.

«Ante tarde ja foi dos manchu nossa jente, cada manchu ja pega sinco peixi Si nos vai, nos lo pegue peixi, sigur.

«Antos faze pronto. Nos pode vai justo sinco hora.

«Vossa mez compre isca; eu lo faze pronto corda, fates e tanas.

«Vosse podi impresta por mi hum anzol?

«Deixa eu olha si tem na casa.

«Quelaí ja passa ante su pescaria?

«Ja passa bom. Mas peixi bem ladrão, te tama isca sem faze sinti. Eu ja mata dos peixi ordenado; eu ja sinte peixi bem tardi, ja tinha 8 hora de noite. Vicente ja mata hum peixi grande de ouvo bem delicado. Eu ja mate depois inguia grande tres. Mas he grande miserio, quande pegue inguia noite; aqueli quande cai na manchua, lo danfica tudo linha e nuca vale por cari: mas por salga e faze caruvado bem gostoso.

«Hoje A. toma logo vai?

«Eu toma deixe vi junto?

«Bom, podi vi junto, mas hum coza. Se vos lo mata peixi, meste faze igoal quinho. Eu si lo mate, eu tama lo faze mesmo modo.

«Tem bom, Senhor. Si nos tem fortuna, nos lo mata bom peixi, sejo jatem por conta de manchu su luguer.

«Hoje noite agu luzenti. No he bom mare. Vambos vai por casa. Ja tem 8 hora passado; jente de caza lotem esperando por nos. Amanhãa di dia nos podi vai por pesca bagri com chingati. Puixa fatez, omi.

«Vambos nos vai por caza; hojo su pescaria armação completo.

«Cabeça de bagri dilicado por faze seco seco, por toca boca com apa ou bolo quenti; mais antes meste dali bom ca de grog, aquelora lotem bom apetita.»

*
* *

«Este anno festa de Paliport bem tristi, prezidente com dos sua crianças ja quime com polvra; tudo tem na grande perigo de morte. Dos crianças ja more onte, inda tem prezidente com hum servidor na perigo; jenti te fala que nada escapa. Prezidente diz que he bem cainhoso; nu tem da esmola por pobres coma outro prezidentes passado. Este anno bem pouco jenti lo vai por festa de Paliport. 5 de Agosto lo caba festa.»

.....

«Senhor Jazinho, que dia vosse te parti por Vainaad?

«Nuca fica seguro inda; podi ser nesti seman.

«Agora alli he bom tempo, nutem muito febri. Nos quatro pesso tame tem lembrança por vai busca algum serviço; na nossa terra ja nutem remedi por passa vida.

«Quanto lo pedi divida?

«Nos, quanto lo santa na casa. Vosse sabe: quem quer ande, quem niquer mande; por isso si busca lo ache, assi quelai te fala: «o diligenti lo fica rico, o perguiçozo cada vez lo vai discaindo». Por isso he qui nos quere vai busque.

«Mas, amigo, por conserta fermento, nada nutem na mo. Qui vida lo faze? Com quem lo valo e pedi? Qui lo faze?

Meste busca hum remedi; Deus he grandi.»

*
* *

«Ouvi, senhor, hoje tem um bautizada.

«Di quem?

«Criança di Miglinho. Vosse lo vai?

«Eu nu tem sigur.

«Vi emi, nos podi vai dali dos cantigo.

«Deixa olhe, talvez nos podi vai junto.

*
* *

«Quelai ja passa Putari? ja mella a vela?

«Qui te fala, Nona Anji, ja mella avela?

«O ja passa hum modo. Esti anno inverno muito forti; varjeiros ja sufri grandi pedigem. Avella bem pouca ja pile. Crianças tinha condima por mi qui ja fica obrigado de plia pouco avella. Por quem ja vi, tama jada; nos tama ja cume. Aquel dia tame ja passa.

«Ainda tem vare de Outubro dia de Samatre, bom festa de koncho e saltão.

*
* *

«Ouvi, Acha Peni, que noves tem de vinda de governador de Madrasta?

«O, elle lo chega na fim deste mez (31 de Agosto). Tudo genti de Cochime Vaipim ja faze miting por dar pitição por governo sobre tax de municipal por faze nomu. Commissioneros de municipal te faze preparo por receber por governador; tres partidas te prepere addresso por presente por governo.

«Que diz, senhor Mano? assim governador tame ja chega no 6 ½ de manhão hoje.

«Ouvi, senhor, tudo esti grandi jenti te vi, te vai. Por nos nutem nehum [illegible] nehum serviço tama não quer ordene por nos por passa nossa dia e nossa familia. Governo ja fica muito triste, quando ja ouvi cauz de Vaipim; tem na hum triste estado, pode ser que lo faze algum boudade, si elle quere. Tem

noticia que governo lo vai por Trivandrum logo; te vae por encontra por rei dalli. Governador te parece coma bom home, e eu te parece que lotem quazi 60 annos de idade. Nossa sinhor bispo já foi por encontre por governador e ja fica recebido com grande attenção e respeito. Governador ja fica contente, quiora ja olha redichina, quando ja passa por caminho da cidade; pouco hora ja impe por olha quelai te bota redi e te puixa. Mas aquelle hora nenhum pexi nuca cai na redi. E dispos governador com outro gente bastanto, com senhor, senhor, tudo ja foi por lugar de Ligh House. E dispos na retorna ja entre na igreja catholica de cidadi. E logo ja sahi e ja parti por Bolgatti. Naquele dia tinha grande jante por governador conta de rei. Na mesmo noiti governo com outro su jenti ja parti por Trivandrum. Mas ja ouvi qui governador nuca vai olha por rei dalli, por caus que hum pesso de familha de rei ja morre. Governo con su jente ja foi por Madrasta por outro caminho. Ellotro qui tem falla senhor, pesso de grande paca, quiora te lembre pode vai, quiora te lembre pode vi. Coitadinho de nos pobre! si quere vai hum lugar, com quem tudo meste vale de divida? tame tem grande travalho por acha divida. Nossa cosa nute qui fale. Hojo por onze aras, nutem na cosa. Qui vida lo faze, nuca sabe.»

*
* *

«Ouvi, omi, hoji tem um bom dia, hoji he anno de Acha Peni. Vamus nos vai da folga muito, vamos vai, talvez nos lo passa bem. Acha Joaquim, Acha Pedrinho, Acha Domingo tudo lotem Si tem cazio, podi canta dos cantigo; bastanto dia ja tem qui ja canta.»

*
* *

«Ouvi, omi, vosse tem algum serviço agora?

«Nutem nada. Eu, ja tem mas que um mez que eu ja pega escopro macety na mo. Dos semana eu ja foi por sirvi na barco na mar fora; hum suman ja sirvi, con dos dia depos ja caba sirviço. Eu tem lembrança por vai por Vainaad por busca hum sirviço. Aqui fica nuca vale.

«Vosse si quere vi, nos podi vai junto.»

*
* *

«Hojo tem hum bautizada, criança de Acha Nicola. Vosse tem convidado?

«Por mi ja convida.

«Vosse lo vai?

«Vamus, olha, talvez eu lo vai.

«Vi, sinhor, nos tudo podi vai e junto podi sai.

«Quem é padrinho de creança e madrinho?

«Acha Mano com mulher.

«Quiora he bautizado?

«Acha Padri meste vi de cidadi; lo fica sinco ora.

«Assim cabou bautizado.

«Folga muito, senhor padrinho e madrinho, folga muito, Acha Nicolo e outra mas familia.

«Faza meçe passa dentro; vamos nos tama hum copi de cha.

«Sem, sinhor, neste chuiva bem bom.

«Faze meçe tama bibinca, tama papada.

«Este he bunito bom.

«Cant'ora ja tem agora?

«Eu te lembre qui ja tem oit'ora passado.

«Acha Nicolo, da liberdade por nos; ja he tardi.

«Espero, sinhor, niquar fica pressada.

«Antos meste escuza por nos. Da liberdade neste hora, ja tardi por nos dos de cantar um cantigo.

«Sim sinhor, com tudo prazer.

«Então, antes de principiar vambos nos mulha garganto.

«Com tudo prazer.

«Acha Peni, faze favor principiar.

Con sangui de propria veas,
Bella noite escreveu,
Com poucos letras, jamais que diga
Eu hei de amar até morre.

Em coro

Eu ha de amar a ti,
Tu ha de amar a mim,
Eu ha de amar a ti até morre.

*
* *

Hum conversa.—Hum dia eu tamou opportunidade de conversar com hum mulher sobre salvação de sua alma. Eu, perguntou ella si ella foi salvado. Eu lembra que semelhante pergunta he mui forte por qualquer pessoa por dizer «sim». Bom, diz eu, si vos não recebeu Christo e não foi nacido de novo, por certa esta pergunta he mui forte por vos fallar «sim». Ja quazi a dezeseis annos que eu fui salvado, não por causa que sou pela natureza melhor do que outros, mas somente por rezão que eu tamou lugar de hum culpado peccador diante de Deus e eu creo no Senhor Jesu Christo coma a meu salvador, e seu palavras declarão que por mim vida eterna, e eu creo nella.

«Então falleu a mulher: Senhor, eu sou um membro da igreja de ***, este dezeseis annos passado e desde aquelle tempo até agora eu paga bem soma de dinheiro por sustente de ministro e outro gastos de igreja e tamon trabalho de fazer com os outros aquelle he dereito e espera na misericordia de Deus, porque elle he misericordioso.

«Respondeu eu: Verdade, Deus é misericordioso, Deus não pode mentir, e elle diz. Digo então si vos sois nacido de novo.

«Respondeu ella: Não sinhor, eu não lembra que eu foi nacido de novo.

«Então respondeu eu: Vos não posse ver o reino de Deus, si morre antes de nascer de novo; inferno sera vossa porção, si non nasce de novo.

«Então diz a mulher: Si aquelle he verdade, que vale pertenciar a hum igreja pagando dinheiro por sustente da igreja e depois de todo este vai no inferno, senão nascido de novo?

«Responden eu: O Senhor Jesu Christo sozinho que salva peccadores. Na lugar ou parte de nos descançar naquella completa ou acabado obra de Christo, o Satanas busca para enganar vossa alma, consolando vos com mentos de vossa charactro moral, vosso posição de membro de igreja e de vosso bom obras.

«Então diz a mulher com suspir: Eu soponha que devemos fazer melhor que pode e esperar na misericordia de Deus.

«Depois de algum mais palavras com este mulher, eu mostrou ella sua falsa esperança.

«Este mulher, meu querido leitor, foi enganado pella diabo, o inimigo de Deus e dos homens, com vão confiança que ella tinha no caminho por ceos, ainda que foi nunca nascido de novo. Por fallar com hum pobre peccador que Deus heida tamar elle no ceos por causa que elle he hum membro da igreja e por muitos de sua bom obras, não ha o evangelho de biblia, mas outro hum evangelho inventido pela Satanas, so a fim de levar muitas almas no inferno. E porisso, querido irmão, cuidai de vos, não descançar vossa alma na qualquer cousa, senão no Christo Nossa Senhor e aquelle que elle fez na cruz.

«Deus falla: O pagamento do peccado he a morte, mas a graça de Deus he vida eterno pela Jesu Christo Nosso Senhor. Amarcai então que vida eterno não ha pagamento, mas somente dom ou graça de Deos e o mesmo sera recebido, e não comprado com preço algum.

«E nos lemos outro vez: Pela graça he que sois salvas mediante a fé, e isto não vem de vos, porque he hum dom de Deus; não vem das nossas obras, para que ninguem se glorie.

«Pergunteis vos: Que he necessario que eu faça para me salvar?

«Eu responde no palavra de escritura: Cre no Senhor Jesu Christo e tu seras salva.»

«Na hum certa cidade tinha um mulher; por este mulher tinha um casa. Hum dia esta casa pegou fogo. A mulher foi bem activa e removeu todas suas fatas da sua casa, mas esquecei de remover sua criança que estava dormindo na versa dentro de casa. Por fim ella lembrou da sua criança e andou com todo aprestado para salvar sua criança. Mas ja ero muito tarde; ella não podia agora na caza por causa de tanta flamas de fogo. Julgai da sua tristezes e agonia, gritando: «Oh! minha criança! minha criança!

«Mesmo mode sera com muito peccador quem inteiro tempo da sua vida vae cuidozo e tribulado sobre muito cousas, mas esquecido daquelle hum cousa necessario, a saber salvação das almas. Que vallé naquelle hora para hum homem fallar: Eu achou um bom logar ou bom officio, mas perdeu minha alma, eu tem bastante camerados, mas Deus he meu inimigo; eu vivei em prazer, mas agora minhas penas he eterno porção; eu envistio meo corpo com bunito vestimentos, mas minha alma he nu diante de Deus. Oh! minha alma! minha alma!»

«Quando Abrahão sentou na porta de sua tenda conforme sua custume, esperando por accomoder estrangeros, elle olhou hum velho vindo sua perto,

quazi a centa annos de idade. Abrahão recebeu este homem com todo bondade, lavou seu pe e aperelhou cea e deu elle lugar por sentar. Mas olhando que o velho comei antes de pedir bensa de Deus sobre sua comer, perguntou porque resão elle não adorou o Deus dos ceus?

«O velho fallou que não, adorou sómente fogo e não cunheceu outro nenhum Deus.

«Abrahão ovindo esto ficou raiva e botou fora o velho fora de su tenda, e elle foi expozado por todos mal de noite, na condição que nunca lembrou. Quando o velho ja foi, Deus chamou Abrahão e perguntou sobre o estrangero.

«Abrahão respondeu: Eu botou elle fóra, porquanto elle não adora ti.

«Então respondeu Deus: Eu soffrio elle este centa annos, ainda que elle não deu respeito a mim; não podia vos suffrir elle por hum noite, quando elle deu vos nenhum trabalho?

«Abrahão ovindo este, mandou trizer o velho outro vez na sua casa e tratar com grande hospide.

«Vai nos faze mesmo mode, e vossa caridade achara recompensa pella Deus de Abrahão.

*
* *

«Homem misericordiozo faze bem por sua mesmo alma.
«Misericordia dos malditos é cruel.
«Lingua da verdade sera establisido.
«Testemunhos verdade livra as almas.
«Olhos de Deus tem na todo logar.
«Melhor correcção aberto do que amor escondido.
«Olhos dos homens nunca se (?) satisfeito.
«Caminhos das loucas he direito na sua mesmo olhos.

«Prosperidade fazem (?) amigos.
«Por errar he human, por perdoar he divino.
«Sem trabalho não tem ganho.
«Gata escaldado temé agua fria.
«Todo que luzia não ha (he?) ouro.
«Melhor palha do que nada.
«Tardança não ha mudança.
«Mel paga mais mosquitos do que vinagre.
«Agua calado sempre he fundo.
«Bom palavras custa nada.»

*
* *

Ueber das Indoportugiesische von Diu. Wien, 1883. In commission bei Carl Gerold's sohn. In-4.°, 18 pag.

Creolo de Ceylão. — A parabola do filho prodigo	Creolo de Diu. — Parab d'um filh extravagant
Per um certo homem tinha dois filhos:	Um homm tinh doiz filh:
E o mais moço d'elles ja falla par o pai, Pai, da par mi a quinhão de a fa-	Ja fallou par su pai aquêl mais piquin, que da-cá su quião que ta per-

zenda que par mi te compete. E elle ja reparti per ellotros seus bens.

E não muitos dias depois o filho mais moço ajuntando tudo, ja parti per huã terra longe, e ali ja desperdiça sua fazenda vivendo dissolutamente.

E quando delle tinha gastado tudo, hũa grande fome ja sucede n'aquella terra; e elle ja começa pera padece necessidade.

E elle ja foi e ja ajunta si mesmo per um de os cidadãos d'aquella terra; e elle ja manda per elle per seus varzes pera pastia os porcos.

E elle tinha desejado pera enchi seu barriga de os mondaduras que os porcas ja comé: e ninguem nunca ja da per elle.

E tornando em si mesmo elle ja falla: Quantas jornaleiros de meu pai tem abundancia de pão, e eu te perece de fome!

Eu lo irgue e lo anda per meu pai, e per elle lo falla: Pai, eu ja pecca contra Céos e diante de ti.

E mais não tem digno pera ser chamado teu filho; faze por mim com hum de teus jornaleiros.

E elle irguindo, ja foi per seu pai. E quando ainda elle tinha de longe, seu pae ja olha par elle, e já senti grande compaixão, e correndo, ja cahi sobre seu pescoço, e ja beija per elle.

E o filho ja falla per elle: Pai, eu ja pecco contra Céos, e diante de ti, e mais não tem digno pera ser chomado teu filho.

Mas o pai ja falla per seus servidores: Trize aqui o melhor vestido, e vesti per elle; e bota hum annela em sua mão, e sapatos em os pés;

E trize aqui o vaccinha gourda, e mata; e comémos e alegramos nos:

Videque este meu filho tinha morto, e torna tem vida; elle tinha perdido, e tem achado. E ellotros ja começa pera alegra.

tencê a êll. E êll ja repartiu por tud quant tinh.

Depois de passá algum temp fez um imbrui de tud su fat aquell' rapaz piquim e ja foi ficá n'um terr bastant lonj e estranh e ali ja deu cab de tud, fazend munt estragação.

E depois de ter dad cab de tud, sucedeu vi n'aquêll terr grand caristi e êll prinspiou ter pricizão.

Ja sahiu d'ali e ja ficou com um homm d'aquêll terr. Mais est ja mandou par aquêll par um quintal d'êll par tomá cuidad de su criação de porc porc.

Nest lugar tinh buscá êll inchê su barrig com comêr d'aquêll porc porc, mais ninguem nã tinh dá.

Ate qui ja pensou e ja fallou: na caz de mim pai tê bastant criad qui tê munt comêr e eu tá morrê fom!

Eu had levantá e had vai buscá par mim pai e had fallá: Pai, eu ja pecou contr Céo e diant de ós.

Ja nã ta mercê nom de su filh; fazê de mim como de ós criad criad.

Ell ja levantou e ja foi buscá su pai. E quand tinh ind lonj, su pai olhou par êll e ja ficou com pen qui ja correu e butou mão na su gargant par abraçá e ja bijou.

E su filh ja fallou: Pai, eu ja pecou contr Céo e diant de ós, ja uã tá mercê de ós filh.

Então ja fallou su pai par su criad: Tirá de press su melhor rôp e dá visti par êll e butá um anel na su dêd e sapat na su pé;

Trasê tamêm um vaquinh bem gord e matá par nós comê e par nos regalá:

Parqui est mim filh er môrt e agor ja ficou viv: tinh perdid e ja achou. E tud ja começou fasê banquêt.

E seu filho o mais velho tinha no o vargem e como que elle ja vi e ja chega par a casa, elle ja ouvi o musico e as danças.

E chamando huma de os servidors, elle ja esculca que tinha isto.

E elle ja falla per elle: vosso irmão ja vi tem, e vosso pai ja mata a vaccinha guarda, vidaque elle ja recebe per elle em bom saude.

E elle tinha irado e nada entra. Videaquel seu pai ja sahi, e ja roga com elle pera entra.

E elle repostando ja falla per seu pai: Olha, estes tantos annos eu ja servi par ti, nem eu nenhum tempo nunca traspassa teu mandamento, e sinda nenhum tempo tu nunca ja da par mi até hum cabrito, que eu pode alegra com meus amizades:

Mas este teu filho quem ja desperdiça tua fazenda com mundanas quando ja vi, tu ja mata por elle o vaccinha guarda.

E elle ja falla per elle: Filho, vosse sempre tem com mi, e todas minhas cousas tem vossas.

Tinha cumpetido que nos ja fica alegrahu, e ja folga; vide que este vosso irmão tinha morto, e torna tem vida; e tinha perdido e tem achado.

E su filh mais grand tinh andad na camp e quand vêo e chegou pert de su caz, ja ouvio music e cant.

E ja chamou um criad e ja perguntou qui couz er aquêll.

E criad ja fallou: Ja vêo ós irmão e ós pai ja mandou matá um vaquinh parqui êll ja chegou com saud.

Ell então ja ficou zangad e não queri entrá. Mais su pai ja saiu e ja rogou par êll par entrá.

Mais êll ja deu est repost par su pai: Ja passou bastant ann que eu ta servi sem nunc deixá de repetá ós mandament e ós nunc par mim na deu um cabrit par eu regalá com mim amig:

Mais log que vêo est ós filh que ja gastou tud quant tinh com mulher de má vid, log la mandou matá cabrit gord.

Então seu pai ja fallou: Filh, ós sempi tem junto de mim e tud de mim é de ós.

Er preciz fazê banquet e função parqui est ós irmão tinh morrid e agor ja ficou viv; tinh perdid e achou.

* * *

Portuguez de Diu:

«Meu pay tem quebrad, seu corp não prest.

«A senhora dá par mim licença par vai casa, porque minh filh tá corp não prest.

«Muito dinheir gastá quand butá puty [1], e fitinh no vestids.

«Quando veu de Goa par qui, minh vid puligava.

«Muito custo tomá meu corp na viaz.

«Eu veu par qui nú vum vapor.

«Murré vô infelix Custod, não deixá nem husurucam par su famil.

«A senhora ja merca do hoj pamirá.

«Particip Vossa Senhori que honte nov vor noiti minh mulher ja tem parid, e dá par luz vuma baby chocory.

[1] Guarnições do vestido.

«Senhora visinh sabê prepará vû doce bibinc?

«Eu bu fazê minh vid.

«Duvás tem cabec brut, voutras nad prend, eu minh cust gast tud, dá par ellotres, mas não prend.

«Eu agora mesmo janta, e veu par qui.

«A senhára dá vûm hoccó a su habasinh, ham?

«Meu coração ta madurecid, com disgost ja não ta mechê.

«A crians tá fazê datanação e estão garreand.

«Estam dand rundad vum para votro.

«Par mim já tá dá.

«Voû cavall já tá dá vum ponpé que acertá no bossó du minh filh.

«Vû sû filh Domingui stá muit traquin.

«Eu vai egrej e deixá ficar junto se minh filh Pasquin.

«Quand eu desembarc du cavall, cahiu e dovou minh braç.

«O cavall faz bom pass.

«Não deixá alá a habesinh, que macurá podê ruvi culat.

«Ná tá dá doldol du minh filh, porque levá e estragá.

«Visinh cumê di d'hoje baffi du peix?

«Não vê nad par fazê, butá picinh azeit, picinh alh, picinh safrão.

«Assi fazend ficá vum prat que não tá podê largá du bocc.

«Visinh, sabê que tá sentid muit com aquelle outr visinh de corção dur, aquella sû lingu dur não quebr porque está curnund, nem par Christ poupá.

«Senhor, eu tá vai hoje par Muchavará, aminhã ad vi, depois Malalá vai, tud concert fasê.

«Mê filh tá incommod, porque vêu no sû bocc vûm preg.

«Estaphand d'aquelle mand mude.

«Mê pay tá foi di de hoj par hort Dangravary.

«Dá por mim um picinh d'aquell coiz.

«Estou augmentando com o sustento da minha familia, tenho alem de pagar os operarios que trabalham em casa: Sobre minh cabeç tá cahi sustent du tud minh famil, tem eu de pagá tambem os operes que trabalham em casa.

«Qunta é a terra que aqui existe? Quant mate tem aqui?

*
* *

. Papagai verd
Com bicc du lacre,
Levai est cart
Aquell ingrat.

Coro

Oh! baby cur-cu-ry
Pentiá cabel pela manh cêd.

Amarai chendó grand
Com ping du azeite,
Se não tem azeite,
Butá sangue do meu peit.

Noibo com noibinh,
Galinh com pentinh
Baix de janell
Ja trucá annel.

Debaixo du ramad
Ja naceu luvar,
La vê su noibo
De chapé armad.

Comem arec betle,
Não cuspi nú cham,
Cuspi nú me peit,
Regai mé corção.

*
* *

Raminh, raminh,
Pegá na mão,
Se querê amor,
Largá nu chão.

Coro

Oh! rê manhã,
Oh! rê manhã
Rê manhã.
Mandá panhá
Vuruvalh du manhã

Oh! boiá, oh! boiá
Oh! boiá, que é de leit?
Não vá leit,
Não vá leit
Vace fugi oiteir.

Capitão formá companhia,
Marche Go-go-lá,
Marche Go-go-lá,
Marche Go-go-lá,
Go-go-lá, Go-go-lá.

Dol, balá, dol,
Bábá querê col,
Ni-nim, babó ninim,
Babá piquinim.

Sam Paulo, ja baté cino,
Meia noite, ja nacê minino,
Meia noite, ja nacê minino.

Ambá-indó,
Ambá-indó,
Babá, porque chor?
Mamá, papá querê babá,
A mã butá fór.

A ventolla ja pedi vento
Para nosso casamento,
Casamento du senhara,
Du senhara D. Rita.

SCHULTZE (DR. RUDOLF ——).
Die insel Madeira. Stuttgart, 1864, 8.°, 1 tomo, 146 pag.

SCHULZE (HERMANN ——).— Professor.
Die portugiesische thronfolge geschichtlich erorfert. Iena, 1854, in-8.° de vi-53 pag.
E no fim do volume: *Druck von Fromman in Jena.*

SCHURK (AD. FRID. ——).
Poesie und kunst der Araber in Spanien und Sicilien. Berlin, 1865, 2 vol. in-12.°

SCHWAB (MOISE ——).

Abravanel et son époque: les derniers jours de l'histoire des Juifs d'Espagne et leur exil (XIV et XV siècles). Par ——. Paris, 1863, in-8.º

SCORTIA (FRANCISCO ——). — Jesuita, natural de Genova.

Ristretto della santa Vita del Patriarca S. Ignacio Loiola, fondatore della Compagnia di Giesu e suo primo Generale. In Bologna, per l'Herede del Benaca. Bologna, 1624.

SCRIBE (EUGENIO ——).

A Africana. Poesia de Eugenio Scribe, vertida em italiano por M. Marcello. Musica de G. Meyerbeer. Lisboa, 8.º, VII-99 pag.

Personagens:

D. Pedro, primeiro ministro.....	Galvani.
D. Diogo, almirante.....	Lisboa.
D. Ignez, sua filha.....	Corradi.
Guido de Arezzo, navegante	Nandin.
D. Alvaro, membro do conselho	Sinigaglia.
Nelusko, escravo	Merly.
Selika, escrava.....	Rey-Balla.
Grão Sacerdote de Brahma.....	Galvani
Anna, confidente de D. Ignez	Grassi.
O Presidente do Conselho	Reduzi.
Um porteiro.....	Manfredi.

«*Advertencia.*— A empreza d'este theatro entendeu conveniente tirar a feição historica ao libretto da *Africana,* e entendeu bem. As tradições gloriosas dos nossos descobrimentos maritimos não esmorecem, de certo, por Scribe se ter lembrado de fazer de um dos nossos mais audaciosos e illustres navegadores um ridiculo personagem, como o póde idear a phantasia apoucada de qualquer vaudevilista; no emtanto é sempre repugnante, seja para que individuo for, e muito mais a um publico inteiro, ter de assistir á exposição de um enredo, onde antes se amesquinha um dos maiores factos da sua historia, do que se desenha com os verdadeiros conhecimentos gravados na memoria de todos.

«Na *Africana* nada subsiste de verdadeiro, e, por conseguinte, de historico, senão o nome de Vasco da Gama. Ao proprio antecessor do feliz argonauta, a Bartholomeu Dias, chama Scribe «Bernardo Dias».

«Historia, geographia, ethnographia, n'uma palavra todos os conhecimentos subsidiarios de uma obra que toma para assumpto um facto historico, conhecido, bem notorio e preclaro, nada d'isto se encontra no libretto, notavel só pela leviandade e ignorancia com que foi concebido e depois escripto.

«Nós, em portuguez, temos um drama: *Os portuguezes na India,* do sr. Antonio Augusto Correia de Lacerda, que, sem ser uma obra acabada, como quadro dramatico, abrange, todavia, o mesmo intento, que é fazer pomposa mostra da sumptuosidade do nosso poder n'aquellas regiões, onde o valor temerario dos portuguezes foi tão largamente retribuido pelas ricas parêas dos potentados que avassallou.

«Sem tamanhos absurdos, sem desprezar a historia, podia Scribe servir-se do trabalho do sr. Lacerda, e crear sobre elle um apparatoso libretto, que servisse de estimulo e de quadro ao famoso maestro allemão para architectar os seus notaveis monumentos musicaes. Mas Scribe ignorava a existencia do drama portuguez, o que não admira, porque, a julgar pelo seu libretto da *Africana*, ignora cousas muito mais essenciaes, e entendeu adequado lançar mão de um velho dramalhão do repertorio hespanhol, por titulo *Christovão Colombo*, ou *Conquista de Granada*, de que se aproveitou por inteiro, nas scenas vi e vii do primeiro acto; e foi, decerto, este copiar sem criterio, que o levou a pôr a inquisição em Portugal no reinado de D. Manuel, quando é bem sabido que a inquisição só foi instituida depois, no tempo do seu successor D. João III, em 1536.

«Mas estes anachronismos ainda seriam desculpaveis, se d'elles resultasse effeito dramatico ou alguma apreciavel combinação para o libretto. Porém nada disto. A inquisição é alli trazida para personificar a opposição ignara e rancorosa ás idéas audazes do illustre descobridor, opposição que Vasco da Gama nunca teve em Portugal, onde, n'aquella era, pelo contrario, se padecia até da febre das conquistas, como é facil de conhecer pelas obras de Manuel de Faria Severim. Porém, como no drama hespanhol a que me referi, lá está a inquisição a perseguir o intento de Christovão Colombo, isto é, o obscurantissimo fanatico a contrapor-se ao progresso do espirito humano, Scribe não curou de ver se esta ordem de factos se ageitava ao que se passava entre nós, e fez-nos hespanhoes á força.

«Não é isto, comtudo, que lhe devemos levar tanto a mal, visto não passar das scenas de um libretto, porém, sim a fabula ridicula que depois urde, cuja ignorancia transpira logo no proprio titulo.

«Á heroina da opera chama elle «africana», e todavia esta africana não é de Africa, mas sim uma Rainha do Indostão!...

> ... è di la (isto é, do Indostão) che il mio fragil canto
> Colto de la tempesta, in mar tranquillo,
> Ripercosso dall'onde, in preda ai venti,
> Alfin sospinto fu
> Nei tristi lidi della schiavitu.

«São estas as palavras do libretto.

«N'outros versos declara positivamente Vasco da Gama

> ... tutto svela
> Che d'oltre Africa vengano costoro,

isto é, que tudo patentea que de alem da Africa vinham aquelles escravos, Nelusko e Selika, que dá o nome á opera.

«Mas estabelecemos em breves traços a intriga do libretto, para mostrar que era incompativel deixar alli permanecer o nome de Vasco da Gama sem injuria para o nosso publico, ainda o menos esclarecido e exigente.

«É subentendido notorio que Vasco da Gama se tornou celebrado como argonauta intrepido e feliz descobridor da India. Pois são estas mesmas qualidades que lhe reputa Scribe. O aventureiro almirante, na *Africana*, não passa de um pobre lanuem a quem Selika ensina a passagem da India, indicando-lh'a no

mappa (uma selvagem a saber geographia!), e a quem elle paga tamanho beneficio acceitando-a por esposa, a fim de subtrahir-se á morte, fugindo-lhe logo depois, tanto que se lhe proporciona o ensejo.

«O Vasco da Gama historico parte do Tejo em 1497, n'uma armada de quatro naus. Anima esta empreza o desejo de levar a cabo o descobrimento da India, complemento glorioso de antecedentes expedições maritimas. Não ha opposição a que a frota parta, nem a que o almirante se arrisque ás incertezas d'aquellas longuquas paragens; ha, pelo contrario, a anciedade de conquistar, que nos tornou os primeiros navegantes d'aquellas eras, audacia de que resultou um dos primeiros e mais valiosos passos para a civilisação moderna.

«Note-se que já antes de Vasco da Gama, em 1486, Bartholomeu Dias, e não Bernardo Dias, como lhe chama Scribe, havia dobrado o famoso promontorio que, pelos perigos de navegação que o rodeiam, suscitou o nome de Cabo das Tormentas ao impavido navegador, e a Camões a sublime fabula de Adamastor. D. João II, porém, confiando que alli estava a porta aberta para a conquista de novos e ricos dominios, substituiu-lhe a denominação pela mais auspiciosa de Cabo da Boa Esperança.

«No libretto tudo isto se altera, e sem necessidade. O cabo dá-se como não dobrado, e a passagem da India ainda como desconhecida; a Bartholomeu Dias como ignorado o seu destino, naufragado e perdida toda a frota que levára, quando elle voltou ao reino, onde foi celebrado o feito pelo monarcha portuguez, e festejado pela Europa inteira.

«Na *Africana*, Vasco da Gama parte de Lisboa, n'uma posição obscura e subalterna, e tão subalterna, que, quando D. Ignez pergunta por elle, na occasião que annunciam a perda da esquadra, D. Pedro responde-lhe que ninguem o conhece.

«Depois Vasco da Gama, o de Scribe, compra n'um mercado de negros na Cafraria (um mercado de negros na Cafraria!), dois escravos, Selika e Nelusko, que vieram alli parar, trazidos por temporaes n'uma canoa, das bandas do Indostão, sua patria, e onde Selika é Princeza herdeira da corôa.

«Pense-se bem n'esta vinda dos dois escravos das alturas do Ceylão até á Ethiopia! Que de leguas através de mares tormentosos n'uma piroga! Scribe nunca olharia para um mappa geographico?

«É, emfim, com estes dois escravos que o Vasco da Gama da *Africana* volve á Europa, os quaes lhe servem de documento vivo para demonstrar a existencia de terras habitadas alem do Cabo!

«A inquisição, comtudo, toma-o por visionario. Elle vocifera, e afinal é mettido n'um dos carceres d'aquelle fanatico tribunal, mas carcere aonde todos entram e sáem, como se não fosse uma das condições peculiares d'aquellas pavorosas masmorras a isolação de todo o contacto exterior. É n'este carcere que Selika ensina a Vasco da Gama a passagem da India, quando o vê a scismar, com os olhos pregados no mappa.

«D. Ignez obtem o perdão de Vasco da Gama, que sáe da inquisição, alcança um navio, e se põe a caminho para os mares da India.

«Mas o commando da expedição ainda não é dado a elle, senão a um tal D. Pedro, presidente do conselho do Rei de Portugal!

«A bordo dos navios de D. Pedro vão os dois escravos; e Nelusko, a quem como pratico é confiada a rota da esquadra, faz logo que parte dos navios se

peream, e quanto á nau almirante, dispõe elle as cousas de maneira que em certa altura é abordada por uma nuvem de chalupas de naturaes da sua terra, que a tomam, levando todos os portuguezes prisioneiros.

«Notem como o selvagem, aqui da Europa, havia concertado esta surpreza, como se para alli houvesse já telegrapho electrico, e como se uma porção de canôas se atrevesse com um galeão de alto bordo!

«Vasco da Gama tambem fica prisioneiro, e é condemnado a morrer, porque Nelusko, que tece aqui a intriga, o odeia como rival feliz.

«É n'este lance que Selika declara que Vasco da Gama não póde ser condemnado á morte como estrangeiro que ousasse tocar aquella terra vedada a todos que não sejam seus naturaes, porque Vasco da Gama é seu esposo.

«Esta lembrança toca o sublime do desvario, porque, segundo a seita de Brahma, que não tolera a menor ligação civil fóra da sua communhão, a declaração de Selika, em vez de salvar Vasco da Gama condemnava-o, e tambem a ella, a perecerem, sem haver cousa alguma que os salvasse. Mas não é sómente aqui o erro historico, senão tambem em levar Vasco da Gama a terras onde dominava a religião brahmanica!»

....

The Africana. An opera in five acts, by ——. *The italian translation by M. Marcello. Music by G. Meyerbeer.* Malta. Printed at the Anglo-Maltese Press, 1870, in-12.°, 119 pag.

D. Pedro, presidente do conselho do Rei de Portugal	P. Mazzarini.
D. Diogo, almirante.....	G. Zambellini.
Ignez, sua filha	E. Cinti.
Vasco da Gama.....	A. O. Pavani.
D. Alvaro, membro do conselho.....	G. Fleri.
Nelusko, escravo	F. Proni.
Selika, escrava	R. Pantaleoni.
O Summo Sacerdote de Brahma.....	G. Olivieri.
Anna, confidente de Ignez	C. Leonardi.
O Inquisidor Mór	L. Del Riccio.
Um padre.....	B. Perez.

SEBASTIÃO VIEIRA.— Jesuita, natural de Castro Daire.

Littera annua del Giappone dell' Anno MDCXIII, *nella quale si racconfono molte cose d'edificatione, e martyrii occorsi nella persecutione di questo Anno, scritta dal P. Sebastiano Vieira della Compagnia di Giesu. Al molto R. P. Generale dell' istessa Compagnia.* In Roma, per Bartolomeo Zanetti, 1617, in-8.°, 72 pag.

Annuae litterae ex Japonia 16 martii 1613. Romae, apud Bartholomaeum Zanettum, 1617, in-8.°

Lettres Annuelles du Japon, des Années 1613 et 1614, où plusieurs choses d'edification sont racontées fidèlement, et les Martyres arrivés durant la persécution des dictes années. Escrite au Reverend Père Général de la Compagnie de Jésus, par le P. Sebastien Vieira, de la même Compagnie. Mises d'italien en françois au Collège de Lyon, par le P. Michel Coyssard. A Lyon, par Claude Morillon, 1618, in-8.°, 280 pag.

Lettre annuelle du Jappon de l'an mil six cent treize, contenant plusieurs exemples de rare vertu et divers actes des Martyrs, qui ont souffert pour la confession de la foy chrétienne durant la même année. Escrite par le Père Sebastien Vieira, de la Compagnie de Jesus. Au Reverend Père Genéral de la même Compagnie. Traduite d'italien en français par le Père François Solier, de la même Compagnie. A Bordeaux, par Simon Millanges (sem data), in-8.°, 92 pag.

Duas cartas escriptas do carcere de Iedo a 7 de Abril de 1631, na Imagem de Virtude no noviciado de Coimbra.

—— em latim, pelo padre Math. Tanner.

—— em francez, pelo padre Crasset, na *Histoire du Japon*, tomo II, liv. 20.

SEBASTIEN (DOM). *Roy de Portugal. Nouvelle historique.* Paris, chez Claude Barbin, 1680, 3 partes.

SEBASTIEN (DOM) ET FILIPPE II. *Exposé des négociations entamées en vue du mariage du Roi de Portugal avec Marguerite de Valois. Par le comte de S. Mamede.* Paris, 1884, in-8.°

SECULAR PRIEST.

The Life of Saint Elisabeth, Queen of Portugal. London, 1859.

SEGURA (FRANCISCO——).—Hespanhol.

Primera parte del Romancero historiado: trata de los hazañosos hechos de los christianisimos reyes de Portugal Dirigido al ilustrisimo señor Don Miguel de Noroña, meritisimo conde de Liñares, etc, etc. Lisboa, por Vicente Alvarez, 1610, 8.° de XIV (innumeradas), 182 folhas numeradas pela frente.

«Compõe-se este romanceiro de trinta e oito romances, em que se guarda, pouco mais ou menos, a ordem rigorosamente chronologica, sendo assumpto do primeiro a batalha e victoria de Ourique, e do trigesimo oitavo a tomada de Faro por Affonso III. No principio do livro, de fl. VIII a X, vem uma curiosa carta escripta ao auctor por Gonçalo Vaz Coutinho, governador, que fôra, da ilha de S. Miguel.

«O tomo II, ou parte II, não consta que chegasse a ver a luz[1].»

SEGURA (NICOLAU ——).

Foi um dos maiores admiradores do nosso grande padre Antonio Vieira. Não só lhe compoz um elogio em hespanhol, que se encontra nas *Vozes saudosas*, do padre Vieira, mas até mesmo fez o retrato d'este nosso orador na collecção que este padre hespanhol publicou de seus proprios sermões.

SEIXAS (FRANCISCO PARDO DE ——).

Loa en que la heroyca y noble ciudad de Cadix manifesta a S. M. El rey N. S. el goso y placer de que está poseida por los felices esponsales que S. M. ha contraido con la Señora Infanta de Portugal, D. Maria Isabel de Borbon, y por el digno exemplo que recibe e imita su amable hermano, el Serenisimo Señor D. Carlos

---

[1] Innocencio Francisco da Silva, *Diccionario bibliographico*, vol. VI, pag. 244.

Maria, contrayendo iguales esponsales con la Señora Infanta D. Maria Francisca de Assis de Borbon. 1816, 24 pag., in-24.

SELECTAE DEVOTIONES *ad S. Judam Thadaeum, S. Joannem Nepomucenum, S. Dismam pœnitentem latronem, et S. Franciscum Xaverium adjunctis orationibus S. Brigittae.* Leopoldi, typ. S. J., 1711.

SELECTIONS IN PORTUGUESE *and English with Portuguese words properly accented, for the use of persons learning those languages.* 8.°

SEMANA (UNA) IN LISBONA. In-fol.

«Descuellan en los dos pueblos peninsulares dos genios inmensos, dos vidas cuyo paralelismo señaló incompletamente Clemencin y cuya semejanza es absoluta. Madrid y Alcalá, la ciudad complutense, se han disputado el nacimiento del uno; Lisboa y Coimbra, la ciudad universitaria, el de otro; el que nació en Alcalá era de mediana estatura, blanco, de buen color, pelo castaño, barba y bigote rubios, ojos alegres, nariz larga, con una elevacion non desairada en la mitad (testigo de ingenio); los dos eran de afable, ameno y festivo caracter; los dos fueron hidalgos, soldados, poetas y pobres; los dos hicieron largas y penosas peregrinaciones; el uno perdió la mano izquierda en Lepanto, el otro el ojo derecho en el Estrecho de Gibraltar; el uno tuvo por recompensa de sus servicios una plaza de recaudador de alcabalas, que dió con el en la cárcel; el otro un cargo de *proveedor de difuntos*, y fué a parar á una prision; los dos escribieron desde su calabozo; los dos recibieron algun tiempo pensiones, aunque tan escasas, que pasaron en la mayor miseria los últimos años.

Al final de esto decia uno:

Fuime con esto, y lleno de despecho
Busqué mi antigua y lobrega posada,
Y arrojéme molido sobre el lecho;
Que cansa, quando es larga, una jornada.

«Y escribia el otro:

«Quien habia de decir que en tan pequeño teatro como el de un pobre lecho, queria la fortuna representar tan grandes desventuras!»

«Al dia siguiente de recibir la Extrema unccion, escribia el uno:

Puesto ya el pié en el estribo,
Con las ansias de la muerte,
Gran señor, esta te escribo.

«Poco antes de morir escribia el otro:

«En fin, acabaré la vida y veran todos que tan aficionado fui á mi patria, que no me contenté solamente con morir en ella, sinó de morir con ella.»

«El que murió en Madrid fué pobremente enterrado en la iglesia de las monjas trinitarias, y no tuvo quien grabara sobre su sepultura estas nueve letras:

CERVANTES

«El que murió en Lisboa fué pobremente enterrado en la iglesia de las monjas franciscanas y á los dieziseis años tuvo sobre su tumulo la seguiente inscripcion:

AQUI JAZ LUIZ DE CAMÕES
PRINCIPE DOS POETAS DO SEU TEMPO
VIVEU POBRE E MISERAVELMENTE
E ASSIM MORREU

SENEX.
Spain and Portugal distinguished into their kingdoms and principalities. Revised by Senex. 1719.

SENTENCE *the genuine legal, pronounced by the High Court of Judicature of Portugal, upon the conspirators against the life of his Majesty (From the portuguese).* London, 1759.

SEPTENVILLE (BARON DE ——).—Membre de la chambre des députés pour le département de la Somme. Officier d'académie, commandeur avec plaque de l'ordre royal et militaire du Christ, de Portugal; commandeur du nombre extraordinaire des ordres de Charles III et d'Isabelle la Catholique, d'Espagne; chevalier des ordres de Nôtre-Dame de Villa Viciosa, de Portugal, de Nôtre-Dame de Guadalupe, du Méxique, etc. Membre de plusieurs académies et sociétés savantes de France et de l'étranger.

Fastes militaires et maritimes du Portugal. L'expédition de Ceuta en 1415, par ——. Paris, 1879, 8.°, XII-143 pag.

É dedicada esta obra ao ministro de Portugal em França, J. da Silva Mendes Leal; no principio da mesma obra tem mencionadas mais as seguintes:

Découvertes et conquêtes du Portugal dans les Deux Mondes.
Étude historique sur le Marquis de Pombal. 1733-1777.
Le Portugal et l'unité Ibérique.
Le Portugal et ses colonies.
Notice biographique sur S. M. I. Don Pedro IV.
Les droits de la Couronne de Portugal sur la baie de Lourenço Marques.
Le Brésil sous la domination portugaise.
Jean de Lery ou le Brésil et Genève, 1534-1611.

SERENATA *da cantarsi nel Real Palazzo il di 24 Giugno 1726 per il nome della Sacra Real Maestà di Giovanni V. Re di Portogallo.* Lisbona occidentale, nella off. di Giuseppe Antonio da Sylva, 1726, 4.°

SERENATA *que se ha de cantar en el salon del Excelentisimo Señor Embaxador de Portugal en esta Córte de Madrid, con el plausible motivo del doble desposorio de los Señores Don Juan, Infante de Portugal, con Doña Carlota Joa-*

quinx, Infanta de España, y Don Gabriel Antonio, Infante de España, con Doña Maria Ana Victoria, Infanta de Portugal. Descripcion del Salon y demás piezas, construidas y adornadas, de orden de S. E., baxo la direccion de Don Pedro Arnal. Explicacion de los asuntos Mitologicos alusivos á esta funccion, pintados en el salon y galeria. En la Imprenta Real, año 1785, 8.°, 31 pag.

SERMAM *undecimo da Exaltaçam da Santa Cruz, entrada dos jejuns da Ordem e memoria do resgate da Sancta Imagem do Crucifixo captivo. Em o Convento dos Carmelitas Descalços de Madrid.* 1671.

SERRA (PEDRO DA ——).—Da companhia de Jesus; lente de prima de theologia no real collegio de Maximo, de Coimbra; qualificador do santo officio; examinador das tres ordens militares; consultor da Bulla da Cruzada e revisor geral da mesma companhia em Roma.

Sermão panegyrico de S. João Baptista, celebrado na sua milagrosa imagem de pedra que está collocada na parede á porta da Santa Sé de Coimbra, pelo M. R. Cabido em 24 de junho de 1746. Prégou-o o M. R. P. M. ——. En Genova, na officina Lerziana, 1751, fol., XII-LVI pag.

SERTO DI DOCUMENTI *attenenti alle Reale Case di Savoia e di Braganza per le auspicatissime nozze di Sua A. R. la Principessa Pia di Savoia, con Sua Maestà Don Luigi I Re de Portogallo. Publicazione della Stamperia reale de Firenze.* Setembro 1862, fol., 237 pag., edição primorosa.

SEYRIG (T.).

Le pont sur le Douro à Porto, de MM. G. Eiffel & C.e. Mémoire par ——. Description des projects présentés au concours, description détaillé de l'ouvrage exécuté, calculs de résistance relatifs à celui-ci. Avec quatre planches renfermant les divers projets. Extrait des mémoires de la societé des ingenieurs civils. Mémoire qui a obtenu la medaille d'or à la société des ingenieurs civils.

SHARPE (DANIEL ——).

On geology of the neighbourhood of Lisbon. London, 1841, in-4.°

SHEIL (MIGUEL ——).—Professor da lingua ingleza.

Grammatica ingleza de L. Murray, approvada pelos melhores escriptores d'essa lingua, adoptada para uso da real academia de marinha, e commercio da cidade do Porto. Offerecida ao Ill.mo Sr. Dr. Joaquim Navarro de Andrade, Cavalleiro Professo na Ordem de Christo, Primeiro Lente Director e Decano da Faculdade de Medicina na Universidade de Coimbra, Deputado da Real Junta da Directoria Geral dos Estudos e Escolas do Reino, e Director Litterario da mesma Real Academia. Porto, na typ. da viuva Alvarez Ribeiro & Filhos. Anno 1820, 8.°, 235 pag.

SHERER (CAPTAIN MOYLE ——).

Military Memoirs of Field-Marshal the Duke of Wellington, by ——. London, 1830, 2 vol., 8.°

SHERIDAN (B.).

La duègne et le juif portugais, farce en trois actes, pour le Carnaval. Traduite par A. H. Chateauneuf.

SIBELO (BARROS ——).

Plano general estadistico, arqueologico, geografico y geologico de la tercera via militar romana que del Convento Juridico de Braga se dirigia a Astorga 1860.

O superintendente d'estas obras foi o legado de Vespasiano, Caio Calpetanus Rantius Quirinalis Valerius Festus, do qual faz menção Tacito.

SICARDO (JOSEPH ——).

Christiandad del Japon, y dilatada persecucion que padeceo, memorias sacras de los martyres de las religiones de Santo Domingo, S. Francisco, etc. Madrid, 1698.

Cap. v: *Voyage de Inigo de Bierrillas, Portug. à la Côte de Malabar, Goa, Batavia e outros logares das Indias Orientaes.* Paris, 1736.

Trata das missões portuguezas n'aquelle remoto imperio, segundo assevera Tolbort no *Instituto Vasco da Gama*, 1874, pag. 135.

SIEGENBEECK (MATTHIJS ——).

Museum of Verzameling van Stukken ter Bevordering van fraaije kunsten en Wetenschappen. Haarlem, 1814.

Pag. 35 a 88: *Over Camoëns en zijne Lusiade, avec specimen d'une traduction de l'Episode de Ines de Castro.*

SIENA (VINCENZO MARIA DI S. CATERINA DA ——).— Carmelita descalço, residente em Italia.

Il Viaggio all' Indie Orientali dell ——, diviso in cinque libri. In Roma. Filippomaria Mancini, 1672, fol.

Foi em 1656 enviado pelo papa Alexandre VII com outros tres religiosos da sua ordem ao Malabar, com o fim de pôr termo ao schisma que se tinha levantado entre os christãos e o bispo jesuita, que o papa lhes tinha dado.

Escreveu o padre Siena uma minuciosa obra relativa a estas discordias, e da qual tem de tomar conhecimento quem desejar escrever por miudo a respeito do nosso padroado no Oriente. D'esta obra se serviu Crozer na sua *Historia do Christianismo nas Indias.*

Siena mostra-se inimigo dos portuguezes.

SIEUR SANSON.

L'Espagne divisée en tous ses royaumes et principautés... sous les couronnes de Castille, de Aragon et de Portugal, par le ——. Dedié au Roi par H. Jaillot. 1695.

SIFACE. *Dramma per musica, da rapresentarsi in Lisbona nella Sala dell' Academia alla Piazza della Trinità. Anno de 1737, federato alla Nobilità di Portogallo.* In Lisbona occidentale, nella stamperia di Antonio Isidoro da Fonseca. Anno 1737.

SIGEA (LUISA ——).— Natural de Toledo, celebre pelos seus conhecimentos da lingua latina, grega e hebraica, syriaca e chaldaica. Viveu muitos

annos em Portugal, no palacio da celebre infanta D. Maria, filha de El-Rei D. Manuel. Falleceu no dia 13 de outubro de 1560[1].

Sintra. Poema.

SILIO.

Camões.

Poesia recitada pelo escriptor Silió, quando um grupo de escriptores portuguezes foram, em 1872, a Madrid:

Salud y paz, hermanos, la tierra de Castilla.
Hidalga en sus deseos, os brinda solo el bien;
Que solo el bien se deben, cual es el que aqui brilla,
La patria de Cervantes y el pueblo de Camoens!

La misma es nuestra lengua; lo mismo, igual se llama
La patria que en seno nos dá igual corazon;
El sol de vuestros heroes brilló Vasco de Gama,
Cual brilla entre los nuestros y brillará Colon!

Mas grandes que nosotros, de libertad en nombre,
Habeis desvanecido las sombras del ayer;
Ya vuestra ley corrije, la nuestra mata al hombre,
Ejemplo sois de un pueblo que libre sabe ser!

Unidos los recuerdos estan en nuestra historia;
Que una nuestras almas mayor fraternidad,
Que el sacrosanto grito que inspire nuestra gloria
Eternamente sea de — patria y libertad!

SILVA (ANTONIO DA ——). — Gallego.

Primeras tragedias españolas: Nise lastimosa y Nise laureada; Doña Ignes de Castro y Valladares, Princesa de Portugal. Madrid, 1577, in-8.°, por Francisco Sanchez.

Falla d'esta obra Nicolau Antonio, *Bibliotheca Nova*, vol. I, pag. 161.

SILVA (DUARTE DA ——). — Irmão coadjutor, portuguez, que, no anno de 1552, S. Francisco Xavier enviou a Goa, distinguindo-se por seu zêlo em catechisar os infieis, e morreu no reino do Bungo, no anno de 1564.

Carta escrita do Japão aos Irmãos da Companhia da India a 20 de setembro de 1555. Evora, por Manuel da Silva. Coimbra, por Antonio de Mariz, 1570, in-4.°

Foi vertida para latim pelo padre Manuel da Costa: *Rerum Societatis in India gestarum*, lib. II, epist. IV. Dilingae, apud Sebaldum Mayer, 1571, in-8.°, pag. 93 a 103. Coloniae, apud Gervinum Calenium, 1574, in-8.°, pag. 199 a 210; nas *Epistolas Japonezas*, Lovanii, apud Rutgerum Velpium, 1570, in-8.°, pag. 103

[1] Nicol. Ant., *Bibliotheca Nova*, vol. I, pag. 73.

a 108. Ibid., 1569, in-8.°, pag. 85 a 93; e por Maffejo: *Epist. Indic.*, lib. I. Florentiae, apud Philippum Junctam, 1588, in-fol.

Em hespanhol, pelo padre Cypriano Soares, Coimbra, por João Alvares e João de Barreira, 1565, in-4.°, pag. 95. Alcalá, por Juan Iniguez Lequerica, 1575, in-4.°, pag. 73.

Em italiano, nos *Diversi avisi particolari dell' Indie*, parte III. Venetia, per Michele Tramezzino, 1565, in-8.°, pag. 250.

Summario de algumas cartas que escreveu de Amanguchi a 20 de setembro de 1555. Reimpresso com outras. Evora, 1598, fol.

Traduzido para latim nas *Epistolis Japonicis*, Lovanii, 1569, in-8.°, pag. 111 a 131, e ibid., 1570, in-8.°, pag. 109 a 121.

SILVA (J. M. PEREIRA ——).—Brazileiro.

Biographie de Jorge de Albuquerque Coelho.

Appareceu publicada em francez na *Revue des races latines*, 2ᵉ année, vol. VIII. Junho de 1858.

SILVEIRA (BARONEZA D. BEATRIZ DA ——).

«A baroneza D. Beatriz da Silveira nasceu em Lisboa, e foi casada com o barão Jorge Paz da Silveira, cavalleiro da ordem de S. Thiago, commendador de S. Quintino de Monte Agraço, senhor das villas da Silveira, Cuevas de Catanazor, etc.[1]

«Viveram e morreram ambos na côrte de Madrid, e herdaram e adquiriram grandes riquezas, de modo que a sua casa era uma das mais opulentas de toda a Hespanha.

«Não tiveram filhos, e como tinham casado por carta de metade, se achou por morte de ambos que cada um d'elles possuia 80:000 cruzados de renda annual e perpetua, de que o barão instituiu dois morgados para dois sobrinhos seus, e edificou em Alcalá um collegio para quarenta irlandezes, com grande renda, para alli estudarem e saírem a prégar a fé ao seu paiz.

«Fundou mais um magnifico hospital e um grandioso mosteiro de freiras franciscanas, e deixou grande porção de rendas perpetuas a presos, captivos e orphãos, com outras muitas obras de piedade.

«A baroneza, que sobreviveu a seu marido, despendeu os seus 80:000 cruzados, que couberam á sua parte, e as muito avantajadas sommas que importavam os seus bens moveis, pela maneira seguinte, como consta do seu testamento, impresso em vinte folhas de papel. E d'elle consta o seguinte:

«Fundou em Madrid o famoso convento da Natividade e S. José, de carmelitas descalças, a que, em rasão da sua fundadora ser baroneza, eram admittidas quarenta religiosas de conhecida nobreza de pae e mãe, as quaes entravam sem dote, sem propina nem tença, gastando n'esta fundação mais de 160:000 cruzados, e lhe applicou de renda perpetua annual 20:000 cruzados para sustento das ditas religiosas do côro e de oito leigas para o serviço de casa, e para seis capellães e um sacristão-mór e outro menor, um mestre de cerimonias e quatro moços para o serviço da igreja. Ordenou que dos 20:000 cruzados se depositas-

---

[1] *O Ramalhete*, vol. III, pag. 37.

sem 2:000 cada anno em um cofre, e que cada tres annos se empregassem estes 6:000 cruzados em novas rendas, para que as do convento se fossem augmentando sempre.

«Em Alcalá reedificou, quasi desde os fundamentos, outro mosteiro tambem de carmelitas, com grande dispendio, e lhe applicou 2:000 cruzados de renda perpetua.

«Na villa de Yepes edificou outro convento das mesmas religiosas, com 3:000 cruzados de renda. Edificou em Salamanca um collegio aos frades trinitarios descalços, e aos mesmos fundou uma casa de deserto com grandes despezas e lhe dotou outros 3:000 cruzados. Aos jesuitas da casa professa de Madrid applicou de renda perpetua 2:000 cruzados; aos dominicos da mesma côrte, outros 2:000; aos noviços do mesmo convento, 400 cruzados. Aos clerigos menores 700 cruzados; aos clerigos agonisantes, 200; aos carmelitas calçados de Valle de Mouro, 400; ás carmelitas descalças de Toledo, 400; ás carmelitas descalças de Guadalajara, 200; ás trinas descalças de Madrid, 200; ao mosteiro de Santa Catharina de Sena, da mesma cidade, 1:500; ás capuchinhas descalças da mesma, 400; etc., etc.»

SILVEIRA (GONÇALVES DA ——).—Natural de Almeirim. Entrou para a companhia de Jesus, com dezoito annos, em junho de 1543. Foi prégar a fé para a Ethiopia, e foi mandado matar cruelmente pelo Rei de Monomotapa em março de 1561.

Carta escripta de Cochim em o anno de 1557 ao P. Gonçalo Vaz de Mello, em que lhe relata os successos desde Lisboa até Goa, e o fructo que fizera em Cochim. (Foi traduzida para latim com outras cartas.) Venezia, per Michele Tramezzino, 1559, in-8.°

Varias outras cartas, impressas em Veneza, na lingua italiana, 1555 e 1562, conjunctamente com outras cartas de missionarios.

Algumas cartas manuscriptas que existiam na casa professa de S. Roque, saíram vertidas para italiano. Venezia, 1562, por Mich. Tramezzino.

SIMEONIBUS (DON FERDINANDO DE ——).—Conti di Montorio.

Alla Serenissima Maria Anna, Regina, Archiduchessa de Austria, Regia Sposa della Maestà di Don Giovanni V, Re di Portogallo et di Algarbia. Augurio di felice Viaggio. Soneto Sem data nem logar de impressão.

SIMON (EUGÈNE AUGUSTE ——).—Professeur de français.

Petite versification française, par ——. Lisboa, typographia de Gutierres da Silva, 1880, 8.°, 33 pag.

SIMONET.

La fièvre jaune à Lisbonne. 1863.

SIRET (L. P.).

Grammaire française et portugaise. Paris, an 8 de la République, 4.°, 1 vol., 158 pag.

Grammaire portugaise de ——, augmentée par Joseph da Fonseca. Paris, 1854.

SIRI (VITTORIO ——).—Conseiller d'état et historiographe de Sa Majesté très-chrétienne.

Historiador italiano, nascido em Parma no anno de 1608 e fallecido em Paris no de 1685.

Mercure de ——. Contenant l'histoire générale de l'Europe depuis 1640 jusqu'en 1655. Traduit de l'italien par M. Requier. A Paris, chez Didot, 1756.

Tendo os primeiros volumes do seu *Mercurio* propagado sua reputação, mandou-lhe o cardeal de Mazarin dar uma pensão com os titulos de conselheiro, esmoler e historiographo do Rei[1].

Como é de suppor, muitas passagens se encontram n'esta obra relativas a Portugal. Mencionarei uma ou outra.

Trata por miudo da revolta dos portuguezes contra o jugo castelhano em 1640, e esta narração corre de pag. 167 (vol. I), até 224.

«As victorias da França tinham anteriormente dado extraordinarios abalos á monarchia hespanhola; mas a revolta de Portugal e a da Catalunha eram presagios quasi seguros da quéda da sua grandeza.» (Vol I, pag. 225.)

«A revolta de Portugal foi encaminhada com tão grande segredo, apesar de tramada durante o espaço de cinco mezes por diversas pessoas de todas as ordens d'aquelle estado (vol. II, pag. 118), e foi tão promptamente executada, apenas rebentou, que o Rei não póde advertir de prompto a seu irmão D. Duarte de Bragança, o qual havia muito tempo que estava servindo a Allemanha debaixo das bandeiras do Imperador.

«Havendo o rumor da revolta chegado aos ouvidos de Francisco de Mello, e dos outros ministros de Hespanha, os quaes estavam em Ratisbona, instaram estes immediatamente com o Imperador para que o mandasse prender. Apresentavam diversas rasões para o moverem a condescender com suas solicitações. Porém, vendo que diversas resoluções e perplexidades extremas o combatiam, fizeram immediatamente com que Diego Chiroga, capuchinho, confessor da Imperatriz, andasse de modo que o persuadisse, com provas extrahidas dos casuistas, que a coisa convinha ao bem do estado. Alguns ministros d'esta côrte disseram livremente que era isto violar não sómente a liberdade do Imperio, mas até mesmo a fé publica e as leis da hospitalidade, e que eram mal pagos os serviços prestados á casa de Austria pelo Infante. Todas estas rasões e varias outras cederam, comtudo, á mais importante de todas, que é a salvação dos povos, dependente da segurança dos estados, é a lei suprema dos que governam.

«Deram-se as ordens necessarias para prenderem D. Duarte. Foi a prisão executada no tempo em que elle passava de Donavert para a côrte, que estava em Ratisbona. Foi preso no momento em que entrava n'esta cidade, posto n'uma carroça, fechado de todas as partes e levado para uma casa, onde foi entregue aos ministros d'estado, que o enviaram, primeiramente para Possa, depois a Gratz, para o fazer passar ao castello de Milão.

«D. Duarte queixava se energicamente da injuria que lhe faziam, e tomando o céu por testemunha de sua innocencia, repetia em vão que suas queixas eram justas, que os grandes Principes faziam mal em terem suspeitas d'elle, e que se

---

[1] Firmin Didot, *Nouvelle Biographie Universelle*, vol. XLIV, pag. 39.

lamentava de que jamais o poderiam convencer dos aggravos que lhe eram imputados.

«A prisão d'este valente Principe, dotado das mais brilhantes virtudes, era notavelmente vantajosa á corôa de Hespanha, tanto mais que, no caso que o Rei, seu irmão, viesse a morrer durante a menoridade de seus filhos, perdiam os portuguezes, com a prisão d'elle, o unico sustentaculo da sua causa, e o unico meio de consolidarem o novo sceptro nas mãos dos Principes da casa de Bragança.

«As Provincias Unidas tinham tambem enviado um embaixador ao Rei da Dinamarca, para negociar a restituição de quatro de seus navios, que os officiaes d'este monarcha tinham capturado, e para saber claramente sua intenção a respeito do direito do Sund, antes de fazerem com que partisse sua frota mercante, que todos os annos, no mez de abril, se faz de véla para o norte, pelo Mar Baltico (Vol. II, pag. 171.)

«N'este comenos o embaixador do Rei de Portugal chegou a Marenflous, de onde fez saber sua chegada aos Estados Geraes, que lhe mandaram dizer que passasse a Rotterdam, onde lhe marcariam o dia que se desejava que elle escolhesse, com o fim de fazer sua entrada na Haya, onde seria recebido como embaixador de testa coroada.

«A entrada d'este embaixador, que se chamava D. Tristão de Mendonça Furtado, fez-se a 9 de abril. Eram suas carruagens seguidas da do Principe de Orange, e de grande numero de outras, todas cheias de nobreza. Tres dias depois teve sua primeira audiencia, na qual apresentou aos estados um manifesto do Rei seu amo. Fez depois, da parte d'este, duas propostas. Foi a primeira, que as Provincias Unidas cedessem todas as cidades e fortalezas que ellas possuiam nas Indias Orientaes, e que consentissem em receber por troca o desembolso das despezas feitas, quer na conquista, quer na conservação d'ellas. Reduziu-se a segunda a pedir alguns soccorros de armas e munições, bem como officiaes de guerra.

«Responderam-lhe que a Hollanda tinha conquistado e conservado até este dia, pela força das armas, as praças da India, e que pretendia manter a posse d'ellas pelo mesmo meio. Que, emquanto ao mais, podia o Rei de Portugal livremente comprar, na Hollanda, armas e quaesquer outras provisões, e que se não obstaria a que nenhum dos seus habitantes fosse servir nos estados d'este monarcha.

«Um outro embaixador do mesmo Principe fez sua entrada em Paris com uma comitiva de trinta e cinco carruagens, que tinham ido ao encontro d'elle, a uma legua da cidade. D'este numero era a do Rei, na qual entrou, e onde se achavam o marechal de Châtillon e o conde de Brûlon, introductor dos embaixadores. Era a carruagem seguida pela da Rainha e pelas de Monsieur, do Principe de Condé, do cardeal de Richelieu e por outras. Foi conduzido ao hotel dos embaixadores extraordinarios, e esplendidamente regalado durante alguns dias. Emquanto aos embaixadores das outras potencias na côrte de França, só um houve que mandou sua carruagem a esta entrada. Foi o de Saboya. Todos os outros se dispensaram de o fazer, embora houvessem sido convidados para ella pelo de Portugal, o qual foi depois conduzido, com as carruagens do Rei, pelo duque de Chevreuse, a Saint Germain, á audiencia do Monarcha e da Rainha, de quem recebeu o acolhimento mais favoravel, bem como do cardeal Richelieu.

«Um outro embaixador de Portugal appareceu tambem na Inglaterra, onde

foi recebido de Carlos como os das testas coroadas, apesar das fortes opposições do de Hespanha, residente n'aquella côrte. O Rei lhe tinha mandado primeiramente dizer que se detivesse em Salsberi, até que se houvesse regulado sua recepção, que foi regulada com toda a satisfação possivel para elle, porque o interesse do commercio não permittia a este monarcha que se encerrasse no rigor das reservas, nem que temesse as ameaças, que fazia o embaixador de Hespanha, de sair da sua côrte. Porém, tendo o tempo acalmado este ministro, continuou a pedir audiencias ao monarcha, em uma das quaes lhe fez vivas queixas a respeito do que os navios do Rei seu amo tinham de soffrer, e lhe supplicou que procedesse de sorte que o parlamento pozesse cobro a esta desordem. O embaixador de Portugal foi depois introduzido no conselho d'estado com a ajuda dos commerciantes de Londres. Tratou-se aqui por extenso do estabelecimento do commercio reciproco das duas nações, e de suas correspondencias nas Indias em particular.

«O embaixador extraordinario de Portugal na côrte da Suecia conservava-se n'esta cidade para pôr a ultima demão no tratado de confederação, esboçado entre as duas corôas. Embarcou depois em Gothenbourg com destino a Lisboa, completamente satisfeito com a sua negociação e com o bom acolhimento que recebêra do publico e dos particulares. A regencia da Suecia enviou na companhia d'elle um deputado ao Rei de Portugal, para a ratificação do tratado.

«Mas pouco faltou para que um só golpe derribasse o throno d'este soberano, apenas erguido. Varias pessoas das primeiras familias de Portugal, e até mesmo seus parentes mais chegados, conspiraram contra a sua perda, e eram estes os principaes cabeças da conspiração. O primeiro cabeça, porém, foi D. Sebastião de Matos, arcebispo de Braga, que se tinha mostrado tão avesso á revolta de Portugal[1], o qual, como creatura apaixonada do Conde Duque, a quem reconhecia dever sua elevação, em nada mais pensava do que em arruinar a nova grandeza da casa de Bragança, e em restabelecer a dominação castelhana, á qual fazia profissão de ser affecto. Abriu-se com o marquez de Villa Real, no qual achou promptas disposições, quer este estivesse desgostoso com o novo governo, quer pretendesse engrandecer mais sua fortuna pela ruina da fortuna de outrem. Queria o arcebispo fazer a mesma confidencia ao duque de Caminha, filho do marquez; mas a isto se oppoz o pae, dizendo que elle estava debaixo da sua direcção, e que suas vontades dependeriam sempre das do pae.

«Não lhe declarou, por conseguinte, a conjuração, a não ser alguns dias antes d'aquelle em que ella tinha de rebentar.

«Não encontrou o arcebispo nenhuma difficuldade para tambem fazer entrar n'ella ao conde de Armamar, seu sobrinho, e outras pessoas de menor importancia n'ella foram entrando successivamente, ou com esperança nas recompensas, ou desgostosas do governo presente, ou com o desejo de novidades, ou por outros motivos mais poderosos. Os confederados correspondiam-se a occultas com a côrte de Hespanha, a qual promettia coadjuval-os. Deviam matar o Rei, a Rainha e seus filhos. Chegam mesmo a dizer que o Infante D. Duarte, irmão do Rei, então preso em... tinha de ser comprehendido n'este morticinio; que o alvo

---

[1] *Mercure*, vol. III, pag. 123. D. Luiz de Menezes, no seu *Portugal restaurado*, conta as cousas de modo differente. V. vol. II, pag. 296, edição de 1751.

d'esta mesma côrte era recuperar Portugal com a menor difficuldade, e tirar aos povos d'este paiz o alimento para novas revoltas, aniquilando a casa de Bragança.

«Devia rebentar a conspiração em 3 de julho. Mas foi ella revelada de proposito ao Rei, por um de seus servidores, dotado de dextreza e de sagacidade, a quem elle obrigava a fazer differentes jornadas a Castella, com o fim de espiar os passos de seus inimigos. Tendo este encontrado, por acaso, n'uma hospedaria, um cigano, portador de cartas dos conjurados, travou com elle intimas relações, e d'estas se serviu para fazer com que elle soltasse algumas palavras, as quaes fizeram com que desconfiasse d'aquillo que na realidade se estava tramando. Depois de o ter embebedado, e de se ter afastado com elle para um quarto de legua distante da estalagem, cravou-lhe algumas punhaladas, tirou-lhe todas as cartas e as levou ao Rei.

«Attribuiram alguns a descoberta da conjuração á sagacidade do conde de Vimioso, D. Affonso de Portugal, major general das fronteiras da provincia do Alemtejo. Dizem que este senhor, despojado do seu cargo pelo Rei, mostrou-se offendido gravemente, e, por conseguinte, que o arcebispo de Braga julgou que seria facil introduzir na sua alma um aguilhão de vingança; que algumas palavras mysteriosas, soltas da bôca d'este arcebispo, juntas a outros indicios e a outras suspeitas, fazendo com que o Rei temesse fortemente alguma conspiração contra a sua pessoa, tinha este Principe incitado o conde de Vimioso a estudar com finura as primeiras expressões do azedume do prelado, para saber d'elle o fundo; e que, tendo-lhe este prelado feito algumas declarações ácerca do attentado, as fôra immediatamente declarar ao Rei. Querem outros que esta conspiração tenha sido descoberta pelo duque de Medina Sidonia, parente d'este Principe. Outros, emfim, pretendem que nem este ultimo nem os precedentes a descobriram. Tanto o conhecimento dos negocios dos grandes é pouco certo.

«Como quer que seja, tendo o Rei descoberto a conjuração tramada contra elle, deu por toda a parte tão boas ordens, que foram presos quasi todos os conjurados. Eis de que maneira a coisa se executou. Mandou este monarcha declarar á nobreza, ao som dos tambores e das trombetas, segundo o uso d'esta côrte, que queria passear pela cidade. Correu ella, promptamente, para o acompanhar. Antes de sair do palacio deu a entender que queria reunir o conselho d'estado, do qual os conjurados eram membros. Depois de estarem reunidos na sala quantos o compunham, mandou o Rei chamar os culpados um em seguida ao outro, de maneira que se acharam presos sem que ninguem de tal désse fé e sem que elles soubessem entre si a desgraça de cada um. Para se assegurar melhor de suas pessoas, conservou as tropas em armas, tanto as da cidade como as de fóra, e prompto a cumprirem suas ordens, debaixo do pretexto de passar uma revista geral a todas.

«No tempo em que os fidalgos conspiradores eram presos no palacio, a justiça ia deitando a mão, sem barulho, a seus cumplices, entre os quaes se achava D. Francisco de Castro, inquisidor-mór. O crime d'este provinha, não em ter tomado parte na conjuração, mas em não a ter revelado. Eis como ella estava combinada. Lourenço Pidez (?), que, na qualidade de guarda do thesouro real, guardava as chaves da primeira porta do palacio, devia entrar com cem homens no quarto da Rainha. Tinham combinado algumas pessoas para lançarem fogo á frota que estava ancorada em Belem. Deviam-n'o tambem lançar a Lisboa, por

quatro lados, com o fim de que o povo, concorrendo para estes lados, deixasse haver liberdade de entrar no palacio, segundo o que se tinha projectado. Alem d'isto, para se encontrar menos resistencia no povo, tinha-se resolvido que o arcebispo de Braga havia de sair da igreja com um crucifixo na mão, gritando: «Viva a lei de Jesus Christo! Morra a de Moysés!» Depois de reconhecidos os culpados e presos, mandou o Rei publicar um edito, pelo qual offerecia perdão a qualquer cumplice, que no espaço de quatro dias fizesse espontaneamente plena confissão do seu crime. Que, passado este praso, seria reputado como convencido do crime de lesa-majestade. Não é possivel exprimir a indignação e o furor do povo contra os culpados. Cada um queria ser o seu algoz.

«Encerrado o processo, marcaram o dia 29 de agosto para o dia da execução da sentença de morte pronunciada contra elles. Em a noite que precedeu este dia conduziram os guardas ao marquez de Villa Real, ao duque de Caminha, a seu filho, parentes chegados do Rei, o conde de Armamar e D. Agostinho Manuel, para casa de Diogo Duarte, contigua á praça Losia (?)[1], onde se levantava um estrado, para o qual se entrava por um passadiço. Sobre esse estrado havia duas ordens de degraus. Em cima do mais elevado estavam dois assentos, um para o marquez de Villa Real, e outro para o duque, seu filho. Em cima do menos elevado via-se o do conde de Armamar, e sobre o pavimento o de D. Agostinho Manuel.

«Na manhã do dia seguinte, pelas dez horas, quatro juizes do tribunal, acompanhados dos officiaes de justiça, visitaram este funesto apparato, para verem se tudo estava em ordem. Pouco depois appareceu, perante uma chusma innumeravel de povo, o marquez, com um bastão na mão, e um manto pendente dos hombros. Ao primeiro passo que deu no estrado, ao sair do passadiço, poz-se de joelhos, e depois de ter recitado algumas orações fez ao povo um longo discurso, que se reduzia a uma queixa sobre a sua desgraçada sorte. Perguntou depois a este povo se havia algum perdão para elle; e depois de todos exclamarem: «Morra, morra o marquez!», replicou: «Taes foram os gritos dos judeus contra Jesus Christo!»

«Então disse o algoz em alta voz: «O Rei, nosso senhor, quer que justiça seja feita, e que D. Luiz, ex-marquez de Villa Real, tenha a cabeça cortada, como traidor a Sua Magestade, aos principaes do reino e a todo o povo; e que por causa do seu crime sejam seus bens confiscados e sua memoria infamada, do que desejava saber se o povo estava contente.»

«Ouviu-se immediatamente toda a multidão vociferar e gritar: «Justiça!»

«Logo que se calou voltou-se o carrasco para o marquez, e lhe amarrou os braços e as pernas aos pés e aos braços da cadeira em que estava sentado. Depois, em vez de lhe cortar a cabeça pela parte de traz, lh'a fez vergar sobre a cadeira, feita de proposito para este fim; e applicando-lhe a mão sobre a testa, lh'a cortou por diante, e cobriu seu corpo com um grande panno de seda preta.

«O duque de Caminha apresentou-se no tablado da mesma fórma que seu pae, acompanhado, como elle, por seus creados. O algoz repetiu, em voz alta, as mesmas palavras que já tinha proferido, mudando, sómente, o nome do cri-

---

[1] A execução foi na praça do Rocio. V. *Portugal restaurado*. O marquez de Villa Real levava vestido um capuz.

mismas. Este, passando por diante da cadeira de seu pae, poz-se de joelhos e lhe beijou mais de cem vezes os pés, fazendo julgar, por isto, a todos os espectadores, que lhe pedia perdão, como reconhecendo-se auctor da desgraça; e pediu ao povo que rezasse um padre nosso pelo descanso de sua alma. Tendo-se depois sentado na sua cadeira, recebeu o mesmo supplicio que elle. As turbas queriam que lhe cortassem a cabeça pela parte de traz, como aos traidores, mas o Rei não quiz consentir, porque tal genero de morte era excessivamente ignominioso em a nação.

«O conde de Armamar appareceu depois, acompanhado de um só moço de camara, e pouco depois D. Agostinho Manuel. Foram executados do mesmo modo.

«Pedro Baeça, rico commerciante de Lisboa, Antonio Correia e os outros foram enforcados nas forcas levantadas ao canto do tablado. Seus cadaveres, esquartejados e expostos ás portas e principaes ruas de Lisboa, foram por muito tempo um espectaculo horroroso para os portuguezes. O arcebispo de Braga, e varios outros ecclesiasticos, acham-se até hoje rigorosamente guardados nas prisões. O Rei tomou lucto durante quatro horas, por causa da morte do marquez de Villa Real e do duque seu filho.

«Algumas semanas antes tinham chegado os embaixadores da Catalunha, para felicitarem este Principe pela sua elevação ao throno de seus antepassados. Deu-lhes a primeira audiencia, durante a qual os mandou sentarem-se e cobrirem-se; mandou-os depois acompanhar á pousada que lhes estava preparada pela fidalguia que estava em volta da pessoa do Rei. Alem de lhes mandar pagar as despezas com magnificencia real, admittiu-os tambem á sua mesa, e quiz que fossem servidos como elle proprio. Tendo um d'elles adoecido, honrou-o por tres vezes com a sua visita. Os grandes do reino, conformando-se com o seu exemplo, não houve nenhum que não o seguisse n'esta occasião.

«Quasi ao mesmo tempo chegou o embaixador da Hollanda, em duas naus, que traziam armas para dois mil infantes, e mil cavalleiros, com outras munições de guerra. Foi recebido com maiores honras que os de Catalunha. A 6 de agosto o marquez de Brezé appareceu n'estas mesmas costas com uma esquadra franceza. Mais de mil barcos foram ao seu encontro. Estavam cheios de refrescos e de fidalguia, para o servirem, prestarem-lhe serviços e regalal-o. A 10 o Rei enviou-lhe uma galeota, com officiaes da sua côrte e doze suissos da sua guarda, para lhe pedirem que desembarcasse. Foi conduzido desde o logar em que desembarcou até ao palacio, pelo meio de uma chusma innumeravel de povo, que fazia ouvir, em seus gritos repetidos, o nome do Rei de França. Regressou na tarde do mesmo dia para a esquadra, depois dos cumprimentos ordinarios.

«A Hespanha estava desgostosa por causa do mau resultado de suas armas, o qual diariamente consolidava mais o sceptro de Portugal nas mãos do duque de Bragança. (Vol. III, pag. 234.)

«Tinham os castelhanos saido de Badajoz, em grande numero, para atacarem a villa de Olivença, distante da primeira umas quatro leguas, e situada, como aquella, nas margens do Guadiana, rio que separa Castella de Portugal. Foi isto sabido por D. Affonso de Mello, general das tropas portuguezas. Marchava em soccorro da praça, com a maior diligencia, quando foi informado por um correio que os castelhanos haviam sido tão bem recebidos, que se tinham retirado com perda consideravel. Vergonhosos com a sua derrota, ameaçavam com tornar ao ataque, o que obrigou D. Affonso a partir de Elvas, com oito mil infantes e mil

e quinhentos cavallos, para ir de novo em seu soccorro. Marchou durante toda a noite, e tendo chegado á ponte do Guadiana, alli soube que os inimigos, desesperando da empreza, se tinham retirado para Badajoz. Mas apenas elle mesmo se tinha retirado, pela terceira vez a accommetteram, inutilmente, na verdade, e com alguma perda, vencidos, no emtanto, mais por sua propria falta de ordem do que pelo valor dos inimigos.

«Todavia, o Rei de Portugal, attento em preservar seus estados dos ataques d'elles, ordenou aos capitães e aos outros officiaes, tanto francezes como hollandezes, que estivessem promptos a marchar d'aquelle lado, ao primeiro signal que elle lhes mandasse dar.

«A 27 de setembro chegou de Angola a Lisboa uma frota de dezoito navios, carregados de grande quantidade de mercadorias, principalmente de assucar. Dois dias depois chegou uma segunda, do Rio de Janeiro, carregada de outras mercadorias de grande valor. Traziam estas duas frotas para Portugal tanto proveito, quanta era a perda que iam causar á Hespanha. Começou-se desde então a cunhar uma nova moeda de oiro e de prata, que tinha de um lado a cruz de Portugal e do outro as armas do Rei, com os lyrios, em signal da estreita união e da antiga alliança das duas corôas.

«Por este mesmo tempo espalhou-se o boato, cuja origem se ignorava, de que o duque de Medina Sidonia tinha correspondencias secretas com o Rei de Portugal, seu parente, e que se interessava pelo engrandecimento da sua casa. Dizem a este respeito que o Rei de Hespanha se queixou certo dia ao conde-duque, de que a familia dos Guzmans lhe era fatal; que este ministro, que era da mesma familia, mandou immediatamente ordem ao duque de Medina Sidonia para se apresentar na côrte, sem demora; apenas este chegou, mandaram-lhe que se desculpasse, por meio de um escripto publico, do crime que lhe imputavam. Pretendem outros que este duque, sentindo-se criminoso, e vendo que suspeitavam da sua fidelidade, espontaneamente apresentou este escripto. Era um cartel[1], escripto por um Gabriel de Rei, pelo qual chamava a desafio o Rei de Portugal.

«Eis como era concebido:

Dom Gaspar Alonço Peres de Gusmão, duque de Medina Sidonia, marquez, conde e senhor de S. Lucar de Barrameda, capitão general do Mar Oceano, costas de Andaluzia e dos exercitos de Portugal, gentil-homem da camara de Sua Magestade Catholica, a quem Deus guarde.

«Digo que, visto ser notoria a todo o mundo a traição de João de Bragança, antigamente duque, tambem se deve saber o detestavel intento, com que elle quiz taxar de infidelidade a muito fiel casa dos Gusmão, que por tantos seculos esteve, e estará para o futuro na obediencia do seu Rei, reconhecida como tal pelo muito sangue que os seus têem derramado em confirmação d'isto mesmo. Este tyranno persuadiu aos Principes estrangeiros e aos vagamundos portuguezes que seguem o seu partido (a fim de fazer acreditar a sua malignidade, animal-os em seu favor e malquistar-me, posto que em vão, com o meu soberano, a quem Deus guarde), que eu sou um dos seus instrumentos; fundando, e estabelecendo a

---

[1] Servi-me do «cartel» que vem em Vertot, traduzido por fr. Matheus da Assumpção.

sua conservação no throno sobre este boato, que tem feito correr por toda a parte, e com o qual infectava a cada um em particular, lisonjeando-se, que se elle podesse chegar a este ponto de fazer duvidar El-Rei de Hespanha da minha fidelidade no seu serviço, não encontraria da minha parte uma opposição tão forte como cada passo está encontrando, contra todos os seus designios. Para este fim se serviu de um religioso, que fôra mandado a Castro Marim, em Portugal, pelo senado da villa de Ayamonte, a tratar da soltura de um prisioneiro, o qual religioso, tendo sido levado preso para Lisboa, foi subornado para dizer que eu era do partido de João de Bragança, e até chegou a publicar algumas cartas em confirmação d'isto mesmo, e a dizer que eu havia de dar entrada livre e acolhimento a todas as esquadras estrangeiras que aportassem ás costas de Andaluzia; tudo isto a fim de facilitar a remessa de soccorro, que pedia aos principes estrangeiros. E aprouvera a Deus que isto assim fosse! Eu faria o mundo inteiro testemunha do meu zêlo, e da perda dos seus navios, a qual elles não podiam deixar de experimentar, segundo as ordens que eu tinha dado, no caso que elles emprehendessem similhante cousa.

«Eis aqui algumas rasões de queixa que tenho contra elle. Porém, o principal motivo do meu desgosto, é ser a sua mulher do meu sangue, o qual estando agora maculado por esta rebellião, eu o desejo derramar, e sinto-me obrigado a mostrar ao meu Rei e senhor, por esta acção, o resentimento que tenho da satisfação que elle mostra ter da minha fidelidade, e dal-a igualmente ao publico, para tiral-o da suspeita, que elle talvez conceberia, pelas falsas noticias que se tem divulgado.

«É por estas rasões que eu desafio o dito João de Bragança, antigamente duque, como tendo faltado á fidelidade que devia ao seu Deus, e ao seu Rei, convidando-o para um combate particular, corpo a corpo, com padrinho ou sem elle, o que deixo á sua escolha, assim como a qualidade das armas. O campo do combate será ao pé de Valencia de Alcantara, n'aquelle logar que serve de limite aos dois reinos de Portugal e de Castella, onde eu o esperarei oitenta dias, que se começarão a contar desde o 1.º de outubro até 19 de dezembro do presente anno. Nos ultimos vinte estarei eu mesmo em pessoa na dita praça de Valencia, e no dia que elle me determinar o esperarei n'esta raia; o qual tempo, posto que mui dilatado, o dou ao dito tyranno, para que chegue á noticia d'elle e da maior parte dos reinos da Europa, e de todo o mundo; com a condição de que elle certificará, conforme o desejo dos cavalleiros, que eu lhe mandarei, uma legua dentro de Portugal, da mesma sorte que eu certificarei áquelles, que elle pela sua parte mandar, uma legua dentro de Castella; e espero fazer-lhe conhecer perfeitamente a infamia da acção que commetteu. Se elle faltar á obrigação que como fidalgo tem de acceitar o meu desafio, para exterminar esse phantasma pelos unicos meios que n'esse caso me restarem, vendo que elle não terá animo para se achar n'este combate, e para fazer que me mostre tal qual sou, e quaes foram sempre os meus antepassados no serviço dos seus Reis (tendo sido os seus, pelo contrario, uns traidores), eu offereço desde já, com o consentimento de Sua Magestade Catholica (a quem Deus guarde), a minha cidade de S. Lucar de Barrameda, residencia principal dos duques de Medina Sidonia, áquelle que o matar; e prostrado aos pés de Sua Magestade eu lhe peço que me não dê n'esta occasião o commando dos seus exercitos, para cujo emprego é necessaria uma prudencia e uma moderação que a minha colera me não poderá dictar n'estas circumstan-

cias, concedendo-me unicamente que eu o sirva em pessoa com mil cavallos dos meus vassallos, a fim de que, apoiando-me então unicamente sobre o meu valor, eu sirva não só para a restauração de Portugal, e para o castigo d'este rebelde, mas tambem para que eu mesmo, e as minhas tropas, no caso que elle recuse o meu desafio, possam trazel-o morto ou preso aos pés de Sua Magestade, e para não omittir nada d'aquillo que o meu zêlo não póde, eu offereço uma das melhores villas do meu dominio ao primeiro governador ou capitão portuguez que entregar alguma praça da corôa de Portugal, por muito pouco importante que seja, ao serviço de Sua Magestade Catholica, ficando sempre muito pouco satisfeito de tudo quanto podér fazer a Sua Magestade, porque tudo quanto eu tenho o devo a elle e a seus gloriosos antepassados.

«Feito em Toledo, a 29 de setembro de 1641.»

«N'este desafio se notaram algumas faltas de sensatez; entre outras, que o duque provocava o Principe pelos caminhos da honra, e o ameaçava ao mesmo tempo de usar para com elle de velhacaria (vol. III, pag. 243); que lhe promettia toda a segurança para o duello para de ahi a uma legua em Castella, onde elle não era senhor, mas sim o Rei de Hespanha, cujo vassallo era. Tambem não era mui provavel que o Rei de Hespanha permitisse que um homicida tivesse para sua recompensa a cidade de S. Lucar, com exclusão de um duque, que teria levado a affeição até renunciar, por causa d'elle, sua propria fortuna. Em vão publicava elle por toda a parte que o seu desafio e a sua promessa tinham feito com que accendessem luminarias por causa do jubilo em todo o Portugal: o facto não era crivel. Alem do que, o duque de Bragança reconhecido Rei, não sómente por seus povos, mas até mesmo por tantos Principes estrangeiros, estava isento da obrigação de se bater contra o vassallo de um outro Rei. Não havia menos loucura n'aquillo que seu orgulho lhe fazia dizer, isto é, que elle tinha contaminado seu sangue, dando-lhe uma de suas irmãs, porquanto ella, por meio d'este casamento, tinha chegado a ser uma Rainha. Era até mesmo uma hespanholada, e uma estravagancia, o lisonjear-se de levar de rastos o seu inimigo até aos pés do Rei de Hespanha, e o offerecer-se para se despojar de seus mais bellos rendimentos por causa de um homicidio imaginario. Em summa, este desafio patenteava a desconfiança que o Rei de Hespanha tinha do duque, na recusa que este fazia, de commandar as tropas d'este Principe.

«O Rei de Portugal tinha enviado a Roma o bispo de Lamego na qualidade de embaixador, para prestar ao Papa, em seu nome, a obediencia de filho da Egreja. Sua Magestade Christianissima, por causa de interesses conhecidos de todo o mundo, empregou sua mediação com todo o zêlo possivel a fim que fosse elle recebido e tratado como tal. O Papa recusou-se a isto sob diversos pretextos honrosos. Para gosar do beneficio do tempo, e aproveitar-se das conjuncturas com o fim de favorecer as intenções da santa sé, dizia elle que não poderia admittir o bispo de Lamego se o Rei de Portugal não annullasse antes uma antiga lei do paiz, que prohibia aos ecclesiasticos a herança de bens immoveis (vol. IV, pag. 113). Queria que este Principe mandasse restituir aquelles bens, que a piedade dos povos em diversas epochas tinha deixado á Egreja, e os quaes tinha Sua Magestade Catholica, pouco tempo antes da revolta de Portugal, impedido que os ecclesiasticos gosassem, em virtude d'esta mesma lei.

«O Papa queixava-se ao mesmo tempo de que o Rei de Portugal conservava

na prisão o arcebispo de Braga, o inquisidor-mór e outros ecclesiasticos, principaes autores da conspiração tramada contra elle. Todas estas rasões sómente serviram para colorir a resolução já tomada, de não receber o bispo de Lamego como embaixador, por causa da forte opposição dos hespanhoes. Encontra-se a prova d'isto na recusa constante do soberano Pontifice de se render ás vivas instancias do Rei de França, não obstante a promessa que lhe fazia, de annuir a ellas.

«A negociação do cardeal de Bissi, para fazer admittir o bispo de Lamego como embaixador do Rei de Portugal, teve o exito mais feliz (vol. IV, pag. 154), apesar do extremo de perturbação que o Papa tinha mostrado á noticia do desembarque d'este embaixador em Civitta Vecchia, e a resolução inabalavel, que tinha tomado, de o não reconhecer como tal.

«Esta eminencia, esperando sempre o momento proprio para executar as ordens da côrte de França, não respondeu, ao principio, ás vivas queixas do Papa, senão por meio do silencio. Accrescentou, depois, com sua destreza ordinaria: «Se Vossa Santidade persiste no designio de prohibir ao bispo de Lamego a entrada, é mister fortificar com um forte e com um numeroso corpo de guarda o palacio que elle para si escolheu fóra dos muros, para sua habitação, com o fim de pôr em segurança a vida de um prelado, em cuja conservação a dignidade da santa sé e a vossa, estão interessadas». Vê-se perfeitamente que D. João não sabe ainda representar o papel de Rei; que é novato n'este mister; que em vez de enviar para as côrtes dos outros soberanos, com o fim de n'ellas ganhar amigos e apoio para a sua grandeza nascente, em vez de empregar seu dinheiro em fortificar suas fronteiras, em reparar fortalezas, em mandar construir outras novas, em logar de lançar ao mar frotas formidaveis e reunir tropas, armas e munições, consome seus thesouros e seu tempo em enviar embaixadores aos pés de Vossa Santidade. Devia, pelo menos, antes de o fazer, pedir vosso consentimento. Esta simplicidade da sua parte, é, comtudo, uma prova evidente da sua piedade. A santa sé nem por isso deixa de tirar uma vantagem consideravel; este Principe, sem reparar em tantas outras causas importantes, em nada mais pensa do que no tributo de respeito e de obediencia que lhe é devido pelo logar que occupa. Quer elle assignalar, por actos de religião, os começos do seu reinado, e dar ao mundo christão um testemunho illustre de que o estabelecimento dos sceptros depende d'esta mesma sé. Estas rasões, e as despezas excessivas, que a guarda sufficiente para defender a habitação do bispo de Lamego, haviam de causar, o risco ao qual sua vida se acha exposta, por causa dos hespanhoes, n'uma casa de campo, devem aconselhar Vossa Santidade a recebel-o em Roma.»

«O cardeal de Bissi[1], fallando com zêlo a favor d'este bispo, fingia desapprovar sua vinda, embora os francezes tivessem empregado as mais vivas instancias para o obterem e apressarem, na crença em que estavam de que o Papa não poderia deixar de o receber; ao passo que, pedindo antecipadamente que elle fosse recebido, só d'ahi a muito tempo teria podido isto ser conseguido. As rasões d'esta eminencia fizeram reapparecer a serenidade no rosto do Papa. Consentiu immediatamente que o bispo de Lamego viesse a Roma. No entanto, ao beato do seu desembarque, em Civitta Vecchia, grande numero de portuguezes, catalães e

[1] *Mercure historique*, vol. IV, pag. 156. Passaram-se estes factos no anno de 1641.

francezes se dirigiram áquelle ponto sem demora, para o receberem e escoltarem até á sua residencia. Estavam todos armados com pistolas e outras armas de fogo.

«O cardeal Antonio tambem tinha enviado, para este effeito, quarenta cavalleiros com o fim de explorarem a estrada, com medo de alguma surpreza da parte dos hespanhoes, que se tinham gabado, antes da sua chegada, que o haviam de fazer passar por alguma affronta notavel.

«Tendo este prelado, pois, chegado, com toda a sua escolta, a 20 de novembro, foi pela tarde apear-se, sem ceremonia, no palacio do embaixador de França, que o recebeu á porta, e lhe deu sempre a direita. Conduziu-o ao seu quarto, onde, depois de ter descançado por algum tempo, com os deputados da Catalunha e outros, foi cear com o mesmo embaixador. Todos os cardeaes e outros personagens qualificados, subditos ou partidarios da corôa de Hespanha, consultaram por muito tempo ácerca da chegada d'este bispo. O embaixador de Hespanha, que antecedentemente não ia á audiencia do cardeal Barberin (é o cardeal Francisco), por causa de certos desgostos, e que tinha declarado publicamente, que, se o bispo de Lamego entrasse em Roma com um cortejo superior á condição de bispo, abandonaria immediatamente a côrte, fez tudo ao contrario, no que deu signaes verdadeiros de uma rara prudencia. Dirigiu-se, no dia seguinte, á audiencia do cardeal, a quem fez varias queixas e representou as desordens que produziria a recepção do bispo de Lamego, como embaixador; deduzindo as rasões pelas quaes a côrte de Roma não o devia reconhecer por tal, e misturando de tempos a tempos, em seus discursos, as ameaças de resentimento da parte da casa de Austria

«Publicaram-se, por aquelle tempo, diversos escriptos, tanto de uma parte como da outra, ácerca d'esta recepção; uns, feitos para estabelecerem a legitimidade da embaixada do bispo de Lamego, e outros para a destruirem. Eis o que resulta d'estes ultimos:

«Apenas são propriamente embaixadores, aquelles que são enviados por Principes que têem uma Magestade soberana, e um poder absoluto. Ora, o bispo de Lamego, sendo enviado pelo duque de Bragança, que não tem nem esse poder nem essa Magestade, mas que é vassallo do Rei Catholico, não é embaixador, e os outros Principes não o devem considerar como tal. O duque de Bragança é vassallo do Rei Catholico, porque este Rei é senhor legitimo do reino de Portugal, por Filippe III, seu pae, e Filippe II, seu avô, o qual, como varão e primogenito de Catharina[1], avó do duque de Bragança, deveu, n'esta qualidade, ser-lhe preferido para a successão ao throno. Sendo o duque de Bragança, portanto, um rebelde e um usurpador, que despreza a religião do juramento e o respeito devido ao seu Principe natural, não tem mais direito de enviar embaixadores, do que têem os usurpadores e os rebeldes.

«Pretendem alguns que se o Turco chegasse a converter-se, o Papa receberia sua conversão e seus embaixadores, embora não restituisse suas usurpações. Sim, sem duvida, seria absurdo prohibir um tão grande bem, pela obrigação de restituir bens possuidos durante seculos, adquiridos por guerras injustas, na verdade, mas entre soberanos, com os quaes se tem feito mais de uma tregua e mais de

---

[1] Catharina era filha de D. Duarte, ou Eduardo, irmão do Rei Henrique, e filho do Rei Manuel, e Filippe II era filho de D. Izabel, irmã do mesmo Rei Henrique e filha do mesmo Rei Manuel.

uma paz. Alem d'isso, essa conversão do Turco adquiriria a maior parte da Asia a Europa, na qual entraria sem reserva, renunciando a seus erros. O duque de Bragança, pelo contrario, por sua alliança com os herejes[1]; pela liberdade de consciencia que dá aos seus subditos, em cujo numero entra uma grande quantidade de judeus; pelo homicidio dos grandes do reino[2]; pela prisão dos ecclesiasticos[3]; e pelo arrojo que tem de despojar um Rei, do qual é vassallo, afasta-se, tanto quanto se póde, da santa sé, da qual finge approximar-se por meio de um embaixador. Mas o que é uma abominação, no seu excesso, é o procurar elle fazer com que o seu procedimento seja auctorisado por aquelle tribunal supremo, e tornal-o assim cumplice da sua revolta e da sua usurpação. Não deve, portanto, o bispo de Lamego ser recebido, nem como embaixador do duque de Bragança, nem como embaixador do reino de Portugal, mas ser castigado severamente, para exemplo dos rebeldes e de seus fautores.»

«Eis o que resulta dos escriptos feitos para estabelecerem a legitimidade da embaixada do bispo de Lamego:

«Depois da morte do cardeal Rei D. Henrique, filho do Rei D. Manuel, houve seis pretendentes á corôa de Portugal: a Rainha de França, Anna de Austria, que foi excluida como não descendendo do dito Rei Manuel; Antonio, prior do Crato, que, como bastardo, foi declarado incapaz; o duque de Saboya, filho de Beatriz, irmã segunda da Imperatriz Izabel, que cedeu aos mais proximos; o duque de Parma, filho de Maria, filha primogenita de Eduardo, que foi tambem excluido, porque, segundo as leis de Portugal, as Princezas estabelecidas fóra do reino, taes como sua mãe, não têem parte na successão[4]; emquanto á pretensão da santa sé, d'ella nenhum caso fizeram.

«Sendo excluidos todos os pretendentes, ficaram estes reduzidos a dois: Filippe II, filho da Imperatriz Izabel, e Catharina, filha do Infante Duarte, casada com o duque de Bragança, Theodosio, pae d'aquelle que vem, com justiça, posto na posse do throno. Filippe II baseava a sua pretensão em ser varão e superior na idade a Catharina. Mas, segundo a decisão dos doutores de Coimbra, devia-lhe esta Princeza ser anteposta, segundo as leis de Portugal, confirmadas por Innocencio IV, as quaes tornam as mulheres habeis para succederem na corôa n'este estado, e excluem, como já se disse, da successão as que se casam com Principes estrangeiros. Alem d'isto, devia Catharina ser preferida a Filippe, pelo beneficio da representação em primeiro grau, que, segundo o uso de Portugal, lhe dava a prerogativa de varão, sendo filha de Eduardo (?), pela qual representação excluia ella a Filippe, como descendente de uma mulher.

«Foi sobre este fundamento, que nas primeiras conferencias que teve com

---

[1] O auctor refere-se aos seus tratados com a Hollanda e com a Inglaterra.

[2] O supplicio do marquez de Villa Real, do duque de Caminha, etc.

[3] Do arcebispo de Braga e do inquisidor-mór.

[4] Isto é o que diz o artigo 6.º d'estas leis: «que a filha primogenita do Rei não tenha por marido nobre a um senhor portuguez, com o fim de que os Principes estrangeiros não venham a fazer-se senhores do reino. Se a filha do Rei desposar um Principe ou um senhor de uma nação estrangeira, não será ella reconhecida como Rainha, porque não queremos que nossos povos sejam obrigados a obedecer a um filho que não tenha nascido portuguez, pois foram nossos vassallos e nossos compatriotas, que, sem o soccorro de outrem, mas com pelo seu valor, e á custa de seu sangue, nos fizeram Rei.»

Filippe, pretendem que ella lhe dissera: «Se Eduardo, meu pae, fosse vivo, como entraria Vossa Magestade aqui?» E este Principe mudou de conversa.

«Reina, pois, justamente, D. João IV em Portugal, não obstante a posse em que d'este paiz estiveram os Reis catholicos pelo espaço de sessenta annos. Segundo diz Caramuel, não ha prescripção para justificar a posse de um reino. Mas supponhamos que a prescripção fosse admittida, isto é, de cem annos, pelo menos. É o que o mesmo Caramuel resume das opiniões dos jurisconsultos.

«Comtudo, qualquer que tivesse de ser a duração, não devia ella ser admittida em favor de Filippe IV, por isso que Filippe II, seu avô, não tendo querido que a causa fosse decidida juridicamente, este Principe, por conseguinte seus successores, se tinham conservado possuidores de má fé. Finalmente, a força das armas, pela qual o mesmo Filippe II se tinha apossado d'elle, tinha tornado a usurpação *imprescriptivel,* como a das outras cousas roubadas, segundo a lei de Justiniano, e a decisão dos mais celebres jurisconsultos.

«Mas supponhâmos, por um momento, que João IV não tenha no reino de Portugal um verdadeiro titulo de propriedade; não se segue d'aqui que esteja privado do direito de embaixada; emquanto está em plena posse do reino exerce todas as funcções de soberano, e gosa livremente de todas as vantagens da sua posse. Póde-se responder a Filippe IV o que se conta ter Pio II respondido ao bispo de Marselha, embaixador de René d'Anjou, no tempo em que se tratava de dar a investidura do reino de Napoles a Fernando, filho illegitimo de Affonso:

«—*Voi havete perso il regno, e starete senza, sin tanto ch' habbiate forze discacciare il nemico.*»

(Perdestes o reino; ficareis sem reino até terdes força para expulsar d'elle ao inimigo.)

«É assim que a pratica da santa sé, emquanto á recepção dos embaixadores, tem sido ter sómente attenção á posse actual.

«Tira-se uma segunda prova do mesmo Pio II. Recebendo este Papa em Siena os embaixadores de Mathias, Rei da Hungria, respondeu aos queixumes dos do Imperador Frederico III, d'esta sorte:

«—O soberano Pontifice declarou ser injusto o queixume; foi sempre costume da santa sé chamar Rei áquelle que estava na posse do reino.

«Achâmos, finalmente, uma terceira prova, na resposta pela qual, segundo diz Baroino, o Papa Zacharias consentiu que Pepino, o *Breve,* fosse creado Rei de França.

«—Vale mais — disse este Papa — que seja proclamado aquelle, no qual o poder soberano reside.»

«Emquanto aos outros aggravos apresentados contra o Rei João, a saber: sua alliança com a Hollanda, a liberdade de consciencia que dá aos seus vassallos, o homicidio dos grandes do estado, e a prisão dos ecclesiasticos, esses aggravos cáem por si mesmo. Onde se acha que a santa sé tenha recusado jámais receber os embaixadores dos Principes catholicos, por se terem alliado com Principes protestantes, por darem a seus vassallos a liberdade de consciencia, por enviarem ao supplicio os grandes do estado, e para as prisões os ecclesiasticos armados contra seus dias? Os que imputam ao Rei João similhantes crimes, ignoram porventura, que uma chusma de ecclesiasticos foram mortos em Portugal por leves indicios, no tempo de Filippe II; que o numero d'estas victimas foi tão grande, que o arcebispo de Lisboa, D. George de Almeida, fez conjurar o Tejo com as

ceremonias ordenadas pela Egreja, com o fim de responder á afflicção dos pescadores, que se queixavam de estar excommungado este rio, não apanhando suas redes mais do que padres e frades em logar de peixes.

«Os primeiros escriptos tendiam, não sómente a fazer com que se recusasse o bispo de Lamego, como embaixador, mas até mesmo que fosse punido. Os outros tinham por alvo fazer com que fosse recebido não sómente como embaixador, mas ainda mais como enviado por um Principe zeloso para com a santa sé, e cujos antepassados tinham contribuido mais para a propagação da fé, do que todos os outros Principes da Europa juntos[1]. Todavia, o ministro de França, que tinha já feito que o Papa consentisse na vinda do bispo de Lamego a Roma, nada esquecia para o mover a approvar n'elle a qualidade de embaixador. Porém, este Pontifice, dando umas vezes esperanças que havia de obter o que esperava, outras representando-lhe as grandes difficuldades que obstavam a que n'este ponto podesse satisfazer a Sua Magestade Christianissima, em conformidade com o desejo que elle, Pontifice, tinha, fazia ver claramente que estava temporisando para não irritar os hespanhoes, e para os não forçar a tomar resoluções prejudiciaes á côrte de Roma, á dignidade da sé e á segurança da sua casa.

«Emquanto aos portuguezes, para não parecerem que estavam a dormir, entraram armados na Galliza, onde saquearam e lançaram fogo a todos os logares adjacentes a Monterei; e depois de terem destruido Valencia de Revezo, voltaram para seus quarteis carregados de ricos despojos. No emtanto tinham-se publicado nas Provincias Unidas, a 13 de junho do mesmo anno, treguas entre a corôa de Portugal e os hollandezes[2]. Por conseguinte, publicaram-se pelo tempo de que estámos falando, os artigos assentes entre uma e outra potencia para o commercio reciproco durante estas treguas[3].

. . . . . .

«Emquanto estas trêguas se concluiam entre Portugal e as Provincias Unidas, a deputação da Catalunha, aferrada á sua primeira resolução, fazia uma doação solemne d'este Principado ao Rei Christianissimo, com prerogativas que nunca tinham sido concedidas a nenhum Rei.

«O embaixador de Portugal tinha concluido (15 de fevereiro de 1642), não sem bastante trabalho, um tratado relativo á boa correspondencia entre as duas nações. Os artigos d'elle foram depois publicados com uma satisfação extraordinaria da parte d'este mesmo embaixador, por causa das vantagens que elle trazia para seu amo[4].

«Quasi pelo mesmo tempo tinham os portuguezes feito uma irrupção na Extremadura e na Galliza, onde saquearam e reduziram a cinzas alguns logares abertos, de pouca importancia, na verdade, mas cuja ruina fazia ver a fraqueza das forças de Hespanha n'estas fronteiras. Tinham feito uma irrupção mais perigosa para a mesma Hespanha, na velha Castella, onde se tinham apossado de

---

[1] Por causa dos seus estabelecimentos nas Indias orientaes e occidentaes, bem como na Africa.

[2] *Mercure historique*, vol. IV, pag. 328.

[3] Vilhena Sim apresenta n'este logar (de pag. 329 a 335) o referido tratado, que não transcreve por causa da brevidade.

[4] Vem aqui os principaes artigos d'este tratado. Vol. VI, pag. 67 a 71.

Valverde e de S. Martinho, perto de Cidade Rodrigo, bem como da commenda do duque Doria[1].

«Para cobrir a fronteira de Portugal, resolveu o Rei, apesar dos murmurios de toda a Hespanha, declarar D. João Austria seu filho, com vistas de se servir d'elle de generalissimo do exercito, a quem tinha tenção de mandar para aquelle paiz. Deu-lhe um conselho de guerra para o coadjuvar, e para governador o marquez de Castagneda, a quem significou sua resolução pela carta seguinte:

«Marquez de Castagneda, meu parente, membro do meu conselho d'estado, gentilhomem da minha camara e mordomo da Rainha, minha esposa, resolvi enviar D. João de Austria (a quem declarei meu filho, como sabereis), á guerra de Portugal, para n'aquelle paiz commandar o exercito, assim como o soccorro dos portos de Andaluzia. E como desejo que se governe no seu emprego como convem, e que tudo esteja em ordem na sua casa, foi do meu agrado, tomando em conta a satisfação particular que de vós tenho, nomear-vos seu governador, e superintendente da sua casa. Recommendo-vos inteiramente a gerencia da sua direcção, querendo que tudo passe por vossas mãos. Espero que, em attenção ao zêlo e solicitude de que sempre tendes dado provas, n'aquillo que mais convinha ao meu serviço, que achareis n'esta occasião motivos novos, particulares e numerosos, para accrescentardes em mim a lembrança de vossos serviços. E com o fim de conhecerdes tudo quanto foi disposto para a ordem da sua casa, e a maneira como deve ser administrada, entregam-vos da minha parte duas instrucções a tal respeito, assim como a copia de uma terceira, que lhe foi dada ácerca de alguns pontos essenciaes, dos quaes era mister que elle fosse instruido. Dar-vos-hão ainda uma quarta sobre aquillo que nos pareceu dever-vos informar. Por meio d'estas instrucções e de vossos cuidados, confio na Magestade divina que ella vos ha de ajudar a ganhar para nós centenas e centenas de prosperidades.

«Aranjuez, 5 de março de 1642.»

«D. João de Austria contava então treze annos de idade. Tinha um caracter admiravel e uma belleza rara. Emquanto ás graças parecia-se com o Rei, seu pae. Differençava-se d'elle na tez, porque a sua atirava para o moreno, tendo os cabellos pretos no extremo. Tinha uma aptidão prodigiosa para as sciencias, sabendo perfeitamente as linguas latina, franceza e hespanhola. Era tão versado nas mathematicas, que o padre Ricardi, jesuita, encarregado da sua educação, confessava ingenuamente que não sabia mais para lhe ensinar. Tinha nascido de uma comica, cognominada *La Calderona*, de uma belleza mediocre, mas cheia de graças.

«Esta mulher, depois de ter parido, pediu ao Rei a mercê de se retirar para um convento, onde vivia ainda, fazendo, debaixo de secular, uma vida exemplar. Seu filho, depois de ter sido reconhecido pelo Rei, foi beijar as mãos á Rainha e ao Principe das Asturias. A Rainha recebeu-o com indifferença. O Principe disse-lhe, dando-lhe o tratamento de «vós», que muito o havia de amar se servisse bem ao Rei seu pae. Amava-o este monarcha com ternura, por causa das suas grandes virtudes e habilidade. Proveu-o no grão priorado de Castella, e

---

[1] Siri, *Mercure historique*, vol. vi, pag. 175.

lhe adjudicou todos os rendimentos d'elle desde a morte do Principe Filisberto até então. Honrou-o depois com o emprego de generalissimo de Portugal, tanto por mar como por terra, com ordem de ir fazer sua residencia em Zafra, logar vizinho de Castello Rodrigo, na Extremadura.

«O favor concedido a D. João fez com que murmurassem todos os vassallos do Rei, mesmo os mais moderados. Cada um estava surprehendido, e se queixava de que desem um melhor tratamento ao bastardo, do que ao filho legitimo[1].

«O Rei, depois de se ter entregado ao divertimento da caça e ao da comedia em Arganda, dirigiu-se na segunda feira para Loeches, a umas quatro leguas de Madrid, onde a Rainha, curada da sua indisposição, veiu com o Principe das Asturias e o conde duque vel-o[2]. Na sexta feira transportou-se a Aranjuez, onde foi visitado pela infanta Margarida de Saboya, que tinha chegado de Merida a Ocaña, logar que lhe tinha sido assignado para sua residencia, cujo ar é bom e está distante uma legua de Aranjuez. Beijou ella as mãos a este monarcha, por quem foi recebida favoravelmente; e depois de ter tido com ella uma conversa secreta de duas horas, despediu-se d'elle e retirou-se para Ocaña. Desde a sua expulsão de Portugal, tinha ella sempre feito, por ordem do Rei, sua residencia em Merida, na Extremadura, onde desde começo gosou de má saude, recebendo, alem d'isso, da côrte, tão pequeno soccorro de dinheiro, que seus creados diziam (para me servir dos termos d'elles), que tinha ella sido melhor tratada pelo tyranno de Portugal, do que pelo Rei de Hespanha. Por sete mezes não teve carruagem, e até mesmo quasi lhe faltavam as cousas de primeira necessidade. Por este motivo enviou á côrte o conde Bainetti, seu mordomo, para representar suas necessidades e pedir 80:000 escudos, que se lhe deviam dos rendimentos que lhe haviam sido assignados. No fim de cinco mezes com difficuldade obteve para ella a residencia de Ocaña, alguns tenues rendimentos e uma modesta equipagem.

«Ao Papa davam os maiores cuidados os movimentos dos hespanhoes em aquelle tempo, do lado do reino de Napoles, nos confins dos Estados da Egreja. Estes movimentos eram occasionados pela aventura escandalosa, succedida em Roma entre o embaixador do Rei Catholico, o marquez de Los Velés e o bispo de Lamego. Convem que eu faça a relação, indo buscar as cousas no seu começo, relação muito mais difficil do que a de uma acção militar, por mais embaraçada que seja, tendo em vista as asserções apaixonadas dos dois partidos, eivadas de diversas circumstancias oppostas entre si. O bispo de Lamego, tendo cada vez menos esperanças de vir a ser recebido pelo Papa, como embaixador do Rei de Portugal, por causa das difficuldades insuperaveis que achava na sua negociação, determinou-se a saír da casa onde estava alojado, para ir informar os cardeaes da justiça do seu pedido, com o fim de preparar os espiritos d'elles para a sua recepção. Visitou em primeiro logar o cardeal Lanti, deão do sacro collegio. Mas o marquez de Los Velés, que velava attentamente sobre todos os seus passos, pediu com as maiores instancias ao cardeal Francisco que não consentisse que este prelado fosse a Roma com a pompa de ministro de um Rei, porque isso havia de dar causa a escandalos capazes de perturbarem o repouso de Sua Santidade, e tanto mais quanto parecia que a pessoa d'este mesmo prelado de modo

---

[1] *Mercure historique*, vol. vi, pag. 185.

[2] Ibid., vol. viii, pag. 263.

nenhum era necessaria, trabalhando o inquisidor, Pantaleão Rodriguez Pacheco, na negociação da qual o bispo queria ir tratar.

«O effeito do pedido do embaixador do Rei Catholico, foi, que a congregação que tinha a cargo os negocios de Portugal, julgando que não convinha impedir o bispo de Lamego de ir a Roma, lhe prescreveu o cortejo que devia ter, e lhe ordenou que conservasse abaixados os *stores* da sua carruagem.

«Foi assim que no dia de S. Bernardo (20 de agosto), se dirigiu ao palacio do duque de Ceri na Fonte de Trevi, onde residia o marquez de Fontaine-Marenil, embaixador de França. Chegou alli precisamente ao tempo em que o embaixador de Hespanha, tendo ido a casa do cardeal Roma para o visitar, foi, na descida da sua carruagem, advertido que o bispo de Lamego se achava em casa do embaixador do Rei de França. Combinou immediatamente com o seu mordomo ácerca do que se deveria fazer. Foi que se mandasse vir, do palacio de s. ex.ª, uma carroça com quantidade de pistolas, que se distribuiriam pelos seus creados. O embaixador de Hespanha, tendo entrado na sua carruagem, fez-se levar pelo caminho mais curto á igreja de S. Bernardo, perto da fonte de Termini, com ordem que, no caso de se encontrar com o bispo de Lamego, tendo os *stores* da carruagem abaixados, o deixassem passar, mas que no caso de os levar levantados, e de não parar, cortassem as pernas aos cavallos. Tinha o mesmo embaixador por costume levar comsigo alguns soldados disfarçados com a libré dos seus creados, para se servir d'elles no caso de um tal encontro.

«As pessoas da comitiva do bispo de Lamego tinham n'este meio tempo observado um hespanhol a passear na praça Navona, e d'isso tinham avisado seu amo, que mandou que o espiassem. Tendo-o o espião seguido com destreza, assegurou que tinham carregado de armas de fogo, no palacio do embaixador de Hespanha, a carrugem de que já se fallou.

«No mesmo tempo em que taes cousas se passavam, negociava o inquisidor Pantaleão com o cardeal Francisco, que tendo-lhe por acaso perguntado como passava o bispo de Lamego, recebeu em resposta que passava bem para o serviço de sua eminencia, e que estava prestes a ir visitar o embaixador de França, no tempo em que este tinha saido da sua casa para ir a Montecavallo fazer a reverencia a sua eminencia.

«A esta noticia mandou o cardeal Francisco chamar o cardeal Bichi, que estava na sua ante-camara, fallou-lhe á parte e enviou ao cardeal Antonio, seu irmão, com o fim de que sem tardança désse ordem a uma força de soldados, que elle commandava, para que prevenissem as desordens que poderiam occorrer entre o embaixador do Rei Catholico e o bispo de Lamego. Tendo ao mesmo tempo despedido o inquisidor, pediu-lhe que fosse ter com este prelado para o obrigar a retirar-se para sua casa antes do fim do dia, para se evitarem os inconvenientes ainda maiores que poderiam dar-se com facilidade no meio da obscuridade da noite.

«O cardeal Bichi achou que o cardeal Antonio tinha ido para a caça. Por conseguinte ordenou o cardeal Francisco a Fachinetti que fosse á pressa fazer tudo quanto lhe fosse possivel para reter o embaixador de Hespanha, com o fim de obstar a que se encontrasse com o bispo de Lamego. Esta ordem deu resultados perniciosos. Tendo Fachinetti retido por algum tempo o embaixador, foi isto a causa de se encontrar com este prelado, o que não teria acontecido se houvesse continuado o seu caminho. Pelo que toca a este mesmo prelado, cedendo ás per-

uações do inquisidor, tinha já saido do rez-do-chão do palacio do embaixador de França e entrado no pateo, para tornar a entrar na carruagem e voltar prompta e tranquillamente para sua casa, quando o embaixador, receiando da parte do de Hespanha alguma violencia ainda maior que a que tinha receiado a principio, entrou na sua casa com o bispo de Lamego para examinar os meios mais seguros que se deviam empregar n'uma tal occasião. Achando-se então de parecer differente d'aquelle que tivera antes, mandou a todos aquelles que se achavam presentes que se armassem o melhor que podessem para proteger o caminho do bispo. Este deu tambem ordem, a um dos seus gentis homens, de se dirigir n'uma carruagem ao seu palacio na praça Navona, para trazer quantidade de carabinas, e fazer com que todos os portuguezes viessem promptamente em seu soccorro, não querendo, por causa de sua propria reputação, conservar-se fóra da sua casa sem uma ordem expressa do Papa.

«Em execução d'aquellas que já tinham sido dadas, havia em todas as ruas de Roma um tumulto surdo, precursor de algum prompto e tragico acontecimento. Os portuguezes e os catalães corriam em chusma ao palacio do embaixador de França, o que fez com que Spada, governador da cidade, mandasse o prevoste com os esbirros para aquelle lado.

«Começava a noite já, quando o embaixador, tendo na sua carruagem o inquisidor e alguns de seus gentis-homens, se dirigia para a sua residencia pelo caminho ordinario. Adiante da carruagem caminhava De Lusarts, primeiro creado da camara do embaixador de França, á frente de grande numero de francezes, de portuguezes e de catalães. Tendo chegado ao principio da rua que, da de Santa Maria *in via*, entre o palacio da condessa de Spada e o dos Veraldis, dá uma volta, avistaram no meio o embaixador de Hespanha. Este, advertido da resolução com a qual as pessoas do bispo vinham para elle, tendo suas armas descobertas, e vendo que lhe era impossivel evitar seu encontro, disse: «Não ha meio de o evitar».

«Ao mesmo tempo os castelhanos gritando: «Pára!» e os francezes respondendo: «Para tu primeiro!», dispararam de um lado e do outro varios tiros de arcabuz e de pistola, sem que jamais se podesse saber de qual dos dois lados tinham disparado primeiro, accusando cada um o partido contrario. O cocheiro do embaixador de Hespanha correu de modo tal, a toda a brida, que fazendo-se matar, salvou a vida a seu amo, ao marquez de Taxis, a seus filhos e a D. Alonso Verdugo, sobrinho do cardeal Albornoz, que se achavam todos na mesma carruagem, e que se retiraram para o palacio d'esse mesmo cardeal.

«Do lado dos hespanhoes avançaram ousadamente D. Diego de Vargoz e outros dois, sem poderem chegar á carruagem do bispo de Lamego, detido em frente da porta do palacio de M. Dunazetto, e da do palacio do cavalheiro Serra, onde se salvou.

«Entre os francezes, um pagem do embaixador de Malta, tendo-se adiantado até á carruagem do de Hespanha, n'aquelle sitio recebeu um golpe mortal, que lhe tirou a vida dentro de poucas horas. Um cocheiro do embaixador de França e dois creados de pé foram tambem mortos, o primeiro com uma cutilada de uma espada e os outros dois a tiro de espingarda. A perda dos mortos teria sido maior, sem duvida, se dois creados de pé, portuguezes, com a espada na mão, não tivessem feito rosto á impetuosidade dos hespanhoes, tanto D. Diogo e um chamado Assencio, creado da camara do embaixador de Hespanha, e ferindo em

varios logares um siciliano, que morreu pouco depois. Crêem alguns ainda hoje que houve um maior numero de mortos do lado dos hespanhoes que do dos francezes; mas o processo instaurado por ordem do Papa não faz menção de outros que não sejam os já mencionados. É verdade que houve grande numero de feridos, entre os quaes o mordomo do embaixador de Hespanha teve a mão direita mutilada. Os esbirros, pessoas naturalmente vis e cobardes, ainda que em numero de mais de cem, julgaram prudente não se envolverem na separação dos combatentes.

«Todos os vassallos e partidarios da corôa de Hespanha, que se achavam em Roma, se dirigiram ao palacio do embaixador. A colera que os inflammava, fazendo receiar desordens maiores que as que vinham de acontecer, fez sair o cardeal Antonio, acompanhado de varios soldados, para interromper o curso d'ellas. Postou duas companhias de infanteria e cincoenta cavallos em frente do palacio do mesmo arcebispo, com ordem de não deixarem sair ninguem. Postou o mesmo numero de tropas em Saint André des Hazes, para impedir que as duas nações inimigas se aggredissem, assim como na praça Navona, para guardar o bispo de Lamego. Mandou ao mesmo tempo fechar as portas de Montecavallo, e armar com espingardas os guardas suissos, encarregando as patrulhas de percorrem toda a noite as ruas mais suspeitas. Fez depois ronda durante algumas horas com um zêlo infatigavel, e sem procurar proteger a sua vida. Pozeram tambem guardas na chancellaria e no palacio do Principe perfeito. N'uma tão grande perturbação, o cardeal Francisco, seu sobrinho, procurou serenar os espiritos dos dois partidos, mandando testemunhas ao embaixador de Hespanha, porquanto estava penalisado pelo que acabava de succeder, e pediu-lhe que largasse as armas, servindo as do Papa, para defender tanto uns como os outros.

«Porém este embaixador, que pretendia ter a rasão do seu lado, queixava-se de que s. ex.ª se não informára bem, e disse que havia de desarmar por não querer combater contra o Papa.

«O embaixador de França foi ao palacio para dar conta a Sua Santidade e ao cardeal Francisco do que se tinha passado, queixar-se da violencia intentada pelo de Hespanha contra a pessoa sagrada de um bispo e do representante de uma corôa, e implorar a justiça de Sua Santidade.

«O embaixador de Hespanha, pela sua parte, fazia instancias as mais vivas junto do Papa, para a reparação da offensa feita á corôa na sua pessoa, por meio de um castigo proporcionado á falta pretendida do bispo de Lamego. E como nada mais se fazia do que entretel-o com bellas palavras, deliberou, com os cardeaes da nação, a respeito da resolução mais conveniente que se devia tomar. Aconselharam-lhe estes que saisse do Estado da Egreja, não se podendo por mais tempo conservar tranquillamente na côrte de Roma sem ter recebido as satisfacções convenientes, e havendo sua paciencia sido provocada até o ponto em que era difficil que elle se conservasse nos limites da moderação, e sem faltar ao respeito devido á santa sé.

«Em conformidade com este conselho, mandou preparar suas equipagens na resolução de partir no domingo seguinte, como o tinha declarado ao Papa. Mas differiu ainda dois dias, porque a congregação do estado, tendo-se reunido, os cardeaes Roma e Sacchetti se dirigiram a casa d'elle em nome do Papa, para lhe testemunharem o extremo desgosto que a Sua Santidade causava a noticia da sua partida, e para de novo lhe assegurarem que ella estava vivamente sensibili-

nada mais o que lhe tinha acontecido e declararem-lhe que desejava que adiasse por algum tempo sua partida, com o fim de regular as satisfações que lhe deviam ser dadas no fim do processo.

«O embaixador respondeu:

«— Estou mui sensibilisado pela honra que Sua Santidade e a Congregação me fazem. A affronta que recebi foi publica, e houve tempo de dar Sua Santidade as instrucções necessarias para as resoluções que pensam em tomar. Não me deram, no emtanto, o minimo signal de que me quizessem dar satisfações, como a gravidade do caso exigia; embora de nada me tivesse esquecido para evitar todas as occasiões de perturbar o repouso de Sua Santidade, como assás o testemunham os protestos reiterados que eu tinha feito ao cardeal Francisco, com o fim de que elle considerasse os inconvenientes inevitaveis que nasceriam, se não se fosse á mão ao bispo de Lamego, para não apparecer em Roma com a comitiva de um embaixador, ou se não se regulava a maneira como elle devia não apparecer; e embora houvesse eu procurado moderar o fogo da nação e calmar o resentimento de meu amo. O receio de não poder obter a satisfação que me era devida, as delongas que n'isso se intrometteram, o castigo dos traidores, castigo que eu teria na mão se Sua Santidade quizesse separar suas armas das d'elles, me obrigam a sair de Roma, sem me despedir de Sua Santidade, para não augmentar n'ella seu pezar, fazendo-lhe a narração de tudo que é conhecido na cidade, o que me causa uma dôr extrema. Mas creio ser um menor inconveniente que eu soffra esta dôr, do que occasional-a a Sua Santidade.»

«Foi com esta resposta que os dois cardeaes se despediram do embaixador, dizendo-lhe que esperavam daria elle a Sua Santidade a consolação que elle lhe pedia. Foi esta a rasão por que ainda se demorou dois dias, com o fim de esperar a satisfação que pretendia ser-lhe devida; mas não vendo esperança alguma de a obter, escreveu a esses mesmos cardeaes «que o serem elles enviados a elle tinha feito com que fosse retido todo aquelle tempo, inutilmente».

«Os cardeaes da nação, tendo pesado maduramente todas estas considerações e as palavras que dirigia ao embaixador em differentes occasiões o cardeal Roma em nome do Papa (27 de agosto), resolveram que adiasse sua viagem até quarta feira á tarde; que pediria antes audiencia a Sua Santidade, para a manhã do mesmo dia, e o advertiria que se antes de receber esta audiencia não tivesse recebido a satisfação que lhe era devida, expor-lhe-hia francamente os motivos do seu desgosto, e que se tivesse recebido essa satisfação, a audiencia serviria para lhe dar os agradecimentos.

«Em conformidade com o que tinha sido resolvido, escreveu ao cardeal Roma uma carta, na qual o advertia de duas cousas: uma, que não adiassem por mais tempo o dar-lhe audiencia, attendendo ao aggravo que recebia sua reputação com uma residencia mais longa; a outra, que no caso de lhe não darem as satisfações que pedia, Sua Santidade não o obrigasse a adiar sua jornada uma hora sequer, para o não obrigarem, ao mesmo tempo, a uma recusa forçada, contraria á satisfação que tinha sempre experimentado em lhe comprazer em tudo.

«Pediu-lhe o cardeal Roma que não solicitasse audiencia para quarta feira, porque Sua Santidade tinha indicado para aquelle dia a Congregação do Estado, não para o dia seguinte. Consentiu n'isso o embaixador, sem repugnancia.

«Tendo-se, por fim, reunido a Congregação (a 28), na qual foi lido o resul-

tado do processo relativo ao caso occorrido entre elle e o bispo de Lamego, lavraram n'ella o decreto seguinte:

«Que se diga ao embaixador que é necessario acabar de proceder a informações, por isso que Sua Santidade crê dever fazer subir queixas ás duas corôas, da offensa feita ao governo e ao repouso publico, tanto por causa de um como de outro embaixador, cujas pessoas Sua Santidade ama e estima; e embora a do bispo esteja sujeita a Sua Santidade, por causa de seu caracter, não se póde, comtudo, tomar uma resolução final, sem o processo estar concluso e o bispo ser ouvido.»

«Tendo este decreto sido examinado, em serias deliberações, pelo embaixador de Hespanha, pelos cardeaes da nação e pelo embaixador do Imperador, o qual, em conformidade com as ordens de seu amo, assistia cuidadosamente a todas as deliberações dos primeiros, resolveu-se n'ellas que s. ex.ª escreveria ao cardeal Roma a carta seguinte:

«Depois de me ter despedido, ámanhã pela manhã, de Sua Santidade, resolvi partir de tarde para Tivoli; e como o meu desejo tem sido em todos os tempos ver Roma tranquilla, em attenção ao respeito que devo a Sua Santidade, julguei a proposito advertir vossa eminencia de que farei pela minha parte todo o possivel com o fim de que n'este ultimo momento nenhum dos meus creados dê a menor sombra de inquietação. Hão de levar pistolas de arção, carabinas e arcabuzes compridos, dos quaes se servem em campanha. Ficarei em muitas obrigações a vossa eminencia se tiver a bondade de o participar assim a Sua Santidade e ao cardeal Francisco, com o fim de que este ultimo disponha, pela sua parte, dos meios convenientes para que tudo se passe tranquillamente, e não haja engano igual ao de domingo á tarde, como eu espero da intenção pura de Sua Santidade.— Sou, de vossa eminencia, etc.— Minha casa, hoje, quarta feira, 27 de agosto de 1642.»

«O engano de domingo á tarde, de que se falla aqui, foi que na hora em que o embaixador tinha resolvido partir, achando-se na praça uma grande chusma de gente, bem como as carruagens de campo do embaixador do Imperador, para o acompanhar, veiu do palacio pontificio uma ordem aos soldados para irem immediatamente fazer retirar as chusmas de todas as avenidas, o que foi executado com tanta confusão, que houve tumultos geraes por toda a cidade; e, se o embaixador não tivesse ordenado aos da sua comitiva, que se retirassem para casa d'elle, teria havido um escandalo e uma desgraça ainda maior do que a que tinha já occorrido.

«A satisfação, que recebeu o embaixador n'esta occasião, foi mandarem-lhe dizer que tinha aquillo sido um engano dos empregados, que, não recebendo a virtude da sensatez d'aquelles de quem recebiam a ordem, tinham occasionado este tumulto, com grande pezar de seus amos.

«Respondeu o embaixador a esta satisfação: «Que tinha o maior desgosto ao ver que em um assumpto tão perigoso se não procedesse com a applicação, que era mister, para afugentar os inconvenientes.»

«Decidiu-se, por fim, que se dirigiria á audiencia do Papa, na quinta feira, que lhe marcasse o mais breve que sua mortificação o permittisse, e partiria na tarde d'esse mesmo dia; que os cardeaes da nação se retirariam para Frascati.

Na hora combinada, foi beijar os pés a Sua Santidade, á qual testemunhou «quanto se sentia feliz por poder render-lhe este acto de respeito, e quão grande desgosto tinha em lhe terem dado um praso tão curto para se afastar de Sua Santidade». Narrou-lhe em poucas palavras o que se tinha passado «e a parte que n'isso tinham tomado os seus sobrinhos, a saber, o cardeal Francisco, pelas ordens que tinha dado, e o cardeal Antonio, sustentando a animosidade do bispo de Lamego com o conselho, armas e soldados; que, por conseguinte, para desviar de Sua Santidade todas as occasiões de perturbações, respeitando-a até ao ponto que ella mesma podia conjecturar, pela maneira como elle tinha vivido em Roma, tomava a resolução de sair d'esta capital sem se despedir d'ella, com grande pezar seu. Se sua questão tão sómente tivesse sido com os rebeldes, de nenhum modo se teria desviado, porque seu amo tinha alli vassallos e partidarios em grande numero para reprimir seu orgulho e sua insolencia, e para fazer observar o respeito devido a seus ministros e a seus embaixadores; mas que, vendo por provas tão evidentes, o poder e as forças de Sua Santidade sustentarem o partido dos rebeldes, violar-se o direito das gentes e os privilegios dos embaixadores, tinha resolvido, para não faltar ao respeito que lhe devia, evitar as occasiões, afastando-se e dando parte ao Rei, seu amo.

«O Papa respondeu-lhe mui friamente «que até áquelle tempo não lhe tinha o processo dado a conhecer quaes eram os culpados, se os de dentro, se os de fóra, e que a seu tempo faria as declarações convenientes.»

«Deixou, pois, o embaixador, na tarde d'esse mesmo dia, sua residencia de Roma. Dirigiu-se para Aquila, cheio de resentimento, por se mostrarem os barberinos, abertamente, partidarios da França; e lastimando-se de que, na sua maneira de examinar as testemunhas e de instaurar o processo, usavam de todos os subterfugios possiveis para disfarçarem a verdade do succedido.

«Os cardeaes hespanhoes e os outros prelados dedicados á corôa, saíram immediatamente de Roma. Poucos dias depois, um grande ruido de armas se fez sentir nas immediações do estado da Egreja, não sem dar muito que receiar em Roma, que o vice-rei de Napoles, tomando parte na questão do embaixador, não desse ajuda ao seu resentimento e á sua vingança; alem do que, este movimento favoreceu muito os projectos audazes do duque de Parma.

«Achando-se, pois, o processo concluso, o bispo de Lamego foi declarado ter incorrido em irregularidade, e ter-se tornado criminoso de lesa magestade. Prohibiram-lhe o accesso junto do Papa, dos cardeaes e dos prelados, para o obrigarem depois, como assim se fez, a sair de Roma.

«Ácerca d'esta questão relativa á recepção em Roma do bispo de Lamego como embaixador, uma congregação particular de cardeaes, tendo examinado com a maior exactidão, e em conformidade com as rasões canonicas e politicas [1], a resolução mais conveniente que o Papa devia tomar, e depois de diversas contestações, foi esta mesma congregação de parecer que o bispo de Lamego fosse recebido como embaixador, comtudo, com a reserva ordinaria, sem prejuizo dos direitos de outrem; o Papa quiz, antes de dar um passo de tal importancia, por meio do seu nuncio em Madrid, sondar os sentimentos de Sua Magestade Catholica. Tendo, portanto, o nuncio sido admittido ao conselho de estado, disse:

---

[1] Vincenzo Sori, *Mercure historique*, vol. 13, pag. 361.

«—O Papa, como vigario de Jesus Christo, esta na obrigação inseparavel do logar que occupa, de manter por todos os meios possiveis a pureza da fé Catholica, cujo primeiro fundamento é a obediencia que os Principes em nome d'elles e em nome de seus povos, juram publicamente á santa sé de Roma. Os actos de peccado, e a fé habitual, sendo compativeis n'um mesmo individuo, póde o Papa e deve receber, mesmo de um ladrão e de um perjuro, uma promessa authentica de que se hão de manter firmes na fé Catholica. Por conseguinte, embora se supponha o duque de Bragança criminoso de roubo, como usurpador do reino de Portugal, e perjuro, como violador da fidelidade que tinha jurado a Filippe IV, Rei de Hespanha, o vigario pleno de Jesus Christo nem por isso deixa de estar obrigado a acceitar o juramento solemne que o bispo de Lamego deve prestar a seus pés em nome d'esse mesmo duque, como de um filho verdadeiro e fiel da santa sé.

«O conselho respondeu:

«—Pelo que diz respeito ás acções particulares do duque de Bragança, e mórmente ás que pertencem ás decisões da Egreja, póde o Papa e deve escutar e receber esse duque, mas não o juramento solemne que o bispo de Lamego offerece de prestar em seu nome. A rasão d'isto é que, não havendo senão os Principes legitimos que estejam no uso de prestar á santa sé, por meio de embaixadores publicos, a obediencia que lhe é devida, e tendo essa obediencia sido já prestada por Filippe IV, como Rei legitimo de Portugal, não se póde receber na fórma sobredita a do duque de Bragança, sem que se supponha que o mesmo Filippe já não está de posse d'esse reino, e que essa posse passou para o mesmo duque. O parecer dos jurisconsultos é que o roubo de uma coisa não tira a posse ao legitimo dono, porque se não ha essa posse actual, não deixa elle de a conservar na alma, em virtude da qual posse todos os contratos que o ladrão faz relativos a esta mesma cousa, são sempre nullos, por causa da falta de posse legitima. O duque de Bragança, não tendo, pois, a legitima posse do reino de Portugal, não póde, legitimamente, fazer alguma acção que a supponha.

«—Póde-se entender de duas maneiras o estar uma pessoa senhora de um objecto; a primeira, em virtude de posse; e a segunda, em virtude de retenção. Suppondo que o duque de Bragança não seja o possuidor legitimo de Portugal, mas que o Rei Catholico conserva a posse d'elle na alma, como verdadeiro senhor, não se póde, comtudo, negar que o duque não o retenha na actualidade. Por causa, pois, d'esta retenção, deve o Papa, não sómente receber a dedicação do duque de Bragança para com a santa sé, mas conserval-a n'elle, com o fim de que durante esta retenção se não perca o respeito ao vigario de Jesus Christo, e que um reino inteiro não corra risca de vacillar na fé.

O conselho:

«—Não passa isto de especulações metaphysicas, antes do que de rasões solidas baseadas em leis. Sendo a retenção injusta não póde servir de fundamento para nenhum acto de justiça, tanto mais que, prestando obediencia a Sua Santidade, na fórma ordinaria aos Principes legitimos, tem o duque de Bragança em mira fazer passar na idéa de todos os outros, por justa, uma posse de um reino tão injustamente usurpado. As acções publicas dos Papas são julgadas pelo commum dos fieis, não sómente authenticas, mas feitas para servirem de exemplo. Que Sua Santidade, pois, se acautele em não auctorisar por uma tal acção uma injustiça, e em não estabelecer, para exemplo das virtudes christãs, a revolta.

O nuncio:

«— As santas intenções do Papa e as circumstancias mesmo do facto, não poderiam dar occasião a temer taes inconvenientes. Em primeiro logar, porque a clausula «sem prejuizo da parte contraria», deixa ao Rei Catholico todos os meios para fazer valer suas rasões. Em segundo logar, porque Sua Santidade está prompta a receber de novo a obediencia do mesmo Rei Catholico como Rei de Portugal, com o fim de que o mundo conheça que sua intenção é edificar o espiritual e não destruir o temporal.

O conselho:

«— O Papa deve edificar ao mesmo tempo o espiritual e o temporal, mantendo ao legitimo senhor o seu reino. Sua Santidade, sabendo que ha no reino de Portugal tres sortes de pessoas, as primeiras rebeldes, as segundas suspeitas e as terceiras fieis, as quaes passaram para a côrte do Rei Catholico, póde perder a todas, acceitando por embaixador do Rei de Portugal o bispo de Lamego. A rasão d'isto é porque esta acção, da sua parte, vae confirmar as pessoas rebeldes na sua revolta (crendo firmemente terem um Rei legitimo, por isso que o vigario de Jesus Christo o haverá declarado por um acto publico); fazer encaminhar aquellas que vacillam, quaes são as consciencias timoratas e piedosas, para o partido das rebeldes, pela unica rasão de que aquelle que é approvado pelo Papa não deve ser recusado pelo bom christão; e, finalmente, impellir a alguma estranha resolução aquellas que, havendo-se mantido fieis ao Rei Catholico, passaram para a sua côrte; e que, alem do amor da patria e de algum incitamento, serão excitadas por uma rasão tão apparente como a que se acaba de dizer. Se, pois, o Papa vier a reconhecer por embaixador do Rei de Portugal ao bispo de Lamego, tira elle, tanto quanto está na sua mão, ao Rei Catholico, o meio de recuperar este reino. Para evitar este tão grande mal, é do seu dever empregar a excommunhão contra o duque de Bragança; excommunhão que fará entrar os rebeldes no seu dever, tranquillisará os timidos e confirmará ainda mais aquelles que forem fieis em renderem obediencia de bons vassallos a seu Rei verdadeiro. D'esta maneira o Papa, como bom pae de todos os crentes, obstará á effusão do sangue christão e á ruina das provincias e dos reinos.

O nuncio:

«— A excommunhão, no caso presente, causaria um prejuizo essencial ao Papa e ao Rei Catholico. Ao Papa, pelo risco evidentissimo de que suas censuras não fossem temidas, e que até mesmo fossem desprezadas. Ou o duque de Bragança julga ser um Rei legitimo, ou um usurpador. Se julga ser um Rei legitimo, não teme a excommunhão como sendo fulminada contra o que elle julga ser justo. Se elle crê ser usurpador, tambem a excommunhão não terá maior effeito, pois não o obrigará ella a renunciar a um reino, cuja usurpação elle bem soube que lhe havia de custar a vida e a ruina da sua casa. A excommunhão não causaria menor prejuizo ao Rei Catholico, porque se o duque de Bragança e o reino de Portugal caiam na profanação, como é provavel que isto aconteceria pela excommunhão, succederia tambem, como por uma consequencia necessaria, que o calvinismo alli se introduziria com as ligações com a Hollanda, a Inglaterra e a Suecia, ou, pelo menos, o judaismo, por causa das indignações de alguns da nação. Neste caso, tornar-se-hia de uma difficuldade extrema reconquistar Portugal, porque o Rei Catholico, castigando com o rigor da santa inquisição todos os heretic[illegible] e os judaisantes, não sómente com as penas ordinarias, mas tambem anathe-

matisando para sempre sua memoria, antes quereriam morrer do que voltar para debaixo do seu dominio. O prejuizo que Sua Magestade havia de receber seria ainda mais irreparavel, porque a experiencia faz ver que a diversidade de religiões n'um estado é a causa das discordias civis, a faisca que accende o fogo da rebellião, o que ella bem experimenta nas provincias da baixa Allemanha.

O conselho:

«— São isto subtilezas sophisticas e não rasões convincentes. Que o Papa Urbano pense bem no que as conveniencias e a equidade exigem, aliás tomar-se-hão deliberações que não darão muito prazer; guardando, comtudo, o humilde respeito que os Reis de Hespanha têem sempre tido no coração e mostrado no seu proceder para com a santa sé apostolica, acima de todos os outros Reis catholicos.

O nuncio:

«— Não apresento rasões sophisticas, mas solidas, pelos exemplos e casos occorridos entre os Papas e os Reis, em conjuncturas iguaes a esta.»

«Citou para esse fim os de Mathias Corvino e de todos os outros que os portuguezes allegaram a seu favor nos escriptos que publicaram e que se viram no livro III d'este *Mercurio*. Foi com elles que se terminou a conferencia, da qual o nuncio remetteu para Roma uma descripção minuciosa. Mas, se os tribunaes dos Reis não têem outras leis senão as armas, não vejo motivo para os partidos insistirem tanto na força das leis, ao passo que havia tão sómente necessidade de uma boa espada. Tinham ellas já bastante escripto e reclamado uma contra a outra, para prepararem os espiritos dos povos; e a causa do Rei Catholico desvantagem, por causa da posse em que estava, já havia muito tempo, da corôa de Portugal, e o Rei João fortificado com poderosas allianças e com a affeição dos seus vassallos.

«João IV de Bragança governava com vigor em Portugal, inteiramente applicado a pôr sua fortuna ao abrigo das tentativas dos hespanhoes. Baseando sobre o amor de seus povos os mais solidos alicerces do seu novo imperio, parecia governal-o antes como pae, do que como soberano, comprando o repouso d'elle, povo, com os suores d'elle, Rei. Mas, não se limitavam a isto os seus pensamentos. Applicava-se a fazer com que Portugal recobrasse todos os estados que tinha outr'ora possuido; persuadido de que não podia achar theatro assás amplo para a sua gloria, nem jamais reconhecer a affeição que os portuguezes lhe tinham mostrado, elevando-o ao throno de Portugal, durante o seu reinado não quiz que tivesse limites mais acanhados do que os que possuia quando estava debaixo do poder de Filippe II. Era assim que elle queria consolidar a opinião geral que tinham a seu respeito. Mas, com o fim de que melhor se conheça a importancia da sua empreza e a grandeza da perda que experimentou o Rei Catholico com a perda de Portugal, é mister fazer ver os estados que possuia essa corôa no tempo em que foi reunida á de Castella.

«Os portuguezes, antepondo o exercicio da guerra ás delicias da paz, e aguilhoados pelo desejo da gloria e pelo estender do seu imperio, armaram-se contra os mouros de Africa. Fizeram-se senhores, dentro de pouco tempo, da Mauritania, Tingitania, de Ceuta, de Tanger, de Arzilla e de ouros logares, ainda que depois os largaram a esses mesmos mouros, por isso que a conservação de taes logares demandava despezas consideraveis. Não conservaram senão os dois primeiros logares, como duas portas da navegação do Estreito, e fundaram, mais ao

occidente, Mazagão, que servia de freio a essa provincia. Fazendo-lhes estas prosperidades esperar outras ainda maiores, da industria e do valor d'elles, portuguezes, descobriram e povoaram a ilha da Madeira, pouco afastada de Lisboa, e as ilhas Terceiras, que d'ella se afastam de oitocentas e cincoenta milhas, pouco mais ou menos, a 40° de latitude, todas desconhecidas dos antigos, incultas então, e deshabitadas.

«Henrique, filho de João I, aspirando a maiores emprezas, mandou que seus marinheiros costeassem a Africa pelo Oceano e procurassem paizes novos. Estes, correndo toda aquella costa durante o decurso de alguns annos, penetraram tanto alem, que descobriram toda a Ethiopia. A guerra de Affonso V contra os castelhanos não obstou a que os portuguezes continuassem a navegação das Indias com vantagens sempre maiores. Mas, depois de terem feito a paz com Fernando o *Catholico*, tiveram meio de se applicarem a novas conquistas. Pelo tratado celebrado entre elles e este monarcha, foi a paz particularmente estabelecida por cento e um annos. Apresentaram, segundo o costume, um termo finito por um termo infinito e passou se precisamente tanto tempo entre a guerra que tiveram com Fernando e a ultima que sustentaram contra Filippe II, na qual perderam com a liberdade seus Principes naturaes.

«Comtudo, Portugal tinha grandemente medrado em homens e em riquezas, mórmente com a expulsão dos mouros da Hespanha. Estes, mediante oito ducados por cabeça, obtiveram do Rei D. João II a permissão de entrarem n'este reino para d'elle sairem n'um praso limitado, obrigando-se este Principe a fornecel-os de embarcações. Não foram estas condições cumpridas com boa fé. Cerca de vinte familias mouriscas, em cada uma das quaes havia, pelo menos, dez pessoas, tendo entrado n'este mesmo reino, quando o termo prescripto para a sua residencia expirou, foram feitas escravas; alguns tambem, para não perderem seus bens, receberam o baptismo, ao exemplo de uma grande parte, que, debaixo do pretexto de conversão, tinham ficado em Castella. Alem d'isto, o maior numero de judeus que se achavam em Portugal, n'este paiz se deixaram ficar debaixo do nome de christãos novos, desconhecidos, por não usarem distinctivo. Á força de dinheiro foram-se misturando a pouco e pouco, por meio de casamentos, com os naturaes do paiz, e vieram a ser cidadãos d'este reino.

«Emquanto aos portuguezes, costeando a Africa, construiram um forte em Arguim; tornaram-se senhores das ilhas do Cabo Verde, erigiram na Ethiopia o castello de S. Thomé, que fica precisamente debaixo do Equador. Contrahiram amizade com os Reis do Congo e de Angola, soberanos de povos negros; e havendo dobrado o Cabo da Boa Esperança e a ilha de S. Lourenço, fizeram defronte d'esta ilha, na terra firme, a conquista de Sofala, Melinde e Moçambique. O Rei D. Manuel, achando os caminhos embaraçados por aquelle lado, andou de maneira que, possuindo os portuguezes a entrada do Mar Vermelho, correram as costas do golfo persico, e havendo passado a embocadura do Indo, entraram no paiz ao qual este rio dá o seu nome, onde, em primeiro logar, por meio do commercio, e em segunda pela força, se estabeleceram em Calicut e em outros logares vizinhos. Depois, debaixo do commando de Affonso de Albuquerque, capitão famoso, desembarcaram em Goa, pequena ilha do reino de Accem, vizinha do paiz do Idalcão, onde está hoje uma cidade com arcebispado, capital dos estados que os portuguezes possuem n'estas regiões, e residencia ordinaria do vice-rei. D'ahi, retrocedendo até á embocadura do golfo persico, apoderaram-se das ilhas de Ormuz, de

Baçaim e Diu, e voltaram para a embocadura do Ganges. Tornaram-se senhores do commercio e da fortaleza de Ceylão, que alguns crêem ser a antiga Taprobana, onde cresce a melhor canella do mundo. Depois de terem passado para o levante, esse mesmo golfo e embocadura do Ganges, acharam a outra costa, na ponta da qual, chamada pelos antigos a «Chersoneso de oiro», se apossaram da cidade de Malaca, a vinte e cinco milhas da grande ilha de Sumatra. Tendo penetrado mais, não sómente pelo commercio, no reino de Pegu, e nos outros que jazem na Terra-firme, mas até mesmo pela navegação, acharam a grande e a pequena Java, o reino da China, o grande archipelago das ilhas Molucas, de onde tiram a noz moscada, o cravo da India e outras especiarias, e a ilha do Japão e as que lhe ficam vizinhas. Penetraram, por fim, tanto no interior, que tornaram invejosos os castelhanos, que, debaixo do commando de Christovão Colombo, acabavam de descobrir os paizes occidentaes. Este ciume deu occasião a algumas rixas com elles, as quaes Alexandre VI terminou com essa linha imaginaria, que, dividindo o globo em duas partes iguaes, deixou aos portuguezes a oriental e aos castelhanos a occidental, o que deu motivo a Filippe II, quando se apoderou do reino de Portugal, para se gabar de ter adquirido, com uma tal conquista, a metade do mundo.

«No reinado do mesmo Rei D. Manuel apoderaram-se os portuguezes do lado fronteiro da Ethiopia e do Cabo da Boa Esperança, da grande provincia de Santa Cruz, contigua ao Perú, cuja costa tem 1:500 leguas de extensão, e que, no emtanto, não avança muito pela terra firme. Dividem-na em oito partes, quasi todas as quaes deram áquelles que as tinham conquistado, debaixo da condição de que a maior parte da jurisdicção ficaria reservada para o Rei. E ainda que por muito tempo se julgou que seria de pouco proveito esta provincia, a ponto tal que os juizes do crime de Portugal para ella mandavam os ladrões, os assassinos e outros criminosos, sua fertilidade a tem, comtudo, feito povoar de maneira que não é inferior, emquanto ao numero de habitantes, aos reinos vizinhos do Mexico e do Perú.

«Se, com estes vastos estados, se considerar que o reino de Portugal tem dezoito cidades e quatrocentas e sessenta e tantas villas e aldeias *(chateaux)*, e está cheio de um povo guerreiro e de nobreza, commodo para todas as partes do mundo, no centro de alguns reinos, e favoravel para a antiga e nova navegação, ver-se-ha quão grande é o rasgão que fizeram no corpo da monarchia de Hespanha, e quanto territorio perdeu o Rei Catholico com a proclamação de D. João IV. Entre as outras condições, debaixo das quaes os portuguezes se submetteram ao jugo castelhano, em tempo do Rei Filippe II, havia uma que declarava que a parte oriental das Indias sómente seria governada por portuguezes naturaes. Foi por este meio facil a todo o paiz o sacudir tal jugo, e prestar homenagem ao novo Rei, quando os que alli governavam souberam que tinham um Rei da sua nação. Foi com esta mesma facilidade que os portuguezes se apossaram das ilhas Terceiras, abrigo das frotas, e tão consideraveis que só ellas formam um grande reino, defendido por uma fortaleza em estado de resistir ás forças do mais poderoso Principe, construida com grandes despezas por Filippe II, e cognominada a «Porta de ferro das Indias». A situação d'estas ilhas é tão commoda e tão vantajosa, que no começo do desgraçado reinado de D. Sebastião, discutiram se não seria mais a proposito o transferir para alli a séde da monarchia, e deixar um vice-rei em Portugal.

«Pela expulsão dos castelhanos, os portuguezes tornaram a entrar tambem na posse do Brazil, conjunctamente, comtudo, com os hollandezes. Não lhes falta senão o que pertencia antigamente á corôa, e Ceuta e Tanger, na costa de Africa, defronte do estreito.

«Vou agora descrever, em poucas palavras, de que maneira o novo soberano recuperou as differentes partes dos seus estados, afastados de Portugal.

«Apenas D. João se viu proclamado Rei, pensou em prevenir todas as diligencias que seus inimigos podessem fazer para desviarem estes estados de o reconhecerem como legitimo Rei. Enviou, por conseguinte, sem demora, a D. Jeronymo Fernando e D. Luiz Miranda, um bispo, e outro governador da cidade do Funchal, na ilha da Madeira, para lhes participar a sua elevação ao throno com o consentimento unanime dos povos.

«Á nova d'esta installação de um Rei portuguez, infundiu-se no coração de todos os habitantes do Funchal uma alegria extrema. Empunhando a bandeira da cidade, iam em chusma pelas ruas gritando: «Viva o Rei D. João IV!», dando signaes de uma alegria completa. Seu exemplo[1] arrastou todo o resto da ilha da Madeira.

«O governador do castello de Mazagão, na Africa, D. Martim Correia da Silva, recebeu a mesma noticia por uma carta do Rei, pela qual este Principe lhe promettia uma recompensa magnifica, se induzisse os habitantes a reconhecel-o. Não tiveram n'isso a minima repugnancia. O ar retumbou immediatamente por todos os lados com gritos de alegria, acompanhados de descargas redobradas da artilheria. Todos os habitantes foram surdos ás insinuações do Rei de Hespanha, o qual, por uma carta dirigida a este governador, e remettendo-lhe munições de bôca e de guerra, tinha tentado inutilmente conserval-o fiel. Dava-lhe aviso, com esta carta, de algum tumulto do povo excitado em Portugal pelos descontentes, dizendo-lhe que estava prompto a pôr-lhe o remedio conveniente, e ordenando-lhe que empregasse sua prudencia e vigilancia para preservar Mazagão do contagio, até que elle o fornecesse com um poderoso soccorro, do qual já tinha encarregado o duque de Medina Sidonia. O governador, depois de ter feito desembarcar as munições, respondeu que não sabia que houvesse tumultos em Portugal, e que, todavia, conservaria a fortaleza debaixo da submissão d'esta corôa.

«A ilha de S. Miguel, da qual era governador o conde de Villa Franca, parecia respirar com a noticia da feliz elevação de D. João ao throno. A cidade de Luanda, no reino de Angola, mostrou pela sua vez um jubilo levado ao auge. D. Francisco de Ornellas tinha sido enviado, com toda a diligencia, de Lisboa para a ilha Terceira, com o fim de advertir secretamente os portuguezes que n'ella se achavam, do que acabava de succeder, e para os animar, em nome do Rei, a armarem-se contra os castelhanos, para os deitarem fóra. D. Alvaro de Viveiros, mestre de campo da guarnição hespanhola, tendo sahido da chegada de D. Francisco, procurou lançar-lhe a mão. Porem este, havendo sido avisado a tempo, retirou-se para a villa de Spiaggia (?), sua residencia ordinaria, onde fez immediatamente proclamar o novo Rei. Esta proclamação tornou D. Alvaro cada vez mais attento ao minimo movimento. Mandou assestar a artilheria da fortaleza

---

[1] Vittorio Siri, *Memorie historiques*, vol. II, pag. [illegible].

para manter em respeito a cidade por ella dominada, armou os habitantes e fez correr o boato de que uma pequena frota hollandeza estava prestes a approximar-se d'estas costas. Mas, ao tempo que procurava assegurar-se da inclinação d'aquelles habitantes, que são os mais suspeitos, juntando-se estes com os portuguezes, começaram a revolta e o tumulto, proclamando Rei a D. João, atacando a botes de lança e a tiros de espingarda os castelhanos, obrigados, para se subtrahirem á sua furia, a retirarem-se para a fortaleza, de onde a artilheria, começando a trovejar, prejudicava consideravelmente as casas da cidade. Ao som das descargas repetidas, D. Francisco de Ornellas correu promptamente com algumas companhias da villa Spiaggio em soccorro dos seus. Apertou tão vivamente com os castelhanos, que os obrigou a largarem o forte de S. Sebastião, por meio do qual se fez senhor do porto e dos navios que alli se achavam. Comtudo, D. Alvaro não cessava de bombardear com a artilheria da cidadella as casas da cidade e os habitantes que se achavam pelas ruas.

«Emquanto ao Rei Catholico, para dar aviso ás Terceiras do que acabava de acontecer em Portugal, e corroborar os commandantes e os povos na fidelidade, tinha enviado um navio para aquelle lado. Mas este navio, repellido pelos ventos e obrigado, com outros dois carregados de especiarias, a aportarem á ilha da Madeira, foi detido com elles pelos portuguezes, que os enviaram depois a Lisboa. A nova da revolta e o estado perigoso das Terceiras, tendo chegado a Madrid, enviaram de prompto tres navios para a conservação de um paiz tão importante, com ordem ao governo de se defender, tanto tempo quanto fosse necessario, para dar occasião a lhe remetterem um poderoso auxilio. O capitão de um d'estes navios era portuguez. Este, accommodando seu desenho á sua intenção particular, regulou a sua navegação de maneira que fez cair aquelle que commandava em poder dos portuguezes, e que foi a causa de tambem os outros dois n'elle cairem.

«Tendo-se passado tempo consideravel sem que chegasse da Hespanha ás Terceiras não sómente soccorro, mas nem sequer noticias, D. Alvaro, depois de ter soffrido constantemente todos os incommodos de um cerco, viu-se obrigado pela fome, que é o ultimo dos supplicios, e que nem a natureza nem a virtude poderiam vencer, como aos outros males humanos, a capitular. Saíu da fortaleza com duzentos e quinze soldados, tão extenuados, que tinham antes apparencia de cadaveres que de homens. Por este meio Portugal ficou senhor de uma praça extremamente forte, situada n'um promontorio do Oceano, contra a qual são, para assim dizer, obrigados a voltar as proas, os navios que da Hespanha passam para as Indias.

«O Rei de Portugal estava inquieto a respeito da inclinação dos povos do Brazil, por isso que este paiz, por sua extensão e riquezas, é, como as Terceiras, importantissimo; e porque, mantendo-se debaixo da obediencia do Rei de Hespanha, podia occasionar uma diminuição consideravel á fortuna de Portugal, pela perda de uma parte de suas forças, tão poderosa como essencial. Sentindo pois, que para conseguil-o manter fiel a si, era mister que prevenisse o Rei Catholico, resolveu-se enviar n'uma caravella uma pessoa com uma carta para D. Jorge Mascarenhas, vice-rei do Brazil, a qual continha promessas de reconhecer por amplas recompensas, seus serviços n'uma occasião de tão grande importancia. Mascarenhas, tendo recebido a carta do Rei, prohibiu, debaixo das mais graves penas, ás pessoas da caravella, o sairem d'ella e o fallarem com quem quer que

bom. Ordenou immediatamente que os portuguezes se formassem em batalhões nas duas praças da cidade, para reprimirem os castelhanos e os napolitanos, se á menina palavra da proclamação de D. João IV ousassem agitar-se. Ao mesmo tempo, tendo mandado chamar á sua presença um atrás do outro, em separado, ao bispo, ao general de artilheria, aos mestres de campo, aos officiaes, aos superiores dos conventos, leu-lhes a carta do Rei e pediu-lhes seu parecer, e informado dos seus sentimentos, fez com que elles passassem para outros aposentos, onde eram guardados, sem poderem communicar com os outros.

«Tendo achado a todos concordes em seu parecer a favor do novo Rei, reuniu, sem tardar, o conselho, ao qual apresentou a carta do Rei, convidando-o a reconhecel-o. Não se tornou necessaria muita eloquencia para empenhar seus membros a um passo que desejavam de todo o coração dar.

«Tendo-se espalhado o boato n'um momento pela cidade, viram o povo correr pelas ruas como fóra de si mesmo, e celebrarem com as mais vivas acclamações o dia feliz em que o céu lhes fazia a graça de verem sentado sobre o throno de Portugal um Principe da nação. Encaminhou-se em chusma e todo fóra de si á cathedral, onde foi cantado solemnemente o *Te Deum*, retumbando os ares por toda parte com gritos de jubilo. A mesma alegria se fez sentir nos habitantes do Rio de Janeiro e nas outras capitanias do Brazil, apenas souberam a nova da exaltação de um Rei portuguez.

«Tendo-se propagado o boato d'este successo, n'um momento, em toda a India, passou d'ahi ás extremidades mais remotas do Oriente, sem que a proclamação de D. João IV encontrasse outra opposição, que não fosse a que alli fizeram os hollandezes, applicados então a submetterem ao seu dominio, como o fizeram, Malaca e alguns outros logares da ilha de Ceylão. Por outro lado, Manuel de Liz, tendo chegado a Goa com a nova carta do consentimento das tres ordens do estado á elevação de D. João, a exemplo d'esta cidade, todos os reinos e todas as provincias da India, sacudindo o jugo da obediencia ao Rei Catholico, se submetteram voluntariamente á dominação do novo Rei, dominação extendida por tantos paizes abundantes em especiarias, em seda, ambar, assucar, oiro, perolas, diamantes e outras pedrarias preciosas, as quaes, levadas a Portugal e espalhadas por toda a Europa, por meio do commercio, servem para enriquecer o Rei e os povos.

«A cidade de Macau, na China, tida por uma das melhores feitorias dos castelhanos, submetteu-se tambem á corôa de Portugal, que recobrou assim, em pouco tempo, tudo quanto possuia antes de estar unida á de Castella.

«Á nova de resultados tão prosperos, renovou-se a alegria no coração dos portuguezes, pensando terem chegado, d'ora ávante, ao termo dos seus desejos. Mas o do Rei, principalmente, trasbordava de alegria, vendo claramente cumprir-se o horoscopo de sua grandeza. Para tornar estavel esta grandeza, resolveu reunir os estados geraes do reino, fazendo ver que procurava alcançar para seus vassallos a tranquillidade, por sua solicitude particular, que tendia a pol-os ao abrigo dos insultos dos inimigos e a ganhar-lhes o meio de viverem agradavelmente no seio de uma paz segura.

«Ás quatro horas, portanto, depois do meio dia, de 18 de setembro, o Rei, querendo fazer a abertura dos estados geraes, desceu, com o sceptro de oiro maciço na mão, com a cabeça coberta de um chapéu ornado de pedras preciosas, e vestido com uma comprida tunica bordada a oiro, cuja cauda era levantada por

D. João de Sá, seu camarista-mór, desceu, digo, do seu aposento para a grande sala do palacio, segundo de seus principaes officiaes, e assentou-se sobre um throno erigido sobre seis degraus, tendo a seus pés os sellos sobre uma almofada. Mandou assentar no quarto degrau a Raymundo de Lencaster, duque de Aveiro, seu parente, da idade de treze annos. Atras do assento do Rei estava em pé seu primeiro camarista; á direita, D. Pedro de Mendonça, seu primeiro capitão das guardas, e Thomas de Sousa, seu copeiro-mór, empunhando a espada do Rei desembainhada na sua mão; á esquerda, D. Manriques da Silva, marquez de Gouveia, seu primeiro mordomo; D. Francisco de Lucena, unico secretario d'estado, e D. João de Castello Branco, alcaide-mór, todos no logar onde o throno estava erigido. Ao pé achavam-se D. João Mascarenhas, Jorge de Mello, referendario, guarda-sala e reposteiro-mór, o Rei de armas, os oito arautos de Portugal, e os oito porteiros, cada um d'elles com uma maça de prata. Os quatro ultimos logares eram desempenhados pelo chanceller, pelos intendentes das finanças, os procuradores da corôa, o parlamento de Lisboa e o da cidade do Porto, que são os dois parlamentos do reino. Ao lado direito da sala estavam sentados o arcebispo de Lisboa, o bispo conde de Coimbra, o de Elvas, esmoler-mór, o suffraganeo de Evora, os priores da ordem de S. Thiago e de Aviz, os conselheiros d'estado, o alcaide-mór, como quem dissesse o chefe dos governadores das provincias. No lado esquerdo estavam os marquezes de Ferreira, os condes de Cantanheda, Penaguião, Redondo, Capiston (?), Ponte do Lima, Castanheira, Olhão, Arcos, Valle de Rei, S. João, S. Miguel e de Latuar (?). O meio estava occupado pelos conselheiros de guerra, e pelos outros alcaides, pelos deputados das cidades e das communidades, todos em bancos preparados para este effeito. O Rei de armas, tendo mandado guardar silencio, mandou assentar toda a gente, e cobrir, segundo o uso, sómente aos duques, arcebispos, bispos, marquezes e condes. Depois do que, D. Manuel da Cunha, bispo de Elvas, tendo subido ao quarto degrau do throno, á direita, pronunciou em pé, em nome do Rei, o discurso seguinte:

«Durante sessenta annos que os Reis de Castella foram senhores d'este reino, sómente vimos duas vezes as côrtes: a primeira vez para nossa escravidão, e a segunda para conhecermos o nosso erro. Desde que Sua Magestade, que Deus guarde, nos governa, vemol-as já, pelo menos, duas vezes em dois annos: a primeira para nossa liberdade, e a segunda, que é a presente, para nossa confiança. A liberdade do homem consiste em dizer livremente o que pensa e em proceder á sua vontade, em conformidade com o dever no que a rasão quer e pede. A confiança do vassallo depende do amor que elle vê no seu Rei. Eis o que foi a causa de terem os Reis de Castella tantas difficuldades em reunirem as côrtes d'este reino. Para isto não os convidava o amor, e ainda menos a confiança em nós. Queriam elles que submettessemos nossos pensamentos e nossa vontade ás ordens d'elles: usurpavam nossa liberdade. Sua Magestade facilita hoje as côrtes geraes, porque seu amor vos chama para elle, e quer que em vossas necessidades vós lhe digaes livremente o que desejaes, com o fim que o mundo veja que sois filhos e não escravos, nem estrangeiros; que vós tendes vossa confiança e vossa liberdade em vosso Rei e senhor (não digo bem), no vosso pae. Não contente com isto, seu amor é tão excessivo, que elle o fórça, para vossa satisfação, a despojar-se de sua propria Magestade e a deixar-vos a disposição absoluta de tudo que lhe pertencia, contente com o reconhecimento que vós lhe deveis por isso. Está elle mortificado ao ver que seu amor, que basta para vossa confiança e

para vossa liberdade, não baste para vossa defeza, á qual quizera que seus dias e seu sangue podessem bastar. Eis o amor, eis o coração do Rei e do senhor que para vós escolhestes, do Rei, que o grande e poderoso Deus do céu vos deu. Julgae se merece ser amado e servido.

«Nas ultimas côrtes, Sua Magestade tirou os impostos e vós vos encarregastes da defeza do reino. Vós regulastes o que vos pareceu necessario para esta defeza, e vós vos obrigastes a meia contribuição; mas, recolhendo-a, os primeiros pagamentos não pareceram effectivos, os segundos pareceram desiguaes e os terceiros insufficientes, o que deu origem a alguns queixumes, imaginando alguns que provinha isto do abuso que se fazia do dinheiro e dos generos, e outros, emfim, da má ordem que havia na receita e na despeza. Digo, com segurança, que mesmo que tivesse havido erro, seria digno de desculpa[1], porque em tempo algum uma grande empreza ficou jamais inteiramente organisada na sua origem. Não deixará de haver erros senão quando cessar de haver homens. É mister soffrer esses inconvenientes, como as esterilidades, as seccas, as chuvas excessivamente abundantes e os outros cataclysmos da natureza. A capacidade do homem não póde applicar remedio a tudo. Não se achará, portanto, motivo para fallar; haverá, pelo contrario, motivo para nos admirarmos, se considerarmos em que estado estava o reino quando Sua Magestade n'elle foi reconhecido como senhor. Todos nós o sabemos: estava este reino sem dinheiro, sem armas, sem munições, sem artilheria, sem cavallos, sem navios, sem nenhum preparativo de guerra e sem defeza. Haverá logar para nos admirarmos, ao considerar que em menos de dezoito mezes todas essas cousas n'elle se encontram em quantidade consideravel. As praças mais importantes reparadas, um tão grande numero de soldados sustentados nas fronteiras, tres poderosas frotas lançadas ao mar, tantas embaixadas honrosas, com outras despezas necessarias, causam a surpreza de todas as pessoas sabias nos seus julgamentos, porque tudo isso parece menos um effeito da providencia humana do que um milagre. Mas, a fim de que vejaes com vossos proprios olhos a verdade das cousas, a qual Sua Magestade quer em todo que seus vassallos conheçam, manda ella que se declare aos tres estados, no primeiro dia em que se reunirem em separado, a resolução que foi tomada ácerca das proposições que vós lhes dirigistes nas ultimas côrtes, e que se lhes mostre circumstanciadamente o emprego do dinheiro que então foi recebido. Manda ella que, se os meios que escolhestes não forem do vosso gosto, lhe propondes outros novos, que sejam mais brandos, e que deis vossos conselhos sobre o que julgardes melhor, para applicar o remedio mais conveniente á desigualdade dos pagamentos ou das deducções. Se até este dia a necessidade se oppoz a que se fizesse, e se as cousas foram reduzidas a este ponto pela diversidade das circumstancias, convem tambem, é verdade, que os contratos feitos até este dia cessem, ou que se proceda em conformidade com a resolução que se tomar; que se receba o que vós tendes promettido para a manutenção dos exercitos, que vós mesmos julgardes necessarios para vossa defeza. Dae, por favor, attenção a uma grande cousa: é que, sendo o dar e o pedir cousas, entre si tão differentes, só em Sua Magestade concorrem igualmente para o vosso bem. Considerae que o que ella vos pede não é senão por um tempo limitado, e que a vossa liberdade

---

[1] Vittorio Siri, *Mercure historique*, vol. xi, pag. 348.

e para sempre. Considerae que a occasião presente é a melhor que se possa achar para destruir o inimigo, da destruição do qual depende a paz que nós tanto desejâmos. Tomae em conta que os estrangeiros não pensam senão que não tendes poder ou forças, ou então que faltaes á amizade constante que tendes mutuamente promettido uns aos outros. Tomae lições da natureza, que, para conservar o corpo, arrisca o braço. Os marinheiros, durante a tempestade, alijam ao mar uma parte de suas fazendas, para salvarem o que resta. Nós achamo-nos em um navio açoutado pela tempestade; não perigam sómente nossos bens, mas tambem a honra, a patria, a liberdade e a vida. O tratamento barbaro, do qual o Rei de Castella faz uso para com o Infante D. Duarte, conservando-o preso, pede tambem vingança contra esses estados (digo mal), grita vingança, embora esse tratamento redunde na maior gloria d'esse Principe, sendo causa de sua prisão o medo que têem do seu valor. Comtudo, vendem-no como escravo, em desprezo do caso que fazemos d'elle. A escravidão, a venda, o preço do justo e do innocente, pedem um resgate, mas um resgate de sangue, em sacrificio do nosso amor, para satisfazer á nossa injuria. Prometto-vos, pois, que não deixaremos de ter companheiros para a nossa vingança. Ver-se-ha saír o grande e invencivel condestavel, d'essas tapeçarias, ou do seu tumulo, para vir comnosco resgatar seu descendente. Seguil-o-hemos, será nosso chefe, e fazer-nos-ha alcançar a victoria, victoria que sempre o acompanhou e que tornou seu nome immortal. D'esta fórma acabaremos gloriosamente a acção mais memoravel que jamais tenham admirado os seculos antigos e novos; e o valor e gloria do nome portuguez conservar-se hão gravados na lembrança dos homens, serão postos em o numero das maravilhas que a fama publica, e farão para todo o sempre o assombro do universo.»

«Tendo acabado de fallar o bispo de Elvas, mandou o rei de armas a todos, em nome do Rei, que se levantassem. Então o dr. Duarte Alvarez de Abreu Caduval (?), conselheiro no parlamento de Lisboa, apresentou a Sua Magestade o humilimo requerimento do povo; e o marquez de Montalvão, em nome dos habitantes d'esta cidade, agradeceu ao Rei sua solicitude e fadigas excessivas para o bem e liberdade d'esta mesma cidade e de todos seus vassallos, offerecendo sem reserva o sacrificio de suas fortunas e de seus dias para o serviço de seu monarcha e para o do estado, para a manutenção da liberdade e para a salvação do Infante D. Eduardo. Assim foi terminada a primeira sessão.

«No dia seguinte, as tres differentes ordens que compunham as côrtes reuniram-se em separado, a saber: o clero, em S. Domingos; a nobreza, na Trindade; e o terceiro estado em S. Francisco. Todos foram da mesma opinião, isto é: mandarem offerecer ao Rei liberdade plena para impôr os tributos que elle julgasse mais a proposito, tributos nos quaes consentiram desde logo.

«Tendo o Rei acceitado este poder e encerrado as côrtes, applicou-se inteiramente a defender seu reino com forças possantes para a sua defeza. Deu as ordens necessarias para armar e disciplinar seus povos, aos quaes um longo repouso tinha tornado quasi inhabeis para o mister da guerra, e para os impostos de dinheiro necessarios para a manutenção da frota, bem como para a de uma esquadra destinada a cobrir a fronteira do seu reino e a infestar as costas de Hespanha e as da Mauritania. Mas, como Portugal se acha cercado pelos estados do Rei Catholico, a cujos ataques se acha exposto, começou dentro em pouco a resentir-se da vizinhança dos castelhanos, cheios de animosidade contra seus povos. Porém, estes compensaram dentro em pouco suas perdas com usura, não

tendo querido ser os primeiros a começarem as hostilidades, para fazerem ver ao mundo que sómente desembainhavam a espada para se vingarem da offensa, e que sómente corriam á victoria por se verem obrigados a fazel-o, por se verem a isso obrigados, por causa das suas perdas.

«Todavia, os castelhanos, divididos em varios corpos, percorreram os campos de Portugal até Olivença e outros logares, passando tudo a ferro e fogo, e fazendo aos portuguezes todo o mal que podiam, com a vista de lhes fazerem esquecer seu affecto ao Rei D. João, e separal-os da sua obediencia. Mas os portuguezes, pelo seu lado, tendo formado um corpo de exercito assás consideravel, e tendo-se tornado senhores do campo, penetraram nos estados do Rei Catholico e correram sem obstaculo a vizinhança de Salamanca, saqueando mais de quarenta logares, tanto na Galliza como na Extremadura e na Andaluzia, obrigando Monterei a abrir-lhes suas portas, investindo Ciudad Rodrigo e alcançando ricos despojos. Teriam, sem duvida, feito d'estas provincias o theatro da guerra, augmentando as desgraças dos povos de Hespanha, e os perigos d'esta corôa, se se tivessem encontrado praças fortes em estado de serem bem fortificadas para poderem obter n'ellas um asylo. Tinham os castelhanos esperado no começo que a falta de commercio na Andaluzia havia de fazer com que Portugal soffresse uma penuria extrema de cereaes, dos quaes o reino carece naturalmente. Mas a experiencia lhes fez ver que a Africa, a França e a Hollanda lhe podem servir de abundante celleiro. Era assim que a Hespanha, nas suas extremidades, parecia cheia de males incuraveis, e o coração, isto é, Castella, cercado de humores malignos, a tornava tão fraca e languida, que soffria continuamente desmaios mortaes.»

Eis o que de mais importante se encontra em dezoito volumes do *Mercurio historico*, de Vittorio Siri, a respeito de assumptos portuguezes.

Em 1879 vi na bibliotheca publica de Braga alguns volumes da edição italiana d'esta obra.

SISCAR (D. GREGORIO MAYANS Y ——).— Autor da obra *Vida de Don Nicolas Antonio.*

Censura de Historias fabulosas, obra posthuma de Don Nicolas Antonio, Caballero de la Orden de Santiago, Canonigo de la Santa Iglesia de Sevilla, del Consejo del Señor Don Carlos Segundo, y su Fiscal en el Real Consejo de la Cruzada. Van añadidas algunas cartas del mismo Autor y de otros eruditos. Publica esta obra ——. En Valencia, por Antonio Bordazar de Artazu, año 1742, fol., xxxx–752 pag.

É util a leitura d'esta obra para os que escreverem dos tempos anteriores á fundação da monarchia portugueza.

SI-SI.— Escriptor chinez.

Traduziu para o seu idioma o immortal *D. Quijote de la Mancha*, em 1879. Foi coadjuvado, na interpretação, pelo interprete sinologo do senado de Macau, Eduardo Marques.

SISMONDI (J. C. L. SIMONDE DE ——).

De la littérature du midi de l'Europe. 2.ª edição, revue et corrigée. 1829. 4 vol.

Ha uma traducção (da 1.ª edição), em lingua allemã, impressa em Leipzig, 1816–1819. 2 vol. 8.º

SKETCHES *in Portugal during the year of 1834.* 8.°, 1 vol., 328 pag.

SKETCHES *of Portuguese life, manners, costums, and character. By A. P. D. G.* London, 1826.

SLICHTENHORSTI (ARNOLDI ——).
Lusitania libera, sive Inauguratio Joannis IV, Serenissimi Lusitaniae Algarbiaeque Regis, Commerciorum Guineae, Aethiopiae, Arabiae, Persiae et Indiae Domini. Lugduni Batavorum, ex-officina Wilhelmi Christiani, 1641, fol.
É uma collecção de poesias em honra dos portuguezes.

SLOANE (JOHN ——).
A Voyage to the Islands Mandera, Barbados, Nieves, S. Christophers, and Jamaica, with the natural History of the Herbs, and Trees, Fourfooted Beasts, Fishes, Birds, Insects, Reptiles, &c., of the last of those Islands, &c. Londres, 2 vol., in-fol.
Vem noticia d'esta obra a pag. 292 e segg. do *Journal des Sçavans*, 1708.

SLOCKDALE.
New military map of Spain and Portugal. Published by ——. London, 1812.

SMITH (A).
L'île de Madère et ses vins. Paris, 1878, in-18.°

SMITH (JAMES ——).
On the Geology of Madeira. (Nos *Proceedings of the Geological Society*, vol. III.)

SMITH (JOHN ——).
Memoirs of the Marquis of Pombal. With extracts from his writings and from despatches never before published by ——. Com retratos. London, 1843.

SMYTH (C. PIAZZI ——).
Madeira metereological. With 2 plats. Edimbourg, 1882.

SOLAND (AIMÉ DE ——).
Étude sur le Drosophylum Lusitanicum.

SOLEMNITAS *Augustae Taurinorum occasione electionis Magni Apostoli Indiae S. Francisci Xaverii in Patronum.* Taurini, apud Zapatam, 1668, in-4.°

SOLTAU (D. W.).
Gesch. der Entdeckungen der Portugiesen im Orient. 1415–1539. Braunschw., 1821.

SOMMAIRE *des Lettres du Japon et de la Chine, de l'an 1589 et 1590. Escrites au R. P. General de la Compagnie de Jesus.* A Douay, chez la Vefve Jac. Boscard, 1592, in-8.°, 223 pag.
Contém um *Summario de uma Carta Annua do Japão*, escripta em 21 de fevereiro de 1589.

SONOROS *con que pulsa la voz de el entendimiento, para advertir al desengaño, en el feliz regreso y progresos victoriosos de nuestro Católico Monarca Felipe el Animoso. D. D. P. L. D. L. E. Y. R.*

Solare a guerra da acclamação. Existe um exemplar na bibliotheca publica de Lisboa.

SOPRANI (JOÃO JERONYMO ——).— Jesuita genovez.

Compendio della Vita del S. P. Francesco Savier, della Compagnia di Giesu. Canonizato co'l P. S. Ignatio, Fundatore dell' istessa religione dalla Santità di N. S. Gregorio XV. Composto e dato in luce, per ordine del Reverendiss. P. Mutio Vitelleschi, Preposito Generale della Comp. di Giesu. In Roma, per l'Heredi di Bartolomeo Zannetti, 1622, in-8.°, 146 pag.

Outros exemplares dizem: In Roma, per l'Heredi di Bartolomeo Zanetti, e Neapoli, per Lazaro Scoriggio.

SORIA (FRANCISCO DE ——).— De la Orden del gran Patriarca S. Basilio, calificador del Santo Tribunal de la Inquisicion.

Sermon predicado en la solemne octava, que la Congregacion del Santo Oficio celebra en el Real Convento de S. Domingos, á los desagravios de Christo ofendido en su Imagen. Por el P. Fr. ——. Con todas las licencias necesarias. En Lisboa. En la oficina de Domingo Lopes Rosa. Año 1644. 4.°, 15 fl.

SORTIJA (LA) *de Florencia, de D. Sebastian de Villa Viciosa.*

Vem esta comedia citada a pag. 22 do catalogo de uma livraria que na cidade do Porto se poz á venda em 1877.

SOTOMAYOR (D. JUAN CHUMACERO Y CARRILLO DE ——).— Natural de Valencia de Alcantara, presidente de Castella, e fallecido em 24 de junho de 1660[1]

Pro legitimo jure Philippi IV Hispaniarum et Portugalliae Regis. In-4.°

SOTOMAYOR (D. MIGUEL DE HERRERAS ——).— Hijo del capitan de infanteria, governador en actual servicio, por el Católico Rey de España, el señor D. Felipe V (que Dios guarde), de la Nueva Galizia, en la Admerica (sic) y Nueva España. Notario publico y apostolico de todos los reynos y señorios de la Christendad, por la Sede Apostolica.

Motivos que expone ——, para aver venido desde la ciudad de Badajos a esta Corte, con la milagrosa Imagen de Maria Santissima, con el titulo de Divina Pastora de nuestras almas, con una dedicatoria, sonetos y mas decimas, que rendidamente pone debajo del Balamparo, de la Serenissima Señora Princesa del Brazil, en reconocido agradecimiento, por el rejio vestido que su Alteza ha dado a dicha Soberana Pastora. Lisboa, año 1742, 4.°

SOULÈS (FR.).

Voyage au Bréul, par ——, traduit de l'anglais. Paris, 1806

---

[1] *Memoria historica de la universidad de Salamanca*, pag. 347.

SOUSA (A. DE ——).

Verdadero origen del Tribunal de la Inquisicion en Portugal Traducido por ——. Madrid, 1789.

SOUSA (ANTONIO ——). — Natural da Covilhã. Pereceu em Nangasaki, atormentado, a 26 de outubro de 1633.

Carta annua do Japão, do anno 1617, ao Geral Mutio Vitelleschi, em janeiro de 1618.

Foi traduzida para italiano pelo padre Lorenzo delle Pozze.

Lettera annua del Collegio di Macao, Porto della Cina, al M. R. P. Mutio Vitelleschi, Generale della Compagnia di Giesu. 1617. Di Macao 8 di Gennaio. 1618.

Acha-se a pag. 373 a 380 da collecção seguinte, edição de Napoles:

Lettere annue del Giappone, China, Goa e Ethiopia. Escrite al M. R. P. Generale della Compagnia di Giesu. Da Padri dell' istessa Compagnia negl' anni 1615, 1616, 1617, 1618, 1619...

SOUSA (JOAQUIM GOMES DE ——).

Anthologie universelle. Choix des meilleures poesies lyriques de diverses nations dans les langues originales. Leipzig, 1859.

Tambem apresenta poesias de Camões.

SOUSA (MADAME DE ——).

Oeuvres complètes. Nouvelle edition, revue, corrigée par l'auteur et augmentée d'un volume inédit. Les romans connus de Madame de Sousa, sont: Adèle de Sénanges, Emilie et Alphonse, Charles et Marie, Eugène de Rothelin, Eugénie et Mathilde, Madame de Tourmon.

(V. *Journal des Sçavans,* anno 1821, pag. 184.)

SOUTHEY.

Letters written during a short residence in Spain and Portugal, by ——. Bristol, 1797, in 8.°

Escreveu um prefacio ao *Amadis de Gaula,* impresso em Londres no anno de 1803[1].

History of the Peninsular War. 3 vol. London, 1823-1832. 3 vol. 4.°

SOUTHWELL (SIR ROBERT ——).

The History of the Revolutions of Portugal, from the foundation of that Kingdom to the year MDCLXVII. *With Letters of Sir Robert Southwell during his Embassy there, to the Duke of Ormond; giving a particular account of the deposing Alfonso, and placing Don Pedro on the throne.* London, printed for John Osborn at the Golden Ball in Pater-noster Row. MDCCXL. 8.°, XIV-374 pag.

Sir Robert foi enviado extraordinario do Rei Carlos II á côrte de Lisboa, e aqui presente durante todo aquelle tempo que o paiz esteve agitado, e testemunha de quanto diariamente se passava.

Obra mui importante para quem desejar escrever ácerca do reinado de D. Affonso VI.

---

[1] Camillo Castello Branco, *Narcoticos*, Porto, 1882, pag. 23.

SOUVENIRS *d'un militaire des armées françaises dites de Portugal.* Paris, 1827

SOUVERAINS *du Monde.* Paris, 1718, 4 tomos, 8.º

No tomo III, pag. 233, trata da Serenissima Casa de Bragança, dividida em duas linhas: a da Casa Real reinante, e aquelles que d'ella descendem por varonia, a que, conforme o uso de França, diz: *Celles des Princes du sang*, o que na verdade assim é, mas isto é tão breve, que não é mais do que uma noticia do presente [1].

SPAIN AND PORTUGAL.—*Historical Sketches.* London, 1835-1836.

SPAIN *and the Bourbon armies: a review of affairs in Spain and Portugal.* London, 1823.

SPANISH *& Portuguese Church Aid Society and Mexican Episcopal Aid fund. Report 1880.* London.

É obra de propaganda protestante.

N'este relatorio do anno de 1880, in-8.º, com 111 pag., vê-se que as cousas corriam em Portugal á vontade dos protestantes.

A pag. 39 diz o referido relatorio: «We are most thankfull to be able to report that, owing to the marked blessing of Almighty God upon His work here, the good seed of the Gospel is being steadity and successfully sown.»

N'este relatorio encontra-se uma estampa representando a escola de Rio de Mouro.

SPANISH (THE) *History, or a Relation of the differences that happened in the Court of Spain between Don John of Austria and Cardinal Nitard: with other transactions of that kingdom. Together with all the Letters, Politik Discourses, Decrees, and other Public Acts, that past between persons of the highest quality, relating to those affairs.* London, 1678.

Quem desejar conhecer a fundo as causas da deposição de D. Affonso VI, deve ler este importante livro.

SPECIFIC *answers to the several demands of the acting french consul in Lisbon.* London, 1831.

SPINOLA (ANTONIO ARDIZONE ——).—Clerigo Regular, theatino da Divina Providencia, napolitano, doutor na sagrada theologia, missionario apostolico, fundador dos conventos da Divina Providencia da cidade de Lisboa e da cidade de Goa, e das missões da India Oriental de sua sagrada religião, preposito, visitador, vigario geral e prefeito das missões, etc.

Divindade participada da Virgem Mãy de Deus, exposta com dous Sermoens da sua Immaculada Conceição. O primeyro da perfeita similhança com seu Divino Filho Jesu Christo. O segundo apologetico, resposta a Censura que ouve do pri-

---

[1] D. Antonio Caetano de Sousa, *Historia genealogica da casa real portugueza*, vol. I, pag. 221

meiro, em que se mostra cõ grande agudeza & notavel Theologia, entre as muytas prerogativas & excellencias que teve, que foy antes sanctificada que concebida. Antes sancta que formada. Antes glorificada que gerada. Pregou-os o M. R. P. Dom ——. En Lisboa. Na impressão de Antonio Craesbeeck de Mello, impressor de Sua Alteza. 1682. 4.°, 66 pag.

SPINOZA (BENEDICTI DE ——).

Opera quae supersunt omnia. Ex editionibus principibus denuo edidit et praefatus est Carolus Hermannus Bruder Philos. Doct. AA. LL. M. SS. Theol. Licent. Editio stereotypa. Lipsiae, Typis et Sumptibus Bernh. Tauchnitz Jun. 1843. 3 vols. 8.° pequeno. 1.°, xxviii–416 pag.; 2.°, xiv–354 pag.; 3.°, xviii–402 pag.

Bento Spinosa, a quem Amando Saintes chama: *Le fondateur de la philosophie moderne*, nasceu, segundo diz Carlos Hermann Bruder, no dia 24 de novembro de 1632, sendo seu pae um judeu portuguez, commerciante, o qual, perseguido na patria, emigrou para a Hollanda. Teve o cognome de *Baruch*, o qual trocou pelo de Bento *(Benedictus)*, quando largou a religião judaica. Falleceu no dia 21 de fevereiro de 1677, parece que de tysica.

As fontes para a biographia d'este homem tão celebre, são as seguintes:

As cartas e prefacios das obras por elle escriptas;

Joh. Colerus, clericus ecclesiae evangel.— Lutheranae Hagensis, Vitae descriptio, belgice scripta, Ultrajecti, 1698.

Id. La vie de Spinosa, tirée des écrits de ce fameux philosophe et du témoignage de plusieurs personnes dignes de foi, qui l'on connu particulièrement. Par Jean Colerus, ministre de l'église Lutherienne de la Haye. A la Haye, 1706. 8.°

Réfutation des erreurs de Bénoît de Spinosa, par Mr. de Fénélon, archevêque de Cambray, par le P. Lamy, Benedictin, et par Mr. le comte de Boullainvilliers, avec la vie de Spinosa, écrite par Mr. Jean Colerus . . . augmentée de beaucoup de particularités tirées d'une vie manuscrite de ce philosophe, faite par un de ses amis. A Bruxelles, 1731, in-12.

P. Bayle, Dictionnaire historique et critique. Edition 5eme, revue, corrigée et augmentée avec la vie de l'auteur, par Mr. de Maizeau. Amsterdam, 1740, tomo iv, pag. 253 a 271.

Foi traduzida por Francisco Halma: *Het Leven van Ben. de Spin. met eenige Aanteekeningen over zyn Bedryf, Schriften en Gevoelens... vertaalt door Fr. H.* T' Utrecht, 1698, 8.°

La vie de Spinosa, par un de ses disciples. Amsterdam, 1719, 8.° *Nouvelle edition, non tronquée, par un autre de ses disciples.* A Hambourg, 1735. É seu auctor, Lucas, medico na Haya.

Niceron Barnabite. Mémoires pour servir à l'histoire des hommes illustres dans la république des lettres. Tomo xiii. Paris. 1731, pag. 44 e segg., e nas *Addições*, tomo xx, pag. 59 e segg.

Christiani Kortholti; de tribus impostoribus magnis. (Edouard Herbert de Cherbury, Thomas Hobbes et Benedicto Spinosa), liber. Edio II. Curo Seb. Kortholti. Hamburgi, 1700, 8.°

Mr. Savérien. Histoire des philosophes modernes, avec leurs portraits, par ——. Paris, 1760, 8.° (Artigo *Spinosa.)*

Joh. Mart. Philipson, Leben B. von Spin. Braunschw — 1790, 8.°

Ainda outros escreveram a vida d'este philosopho, como Jenichen, Jaeger, Mauder, Diez, Heidenreich, etc.

Obras de Bento Spinosa contidas na edição de Leipzig, 1843.

Tomo I:

Renati. Des Cartes Principia Philosophiae more geometrico demonstrata per Benedictum de Spinosa Amstelodamensem. Accesserunt ejusdem Cogitata Metaphysica, in quibus difficilioribus quae tam in parte Metaphysices generali quam speciali occurrunt quaestiones breviter explicantur. Desde pag. 1 até 148.

Benedicti de Spinosa, Ethica ordine geometrico demonstrata et in quinque partes distincta in quibus agitur. I, De Deo. II, De natura et origine mentis. III, De origine et natura affectuum. IV, De servitute humana seu de affectuum viribus. V, de potentia Intellectus seu de Libertate humana. De 149 até 415.

Tomo II:

Um erudito prefacio de Carlos Hermann de Bruder, ácerca das obras de Spinosa contidas n'este segundo volume, e datado de Leipsik, 29 de Decemb. 1843. Desde pag. I até XIV.

Benedicti de Spinosa Tractatus de Intellectus emendatione et de via qua optime in veram rerum cognitionem dirigitur. De pag. 1 até 42.

Benedicti de Spinosa Tractatus Politicus in quo demonstratur, quomodo societas ubi imperium monarchicum locum habet, sicut et ea ubi optimi imperant, debet institui, ne in tyrannidem labatur et ut pax libertasque civium inviolata maneat. De pag. 43 a 136.

Epistolae doctorum quorundam virorum ad Benedictum de Spinosa eusdemque Responsiones ad aliorum eius operum elucidationem non parum facientes. Começam a pag. 137 e terminam a pag. 354. São 75 epistolas.

É a primeira, com a data de 1661, de Henrique, de Rhynsburg, povoação perto de Leyde, onde Spinosa viveu desde 1661 até 1664. Trata, tanto esta como algumas das seguintes, da existencia de Deus.

A epistola VI, enviada ao mencionado Henrique, contém annotações ao livro de R. Boyle, sobre o nitro, fluidez e firmeza.

Na epistola VII informa Henrique a Spinosa, de que Boyle agradece as advertencias feitas por este ao seu livro, e que tenciona escrever-lhe logo que seja alliviado de tantos negocios que o sobrecarregam.

Na epistola VIII envia algumas respostas de Boyle. Replica-lhe Spinosa na epistola IX, datada de junho de 1663.

Epistola X. Falla Henrique das experiencias feitas na real sociedade de Londres, e envia a Spinosa um novo livro composto por Boyle.

Epistola XI. Manda recommendações de Boyle a Spinosa, e diz-lhe qual é o parecer d'elle ácerca das observações que fizera ao seu livro.

Epistola XII. Diz-lhe que muitas vezes conversa com Boyle ácerca d'elle, Spinosa, e que Boyle acaba de compôr um livro notavel ácerca das côres, em latim e inglez, e uma historia experimental dos frios, e ácerca dos thermometros, que n'elles apparecem muitas novidades, e que dentro em pouco lh'os remetterá.

Epistola XIII. Resposta de B. de Spinosa. Falla das obras de Boyle.

Epistola XIV. Pede Henrique, e informa de que o mesmo pedido fez tambem Boyle, que Spinosa publique livros;

Epistola XV. De Espinosa. Das rasões pelas quaes sou persuadido de que

cada uma das partes da natureza concorda com o seu todo e está em harmonia com as restantes.

Epistola XVI. Entre outros assumptos falla tambem Henrique do boato que n'aquelle anno corria (1665), de que os israelitas iam regressar á patria.

Todas as epistolas seguintes, até a XXI, versam sobre varios assumptos. N'esta, datada de 1675, declara Spinosa qual é a sua opinião ácerca de Jesus Christo: *Denique, ut de tertio etiam capite mentem meam clarius aperiam, dico, ad salutem non esse omnino necesse, Christum secundum carnem noscere: sed de æterno illo filio Dei, hoc est, Dei æterna sapientia, quae sese in omnibus rebus, et maxime in mente humana, et omnium maxime in Christo Iesu manifestavit, longe aliter sentiendum. Nam nemo absque hac adstatum beatitudinis potest pervenire, utpote quae sola docet, quid verum et falsum, bonum et malum sit. Et quia, uti dixi, haec sapientia per Iesum Christum maxime manifestata fuit, ideo ipsius eandem, quatenus ab ipso ipsis fuit revelata, praedicaverunt, seseque spiritu illo Christi supra reliquos gloriari posse ostenderunt. Ceterum quod quaedam ecclesiae his addunt, quod Deus naturam humanam assumpserit, monui expresse, me quid dicam nescire: imo, ut verum fatear, non minus absurde mihi loqui videntur, quam si quis mihi diceret, quod circulus naturam quadrati induerit. Atque haec sufficere arbitror ad explicandum, quid de tribus illis capitibus sentiam. An eadem Christianis, quos nosti, placitura sint, id tu melius scire poteris.* (Pag. 196.)

Na epistola XXII deseja Henrique ser informado acerca do fatalismo, do qual accusam Spinosa; falla tambem da intelligencia limitada do homem, da encarnação e redempção do filho de Deus: *Deinde, quum capere te nequire fatearis, Deum revera naturam humanam assumpsisse, quaerere ex te fas sit quomodo illa evangelii nostri et epistolae ad Haebreos scriptae locos intelligas, quorum prior affirmat, verbum carnem factum esse, posterior, filium Dei non angelos, sed semen Abrahae assumpsisse. Et totius evangelii tenorem id inferre putem, filium Dei unigenitum λόγον (qui et Deus et apud Deum erat) in natura humana se ostendisse et pro nobis peccatoribus ἀντίλυτρον, redemptionis pretium, passione et morte sua exsolvisse. Quid de his et similibus dicendum, ut sua constet evangelio et Christianae religioni, cui tu favere opinor, veritas, lubens edoceri vellem* (Pag. 197.)

Responde Bento de Spinosa, na carta seguinte, de que modo elle entende a fatal necessidade de todas as cousas e acções: *Nam Deum nullo modo fato subicio, sed omnia inevitabili necessitate ex Dei natura sequi concipio eodem modo, ac omnes concipiunt, ex ipsius Dei natura sequi, ut Deus se ipsum intelligat; quod sane nemo negat ex divina natura necessario sequi, et tamen nemo concipit, Deum fato aliquo coactum, sed omnino libere, tametsi necessario, se ipsum intelligere* (Pag. 198.)

Miracula et ignorantiam pro aequipollentibus sumpsi, quia ii, qui Dei existentiam et religionem miraculis adstruere conantur, rem obscuram per aliam magis obscuram, et quam maxime ignorant, ostendere volunt, atque ita novum argumentandi genus adferunt, redigendo scilicet non ad impossibile, ut aiunt, sed ignorantiam. Ceterum meam de miraculis sententiam satis, ni fallor, explicui in tractatu theologico-politico. Hoc tantum hic addo, quod si ad haec attendas, quod scilicet Christus non senatui, nec Pilato nec cuiquam infidelium, sed sanctis tantummodo apparuerit, et quod Deus neque dextram neque sinistram habet, nec in loco, sed ubique secundum essentiam sit, et quod materia ubique sit eadem, et quod Deus extra mundum in spatio, quod fingunt, imaginario, sese non manifesti, et quod

denique corporis humani compages intra debitos limites solo aëris pondere coërcentur; facile videbis, hanc Christi apparitionem non absimilem esse illi, qua Deus Abrahamo apparuit, quando hic vidit homines, quos ad secum prandendum invitavit. At dico, apostolos omnes omnino credidisse, quod Christus a morte resurrexerit et ad cœlum revera ascenderit: quod ego non nego. Nam ipse etiam Abrahamus credidit, quod Deus apud ipsum pransus fuerit, et omnes Israelitae, quod Deus e cœlo ipse circumdatus ad montem Sinai descenderit et cum iis immediate locutus fuerit, quum tamen haec et plura alia hujusmodi apparitiones seu revelationes fuerint, captui et opinionibus eorum hominum accommodatae, quibus Deus naturam suam iisdem revelare voluit. Concludo itaque, Christi a mortuis resurrectionem revera spiritualem et solis fidelibus ad eorum captum revelatam fuisse, scilicet quod Christus aeternitate donatus fuit e a mortuis (mortuos hic intelligo eos omnes, quos Christus dixit: sinite mortuos sepelire mortuos suos), surrexit, simultaque vita et mort singularis sanctitatis exemplum dedit; et eatenus discipulos suos a mortuis suscitat, quatenus ipsi hoc vitae ejus et mortis exemplar sequuntur. Nec difficile esset totam evangelii doctrinam secundum hac hypothesin explicare...

Na epistola XXIV não se conforma Henrique com a opinião de Spinosa; responde este, porém, na seguinte, e declara que acceita a paixão, a morte e sepultura de Christo, mas que emquanto á resurreição não passa ella de uma allegoria. (Pag. 203.)

A epistola XXVI é de Simão de Vries, e versa sobre questões philosophicas, a qual Spinosa responde na seguinte.

Na XXIX responde a Luiz Meyer ácerca do infinito.

A XXX é dirigida a Pedro Balling sobre as imaginações.

Na XXXI escreve Guilherme de Blyenberg a Spinosa ácerca da duvidosa e livre vontade do homem e do decreto eterno de Deus.

Na seguinte responde-lhe Spinosa, mas na XXXIII, que é extensissima, impugna Guilherme a opinião de Spinosa ácerca do peccado por mera negação, e a sua opinião ácerca da Escriptura Sagrada; na seguinte apparece a resposta de Spinosa.

Na XXXV responde Guilherme.

Na XXXVI, dirigida ao mesmo Guilherme, sustenta Spinosa que se deve disputar ácerca de Deus e das cousas divinas de modo differente, fallando com philosophos, d'aquelle pelo qual se deve fazer argumentando com theologos.

As seguintes epistolas versam todas sobre assumptos theologicos e philosophicos, mas a XLIII, datada de 1 de outubro de 1666, é destinada a resolver um problema de arithmetica, e algumas das seguintes á solução de problemas de physica.

Na LI remette Leibnitz um opusculo publicado ácerca de optica, e deseja saber a opinião d'elle, e na seguinte declara Spinosa não ter percebido bem a nova opinião de Leibnitz, e pede-lhe explicações.

Na epistola LIII, anno 1673, offerece Fabricio a Spinosa, em nome do Eleitor Palatino, o cargo de professor de philosophia na academia de Heidelberg, com amplissima liberdade para philosophar.

Na seguinte agradece o philosopho, e pede que o deixem pensar.

Epistola LV. Um anonymo consulta o philosopho ácerca de apparições, espectros e lemures, a qual responde, dizendo não saber o que sejam espectros, e que a auctoridade dos antigos e dos modernos a tal respeito nada vale. Mas o

anonymo replica, apresentando diversos testemunhos e argumentos para demonstrar a existencia dos espectros.

Epistola LVIII, Haya, 1674, sobre a creação do mundo.

Epistola LIX, dirigida a Spinosa. Sobre os espectros, contra a opinião do philosopho.

Este responde na immediata. Haya, 1674.

Epistola LXI. Da variedade das opiniões dos philosophos. Resposta na seguinte.

Epistola LXIII, para persuadir o philosopho a publicar livros philosophicos.

As duas seguintes versam sobre philosophia e theologia. Resposta na immediata.

Epistola LXVII. Pergunta-se se os attributos de Deus são dois ou mais. Em summa, a correspondencia seguinte versa sobre o infinito, variedade das cousas, das novas invenções e ácercá da refracção.

Na epistola LXXIII participa Alberto Burg a Spinosa que elle se tinha passado para a igreja catholica, e aconselhando o philosopho a fazer o mesmo. Este, porém, na carta seguinte, lamenta o procedimento de Burg, e refuta os seus argumentos.

Epistola LXXV. Informa Spinosa a Lamberto van Velthuysen, que tenciona publicar um *Tratado theologico-politico,* illustrado com annotações.

Tomo III:

Prefacio I a XVIII.

. *Benedicti de Spinosa, Tractatus Theologico-politicus continens Dissertationes aliquot, quibus ostenditur libertatem philosophandi non tantum salva pietate et reipublicae pace posse concedi, sed eandem nisi cum pace reipublicae ipsaque pietate tolli non posse.* De pag. 1 a 271.

Compendium Grammatices linguae hebraeae; termina na pag. 402.

SPONDE.

Annales historiques de Don Sébastien.

Falla d'esta obra Vittorio Siri, no seu *Mercure,* vol. I, pag. 171. Paris. 1756.

SPONTONE (CIRO ——).

Ragguaglio fedele et breve del fatto d'arme seguito nell' Africa tra D. Sebastiano Re di Portugallo et Mulei Auda Muluco per riporre ne' regni di Marocco. Bologna, Benacci, 1601, in-4.°

STACKE (L.).

Iñez de Castro. Braunschweig, 1883, 5 pag., 8.°

É um ensaio historico ácerca de Ignez de Castro, com referencias a Camões.

STAEL (MADAME ——).

Traz uma biographia de Camões, e defende-o do syncretismo dos mythos religiosos. (Na *Biographie universelle,* Paris, Michaud, 1811.)

«O prestigio de imaginação que persuade a Corina que o diamante adverte da traição é apoiado por uma tradição antiga; acha-se esta tradição mencionada em uns versos hespanhoes de um caracter verdadeiramente singular. O Principe

Fernando, portuguez, os dirige em uma tragedia de Calderon ao Rei de Fez, de quem elle era prisioneiro. Aquelle Principe preferiu morrer nos ferros á desgraça de ceder a um Rei mouro uma cidade christã, que o Rei Duarte, seu irmão, offerecia para o resgatar. O Rei mouro, irritado d'aquella repulsa, fez soffrer os mais indignos tratamentos ao nobre Principe, o qual, para lhe tocar o coração, lhe recorda que a misericordia e a generosidade são os verdadeiros caracteres do supremo poder, citando-lhe, para isso, tudo quanto ha de real no universo; o leão, o delphim e a aguia, entre os animaes; e entre as plantas e as pedras procura tambem todos os indicios de bondade natural, que se attribue áquellas que parecem dominar sobre as outras; é então que faz menção do diamante, que, sendo resistir ao ferro, se parte por si mesmo e se faz em pó, para advertir Sepelle que o traz comsigo da traição que o ameaça. Não se póde saber se esta maneira de considerar a natureza em relação com os sentimentos e com o destino humano é mathematicamente verdadeira, mas o que é certo é que ella agrada sempre á imaginação, e que a poesia em geral, e os poetas hespanhoes em particular, d'ella tiram grandes bellezas.

«Calderon não me é conhecido senão pela traducção em allemão de Augusto Wilhelm Schlegel; porém toda a gente em Allemanha sabe que este escripor, um dos primeiros poetas do seu paiz, achou tambem o meio de transportar para a sua lingua, com a mais rara perfeição, as bellezas poeticas dos hespanhoes, dos italianos, dos inglezes e dos portuguezes.

«Póde-se formar uma idéa viva do original, qualquer que seja, quando se lê em uma traducção feita d'aquelle modo.» — (*Corinna ou a Italia*, traduzida por D. F. de P. P. C. Lisboa, 1835, tomo III, pag. 274.)

STAFFELDT (SCHAK ——).

Em uma collecção de poesias dinamarquezas que tem por titulo: *Nye Digte af Schack Stafeldt. Kiel, i den academiske Boghandling*, 1808, 1 vol. in-8.º A pag. 175 vem um poemeto intitulado: *Camões*, em versos de differentes medidas, e a modo dramatico, sendo interlocutores Camões, um frade, o escravo Jan e vozes de anjos. Contém 24 pag.

STAFFORD ou LEE (IGNACIO ——). — Jesuita, natural de Staffordshire, entrou para a Companhia de Jesus, na Hespanha, no anno de 1618, com dezesseis annos de idade. Ensinou mathematicas em Lisboa, e mais tarde acompanhou, na qualidade de confessor, ao marquez de Monte Albano, nomeado vice-rei do Brazil. Morreu em Lisboa no anno de 1642.

Historia de la celestial vocation, missiones apostolicas y gloriosa muerte del Padre Marcelo Franco Mastrili, hijo del Marqués de S. Marsana, Indiatico felicissimo de la Compañia de Jesus. A Antonio Telles da Silva. Por el P. ——. In-4.º, 136 pag., afóra a epistola dedicatoria. No fim: Em Lisboa, por Antonio Alvarez, año de 1639, com uma estampa representando o supplicio do P. Mastrili, martyrisado no Japão em 1637.

Istoria della celeste vocatione, missioni apostoliche et gloriosa morte del P. Marcello Francesco Mastrili Indiano felicissimo della medesima Compagnia, in lingua Castigliana, e dedicata al Sig. Antonio Telles da Silva, hora transportata in Italiano, et dedicata all' Illustrissimo Sig. Carlo Brancaccio. In Viterbo, appresso Bernardino Diotallevi, 1642, in 4.º, 94 pag.

Histoire de la miraculeuse guérison, celeste vocation, missions apostoliques et glorieuse mort du Père Marcel François Mastrilli, de la Compagnie de Jésus, fils du marquis de S. Marzano, composée en espagnol par le R. P. Ignace Stafford, de la Compagnie de Jésus, et mise en françois par le R. P. Laurent Chifflet, de la mesme Compagnie. A Donay, chez la Vefve Baltazar Bellere, 1640, in-8.°, 148 pag.

STANLEY (LORD ——) OF ALDERLEY.

Barbosa. Coasts of East Africa and Malabar, translated by ——. 1865.

Magellan's first voyage round the World, from Pigafetta and others by ——. 1874.

STAVORINUS (J. S.).— Chef d'escadre de le République Batave.

Voyage par le Cap de Bonne Espérance et Batavia, a Samarang, a Macassar, a Amboine, et a Surate, en 1774, 1775, 1776, 1777 et 1778, par ——. Traduit du Hollandois. Orné de Cartes et de figures. A Paris, chez H. J. Jansen. An VII de la Republique Française. 1.° vol., 386 pag.; 2.°, 361.

N'esta obra encontram-se muitas noticias relativas aos portuguezes e seus feitos nas partes orientaes.

STEENACKERS.

Louis de Camoens, la Renaissance et les Lusiades. Paris.

STELZER.

Vue du palais du Roi de Portugal à Lisbonne, du côté de la mer. J. J Stelzer sc. J. B. Probst. excudit. Vue à rebour colorié, montrant le palays royal et une partie de la ville. 0m,28 × 0m.41.

STENGEL (EDMUND ——).— Distincto romanista allemão.

No supplemento ao *Allgemeine Zeitung*, de 30 de janeiro de 1873, descreve do modo o mais lisonjeiro o movimento da litteratura em Portugal.

STEPHENS (H.).

Portugal. London.

STEVENS (JOHN ——).

The ancient and present State of Portugal. London, 1705.

A new collection of voyages and travels, into several parts of the world, none of them everfore printed in English. Containing: I. *The description of the Molucco and Philippine Islands, by L. de Argensola.* II. *A new Account of Carolina, by Mr. Lawson.* III. *The travels of the Jesuits in Ethiopia.* IV. *The travels of P. de Ciera in Peru.* V. *The captivity of the sieur Mouette in Fez and Moroco, &.* London, J. Knapton, 1711. 7 partes em 2 vol., com mappas e estampas.

STEVENS (THOMAS ——).

A letter writen from Goa, the principall city of all the East Indies, by one and sent to his father M. Thomas Stevens; anno 1579.

Esta carta, escripta em inglez antigo, e relativa á nossa Goa. foi pelo sr. Ger-

sem da Cunha publicada em os n.os 23 e 24 do jornal *Instituto Vasco da Gama*, Nova Goa, 1873.

O sr. Gerson assevera que o P. Estevão era natural de Wiltshire, na Inglaterra, e não de Londres[1].

STIER (R. C. G.).

Vasco da Gama's, zweite. Reise, 1502-1503. in-8.º

STIMULUS *pastorum a D. Bartholomæo Martyribus*. Francopoli, 1765.

STOCK (LE BARON ——).

Les matinées espagnoles. Nouvelle revue internationale, européenne, anecdotique, artistique, politique et littéraire. Avec la collaboration des principaux écrivains contemporains.

Entre os collaboradores vêem-se os seguintes nomes portuguezes: Joaquim de Araujo, Theophilo Braga, Visconde de Benalcanfor, Christovão Ayres, Pinheiro Chagas, Eça de Queiroz, Julio Cesar Machado, Rodrigues e Lourenço Pinto.

O primeiro numero (janeiro de 1883), traz um soffrivel retrato lithographado de El-Rei D. Luiz, com um pequeno artigo biographico. N'elle se lê tambem um artigo de Maria Letizia de Rute (Princeza de Solms, Madame Rattazzi), analysando o romance de Eça de Queiroz: *O Primo Basilio*[2].

Parte, pelo menos, do *Primo Basilio*, foi estampada nas *Matinées espagnoles*.

Barão Stock é o pseudonymo de madame Rattazzi, fundadora da nova revista.

STOCKDALE (J. J.).

Proceed on the enquiry into the armistice and convention of Cintra. London, 1809. *With five military plans.*

New military of Spain and Portugal.

Narrative of the Campain, wich preceded the convention of Cintra. London, 1809. *With maps.*

Travels of the duc of Chatelet in Portugal, the manuscript revised by J. Fr. Rougemont, translated from the french, by ——. London, 1809, in-8.º

STORCK (WILHELM ——).

Camões in Deutschland. Bibliographische Beiträge zur Gedächtnissfeier des Lusiaden sangers. Kolozsvar, 1879. in 16.º gr., de 45 pag.

Luis de Camoens. Sämmtliche Gedichte. Zum ersten Male deutsch von ——. *Dritter Band. Buch der Elegieen, Sestinen, Oden und Octaven*. Paderborn. Druck und Verlag von Ferdinand Schöning, 1881, 8.º, xvi-434 pag.

---

[1] Ca. Ha. ao estudo de Stephens que los anglais, comprenanal par ses récits et ses observations combien ils avaient négligé leurs avantages, depuis que le Portugal accumulait des trésors auxquels toutes les nations de l'Europe avaient les mêmes droits d'aspirer, s'inflammèrent des deux puissantes passions de l'intérêt et de la gloire, et prétendirent à des biens dont on ne pouvait du moins leur refuser le partage. (*Baron Walckenaer*)

[2] *O occidente*, 1 de março de 1883, pag. 56.

STORY (THE AFFECTING) *of Lionel and Arabella, who first discovered Madeira. Added the dangerous voyage of J. Gonsalvo Zarco to Madeira. From the Portuguese.* London, 1756.

STOTHERT.

Narrative of the principal events of the Campaigns of 1809, 1810 et 1811 in Spain and Portugal. London, 1812.

STRADIOTTI (CARLOS ——).

La galleria delle virtù di S. Francesco Saverio, Apostolo dell' Indie, aperta alli di lui divoti, per imitarlo, e dedicata alla Congregazione de' Signori Cavalieri nella Casa de' Professi della Compagnia di Gesù di Napoli. Napoli, nella stampa di Michele Luigi Mutio, 1715, in-12.°

SUARCE (COLONEL BARON DE ——).

Journal de l'expédition des Algarves, sous le commandement du maréchal duc de Terceira, Année 1833. Par le ——. Paris, Bachelier, imprimeur-libraire, Quai des Augustins, n.° 55. 1834. 8.° grande, II-69 pag.

«A ultima guerra de Portugal abunda em lanços de dedicação e de coragem; tem ella seus heroes e seus bellos dias. Todavia a honra de ter levado esta gloriosa empreza a bom exito, pertence, *em grande parte, ao Imperador D. Pedro,* cuja brilhante bravura e nobre firmeza de caracter nem sequer por um só instante se desmentiram.

«Uma penna portugueza ha de pintar, sem duvida, as miserias e os prodigios do cerco do Porto, e ha de celebrar os memoraveis combates de Vallongo, nos dias 29 de setembro, 24 de janeiro, 5 e 25 de julho, 10 de outubro e 18 de fevereiro.»

A tarefa que o auctor d'este diario a si mesmo impõe, é a de fazer conhecer a expedição dos Algarves, debaixo do commando do duque da Terceira.

SUAREZ (JUAN ——).—Natural de esta Côrte; del Sagrado Orden de los minimos de S. Francisco de Paula, lector jubilado en S. Theologia, y actual de Sagrada Escriptura y Theologia Moral de la Provincia de Sevilla.

Elogios funebres de la Serenissima Magestad de nuestro muy Catholica, muy alto y muy poderoso S. D. Manuel, única deste nombre de gloriosa memoria, Rey de Portugal, Principe Jurado de Castilla, Primer Conquistador de la India Oriental, del Brasil y sus Reynos, nuebo Mundo, Occidental, de uno y otro glorioso monarcha, Propagador de la Fè Catholica en ellos, açote de Moros en la Africa, siempre triumphante del Turco en la Asia, Gran Padre de Pobres; Espejo de Principes. Patrono y hermano de la Real Mesa de la Misericordia desta Corte. Dixolos en su Real Casa de la S. Misericordia, el dia de S. Luzia, en sus annuales Exequias el P. F. ——. Dedicalo a la S. Misericordia desta Corte. Por Diogo Soares de Bulhoens. Anno de 1670, 4.°, 38 pag.

SUB INGRESSUM *Excellentissimi Comitis Cubiliarchi Domini Dom. Joannis Saa Menesii Extraordinarii Lusitaniae Regis ad Parlamentum Angliae Legati Angli Anonymi Schediasma.* Londini. Impensis Stephan. Bowtell. Bibliopolae in vico vulgo dicto Popes-Head-Alley, 1652, 8.° grande, 11 pag.

Ha um exemplar d'este opusculo na bibliotheca nacional de Lisboa.

SUCCESSI (GLI) *della presa della Goletta con altre particularità de' progressi delle esercito et armata Cesarea insino alli XIX di luglio. 1535. Et anche la presa de Tunise.* No fim: *Data in Tunisi. Die. XXVI luglio. 1535.*

V. a respeito d'esta obra o vol. II do *Supplément au Manuel de Brunet*, pag. 702.

Faz se menção d'este opusculo, porque os portuguezes tomaram parte não pequena na referida expedição. V. Cienfuegos, *Vida de S. Francisco de Borja*.

SUCCESSO *do segundo cerco de Diu, estando Dom Joham Mascarenhas por capitam da fortaleza. Año de 1546.* 1 vol. in-4.º É muito raro.

SUENO *del General Stanhope en la imaginaria Conquista de España con las heroicas armas de Inglaterra. Romance heroyco.*

Guerra da acclamação.

Existe um exemplar na bibliotheca nacional de Lisboa.

SUENOS AY, *que son verdades y D. Phelippe V en Estremadura. Comedia Nueva.* Impresso em Lisboa, 8.º, 24 pag., em verso.

São protogonistas d'esta peça, entre outros, D. Pedro II, Rei de Portugal, D. Vasco Figueira, portuguez, e D. Mendo Dupraga, portuguez.

SUITE *du Recueil des décrets apostoliques et des ordonances du Roi de Portugal au sujet des crimes commis par les religieux de la Compagnie dite de Jesus dans le royaume de Portugal et ses dépendances.* 3 partes.

SULZER (JOH. GEORG. ——).

Allgemeine Theorie der Schönen Kunste in einzelnen nach alphabetischer Ordnung der Kunstwörter auf einander folgenden Artikeln abgehandelt. Neue verm. 2. Aufl. Leipzig, 1792 a 1794

Vol. II: pag. 546 a 547. *Heldengedichte in portugiesischer Sprache, Luis de Camoens.* Vol. IV: pag. 168. *Spanische u. portugiesische Satire.* (Camoens.)

SUMMARIO *delle cose successe à Don Giovan di Castro, Governator del stato della India pel il potentissimo Re di Portugallo, tanto nelle guerre contra lo Idalcan Signore della terra ferma qual è presso alla Città di Guoa, come anche principalmente nella uittoria che hebbe rõpendo l'esercito del Re di Cãbaia qual tenea assediata la fortalezza della Città de Dio, oue era per Capitanio di esso dõ Gioan Mascharenhas, &c.* Stampato in Roma, per Antonio Blado, 1549, in-4.º pequeno, 20 folhas.

SUMMARIO *di documenti autentici citati nel Supplementi alle Reflessioni e al appendice de Portogheso.* Genova, 1760, 4.º, 1 vol., 136 pag.

SUPPLÉMENT *aux Réflexions sur le Désastre de Lisbonne.* 1757.

SURABAYA. — (Na Java.)

«A proposito da palavra *karrossa*, corrupção evidente de *carroça*, em portuguez, aproveitarei a occasião para fazer notar que vi, e não sei descrever com

que sentimentos, que muitissimas palavras da nossa lingua ainda hoje as conservam adoptadas na sua, desde os antigos tempos em que Portugal dominava n'aquellas paragens, pois, com effeito, eu lhes ouvia pronunciar vocabulos perfeitamente portuguezes, taes como: *manteiga, sapato, garfo*, etc.

«Não é isto para admirar, porque do mesmo modo ainda hoje na China, Malaca e nas Indias, como depois verifiquei, grande numero de individuos entre aquelles povos não só comprehendem a nossa lingua, mas até se ufanam de serem nossos compatriotas, dizendo-se descendentes dos nossos antepassados, e mostrando, para o provar, as igrejas catholicas, que ainda conservam em alguns pontos, e os innumeraveis padrões da gloria que Portugal alli adquirira nos tempos do nosso poderio[1].»

SURIAGY ANAUDA RAU.

Grammatica da lingua maratha explicada em lingua portugueza. Nova Goa, 1875.

SURVEY *Statistical and geographical of Spain and of Portugal.* London, 1808.

SUTTNER-ERENWIN (DR. HERMANN VON ——).

Camões ein philosophischer Dichter, dargestelts nach seinen Lusiaden. Wien, 1883, in-16.°

SWAINSON (MR.).

Carta de ——, de Liverpool, escrita ao professor Jameson, d'Edimburgo, em que lhe dá relação da viagem que fez pelo Brazil em 1817 e 1818.

Foi publicada em portuguez a pag. 218, etc., do *Ramalhete*, vol. I.

SWINDELLS (RUPERT ——).

A summer trip to the Island of Saint Michael the Azores. With map and illustrations. Manchester, printed for private circulation. 1887, 8.°, de VIII-172 pag.

SYLVA (P. D. JOSÉ FRANCISCO DA ——).—Clerigo Regular, e Leitor, que foi, de Filosophia e de Theologia na Universidade de Salamanca[2].

Novena e breve compendio da vida do glorioso Santo André Avellino, Clerigo Regular, particular advogado para feridas, partos perigosos e pessoas moribundas. Lisboa, 1725, in-16.° de 86 pag.

SYNCHARISTICON *Amoris Imperio inauguratae Mariae Annae, Archiducis Austriae Joanni V Lusitaniae Regi nuptiali foedere illigatae, ab Universitate Vienn.* Viennae, typis Cosmerovii, 1708, in-fol.

---

[1] Francisco Travassos Valdez, *Da Oceania a Lisboa*, Rio de Janeiro, 1866, pag. 158.

[2] D. Thomaz Caetano de Bem, *Vida de Santo André Avelino* (no prologo).

T

«Monsieur.—Vous avez fait une œuvre noble, utile et vraie. Votre travail sur la *race latine* est excellent. Au moment où le nord cherche à terrasser le midi, il faut que le midi se soulève avec toutes ses forces; les hommes comme vous sont les combatants aujourd'hui et seront des vainqueurs demain.»

Victor Hugo ao sr. Julio de Vilhena, a respeito das *Raças historicas da peninsula iberica*, obra d'este ultimo escriptor.

T. (A.).

History of the Azores or Western Islands; containing an account of the government laws, and religion, the manners, ceremonies and character of the inhabitants and demonstrating the importance of these valuable islands to the British empire. Illustrated by maps and other engravings. London, 1813, 4.º, 1 vol. de VIII-V-310 pag.

TABAQUAT I AKBARI, *Historia do Mogol.*

Contem[1] algumas, posto que poucas, referencias aos portuguezes, incluindo a narrativa da morte do Rei de Badur. Refere-se tambem á construcção da fortaleza de Surrate, que foi feita para obstar ás suppostas depredações dos portuguezes.

TABLEAUX *de Lisbonne en 1796 (par Carrière); suivi de lettres écrites de Portugal sur l'état ancien et actuel de ce royaume. Traduit de l'anglais (de Miss Philadelphie Stephens), par Jussen.* Paris, 1797, 8.º

TABLETTES *chronologiques et historiques des rois de Portugal jusqu'à l'année 1716.* Haye, 1761.

---

[1] Tolbert, *Auctoridades para a historia dos portuguezes na India.* No *Instituto Vasco da Gama.* Nova Goa, 1871, pag. 188.

TAGEMANN (C. T. ——).
Das Leben Sebastian J. C. und Melo von ——. 1782, 2 vol., 8.°

TALASSI (ANGELO ——).— Poète au service de S. A. R. le Prince du Brésil, Régent du Portugal.

A Sa Majesté Impériale Alexandre premier, empereur de toutes les Russies, l'auguste, le pieux, le vainqueur. Ode pindarique. A Lisbonne, dans l'Imprimerie Royale, en 1813.

L'Olmo abbatuto. Poema di ——. Dedicato a Sua Altezza Reale Don Giovanni, Principe del Brasile. Lisbona, nella stamperia di Antonio Rodrigues Galhardo, 1795, 8.°, 453 pag.

Per il felicissimo primo parto di Sua Altezza Reale la Signora Donna Carlota Gioacchina, Infanta di Spagna, Principessa del Brasile, &c. Lisbona, nella Stamperia Reale, 1793.

TAMS (G).
Portug. Besitzungen in Sudwest Africa. M. Vorw. Ritter, 1845.
—— *visit to the portuguese possessions in S. W. Africa. Translated by Lloyd.* London, 1845.

TAPROBANE *Insule | Orientalis Ethiopie acquisitio | Et potentissimi inibi Regis sex alijs regibus imperantis Sub | ingatio | navalisq | belli victoriam cum sarracenis propu | gnatio: ac alia gloriosa, per Portugaleñ noviter de Anno | Domini Millessimo quingentessimo septimo gesta.*

No fim: *Ex oppido Abrantes: XXV septembris.* M.D.VII, em gothico, 4.° pequeno, 4 folhas.

«Este folheto raro trata da expedição de Lourenço de Almeida contra a ilha de Ceylão. É elevado ao preço excessivo de 250 francos n'um recente catalogo de Mr. Tross[1].»

TA-SSI-YANG-KUO.
Semanario macaense de interesses publicos, locaes, litterario e noticioso. N.os 1 a 52. Outubro de 1863 a setembro de 1864. Macau, fol.

TAVERNIER (J. B.).— Écuyer, baron d'Aubone.

Les six voyages de —— en Turquie, en Perse et aux Indes, pendant l'espace de quarante ans, et par toutes les routes que l'on peut tenir. Suivant la copie, imprimée à Paris (Holl. Elzev.). 1670, 12.°, 3 vol.

O tomo III traz: Uma noticia do Japão, e da causa da perseguição dos christãos em suas ilhas, etc.

Recueil de plusieurs relations et traités singuliers et curieux, divisée en cinq parties. Paris, chez Gervais Clouzier, 1679, 4.°

«A difficuldade que ha de penetrar no Japão faz com que nós, alem do que escrevem os hollandezes nas suas relações, nada saibamos. Estes são os unicos povos que têem a permissão de irem commerciar n'aquellas ilhas, que os portu-

---

[1] Deschamps et G. Brunet *Supplément au Manuel du libraire*, de Brunet, vol. II, pag. 727.

guezes desembarcaram em 1542, até que um miseravel cozinheiro de um navio, que de Amsterdam navegava para as Indias, tendo subido até ao cargo de presidente da feitoria do Japão, teve a phantasia de excluir os portuguezes d'este commercio, pelo inventar para tal fim calumnias tão negras contra elles e contra os christãos d'este paiz em geral, que o imperador do Japão se resolveu a expulsar os primeiros e a exterminar os outros, cujo numero, que augmentava todos os dias n'este imperio, tinha subido até alem de quarenta mil.

«E o que Mr. Tavernier descreve na primeira das cinco partes que compõem este volume.

«A segunda é uma relação do que se passou em a negociação dos deputados que estiveram na Persia e nas Indias, tanto da parte do rei, como da companhia franceza, para o estabelecimento do commercio.

«Finalmente, a ultima parte é a historia do procedimento dos hollandezes na Asia.»

TEILLAIS (C. DE LA ——).

Étude historique, économique et politique sur les colonies portugaises, leur passé, leur avenir, d'après les décrets de novembre et décembre 1869. Paris, Imprimerie administrative de Paul Dupont, 1870, 277 pag.

TEIXEIRA (MANUEL ——).—Natural de Bragança. Foi ás Indias em 1551. Foi reitor dos collegios de Cochim e de Baçaim; provincial em 1573. Acompanhou mais tarde uma embaixada á China. Morreu em Goa em 1590, com cincoenta e dois annos de idade.

Carta aos padres da Europa, escripta de Goa em 25 de dezembro de 1560. Foi vertida para latim nas Epist. da India. Lovanii, 1569; ibid. 1570. Vertida para italiano. Venga, 1562, 8.º

Carta aos padres da Europa, escripta de Baçaim em 1 de dezembro de 1561. Vertida para italiano. Venetia, 1562.

Carta aos irmãos da Companhia de Goa, escripta do porto de Cantão em 1564. Vertida para hespanhol. Alcalá, 1575, 4.º

Carta escripta ao P. Geral em 2 de janeiro de 1569. Vertida para italiano. Roma, Blado, 1570, 8.º

TEMPESTA (ANTONIO ——).

Vita di Santo Antonio. Roma, 1597, fol.

É dedicada ao cardeal Cinthio, e diz-nos Deschamps, a pag. 735 do vol. II do *Supplemento ao Manual* de Brunet, ser muito rara.

TENAC (VAN ——).

Histoire générale de la marine, comprenant les naufrages célèbres, les voyages autour du monde, les découvertes et colonisations, l'histoire des pirates, corsaires, et négriers, exploits des marins illustres, voyages dans les mers glaciales, guerres et batailles navales jusqu'au bombardement de Tanger et la prise de Mogador, par le Prince de Joinville. Édition splendidement illustrée. Publiée sous la direction de ——. Paris, Eugène et Victor Penaud, éditeurs. 8.º gr., 4 vol.

Esta obra apresenta bastantes noticias relativas aos feitos da marinha portugueza.

TERCERA *jornada de la comedia «Al freir de los huevos».*
Figura n'ella um portuguez, e é relativa á guerra da acclamação.

TESSIER (JULES ——). — Professeur suppléant à la faculté de lettres de Caen.

Le Chevalier de Gant. Relations de la France avec le Portugal au temps de Mazarin, par ——. Paris, librairie Sandoz et Fischbacher, 1877.

«O *chevalier* de Gant teve muitas occasiões de fallar com Luiza de Guzmão sobre a politica de Portugal e de França. Em uma memoria, dirigida pelo embaixador francez a Mazarini sobre as entrevistas que tivera com a rainha em 1655, lê-se o seguinte:

«*A Son Eminence — Monseigneur.* – Si les grandes qualites de la reine de Portugal n'estoient cognues de Votre Eminence ainsy que de toute la France, il luy seroit difficile de se persuader qu'une femme peust estre esclairée au point que l'est cette princesse, et que ce qui est en elle de naturel et d'acquis se rencontre au degré d'elevation ou son esprit la porte; son raisonnement est fort solide, son discours poly et sa parolle accompagnée de tant de graces qu'il y a eu d'admirer qu'il s'y puisse trouver tant de douceur, et de fermeté et de resolution Les langues latine et italienne luy sont aussy communes que le castillan et le portugais...»[1].

É obra importante, e que deve ser lida por aquelles que desejarem estudar a fundo o reinado de D. João IV.

TESTAMENTO *politico del marchese de Pombal o sieno ultimo istruzioni al conte d'Oeiras suo figlio trovate tra i suoi manoscripto.* Italia, 1782, 8.º

Vem mencionada esta obra nos *Narcoticos*, de Camillo Castello Branco, vol. II, pag. 44.

THECO (NICOLAISE ——).
Historia Provinciae Parauariae, Societatis Jesu.

Dizem ser um livro rarissimo, e o qual apparece citado a pag. XXII da obra, *Relation des missions du Paraguay, traduite de l'italien de M. Muratori.* Paris, 1757.

«Os historiadores do Paraguay citam-no debaixo do nome hespanholado de *Del Techo*[2].»

THERY (WILHELM VON ——).
Camoens, traverspiel funf acten von ——. Bareuth, 1832.

THEVENOT (MELCHISEDECH ——).
Relations de divers voyages curieux qui n'ont point esté publiées & qu'on a traduit ou tiré des originaux des Voyageurs François, Espagnols, Allemands, Por-

---

[1] Francisco da Fonseca Benevides, *Rainhas de Portugal*, vol. II, pag. 79.
[2] Deschamps et G. Burnet, *Supplement au Manuel du libraire* de Brunet, vol. II, pag. 734.

tugais, Anglais, Hollandais, Persans, Arabes & autres Orientaux, données au public par des soins de feu M. —— Le tout enrichi de figures de plantes non décrites, d'animaux inconnus à l'Europe, & de Cartes Géographiques, qui n'ont point encore été publiées. Nouvelle édition augmentée de plusieurs relations curieuses. A Paris, chez Thomas Moette, 1696, fol., 2 tomes.

Nesta obra, que é muito elogiada no *Journal des Sçavans*, 26 de março de 1696, encontram-se extractos da *Historia geral da Ethiopia Alta ou Preste João*, do P. Balthazar Telles, e da *Relation de l'empire des Abyssins*, do P. Lobo; *da Asia*, de João de Barros, etc.

THÉVET (ANDRÉ ——).

Singularités (Les) de la France antarctique. Paris, 1558; ibid., 1878, publicada por Gaffarel.

Trata esta obra da bahia do Rio de Janeiro [1].

THOMAS (ANTOINE ——).— Jesuita, nascido em Namur no anno de 1644.

Libellus rationum, quibus ostenditur expedire Serenissimo Principi Lusitaniae tentare hoc tempore reditum Lusitanorum in Japoniam, missu ad ejus Imperatorem legatione, oblatus Excellentissimo D. Francisco de... Comiti de Alvor Indiae Proregi in Epistola data Macai 3 Decemb. 1683.

Indicae expeditiones Soc. Jesu a calumniis vindicatae. Id est Apologia S. J. in India Orientali Evangelium praedicantes adversus accusationes Romae factas a Missionariis Apostolicis S. Congregationis de Propaganda Fide. Quam typis vulgavit Doctor Claudius von Kessel. Coloniae Agrippinae, 1684, 4.° [2].

THOMASSY (M. R.).

No *Bulletin de la société de géographie*, fevereiro de 1842, vem um artigo sobre de Guillaume Filastre. Trata-se n'elle do Preste João das Indias e das descobertas e conquistas dos portuguezes.

THOMSON (JAMES ——).

Spain, its position and evangelization: also protestant religious liberty abroad. Mission in Portugal. London, 1853.

THWAITES (R. G.).

The Colonies 1492–1750. With 4 maps. London, 1891.

TICKNER (GEORGE ——).

Geschichte der schönen Literatur in Spanien. Deutsch mit Zusätzen herausg. von N. H. Julius. Neue Ausgabe. Mit Supplementband bearb. von Adolf Wolf. Leipzig, 1867, 8.°, 2 vol. e supplemento de 690, 867, 264 pag.

Vol. II, pag. 180: *L. de Camoens: Sinngedicht (de dentro tengo mi mal).* Traducção por Schlegel; pag. 195 e 196: *Romanza — Arme quiero, madre.*

---

[1] Emile Allain, *Rio de Janeiro*. Havre, 1880, pag. 17.

[2] Augustin et Alois de Backer, *Bibliothèque des écrivains de la compagnie de Jesus*, vol. IV, pag. 696.

TIECK'S (LUDWIG ——).
Schriften, band XIX. Berlin. 8.°, 1845.
Contém uma novella: *Tod des Dichters* (Camões).
Novellen-kranz. Ein Almanach auf das Jahr 1834. Berlin.
De pag. 1 a 347 falla de Camões.

TIERNOS SUSPIROS, *y llorosas lagrimas con que toda la fidelissima Monarchia Española demuestra su quebranto por la temprana, y muy sensible muerte de su Catholica, augusta y magnanima Reyna Doña Maria Barbara de Portugal, que de Dios goce.* 1.ª e 2.ª parte. Madrid, en la Imprenta de Joseph de Castro, en la calle del Correo.

TIGNENA (LA ——).
Favola pastorale da cantarsi nel palazzo dell' Eccellenza del Signor Andrea de Mello de Castro, Conte das Galveas, Ambasciador Ordinario dalla Maestà del Re di Portogallo, alla Santità de N. S. Papa Innocenzo XIII. Nel giorno 2 Gennaro dell' anno 1724. Roma, per Antonio de' Rossi, 1724. 8.º de 52 pag.
Existe a referida obra na real bibliotheca da Ajuda.

TILESIUS.
Falla da sua viagem em Portugal o conde de Hoffu, francez, pag. 184.

TIMES.
O numero de 14 de maio de 1880, pag. 9 e 10, traz um artigo intitulado: *Tricentenary of Camoens.*

TIMON (SAMUEL ——).—Jesuita, hungaro.
Syllabus vocabulorum Grammaticae Emmanuelis Alvari in ordinem digestus. Tirnaviae, 1702, 8.º

TIRION (J.).
Nieuwe Kaart van Spange en Portugal, te Amsterdam, by ——. 1766.

TISSOT (P. F.).
Études sur Virgile comparé avec tous les poëtes épiques et dramatiques des anciens et des modernes. Bruxelles, de Vroom, 1826, 8.º, 2 vol.,
Tomo I, pag. 1 a 189: *Considérations préliminaires, contenant aux pag. 135–139 une comparaison des Lusiades de Camoens avec la Jérusalem du Tasse.*

TITUM *Japonem Tragico-Comœdiam S. Francisco Xaverio Primo Japonum Apostolo Sacram per illustri Domino D. Francisco Vander Gracht Baroni de Wanghe, Dom. de Scardau &c., Generosis Dominis D. Cosmo Van Prandt, D. de Blaesvelt... Caeterisque nobilibus viris Reipublicae Mechliniensis Senatoribus. Bonarum literarum Maecenatibus DD. suis L. M. D C. Juventus Rhetoricae studiosa in Gymnasio Societatis Jesu Mechliniae. Anni 1623, 4 Dezembro.* Typis Henrici Iaye Mechliniae, 1623, in-4.º

TOFINO (THE).
Kingdoms of Spain and Portugal, by D. ——. London.

TOLBORT (T. W. H.).— B. C. S. Empregado no serviço civil de Bengala.

On the Portuguese Settlements in India.

Anotações para a historia dos portuguezes na India.

Este interessantissimo trabalho foi publicado no *Instituto Vasco da Gama*, Nova Goa, 1874, que diz no terceiro anno, maio de 1874, pag. 107:

«Raros são os estrangeiros que se occupam em investigar as cousas portuguezas nas genuinas fontes historicas. Entre esses raros adquiriu agora um dos primeiros logares Mr. T. W. H. Tolbort, empregado no serviço civil de Bengala.

«É um mancebo de variadissima instrucção, profunda e incansavelmente investigador. Tivemos o gosto de o conhecer durante alguns dias que se deteve em Goa, e n'esse pouco tempo podémos bem apreciar as partes e qualidades de que é dotado como cavalheiro e como homem dado ás letras.»

Em quatro numeros consecutivos nos dá noticia de muitissimas obras, em varios idiomas, que tratam dos feitos dos nossos na Asia. É, porém, uma traducção dos artigos que appareceram no *Jornal da sociedade asiatica de Bengala* (vol. XXII, parte I, 1873).

TOMMASI (GIUSEPPE MARIA ——).— Arcade romano, col nome di Latalno Euristeo, Accademico Diffetuoso, Oscuro, Filopono e Dissonante e secretario del Principe di Misserano.

Corona poetica per le reale felicissime Nozze del Serenissimo Infante di Portogallo, Principe del Brasile, con la Serenissima Infanta di Spagna e del Serenissimo Infante di Spagna, Principe di Asturia, con la Serenissima Infanta di Portogallo. Dedicata al Sacra Reale Maestà di Giovanni Quinto, Re di Portogallo, dal abbate ——.

TONNELET (CLAUDIUS ——).

Ad Excellentissimum Ducem Jamium Excellentissimu Ducis patris sui postrema acta literis mandatem.

Foi publicado este epigramma latino na obra intitulada: *Ultimas acções do duque D. Nuno Alvares Pereira de Mello.* Lisboa, 1730.

TORRE (FRANCISCO DE LA ——).

El Peregrino Atlante S. Francisco Xavier. Lisboa, 1674. Madrid, 1728.

TORRES (FR. JUAN ——).

Vida y milagros de Santa Izabel, Reyna de Portugal. Madrid, 1625.

TORRES (FR. GASPAR DE ——).— Mestre de philosophia e artes na universidade de Salamanca.

Diz-nos Vidal, a pag. 494 da sua *Memoria historica* d'esta universidade, que Torres escreveu uma obra intitulada: *Sobre el derecho del Rey D. Felipe II al reyno de Portugal.*

Nicolau Antonio, a pag. 534 da sua *Bibliotheca Nova*, vol. I, tambem falla da mencionada obra.

TORRES (THEODOSIO VESTEIRO ——).

Versos. Madrid, Imprenta á cargo de Heliodoro Perez, 1874. 135 pag.

Apparecem n'este livro versões de algumas poesias de Garrett, Mendes Leal, C. Castello Branco e Sousa Viterbo.

TORRIGIO (ANTONIO MARIA —— ROMANO).

Catalogus verborum difficiliorum Grammaticae Emmanuelis Alvari. Auctore ——. Romae, 1606, 8.°

TORSELLINO (TURSELLINUS HORATIUS ——).—Historiador e litterato italiano, jesuita, fallecido em Roma no anno de 1599.

Emmanuelis Alvari e Societate Jesu. De Institutione Grammatica libri III *in Compendium redacti ab* ——. Romae, ...

Emmanuelis Alvari e Societate Jesu, De Institutione Grammatica libri III *olim ab Horatio Tursellino ejusdem Societatis, in Compendium redacti, priore editione restituti, editio altera diligentur.* Mediolani, ex-typographia Bibliothecae Ambros. apud Joseph Marellum, 1755, in-12.°, de 439 pag.

Tursellino, Grammatica di Em. Alvaro compendiata e transportata in italiana favella. Milano, 1777, 12.°

Libri tres de Institutione Grammatica Emmanuelis Alvari in Compendium redacti ab Horatio Tursellino ad S. J. Scholas frequentantium eruditionem. Regii, apud Josephum Davolium et filium, 1823, 12.°, de 569 pag.

Emmanuelis Alvari e Societate Jesu, de Institutione Grammatica libri III, *olim ab Horatio Tursellino ejusdem Societatis in Compendium redacti, hac vero editione, quae ad normam editionis Bibliothecae Ambrosianae Mediolanensis in lucem prodit emendatissime restituti.* Romae, ex-typographia Hospitii Apostolici, apud Carolum Mordacchinium, 1824, 12.°, de VIII-469 pag.

Emmanuelis Alvari Soc. Jesu, Institutio Grammatica ab Horatio Turselini S. J. in compendium redacta. Romae, ex typis Ven. Hosp. Apost. apud Petrum Aurelium, 1832, 8.°, de XVIII-428 pag.

Emmanuelis Alvari Soc. Jesu, Institutio Grammatica ab Horatio Tursellino S. J., in Compendium redacta. Editio prima stereotypa Taurinensis ad fidem edit. Romae, anno 1832. Taurini, ex typis Hyac. Marietti, 1839, 12.°, de XVI-464 pag.

Alvari Emmanuelis de Grammatica Institutione libri III *olim ab Horatio Tursellino in Compendium redacti, hac editione restituti, mendis innumeris sublatis.* Bassani, suis typis Remondini edidit, 1840, 12.°, de 378 pag.

Grammatica di Emmanuele Alvaro de la Compagnia di Giesu Compendiata da Orazio Tursellino, della medesima Compagnia, transportata in italiana favella ad uso delle Scuole. Edizione novissima. In Pavia, nella stamperia Bolrani, 1801, 12.°, de 164 pag.

Emmanuelis Alvari e Societate Jesu, de Institutione Grammatica libri III, *ab Horatio Tursellino ejusdem Societatis olim in Compendium redacti.* Neapoli, ex typographia Gallicana, 1826, 12.°, de 471 pag

Horatii Tursellini e Societate Jesu, De vita Francisci Xaverii qui primus e Societate Jesu in India et Japonia Evangelium promulgavit. Romae, ex-typographia Gabiana, 1594, 8.°, de 393 pag.

Esta edição, feita durante a ausencia do auctor, está eivada de erros e trun-

cada; e foi isto o que obrigou o P. Tursellino a retocar a obra e a fazel-a quasi de novo. A edição appareceu em Roma, typis Zannetti, 1596, 4.°

Horatii Tursellini a Societate Jesu De vita Francisci Xaverii, qui primus e Societate Jesu in Indiam et Japoniam Evangelium invexit libri sex. Ab eodem aucti et recogniti. Antuerpiae, ex officina Joachimi Trognaesii, 1596, 8.°, de 605 pag. Londini, ex officina Henrici Henij, 1597, 12.°, de 317 pag. Lugduni, 1607, 8.°[1]

De vita B. Francisci Xaverii qui primus Societatis Jesu in Indiam et Japoniam Evangelium invexit. Libri sex. Ab eodem aucti et recogniti, in hac ultima editione. Coloniae Agrippinae, apud Joannem Kinckium, 1610, 18.°, de 631 pag. Cameraci, ex officina Joannis Riveri, 1621, 12.°, de 550 pag. Duaci, ex officina Joannis Bogardi, 1621, 8.°, de 433 pag. Coloniae Agrippinae, apud Joannem Kinckium, 1621, 631 pag.

De Vita S. Francisci Xaverii qui primus e Societate Jesu in Indiam et Japoniam Evangelium invexit Libri sex. Horatii Tursellini e Societate Jesu. Accesserunt ex relatione facta in Consistorio secreto coram S. D. N. Gregorio XV quaedam miracula quae in vita non habentur. Monachii, ex typographia Hetsroziana, apud Cornelium Leysserium, Electoralem Typographum, anno MDCXXVII, 24.°, de 784 pag. Rothomagi, 1676, 12.°

Tursellini Historia vitae divi Fr. Xaverii Soc. J. Ind. Apostoli. Viennae, 1744, 4.°

Horatii Tursellini e Societate Jesu, de Vita S. Francisci Xaverii libri sex quam emendatissime editi. Accessere selecta de eodem Tursellino praeclassimorum scriptorum testimonia. Bononiae, MDCCXLVI, apud Thomam Colli ex typographia S. Thomae Aquinatis. Superiorum Permissu, x 8.°, de XXXI-404 pag.

Horatii Tursellini e Societate Jesu, De Vita S. Francisci Xaverii libri sex quam emendatissime editi. Post novissimam editionem Bononiensem. Augustae Vind. et Oenipenti, sumptibus Josephi Wolff, MDCCLII, 8.° de 564 pag.

Horatii Tursellini e Societate Jesu, de Vita S. Francisci Xaverii qui primus e Societate Jesu in Indiam et Japoniam Evangelium invexit, libri sex, ab authore aucti et recogniti. Juxta editionem. Antuerpensem, anni MDXCVI, *quam emendatissime editi.* Permissu Superiorum. Augustae Vindelicorum, sumptibus Nicolai Doll, Bibliopolae, MDCCXCVII, 8.°, de XII-427 pag.

Vita del B. Francesco Saverio il primo della Compagnia di Giesu, che introdusse la Santa Fede nell' India e nel Giappone. Scritta in lingua latina e in sei libri divisa dal R. P. Orazio Torsellini, della detta Compagnia. Tradotta nella Toscana da Ludovico Serguidoni, Cittadin Fiorentino. In Firenze, appresso Cosimo Giunti, 1605, 4.° In Milano, appresso Girolamo Bordone, e Pietromartire Locarni Cipagni, 1606, 4.°, de 307 pag. Firenze, 1612, 4.°

La vie du Bien-heureux Père François Xavier, premier de la Compagnie de Jesus, qui a porté l'Evangile aux Indes et au Japon. Divisée en six livres par Horace Tursellin, de la Compagnie de Jesus, et traduite en François par un Père de la mesme Compagnie. A Douay, de l'Imprimerie de Balthazar Bellere, 1608, 8.°, de 862 pag. (É traducção do P. Martin Christophe.)

Het leven van den H. Franciscus Xaverius . . . uit R. P. Horatius Tursellinus, verdeelt door P. Franc. de Smidt. T'Antwerpen, Cornelis Wiens, 1646, 12.°

---

[1] Augustin et Aloïs de Backer, *Bibliothèque des écrivains de la compagnie de Jesus*, vol. I, pag. 656.

The admirable life of S. Francis Xavier. Written in latin by Horatius Tursellinus and translated into English by T. F. Paris, 1632, 4.° de 616 pag., com um rosto gravado, representando o retrato de S. Francisco.

Vom Leben und Wunderthaten B. Francis Xaverii, übersetzt von H. Huber. München, 1615, 4.°

Apostolisches Leben und Thaten dess heiligen Francisci Xaverii der Societet Jesu, Indianer Apostels. In siben Büchern von Horatio Turselino Gemeldter Societet Jesu Priestern erstlich in Latein beschrieben, und in die Teutsche Sprach durch Martinum Hueber Chor-Herr und Custoden bey S. Mauritzen Stifft in Augspurg übersetzt. Anjetzo aber mit Zusätzen und neuen bewährten Miraken durch einen anderen Priester selbiger Societet Jesu reichlich vermehret. Mi Bewillingung der Oberen. München, gedruckt bey Sebastian Rauch, in Verlegung, eines dem H. Apostel ergebnen Dieners. Im Jahr Christi, 1674, 4.° de 627 pag.

Acha-se uma outra traducção allemã reunida á traducção das cartas de S. Francisco Xavier.

Francisci Xaverii Epistolarum libri IV *ab Horatio Tursellino ex Hispanico in latinum conversi.* Romae, typis Aloysii Zanetti, 1596, 4.° Rhedonis, 1596, 12.°

Francisci Xaverii Epistolarum libri quatuor ab Horatio Tursellino e Societate Jesu in latinum conversi ex Hispano ad Franciscum Toletum S. R. E. Cardinalem. Moguntiae, apud Balthasarum Lippium, sumptibus Arnoldi Mylii, 1600, 8.° de 302 pag.

Sancti Francisci Xaverii Epistolarum libri quatuor, ab Horatio Tursellino e Societate Jesu in latinum conversi ex Hispano. Ad Franciscum Toletum S. R. E. Cardinalem. Burdigalae, apud Petrum de la Court, 1628, 8.° de 324 pag.

Sancti Francisci Xaverii Epistolarum libri quatuor. Nova quarumdam accessione opus omnibus Operariis Evangelicis perutile. Ab Horatio Tursellino e Societate Jesu in Latinum conversi ex Hispanico. Lugduni, apud Franciscum de la Bastiere, in via Mercatoris, sub signo SS. Trinitatis, 1650. Lugduni, ex typographia Antonii Jullieron.

S. P. Francisci Xaverii e Soc. Jesu Epistolarum libri IV. *Ex Hispano in latinum conversi ab Horatio Tursellino ejusdem Societatis Jesu sacerdote. Editio novissima, recensita, et Epistolarum Summariis aucta.* Antuerpiae, ex officina Plantiniana Balthasaris Moreti, 1657, 24.° de 474 pag. *Appendix sive* V. *Epistolarum S. P. Francisci Xaverii... Petro Possino ejusdem Societatis Jesu nunc primum ex autographis partim Hispanicis partim Lusitanicis latinitate et luce donatarum.* 24.° de 357 pag.

S. Francisci Xaverii e Societate Jesu Indiarum Apostoli novarum Epistolarum libri septem nunc primum ex autographis partim hispanicis, partim Lusitanicis, latinitate et luce donati a Petro Possino ejusdem Soc. Romae, ex typographia Varesii, 1667.

Sancti Francisci Xaverii Epistolarum libri quatuor. Nova quarum dam accessione. Opus omnibus operariis Evangelicis perutile. Ab Horatio Tursellino e Societate Jesu in Latinum conversi ex Hispanico. Lugduni, apud Ant. Molin, e regione Colleg. SS. Trinitatis, 1682. 12.° de 328 pag. *Appendix sive liber V Epistolarum S. P. Francisci Xaverii e Societate Jesu Indiarum et Japoniae Apostoli; a Petro Possino ejusdem Societatis Jesu nunc primum ex autographis partim hispanicis, partim lusitanicis latinitate et luce donatarum.*

Sancti Francisci Xaverii Epistolarum libri quatuor nova quarumdam acces-

omni opus omnibus operariis Evangelicis perutile. Ab Horatio Tursellino e Societate Jesu in latinum conversi ex hispano. Lugduni, apud Ant. Molin, 1692, 12.º de 328 pag. *Appendix sive Liber V Epistolarum S. P. Francisci Xaverii e Societate Jesu Indiarum et Japoniae Apostoli; a Petro Possino ejusdem Societatis Jesu nunc primum ex autographis partim hispanicis, partim lusitanicis latinitate et luce donatarum.*

S. Francisci Xaverii... Epistolae veteres per quinque, et novae per septem libros distinctae, ex ipsismet autographis manu S. Xaverii Hispanico vel Lusitanico idiomate conscriptis, &c., a P. Horatio Tursellino, et a P. Petro Possino ejusdem Societatis Sacerdotibus latinitate ac luce donatae, postea nova cum archetypis in Indiis aliisque terrae partibus facta collatione accuratius emendatae. Pro appendice accedit relatio de statu Japoniae brevis et curiosa a P. Adamo Weidenfelt Coloniensi, e Societate Jesu conscripta, et nuperrime Tyrnaviae impressa. Coloniae Agrippinae, apud Haeredes Jo: Weidenfeldt et Jo: God. de Berges, 1692, 864 pag.

TOSCAN.

Description abrégée des ci-devant royaumes et provinces composant actuellement le Royaume d'Espagne et celui de Portugal. Paris, 1810.

TOULOTTE.—Ancien magistrat, auteur de l'*Histoire Philosophique des Empereurs Romains, de la Cour et la Ville.*

Histoire de la Barbarie et des lois au moyen âge. Paris, 1829, 3 vol.

N'esta obra, quando menos se espera, tambem não deixa de se fallar de Portugal.

Por exemplo, no vol. II, pag. 320, vemos citado um concilio de Braga, e logo as pag. 405 a 408 são destinadas (citando por auctoridade Ferreira Gordo nas *Memorias sobre os judeus de Portugal*) para descrever a maneira barbara como os judeus foram tratados em Portugal no tempo de El-Rei D. Manuel.

«Não tocando a tolerancia religiosa, a Polonia deve ganhar muito mais, debaixo da protecção de um principe da igreja grega, do que debaixo do dominio de uma potencia catholica; as desgraças da Hespanha e os crimes do clero de Portugal devem ensinar aos povos quando a religião é opposta aos direitos e á felicidade d'estes nos estados cegamente submettidos ao Papa.» Id., id., vol. III, pag. 116.

TOURNEFORT (JOSÉ PITTON ——).

Elémens de botanique, ou méthode por connaître les plantes. Paris, 1649, 8.º grande, 3 tomos.

Institutiones rei herbariae editio altera, gallica longe auctior. Paris, 1700, 3 tomos. *Editio tertia appendicibus aucta ab Antonio de Jussieu.* Lyon, 1719, 3 tomos, etc.

«Antes de publicar Tournefort seus elementos, tinha vindo á Hespanha em tres differentes occasiões, e na ultima estendeu muito suas investigações, tão bem como acompanhado por Jayme Salvador, como o tinha sido nas primeiras viagens. Foi assim que Tournefort pôde observar uma multidão de plantas na Catalonia, Valencia, Murcia, Andalusia e Portugal, e igualmente no centro da Peninsula, havendo visitado o Escorial, onde lhe mostraram um herbario de

plantas indigenas em logar do mexicano de Hernandez. Era possivel ser o de D. Diego de Mendoza, talvez formado na Italia, o qual Filippe II tinha adquirido, em 1576, com os livros de que este se fez dono, e que todavia existia na bibliotheca alta do Escurial, assim como na baixa outro menos antigo de plantas hespanholas. As *Institutiones rei herbariae* não ensinam outra cousa a respeito da Peninsula mais do que a existencia de varias plantas, chamando *Hispanica* ou *Lusitanica* a cada uma das tidas por proprias de Hespanha ou Portugal.

«Talvez offerecesse maior interesse, debaixo d'este ponto de vista, a *Topographie botanique*, que deixou inedita o mesmo Tournefort[1].»

Catalogue des plantes que M. Pitton de Tournefort trouva dans ses voyages d'Espagne et de Portugal, copiée sur l'original de M. de Tournefort. Ms. que esteve na bibliotheca de Banks.

Tambem parece que Pourret possuiu uma copia do mesmo original, augmentada com a litteratura linneana. Outra copia, que pertenceu á bibliotheca de Jussieu, tem por titulo: *Dénombrement des plantes trouvées en Espagne et en Portugal, par M. Tournefort, 4.° de 145 pag. escriptas pela mão de Jussieu.*

Na bibliotheca da mesma familia existiam 694 debuxos de plantas colhidas por Tournefort nas suas viagens, correspondendo 106 a plantas de Hespanha, dos Alpes, dos Pyrenéus e Levante, todas copiadas por Aubriet.

TOVAR (D. JOSEPH DE PELLIER DE SALAS, ou OSSAU, DE ——).—Cavalleiro da ordem de Santiago, senhor das casas de Pellier e de Ossau, chronista mór de Castella e do conselho de Castella. Natural de Saragoça, onde nasceu em 1602. Falleceu a 16 de dezembro de 1679. Um dos mais insignes professores de historia, em que foi sciente, e na genealogia. Entre as muitas obras que escreveu, genealogicas, as de que tenho noticia, referentes a Portugal, são:

Memorial de D. Manuel Evgenio de Portugal, marquez de Trancoso, impresso em 1672; o qual, é preciso dizer, traz erros de notavel consideração, e nem por isso arguimos este grande escriptor[2].

Casa de los condes de Torres Vedras, en el Reyno de Portugal, que procede de los condes de Valverde, del apellido de Alarcon, en Castilla. Madrid, 1646.

Tablas geneulogicas de la succession, que ha quedado de varon en varon del Rei Don Enrique II de Castilla, que escreveu a favor de D. Fernando, conde de Linhares.

Genealogia de la casa de Ataide.

Succesion de los Reynos de Portugal. Logroño, 1648. Em que pretendeu mostrar genealogica e historicamente pertenciam os reinos de Portugal a El-Rei Filippe IV de Castella. Este livro impugnou egregia e doutamente o insigne Antonio de Sousa de Macedo.

Succesion de los reynos de Portugal; sive pro justo Regis Portugalliae titulo in familia Austriaco-Hispana. Lucronii, 1640.

Mision evangelica del reyno del Congo. 1649[3].

---

[1] D. Miguel Colmeiro, *La botanica y los botanicos de la peninsula hispano-lusitana*, pag. 68.

[2] D. Antonio Caetano de Sousa, *Historia genealogica da casa real portugueza*, vol. I, pag. CXVI.

[3] Nicol. Ant., *Bibliotheca Nova*, vol. I.

TRACHARD.

Lettre du Père ——, missionnaire de la Compagnie de Jésus, au reverend Père du Tremblay, de la même Compagnie, confesseur de S. A. R. Monseigneur le Duc d'Orléans. à Chandernagor, 18 janvier 1711.

Trata da igreja portugueza de S. Thomé, perto de Madrasta. Vem esta carta na obra, *Lettres édifiantes et curieuses écrites des missions étrangères. Nouvelle édition.* Paris, 1871. Tomo XII. *Mémoires des Indes.*

TRAGICOMEDIE *P. Gonzalvus Silveira sal vertooght worden door de jonckheyt van het Collegie der Societeyt Jesu tot Cassel, anno 1630, den... Septembris. Ter eeren van de achtbare, Wyse voorsienighe Heeren, myn Heere den Baillu, Voogt, ende Schepenen der stede ende Prochie van Haeze-brouck. Door wiens liberaelheyt de jaerlyksche Prysen sullen uyt-ghedeelt worden aen de voor-sede Jonckheyt. Tot S. Omaers. By Peeter Geubels, Boeck-drucker, in den vergulden Bybel.* 1630, 4.° de 4 pag.

D'esta tragicomedia é protogonista o nosso martyr, o P. Silveira, na casa dos jesuitas em Cassel.[1]

TRANSLAT *de l'espagnol en français de ce qu'est succedé à l'armée de Sa Majesté, à laquelle commandait comme capitaine général le Marquis de Saint-Croix, par la bataille donnée à celle qui conduisait Don Antonio ès îles de los Açores.* Douay, 1592, 8.°, 1 vol. de 32 pag.

TRANSLATION *of a curious memorial presented 1768 by the portuguese nation to the royal board of censure to examine and revise all books.* Devises, 1769.

TRATADO *de paz entre Carlos IV de España y Juan de Portugal.* Madrid, 1801.

TRAVELS *in Spain and Portugal. With plates.* London, 1831.

TREATY *quadruple between the King of Great Britain, Queen Reg. of Spain, K. of the French and Reg. of Portugal.* London, 1835.

TRESILÉ, ou TRESILLEY, TRESILEUS (PEDRO FRANCISCO ——). — Jesuita, natural de Besançon.

La principessa portoghese specchio in cui praticamente se vede il progresso dell' Anima nella perfettione dell' Amor Divino. Che non è impraticabile, come altri pensa; la strada della Virtù, che conduce à conseguirla. Opera data in luce dal P. Pier Francesco Tresilè, della Compagnia di Giesù. Dedicata alla M. R. Madre Suor Teresa Margherita Farnese, Carmelitana Scalza. Ristampata con l'Aggiunta di un altro Specchio espressivo delle principali spasie, e arti più vizi del mondo di Giesù Christo N. S. Reggio, per Prospero Vedrotti, 1678, 12.° de 214 pag.

Ha uma edição anterior. Bononiae, 1664, per Joannem Baptistam Ferronium.

---

[1] Augustin et Alois de Backer, *Bibliothèque des écrivains de la compagnie de Jésus*, vol. IV, pag. 686.

TRESSAN (COMTE DU ——).

Traduction libre d'Amadis de Gaule. Avec figures. A Paris, rue et Hôtel Serpente. 1787, 3 vol.

TRESSERVE (LE VICOMTE MARY DE ——).

Le mariage ou l'avenir de Portugal. Paris, 1862.

TRIAS EPISCOPORUM *et Principum Paderbornensium triplici in Societatem Jesu Paderanam beneficia Theodorus Furstenbergius Academiam liberaliter fundata, Ferdinandus Furstenbergius Templo Xaveriano magnifice extructo, Hermannus Wernerus Metternichius eodem templo solemniter dedicato; praeludente in Dramate parallelo Salomone. Theatro data a Perillustri, Praenobili et Ingenua Juventute Academica Paderbornensi infra octavam Dedicationis Ecclesiae S. Francisci Xaverii Indiarum et Japoniae Apostoli solemniter consecrandae. Die 14 Mensis Septembri anno 1692. Cum ante decennium aedificari cœpta fuisset, posito primo lapide 13 Augusti anni 1682.* Paderbornae, typis Davidis Huberi, fol. de 17 folhas não paginadas.

TRIGAULT (NICOLAS ——).— Jesuita, natural de Douai. Em 1607 partiu de Lisboa para as missões.

Copie de la lettre du R. P. Nicolas Trigault, contenant l'accroissement de la Foy Catholique aux Indes, Chines et lieux voisins. Ensemble l'assiegement de Mozambic, Malaca, Amboin, &c., par la flotte Hollandaise. Escrite au R. R. François Fleron, Provincial de la mesme Compagnie, en la province des Pays-Bas, datée de Gou en l'Inde Orientale, la veille de Noel, 1607. En Anvers, chez Daniel Vervliet, 1609, 12.°

Copie d'une lettre du P. Nicolas Trigault, Jésuite, au R. P. Fleuron, provinciale de la Compagnie, datée de Goa en l'Inde Orientale, en 1607. Chapelet, 1609.

TRINACRIO (DAFNI ——).— Accademico della Reale Academia Palermitana del Bum Gusto.

Elementi della Lingua Italiana, o modo facile e breve per impararla a perfezione, dedicati a Sua Altezza Reale Il Serenissimo Principe del Brasile nostro Signore da ——. Nella Reale Stamparia Silviana, 8.° de CXXIV pag.

É precedida esta grammatica de uma poesia italiana: *Per il faustissimo giorno natalizio di Sua Altezza reale, celebrato nel di XIII maggio 1792.*

De pag. LXVIII por diante seguem-se tambem poesias italianas:

In onore di Maria Santissima Immacolata.

Fervorosa preghiera alla Sacra Pastora.

Per la ricuperata salute di Sua Altezza Reale il Principe N. S.

Nel felice arrivo da Madrid in Lisbona del real pupillo S. A. D. Pietro Carlo, Infante delle Spagne, &. A S. R. M. Fedelissima D. Maria I.

Per aver passato fra il numero de' defunti S. M. Cattolica D. Carlo III.

Un viaggitore che arriva in Lisbona nel di XV novembre 1789, giorno della Consagrazione del Sacro Tempio dell' Insigne Real Monasterio del RR. Monache Teresiane detto Convento Nuovo, dedicato Al Sacro Cuor de Gesù, da S. Maestà Fedelissima Fondatrice Augusta ne fa la succinta descrizione.

A Sua R. M. Fedelissima nel dì XVII dicembre 1789.

Per l'anniversario della gran Donna nascita di S. A. Reale D. Carlota Gioachina, Principessa delle Brasile, celebrato nel dì 25 aprile 1790.

Per li fausti sponsali dell' Excellenza loro la Signora D. Eugenia Maria Giuseppa, nata contessa della Veligueira, Marcheza di Nizza.

Il disegno del Nuovo Tempio. Dialogo per celebrare il felicissimo giorno natalizio di S. M. Fedelissima li XVII dicembre 1790.

Per aver passato da questa a miglior vita l' Ill. e Rev. Sig. D. Bartolomeo Stadali e Montecuccoli.

Inno per solennizzare il fausto giorno natalizio di Sua Altezza reale la principessa de Brasile, nel dì XXV aprile 1791.

A S. E. De' Marchesi di Ponte di Lima.

Al dottore D. Giovanni Abate Meli.

Per festeggiare il giorno natalizio di S. M. F., XVII dicembre, 1791.

Nella spedizione della flotta comandata dall' Almirante Cavalier Sanches de Brito.

A S. M. Fedelissima. Supplica.

TRINITATE (R. P. F. PHILIPPI A SANTISSIMA ——). — Carmelita Descalcato.

Itinerarium orientale —— ab ipso conscriptum. In quo varii successus itineris, plures Orientis regiones, series principum, incolae tam Christiani, quam infidelis populi religiosorum in Oriente missiones & describuntur. Lugduni, A. Jullieron, 1669, 8.° pequeno.

Abrango viagens á Syria, Persia, Terra Santa e Goa, desde 1629 até 1640.

Voyage d'Orient du R. P. Philippe de la très saincte Trinité, carme déchaussé, où il descrit les divers succez de son voyage, plusieurs régions d'Orient, leurs montagnes, leurs mers et leurs fleuves, la chronologie des princes qui y ont dominé, leurs habitants, tant chrestiens qu'infidèles, les animaux, les arbres, les plantes, les fruits qui s'y trouvent, et enfin les Missions des Religieux qui y ont esté fondées et les divers évènements qui y arrivèrent. Composé, revu et augmenté par luy mesme et traduit du latin par un Religieux du mesme ordre. Lyon, Ant. Jullieron, 1660, 8.°

TRIOMPHE (LE) *des Saincts Ignace de Loyola, fondateur de la Compagnie de Jesus, et François Xavier, Apostre des Indes, au collège royal de la mesme Compagnie, à la Flèche. Ou le sommaire de ce qui s'y est fait, en la solemnité de leur canonisation. Depuis le Dimanche 24 Juillet 1622 iusques au dernier iour dudit mois. Seconde édition.* A la Flèche, chez Louïs Helsert, Imprimeur du Collège Royal, à l'Enseigne du Nom de Jesus, 1622, 8.° de 70 pag.

TRIONFI *sacri di S. Ignatio Loyola e S. Francesco Saverio celebrati in Messina con l'autorità del Serenissimo Prencipe Filiberto Emmanuele General del mare, Vicerè di Sicilia, &c. e col favor dell' Illustrissimo senato della stessa Nobilissima Città. Nel mese di Luglio, nell' anno della loro Canonizzazione fatta in Roma dalla Santità di N. S. PP. Gregorio XV. A 12 di Marzo.* In Messina, appresso Gio. Francesco Bianco, 1662[1].

---

[1] Augustin et Aloïs de Backer, *Bibliothèque des écrivains de la compagnie de Jesus*, vol. VI, pag. 376.

TRIONFO *delle carta. Serenata da cantarsi nel felicissimo giorno natalizio della S. R. Maestà di Giovanni Quinto Re di Portogallo, nel Regio Palazzo.* Lisbona Occidentale, nella Officina di Pasquale da Sylva, 1720, 4.°

TRIUMPHO LUSITANO. *Recibimento que mandó hazer Su Magestad el Christianisimo Rey de Francia Luis XIII a los Embaxadores Extraordinarios que S. M. el Serenisimo Rey D. Juan el IV de Portugal le embió el año de 1641. Foi impreso en Francia, y aora de nuevo en esta Ciudad de Lisboa. Com todas as licenças necesarias.* Na officina de Lourenço de Anvers. 8.° grande. de 30 pag.

TRIUMPHO LUSITANO, *applausos festivos, sumptuosidades regias, nos desposorios de D. Pedro II com a Serenissima Maria Sophia Izabel de Baviera.* Bruxellas, 1688, 4.°

TROGOFF (CHRISTIEN DE ——).
Le Portugal. Étude contemporain, par ——. Librairie Allaward. 8.° de 8 pag.

TROUIN (MONSIEUR DUGUAY ——).—Lieutenant général des armées navales, Commandeur de l'Ordre Royal & Militaire de Saint Louis.

Mémoires... A Amsterdam, chez Pierre Mortier, 1746, 8.° de xxxix-312 pag.

Tem as seguintes estampas: 1.ª, retrato de Duguay-Trouin; 2.ª, uma nau; 3.ª, Duguay-Trouin commandando o navio *Jason*, cercado pela esquadra ingleza.

Em 1693 esteve Duguay-Trouin em Lisboa, com o fim de reparar o navio de que era commandante, necessitado de concerto.

No anno seguinte veiu tambem a Lisboa reparar a sua fragata *Diligente*, de quarenta peças.

Monsieur Vidame d'Esvenal, então embaixador de França em Portugal, encarregou o de levar a França o conde de Prado[1] e o marquez de Atalaya, seu primo co-irmão, ambos os quaes estavam no desagrado do Rei de Portugal, e eram perseguidos com ardor por seu mandado, por terem matado o corregedor de Lisboa. Duguay-Trouin recebe-os com prazer a bordo, por isso que o conde de Prado tinha casado com uma filha do Marechal de Villeroy, «um dos nossos mais respeitaveis senhores».

Descobriu na viagem quatro naus de Flessing, de vinte a trinta peças cada uma; navegou para ellas e combateu-as, e tornou se senhor de uma das mais fortes. A boa manobra e a resistencia que esta fez, salvou as companheiras, as quaes se escaparam com o favor de um nevoeiro e da noite que sobreveiu. Vinham todas as quatro de Curaçáo, e estavam carregadas de cacao, de anil e de algumas piastras. Os dois fidalgos portuguezes quizeram absolutamente ser espectadores do combate, e não cederam ás instancias que Duguay-Trouin lhes fazia, de descerem para o fundo do porão, representando-lhes que Portugal não estava em guerra com a Hollanda, e que elles se expunham, sem necessidade, a ficarem estropiados, ou talvez a serem mortos. Apesar de todas as supplicas deixaram-se ficar até ao fim do combate. Depois de terminado este continuou a viagem, e os

---

[1] Duguay-Trouin, *Mémoires*, pag. 13.

fidalgos desembarcaram em Saint Malo, parecendo ficarem contentes das «attenções que Troum teve para com elles».

Em 1696 o irmão de Duguay-Troum foi mortalmente ferido n'uma refrega perto de Vigo. Este levou o irmão, que lhe tinha morrido no braço, a enterrar em Vianna do Castello. «Toda a nobreza d'aquellas immediações (pag. 52) assistiu ao funeral, e pareceu sensivel da perda de um mancebo, que attrahia os louvores e as saudades da nossa tripulação».

Em 1705 tomou outro navio inglez á entrada do Tejo, e pouco depois tomou ainda, na altura de Lisboa, um outro carregado de polvora.

Todos sabem o que elle praticou no Rio de Janeiro, e como os francezes se gloriam de um feito que, na verdade, não tem muito de glorioso.

TROVAR (PELLIER DE —— J.).

Mision evangelica al Reino de Congo, por la Serafica Religion de los Capuchinos (y descripcion del Reyno del Congo). Madrid, 1649.

TRUE (A) *and particular history of the cruelties and barbarities exercised in various occasions by the present usurper of the crown of Portugal D. Miguel.*

TUBINO (F. M.).

El arte y los artistas contemporaneos en la Peninsula. Por ——. Libreria de A. Duran. 1871, 8.º

«Sinto deveras, ao saudar cortezmente os artistas portuguezes, não encontrar motivo para elogio nem para louvor. Apresenta o sr. Fonseca, professor jubilado da academia de bellas artes de Lisboa, tres obras: *Uma nympha do Tejo; Enea fugindo do incendio de Troya* e a *Nynpha Peristezo refugiada nos braços de Venus*. É lastima grande que o apreciavel mestre tenha encaminhado sua inspiração e seus talentos para este lado. Obriga-me a cortezia a citar seus quadros, mas não me obrigará a severa lei da critica a negar todo o merecimento ás creações do hospede que com a sua presença nos favorece. Estão eivados de grandes defeitos, que não são inteiramente do auctor, mas sim do tempo, da escola e maneira a que correspondem; tempo, escola e maneira que dentro em pouco hão de ser no mundo artistico um verdadeiro archaismo.»

. . . . . .

«Pela primeira vez concorrem os artistas portuguezes a medir suas armas com os hespanhoes em lucta artistica. Se antes deplorei não achar motivo para recommendar este um quadro mythologico, agora sinto um immenso prazer em dar os parabens ao sr. Andrade, pela sua pintura *Castello de Fuiano*, nas immediações de Roma.

«Revela este quadro um mestre que se empenha em crear todo o genero de difficuldades para ter o prazer de as vencer. Longe de procurar o sitio, o panorama, o contraste e o momento mais favoravel, Andrade escolhe o mais ingrato, o mais refractario, o menos pintavel, o mais difficil e compromettedor. Não importa. O artista já sabe o que são obstaculos, e tambem sabe o que ha de fazer para triumphar de todos elles e convertel-os em vantagens.

«Representa a téla, que examino, um pelaço de costa baixa, uma especie de lagôa ou marinha, coberta de juncos e espadanas. Levanta-se á direita uma

eminencia abrupta, assombreada por uma mata de pinheiros, e o céu, occulto atrás de espessa cortina de nuvens, annuncia uma manhã fria, humida e chuvosa. Quanta verdade nas aguas estanciadas! Quanta vida no *celaje!* Quanta finura nos juncos e outras plantas que rompem a superficie monotona da agua!

«Tem este pintor outros dois quadros, sendo o titulo do primeiro, *Uma manhã em Rivara (Piemonte)*, e o outro, *Uma pescaria na Liguria*. Reduz-se aquelle a um campo coberto de herva verde, limitado por algumas arvores, e, embora pintado com engenho, não agrada.

«Recreia mais o segundo: a costa com seus cachopos, a maré abaixando, as rochas, os pescadores, tudo (menos o céu) é bom. Não procure tanto o sr. Andrade a simplicidade n'esses assumptos, que chegará a exageral-a; são necessarios maiores contrastes, maior movimento e maior harmonia nas suas creações. Não siga a seu mestre, o insigne Calaume, senão no que deve ser imitado. Pintando Calaume, como Diday, os esplendidos panoramas alpestres, conseguiram passageiros triumphos, e isso porque a simplicidade dos Alpes é a simplicidade do magestoso e do immenso.»

«De outro paizagista portuguez, o sr. Isaias Newton, vieram para o certamen tres quadros: o *Palacio da Ajuda*, os *Arrabaldes de Santarem* e as *Fronteiras de Portugal e Hespanha*. O sr. Newton é vantajosamante conhecido no reino vizinho como um artista consciencioso e applicado, que procura reproduzir com a maior fidelidade a natureza, embellezando-a com primor. Celebra-se muito sua *Serra de Monsanto*, que não conheço. Julgando a este mestre um distincto critico portuguez, Luciano Cordeiro, diz o seguinte a respeito dos quadros que apresentou em 1868 na exposição da sociedade promotora de bellas artes: «Suas paizagens d'este anno denotam um grande estudo technico, muito consciencia e grandes progressos. Ha n'elle alguma cousa do pintor de Harlem, alguma cousa como uma melancolia melodiosa (se a phrase é permittida), e como um extasis no meio de uma atmosphera transparente, cheia de luz, aromas e sensualismo. Extasis que, prolongando-se, poderia converter-se em monotonia.

«Encontro, pela minha parte, nas paizagens do sr. Newton, certa suavidade agradavel, certo repouso e calma, que os olhos percebem com gosto. As grandes massas verdes pintadas com delicada finura e até mesmo minuciosidade, o céu reproduzido com os movimentos de maior limpidez e calma, revela-se no conjuncto a maestria do pincel, mas parece-me descobrir em suas obras tendencia para o amaciamento, para a nimiedade e para a repetição. Sobra habilidade technica ao artista, falta-lhe ardor, ousadia e aquelles rasgos um tanto indomitos e indisciplinados que denunciam o genio. Apresenta-se Newton como uma natureza doce, equilibrada, amorosa de luz e de harmonioso, amiga de idyllio, contraria á lucta, ao drama e ao contraste.»

«Que differença tão grande entre o estylo do sr. Newton e o do nosso concidadão Muñoz Degrain! Alli, a luz meridiana, os dourados raios de sol alumiando deliciosas planuras e suaves recostos; nem uma nuvemsinha na atmosphera, nem um desaccordo nas tintas do panorama! Aqui, o contraste da luz e da sombra, o agreste e o escabroso, o escarpado da rocha e a contraposição dos effeitos. Muñoz Degrain exagera a expressão, mas tem genio; assim tivera outras cousas! Porque abunda tanto o azul em todas suas creações? Visto um de seus

quadros, já se possue o tom dominante de todos os outros. Parece que se forjou um padrão exclusivo na sua phantasia, e por elle corta todas as suas obras. A grande arte é variedade e unidade, e não monotonia, e as paizagens de Muñoz Degrain estão monotonas, porque, mesmo feitas por distinctos mimes, se repetem nos accidentes principaes, e não caracterisam as notabilidades a que podem referir-se. Dir-se-ia que todos estão pintados de côr, sem abandonar o estudo. Debaixo de outra relação ha n'elles amaneiramento, como nos de Andrade.» (Pag. 224.)

«*Entrada em Lisboa*, por Tomasini, portuguez. Este artista apresentou uns dez quadros de variedades, alguns d'elles bastante lindos.» (Pag. 228.)

«Ha na sala primeira da exposição dois quadros do sr. Talavera: *Um requebro* e o *Atrio de uma igreja de Andaluzia*, que annunciam no artista aptidões excellentes; tem na mesma o portuguez, sr. Bordallo Pinheiro (José), quatro quadrinhos, executados com vigor e intenção, reclamando elogio o que representa a *Leitura de Cervantes*. Tambem recordarei a *Romaria* e o *Mercado*, do sr. Pereira, e a *Familia*, de Lupi, pintura correcta, expressiva e com sentimento, embora de côr um tanto convencional, especialmente nos contornos.» (Pag. 234.)

«Rapida será minha revista dos quadros de variedades.

«Recordo: *Arec mon tili* e o *Alpargatero*, de D. Placido Francés; a *Scena de costumes maritimos*, de Herrera; os *Dois juguetes*, de Lercano; *Recordações de Toledo* e *as Sevilhanas*; as *Creadas varrendo e esfregando*, de Martin; *A tarde de Sexta Feira Santa, em Olot*, de Vayreda; a *Partida de Quiñote*, de Araujo; *O baptismo* e o *Correio fraudulento*, de Franco; a *Gitana*, de Benso; o *Menino italiano*, de Vioda; a *Cruz Alta de Cintra*, e a *Fonte dos Amores*, do portuguez sr. Christino; e os *Estudos* e os *Divertimentos*, alguns apreciaveis, de Melida. Obras modestas, sem pretensões nem grandes aspirações, offerecem defeitos ao lado de qualidades, que as fazem credoras da benevolencia e da critica.» (Pag. 254.)

«No salão do throno ha duas télas de Rezende, artista portuguez, as quaes annunciam boas faculdades. Intitulam se: *Varina de Mortosa* e o *Pescador portuguez*. Note n'ellas riqueza de côr e bom debuxo.» (Pag. 256.)

. . . . . .

«Carece a Hespanha de pintores de animaes; Jimenez foi uma bella apparição e nada mais. Não floresce entre nós a fauna, e não é raro, quando com tão pouco respeito se tem encarado e ainda encara a dignidade humana; que interesse haviam de inspirar os animaes? Não ha paiz da Europa culta onde o homem se mostre tão cruel para com os animaes. Aqui vemos o misero cavallo assassinado nas praças de touros, para divertir os espectadores; aqui annunciam as autoridades corridas de gansos, espectaculo barbaro, mais proprio de hotentotes que de homens civilisados; aqui, finalmente, se organisa uma sociedade, na qual entra a mais nobre mocidade, e como primeiro signal de existencia se dedica a fazilar inoffensivas pombas atrás das tapadas do Retiro!

«Toda a arte tem um reflexo do meio em que se produz. Será o contemporaneo hespanhol quanto se quizer, menos uma arte humana, que aspira a grandes empresas. Modelando-se a nossa fraqueza de caracter, acusa a crise profunda

que nos agita; seu caracter é a declamação e o scepticismo. Em nada crê, salvo honrosas, se bem que singulares, excepções.

«Mas se a Hespanha não gosa de um pintor d'este genero, tem-o Portugal, e tão competente, que bem nos podemos consolar da carencia propria. Thomaz José da Annunciação só pinta animaes. Não procureis nas suas telas a figura humana; se alguma vez apparece, comprehende-se que representa no quadro o que o comparsa sobre o palco scenico. Até mesmo a paizagem, a luz, a atmosphera e o ceu são meros accessorios, aos quaes se dará importancia, se assim convier, para que a figura dos animaes se destaque sobre o fundo que mera a favorecer.

«Seis obras a oleo expõe o sr. Annunciação, e ainda que algumas são de reduzido tamanho, nem por isso deixam de ter merecimento. *A Arribana* e os *Extraviados do rebanho* são mui bellos. Associa-se na palheta do pintor a correcção do desenho á belleza do colorido e ao relevo; ha caracter em suas obras, e nas duas citadas a natureza se offerece habilmente reproduzida. O fundo do *A Arribana* é notavel. Andrade, com a sua paizagem do *Castello de Fusano*, e Annunciação, com seus animaes, representam dignamente no certamen a arte de pintura portugueza, ainda que não indigena, mostrando, embora seja em escala modesta, que não é Portugal estranho ao Renascimento artistico que se nota na Peninsula de ha quinze annos a esta parte.

«Critico imparcial, devo dizer que Annunciação falseia algum tanto a verdade realista no que diz respeito á luz e a atmosphera. Ha tintas e effeitos puramente arbitrarios nos *Extraviados*.» (Pag. 260.)

«Não são sufficientes, comtudo, as obras expostas para formarmos um juizo synthetico ácerca do estado da arte de pintura entre os nossos vizinhos; mas a julgarmos pelos trabalhos já citados, de Andrade e Annunciação, pelos de Bordallo Pinheiro (José), Christino, Chaves, Fonseca, Lupi, Pereira, Pedroso, Reis (D. Guilhermina), Tomasini e Rezende, a pintura portugueza póde ir na frente da arte iberica, fazendo seus cultores poucos mais esforços.» (Pag. 260.)

«Tambem devo recordar os bustos de Belver, o *Rossini* de Alcoverro; e, emquanto aos portuguezes, a *Cabeça expressiva*, de Almeida, é boa, o *Adonis*, em bronze, de Fonseca, é bello, os bustos de Rosa credores de menção especial, e a *Camelia*, de Nunes, mui estimavel.» (Pag. 271.)

. . . . . .

«Dois projectos monumentaes contém o salão. Um de Bastos, portuguez, dedicado á memoria dos navegantes portuguezes; outro de Gomez, para as cinzas do general Zurbano. Aquelle, ainda que um pouco pesado, e grandioso; este carece de unidade em sua exornação, e tem o seu tanto de catafalco de igreja.» (Pag. 271.)

«Os progressos da gravura em Portugal e Hespanha são incontestaveis. Abra-se uma obra que conte uns quinze annos, compare-se com as que se produzem actualmente, e a consequencia será grandemente consoladora. Existem já em o nosso territorio gravadores conscienciosos, que são alguma cousa mais do que meros executores do que faz o desenhador. Ha n'elles gosto, arte e personalidade. O gravador alcança vida na Peninsula, e tem futuro. No departamento

que lhes está destinado, offerecem-se ao estudo os testemunhos authenticos do seu prognostico: Lemos, Rino, Alberto, Serra, Sousa, Alabern, Franch e Roselló recommendam-se bem, com seus trabalhos, ao applauso dos intelligentes.

«Notavel progresso ha realisado o sr. Roselló, cujas obras trazem á memoria as melhores recordações de Carmona, mas não é menos delicada e bella a serie de retratos de personagens celebres portuguezes e estrangeiros, expostos pelo sr. Sousa.

«As aguarellas são genero exotico na Hespanha. Inglaterra está reputada como a terra classica dos aguarellistas. Tem a Peninsula alguns que merecem louvor, mas não quizeram expor suas obras, vedando-nos assim a occasião de as estudarmos e applaudirmos.

«Do sr. Bordallo Pinheiro ha uma collecção de typos bastante expressivos.» (Pag. 275.)

«Precisaria por injusto se não elogiasse as miniaturas de Tomasini, que são superiores em merecimento; os trabalhos dos srs. Molarinho, portuguez, e Pescador, madrileno, gravadores em talhe-doce; os desenhos a carvão de Annunciação; os esmaltes de Sala e Sanchez, e os desenhos a lapis ou á penna e as aguas-fortes de Bartolomé Maura y Tuban.

«Reclamam tambem especialissima menção as provas de gravuras em talhe-doce, expostas pelo acreditado sr. Campos, primeiro gravador da casa da moeda de Portugal. Tanto os trabalhos d'este artista como as medalhas e sellos de Molarinho, dizem os progressos que este ramo de bellas artes tem feito entre os nossos visinhos. Felicito sinceramente tanto a um como a outro, e desejo que a juventude lusitana siga por este caminho, que com tanto applauso percorrem seus mestres.» (Pag. 280.)

«Ainda ha pintores que seguem a senda inaugurada ha dez ou quinze annos, ao iniciar-se o nosso renascimento artistico contemporaneo; ainda existe quem se inspira na vida moderna e cultiva a historia; mas, se no tocante á idéa noto melhoras evidentes, no particular da execução descubro perigosas novidades; entre o sublime e o ridiculo mette-se de permeio uma linha; o afan da originalidade costuma trazer insupportaveis extravagancias. Quando o genio se faz incomprehensivel para o senso commum, suscita a mofa ou a indifferença. Não se lavram as obras de arte para as notabilidades, fazem-se para todos os homens que têem sensibilidade, gosto e entendimento. O verdadeiro genio aborrece o systematismo. É livre dentro da sublimidade, que é a summa harmonia. Pinta como pinta, sem se importar de seguir esta moda ou de imitar aquelle exemplo. O genio nem outra nem é imitavel. Estuda-se o que se chama *escola de Murillo*, e não se encontrarão mais do que mediocridades. Quem ousou proclamar-se discipulo de Velasquez? Não se conhece similhante escola.

«E, estabelecendo isto, penso que é chegado o momento de perguntar se existe alguma na Peninsula. Entendo que não. Envia Portugal uma dezena de quadros, e ainda que foram pintados pelos portuguezes, não ha razão para dizer que revelam a realidade de uma escola de pintura.

«Pinta Annunciação os animaes, segundo, segundo parece, francezes e belgas; Andrade vive na Italia, e seus paizagens estão mui longe de revelar-nos alguns

caracter indigena. Gosta Bordallo das variedades, e usa de um colorido exotico. Inspira-se Newton das boas tradições, sem formar escola. Se ha quadros na exposição, que devam attribuir-se á arte privativa portugueza de nossos dias, são seguramente os de Fonseca, que correspondem a um «stylo de para convenção, que possue no respeitavel ancião um de seus ultimos representantes». (Pag. 288.)

«Artistas premiados:
«Lupi — *A familia* — 2.ª medalha, por 11 votos.
«Andrade — *Castello Fusano* — 2.ª medalha, por 11 votos.
«Annunciação — *Animaes* — 2.ª medalha, por 12 votos.
«Sousa; gravuras — 2.ª medalha.
«Almeida; esculptura — *O joven grego* — 3.ª medalha, 21 votos.
«Nunes; esculptura — *Cornelia* — Idem, idem.
«Molarinho; gravura — 2.ª medalha, 15 votos.
«Gaspar; architectura — *Theatro de uma cidade de segunda ordem* — 3.ª medalha.»

Los monumentos megallicos de Andalucia, Estremadura y Portugal y los aborigenes ibericos. (Vem no *Museo español de antigüedades,* tomo VII, pag. 353.)

TUCKEY (J. K.).

Narrative of an expedition to explore the river Zaire, usually called the Congo, in south Africa, 1816, under the direction of capt.——. To which is added thejournal of professor Smith; some general observations on the country and its inhabitants, and an appendix containing the natural history. London, 1818.

TUDÈLE (GUILLAUME DE ——).

No seu poema historico, escripto entre 1210 e 1219, onde descreve a historia da cruzada contra os herejes albigenses, falla desfavoravelmente do Rei de Portugal por causa da sua lucta esteril ácerca das heranças de suas irmãs. O monarcha satyrisado no poema é El-Rei D. Affonso II[1].

TUHFAT UL MUJAHIDIM.

Obra valiosa, escripta em arabe, que descreve as guerras entre os portuguezes e os mahometanos, entre os annos 1498 e 1583.

Ha d'ella uma traducção ingleza, com o n.º 30, na serie da commissão oriental das traducções *(Oriental Translation Committee)*[2].

TUROTZI (JOSEPH ——). — Jesuita, natural de Presburg.

Panegyris D. Francisco Xaverio. Tyrnaviae, 1729.

---

[1] Apontamento fornecido pelo sr. dr. Theophilo Braga.

[2] T. W. H. Tolbort, *Auctoridades para a historia dos portuguezes na India.* No *Instituto Vasco da Gama.* Nova Goa, 1874, pag. 185.

TUZUK I JAHANGIRI. *(Historia do Mogol.)*

Obra escripta em lingua persa, que trata dos feitos dos nossos no Oriente. «Allude a varios logares do Muqarrab Khan e aos negocios de Surrate. Uma passagem parece referir-se ao ataque sobre a armada de Downton, por Azevedo, em 1614. Em outros logares o *Tuzuk* refere-se a presentes dos portuguezes e a alguns portuguezes empregados nos dominios de Jahangir[1].

TWISS (RICHARD ——).

Travels through Portugal and Spain in 1772 and 1773, with copper-plates and an appendix. London, 1775, 4.° 1 vol. de III-465 pag.

De pag. 375 a 465 vem um *Account of the Spanish and Portuguese Literature.*

---

[1] T. W. H. Tolhurst, *Authoridades para a historia dos portuguezes na India.* No *Instituto Vasco da Gama*, Nova Goa, 1876, pag. 185.

U

Les portugais, dont la langue a toutes les magnificences de l'espagnol, sans en avoir les défauts, ont la supériorité dans l'aventure et dans l'audace. Ils ont joué sa fortune sur les vagues de l'Océan. Jamais peuple si peu nombreux ne fit et n'écrivit de si grandes choses. Son Camoens est le poète épique de son histoire, de ses découvertes et de ses conquêtes dans l'Inde. Son empire, transbordé en six mois de Lisbonne en Amérique, sera un jour le texte d'un autre Camoens; le portugais est un grand aventurier, l'aventurier national, héroïque et poétique des temps modernes.

Lamartine, *Entretiens familiers.*

UDHE (C.).
Baudenkmäler in Spanien und Portugal. Berlin, 1889.

ULISSIPEADE (LP). *Poëme. Ou les calamités de Lisbonne, par le Tremblement de Terre, &c. Par un spectateur de ce désastre, suivie de L'Arcès Heros, admiré de Tout l'Univers dans la personne Sacrée de Frédéric le Grand, Roi de Prusse. Et quelqu'autres pièces, &c.* 12.° 1 vol. 165 pag.

ULLOA (D. MARTIN DE ——).
Tratado de Cronologia para la historia de España.

Occupa este trabalho todo o vol. II das *Memorias da Academia de Historia de Madrid.*

É util a leitura d'este obra aos que desejarem escrever acerca dos antigos tempos da historia de Portugal, tanto anteriores como posteriores ao nascimento de Christo. Chega até ao tempo da Rainha D. Joanna de Castella.

Tambem ahi encontra o leitor, por ordem chronologica, a historia da dominação romana na peninsula iberica.

UNIO *sive connubium amoris divini cum D. Francisco Xaverio Indiarum Apostolo carmine deductum, et Néo-Magistris oblatum, promotore P. Wenceslao Aquinate.* Pragae. Typis Universitatis. 1660. in-4.°

UNIONE *dell' Regno di Portogallo, alla corona di Castiglia. Istoria del signor Jeronymo Conestaggio.* Venetia, 1642.

UNJUST *Proclamation of his Serene Highness the Infante Don Miguel as King of Portugal or analysis and juridical refutation of the act passed by denominated three estates of the Kingdom of Portugal on the 11 of July, by Desembargador Antonio da S. L. Rocha. Translated from the portuguese.* 1829.

URCULLA (D. JOSÉ DE ——).

Cantata pelo motivo da visita feita á heroica cidade do Porto por S. M. F. a Senhora D. Maria II e SS. MM. II o senhor D. Pedro, duque de Bragança e Sua augusta Esposa. Por ——. Porto, 1834. 12.°. 13 pag.

URIEL DA COSTA.— Cognominado *O jurista,* nasceu pelos fins do seculo XVI, em a nossa cidade do Porto, e falleceu em 1647.

Seu pae tinha deixado a religião de seus antepassados, a de Israel, para abraçar o christianismo, que professava com uma especie de enthusiasmo. O joven Costa foi educado nos mesmos principios, e sua piedade attrahiu sobre si a attenção.

Desde sua primeira mocidade se occupou com ardor no estudo das Escripturas, leu e releu o *Novo testamento,* e meditou profundamente no sentido d'elle.

Nomeado, na idade de vinte e cinco annos, thesoureiro de uma capella, pareceu destinado para uma carreira brilhante. Mas, desde muito tempo, algumas duvidas perturbavam sua alma, não podendo comprehender o mysterio da revelação, e encontrando mil objecções ao dogma da divindade de Christo. Chegou a negar a verdade do christianismo e hesitou entre o naturalismo e a religião de Moysés; a necessidade de se ligar a uma communidade baseada sobre doutrinas positivas, o decidiu para esta ultima; e com o fim de se entregar a ella com toda a segurança, deixou até mesmo, com sua mãe e irmãos, Portugal, e encaminhou-se para Amsterdam, onde passou o resto de seus dias.

Tendo-se submettido á circumcisão, mudou o nome de Gabriel no de Uriel, e foi durante algum tempo membro zeloso da communidade judaica. Não tardou, comtudo, em perceber que o judaismo d'aquelle tempo estava bem afastado da religião dos hebreus, tal como o estudo dos livros de Moysés lh'o tinha feito conceber. Os rabbinos e os tamudistas a tinham sobrecarregado com um montão de ceremonias pueris. Esta observação o affectou profundamente; e não podendo dissimular a causa, a communicou ao publico n'um escripto a cuja publicação os rabbinos se oppozeram. Mas havendo sido divulgadas algumas das suas theses, creram dever responder a ellas por meio de uma refutação, cujo auctor foi o medico Samuel da Silva.

Provocado por um tal modo, Costa não pôde conservar-se em silencio, defendendo-se n'um opusculo publicado, primeiramente em portuguez e depois n'uma versão latina, sob o titulo de: *Exame das tradições pharisaicas conferidas com a lei escripta.*

Este escripto in-8.°, impresso sem indicação de anno em Amsterdam, mas que é de 1624, causou muita sensação. Costa já não se contentava com atacar os rabbinos, mas já negava a missão divina de Moysés, como tambem já tinha feito a respeito da missão divina de Jesus Christo, e chegou até, finalmente, a alguns commentarios ácerca de todos os livros historicos do *Antigo testamento*.

Notou-se que, n'um dos seus livros, Abarbanel, embora tivesse gosado muitas vezes da protecção dos reis, tinha manifestado opiniões muito republicanas. As obras d'este sabio israelita são escriptas em hebraico, e quasi todas foram vertidas para latim por Buxtorfio.

O *Perusch al Hattorah* (Commentario do Pentatheuco), foi impresso em Venezza no anno de 1579; *Le Perosch al Nebim Rishomim* (Commentario ácerca dos ultimos prophetas) e o *Perosch Nebim Acheroxim* (Commentario ácerca dos primeiros prophetas), appareceram na collecção de Soncini; Veneza, 1520, in-fol. O *Mashmia Jeshuala* (O prégador da salvação), collecção das prophecias relativas ao Messias, foi impresso em Amsterdam no anno de 1644, in-4.°; o *Rosch Amana* (Cabeça da Fé), explicando os principios da religião judaica, appareceu em Veneza no anno de 1545, in-4.°

Abarbanel era muito aferrado á crença de seus paes; mas embora não fosse isento de azedume nem de irritação nos seus escriptos, mostrou-se, todavia, benevolo nas suas relações com os christãos. Os judeus contam Abarbanel em o numero dos seus homens mais illustres.

Deixou dois filhos, dos quaes um tornou-se distincto na qualidade de medico e como litterato, por um poema italiano intitulado: *Dialogi d'amore*; o outro abraçou a religião christã. E o filho unico d'este publicou em Veneza, no anno de 1552, uma collecção de cartas hebraicas.

URRETA (FRAY LUYS DE ——).

Historia eclesiastica, politica, natural y moral, de los grandes y remotos reynos de la Etiopia, monarquia del Emperador, llamado Preste Juan de las Indias... compuesta por ——. Valencia, 1610, in-4.°

Historia de la sagrada orden de predicadores, en los remotos reynos de la Etiopia, &c.

URSIN.

N. R. af de Lusitania provintia romana. Helsingf., 1884. 150 pag.

USATO (L?).

Giustolaio di sue rencrenze. O sia Lettere sparse per l'Italia da Giusuiti nel tempo dell'attentato contra la vita del Re di Portogallo, con la risposta alle medesime. Napoli, 1768, 8.° 1 vol. de 56 pag.

V

«Tambem fui ás montanhas de Zitza, aldeia que tem um mosteiro grego no sitio mais bello que eu jamais vi, excepto Cintra em Portugal.

Lord Byron, *Cartas*.

V. J.

Models of letters in portuguese and english. Calcuttá, 1797.

VAL (MR. DU ——).

Description et Alphabet d'Espagne et de Portugal. Paris, 1660, 12.°

«A pag. 105 traz um catalogo dos nossos reis, em que se acha uma brevissima summa das suas acções[1]».

VALDERAS (EL LICENCIADO JUAN DE ——).— Natural de Benalcázar.

Admirable suceso, y verdadera enarracion en que se cuenta como una mujer natural de la Villa de Avero en Portugal se hizo hombre, y como tal se embarcò para Angola sirviendo a un grumete, y despues en Mazagan como soldado hizo muchas hazañas, hasta que, enamorada della una donzella, fué causa de se saber el secreto; es repartido esta obra en quatro Romances, y a la postre un Esparraman a la dicion en loor del Glorioso S. Juan Baptista. Compuesta por ——. Impresa con licencia, en Sevilla, por Bartholome Gomes, a la esquina de la carcel real. 4 pag. Em verso.

Bibliotheca publica de Lisboa.

VALENTIA (GEORGE, VISCOUNT ——).

Voyages and travels to India, Ceylon, the Red Sea, Abyssinia and Egypt, in 1802–1806. By ——. London, 1809, 3 vol.

---

[1] D. José Barbosa, *Catalogo chronologico dos reinhos de Portugal*, no *A quem quiser ler*.

VALENTINUS (JULIO CESAR ——).— Parocho em Carpineto, na Sabina.

Verteu para italiano a obra do nosso P. Manuel Rodrigues, intitulada: *Explicacion de la Bula de la Cruzada, con adiciones*. Panhormi, 1620[1].

VALERA (CYPRIAN DE ——).

Dos tratados; el primero es del papa y de su autoridad, colegido de su vida y dotrina. El segundo es de la missa. Iten, un enxambre de los falsos milagros con que Maria dela Visitacion, Priora de la Anunciada de Lisboa enganó a muy muchos; y de como fué descubierta y condenada. Londres, en casa de Ricardo del Campo (traducção do nome inglez de Richard Field), 1599, 8.° pequeno de 610 pag.

Tross vendeu um exemplar por 47 francos (em 1847), e Morante um por 230 francos.

Foi reimpressa esta obra em Londres no anno de 1851[2].

VALERA (D. JUAN ——).— Escriptor hespanhol.

Escreveu na *Revista Iberica*, de Madrid, varios artigos refutando as asserções ultra-belticosas de D. Pio Gullon. Madrid, 1862.

VALLARROEL (D. JOSEPH ——).

A la restituicion de Alcantara, por el Ex.mo Señor Marquès de Bay, romance heroico que ofrece a su Excelencia por precepto soberano.

Guerra da successão.

VALLE (PIETRO DELLA ——).

Des fameux voyages de ——, gentilhome romain. Paris, 1665.

Trata da India portugueza d'aquelle tempo.

Viaggi di ——, il pellegrino, con minuto ragguaglio di tutte le cose notabile osservate in essi, descritti da lui medesimo in 54 lettere familiari, da diversi luoghi della intrapesa peregrinatione, mandate in Napoli... Divise in tre parti, cioè, la Turchia, la Persia e l'India. Seconda impressione, con la vita dell'autore... Roma, 1658, 1662, 1663, 4 tomos.

Voyages de ——, gentilhomme romain, dans la Turquie, l'Égypte, la Palestine, la Perse, les Indes Orientales et autres lieux. Nouvelle édition. Rouen, 1745, 12.° 8 vol.

(A edição de 1614-1625 é traduzida pelos padres Et. Carneau e Fr. Lecomte.)

VALLEDOR (EVARISTO SAN MIGUEL Y ——).— Duque de San Miguel, grande de España de primera clase, gran-cruz de la real y distinguida orden de Carlos III, y de las reales militares de San Fernando y San Hermenegildo, etc., etc.

Historia de Felipe II, Rey de España. Por el Ex.mo Sr. D. ——. Segunda edicion, revista, corregida y reformada por su autor, y aumentada con su biogra-

---

[1] Nicol. Ant., *Bibliotheca Nova*, vol. I, pag. 355. (Edição de Madrid, 1783.)

[2] Deschamps et G. Brunet, *Supplément ou Manuel du libraire*, vol. II, pag. 831.

fa, juicio critico de la obra, y un estudio sobre la epoca de Felipe II. Barcelona, editor, Salvador Manero, 1867-1868, fol., 2.° vol. com estampas.

No paragrapho destinado no vol. II (pag. 450-453) a narrar a conquista de Portugal, é justo para com os portuguezes.

VALLERANGE (P.).

La palaiticiennes, alliance fédérale de la France, la Belgique, l'Angleterre, l'Espagne, le Portugal. Paris, 1865.

VANE, CH. W. (MARQUIS DE LONDONDERRY).

Histoire de la guerre de la Peninsule (a. 1808 et suivans). Paris, 1828.

A sixth voyage to Constantinople, by the Rhine and the Danube in 1820-1841, and to Portugal, Spain, in 1839. London, 1842, 2 vol.

VANDEN BUSSCHE.

Flandre et Portugal. Memoires sur les relations qui existèrent autrefois entre les flamands de Flandre et particulièrement ceux de Bruges. Bruges, 1872.

Idem. Bruges, 1872.

VARGAS (FRANCISCO DIAZ DE ——).

Discurso y memorio de la guerra de Portugal y sucesos della.

Alem das edições declaradas no primeiro volume de *Portugal e os estrangeiros*, existem ainda as seguintes:

Zaragoza, por Pedro Verges, 1644, 12.° de 99 pag.

Nicoláu Antonio falla de outra edição estampada em Zaragoza, apud *Domisinum de Portevaris.*

VARGAS (D. THOMAS TAMAYO DE ——).—Natural de Madrid, chronista mór das Indias, de El-Rei Filippe IV, e ministro no conselho de ordens, tem enobrecido pelas suas eruditas obras; ainda com o credito que deu aos pseudo-chronicões, se lhe não póde negar o muito que soube; falleceu a 2 de setembro de 1642. Entre a muita genealogia que escreveu, imprimiu em Madrid, em 1633, *Memorial por la casa y linage de Sousa*, a favor do conde de Miranda, comprovado nas margens com auctoridades e illustrado com annotações.

Restauracion de la ciudad del Salvador, baia de Todos Santos, en la provincia del Brasil, por las armas de Don Felipe IV, el gran rey católico de las Españas y Indias. Madrid, 1628.

Um exemplar, que pertencêra a J. B. Colbert, foi vendido na casa Tross, em 1873, por 79 francos.

VARIOS AVISOS *dels bons sucessos del Rey de Portugal, y disposicio de sos armadas de mar y terra; progressos y estat de las cosas de Alemania y Flandes.* Ab Llencia. En Barcelona, en casa de Pere Lacavalleria, any 1642.

VARNHAGEN (FRANCISCO ADOLPHO DE ——).—Barão de Porto Seguro. Escriptor brazileiro.

Historia geral do Brazil, isto é, do descobrimento, colonisação e desenvolvimento d'este Estado, hoje imperio independente, escripta em presença de muitos

documentos authenticos recolhidos nos archivos do Brazil, de Portugal, da Hespanha e da Hollanda, por um socio do instituto historico do Brazil, natural de Sorocaba. Madrid, 1854-1857, 4.º 2 tomos.

Amerigo Vespucci. Son caractère, ses écrits (même les moins authentiques), sa vie et ses navigations, avec une carte indiquant les routes, par A. de Varnhagen, ministre du Brésil au Pérou. Lima, imprimerie du *Mercurio*, 1865, fol.

Le premier voyage de Vespucci, définitivement expliquée dans ses details. Nouvelles recherches sur les derniers voyages du navigateur florentin, et le reste des documents et éclaircissements sur lui, avec les textes dans les mêmes langues qu'ils ont été écrits. Vienne, 1869, fol., 2-1 vol. de VIII-48 e IV-54 pag., enriquecido com numerosos *fac-similes*.

Acha-se n'esta publicação notavel uma chusma de documentos preciosos, escrupulosamente reproduzidos, entre outros o texto integral de Vianello, do qual Mr. de Humboldt apenas conheceu algumas linhas; tambem n'elle se encontra a reproducção da plaquetta de Dresde, a qual já se não póde achar: *Zeitung aus Presilig landt*».

O volume, para estar completo, deve ter a *Postface*, publicada em 15 de abril de 1869.

Examen de quelques points le l'histoire géographique du Brésil. Paris, 1858, 8.º

La verdadera Guanahani de Colon. Santiago (de Chili), 1864, 8.º, 16 pag. e um mappa.

Foi traduzido para allemão com o titulo seguinte: *Das wahre Guanahani des Colombus.* Wien, 1869, 8.º de 30 pag.

Os Indios bravos e o Sr. Lisboa, Timon 3.º, pelo author da Historia geral do Brazil. Lima, imprenta liberal, 1867, 4.º pequeno de 124 pag.

Sull' importanza d' un manoscrito inedito della Biblioteca imperial de Vienna, per verificare quale fu la prima isola scoperta dal Colomb, ed anche altri punti della storia della America. Vienna, 1869, 8.º

Cancioneirinho de trovas antigas, colligidas de um grande cancioneiro da Bibliotheca do Vaticano, precedido de uma noticia critica do mesmo grande cancioneiro. Vienna, typ. Imp. e Re. do Imperador e da Côrte, 1870, 8.º pequeno.

Ainda Amerigo Vespucci: Novos estudos e achegas, especialmente em favor da interpretação dada á sua primeira viagem, em 1497-1498, ás costas do Yucatan e golfo mexicano. Vienna, C. Gerold, 1874, fol.

L'origine touranienne des américains tupis-caribes et des anciens égyptiens, indiquée principalement par la philologie comparée; traces d'une ancienne migration en Amérique, invasion du Brésil par les tupis. Vienne, Faezy et Frick, 1876, 8.º de XVII-158 pag.

VASCO DA GAMA. *Poëme lyrique, par Monsieur le Comte Crémont. Manuscrit français.*

VASCONCELLOS (CAROLINA MICHAELIS DE ——).

Francisco de Sá de Miranda. Poesias. Edição critica feita sobre cinco manuscriptos ineditos e todas as edições impressas. Acompanhada de um estudo sobre o poeta, variantes, notas, glossario, um retrato e cinco fac similes, por ——. Halle.

VASLET (LUD. ——).

Regulae Syllaborum quantitate: nec non metrica, Ex. Grammaticae patri Emmanuelis Alvarez e S. J. Opera ——. Lendini, 1730, 8.º

VATTEMARE (H.).

Vase du Gaua, par ——. *Livre de lecture à l'usage des écoles et de la classe préparatoire des lycées et collèges.* Paris, librairie Hachette & Cº, 12.º de 36 pag. com estampas.

Faz parte da collecção da *Bibliothèque des écoles et des familles.*

VAXEL (PLATÃO ——).

«Na sua these de doutoramento sobre os exercitos de invasão, este distincto pensador define admiravelmente a acção que sobre o direito das gentes exerceu o nosso insigne publicista Silvestre Pinheiro Ferreira, fazendo conformar os velhos usos bellicos com a comprehensão da justiça, e sobretudo excluindo das modernas práticas internacionaes o chamado direito de represalias[1].»

VEDRA (LUIS BRETON Y ——).

Salvo, Regia Beldad![2]

Ya sois de Portugal! Ya vuestra frente
Los rayos de su cielo esplendoroso
Iluminan y alhajan dulcemente
De las auras el beso cariñoso.

Excelsa, pura, candida y lozana
Del Tajo vais á ser la flor más bella;
Lisia para acogeros se engalana
Y de jasmines cubre vuestra huella.

¡Oh cuanto bienhadada si el futuro
La memoria os guardare de este dia!
Extranjero cantar, al pueblo auguro
En vos la nueva luz que Dios le envia.

Idolo ya del Lusitano suelo,
Mitad del alma de su Rey amante,
Vais á calmar tan generoso anhelo
Quando la fama vuestra gloria cante.

El lloro que enjugueis, perla divina,
Será de vuestra fulgida diadema,
Cifra veraz que ostente peregrina
Tan dulce nombre, de bondad emblema.

---

[1] Apontamento fornecido pelo sr. dr. Theophilo Braga.

[2] Esta esta poesia escripta por occasião do casamento de SS. MM. D. Luiz com D. Maria Pia de Saboya.

El sin ventura huerfano, el anciano,
La viuda llorosa, desvalida,
Tendrán alivio en vuestra nivea mano,
Recompensa feliz de esta acogida.

Salud, Regia Beldad! cual rubia aurora
Descollando entre nácares serena
De esperanzas el animo atesora
Tal aromais de mil encantos llena.

Que las flores os den su puro aliento,
Las auras sus más graciles suspiros,
El avecilla con su vario acento
Mil arrullos de amor en dulces giros.

Y al depener colmado de alegria,
Bardo sin nombre, esta humildosa ofrenda
No desecheis su debil armonia,
Pues de la voz del corazon es prenda.

VEERSEN (T. VAN ——).— Docteur en droit.

Dom Louis, Roi d'Espagne et de Portugal, par ——. Paris, libraírie internationale Lacroix Verbockhoven et C, éditeur, 1868, 8.º de 32 pag.

Defende a candidatura de D. Luiz para rei de toda a Peninsula.

VEGA (GABRIEL LASSO DE LA ——).— Natural de Madrid.

«Compoz diversas obras, que refere na *Bibliotheca hispanica* D. Nicolau Antonio. Entre as manuscriptas deixou: *Origen de los Reyes de Portugal y Jerusalem*; Franckeneau, na *Biblioteca genealogica*[1].»

VEGA (GARSIAS LASO DE LA ——).

Historia de la Florida y jornada que a ella hizo el Governador Hernando de Soto. Lisboa, em casa de Craesbeck, 1695.

Foi esta obra traduzida em francez pelo P. Richelet, e publicada em Paris, 2 vol., por Gervazio Gouzier, 1670[2].

VEGA (D. JOSÉ LOPEZ DE LA ——).

Un recuerdo á Camões.

«Encomio a Camões, devido a D. José Lopes de la Vega, n'um escripto seu de 1857, composto de artigos litterarios em prosa e verso. Tem por titulo, *Santa Cristina de Valeize*; e foi impresso em Pontevedra, na Galliza, na typographia da Viuva e Filhos de Varea, 4.º». Pereira Caldas, *Encomio a Camões*, n'uma poesia hespanhola de D. José Lopes de la Vega. Braga, 1881.

---

[1] D. Antonio Caetano de Sousa, *Historia genealogica da casa real portugueza*, vol. I, pag. CCX.

[2] Nicol. Ant., *Bibliotheca Nova*, vol. I, pag. 514.

Al Dr. José Francisco de Miranda, de Valencia de Minas.

(Pour juger des poètes il faut savoir sentir; il faut être né avec quelques étincelles du feu, qui enfin ceux qu'on veut connaître.—Voltaire.)

To patria de ser célebre dejára,
si tu no hubieses sido *luminoso;*
ni hubiera quien *sus glorias* recordára,
faltándole *tu, numen sobrehumano.*

Ni *luz,* ni *heroicos hechos* ornarian
la *tierra* de *Hercolano* y de *Castello,*
y a *tu suelo natal* jamas darian
tanta gloria inmortal y tanto brillo.

. . . . . .
. . . . . .

Un nombre! quien dijera la *historia*
de un *pueblo* para siempre inmortalisa?
quien pensa, que de *un hombre la memoria*
de un *pueblo* las *laureles eterniza?*

Sin *Horacio* y *Caton,* que fuera *Roma?*
qué *Grecia?* sin *Virgilio* y *sin Homero?*
La gloria de los pueblos nunca asoma,
si el *heroe* en recordarla no es *primero!*

Si llega á *desgraciarse — le reprende;*
si *lauro* gana altivo — le *bendice:*
sus penas y *dolores* el comprende:
sus horas de baldon sabio predice.

Miseria humanidad! . . . de ti que fuera,
que fuera — si el poeta te faltára?
Nadie su *alabanzas* jamás tuviera,
si el *oro* por la *fama* despreciára! . . .

. . . . . .
. . . . . .

Pobre Camoens! que instantes de *amargura,*
de llanto y de *dolor* habrás sufrido! . . .
Quien, *dime,* más que Antonio *tu tristura*
amante ha consolado y comprendido? . . .

Un sultano! que el *mundo* con *desprecio*
miraba, y solo tu *su consejo* fuiste;
de quien has recibido en el *destierro*
el *pan* — si — *negro pan* que allí comiste.

. . . . . .
. . . . . .

Vendeme el capacete, *Antonio amigo*,
que el *resto* es ya — no más — de mi fortuna!
Tened *por Dios* — señor — que si yo abrigo,
y no darán por el *cosa ninguna!*...

Muramos pues! que vale la *existencia*,
viviendo entre *hombres perfidos* ó impuros?...
SEÑOR! — AUN PUEDE HAVER QUIEN LA CLEMENCIA
con vos quisiera ejercer!.. *tristes apuros!*

.....
.....

Qué *buscamos* aquí?... puede encontrarse
un duradero *instante* de placer? ..
puede *feliz* el *hombre* reputarse
con los *recuerdos* de su *triste ayer?*

Que buscamos aquí?... no es *nuestra vida*
una *arista fugaz* que lleva el *viento*
trás una otra *ilusion desvanecida*,
más *leve* que el *girar* del *pensamiento?*

POBRE CAMOENS! *tu lapida* regara
de *perlas*, si *mis lágrimas* lo fueran;
y entonces *solo asi* le tributara
recuerdos que la *musa* enriquecieran.

De *flores* yo ornaré esa *triste lapida;*
plegarias al SEÑOR elevaré!...
y mientras tenga *ardor mi vida rapida*,
TU NOMBRE CON RESPETO INVOCARÉ!

Tuy, Junio, 1855.

DON JOSÉ LOPEZ DE LA VEGA.

«Em 1858 tivemos largo convivio epistolar con D. José Lopez de la Vega, era elle então o secretario do *Provenir Hispano-Lusitano*, em Vigo, na Galliza.

«O director d'este decennario — revista de commercio, industria, vias ferreas, telegraphos e litteratura — era D. Francisco Tenreiro y Montenegro.

«N'este decennario — illustrado com xilographias — dava-nos specimens dos nossos poetas, umas vezes por outras, o nosso dulcissimo amigo.

«No fecho de cada especimen aquilatava-nos cada poeta nosso com o seu estro hispano-americano.

«No n.º 2 — 20 de abril — dá-nos a *Adormecida*, de Palmeirim, com este aquilatamento: «Palmeirin és el poeta más popular del vecino reino; és el Béranger portugués. Su estilo, és correcto; su inspiracion, animada; su vena, inagotable; su ternura, indefinible.»

«No n.º 3 — 30 de abril — dá nos a *Violeta*, de João de Lemos, com este

aquilatamento: «João de Lemos é «l Arnao español; algo dado á imitar los poetas alemanes, pero de una inspiracion valiente — de grandes pensamientos — fecundo como Zorrilla, y elegante en la diccion como Martinez de la Rosa. Portugal no tiene un poeta que cante con tan melancolica dulzura.»

«N'este mesmo n.º 3 dá-nos ainda um specimen do nosso Castilho, no *Canto da manhã*.

«Em *fundamentos d'aquilatação* — annexos a este specimen — ajuntam-se estas palavras: «Tendremos ocasion de hablar — como corresponde — acerca de este *encantador poeta lusitano*, llamado con razon el Homero portugués, cuyas obras, por si solas, bastarian para hacer figurar á Portugal entre los pueblos más ilustrados del mundo.

«No n.º 6 — 30 de maio — dá-nos ainda de Castilho um novo specimen, no *Castro no florir das arvores*.

«No n.º 9 — 30 de junho — acha-se uma bella poesia, endereçada a *Valença do Minho*, em homenagem a um «ornamento excelso» d'esta villa: contemporaneo nosso na *universidade de Coimbra*, e alumno alli, como nós, nas faculdades de mathematica, philosophia, medicina e cirurgia.

«Referiu-nos ao dr. José Francisco de Almeida, a quem D. José Lopez de la Vega endereça tambem o *Encomio a Camões*.

«Eis aqui o começo d'este *Encomio a Valença*.

Salve! Salve! diamante brillantino
De orillas de ese Miño celebrado!
Bello fanal que alumbras el camino,
Al misero y sediento peregrino,
Que vaga por tus campos estraviado!
Pareces al lucero de alta zona,
Que alegra el corazon con su fulgor;
y perla que incrustada en la corona
De mágica y lindisima amazona,
Aumenta su atrativo seductor.»

(Pag. 13.)

«No n.º 10 — 10 de julho — detem-se D. José Lopez de la Vega com o nosso poeta, deliciando-o uma poesia navioia.

«Tem essa poesia por titulo *El Ciego* (Ao ill.mo sr. Antonio Feliciano de Castilho, poeta egregio de Portugal), e começa com estas duas estrophes:

Cuando la luz de la vida
alumbraba mi camino;
y cual planta bendecida,
vi mi juventud querida,
halagada del destino;

No como ahora paralo
del campo sin ver las flores,
ni á la vista se ocultaba
el astro que las besava,
con sus dorados fulgores.

«No n.º 11 — 20 de julho — torna-se a fallar de Castilho, quando se trata especialmente de Garrett.

«No n.º 12 — 30 de julho — torna-se a fallar ainda de Castilho, quando se allude especialmente a Mendes Leal.

* * *

«A *Discreta Vingança*, que eu me proponho a analysar[1], é a primeira comedia do vigesimo volume; é uma composição historica e nacional, e em todo o theatro hespanhol é sempre este o genero que me parece ter um merecimento mais verdadeiro.

«A scena passa-se em Portugal, durante o reinado de Affonso III (1246 a 1279); o principal personagem é D. João de Menezes, que foi o favorito d'este rei, e que teve de se defender contra as mais negras intrigas dos cortezãos invejosos. No começo da peça vemol-o com o seu escudeiro, Tello, esperando ao sair da igreja sua prima D. Anna, da qual se acha apaixonado. Seu rival, D. Nuno, alli chega por sua vez com seu amigo D. Ramiro, com o mesmo fim de fazer sua côrte.

«A dama apparece á porta da igreja; deixa ella, por descuido, caír sua luva; ambos se precipitam para a apanharem; disputam-n'a um ao outro, medem-se com os olhos; vão desafiar-se; mas D. Anna, para evitar um duello, decide contra seu primo a favor de Nuno, de quem ella não gosta. Depois de ter separado a ambos, volta para a igreja com o fim de se justificar para com Menezes, e para lhe fazer sentir que ella não pareceu preferir seu rival senão com o fim de evitar um desafio perigoso. Esta scena, que serve de exposição, é destinada para nos fazer conhecer ao mesmo tempo o amor ditoso de Menezes, sua disposição ao ciume e a rivalidade de Nuno.

«A segunda scena representa o conselho d'estado do rei D. Affonso. Nas peças inglezas e hespanholas não é a entrada de um novo actor que faz uma scena, mas sim a reapparição dos personagens, sem ligação com a scena que a precede. Affonso foi elevado á corôa de Portugal por um partido que tinha deposto a D. Sancho, seu irmão, principe negligente, voluptuoso e incapaz de reinar. Tinham casado Affonso com uma princeza franceza (Mathilde, herdeira do conde de Bolonha); contava ella cincoenta annos, ao passo que seu marido ainda era novo; não tivera filhos d'ella, nem os esperava ter; por isso desejava divorciar-se d'esta princeza, que o não tinha acompanhado a Portugal.

«A rasão d'estado, o desejo de segurar a successão á corôa; por outra parte, os direitos da condessa e o reconhecimento que lhe deve Affonso, são discutidos n'este conselho com muita nobreza.

«Vasco, Nuno e Ramiro movem o rei a pedir ao papa Clemente IV um divorcio, que este lhe não podera recusar.

«D. João de Menezes, pelo contrario, quer que elle reparta os gosos da realeza com a mulher, a quem deveu a subsistencia, quando não tinha estados.

«Affonso põe fim a discussão, que principiava a azedar-se, entre Nuno e Menezes; não conserva comsigo senão a este ultimo, do qual tinha ja experimentado

---

[1] Sismonde de Sismondi, *De la littérature du Midi de l'Europe*, Paris, 1837, vol. II, pag. 314.

a fidelidade nos tempos de maior desgraças, annuncia-lhe que está decidido não attender ao divorcio, mas a desposar Beatriz, filha de Affonso X de Castella, que lhe offerece em dote o reino dos Algarves. Escolhe a D. João por embaixador a corte de Sevilha; manda-lhe que parta n'essa mesma noite, e que guarde o mais profundo segredo. D. João confessa com franqueza que só com pezar e que se afasta de sua prima Anna de Menezes, no momento em que elle a disputa a um rival que fi'a pôde arrebatar, e Affonso promette immediatamente encarregar-se dos interesses do seu amigo, e de elle proprio vigiar a Isella de D. João. Esta não se fia tão exclusivamente, que não ordene ao seu escudeiro, Tello, de vigiar durante a noite, em volta da casa da sua namorada. Todavia guarda religiosamente o segredo que lhe é confiado, e parte sem se despedir de D. Anna, faltando n'essa mesma noite, sem a prevenir, a uma entrevista que ella tinha combinado com elle.

«Não era, pois, sem motivo, que Menezes tinha recommendado a Tello que vigiasse durante a noite; Nuno, Ramiro e seu escudeiro, Rodrigues, approximaram-se da casa de D. Anna; era a hora que ella tinha marcado a D. João, e suppõe-se tomando Nuno por elle; mas Tello, que os espreita, consegue por meio de um artifício saber seus nomes. Como são tres contra um, não os ataca ainda. Emquanto os observa de longe, o rei, que pretende cumprir sua promessa, e ter os olhos abertos sobre a namorada de D. João, apparece no fundo d'esta mesma rua. Tello, sem o reconhecer, dirige-se a elle para lhe pedir soccorro, e esta scena representa um excesso de cavallaria, que, apesar de ser extravagante, tem, no entanto, um caracter de verdade mui original.»

VEGEZZI (G.).

Notizie intorno agli scritti di M. M. Barbaa del Bucegà. Torino, 1831.

VELASCI (VELASCO ——). — Ferdinandi utriusque juris consulti.

Illustrissimi Regis Portugalliae oratoris ad Innocentium octavum pontifex maximum de obedientia oratio. Romae, 1485, 4.º de 8 pag. Gothico.

Vendeu-se em 1862 um exemplar por 80 francos.

«Acha-se n'este opusculo a primeira menção das grandes descobertas dos portuguezes na Africa e nas Indias[1].»

VELASQUEZ.

La entrada que en el Reyno de Portugal hizo la S. C. R. M. de D. Philippe. Lisboa, 1583, 4.º

VELASQUEZ (D. LUIS JOSEPH ——).

Geschichte der Spanischen Dichtkunst. Uebersetzt und erläutert v. J. A. Dietz. Göttingen, 1769, 8.º de 352 pag.

Parte I, cap. v. *Die portugiesische Dichtkunst.* Supplemento, pag. 526 a 538, Luiz de Camões.

VERGLARINGHE *vande eere te beginnen der Latynsche tale, Woor de verhandelt wordt 't gheen meest moeylijk is om de goede beyt der eerste Schole.*

[1] Bruchmann (C. G. Ernesti), *Supplemento ao Manual da Librería de Brunet*, vol. v, pag. 927.

onder de bestieringhe van de Societeyt Jesu. Tot Antwerpen, by de Weduwe van Henricus Thiemtier, anno 1723, 8.º de 135 pag.

É uma especie de supplemento á *Grammatica latina* do P. M. Alvares.

VERDADES *solidas, acrisoladas en la lealtad española que ofrece un fiel vasalo, á honra y gloria de Dios, N. Señor y de N. Catolico Monarca D. Felipe V.*

VERDIER.— Historiographo de Luiz XIV, Rei de França.

Abrégé de l'Histoire d'Espagne, contenant l'origine des Espagnols, leurs guerres contre les Romains, les Cartaginois, et autres nations, l'invasion des Maures, la resource des Chrestiens, la naissance et le progrès des Royaumes d'Oviedo, de Leon, de Navarre, de Castille, d'Aragon, de Portugal, de Grenade et autres Principautés, recueillie et divisée en deux parties, par le sieur de ——. Historiographe de France. Paris, chez Estienne Lasson, 1663, 2 vol.

VERGARA (R. G.).

Los descubridores del estrecho de Magallanes y sus primeros exploradores. Parte II, 1553-1554 e 1584, e parte III, 1579-1580. S. Thiago, 1580-1582.

Los descubridores del estrecho de Magallanes. Parte II, 1553-1584.

VERIDICO ESPAÑOL (EL ——). Lisboa, en la imprenta real, año 1812.

O n.º 1 tem a data de 2 de novembro de 1812.

O exemplar que vi tinha apenas nove numeros; ignoro se ha mais.

O jornal era destinado a dar noticias da guerra e a incitar os hespanhoes contra os francezes.

VERGIER (MONSIEUR ——).

Juan (D.) et Isabelle. Nouvelle portugaise, par ——. 1731, 8.º de 63 pag. Sem logar de impressão.

VERHEYEN (PHILIPPO ——).— In celeberrima Universitate Lovaniensi, Artium et Medicinae Doctore, Anatomiae et Chirurgiae Professore Regio.

Vera Historia de horrendo Sanguinis fluxu ex oculis, naribus, et ore Reverendi Patris Joannis Baptistae Onraet Societatis Jesu et de miraculosa ejusdem sanatione per intercessionem sancti Francisci Xaverii Societatis Jesu Sacerdotis, Indiarum et Juponiae Apostoli. Cum annotationibus brevique discursu de essentia miraculi et de cultu SS. Authore ——. Lovanii, apud Michaëlem Zangrium[1].

Trata-se de um milagre attribuido a S. Francisco Xavier, e é bom que se veja de que assumptos tratava, por aquelle tempo, o *Journal des Sçavans.*

VERJUS (P.).

Este padre dizia de D. Pedro II: «O rei todos os dias depois de jantar vae estar com sua mulher, e quasi que não póde ficar sem a ver. Tem tido condescendencias para com ella, que nunca se tiveram senão para com as pessoas que são muito amadas; e como a paixão que tem para com ella é a mais justa e a mais racional que se possa ter, podemos tambem asseverar que elle nunca a teve

[1] *Journal des Sçavans*, 2 de dezembro de 1709.

mais forte. E tanto mais provavel que ha de ser duradoura, quanto a rainha, pela sua parte, está enternecida dos cuidados e da afflicção do rei, e procura não ter nenhuma condescendencia para com elle, do que o rei tem para com ella. Os que tratam o conhecem estão muito persuadidos de que ella tem já muita influencia sobre seu espirito, e que mais tarde ha de ter influencia inteira[1].»

VERNEII (ALOYSII ANTONIO ——).— Equitis Torquati Archidiaconi Eborensis.

De Re Metaphysica ad usum Lusitanorum adolescentum. Libri Quatuor. Romae, concinnati, ex typographia Generosi Salomonii in foro S. Ignatii. 8.° de xxxii-250 pag.

De Re Logica ad usum Lusitanorum adolescentum. Libri sex. Editio tertia emendatior. Olisipone, 1762, ex typographia Michaelis Roderici, Eccl. D. Card. Patriarchae Typographi, 8.° grande de xxx-362 pag.

Apparatus ad Philosophiam et Theologiam ad usum Lusitanorum adolescentum. Romae, 1751, ex typographia Palladis, apud Nicolaum et Marcum Palearinos. 8.° grande de xv-536 pag.

E dedicada a El-Rei D. José.

«*Titulus opus meum judicio ac fide conscriptum, vastissimaque nec ea vulgari eruditione ornatum est*», diz o abbade D. Felix Maria Nerini, na approvação d'esta obra.

E o veneziano Fr. João de Lucca, accrescenta: «*Continne tot rerum gravissimarum dispositio, et Auctoris ingenium, eruditionem, judicium, studiumque Sanctissimae Religionis in aspectum profert.*»

De Orthographia Latina ad Discipulos Fratrem liber singularis. Romae, 1747, typis Generosi Salomonii in Platea Sancti Ignatii, 8.°

Aloysii Antonii Verneii P. C. J. C. et T. D. Archidiaconi Eborensis de Conjungenda Institutione Philosophiae cum Theologia Oratio ad Academiam Theologicam habita in Romano Archigymnasio XIV Kal. Dec. 1746. Romae, 1747, typis Joannis Generosi Salomonii in Platea S. Ignatii, fol. de xx pag. Superiorum permissu.

Aloysii Antonii Verneii Equitis Torquati Archidiaconi Eborensis in funere Joannis V. Lusitanorum regis Fidelissimi Oratio ad Cardinales. Sem data nem logar de impressão, fol. de xxiii pag.

Grammatica Latina tratada por um methodo novo, claro e facil, para uso d'aquellas pessoas que querem aprendel-a brevemente e solidamente. Terceira edição, mais emendada. Lisboa, na regia officina typographica, anno 1775.

Grammatica latina, tratada por um methodo novo, claro e facil. Para uso d'aquellas pessoas que querem aprendel-a brevemente. Traduzida de francez em italiano e de italiano em portuguez. Barcelona, 1758. 8.° grande de xiv-274 pag.

VERTOT (M. L'ABBÉ DE ——).— De l'Académie des Inscriptions et Belles-Arts.

Révolutions de Portugal. Troisième edition, revue et augmentée. A Paris, chez Nyon, 1739, vi-342 pag.

«Les Portugais, nation brave, courageuse et impatiente du joug étranger.»

---

[1] M. Francisque Michel, *Les portugais en France et les français en Portugal*, pag. 48.

É obra mui conhecida. Porém, o que não é mui conhecido é que Luiz de Bourgoin foi quem terminou esta obra, e não Vertot.

Révolutions de Portugal. Nouvelle édition, revue & augmentée. A la Haye, chez Pierre Gosse Junior, 1756, 12.° de XII-257 pag.

Histoire des révolutions de Portugal. Amsterdam, 1722.

3.ª edição, Paris, 1728; 4.°, Paris, 1737.

Reimpressão, par Dubois: Paris, 1743, Paris, 1768; Paris, 1785; Paris, 1830.

Em inglez: 4.ª edição, Londres, 1735; Glasgow, 1758.

Em italiano, par le Febre: Londra, 1808.

Hespanhola, por Pagès: Paris, 1825.

Historia de las revoluciones de Portugal, traduzidas en lengua castellana. Leon de Francia, 1747. in-12.°

VERZEICHNISS *der Werke lebender Künstler auf der LXI. Ausstellung der Kgl. Academie der Künste zu Berlin.* Berlim, 1883, 164 pag., 8.°

«Noticia ácerca da pintura de Ernst Slingeneyer, em Bruxellas: «Der Schiffbruch des Camoens«, e conjunctamente a critica d'esta pintura, por R. S. no *Berliner Tageblatt,* 1883.» (Pag. 103.)

VESPUCCI (AMERIGO ——).

Lettera di Amerigo Vespucci delle isole nuovamente trouate in quattro suoi viaggi. In-4.°, 16 folhas de quarenta linhas em caracteres romanos. As tres ultimas linhas do verso da ultima folha, dizem: *Data in Lisbona a di 4 di septembre 1504, servitore Amerigo Vespucci in Lisbona.*

«Esta traducção italiana da carta de Vespucio é de uma raridade extrema; o *British Museum* possue o exemplar do hon. Thomas Grenville. (*Cat. Bibl. Grenvil.,* pag. 764.)

Um exemplar, muito bem conservado, figura no 4.° catalogo de *Hermann Tross,* pelo preço de 9:000 fr., realmente extraordinario.

O exemplar de M. Tross, como o de Rich. Heber, possue, em seguida as 16 folhas da carta de Vespuccio, a primeira carta de Andréa Corsali. Peignot fez d'este Corsali um logar tenente de Vespucio; diz que tomou o commando da frota depois da morte d'este, etc. Tudo isto testemunha a favor da imaginação do excellente Peignot. Corsali e suas narrações nada têem de commum com a America nem com Vespucio; suas duas cartas devem ter entrada na *Bibliothèque Asiatique.*

Alberic' Vespucci' Laurētio | petri francisci de Medicis Salutem plurimā dicit. | Sem logar nem dia de impressão. (Paris, Felix Baligault et Jehan Lambert, pelos annos de 1502), 4.° pequeno, 6 folhas, caracteres romanos, o verso da ultima folha em branco; quarenta linhas cada pagina. A sentença: «*dex italiana* (sic)...» está no fim do texto.

Mundus nouus | (depois a marca de Denys Rose). No verso do titulo: *Mundus nouus | de natura morib' et ceteris ad ge | neris gētis q m nouuo mūdo epi 3. in | pēsis serenissimi portugallie regis | superioribus annis inuēto Alberi | cus Vespū | tius Laurētio petri de Me | dicis Salutem plurimam dicit.* 12.°, de 29 linhas por pagina.

Um exemplar imperfeito, contendo sómente 11 paginas, e que pertencêra a

M. Libri, foi vendido em Londres, em junho de 1865, e adquirido pelo *British Museum*.

M. Harrisse, na *Bibliotheca americana* e nos *additamentos*, descreveu um numero consideravel de edições d'este folheto tão precioso.

A edição, que M. de Avenac adopta como primeira, é a de *Paris, Johan Lambert*, que M. Brunet já assignalava como parecendo ser anterior a todas as outras.

A primeira edição, descripta no *Manuel*, e em Harrisse (*Bibl. Americ.*, 22), é apresentada por este como tendo 40 linhas por pagina, e comsara M. Brunet por lhe attribuir 42. É provavel que a edição seja differente; a que foi descripta no *Manuel* tem, com effeito, 42 linhas, o que se póde verificar no exemplar do *British Museum*, o qual provém de Grenville.

Mundus Novus. | *Albericus Vespucius Laurentio* | *Petri de Medicis salutem plurimam dicit.* Sem logar nem data. 4.º pequeno de 8 paginas, com 42 linhas cada uma; gothico.

M. Harrisse (*Bibl. Americ.*, n.º 23), declara que um só exemplar (*in a private library in New-York*) é conhecido; alem d'este exemplar de M. Lenox, dá noticia de um outro, pelo qual M. Quaritch pedia 100 libras em fevereiro de 1879.

Eis os preços que obtiveram diversas edições de Vespucio ha quinze annos:

Binerrimus Portugallensis... (Mediolani), anno 1508, in-fol. 5 libras, 5 shillings; Libri, 40 thalers 5 ng., Sotzlewski.

Mundus Novus. No fim: *Mayntzer Johann Otmar: Vendlitte imprimit Augusti* | *Anno millesimo quingentesimo Quarto.* | Gothico, 4 folhas in-4.º (Harrisse, *Bibl. americ.*, n.º 31.) Marcam o preço de 1:500 francos, no *Cat. Fontaine* de 1876, a um exemplar d'este folheto precioso.

Le Nouveau Monde et Navigations faictes p Emeric de Vespuce florentin. Paris, Galiot du Pré, sem data (1516), 4.º, gothico. O exemplar Eyries, 100 thalers. Sotzlewski, exemplar muito remendado.

Seensyt le Nouveau Monde & Navigations .. traduite par Matthieu de ruhmer... Paris, *Denis Janot*, sem data, 4.º, gothico. Se esta impressão é do primeiro Denis Janot, é provavelmente anterior á de Galiot du Pré, que só foi receiado por imprimir em 1512. O exemplar Ch. Nodier, 1:105 francos, Yemeniz.

Seensyt le Nouveau Monde et Navigations faictes par Emeric de Vespuce, Florentin, des pays et isles nouvellement trouvez esquelles il a esté iusques tout en ethiopie q Arrabie, Calichut, et autres plusieurs régions estranges, translate de latin en langue françoise par Matthieu du Ruhmer. Cy finist le livre intitulé le Nouveau Monde et Navigations de Alberic de Vespuce. Imprimé nouvellement à Paris, sem data, 4.º de IV-LXXXVIII paginas numeradas. Edição não citada. Um exemplar foi vendido por 200 francos.

Paesi nouamente ritrouati, et Nouo Mondo da Alberico Vespucio Fiorentino intitolati. Stampato in Milano... *ouera et industria de Jouanni Angelo Scinzenzeler, nel mcccccxvii*, 4.º | letra romana. O exemplar Nodier, 1:750 francos, Yemeniz, 2:045 francos. Poller.

Um exemplar da edição original de *Varnhagen, Amerigo Vespucci*, 1907, 4.º pequeno, figura no *Catalogo Quaritch*, de 1878, e este celebre livreiro pedia 140 libras por este livro raríssimo.

Paesi nouamente retrouati... Et de Albertuto (sic) Vespucio Fiorentino intitolato Mondo Nouo. Stampata in Venetia, per Zorzi de Rusconi milanese, 1517, 8.º, com duas columnas de 124 folhas. 40 thalers, Schulewski.

Paesi nouamente trouati... Venezia, Z. de Rusconi, 1521. 8.º pequeno. Um exemplar em pessimo estado, 26 thalers, Schulewski.

VIAGEM *de Goa a Bombaim, por Luiz Miguel de Abreu.* Nova Goa, 1875.

VIAGGI *fatti da Vinetia alla Tana, in Persia, in India et in Constantinopoli: con la descrittione particolare di città, luoghi, siti, costumi, et della Porta del gran Turco: e di tutte le intrate, spese, et modo di governo sua della ultima impresa contra Portoghesi.* In Vinegia, 1543, 8.º

VIAJE *de SS. MM. y AA. á Portugal, en Diciembre de 1866.* Madrid, imprenta e estereotypia de M. Rivadeneyra, 1867, 8.º de VIII-284 pag.

«Portugal, erigindo-se em monarchia pelo meiado do seculo XII, cumpre, talvez, um destino mysterioso, e contribue para os grandes fins da Providencia, o adoravel plano do alto, a que a vaidade moderna chama philosophia da historia. Nas guerras contra os infieis, na exaltação do nome christão, nas viagens a remotos mares, no descobrimento de terras longinquas, na propagação da luz da verdadeira civilisação por paizes que jaziam nas trevas e na sombra da morte, a monarchia portugueza, no tempo que medeia desde Affonso Henriques até ao tremulo e decadente D. Henrique, o Rei purpurado, ostenta á face da Europa e do mundo uma serie tal de façanhas e tantos e tão legitimos titulos de gloria, que todas as nações reconheceram quão digna era de ser independente e respeitada, a que, de modestos principios, tinha sabido chegar a maravilhoso engrandecimento.»

* *

«Compunham a regia comitiva as damas de S. M., grandes de Hespanha, marqueza de Novaliches, aia de SS. AA., a condessa de Puñonrostro; as senhoras D. Fanny Erskine de Calderon de la Barca, ajudante da aia de S. A. R. a infanta D. Maria Izabel, e D. Cristina Sorrondegni, açafata de S. M.; o conde de Puñonrostro, chefe superior do palacio; o general marquez de Novaliches, mordomo de S. A. R. o Principe das Asturias; o gentil-homem, grande de Hespanha, Señor de Roubianes; o reverendo D. Antonio Claret, arcebispo de Trajanopolis, confessor da Rainha; os gentis-homens D. Izidro Losa e conde del Pilar, o inspector geral de gastos e officios da casa real, D. Atanasio Oñate, o marquez de San Gregorio, primeiro medico da camara de S. M.; os generaes Belesta e Fitor, e o ajudante de ordens coronel Quadros; o presidente do conselho de ministros e o capitão general Narvaez, duque de Valencia; ministro d'estado, o general D. Eusebio Calorige, e o ministro do fomento D. Manuel de Orovio, formando tambem parte da comitiva o conde de Avila, ministro plenipotenciario de Portugal na Hespanha, com seu secretario; o director geral das obras publicas, D. Martin

Bétida; o director geral de instrucção publica, D. Severo Catalina; o de administração no ministerio da governação, D. Francisco Batella; o dr. Amero, medico consultor da real camara; os officiaes da secretaria da guerra, estado e fomento, Prendergast, Rosta e Salando; os ajudantes do duque de Valencia, Barbara e Lora; o inspector da linha e alguns empregados e varios individuos da administração dos caminhos de ferro.

«A Rainha de Hespanha, seu marido e seus filhos, o Principe das Asturias e a Infanta D. Maria Izabel, entraram no caminho em Madrid, pelas nove horas da manhã do dia 9 de dezembro de 1866.»

O auctor espraia-se em altisonosos elogios pela maneira como o povo hespanhol acolheu a Rainha por onde ella passava no seu caminhar para Portugal.

Era um verdadeiro delirio! No auge do seu jubilo punham-se de joelhos! Passado algum tempo teve de se acolher a um paiz estrangeiro, e eis o que faz o povo: hoje adora, ámanhã apedreja.

«A Mancha, diz o auctor, demonstrou que póde ir e iria por sua Rainha até ao heroismo, porque a inspira o enthusiasmo. Extremadura demonstrou que póde ir e iria por sua Rainha até ao martyrio, porque seu amor a leva quasi á adoração!» (Pag. 113.)

Foi a Rainha de Hespanha recebida em Elvas pelo infante D. Augusto, acompanhado dos ministros dos negocios estrangeiros, da marinha e da justiça, do marquez de Fronteira, D. Manuel de Santa Iria, general Passos, governador civil do districto de Portalegre e seu secretario, administrador do concelho de Elvas, camara municipal, general de divisão, visconde de S. Thiago, governador da praça, procurador regio, director e empregados da alfandega, vigario capitular, e por varias outras pessoas.

A Rainha chegou a Lisboa no dia 11 de dezembro, pelas tres horas da tarde.

«No es facil dar una idea cabal del aspecto que ofrece la ciudad de Lisboa, y de la impresion que produce en quien por primera vez se acerca á visitarla. Aquel inmenso anfiteatro, que se pierde en las alturas; aquella multitud de jardines y de quintas; y sobre todo, aquel Tajo admirable, cubierto de barcas y lanchas de todas clases, aquella inmensa llanura de agua, en cuyo lejano aquesto confin se descubren, á los rayos de sol poniente, montañas y poblaciones, todo contribuye á los encantos de un panorama, que, mucho mejor que para descrito, es para ser visto y admirado.»

VICENTINO (NICOLO ——).

L'antica Musica ridotta alla moderna prattica... Roma, Ant. Barre, 1555, fol.

«E precisa, para que este raro volume, escripto contra Vincentio Lusitano, esteja completo, que tenha mais grandes estampas dobradas, gravadas em madeira.»

80 francos, catal. Tross.; 60 francos, Coussemaker.

VICTOR HUGO *recueilli par un témoin de sa vie, avec oeuvres inédites, entre autres le drame en trois actes, Inez de Castro.* Bruxelles, 1863, 8.°, 2 vol.

VIDA *de D. Fr. Bartholomé de los Martires, del Orden de Santo Domingo, Arzobispo de Braga, en Portugal; traducida en castellano de la que escrivieron en frances, de un modo nuevo y muy edificante, los Reverendos Padres de la misma Orden de Predicadores del Noviciado General del Convento de San German, de Paris. Representado con su espiritu y sus dictamen, tomados de sus propios escritos. Y escuela de la Historia que en diferentes lenguas escrivieron graves autores, de los quales fué el primero el V. Fr. Luis de Granada. Con privilegio.* En Madrid, en la imprenta de Manuel Fernandez, año de MDCCXXVII, 4.° de 512 pag., abiertas licenças, dedicatoria e indice, innumerados.

Começa pela dedicatoria de D. Juan Bautista de Darza a El-Rei de Hespanha.

Prologo do traductor... «Y segun mi cuenta, desde que le oyeron discurrir, y le vieron obrar en el Concilio de Trento, y en Roma, delante del Papa, de los cardenales, y de los obispos, ya escrivian sus ilustres acciones autores graves en varias obras que nos han dejado: Porque, sin contar al Santo Prelado, que muy á lo vivo se copió á si mismo impensadamente en su libro *Stimulus pastorum*, aun antes que viesen en él los de aquella Santa Asembléa, como una imagen de un perfecto obispo de la Iglesia, hallo hasta treinta escritores de distintas naciones, portugueses, castellanos, flamencos, italianos, alemanes y franceses, que las refieren con grandes elogios en diversas lenguas y en diferentes tiempos: y que son de su tiempo, y como testigos de vista los de mayor autoridad. Pero después los autores franceses, aviendo recogido exactisimamente todo lo que sobre este asunto escrivieron los otros en muchos libros, diciendonos en su lengua *mucho en poco*, reconozco que solamente ellos hablan en esta obra con aquel mismo espiritu, aquellos mismos dictamenes, y con los propios escritos de nuestro Santo Prelado, de quien dijeron los padres del concilio de Trento: *Que sus discursos eran vivos y llenos de sentido; y que la escuela del Arzobispo de Braga era la primera del mundo.*

Advertencia de los autores de esta obra: «No creemos necesario representar aqui qual ha sido D. Fray Bartholomé de los Martires. Esto seria bolver á decir inutilmente lo que está dicho en la introduccion, ó proemio de esta Historia, donde se propone desde luego una recopilacion de sus acciones y de su vida. Bastara decir que después de su morte dichosa, que ha sido honrada con milagros, su memoria es venerada en Portugal y en toda España, y aun en las provincias de Francia más vecinas. Por esto los obispos célebres por su suficiencia y su piedad, y por la vigilancia infatigable con que se aplican á la salud de las almas que Dios les ha confiado, aviendo tenido más facilmente, como mas cercanos á España, algun conocimiento de sus acciones y de sus virtudes, han manifestado desear mucho que la vida de un personage tan grande fuese tan conocida en la Iglesia de Francia como merece serlo. Ellos han admirado las grandes y las raras qualidades que se hallan reunidas en su persona, y el amor que tienen á la Iglesia los ha hecho desear con ardor, que este Prelado, no aviendo governado y ilustrado sino una diocese durante su vida, se hiziesse ahora por su exemplo la luz y el modelo de todos los obispos de este grande reyno...»

Censura del Padre Fr. Francisco Faxardo, del Orden de N. P. S. Francisco, Lector Jubilado, Calificador de el Consejo Supremo de la General Inquisicion, y de sus Juntas Secretas, y Confesor de el Real Convento de Señoras Descalzas Franciscas de esta Corte...: «Y en él hallo dos cosas, dignas, para mi, de especial consideracion. Una es la elevada materia de el Libro, que aun es más fecunda y

sublime de lo que promete el título de él. Porque el título ofrece toda la relacion de la vida de aquel reformador Prelado tan Apostólico y venerable, que se mostró con admiracion entre todos los Padres, que concurrieron al Santo Concilio de Trento, y quien por su virtud y eminente sabiduría mereció que San Carlos Borromeo gobernase por su dictámen las resoluciones más arduas tocantes al mayor bien de su alma; y aun tenerle el mismo Santo por modelo para copiar de él heroicas virtudes....»

Licencia del Ordinario.

Aprobacion del R.mo P. M. Fr. Pedro de Ayala, del Orden de nuestro Padre Santo Domingo: «Obra sin duda utilísima por muchos motivos... Lo tercero, porque en este libro se encuentra un gran tesoro de doctrina, y erudicion, que no se halla en las otras de su vida; aquel dego libro de oro, que el mismo venerable señor Arzobispo compuso, y intituló *Stimulus Pastorum*, del qual basta decir que el glorioso San Carlos Borromeo, no solo le dió a la estampa para la comun utilidad, sino que, por su doctrina se guió y arregló para vivir como vivió, y gobernar como gobernó la iglesia de Milan.

Pareer de D. Luis de Salazar y Castro, Comendador de Zorita en la Orden de Calatrava, del Consejo de su Majestad en el Real de las Ordenes, Superintendente de las Archivos de ellas, y Chronista Mayor de Castilla y de las Indias...: «Porque aunque creia estar bien informado de las eminentes virtudes de este venerable Arzobispo, por lo que escrivieron de su vida los Padres Granada, Campos y Sousa, confieso que no lo estaba plenamente, hasta que por el favor de V. m. vi esta excelente obra. No dice ella más por lo que toca á la vida y á los sucesos del Arzobispo, que lo que estamparon sus mismos Religiosos, testigos oculares, pero dícelo de otra forma más insinuante y más circunstanciada por las reflexiones y por las doctrinas. La obra es, en todas sus partes, excelente; pero el último libro está tan lleno de erudicion sagrada, y de prevenciones piadosas, que no dejá que desear á los amantes de la virtud en todas esferas.»

1.º *Bartholomaus a Martyribus;*
2.º Ampliado por fr. Luiz de Sousa. Paris, 1860;
3.º Paris, 1863.
La même, 1864.
La même, en espagnol et portugais, par le maitre de Sacy.
Abrégé, par A. Caillot. Paris, 1826.

VIDA *de Santo Antonio* Columbo.
En lengua indo-portuguesa.
Posee un exemplar o ex.mo arzobispo de Braga, D. João Chrysostomo.

VIDA *del Bienaventurado Padre Gonzalo de Silveira.* Madrid, 1613, in-4.º

VIDA *y virtudes de A. Maria Anna, reyna de Portugal, por padre J. Guerra.* Madrid, 1757, 8.º

VIDAL.
Descripcion das ilas de Maldive, traduzida de Langlès de Coriolis. (Annales hydrographiques, tomo II.)

VIDART (LUIS ——).

Las Lusiadas de Camoens y sus traducciones al castellano. (Na *Revista Contemporanea*, de 15 de maio de 1880, de Madrid.)

Los poetas líricos contemporáneos de Portugal. (Articulo publicado en el número de la *Revista de España*, correspondiente al 10 de marzo de 1872.) Madrid, imprenta de José Noguera, Bordadores, 7, 8.° gr. 15 pag.

VIE (LA) *de Saint Jean de Dieu, Instituteur et Patriarche de l'Ordre des Religieux de la Charité.* Paris, chez Daniel Barthemels, 1691, 511 pag.

VIE (LA) *de Don Barthelémy des Martyrs, religieux de l'Ordre de Saint Dominique, archevesque de Brague, en Portugal. Tirée de son histoire écrite en espagnol et en portugais, par cinq auteurs, dont le premier est le père Louis de Grénade.* 2e édition. Paris, 1663.

VIE *du vénérable Dom Jean de Palafox, Évêque d'Angélopolis, &c., ensuite Évêque d'Osme, Dédié à Sa Majesté Catholique.* A Cologne, 1767, 8.° LVI–576 pag.

A pag. 40 diz-se que um dos feitos notaveis do bispo D. João de Palafox, foi o de afugentar de Vera Cruz aos portuguezes, aos quaes repelliu para fóra d'alli a mais de vinte leguas da costa.

VIE *du vénérable père Jean de Britto, de la Compagnie de Jésus, mis à mort aux Indes, dans le Maduré, en haine de la fois. S. J.*

VIEGAS (CENT. P. ——).

Principios del Reyno de Portugal con la Vida y hechos de D. Affonso Henriques, su primero Rey y con los principios de los otros estados christianos de España. Lisboa, 1641.

VIENNET (J. P. G.).

Épitre aux mules de Don Miguel. Poème. Paris, 1829.

VIER (GUSTAV ——).

Prinz Heinrich Seefahrer und seine Zeit mit einer Einleitung über des portugiesischen Handels... (O Principe Henrique, o Navegador, *e o seu tempo. Com uma introducção sobre a Historia do commercio portuguez e marinha até ao principio do* XII *seculo.* Dantzig, 1864.

VIETOR (JOÃO ——).—Jesuita, natural de Spira.

Publicou em allemão:

Epitome vitae S. Francisci Xaverii. Coloniae, apud Wilhelmum Friessen, 1667[1].

VIEUX, *An historical — of the revolutions of Portugal.* Londres, 1827.

---

[1] Augustin et Alois de Backer, *Bibliothèque des écrivains de la compagnie de Jésus*, vol. VI, pag. 749.

VIEW *of the town of Elvas, its Aqueduct, and fort Lucia. Fine colour engraved H. Smith delineavit.* Dulaurg. 0m,43 × 0m,06. London. 1813.

VIGIER (JOAM ——).—Nacional do reino de França & morador n'esta côrte de Lisboa.

Pharmacopea Ulyssiponense, Galenica e Chimica, que contem os principios, Definições e Termos geraes de huma & outra Pharmacia; & hum Lexicon universal de termos Pharmaceuticos, com as preparações Chimicas & composições Galenicas, de que se usa neste Reyno; & virtudes & dosis dos medicamentos Chimicos. Hum Tratado da Eleição, descripção, dosis & virtudes dos purgantes vegetaes, & das drogas modernas de ambas as Indias & Brasil. Hum vocabulario universal, latino e portuguez, de todas as drogas, animaes, vegetaes & mineraes, assim modernas, como antigas. Offerecida ao Senhor Doutor Joam Bernardes de Moraes, Physico mór de Sua Majestade. Lisboa, na officina de Pascoal da Sylva, impressor do S. Magestade. 1716, 8.º gr. de 475 pag. e mais 102 do *Vocabulario Universal latino e portuguez de todos os nomes dos simplices*, afôra dedicatoria, prologo, poesias laudativas do auctor, indice, licenças e erratas não paginadas.

VIGNERON (ABBÉ LUCIEN ——).—Du clergé de Paris, de la société de géographie. Paris, 8.º de 291 pag.

«... No zimborio da Estrella podemos contemplar uma vista soberba para a cidade, para o Tejo, e até para o Oceano. Esta vista faz scismar. Eu via então passar por defronte de meus olhos, como n'uma visão, a historia gloriosa e os feitos deslumbrantes d'este nobre Portugal. Assistia a suas descobertas nos reinados de D. João II e D. Manuel. É Bartholomeu Dias o primeiro que toca na extremidade do continente africano e que a encontra batida por tantas tempestades, á qual da o nome de «Cabo das Tormentas», mas que o rei, com essa sagacidade de previsão que só pertence ao genio, chamou «Cabo da Boa Esperança». (Pag. 191.)

«Vasco da Gama, antes da sua partida, passou a noite na capella da Virgem e comeu o pão dos fortes, o viatico dos viajantes: *cibus viatorum*.

«Arrosta então com os temporaes, dobra o Cabo das Tormentas, costeia a margem africana, passa aos reinos de Sofala, Moçambique, Melinde, e chega a Calicut, no Malabar.

«Alvares Cabral, dirigindo-se para a India, lança na costa do Brazil os alicerces do poder portuguez.

«Duarte Pacheco, só em Cochim, com tres navios e 150 homens, resiste a 20:000 indianos.

«Porém o *Marte Portuguez*, o grande Albuquerque, apparece á minha imaginação cingido de uma aureola mais gloriosa ainda, se é possivel.

«Foi elle quem se apossou de Goa, a aurea, e de Malaca, que é o centro do commercio com a China, Japão e Molucas. Vale lhe esta conquista immensas riquezas; todos os rajahs da India solicitam sua alliança; destroe depois a potencia dos arabes e dos persas, toma Ormuz, uma das mais celebres cidades da Asia, e seu genio, precedendo os tempos, sua conceber projectos gigantescos, como o de estupir o porto de Suez ou deter o Nilo no seu curso, ao mesmo tempo que sua fé e sua piedade o impelliam a destruir Meca, a cidade santa do Islam.

«Quando este arrojado conquistador morreu em Goa, calumniado, e cado no

desagrado, como todos os grandes homens, Portugal estava no apogeu do seu poder; dominava em todo o extremo Oriente, e mesmo na China, onde um pouco mais tarde obteve do Filho do Céu o direito de se estabelecer em Macau. E d'ahi que procedem as relações commerciaes estabelecidas com o Japão, de onde os portuguezes extrahiam annualmente uma quinzena de milhões.

«Mas não era sómente por meio da força brutal que o genio portuguez se robustecia durante estas expedições memoraveis: com uma das mãos aguentava o navegador o estandarte da patria, e com a outra mostrava o Evangelho de Jesus Christo, e, com os soldados e com os missionarios, se espalharam por novas regiões. Como esquecer que foi D. João III, rei de Portugal, o principe mais christão do seu seculo, que mandou pedir, por intervenção do seu embaixador em Roma, seis religiosos da Companhia para irem levar as luzes da Fé ás Indias Orientaes! Então estes religiosos, os fundadores da ordem, não passavam de dez, mas Ignacio de Loyola, a pedido do monarcha, e em conformidade com a ordem de Paulo III, inspirado do céu, chama a Francisco Xavier.

«Não vos offerecem uma provincia ou um reino do Levante para converter-des, lhe disse o papa, apresentam-vos um mundo inteiro, composto de mais reinos do que ha em toda a Europa. Este campo, tão vasto e tão amplo, só era digno de vossa coragem e de vosso zêlo. Ide, pois, meu irmão, aonde a voz de Deus vos chama e a Santa Sé vos envia, e inflammae tudo com o fogo divino, com o qual vós mesmo estaes inflammado!

«Francisco partiu de Roma a 15 de março de 1540, na companhia do embaixador de Portugal, sem mais bagagem do que uma tunica, um capote velho e um breviario. Passou proximo do castello de Xavier, na Hespanha, sem ver seus parentes, apesar das solicitações de seu coração, e chegou a Lisboa, onde, apesar dos offerecimentos do rei, quiz hospedar-se no hospital.

«A 7 de abril de 1541 embarcou no navio do vice-rei D. Martim Affonso de Sousa, que solicitava a honra de o ter a bordo, e chegou a Goa a 6 de maio de 1542.

«Que vida! Que heroe! Que santo! E como sua historia se entrelaça intimamente com a d'essas primeiras colonias portuguezas, cujos habitantes entraram immediatamente n'uma plena communidade de idéas e de sentimentos com os conquistadores, e cuja união politica com a mãe patria foi consagrada pelos élos de uma religião de paz e de caridade, commum a todos.

«Francisco Xavier bem mereceu, pois, de Portugal, e póde-se dizer que aquelle que, por seus trabalhos innumeraveis, por seu conhecimento perfeito de um grande numero de idiomas, por suas multiplas peregrinações, por centenas de milhares de almas que converteu ao verdadeiro Deus, póde passar por um cidadão cosmopolita, e póde-se dizer que foi um grande cidadão portuguez.

«Aventureiros, bravos, perseverantes, homens de uma raça excepcional, taes são os homens d'este paiz fertil em prodigios!

«Quão renhidos combates! Quão dolorosos sacrificios! Que navios perseguidos pelos temporaes! Mas que podér e que triumphos! Resuscitaram ás vezes a pompa e a magnificencia dos antigos romanos, e entraram em Goa, como D. João de Castro, em carros enfeitados com folhas de palmeiras e ataviados com todas as insignias da victoria!

«Ai de mim! Um dia chegou, nefasto e cheio de lagrimas, em que sua herança passou quasi toda para os estrangeiros, mas, antes de deixarem essas

[illegible] e magnificas regiões aos hollandezes e aos inglezes, elles sabiam ainda illustrar-se por meio de feitos de armas admiraveis, como praticou D. Luiz de Alhayde. E agora conservam elles sua independencia, têem suas lembranças immortaes, e eis porque, d'isso estou bem seguro, andam tão tristes e tão orgulhosos, e eis porque Lisboa parece trajar o luto da patria, um luto cheio de grandeza e de magestade.

«Polidez e amenidade, bom humor e acolhimento simples e cordial, hospitalidade graciosa, eis ainda qualidades que não podêmos recusar aos portuguezes: são vivos, intelligentes, liberaes, amigos do progresso, homens de boa sociedade, mui ceremoniosos e amantissimos de sua dignidade pessoal. Pelo que me diz respeito, d'elles só tenho a dizer bem, em tudo e por tudo.»

VILLA VELHA.

View on the Tagus, near Villa Velha. Pass in the mountains between Nisa and Villa Velha.

VILLACASTIN (THOMAS DE ——).

Apostolica vida, virtudes y milagros del santo Padre y maestro Francisco Xavier. Pintiae, apud Franciscum Fernandez, 1602, 8.º[1]

VILLALBA (F. MARCOS ——).—Hespanhol.

Epistolae consolatoriae ad Philippum II, Hispaniarum Regem, classe navali, quam ex Angliae miserat, ventis quassata et dispersa. Salmanticae, 1588, 4.º

VILLAROEL (FR. GASPAR DE ——).—De la orden de nuestro Padre S. Augustin, de la Provincia del Peru, Prior y Vicario Provincial del Convento de la ciudad del Cusco.

Dos sermones: en la fiesta de N. P. S. Augustin, el uno, y en la Canonisacion del Glorioso San Ignacio de Loyola, el otro. Dispuestos por el Padre Predicador Fray Luis de Lugo, su compadrero. A nuestro muy Reverendo Padre Maestro Fray Francisco de la Serna, Provincial absoluto de la Provincia de nuestro Padre San Augustin del Perú, Catedratico de Teologia de propiedad en la Universidad Real de la Ciudad de Lima. En Lisboa, por Antonio Alvarez, anno de 1631, 4.º

O 1.º sermão tem 14 folhas e o 2.º 16.

VILLEGAS (D. DIEGO ORTIZ DE ——).—Natural de Calçadilha, no reino de Leão. Veiu para Portugal em 1476, acompanhando a princeza D. Joanna, chamada a *Excellente Senhora*, na qualidade de seu confessor. Foi nomeado bispo de Ceuta e mais tarde transferido para Vizeu. Morreu em Almeirim no anno de 1519.

Catechismo pequeno da doutrina e instruiçam que os Xpãos ham de creer e obrar para conseguir a bemauenturança eterna feito e copilado pollo reuerendissimo senhor dom Diego Ortiz, bispo de çepta, &c. Lisboa por vantl fernãdez alemã e

[1] Nicol. Ant., *Bibliotheca Nova*, vol. II, pag. 317

Johã pedro bõo homini de cremona aos xx dias de Julho. Era de mill e quinhẽtos e q̃tro annos; fol. de 78 folhas, caracteres gothicos[1].

Obra de grande raridade.

VILLEGAS (D. DIEGO ENRIQUEZ DE ——).

Pyramide Natalicio y baptismal a la Soberana, Augusta, Excelsa Magestad de la Serenissima Reyna D. Maria Francisca Isabel de Saboya, Princesa de Portugal. Delineada ——. En Lisboa, en la Imprenta de Antonio Craesbeck de Mello, año 1670, 4.º de 140 pag.

VILLENA (DR.).— Lente da universidad de Valencia.

«Este professor insigne não se contentou com herborisar, á imitação de seus predecessores, dentro do reino de Valencia: chegou a penetrar nos montes de Castella e de Portugal pela parte do occidente e pela do levante, até Monserrate e Pyrenéus[2].

VINCENT (JEAN BAPTISTE GEORGE MARIE BORY DE SAINT ——).— Correspondant de l'académie des sciences, l'un des officiers supérieurs anciennement attachés au dépôt de la guerre, et aide-de-camp de son excellence le duc de Dalmatie, durant la dernière guerre d'Espagne (1808 à 1813).

Guide du voyageur en Espagne. Paris, Louis Janet, 1823, 8.º gr. de xxxviii–666 pag., avec deux cartes coloriées, dressées et dessinées par l'auteur.

«Portugal passa por ter sido muito mais povoado do que o é actualmente (pag. 348); embora não apresentem prova alguma em favor de uma tal asserção, é provavel que as expedições longinquas, que levaram a uma tão grande altura a reputação dos guerreiros portuguezes n'um tempo em que, arrojando-se nas pégadas que foram deixadas por seu immortal Vasco da Gama, submettiam os mais bellos paizes da India, deveram trazer prejuizos á metropole, alem das guerras inuteis, e que tambem custaram, mesmo na Africa, tanto sangue christão.

«Seja, porém, como for, o que Portugal perdeu em gloria parece ter ganho em prosperidade interior; e deve-se esta justiça aos inglezes, porque, introduzindo-se no paiz, quer para n'elle commerciar, quer para o defender, lhe introduziram algum tanto d'essa ordem interior e asseio de domicilio.

«Com effeito, por qualquer logar da sua extensão que entremos em Portugal, ao deixarmos a Hespanha, nota-se uma completa mudança no aspecto dos campos, das casas isoladas e das cidades. As pessoas que têem percorrido a Allemanha farão uma idéa d'esta mudança, lembrando-se da differença frisante que lhes têem apresentado, com pequenas distancias uns dos outros, os cantões catholicos e os cantões protestantes. Por toda a parte, na Germania, encontrareis figuras grotescas de santos nas pontes, cruzes ao longo dos caminhos e dos cemiterios; os mendigos esfarrapados apresentam-se immediatamente nas ruas e nas estradas reaes; ás casas falta o asseio e as cidades são infectas...

---

[1] Innocencio Francisco da Silva, *Diccionario bibliographico*, vol. II, pag. 168.

[2] D. Miguel Velasco y Santos, *Reseña historica de la universidad de Valencia*, pag. 102. Valencia, 1868.

«O portuguez é aventureiro, emprehendedor, prodigiosamente agarrado ao solo que o viu nascer, irritavel, temerario, e todavia paciente. A adversidade não o poderia abater e a contradicção o irrita.

«Laborioso como que por acaso, as vezes é muito leviano, e quasi sempre prodigioso. Alem d'isto é essencialmente vangloriosa, e gosta muito de fallar de si, ou de sua gloria nacional. E como esta gloria é real, porque, desde esse guerreiro, que não tinha necessidade de fazer fallar um crucifixo para merecer uma corda no campo de batalha, muitos principes portuguezes têem sido grandes homens por meio das armas e da sciencia; valentes têem saído de todas as classes da população; Asia, Africa e America têem retumbado com o ruido de suas façanhas, menos manchadas de crimes que as de seus vizinhos; as mais bellas descobertas geographicas dos primeiros tempos lhes são devidas; finalmente, a poderosa casa de Austria, e o proprio Napoleão, no tempo em que a victoria ainda não o tinha desamparado, não poderam submetter uma nação generosa, inflammada pelo espirito publico e invejosa da sua obediencia, porque se não poderia esmaberbecer o portuguez com uma gloria que não tem macula? Feliz o povo que tem o direito de fallar sem ter de que se envergonhar de seus antigos triumphos! O ridiculo consiste tão sómente em nos gabarmos de uma gloria que já não existe e que já não poderiamos ter!

«Alguns viajantes modernos, e principalmente os inglezes, asseveram que a litteratura e as sciencias não são muito cultivadas em Portugal, e pretendem até mesmo que folgam elles com aquella sorte de ignorancia em que estão vivendo. Esta injuriosa asserção é tão desprovida de fundamento, como a de certos escriptores que, querendo embolsar em adulação os guineos que lhes deram para escreverem acerca da guerra de 1808 a 1813, pretenderam que as tropas portuguezas somente se tinham distinguido, por lhes haverem dado chefes e até mesmo officiaes subalternos inglezes. Ninguem duvida de que alguns officiaes inglezes, dados a tropas sem experiencia, tenham podido ser-lhes muito uteis, habituando-os ao salutar jugo da disciplina; mas os portuguezes não tinham necessidade dos inglezes para serem impetuosos, infatigaveis, intelligentes e sobrios, qualidades, principalmente estas duas ultimas, das quaes os inglezes apresentam exemplos na guerra. E, no tocante a sciencias, basta consultar as *Memorias* da academia real das sciencias e as *Observações astronomicas* de Coimbra e outros escriptos luminosos, recentemente publicados em Portugal ácerca de sciencias naturaes e physicas, para nos compenetrarmos de que os grandes conhecimentos n'aquelle paiz nem são desconhecidos nem desprezados.» (Pag. 354.)

VINCENT (WILLIAM ——).

The Periplus of the Erythræan Sea, containing an account of the navigation of the ancients from the sea of Suez to the coast of Zanguebar. London, 1800-1805, duas partes n'um volume.

Traz esta obra o retrato de Vasco da Gama.

VINVESA (ANTONII PICHARDO ——). — Salmanticensis Antecessoris I. C. Hispani.

Na sua obra, *Priora practicæ scholasticæ Disputationes*, Salmanticæ, 1606, faz um grande elogio ao jurisconsulto portuguez, Pedro Barbosa, na pag. 235.

VIREAU (JEAN ——).—Jesuita, da diocese de Bordeaux. Entrou para o noviciado em 1577, na idade de dezenove annos. Ensinou humanidades por alguns annos, e desempenhou por muito tempo as funcções do ecclesiastico. Morreu em Paris no anno de 1638[1].

Histoire de ce qui s'est passé au Royaume du Japon ès années 1625, 1626 et 1627. Tirée des lettres adressées au R. P. Mutio Vitelleschi, General de la Compagnie de Jesus. Traduite d'Italien en François par un Père de la mesme Compagnie. A Paris, chez Sebastien Cramoisy, 1633, 465 pag.

Contém este volume:

Lettres annuelles du Japon, de l'année M.DC.XXV,XXVI,XXVII, pag. 1 a 148. No fim: *De Macao, a 15 de março de 1626.* Assignado, João Bonelli.

Relation de la glorieuse mort du neuf Religieux de la Compagnie de Jesus et d'autres, au Japon, pag. 149 a 252. No fim: *De Macao, a 31 de março.* Assignado, Pierre Moreiou.

Lettres annuelles du Japon, de l'an 1626, pag. 253 a 340. No fim: *De Macao, a 31 de março.* Assignado, João Rodrigues Girão.

Relation de la persécution sousleré en Tacacu contre la Saincte Foy, en l'an 1627, pag. 341 a 445. No fim: *Do Japão, a 14 de setembro de 1627.* Assignado, Christofle Ferreria.

La mort de Léonard Massudadeuzo, le quel fut decolé pour la foy en la ville de Ximaba le troisième de Decembre 1627, pag. 446 a 452. No fim: *Do Japão, a 25 de Janeiro de 1628.* Foi escripta pelo P. Christofle Ferreria.

VISCARDI (GUGLIELMO ——).

Una romanza portoghese (Dom Beltrão). Genova, tipografia Remigio Schira, 1884, 15 pag.

Dá noticia d'esta publicação o *Occidente,* vol. VIII, n.º 226, 1 de abril de 1885.

VISTAS *de las Islas de los Azores sacadas de la Carta reducida, que de estas Islas publicó M. Bellini, año 1755.*

VITA *del Venerabile Servo di Dio P. Giovanni de Britto, della Compagnia Gesu ucciso da Barbari del Malabar in odio della Fede.* In Roma, 1738, nella stamperia del Komarck, 8.º de 124 pag.

VITA *del Beato Giovanni de Britto, martire della Compagnia di Gesu, descritta dal P. G. Boero, della medesima Compagnia. Libri due.* Roma, co' tipi della Civitta Cattolica, via del Quirinale, n.º 56, 1853, 4.º de 135 pag.

Ha tambem exemplares 18.º de 324 pag.

VITA *del P. Giusefo Anchieta della Compagnia di Gesu. Dedicata alla Pietà dell' Illustrissimo Signore Giusefo Carlo Ratta Garganelli.* In Bologna, per l' herede del Benacci, 1643, 12.º de 235 pag.

---

[1] Augustin et Alois de Backer, *Bibliothèque des écrivains de la Compagnie de Jésus,* vol. I, pag. 778.

VITA *del P. Giuseppe Anchietta, Religioso della Compagnia di Gesu, Apostolo del Brasile. Composta in latino dal P. Sebastiano Berettario, e nel volgare italiano ridotta da un divoto religioso, &c.* Torino, per gli Eredi di Gio. Domenico, 1620, 8.°

VITA *di S. Giovanni di Dio, Padre de' Poveri, e fondatore della Religione de' Padri bon Fratelli. Descritto da un Religioso della Compagnia di Giesu divoto del medesimo Santo. Dedicata all' Ill.ma ed Ecc.ma Signora la Signora D. Teresa Borromei Albani.* In Roma, per Girolamo Mainardi, 1725, 8.° de 228 pag.

VITA *di Sebastiano Giuseppe di Carvalho e Mello, March. di Pombal, Conte di Oeyras, &c., Segretario di Stato e primo ministro del Re di Portogallo, D. Giuseppe I.* Tomo IV. 1784.

E no fim (pag. 208): *Il restante di questa IV Parte formerà il principio del V tomo.* Isto faz-me parecer que a edição é differente d'aquella de que fiz menção no tomo II do meu *Portugal e os estrangeiros.*

VITA *Joannis de Castro, Indiarum Pro Regis IV. In latinum conversa, interprete Fr. M. del Rosso.* Romae, 1727.

VITA *Joannis de Castro ab Hyacintho Freire de Andrada, interprete Francisco Maria del Rosso.* Romae, 1727, 8.°

VITA *S. Francisci Xaverii S. J.* Lublini, typis S. J., 1726, 8.°

VITA *S. Francisci Xaverii compendio descripta.* Lublini, typ. S. J., 1691, 12.°

VITA *venerabilis Bartholomei de Martyribus... cum opportunis adnotationibus a fratre Jerome Ghilardi.* Monteregali, 1869.

VICTOR (DIOGO LUIZ DE S. ——).— Jesuita, hespanhol.

Epitomen rerum gestarum, virtutum, doctrinae, prodigiorum cum antiquorum, tum recentium Sancti Francisci Xaverii. Mexici, typ. de Agostinho de Santo Estevão e de Francisco Lupercio, 1661[1].

VITRÉ (M. DE ——).

Description du premier voyage faict aux Indes Orientales par les François. Paris, 1609, 12.°

Não citado.

5 thal. 26 ngr. Sobolewki.

VOCABULAIRE *français-portugais.* Bordeaux, 1820.

VOCABULARIO *del Japon, declarado primero en Portugues por los Pa-*

---

[1] Alegambe, Bibliotheca scriptorum societatis Jesu, pag. 167.

dres de la Compañia de Jesus, y agora en castellano en el Collegio de S. Thomas de Manilla. Manilla, 1630.

VOCABULARY *(The Complete), in English and Portuguese to which is added a collection &c.* Madras, 4.°, 1 vol. de 102 pag.

VOCABULARY (A) *in six languages, viz. English, Latin, Italian, French, Spanish and Portuguese.* London, printed and sold by Vaillant, 1725, 8.°

VOITURE (MONSIEUR DE ——).
Lettres de ——. Bruxelles, 1677, 8.°

«Devem ser mui curiosas as cartas d'este celebre poeta. Chama elle a Lisboa, aonde esteve, o *paiz da marmelada*, e diz que tem uma *maitresse* mais doce que a marmelada; e não obstante, apesar de tanta doçura, suspira por fugir de Lisboa, como se estivesse na Noruega.

«Isto foi escripto ha uns duzentos e cincoenta annos. Voiture, que Moreri, Bayle e Bouillet diziam ter vindo a Hespanha enviado diplomaticamente ao conde duque de Olivares, estava em 1634 em Lisboa, na qualidade de agente secreto de Luiz XIII, para instigar o duque de Bragança a fazer-se acclamar rei.[1]»

VOMARNE (G.).
Le crédit foncier portugais. Lisbonne, 1866.

VOSS (JOHN HEINR. ——).
Mythologische Briefe. Königsberg, 1794, 2 vol.
No tomo II falla de Camões e dos *Lusiadas.*

VOYAGE *autour du monde par la frégate du Roi la Boudeuse et la flut l'Étoile, en 1766, 1767, 1768 et 1769.* Nouvelle édition augmentée. A. Neuchatel, 1762.

É uma obra muito curiosa, e na qual se encontram muitas passagens que dizem respeito aos portuguezes, como, por exemplo, de pag. 7 a 8.

«Existe em Buenos Ayres um grande numero de communidades religiosas, tanto de um como do outro sexo. O anno, alli, é todo cheio de festas de santos, festejados por meio de procissões e de fogos de vista. As ceremonias do culto fazem as vezes dos espectaculos. Os frades nomeiam as primeiras damas da cidade *mordomas* de seus fundadores e da Virgem.

«Dá-lhes este encargo o direito e o cuidado de enfeitarem a igreja, vestirem a imagem e vestirem-se com o habito da ordem.

«É para um estrangeiro um espectaculo bem singular o ver nas igrejas de S. Francisco e de S. Domingos, damas de todas as idades assistirem aos officios com o habito d'aquelles santos instituidores.

---

[1] Camillo Castello Branco, *Narrativas*, vol. II, pag. 43.

«Os jesuitas offereciam á piedade das mulheres um meio de santificação mais austero que os precedentes.

«Tinham, pois, os jesuitas, paredes meias com a casa d'elles, a chamada *Casa de los ejercicios de las mujeres*, isto é, a «Casa dos exercicios para as mulheres».

«Estas, e as raparigas, sem o consentimento de seus maridos ou de seus pais, vinham alli santificar-se por meio de um retiro de doze dias. Eram alli alojadas e sustentadas á custa da companhia. Nenhum homem penetrava n'aquelle santuario, a não ser enmupado com o habito de Santo Ignacio. E até mesmo as creadas não podiam alli fazer companhia a suas amas.

«Os exercicios praticados n'este santo logar, eram a meditação, a oração, o catechismo, a confissão, a flagellação.

«Chamaram nossa attenção para as paredes da capella salpicadas ainda de sangue, o qual as disciplinas faziam esguichar, pois a penitencia armava as mãos d'aquellas Magdalenas. Emquanto ao mais todos os homens aqui são irmãos, e da mesma côr, aos olhos da religião.

«Ha tambem ceremonias sagradas para as escravas, e os dominicanos instituiram uma confraria para pretos.

«Têem suas capellas, missas, festas, e enterro muito decente, e tudo isto pela entrada de quatro reaes annualmente, por cabeça.

«Os pretos têem por seus patronos S. Bento e a Virgem, talvez por causa d'estas palavras da Escriptura: *Nigra sum, sed formosa filia Jerusalem.*

«No dia da sua festa elegem a dois reis: um representando o rei de Hespanha, e o outro o rei de Portugal. Dois bandos, bem armados e bem vestidos, formam atrás dos reis uma procissão, a qual caminha com uma cruz, bandeiras e musica. Umas vezes cantam, outras dansam. Ás vezes figuram combates de um lado contra o outro, e recitam ladainhas. A festa dura desde manhã até á noitinha, e o espectaculo é bastantemente agradavel.

. . . . . .

«No dia 22 fomos fazer uma visita ao vice-rei do Brazil, o qual nos veiu pagar no dia 25.

«N'esta visita offereceu-nos todos os soccorros que estavam no seu poder. E até mesmo me concedeu a licença que lhe pedi para comprar uma corveta, que me era da maior utilidade para a minha viagem. E acrescentou que se alli houvesse alguma que fosse do rei de Portugal, m'a offereceria.

«As attenções do vice-rei ainda continuaram por alguns dias; fallou-se até mesmo de ceias que se propunha dar-nos á margem do rio, debaixo de caramanchões de jasmins e de laranjeiras, e mandou-nos preparar um camarote na opera.

«Pudémos, pois, n'uma sala mui bella, ver a representação das peças primorosas de Metastasio, representadas por um grupo de mulatos, e ouvir aquelles trechos divinos dos grandes mestres italianos, executados por uma orchestra dirigida por um padre carcunda com fatos de padre.

«Mr. Commerçon, sabio naturalista que vinha a bordo do *Étoile* para acompanhar a expedição, asseverou-me ser este paiz o mais abundante em plantas que jamais se encontrou, e que n'ellas tinha encontrado verdadeiros thesouros para a botanica.» (Pag. 104.)

. . . . . .

«A chegada das frotas torna o commercio do Rio de Janeiro florentissimo, principalmente a frota de Lisboa. A do Porto traz sómente carregamento de vinhos, aguardentes, vinagres, comestiveis e alguns pannos grossos fabricados no Porto ou nas immediações. E apenas chegadas são logo as mercadorias conduzidas para a alfandega, onde pagam ao rei 10 por cento.

«Em 1580 viu-se os jesuitas admittidos pela primeira vez n'aquellas ferteis regiões, onde fundaram depois, em tempo de Filippe III, as famosas missões, ás quaes na Europa deram o nome de Paraguay, e mais a proposito na America o de Uraguay, ribeira sobre a qual se dividiram em tribus, fracas no principio, e em pequeno numero, mas ás quaes progressos successivos elevaram até o numero de 37, a saber, 29 na margem direita do Uraguay, e 8 na esquerda, governadas cada uma por dois jesuitas com o habito da ordem.

«Dois motivos que é permittido aos soberanos alliarem, quando um não é nocivo ao outro, a religião e o interesse, tinham feito com que os monarchas hespanhoes desejassem a conversão d'aquelles indios. Tornando-os catholicos, civilisavam homens selvagens e tornavam-se possuidores de uma região vasta e abundante. Era tambem abrirem á metropole um novo manancial de riquezas e adquirirem adoradores para o verdadeiro Deus.

«Encarregaram-se então os jesuitas de conseguirem estes fins, mas representaram que, para facilitarem o bom exito de uma tão penosa empreza, era indispensavel serem independentes dos governadores da provincia, e até mesmo que nenhum hespanhol penetrasse n'aquelle paiz. (Pag. 121.)

«O motivo em que se baseava este pedido era o receio de que os vice-reis europeus diminuissem o fervor dos neophytos, que até mesmo os afastassem do christianismo, e que a altivez hespanhola lhes tornasse insupportavel um jugo extraordinariamente pesado.

«A côrte de Hespanha, approvando estas rasões, ordenou que os missionarios fossem subtrahidos á auctoridade dos governadores, e que o thesouro lhes desse annualmente 60:000 piastras para as despezas dos arroteios, sob a condição de que ao passo que as povoações fossem sendo formadas, e as terras fossem tendo valor, os indios haviam de pagar annualmente ao rei uma piastra por homem desde a idade de dezoito annos até á de sessenta. Exigiram, tambem, que ensinassem aos indios a lingua hespanhola.

«Começaram os jesuitas seus trabalhos com a coragem de martyres e com uma paciencia verdadeiramente angelica. Havia necessidade, tanto de uma como de outra, para attrahirem, reterem, dobrarem á obediencia e ao trabalho homens ferozes, inconstantes, e agarrados tanto á sua preguiça, como á sua independencia.

«Os obstaculos foram infinitos, as difficuldades renasciam a cada passo; o zêlo de tudo triumphou, e a mansidão do missionario trouxe, finalmente, a seus pés esses ferozes habitantes dos bosques. Com effeito, reuniram-n'os em habitações, deram-lhes leis, introduziram entre elles as artes uteis e amenas. E, por fim, de um povo de barbaros sem usos, sem leis e sem religião, fizeram um povo docil, policiado e exacto observador das leis christãs.

«Estes indianos, encantados pela eloquencia persuasiva de seus apostolos, obedeciam de bom grado a homens que viam sacrificarem-se pela felicidade d'elles, de maneira tal, que, quando queriam formar uma idéa do rei de Hespanha, representavam-no com o habito de Santo Ignacio.

«Houve, todavia, contra sua auctoridade, um instante de revolta no anno de 1757.

«Acalorava o rei catholico de trocar com o de Portugal as tribus das missões situadas na margem esquerda do Uruguay, pela colonia do Sacramento.

«O desejo de aniquilar o contrabando enorme tinha instigado a côrte de Madrid a fazer a troca.

«Ficava sendo o Uruguay o limite das possessões respectivas das duas côrôas. Faziam passar para a margem direita os indios das tribus cedidas, indemnisando-os com dinheiro do trabalho de sua mudança.

«Porém, estes homens, habituados a seus lares, não poderam soffrer o verem-se obrigados a deixarem terras que já tinham bastante valor, para irem arrotear outras novas.

«Pegaram então em armas.

«Tinham-lhes consentido, havia muito tempo, o terem armas para se defenderem contra as incursões dos Paulistas, salteadores do Brazil, que se haviam formado em republica pelos fins do seculo XVI.

«A revolta rebentou sem que jesuita algum apparecesse jamais á frente dos indios.

«Até chegaram a dizer que foram á força retidos nas aldeias, para n'ellas exercerem as funcções do sacerdocio.

«O governador geral da provincia da Plata, D. José Andonaighi, marchou contra os rebeldes, seguido de D. Joaquim Vianna, governador de Montevideu.

«Derrotou-os n'uma batalha, onde morreram mais de 2:000 homens.

«Entrambos entraram depois para a conquista do paiz; e D. Joaquim, vendo o terror que uma primeira derrota por alli tinha espalhado, encarregou-se de, com 600 homens, submettel-o completamente. Com effeito, atacou a primeira tribu, apoderou-se d'ella sem resistencia, e, tomada esta, todas as outras submetteram-se.

«N'este comenos a côrte de Hespanha chamou a D. José Andonaighi, e D. Pedro Cevalhos chegou a Buenos Ayres para o substituir. Ao mesmo tempo Vianna recebeu ordem de desamparar as missões, e de trazer suas tropas.

«Não se tratou então mais da troca projectada entre as duas côrôas, e os portuguezes, que tinham marchado contra os indios com os hespanhoes, voltaram com elles.

«Foi pelo tempo d'esta expedição que se propagou pela Europa o boato da eleição do rei Nicoleu, indiano, do qual, com effeito, os rebeldes fizeram um phantasma de realeza.

. . . . . .

«Com effeito, quando a gente representa a si de longe e em geral esse governo magico, fundado só pelas armas espirituaes, e que não estava amarrado senão pelas cadeias da persuasão, que instituição mais honrosa para a humanidade!

«É uma sociedade que habita uma terra fertil, debaixo de um clima afortunado, da qual todos os membros são laboriosos e onde ninguem trabalha para si; os frutos da cultura commum são levados fielmente para armazens publicos, donde distribuem a cada um aquillo que lhe é necessario para sustento, vestuario, e conservação de sua casa...

«Os indios tinham para com seus curas uma submissão de tal modo servil, que não sómente se deixavam punir com o azorrague, bammus e mulheres, por causa de faltas publicas, mas até mesmo vinham elles proprios solicitar uma tal punição.» (Pag. 126.)

VOYAGE *d'Inigo de Biervillas, Portugais, à la côte de Malabar, Goa, Batavia, etc.* Paris, 1736.

VOYAGE *en Portugal et en Espagne, 1772-1773. Trad. de l'Anglais. Avec une carte.* Berne, 1776.

VOYAGE *en Portugal et particulièrement à Lisbonne, ou tableau moral, civil, politique, physique et religieux de cette capital.* Paris, 1798, 8.°

VOYAGE *et aventures de François Leguat et de ses compagnons en deux isles desertes des Indes Orientales, avec la relation des choses les plus remarquables qu'ils ont observées dans l'isle Maurice, à Batavia, au cap de Bonne Espérance, dans l'isle de Sainte Helène, &c.* Londres, 1720, 12.°, 2 vol.

VOYAGE (LE SECOND) *de Vasco da Gama à Calicut. Relation flamande éditée vers* MDIV, *reproduite avec une traduction et une introduction, par J. Ph. Berjeau.* Paris, 1881, 8.°

VOYAGE (THE) *and travels of John Huyen van Linschoten into East of Portugales Indies.* London, by J. Wolfe, 1598, fol.

VOYAGES *en Afrique. Contenant les navigations des capitaines portugais et autres faites en dit pays jusqu'aux Indes, tant orientales qu'occidentales.* Paris, 8.°, 4 tomos.

Vi esta obra citada no catalogo manuscripto do bibliomaniaco Pedro José da Silva.

VOYAGES *en Espagne, Portugal, Allemagne, France et ailleurs.* Amsterdam, 1796.

VOYAGES *historiques de l'Europe. Tome second, qui comprend ce qu'il y a de plus curieux en Espagne et en Portugal.* Paris, chez Pierre Aubouyn, 1693, in-12.°

«A prompta venda que teve o primeiro volume d'estas *Viagens*, e as duas traducções que foram feitas, uma em flamengo e a outra em inglez, adiantaram a publicação d'este segundo, que representa tudo quanto a Hespanha tem de mais digno da curiosidade dos estrangeiros.[1]»

---

[1] *Journal des Savans*, 1693, pag. 49.

VRAI DISCOURS *de la cruelle bataille donnée par le serenissime roy de Portugal et le roy Xerise (sic), au roy de Fez Maluc; la mort d'iceux roys, le nombre des gentilshommes signalez tuez en lad. bataille. Trad. d'espagnol en françois.* Paris, Nic. Bonfous. 8.° pag., 8 feuillets[1].

VUILLAUME & B. CLERC.
Lettres nouvelles des quelques français, belges, espagnols, italiens, portugais, &c., par M. M. R. Première année, 1882-1883, Paris.

VUILLEMAIN.
Carte physique et politique de Portugal.

---

[1] Duchesne et G. Brunet, *Supplément au Manuel du libraire de Brunet*, vol. II, pag. 935.

W

«The Portuguese, with an average of defects which are common to all other languages, possesses a very rich vocabulary, and is in many of its features full of grace, power, flexibility, and beauty. Its well known close propinquity with the Latin is sufficient to substantiate the truth of these observations.»

Aubertin, *The Lusiads*, pag. XVII.

W. BEAWES.

History of Spain and Portugal. London, 1793.

W. G. and **CH. HOTHAM.**

Brazil, the River Plate, and the Falkland Islands; with notices of Lisbon, Madeira, the Canaries, and Cap Verds. Illustrated by ——. With a large col. map and other illustrations, views, portraits. London, 1854.

W. F. F. P.

History of the War in the Peninsula and in the south of France: from the year 1807 to the year 1814, by W. F. P. Napier. New-York, 1844, 2 vol.

W. (J.).

De mensuris, ponderibus et numeris, et proviliis Alcarianna auctu et emendata. London, 1719. Ibid., 1726, 8.° Dublini, 1786, 12.°

WACHLER (LUDW. ——).

Versuch einer Allgemeinen Geschichte der Litteratur. Lemgo, 1793-1801, 8.°, 3 vol.

No vol. III, Cant. I. 4: *Geschichte der Spanischen und Portugiesischen Dichtkunst. Heldengedicht*, pag. 358 a 364: *Comoens Lusiade.* (Assumpto, vida e litteratura.)

Handbuch der Allgemeinen Geschichte der Litterärischen Cultur. Marburg, 1804-1805, 2 vol. de 1:184 pag. Vol. II: *Luiz de Camões. Notitiae bibliographicae e litterariae.*

Handbuch der Geschichte der Litteratur. Leipzig, 1822-1833, 4 vol.

No vol. III: *Neuere Nationallitteratur — XI, Portugal: Poesia e Camões. (Bibliographia.)*

WAERDENBURCH.

Coppie de la lettre escrite à messieurs les Estats Generaux, des provinces Vnies des Pays bas; par le sieur De ——, leur general, touchant la prise de la ville de Olinda de Fernabove sur l'Espagnol, avec tous les Forts d'icelle. Paris, Jean Bessin, 1630, 8.º de 15 pag.

«O original d'este folheto raro, contendo a narração da tomada de Olinda, cidade da provincia de Pernambuco, foi publicado pela mesma epocha em hollandez, em Amsterdam, por Hessel Gerritsz, 4.º de 5 pag.

«Esta edição original tem o preço de 60 francos no *Catalogo Maisonneuve*, de 1878, e a traducção franceza 100 francos[1].»

WAGENER.

Portugiese Sprachlehre. Hambourg, 1800.

Ders., Uebungen in der Portug. Sprache. Hambourg, 1802.

WAGENER (DR. JOHANN DANIEL ——).

Merkantilische, notizen uber Portugall. Hambourg, 1810, 12.º

WAGNER (IGNACIO).— Jesuita.

Miracula D. Francisci Xaverii Oberlaurgi patrata ab anno 1716, ad annum 1736, in latinum translata. Tyrnaviae, typis academicis, 1736, 8.º

WAKELEY (ANDRÉ ——).— Mathematico.

Agulha de Marear rectificada; que contém taboadas para conhecer a verdadeira hora do dia, estando o sol sobre qualquer rumo da Agulha: O verdadeiro tempo do nascer e pôr do Sol e das Estrellas, e os rumos da Agulha, sobre os quaes ellas nascem, e se poem: Juntamente com as Taboadas das amplitudes. Tudo calculado do Equador athé 60 graos de latitude, tanto para o Norte, como para o Sul. Com a descripçam e Uso dos Instrumentos que mais se usam na Navegaçam. Como tambem huma Taboada das Latitudes e Longitudes dos Lugares. Composto por ——. Acrescentado de muitas proveitosas Adiçoens, por J. Atkinson. Tudo revisto e emendado com Taboadas exactas da Declinaçam do Sol, conforme ao mais novo Estilo. Por Gulhelme Mountaine, Socio da Real Academia. Traduzido do original inglez, por Antonio Vieira, Professor de Geometria na Academia Maynaense. Londres, 1762, 8.º gr.

É dedicada ao sr. Antonio Fernandes, homem de negocios na cidade de Londres. Vol. de XI-239 pag.

WALDSTEIN (MAX. ——).

Volkslieder der Portugiesen und Catalanen in frein Auchbildungen. München, 1865, de 16.º 164 pag.

Existe um exemplar na bibliotheca da Ajuda.

---

[1] Deschamps et G. Brunet, *Supplément au Manuel du Libraire*, vol. II, pag. 939.

WALTER (PAULO ——).— Jesuita, hungaro.

Panegyris D. Francisci Xaverii dicta. Tyrnaviæ, 1743. 12.°

WALTON (WILLIAM ——).

A reply to the «Exposé des droits de Sa Majesté Très-Fidèle Donna Maria II». London, 1830.

Lettre à Sir James Mackintosh sur la motion relative aux affaires de Portugal du 1er Juin 1829, par A. Lardier. Paris, 1829.

Letter addressed to Viscount Palmerston, respecting the relations of England with Portugal. London, 1830.

Second letter respecting Portugal and the injustice and danger of its continuance. Lisboa, 1833.

Letter to J. Mackintosh respecting the affairs of Portugal, submitting the affairs of Portugal to the house of commons. With appendice; 8 parts.

Reply to two pamphlets entitled: Illustration of the portuguese question. London, 1830.

Letters to Earl Grey and Sir Mackintosch on the state of our political and commercial relations with Portugal. London, 1831, 2 vol.

Reply to the «Exposé des Droits de Maria II», exhibiting the rights of D. Pedro and those of his daughter to the throne of Portugal. London, 1830.

A letter addressed to the right honourable Earl Grey, &c., &c., on the state of our political and commercial relations with Portugal. London, 1831, 8.°, 1 vol. de 174 pag.

WAP. (DR.).

Bloemlezing — honderd stuks — uit de Poezy mijner laatste vijf en twintig Jaren. S'Hertogenbosch, 1865, 8.° de 192 pag.

Cap. VII: *Verwaardenheden*, pag. 180 a 185: *Proeve eener overzetting van Camoens Lusiade.* III Zang, 118 en volgende Strofen. *(Uit het Portuguesch, 1844.)*

WARING (SCOTT ——).

Voyage de l'Inde à Chyras par le golphe persique. Paris, 1813, vol. II:

«Os portuguezes e os hollandezes, que n'outro tempo habitavam em Rychir, tinham suas casas de recreio n'este logar, ao qual se dá o nome de Bahmeny.» (Pag. 155.)

«Seguindo a costa, vós vos encontraes em Aslo (Asluch) e depois em Naban (Bar Naberel), onde se encontra uma grande cidade e um largo rio.

«Os portuguezes tiveram outr'ora um estabelecimento n'este sitio. O golpho começa vêdlo a tornar-se mais estreito, e a vista é recreada por uma chusma de illas e pela costa da Arabia.» (Pag. 195.)

«Ormuz, tão celebre nos fastos da historia e da poesia, é na realidade bem pouco digna de tanta gloria. Não passa de uma rocha esteril, privada de agua.

«Gembarun fornece uma grande quantidade de enxofre, de qual o imam de Mascate aufere um rendimento consideravel.

«O autor do Chah-Abbas-Nameh espraia-se complacentemente sobre as victorias alcançadas por seu soberano contra os infieis portuguezes; esquece-se, porém, de prestar justiça ao soccorro dos infieis inglezes.» (Pag. 196.)

Mascate tambem pertenceu aos portuguezes; porém, sua crueldade perdeu e sua santa perfidia, havendo feito revoltar os habitantes contra elles, viram-se obrigados a desamparar o logar.

WARRE (J.).

The past, present and probably the future state of the wine trade. London, 1823.

A pag. 91 apresenta uma relação do vinho produzido no Alto Douro desde 1772; e de pag. 95 a 98, uma noticia da exportação do vinho do Porto desde 1678.

WATTENBACH.

Viagem por Hespanha e Portugal. Berlim, 1869.

WAUTERS (A. J.).

Le Zambèse, son histoire, son cours, son bassin, ses produits, son avenir. Étudiés par ——. Bruxelles, typographie V^e^ Ch. Vanderau-wera, 1869, 8.° de 149 pag.

WEBB (FELIPPE BARKER ——).

Iter hispaniense or a Synopsis of plants collected in the southern provinces of Spain and Portugal. Paris, por Bethun, e Londres, por Henry Coxhead, 1838, 8.° de VIII-80 pag.

«É um opusculo interessante, cheio de observações uteis e opportunas»[1].

WEBER (C. J.).

Demokrito, oder hinterlassene Papiere eines lachenden Philosophen. Von dem Verfasser eines in Deutschlund reisenden Deutschen. Rieger, 1853-1868.

Vol. IX: *Die Nationem;* cap. 15: *Die Portugiesen.* (Os quatro santos nacionaes dos portuguezes: Henrique, o navegador; o almirante Pacheco; Camões, o Homero de Portugal; Pombal.)

WEERSEEN (TRAN. ——).

Dom Louis, Roi d'Espagne et de Portugal. Paris, imprimerie typographique de G. Kuhelmann, 1868.

WEIDENTELT (ADAM ——).—Jesuita, natural da provincia rhenana. Dirigiu-se em 1679 para Portugal, com o fim de embarcar para as missões do Maranhão. Morreu na viagem da missão para onde se destinava.

Nigra, sed formosa filia Jerusalem, Ecclesia Aethiopica, Romanae olim filia multis nominibus illustris proponitur. Primum Aethiopia illustris a Sanguine Salomonis per reginam Sabam in centum Aethiopiae imperatores ad nostra usque tempora derivato. Deinde Aethiopia illustrior a Christiana religione per Eunuchum Candacis regione per S. Frumentium Aethiopiae apostolum Aõ Xti 327 et episcopum cujus vita attingitur procurata, et per S. Aethiopiae Imperatorem Elesbaan

[1] D. Miguel Colmeiro, *La botanica y los botanicos de la peninsula hispano-lusitana*, pag. 91.

simque vicia Religiosos stabilita. Dramm Aethiopia illustrissimo ab schismatis quarentand ad gremio per Societatem Jesu et designatio termino Aethiopiae Patriarchae tandem anno Christi MDCXXII *et sequ. fuit ordinata; sed relapsa in eosmo primum detibitur deinde a Societate Jesu Revertere Summatis. Universum Historia Aethiopiae perteciter potissimum ex manuscriptis doctissimi Patriarchae Alphonsi Mendes S. J. in tabulario Conimbricensi fideliter e lusitanico in latinum conversis A.° 1690 ab A (dumo)* W(eindenfelt), 4.° de 12 folhas.

Diz a *Bibliothèque des écrivains de la compagnie de Jesus*, vol. v, pag. 775, que este manuscripto se conserva na bibliotheca de Bourgogne, em Bruxellas, n.° 12:236.

WELLINGTON.

Original Journals of the Campaigns in the Peninsula of Wellington. Campaign in Portugal, 1809. London, 1815.

Original Journals of the Campaigns in the Peninsula of Wellington. 1808–1809. London, 1815-1816.

WERNICKE (DR. C.).

Die Geschichte der Welt. II: Thl. Die Geschichte des Mittelalters. Berlim, 1881, 8.° de 811 pag.

Pag. 646: *Inez de Castro*, e episodio dos *Lusiadas*.

WERNICKE (A.).

(Lissabon.) Portugal u. Portugiesische Litteratur (Camoens). Leipzig, 1877.

Extracto do *Dicionario de conversação*, de Meyer.

WERTOMANNUS (L.).

Navigation and voyages in 1503 to the regions of Arabia, Egypte, Persia, Syria, Ethiopia and East India. Translated out of latine, by R. Eden., *1576. Reprinted*, Edimbourg.

WESTON (SAINT ——).

Remains of Arabic in the Spanish and Portuguese languages. London, 1810.

The englishman abroad (Greece, Latium, Arabia, Persia, Hind, China, Russia, Germany, Italy, France, Spain and Portugal). London, 1824.

WHITE (CAPT. ——).

Warning voice on the affairs of Portugal. London, 1833.

WHITE (ROBERT ——).

Madeira. Its climate and scenery: containing medical and general information for invalids and visitors: a tour of the Island, &c., and an appendix. Illustrated with engravings, from sketches taken on the spot, by John Baldwin, Esq. and a Map of the Island. London, Cradock & C.°, 1851, 8.° de VIII–203 pag.

«O capitão Marryatt descreve assim graphicamente as sensações de um visitante ao chegar a esta ilha pela primeira vez:

«Eu não conheço um terreno no globo que nos assombre e deleite ao principio da chegada tanto como a ilha da Madeira. O viajante embarca, e está, com

toda a probabilidade, confinado no seu beliche padecendo a terrivel prostração do enjôo. Talvez tenha deixado a Inglaterra no taciturno principio do outono, ou na frigida concentração de um inverno inglez. Dentro de uma semana elle vê outra vez aquella terra firme que elle tinha deixado com pezar, e que, nos seus padecimentos, elle teria dado metade de quanto possue para tornar a ganhar! Quando elle desembarca na ilha, que mudança! O inverno converteu-se em verão; as arvores nuas que elle deixou, estão trocadas pela luxuriante e variada folhagem; neve e gelo, são calor e esplendor; as scenas da zona temperada pela profusão e magnificencia dos tropicos; um brilhante céu azul, um sol rutilante; montes cobertos de videiras; um mar de azul carregado; um vestuario pittoresco e novo; tudo encanta e delicia a vista, exactamente no preciso momento em que o ter desembarcado n'uma ilha esteril houvera sido considerado como uma grande fortuna.»

Madeira. Its climate and scenery. A handbook for visitors, by Robert White and James I. Johnson. Second edition, with numerous illustrations and a map of the Island. Edinburgh, Adam and Charles Black, 1860, 8.º de xv–338 pag.

«Durante os cinco annos que decorreram depois que appareceu a primeira edição, têem occorrido tantas mudanças, que se tornaram indispensavelmente necessarias extensas alterações.»

«No place appeared to me more fitted to dissipate melancholy and restore peace to the perturbed mind than Teneriffe or Madeira.» (Alex. von Humboldt.)

«If Homer's beautiful description of the Phoacian Isle, where fruit succeeded fruit, and flower followed flower in rich and endless variety, be applicable to any modern one, it is to Madeira.» Bowdich.

«The late dr. Andrew Combe, in writing to a friend (veja-se sua *Vida e Correspondencia)* says: If I must go abroad, I shall most likely return to Madeira, on the simple ground that, if I must forego the pleasures of home, it is better to resort at once to the most advantageous climate than to adopt the half measures of going to Italy, Jersey or the south England.

«Having also made inquires, for some years past, from invalids who have wintered at different favourite localities, such as Pau, Pisa, Nice, Rome, Malta, Malaga and Egypte, how the climate of Madeira, ranked in comparison with those they had tried, the answers have universally been in favour of Madeira. That of Egypt is the only one approximating to it: but in that country many drawbacks exist.» (Robert White and James I. Johnson.) *Madeira,* pag. 18.

«Some complain of the dulness of Madeira, and the want of gaiety, or places of public amusement, but, medically considered, these are far from advantageous; indeed, the late a little worse than usual, his patients generally progressed more favourably, for the simple reason that they then acted with greater prudence.» (Pag. 18.)

Thus having passed all peril I have come
Within the compass of this island's space;
The which doth seems unto my simple doome,
The only pleasant and delighfull place
That ever trodden was of footing's trace.

(The Foerie Queen.)

Madeira; its climate and scenery. A handbook for invalid and other visitors. Second edition, edited, and in great part rewritten, with the addition of much new matter, by James Yate Johnson, with a map of the Island. Edinburgh, Adam and Charles Black, 1857, 8.º de xv-338 pag.

WHITE (W.).
A warning voice to the British nation, on the affairs of Portugal. London, 1853.

WHITHEAD (JOHN ——).
Essai on the resources of Portugal. London, 1853.

WHITELEY (EDWARD ——).— A. M. British Chaplain at Oporto, and formerly of Jesus College, Cambridge.
Memoriolos or the happy Way, in the short, but too often sorrowful Journey of life. London, 1853, 8.º gr. de iv-188 pag.
A obra nada tem que ver com os feitos dos portuguezes, mas faz-se menção d'ella por ser trabalho de um estrangeiro residente em Portugal.

WHITNEY (J. L.).
Ticknor Collection. Catalogue of the Spanish Library, and of the Portuguese Books, bequeathed by George Ticknor to the Boston Public Library, together with the Spanish and Portuguese Literature in the General Library ——. Boston, 1879.

WHITTINGTON (REV. G. D. ——).
Travels through Spain and part of Portugal. London, 1809, 2 vol.

WHO *is the lawful successor to the throne? Being an enquiry into the national laws and historical records relative to the rights of the two competitors of the European throne of the Braganza family. By a well-wisher of both Portugal and Brazil.* London, 1828.

WHOLE (THE) *proceedings of the Court of enquiry upon the conduct of Sir Hew. Dalrymple, relative to the convention of Cintra.* London, 1808.

WIEDEMANN (FRAUR. ——).
Poubel ein grosser Mann seiner Zeit.
Neu Ruppin, 8.º, 1 vol. de 159 pag., com estampas coloridas.

WILDIK (BARON ——).
Aperçu statistique, économique et administratif sur le Portugal et ses colonies. Paris, 1878, 8.º

WILLKOMM (HENRIQUE (MAURICIO ——).
Zwei jahre in Spanien und Portugal. Dresde, 1847, 12.º, 3 vol.
Die Strand und Steppengebiete der Iberischen Halbinsel und deren Vegetation. Leipzig, por Fleischer, 1852, 8.º de 172 pag.

Versuch einer graphischen Darstellung der Boden und Vegetations verhältnisse Iberischen Halbinsel. Leipzig, por Payne, 1852.

«É um mappa geographico-botanico, e tambem geognostico, da peninsula hispano-lusitana[1].»

WILLKOMM (WORIK ——).

Zwei Jahre in Spanien und Portugal. Keiseerinnerungen von ——. Dresden und Leipzig, 1847, 8.º gr. de XIV-321 pag.

WILLKOMM (MARI ——).

Zwei Jahre in Spanien und Portugal. Dresden und Leipzig, 1847, 12.º, 3 vol.

WILSON (SIR ROBERT ——).

A narrative of the campaigns of the Loyal Lusitanian legion under the brigadier general ——. With some account of the military operations in Spain and Portugal during the years 1809, 1810 and 1811. London, 1812, 8.º de 346 pag.

WINTER (THOMAZ ——).— Jesuita, natural de Vienna.

Annus saecularis consecrationis SS. Ignatii et Francisci Xaverii. Viennae, 1722, fol.[2]

WITTICH (ALEXANDER ——).— Allemão.

Nos *Aannaes dos antigos estudos,* de Zimmerman, no anno de 1840, vem uma noticia de dez inscripções romanas existentes em Portugal, e acompanhadas de leves annotações.

WOLOWSKI (B.).

Les fêtes en Portugal. Inauguration du chemin de fer de la Beira Alta. Voyage de la famille royale. Notes et souvenirs de voyage. Paris, chez Dentu.

O auctor faz a descripção do que viu, da maneira a mais sympathica para o paiz e para os seus habitantes, e promette mais tarde publicar um estudo mais desenvolvido da nossa situação politica e economica.

«Desde largos annos, diz o auctor, temos percorrido a França, a Italia, a Austria, a Hungria, a Grecia, a Turquia da Europa e da Asia, e o Egypto, mas raras vezes nos foi dado encontrar uma hospitalidade tão lisonjeira e tão cordial como a que nos acolheu.» *(O Luso Hawaiiano.* Honolulu, 19 de janeiro de 1884).

WOLF (FERDINAND ——).

Dom (sic) *Antonio José da Silva der Verfasser der segenauten Opern des Inden (Operas do Judeu).* Wien, 1860, 8.º de 32 pag.

WOLLASTON (T. VERNON ——).— M. A. F. L. S.

Insecta Maderensia; being an Account of the Insects of the Madeiran Group. London, 634 pag. e 13 estampas coloridas.

---

[1] D. Miguel Colmeiro, *La botanica y los botanicos de la peninsula hispano-lusitana*, pag. 96.

[2] Augustin et Alois de Backer, *Bibliothèque des écrivains de la compagnie de Jésus*, vol. VI, pag. 790.

Na obra d'este auctor: *On the variation of Species*, trata-se tambem dos molluscos da ilha da Madeira[1].

WOLLSCHLAGER (C. S.).
Handbuch der Allgemeinen Litteraturgeschichte. 2 Ausg. Eisenach (1873), 8.º de VIII–367 pag.
Pag. 350 a 352: *Die portugiesische Litteratur: Luis de Camoens.*

WOODLEY (G.).
Portugal delivered. A poem. London, 1812.

WOODWARD.
Manual of the Mollusca.
Trata tambem dos molluscos da ilha da Madeira[2].

WORD (A) *or two on Port-wine.* London, 1844.
Houve quem respondesse n'um opusculo com o seguinte titulo: *Appendix, a letter and poetic effusion exposing the falsehood of the author of «A word or two on Port-wine».*

WORDSWORTH (W.).
Concerning the relations of Great Britain, Spain and Portugal to each other and to the common enemy of this crisis, and specialy as affected by the convention of Cintra. London, 1809.
Dizem que esta obra é rarissima. V. *Bibliotheca Hispano-Portugueza*, parte III: *Catalogue d'une importante collection de livres anciens et modernes, sur l'histoire, la littérature et la langue du Portugal et de l'Espagne, provenant de la Bibliothèque de João Evangelista Guerra Fontoura.* Leipzig, 1889.

WRIGHT (J. B).
History of Religious Persecution from the apostolic age, to the present time and of the Inquisition of Spain, Portugal and Goa. Liverpool, 1846.

WUNDERLICHE (DIE) *Reisen Ferdinandi Mendes Pinto.* Amsterdam, 1671.

WYCHE (SIR PETER ——).
Life of John de Castro IV. Second edition, translated by ——. London, 1693.

WYTFLIET (CORNEILLE et ANTHOINE MAGIN ——).
Histoire universelle des Indes occidentales et orientales et de la conversion des Indiens; divisée en trois parties, par —— et autres historiens. Douay, 1611, fol.

---

[1] Robert White and James Y. Johnston, *Madeira*, pag. 377.
[2] Ibid., pag. 271.

X

«Les découvertes, les exploits, les conquêtes des portugais remplissent de belles pagis dans l'histoire. Cette nation, peu grande dans la géographie de l'Europe, est très grande dans toutes les parties du globe.»

Chantrain, *Histoire de Portugal.*

XARQUE (DR. D. FRANCISCO ——).— Dean de la catedral de Santa Maria de' Allerracin, &c.

Insignes misioneros de la Compañia de Jesus en la Provincia del Paraguay; estado presente de sus misiones en Tucuman, Paraguay y rio de la Plata, que comprende su distrito. Pamplona, imprenta de J. Micon, 1687.

XAVERIUS (FRANCISCUS ——).

Epistolae XLI.

«D. João Suares, bispo de Coimbra, foi quem as mandou imprimir em Alcalá de Henares no anno de 1575, pelo impressor João Iñguez de Lequerica, 4.º

Foram traduzidas para latim por Horatio Tursellino, e impressas em Roma na typographia de Aloysii Zanetti, 1596. Moguncia, Balthasar Lippio, 1600. Em portuguez e hespanhol, Roma, na officina de Varesio, 1667[1].

XAVERIUS (S.) *apud Sinas martyris Tragœdia a Serenissima, Illustrissima, Perillustri, Generosa, Nobili, Praenobili, Lectissimaque Celeberrimi Trium Conservatorii Gymnasii juventute acta Ludis Autumnalibus.* Coloniae, 1734. *Die XXVII et VIII Septembris. Personae S. Xaverius. Alvarus Lusitanus cum Socio. Mandarinus. Mercator Sinensis. Interpres Sinicus. Antonius S. Fidei martyr Xaverii Comes Malicus. Gonsalvi Japones. Personae mutae. Horpex. Nauta.* Collen, bey Johan Engelert erben der Unnaw, 8.º de 64 pag.

[1] Nicol. Ant., *Bibliotheca Nova*, vol. 1, pag. 189. Em nota remette-se Nicolau Antonio noticia dos exemplares que se apresentaram da Vida de S. Francisco Xavier, por Lessius.

A tragedia é em cinco actos, e tem 1:223 versos. Os córos são em lingua allemã[1].

XAVIER (FR. FRANCISCO ——).— Carmelita italiano, missionario no Canará, arcebispo de Sardes, vigario apostolico de Verapoly[2].

Diccionario e Grammatica Concani-Portuguez.

XAVIER (SAINT ——).

Lettres traduites. Paris, 1855.

XUAREZ (GASPAR ——).— Jesuita, natural de S. Thiago, no Tucuman.

Vida iconologica del Apostol de las Indias S. Francisco Xavier. Roma, M. Puccinelli, 1798, 8.°

---

[1] Augustin et Alois de Backer, *Bibliothèque des écrivains de la compagnie de Jésus*, vol. VII, pag. 198.

[2] Joaquim Heliodoro da Cunha Rivara, *Grammatica da lingua Concani*, etc. Nova Goa, 1857, pag. XXXIX.

Y

«Inclinábase mucho ella á la dos veces buena Lisboa, no tanto por ser la mayor poblacion de España, uno de los tres emporios de Europa; que si a otras ciudades se les reparten los renombres, ella los tiene justos, fidalga, rica, sana y abundante, quanto porque jamás se halla portuguès necio, en prueba de que fué su fundador el sagaz Ulises.»

(Lorenzo Gracian, *El criticon*, vol. I, pag. 89.)

YEPES (DIEGO DE ——).— Toledano.

Entre as obras que imprimiu, de que faz menção D. Nicolau Antonio na *Bibliotheca Hispanica*, deixou manuscripto: *Notas al Conde D. Pedro*. Falleceu pelo anno de 1606[1].

YOUNG (GUILHERME ——).

Copia do impresso em Londres extrahido da Biblia e offerecido á nação portugueza, por ——, acrescentado por um verdadeiro portuguez. Lisboa, na imprensa regia, 1832, 4.° de 15 pag.

YOUNG (W.).

Portugal in 1828, comprising sketches of the state of private society and of religion under D. Miguel.

YSLA (RUY DIAZ DE ——).

Tractado contra el vaal Serpentino: que vulgarmente en España es llamado bubas, q fue ordenado en el capital de todos los santos de Lisbona: fecho por ruy diaz de yslo. Fue impreso en la muy noble y muy leal ciudad de Sevilla, en casa de Domingo de Roberto, impresor de libros. Acabose a veynte y siete de setiembre año D. MDXXXIX, fol. de 64 folhas numeradas, figuras em madeira; gothico.

---

[1] D. Antonio Caetano de Sousa, *Historia genealogica da casa real portugueza*, vol. I, pag. [illegible]

Trata-se n'este raro volume de Christovão Colombo e da America. Foi reimpresso em Sevilha, por André de Burgos, no anno de 1542, fol. de 23 folhas, e duas folhas innumeradas; gothico.

Antonio cita, com a mesma data e na mesma cidade, uma edição impressa por Dominico de Robertis[1].

---

[1] Deschamps e G. Brunet, *Supplément au Manuel du libraire*, vol. II, pag. 962.

Z

«Colomb trouvait son ambition des portugais; son imagination s'échauffait, et après plusieurs remarques sur les mondes qu'on connaissait, il jugea qu'il devait y en avoir un autre qu'on ne connaissait pas. Tous les princes de l'Europe étaient si pauvres qu'il ne s'en trouva aucun qui eût les moyens d'avoir deux ou trois vaisseaux pour aller prendre possession de ce nouvel univers. L'Espagne en accepta l'offre, mais non pas la dépense. Quelques citoyens se cotisèrent ensemble pour faire les frais d'une entreprise qui devait changer la face de l'Europe.»

(*L'Espion Chinois*, vol. I, pag. 234.)

ZACUTI *Lusitani, Medici, & Philosophi praestantissimi Operum totius primus in quo de Medicorum Principum Historiis libri sex: ubi medicinales Historiae, de morbis internis, quae passim apud Principes Medicos occurrunt, continuo ordine disponuntur, Paraphrasi, & Commentariis illustrantur: necnon Quaestionibus, Dubiis, & Observationibus exquisitissimis exornantur. Editio postrema a mendis purgatissima.* Lugduni, Sumptibus Joannis Antonii Huguetan, 1667, fol. de 984 pag.

É dedicada a Luiz XIII, rei de França.

ZAMBRANA (D. JOSEPH DE BARCIA Y ——).— Obispo de Cadiz, del consejo de Su Majestad, canonigo del Sacro Monte y Catedrático de Escritura de sus Escuelas.

Despertador Christiano Marial de varios sermones de Maria Santissima en sus festividades, en orden a excitar en los fieles la devocion, amor, imitacion de la Reyna de los angeles y hombres. Su author ——. Lisboa, na officina de Miguel Deslandes, impressor de Sua Magestade, á custa de Antonio Leite Pereira, 1693, 4.º de 612 pag.

Sermon que en la Rogativa, que celebró la Iglesia Parrochial de S. Gil de Granada a N. Senhora de las tres Necessidades, al empezar el contagio en dicha Ciudad, predicó el doctor D. —— *el Domingo 23 de Julio de 1679. Dado á luz por Joam Barbosa Machado. Offerecido a D. Diego de Faro e Souza, Senhor das villas do Vimieiro, e Alcantre com seus logares annexos, Tayarro, & Quebradas:*

Comendador da Commenda de Santo Alfonso de Monte Argil, da Ordem de S. Bento de Aviz. Lisboa, officinas de João de Costa, 1680, 4.° de 26 pag.

ZAMORA (D. ANTONIO DE ——).—Gentil Hombre de la Casa del Rey N. S. y oficial de la Secretaria de las Indias, en la negociacion de la Nueva España.

Metrico y conciso manifiesto, en que con doloridas reverentes clausulas, grita al mundo su fama posthuma, las nunca bien aplaudidas virtudes de la Excelentissima Señora D. Maria de Lencaster y Cardenas, Duquesa de Abeyro y Maqueda y oy da a la prensa mas la buena Ley, que el numeroso Canto de su mas humilde Criado ——, quien rendidamente le consagra al justo inponderable quebranto de su dignisimo hijo el Excelentisimo Señor Duque de Arcos y Maqueda, su Señor. (9 pag.)

Em honra d'esta duqueza compozeram na Hespanha muitas poesias, algumas das quaes existem na bibliotheca publica de Lisboa.

ZANELLA (GIACOMO ——).

Paralleli Litterari, studi. Verona, 1885, 16.°

A pag. 27 e seguintes falla dos *Lusiadas.*

ZANGRONIS (JACOBO ZOBEO DE ——).

Escreveu no *Memorial Numismatico* de Barcelona uma serie de artigos onde falla das moedas que elle attribue a Salacia, artigos que mais tarde publicou n'uma obra intitulada: *Historia da moeda antiga de Hespanha*

ZARATE (GIL Y ——).—Escriptor hespanhol.

D. Pedro de Portugal[1].

ZEBRANIE *doskonalosci chrzescianskiey w zycin y cnotach S. Franciszka Xawera S. J. indyjskiego Apostola, wydajace sie. Na dziesiee uwag przez tylez decenny do Niego piatkow dla szczegolniey naboznych do tego Swiztego rozlozone.* Kalisz. Dr. S. J., 1769, 12.°

(Summa da perfeição christã na vida e virtudes de S. Francisco Xavier, da Companhia de Jesus, apostolo das Indias, apparecendo em doze considerações, &c. Calisso.)

ZIMMERMANN (W).

Geschichte der Poesie aller Völker. Für Leser aller Stande. 2 Aufl. Stuttgart, 1856, 8.° de VIII–327 pag.

Pag. 152 a 156: *Portugiesische Romantik: Glorification chaude de Camoens et de ses Lusiades.*

ZUCCARONE (FRANCESCO ——).—Napolitano. Jesuita que entrou para o noviciado com dezesete annos de idade, em 1638, e falleceu, tratando dos empestados, em 1658.

---

[1] Alfred Bougeault, *Histoire des littératures étrangères*, vol. III, pag. 419.

Panegyrici sacri. In Bologna, per Giuseppe Longhi, 1671, 12.° de 376 pag. In Roma, alle spese di Ignatio de Lazari, 1671, 12.° de 440 pag.

Os titulos dos panegyricos são os seguintes:

L' Indo del pianeta, del Santissimo Sacramento.

La fonte del Paradiso, di S. Nicolò Magno.

Il mondo distrutto e rifatto, del Patriarcha Sant'Ignatio.

Il Cavallo perfetto, di S. Francesco Xaverio.

I quattro aspetti del Cherubino, di S. Tomaso d'Aquino.

Il Gideone, di S. Francesco di Paolo.

Le Tre Torri, di S. Gennaro.

Il libro dell' Apocalisse, di S. Antonio da Padua.

ZUNIGA (D. ESTEVAN DE AGUILAR Y ——).— Dean de la insigne colegial de la Villa de Escalona.

Lauros Lusitana. Segunda parte, ó Sermones varios de diversos Oradores Portugueses, cuyos Autores se hallan á la buelta. Traducidos de portuguès en castellano por el Dr. ——. Dedicados al Reverendissimo Padre Antonio Vieyra, de la Compañia de Iesus, Predicador de su Majestad. Año 1679. En Madrid, por Andrès Garcia de la Iglesia, a costa de Gabriel de Leon, mercador de libros, 4.° de 426 pag.

Os sermões traduzidos são dos seguintes auctores: D. Rafael Bluteau; fr. João de S. Francisco; dr. Francisco de Mendonça, cathedratico de Evora; D. Luiz da Ascensão, conego regular de Coimbra; fr. Domingos de S. Thomás, prior de S. Domingos, de Lisboa; fr. Antonio dos Arcangelos, da provincia dos Algarves; Alvaro de Escobar de Roubam, da parochial igreja de Agueda.

ZUNIGA (D. JUAN ANTONIO DE VERA Y ——).

Vida de la gloriosa Santa Izabel, Reyna de Portugal. A la Ill.ma y Ex.ma Señora D. Ines de Zuniga, Duquesa de S. Lucar, Condesa de Olivares. Buelta de Portugues en Español. En Roma, 1625, en la oficina de Jacomo Mascardi, 8.° de 78 pag.

ZURITA (JERONYMO ——).— Insigne escriptor, chronista de Aragão, do conselho de El Rei Catholico, fallecido a 3 de novembro de 1580.

Annaes Reaes al Conde D. Pedro de Portugal, de que faz memoria D. Nicolau Antonio na Bibliotheca Hispanica, e nas largas e excellentes obras que escreveu de Aragão se valem os nossos genealogistas para muitas provas das nossas familias[1].

[1] D. Antonio Caetano de Sousa, *Historia genealogica da casa real portugueza*, vol. I, pag. CXXII.

FIM DO TERCEIRO E ULTIMO VOLUME

29720

Z
2726
B522
v.3

Bernardes Branco, Manoel
Portugal e os estrangeiros

PLEASE DO NOT REMOVE
CARDS OR SLIPS FROM THIS POCKET

UNIVERSITY OF TORONTO LIBRARY

UTL AT DOWNSVIEW
D RANGE BAY SHLF POS ITEM C
39 14 20 22 08 002 7